



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Maria Cristina Marques

O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens

Rio de Janeiro

2023

Maria Cristina Marques

**O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ:
uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Infância, Juventude e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Stela Guedes Caputo

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M357 Marques, Maria Cristina
 O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens / Maria Cristina Marques. – 2023.
 408 f.

 Orientadora: Stela Guedes Caputo.
 Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Educação.

 1. Educação – Teses. 2. Crianças – Teses. 3. Ciganos – Teses. I. Caputo, Stela Guedes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Cristina Marques

**O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ:
uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Infância, Juventude e Educação.

Aprovada em 30 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Stela Guedes Caputo (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Virgínia Louzada

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ana Christina Mignot

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Edilma do Nascimento Souza

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

Prof.^a Dr.^a. Ellen de Lima Souza

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

A todos os ciganos de todos grupos étnicos. Que possamos encontrar força no amor de suas ancestralidades para lutarmos por um mundo mais consciencioso em relação à participação de vocês desde a colonização deste país.

A Ogum Xoroquê e a Oxum Òpára, donos de meu Ori, por me guiarem com seus ensinamentos espirituais, por me ajudarem a entender os caminhos de minha vida. À minha cigana Espiritual Sarita, dedico a você este trabalho por me mostrar o que existe além do que podemos enxergar. Que eu seja ainda mais guiada pela vossa luz e orientação. Agradeço pelas suas cartas por nos inspirar a lutar por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento a meu esposo, Lauro Lamartine Salema da Silveira, por todo o apoio incondicional que me deu durante o desenvolvimento da minha tese. Você foi sempre um parceiro fiel e dedicado durante toda essa jornada. Sempre estive ao meu lado, me acompanhando nas viagens necessárias ao campo etnográfico, contribuindo com sua amizade com a família de Edson da Costa, Calon de Quissamã. Obrigada por ter me acompanhado neste caminho!

Agradeço imensamente à Calin Virgínia Barreto e ao Calon Edson Costa do acampamento Mathias de Quissamã e à sua família pela acolhida, parceria e confiança na escrita de minha tese. Estou profundamente grata pelo apoio que me deram e também pelas oportunidades de interação social que tive com vocês, garantindo uma atmosfera segura para que nossos amigos Calon pudessem participar da minha pesquisa e acreditar no meu trabalho. Enfim, apreciamos todas as portas que vocês abriram e esperamos que os laços de amizade que construímos durem para sempre.

Quero expressar gratidão à minha orientadora na tese, Stela Guedes Caputo, pela oportunidade de realizar o doutorado sob sua orientação.

Agradeço à Edilma do Nascimento Souza e à Patrícia Goldfarb por terem compartilhado seus conhecimentos e escritas sobre os ciganos Calon. Muito obrigada por terem deixado diretrizes para o meu trabalho em minha qualificação.

Sou grata a Débora Diniz por ter oferecido dois cursos de extensão: Metodologia de Pesquisa e Acolhimento Universitário, pela Universidade de Brasília, destinados àqueles que buscavam acolhimento acadêmico e aperfeiçoamento na escrita acadêmica. Por muito tempo, durante a escrita da tese, nossos domingos foram enriquecedores e gratificantes, proporcionando um aprendizado valioso.

Finalmente, gostaria de expressar o reconhecimento especial aos ciganos Jucelho Dantas e Elisa Costa, que me tiraram muitas dúvidas pelo celular. À Voria Stephanovsk, minha primeira leitura sobre ciganos, gostaria imensamente agradecer pelas conferências *on line* das quais me avisou, de modo que pudesse ainda mais conhecer as aflições e anseios de seu povo. Enfim, a vocês, ciganos acadêmicos que lutam, com afinco, para concretizar os anseios do vosso povo, toda minha admiração e respeito.

A todos vocês, pesquisadores do povo cigano, sinto-me imensamente grata pelos conhecimentos que adquiri com a leitura de seus trabalhos.

A cigana leu o meu destino, eu sonhei Bola
de cristal, jogo de búzios, cartomante Eu sempre
perguntei: o que será o amanhã?
Como vai ser o meu destino? Já desfolhei o malmequer
Primeiro amor de um menino [...] O que irá me acontecer
O meu destino será como Deus quiser
Como será o amanhã? Responda quem puder
O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser

“O Amanhã” - Cantora: Simone Compositor: Sérgio

RESUMO

MARQUES, Maria Cristina. **O Brincar, a Educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ**: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens. 2023. 408f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tese pesquisa brincadeiras e cotidianos das crianças Calon residentes no acampamento cigano Mathias, no município de Quissamã, no estado do Rio de Janeiro. O objetivo é, além de apresentar e descrever o dia-a-dia brincante daquelas crianças, discutir a possibilidade de aprender com seu mundo, o que ocasiona tanto um acionamento, pela memória, de nossas próprias infâncias quanto uma resignificação das imagens dominantes acerca dos povos romani, as quais configuram estereótipos que reduzem os ciganos a sentidos negativos. Assim, adota, como seu fio condutor, um olhar ao mesmo tempo lúdico e crítico. Lúdico porque não apenas cartografa as brincadeiras das crianças Calon, mas envolve-se com elas, fazendo da participação ativa uma ferramenta de pesquisa. E crítico porque as brincadeiras funcionam como disparadores de reflexão acerca do tempo da infância entre os Calon, bem como do aprendizado de seus modos de existir, mesmo em meio aos estigmas que a sociedade brasileira lhes direciona. Este estudo, portanto, procura aprender com e sobre os ciganos Calon do acampamento Mathias. Para tanto, faz-se a partir de um lugar de escuta, o qual é mobilizado face às narrativas brincantes das crianças acerca de seus cotidianos, de seus conflitos e incertezas, de modo a compartilhar, com a sociedade não cigana, seus modos de pensar e agir; seus traços de pertença étnica e comunitária – o que se conecta a uma perspectiva de educação mais inclusiva e plural, que pleiteia políticas públicas específicas para os povos ciganos. A pesquisa se justifica na medida em que a sociedade brasileira tem pouco conhecimento sobre os Calon e, menos ainda, acerca dos sentidos e do cotidiano de suas crianças, o que favorece o enraizamento de preconceitos e estereótipos. Desta forma, ao pretender uma maior divulgação das percepções que os Calon produzem de si mesmos e do mundo, ao invés daquelas organizadas pelo preconceito dos povos não ciganos, esta escrita assume uma postura política de enfrentamento às reduções estigmatizantes às quais os romani foram e ainda são submetidos. Em relação à metodologia, optou-se pela fotoetnografia miúda, tal como proposta por Caputo (2008). Assim, a criança Calon torna-se protagonista do texto, que gira sempre em torno dela – mesmo quando memórias brincantes não ciganas são acionadas, uma vez que estas surgem quando provocadas pelas brincadeiras em Mathias ou em caso de necessidade de propor estímulos alternativos. A partir da fotoetnografia miúda, busca-se o respeito às imagens e a valorização dos diálogos oriundos do dia-a-dia Calon. Neste sentido, voz e imagem das crianças Calon de Mathias permeiam esta tese, convocando à criação dos conceitos de “criante-brincante” e “criante-narrante”, os quais fazem referência à brincadeira de faz de conta tão presente entre as crianças do acampamento. O ato de brincar é o que configura um “criante-brincante”: a criação de gestos e movimentos, o ato de desenhar a própria cultura ou rememorar jogos lúdicos do passado. Já o “criante-narrante” relaciona-se à atividade fabuladora, ou seja, à criação de narrativas que têm como base o cotidiano cigano. A pesquisa revelou que o cotidiano das crianças Calon de Quissamã e suas brincadeiras estão estreitamente associados às tradições de seu povo, sendo que algumas delas permitiram verificar a preservação da cultura do acampamento.

Palavras-chave: Crianças ciganas. Educação. O Brincar. Cotidiano. Fotoetnografia.

ABSTRACT

MARQUES, Maria Cristina. **Playing, Education, and Calon children from the Romani Camp in Quissamã, RJ**: a photoethnography of play and learning. 2023. 408 pages. Thesis (Ph.D. in Education) - Faculty of Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This thesis investigates the play and daily life of Calon children residing in the Mathias gypsy camp, in the municipality of Quissamã, in the state of Rio de Janeiro. The objective is not only to present and describe the playful daily routines of these children but also to discuss the possibility of learning from their world, which triggers memories of our own childhoods and reshapes the dominant images surrounding the Romani people, which often reduce them to negative stereotypes. Thus, it adopts a playful and critical approach as its guiding thread. Playful, because it not only maps out the play activities of Calon children but also engages with them, using active participation as a research tool. And critical, because play functions as a trigger for reflecting on the concept of childhood among the Calon, as well as their modes of existence amidst the stigmas directed towards them by Brazilian society. Therefore, this study seeks to learn from and about the Calon Roma of the Mathias camp. To do so, it adopts a listening perspective, mobilized through the playful narratives of the children about their daily lives, conflicts, and uncertainties, in order to share with non-Roma society their ways of thinking and acting, their sense of ethnic and communal belonging. This connects to a perspective of more inclusive and plural education, advocating for specific public policies for Roma communities. The research is justified by the fact that Brazilian society has limited knowledge about the Calon and even less understanding of the experiences and daily lives of their children, which perpetuates prejudices and stereotypes. By aiming for a broader dissemination of the Calon's own perceptions of themselves and the world, instead of those organized by non-Roma prejudice, this writing assumes a political stance in confronting the stigmatizing reductions to which the Romani people have been and still are subjected. In terms of methodology, a "micro-photoethnography" approach was chosen, as proposed by Caputo (2008). Thus, the Calon child becomes the protagonist of the text, always at the center of it - even when non-Roma playful memories are evoked, as they arise when prompted by the play activities in Mathias or as a need to propose alternative stimuli. Through micro-photoethnography, the aim is to respect the images and value the dialogues arising from the Calon's daily life. In this sense, the voices and images of Calon children from Mathias permeate this thesis, giving rise to the creation of the concepts of "play-creator" and "narrating-creator," which refer to the imaginative play so prevalent among the children in the camp. The act of playing is what constitutes a "play-creator": the creation of gestures and movements, drawing their own culture, or reminiscing about playful games from the past. The "narrating-creator" relates to the act of storytelling, creating narratives based on the gypsy daily life. The research revealed that the daily lives and play activities of Calon children in Quissamã are closely associated with the traditions of their people, and some of them have allowed for the observation of the preservation of the camp's culture.

Keywords: Romani Children, Education, Play, Daily Life, Micro-photoethnography.

RESUMEN

MARQUES, Maria Cristina. Los Juegos, la Educación y los niños Calon del campamento gitano de Quissamã, RJ: una fotoetnografía del juego y el aprendizaje. 2023. 408f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tesis investiga los juegos y la vida cotidiana de los niños Calon que viven en el campamento gitano de Mathias, en el municipio de Quissamã, en el estado de Río de Janeiro. El objetivo es, además de presentar y describir la cotidianidad lúdica de estos niños, discutir la posibilidad de aprender de su mundo, lo que provoca tanto un desencadenamiento, a través de la memoria, de nuestras propias infancias como una resignificación de las imágenes dominantes sobre el pueblo gitano, que configuran estereotipos que reducen a los gitanos a significados negativos. Así, adopta como hilo conductor una mirada a la vez lúdica y crítica. Lúdica porque no sólo mapea los juegos de los niños de Calon, sino que se involucra con ellos, haciendo de la participación activa una herramienta de investigación. Y crítica porque los juegos funcionan como disparadores para la reflexión sobre el tiempo de la infancia entre los niños Calon, así como el aprendizaje de sus formas de existir, incluso en medio de los estigmas a los que la sociedad brasileña los dirige. Este estudio, por lo tanto, busca aprender con y sobre los gitanos Calon del Campamento Mathias. Para ello, se hace desde un lugar de escucha, que se moviliza ante las narrativas lúdicas de los niños sobre su vida cotidiana, sus conflictos e incertidumbres, con el fin de compartir, con la sociedad no gitana, sus formas de pensar y actuar, sus huellas de pertenencia étnica y comunitaria - lo que se conecta con una perspectiva educativa más inclusiva y plural, que aboga por políticas públicas específicas para el pueblo gitano. La investigación se justifica en la medida en que la sociedad brasileña tiene poco conocimiento sobre los Calon y, menos aún, sobre los significados y la vida cotidiana de sus hijos, lo que favorece el afianzamiento de prejuicios y estereotipos. De esta forma, al pretender una mayor divulgación de las percepciones que los Calon producen de sí mismos y del mundo, en lugar de las organizadas por el prejuicio de los pueblos no gitanos, este escrito asume una postura política de enfrentamiento a las reducciones estigmatizantes a las que los gitanos han sido y aún son sometidos. En cuanto a la metodología, optamos por la fotoetnografía del niño, como propone Caputo (2008). Así, la niña Calón se convierte en la protagonista del texto, que gira siempre en torno a ella -incluso cuando se desencadenan recuerdos lúdicos no gitanos, ya que éstos surgen al ser provocados por los juegos de Matías o ante la necesidad de proponer estímulos alternativos. A partir de la fotoetnografía de los niños, buscamos el respeto por las imágenes y la valorización de los diálogos originados en el día a día de Calon. En este sentido, la voz y la imagen de los niños calonenses de Mathias impregnan esta tesis, llamando a la creación de los conceptos de "criante-brincante" y "criante-narrante", que hacen referencia al juego imaginario tan presente entre los niños del campamento. El acto de jugar es lo que configura a un "criador-jugador": la creación de gestos y movimientos, el acto de dibujar la propia cultura o recordar juegos lúdicos.

Palabras clave: Niños gitanos. Educación. Juega. Cotidiano. Fotoetnografía.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As cartas do baralho cigano	29
Figura 2 - Localização de Carapebus e Quissamã	42
Figura 3 - A estrada	44
Figura 4 - Acampamento Mathias, julho de 2021	59
Figura 5 - Virgínia Barreto, 2019	61
Figura 6 - Cirlene Alves Rodrigues, 38 anos.....	62
Figura 7 - Vitória Barreto, 11 anos.....	69
Figura 8 - Situação Epidemiológica no Brasil, junho de 2021	70
Figura 9 - Portal de entrada do município de Quissamã - RJ	72
Figura 10 - Portal de Quissamã, depois da vacina.....	73
Figura 11 - Eduardo Soares, 9 anos.....	75
Figura 12 - Alessandro Soares, 14 anos	76
Figura 13 - Alessandro Soares, 18 anos	78
Figura 14 - Ana Clara Fernandes e Vitória Barreto da Costa.....	81
Figura 15 - Clara Fernandes, setembro de 2022	82
Figura 16 - Clara Fernandes, Vitória Barreto e Disson	84
Figura 17 - Comida farta	85
Figura 18 - Clara Fernandes e Virgínia	86
Figura 19 - Larissa da Silva Soares e seu filho Brian Soares	87
Figura 20 - Barraca onde moram Larissa e sua família	88
Figura 21 - Cozinha da casa de Larissa e sua família.....	90
Figura 22 - Tatuagem no braço de Larissa	91
Figura 23 - Tatuagem de Vitória Barreto	91
Figura 24 - Flores e borboletas em uma menina adolescente Calin	92
Figura 25 - Tatuagem de laço de fita na menina adolescente Calin	93
Figura 26 - Diana Soares, 13 anos, e Israel Soares, 15.....	95
Figura 27 - Moisés em 16 de junho de 2021	97
Figura 28 - Estudos de autores do brincar e do povo cigano.....	100
Figura 29 - Emmanuely Gabriela Jesus dos Santos, 6 anos	102
Figura 30 - Miriam Sales Luz, 7 anos, e o bambolê.....	115
Figura 31 - Clara Fernandes da Silva, 13, cunhada de Vitória Barreto, 9	117
Figura 32 - Vitória Barreto Costa, 12 anos.....	118

Figura 33 - Clara Fernandes da Silva em sua residência.....	119
Figura 34 - Matheus Kauã e Vitória Barreto	120
Figura 35 - Kauã Matheus Soares Amaral, 13, e David Soares Gomes, 10.....	121
Figura 36 - Moisés Soares, 7 anos.....	129
Figura 37 - A pipa de Moisés	130
Figura 38 - Pipa no céu de Quissamã	133
Figura 39 - Eu e Moisés.....	139
Figura 40 - Moisés soltando pipa	140
Figura 41 - Josivaldo Soares com sua pipa.....	141
Figura 42 - Josivaldo no campo de Quissamã	142
Figura 43 - Meninos Calon brincando.....	143
Figura 44 - Moisés brincando no campo	145
Figura 45 - Mirela Soares, 6 anos, buscando cds	146
Figura 46 - Yara, Mirela e Santiago no campo.....	147
Figura 47 - Yara pega rapidamente o da série <i>Banshee</i>	148
Figura 48 - Mirela e Santiago recolhem brinquedos improvisados	149
Figura 49 - Yara Marvilha juntando cds	150
Figura 50 - Miriam e Yara separam os cds.....	154
Figura 51 - Miriam pensativa	155
Figura 52 - Crianças Calon brincando.....	156
Figura 53 - O boneco paraquedista.....	157
Figura 54 - Yara Marvilha desterra o defunto réptil.....	162
Figura 55 - Um réptil defunto que já existia comigo.....	163
Figura 56 - A exumação do defunto lagartixa	164
Figura 57 - Miriam Sales Luz, 7 anos	165
Figura 58 - Crianças Calon Brincando	169
Figura 59 - Yara Marvilha e Miriam Sales.....	172
Figura 60 - Yara, Brenda e Emmanuely.....	174
Figura 61 - O pique-pegas Calon	177
Figura 62 - Crianças Calon brincando no acampamento.....	179
Figura 63 - Um xale feito de pipa.....	180
Figura 64 - Kauã Siqueira Torres, 8 anos.....	186
Figura 65 - Desenho de Yara Marvilha	195
Figura 66 - Lixeira desenhada por Yara Marvilha	199

Figura 67 - Yara Marvilha perto do carro de seu pai.....	201
Figura 68 - Moisés Soares, 6 anos.....	203
Figura 69 - Mikaela de Carvalho Reis, 3 anos, do <i>Ilè Aṣé Omi Laare Ìyá Sagbá</i>	205
Figura 70 - Garatujos de Mikaela de Carvalho	206
Figura 71 - Desenhos de Orixá.....	207
Figura 72 - Meninas Calin desenhando	208
Figura 73 - Meninas Calin desenhando	210
Figura 74 - Desenhos de Calin	211
Figura 75 - Desenho elaborado por Virgínia.....	213
Figura 76 - Sessão coletiva de desenho.....	215
Figura 77 - Brincadeira para todas as idades.....	217
Figura 78 - Amostra de um desenho coletivo.....	219
Figura 79 - Brian com a pipa.....	226
Figura 80 - Meninos Calon brincando de carro.....	229
Figura 81 - Meninos Calon brincando de carro	230
Figura 82 - Brian Soares, 5 anos.....	231
Figura 83 - Moisés Soares. 7 anos, e Brian Soares, 5 anos	233
Figura 84 - Brian brigando brincando	234
Figura 85 - Boneca Mônica alterada.....	243
Figura 86 - Roda de conversa com os meninos Calon	245
Figura 87 - Capa do livro <i>Tidinho</i>	247
Figura 88 - Primeiras construções no campo brincante.....	250
Figura 89 - O campo brincante visto de longe.....	253
Figura 90 - Meninos Calon correndo.....	255
Figura 91 - Josivaldo cansado e nervoso	257
Figura 92 - Josivaldo e Santiago no trailer	261
Figura 93 - Vitória Barreto lavando louça no trailer	263
Figura 94 - Brincadeira de dançar	265
Figura 95 - Moisés, Miriam e Brenda.....	267
Figura 96 - O trailer	272
Figura 97 - Meninas Calin.....	278
Figura 98 - Felipe Soares, 23, e o boneco feito de natureza.....	281
Figura 99 - Felipe Soares com o boneco vodu	283
Figura 100 - Felipe e Kauã cortando plástico para a lona da barrava	287

Figura 101 - Felipe Soares colhe galhos na árvore.....	288
Figura 102 - O boneco Vodun andando na mesa	290
Figura 103 - A cobra sem vida	291
Figura 104 - Felipe amedronta Vitória Barreto com a cobra	292
Figura 105 - Felipe, Emannuely, Moisés, Davi e Mirella	294
Figura 106 - A barraca do boneco sem nome.....	297
Figura 107 - Trem de canto	302
Figura 108 - Vitória enfeitada com <i>glitter</i> a minha tatuagem	305
Figura 109 - Amuleto dado por Vitória, brinquedos e livros	308
Figura 110 - Bandeiras na rua e no alto.....	311
Figura 111 - A procissão	314
Figura 112 - Matheus Kauã e seu pai na passeata	316
Figura 113 - <i>Print</i> da procissão ao redor do acampamento.....	318
Figura 114 - Bolo doce	319
Figura 115 - Bolo salgado	320
Figura 116 - As bandeiras	321
Figura 117 - Ronnie Soares fotografando	323
Figura 118 - Cumeeira da casa de Paloma	324
Figura 119 - Santiago Soares.....	327
Figura 120 - Meninas Calin com as bandeiras	330
Figura 121 - Ainda as bandeiras da procissão	333
Figura 122 - O mastro da bandeira	336
Figura 123 - Vitória Barreto e Virgínia em frente ao espelho.....	337
Figura 124 - Vitória Barreto pensativa	339
Figura 125 - Vitória Barreto no <i>TikTok</i>	350
Figura 126 - O passarinho na gaiola.....	352
Figura 127 - O elemental fogo.....	353
Figura 128 – O menino Fabian Monteiro de Barros Araújo, 8 anos.....	363
Figura 129 - Crianças no terreiro.....	364
Figura 130 - Pedro Guilherme Monteiro de Barros Araújo, 6 anos	365
Figura 131 - Stela Tolentino Bittencourt, 4 anos.....	367
Figura 132 - Thaís Letícia Gomes da Silva, 10 anos.....	377
Figura 133 - Marca do celular atirado na parede do muro do quintal da família	378
Figura 134 - Cirlene Alves Rodrigues.....	383

Figura 135 - Baralho da Vovó Cigana.....	384
Figura 136 - As crianças da pesquisa	389
Figura 137 - Yara Marvilha	391

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 AS CARTAS CIGANAS	29
1.1 O baralho Lenormand – Carta 22 – Os caminhos da pesquisa.....	33
1.1.1 A carta 10, a foice – De Exu a Ciganos.....	34
1.1.2 A carta 4, a casa, a família.....	35
1.1.3 A carta 6, as nuvens.....	36
1.1.4 A carta 31, o Sol	38
1.1.5 A carta 29, a mulher, a cigana, o encontro	40
1.1.6 A carta 24, o coração – Acampamentos pesquisados.....	42
1.1.7 A carta 12, os pássaros – Não foi nada fácil.....	44
1.1.8 A carta 17, a cegonha – Fotografia é fundamento.....	50
1.1.9 Pelos olhares fotográficos.....	51
1.1.10 A carta 21, a montanha – Pelos olhares da justiça	55
1.1.11 A carta 9, o ramalhete – O campo que floresceu	58
1.1.12 A carta 26, os livros – Estudando a história dos Calon.....	59
1.1.13 A história dos Calon.....	63
1.1.14 O <i>chibi</i> é o elo – Invisibilidade dos ciganos.....	66
1.1.15 A carta 19, a torre – Reinventando a etnografia em meio à pandemia	68
1.1.16 Brincadeiras com bonecas doentes de Covid-19.....	68
1.1.17 O contexto epidemiológico da época da escrita.....	70
1.1.18 A entrada em campo em momentos conturbados	72
1.1.19 A carta 13, crianças – Meninos e meninas Calon	73
1.1.20 A família Barreto – Principais interlocutores da pesquisa	79
1.1.21 Cortinas que combinam com roupa de Calin.....	87
1.1.22 A carta 16, a estrela	94
1.1.23 A carta 33, a chave.....	96
2 AS CARTAS BRINCANTES	100
2.1 A carta da “Dor” – Brincando com os elementais.....	101
2.2 Brincadeira tem limite.....	107
2.3 Os elementais brincam juntos às crianças.....	108
2.4 A carta da “Liberdade” – Entre pipas, cds e paraquedas: ar e terra.....	128
2.4.1 A pipa propaganda de Moisés	129

2.4.2	<u>Os elementais: ar, a leveza do voo; terra, o tato das coisas</u>	132
2.4.3	<u>A pipa: lendas, símbolos e mitos</u>	133
2.4.4	<u>Os caçadores de pipas do Afeganistão</u>	138
2.4.5	<u>Amarrando a rabiola</u>	139
2.4.6	<u>Josivaldo, ajudante de aprendiz</u>	141
2.4.7	<u>O cruzo – As pipas se enroscam no céu</u>	143
2.4.8	<u>Entre lixo e compact disc – cd</u>	146
2.4.9	<u>Yara, “criante brincante”</u>	150
2.4.10	<u>O boneco que não subia</u>	156
2.5	A carta da “Natureza” – O lagartixa defunto: terra, ar e água	161
2.5.1	<u>A exumação do defunto lagartixa</u>	164
2.5.2	<u>Brincando de falar inglês ao invés de <i>chibi</i></u>	165
2.5.3	<u>Brincando livre, brincando espontâneo</u>	169
2.5.4	<u>Pikachu – O boneco amarelo</u>	174
2.6	A brincadeira de pique-pega	177
2.6.1	<u>O xale pipeiro</u>	180
2.7	Brinquedos de menino e de menina	181
2.7.1	<u>A imaginação, mãe da poesia e do brincar</u>	183
2.8	A brincadeira de esconder objetos: tá quente/tá frio	185
2.8.1	<u>Esconder a pedra azul: elemental terra ou somente brincante?</u>	186
2.8.2	<u>Vamos brincar de quê?</u>	189
2.9	A carta do “Sucesso” – Desenhos de criança Calon não é bobeira	194
2.9.1	<u>Moisés “garatuja” no A4</u>	203
2.9.2	<u>“Exu é rabo de cometa”, “Yemanjá é um mar bem grande”</u>	205
2.9.3	<u>Desenhos de garagem</u>	208
2.9.4	<u>Pelas linhas dos desenhos Calon</u>	211
2.9.5	<u>Desenhos de Sol, nuvens e árvores</u>	217
2.9.6	<u>Desenhar junto é pensar junto</u>	219
2.9.7	<u>Fotografar é repertório de desenhar</u>	223
2.10	A carta do “Raiva” – O fazer de conta do “criante narrante”	225
2.10.1	<u>Carros velozes, meninos furiosos</u>	225
2.10.2	<u>Atores e autores, o “criante narrante”</u>	234
2.10.3	<u>Memória e imaginação criativa – o criante narrante</u>	237
2.10.4	<u>A boneca dentuça fumante</u>	241

2.10.5	<u>O campo brincante transformou-se em terra barrenta</u>	245
2.10.6	<u>A história de um município contada em livro</u>	246
2.10.7	<u>“A tribo está para a criança como a casca está para o ovo”</u>	250
2.11	“A garrin vai de cigana”	253
2.12	A brincadeira de pique-lateiro	255
2.13	“Respeitável público”: o circo	258
2.14	A minha casa tem vários quintais	260
2.14.1	<u>“Quero um momento só meu”</u>	261
2.14.2	<u>Dançar é brincar</u>	264
2.14.3	<u>Brenda, sete anões e outras histórias</u>	267
2.15	A carta da “Liberdade” – O boneco vodu: terra e fogo	270
2.15.1	<u>A nossa chegada</u>	270
2.15.2	<u>O campo brincante e o Calon Felipe</u>	274
2.15.3	<u>“Dona, sabe o que define nossa brincadeira no passado é só as barraquinhas”</u>	275
2.15.4	<u>Sou Calin de alma, “Júrinzinha”</u>	279
2.15.5	<u>A construção do brinquedo com coisas da natureza</u>	280
2.15.6	<u>Os brinquedos da terra mantêm as crianças em suas raízes ancestrais</u>	282
2.15.7	<u>Os aposentos do boneco sem nome</u>	287
2.15.8	<u>Outro defunto rastejante – Terror: fogo</u>	290
2.15.9	<u>“Quero voltar a ser criança”</u>	295
2.15.10	<u>Barraquinhas, brincadeiras do passado e redes sociais: fogo</u>	297
2.15.11	<u>Adereços mobiliários Calin: casa sem porta e sem janela</u>	302
2.15.12	<u>O boneco ganha nome – um pouco de crenças</u>	305
3	PROMESSA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO & NOSSA SENHORA	310
3.1	Catolicismo Santorial e Cultura Matriz	313
3.2	As carreatas de fé	316
3.3	Calon festeiros	319
3.4	Abram alas para as bandeiras, já está chegando a hora	321
3.5	Com o celular, os adolescentes aprendem menos o cotidiano	323
3.6	Imaginação, às vezes, em estado de amnésia	329
3.7	Senhor e dono da casa, a folia vai saindo	330
3.8	A minha principal interlocutora se manifesta	333
3.9	Santa Sara – uma escrava egípcia	334

4	“ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS LINDA DO QUE EU?”	337
4.1	Vitória B, aonde vai você? – Termina a brincadeira.....	339
4.2	A magia cigana.....	349
4.3	Os elementais do Sagrado	353
5	A CARTA “DIABO” – SERZINHO PARA BRINCAR	355
5.1	“A educação versada no encante”	356
5.2	Brincadeiras de criança Calon é coisa séria	358
6	A UMBANDA.....	360
6.1	“Vários espíritos numa só cabeça”	361
6.2	“Gêmeos-meninos brincando são crianças”	362
6.3	“Trick or treat”	363
6.4	A liberdade é minha religião.....	368
6.5	“Desciganar”, um neologismo.....	371
7	DE FÊNIX, A COMBUSTÃO DO ORIXÁ OGUM	375
7.1	“Vou ajeitar a você um dom”	375
7.2	Fechando a cangira com os sábios da umbanda	378
	CONCLUSÃO	379
	REFERÊNCIAS	394
	APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento	406

INTRODUÇÃO

*Menininho de Angola como brinca, vem brincar
 Ele brinca de bola, ele brinca de pique, vem brincar
 Menininho de Angola como brinca, vem brincar
 Ele brinca de bola, ele brinca de roda, vem brincar
 Menininho de Angola como brinca, vem brincar
 Ele brinca com carro, ele brinca de barro, vem brincar
 Menininho de Angola como brinca, vem brincar
 Ele brinca de roda, ele brinca de pipa, vem brincar¹*

O fragmento introdutório destes escritos aborda uma epígrafe que menciona um cântico dedicado às crianças na Umbanda, religiosidade afro-brasileira. Essa canção serve como inspiração para a pesquisa, que tem como *locus* o acampamento cigano Mathias em Quissamã, Rio de Janeiro, onde as crianças brincam de forma espontânea, oferecendo momentos reveladores de suas rotinas e de seus pensamentos.

A proposta de estudar a cultura cigana surgiu com a orientadora Stela Guedes Caputo, coordenadora do Grupo de Pesquisa Kékeré vinculado ao PROPED-UERJ. Caputo, que já estudava crianças de terreiros, percebeu a importância de incluir a cultura das crianças ciganas em suas pesquisas, sabendo do meu interesse em cultivar os ciganos na Umbanda. É importante lembrar que a cultura infantil está intrinsecamente ligada à cultura de cada sociedade, incluindo desigualdades e tradições religiosas.

Caputo (2020) afirma que temos à nossa disposição uma etnografia completa de imagens e de escritas em cadernos de campo, onde as crianças são os principais interlocutores. É neste vasto contexto de diálogos informais e de fotografias que escrevemos nossos textos. Nas pesquisas que realizamos, observamos que crianças que fazem parte de grupos estigmatizados, como as que seguem práticas religiosas afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda) e as que pertencem às comunidades ciganas, muitas vezes são tratadas com preconceito na sociedade em geral. Essas crianças frequentemente enfrentam barreiras para terem suas vozes ouvidas e suas experiências valorizadas, e são frequentemente vistas como "outros" como diferentes por algumas pessoas. Nossas pesquisas têm se dedicado a mudar essa situação, buscando ouvir e valorizar as perspectivas e vivências dessas crianças, e reconhecer a importância de suas culturas e de suas tradições para a sociedade como um todo. No entanto,

¹ Ponto de Crianças na Umbanda - “Menininho de Angola como brinca, vem brincar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RI1XgSa6clw>. Acesso em: 13 de março de 2022.

temos notado que essas mesmas crianças constroem modos distintos de infância e de seu lugar no mundo. Por isso, temos escrito, ouvindo o que elas sabem, observando o que fazem e perguntando como fazem. Ao mesmo tempo, somos desafiados e aprendemos com elas. Neste estudo em particular, o nosso objetivo é compartilhar as experiências vividas com crianças ciganas.

As pesquisas realizadas por nós são inspiradas nos Estudos Sociais da Infância. Segundo Sarmento (2003), as crianças são consideradas atores sociais ativos de participação, diferente do que era defendido pela Sociologia e Antropologia tradicionais, que as tratavam como informantes secundários, desprezíveis e não confiáveis. Para as nossas pesquisas, as crianças são vistas de forma oposta.

Por outro lado, de acordo com Caputo (2020), os Estudos com Crianças de Terreiros afirmam que as crianças são sujeitos de si e do mundo. É importante destacar que seus conhecimentos e culturas, especialmente aqueles de origem afrodescendente, são preservados e reinterpretados nos terreiros de religiões afrodescendentes e em seu cotidiano. Tais conhecimentos e culturas são essenciais para compreender a sociedade brasileira e desestabilizar suas lógicas coloniais profundas, que inevitavelmente afetam as crianças.

O autor Corsaro (2011) defende que um grupo de pares é como um grupo de crianças com idades próximas, que se reúnem diariamente para realizar atividades diversas, como brincadeiras, rituais, conversas e rotinas. Nesse contexto, as crianças produzem e compartilham em interação com as outras o que ele chama de culturas de pares. Caputo (2020) destaca a importância dessas reflexões para pensar as culturas infantis nos terreiros, e agora, nos acampamentos ciganos.

Essas mesmas reflexões e abordagens são fundamentais para compreendermos as culturas, singularidades e os conhecimentos das crianças ciganas dos acampamentos onde desenvolvi a minha pesquisa. Sarmento (2003) argumenta que a pluralização do conceito "culturas da infância" significa que as formas e os conteúdos das culturas infantis são produzidos em relação de interdependência com as culturas societais atravessadas por relações de classe, dengênero e de proveniência étnica. Essas relações impedem a fixação num sistema coerente e único dos modos de significação e ação infantil. No entanto, é a "marca" da geração que se estabelece como denominador em todas as culturas infantis, assinalando o lugar da infância na produção cultural (SARMENTO, 2003, p. 4).

Monteiro (2018) menciona que a criança cigana é o centro do grupo familiar e que sua vivência é intensa com o adulto nos seus primeiros momentos de sua infância. Como argumenta a autora: “assim é ensinado e aprendido nas normas, leis, valores e linguagem cigana”

(MONTEIRO, 2018, p. 359). Neste sentido, as meninas, desde cedo, aprendem os afazeres de casa, a se comportar como uma futura mulher Calon, a respeitar seus familiares e seu futuro casamento. Aos meninos, lhes é dada a habilidade de comércio, o ensinamento da “breganha²” e a comercializar objetos valiosos. Desse modo, as crianças compartilham aspectos do cotidiano, essenciais para a convivência familiar cigana, com seus responsáveis, e tais aspectos são nítidos na criação de suas brincadeiras.

Monteiro (2015) afirmou que é importante conhecer como cada grupo social define as fases do ciclo de vida, e que entre os ciganos, a idade e os períodos do ciclo de vida não correspondem à mesma forma de conceituação de outros grupos. Tanto meninas quanto meninos Calon se preparam para o casamento ainda na fase infantil, ao contrário da cultura ocidental. Vale aqui lembrar que Edilma do Nascimento Souza, antes com o sobrenome Monteiro, é reconhecida como pioneira nos estudos sobre crianças ciganas. Seus trabalhos têm sido fundamentais para a ampliação do conhecimento sobre essa temática, permitindo a compreensão de aspectos importantes sobre a vida dessas crianças e de suas famílias. É importante destacar que a minha pesquisa também se insere nesse contexto, posteriormente à pesquisa de Edilma, e tem como foco o Brincar com crianças ciganas. Ambos os trabalhos pretendem contribuir para o enriquecimento do campo de estudos sobre a infância cigana e as suas brincadeiras, assim como suas culturas. Ademais, essas pesquisas têm a intenção de promover uma compreensão mais profunda sobre a complexidade da vida dessas crianças e a importância de valorizar suas tradições culturais. O que pretendemos, pela escrita, é a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para o povo romani, através do entendimento da cultura e dos desafios enfrentados pelas crianças ciganas, de modo que sejam incluídas na sociedade em igualdade de condições, com acesso à educação e oportunidades para desenvolver todo o seu potencial.

As autoras Goldfarb e Monteiro (2017) ainda afirmam que para as crianças ciganas, o momento de transição para a idade adulta é iniciado na infância, numa etapa que chamam de preparação. Conclui-se que a idade das crianças ciganas é tratada como um rito de passagem e que a adolescência não é uma fase significativa em suas vidas, já que se casam ainda na infância.

Shimura (2019) argumenta que o termo "cigano" é um etnônimo dado pelos colonizadores, e que os ciganos se dividem em grupos étnicos, sendo os principais estudados pelos antropólogos: Rom, Calon e Sinti. Neste contexto, é importante destacar que nossos

² Os Calon de Quissamã usam este modo de falar para o verbo barganhar, comercializar.

estudos têm como respaldo o grupo étnico Calon, que apresenta uma organização social que expressa uma identidade diferenciada nas relações com a sociedade e outras comunidades envolvidas. Além disso, os Calon foram os primeiros ciganos a serem registrados no Brasil, o que pode ser verificado por meio de documentos presentes na obra de importantes autores pesquisados. No entanto, é preciso ressaltar que, infelizmente, apesar da existência de registros e de uma legislação colonial a respeito da entrada dos ciganos no Brasil, eles não foram considerados oficialmente como grupos étnicos na Constituição Brasileira, mas sim incluídos como pertencentes aos povos tradicionais.

É evidente que a identidade étnica é usada para estabelecer limites entre as comunidades e reforçar solidariedades que se desenvolvem ao longo do tempo. Ao compreender a identidade cigana e os ciganos como grupos étnicos, é importante pensar na continuidade do coletivo não somente, pela manutenção do *status quo*, mas pelo respeito aos limites entre eles. Cada povo constrói suas próprias dicotomias para determinar quem é, ou não um membro da comunidade, criando uma distinção entre "nós e eles", o que a antropologia tem estudado. Por isso, é crucial entender que os traços culturais que delimitam esses coletivos não devem ser vistos como essenciais, nem a própria cultura deve ser considerada única. Esses elementos culturais estão em constante transformação ao longo do tempo, e cada família Calon, por exemplo, pensará a partir de seu próprio universo simbólico cultural, e não necessariamente como aqueles de outros grupos Calon, em diferentes lugares. Essas identidades são fluidas e podem se mostrar ou se esconder dependendo do momento histórico em que se encontram e do espaço em que vivem. Portanto, é essencial entender como esses grupos étnicos atuam e se classificam ao invés de generalizá-los. Isso permitirá uma análise mais detalhada e precisa da diversidade cultural dos ciganos, bem como de sua complexa relação com a sociedade em geral.

A questão da origem dos ciganos é um tema controverso, que tem sido objeto de muitos estudos históricos, bem como de ideias que povoam o imaginário ocidental, mas que não estão de acordo com a visão dos próprios ciganos. Em janeiro de 2020, antes do início da pandemia de Covid-19, visitei o acampamento Mathias e fui abordada por um membro da comunidade, o Calon Edson da Costa, também conhecido como Disson. Ele perguntou: “De onde vêm os ciganos?”. Fiquei em silêncio, como se não soubesse a resposta, solicitei a dele, que também ficou confuso, não sabia se respondia Egito ou Índia.

De fato, a origem dos ciganos ainda é objeto de muita controvérsia e debate. Alguns estudiosos afirmam que os ciganos têm raízes indianas e migraram para o oeste em algum momento do século XI ou XII, enquanto outros argumentam que os ciganos se originaram na Europa ou em outras partes do mundo. No entanto, é importante ressaltar que a visão dos

próprios ciganos sobre sua origem e história é muitas vezes diferente daquela dos estudiosos e do senso comum ocidental. Além disso, é importante destacar que a questão da origem não deve ser vista como algo estático ou definitivo, uma vez que a identidade e a história dos ciganos são dinâmicas e estão em constante evolução. Muitos ciganos têm uma forte conexão com suas raízes e tradições culturais, mas ao mesmo tempo estão abertos a influências e a mudanças externas. Portanto, é importante abordar a questão da origem com sensibilidade e respeito à diversidade cultural e histórica dos ciganos.

Durante uma conversa com Goldfarb em 2021³, foi discutido como a questão da origem dos ciganos é vista como algo obscuro, real e contemporâneo pelos próprios ciganos. No entanto, a busca pela nacionalidade pode ser vista como uma inquisição sobre a criação cigana, causando até mesmo estranheza para eles, que muitas vezes são colocados em uma posição de estrangeiros. É importante notar que há várias teorias sobre a origem dos ciganos, algumas datando do século XIX, que afirmam que eles são oriundos da Índia, enquanto outras sugerem que podem ser descendentes de Israel, do Egito ou de outros lugares do mundo. No entanto, a mobilidade sempre foi uma prática importante para os ciganos, que buscavam lugares pacíficos para morar devido à perseguição constante que sofriam. Por isso, descobrir a origem dos ciganos é uma tarefa desafiadora mesmo para os estudiosos da área. Algumas teorias sobre a origem serão mencionadas posteriormente, mas é necessário ter cuidado, pois existem muitas versões para essa questão.

No que diz respeito à discussão sobre a sedentarização ou nômades dos ciganos, é importante ressaltar que esses termos são apenas classificações. É possível observar que os deslocamentos dos ciganos ocorrem por diversas razões, como por exemplo, para fins de negociação ou por deslocamentos forçados. Em alguns casos, a sedentarização é praticamente forçada, ou até mesmo desejada, para que o indivíduo possa se estabelecer em um determinado local. Nesse sentido, os ciganos muitas vezes saem de suas casas para negociar em outros lugares. Em relação ao acampamento em Quissamã, foi observado que o Calon Disson, Edson Costa, viaja com frequência e fica fora do acampamento por vários meses. Seu filho Victor Barreto, recentemente esteve em São Paulo com sua esposa Clara, em busca de oportunidades como músico. A Calin Larissa também saiu do acampamento para vender panos de prato na Bahia, deixando sua barraca fechada durante esse período. Atualmente, todos ainda moram em Mathias, Quissamã. Alguns dos Calon do acampamento Mathias também saíram e nunca mais voltaram, como é o caso do Calon Alex, que ajudava nos trabalhos de catequese da igreja

³ Durante a banca de qualificação

evangélica do acampamento. É importante mencionar que rotular um cigano como sedentário ou nômade não leva em consideração a complexidade da vida cigana. No entanto, esses termos são utilizados em estudos, incluindo em nossa pesquisa.

Gostaria de esclarecer que na transcrição das falas dos meus entrevistados, optei por preservar o uso da linguagem informal, de forma a permitir que o leitor se identifique com eles e se sinta conectado com seu ambiente natural e realista. Essa abordagem literária ajuda a criar um cenário simples, autêntico e realista. Durante a leitura, o leitor pode se conectar melhor com os personagens e preservar suas identidades. Quando se trata da cultura cigana, sua linguagem é uma forma importante de preservação da sua cultura. Muitas vezes, em meio às conversas informais, as palavras soltas em chibi, sua linguagem velada, surgem naturalmente e nos ensinam muito sobre sua cultura e tradições. Durante as entrevistas, optei por me comunicar na linguagem do cotidiano dos entrevistados, o que ajudou a criar um ambiente mais descontraído e acolhedor. Isso permitiu que os entrevistados relaxassem e se sentissem mais à vontade, tornando a conversa mais fluida. A linguagem informal da fala cigana pode ser uma forma única e interessante de abordar conflitos e interesses em uma escrita. Infelizmente, a escrita não tem som, mas se assim fosse, poderíamos ouvir o cantar na fala dos ciganos Calon. A linguagem é uma parte fundamental da cultura e tradições ciganas e deve ser preservada e valorizada como tal.

A tese apresenta uma proposta de pesquisa que tem como objetivo compartilhar e aprender com as brincadeiras e o cotidiano das crianças do acampamento Mathias em Quissamã, no Rio de Janeiro. O objetivo geral deste tema é explorar e aprender com o mundo das crianças Calon do acampamento Mathias em Quissamã, por meio de uma abordagem lúdica e de observação dos cotidianos brincantes, que, devido à tradição cigana, são efêmeros na fase infantil. A proposta é valorizar a cultura e as práticas das crianças Calon, buscando compreender suas formas de expressão, criatividade e sociabilidade, com o intuito de promover uma reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem a partir da perspectiva infantil e da diversidade cultural.

A pesquisa tem objetivos específicos, que incluem: ouvir as narrativas das crianças sobre seus cotidianos enquanto brincam; participar de seus conflitos e incertezas durante a pesquisa; compartilhar seus modos de pensar e agir; e reconhecer as diferentes vozes no espaço em que brincam. Além disso, o texto destaca a importância de trazer à sociedade não cigana os traços de pertencimento dessa comunidade, com o intuito de promover uma educação mais plural e inclusiva e políticas públicas específicas para essa comunidade tradicional.

Em relação ao percurso metodológico, Caputo (2008) discorre que a “fotoetnografia miúda” é fundamental para os nossos estudos, pois a criança torna-se protagonista de nosso texto. Partindo desse pressuposto, valorizamos seus diálogos e respeitamos suas imagens. Neste sentido voz e imagem permeiam nossas escritas e ressignificam os costumes do grupo étnico Calon da cidade de Quissamã, no estado do Rio de Janeiro. Partindo do princípio de que nosso objetivo maior é provocar mudanças em nossa sociedade para minorias étnicas, usamos fotografias do campo etnográfico, escutamos suas histórias, observamo-as de perto e transformamos tudo isso em escrita, sob cuidados éticos com as imagens produzidas por vídeos e por fotografias. No Grupo de Estudos Kékeré, produzimos imagens de pesquisa com crianças de terreiros, ciganas e quilombolas, praticando e vivenciando suas culturas infantis através da “fotoetnografia miúda”.

A metodologia do desenho foi utilizada, tendo como referencial Márcia Gobbi (2021), como uma das técnicas para a coleta de dados na pesquisa, realizada em um dos capítulos. Por meio da observação das crianças enquanto desenhavam, foi possível identificar elementos significativos sobre suas brincadeiras, cultura e modo de vida. Além disso, o desenho foi utilizado como uma forma de estimular a expressão das crianças sobre seus sentimentos e visões de mundo. Com a metodologia do desenho, foi possível obter informações ricas e detalhadas sobre a cultura cigana e as brincadeiras das crianças, de forma lúdica e acessível.

A escrita, no decorrer de todo o texto, também me levou a relembrar detalhes de minha infância, que no decorrer da vida agitada, passaram despercebidos por muito tempo e que, ao resgatá-los na escrita, senti-me impregnada por eles. Por fim, as entrevistas exploraram os cotidianos das crianças ciganas, e as informações coletadas foram analisadas com a ajuda de conteúdos bibliográficos, gravadores e imagens fotográficas.

Vale ressaltar que o início da minha pesquisa foi interrompido após o primeiro contato no acampamento de Quissamã devido ao surgimento da Covid-19 na China, que se tornou um interesse internacional. No Brasil, o primeiro caso surgiu em 26 de fevereiro de 2020, encerrando definitivamente minha visita ao campo. Durante a pandemia, os estudos foram realizados principalmente pelo aplicativo *WhatsApp*, por meio de entrevistas gravadas em áudio e vídeo. Devido ao receio da contaminação, o retorno presencial ao campo foi desestabilizador no início da pandemia, de modo que depois, a pesquisa se realizou pela mídia digital. Após a vacinação, foi possível fazer visitas ao acampamento cigano com apoio de Virgínia Barreto e Edson da Costa, cujo cognome, Disson. Na pesquisa de campo, foi fundamental estabelecer um vínculo de confiabilidade entre os responsáveis das crianças pesquisadas do acampamento e obter ajuda da família de Disson, para que as crianças estivessem em um ambiente

desacompanhado de seus pais. No entanto, a interação com os Calon de Quissamã foi difícil no início. Apesar de tantas dificuldades, compartilhei com os Calon de Quissamã momentos de conhecimento de jogos e de brincadeiras que eu mesma desfrutava na minha infância. Descobri que esses entretenimentos passaram por modificações ao longo do tempo, tanto nas regras quanto na denominação.

Iniciando o primeiro capítulo da tese, intitulado "As Cartas Ciganas", apresento o baralho cigano da Madame Lenormand, uma famosa cartomante francesa nascida em 1772, discorro com minhas próprias leituras e o conhecimento adquirido em mais de vinte anos, dentro da religiosidade de Umbanda. Além disso, utilizo os escritos de autoras ciganas como Miriam Batuli (2007) e Sibyla Rudana (1997), ilustrando as cartas com meu próprio baralho desgastado pelo tempo e introduzindo o texto com estudos de Ana Kátia Pereira Pinto (2010), que contribuíram para a pesquisa de mestrado que a autora realizou. Segui os argumentos de Caputo (2006), que afirma que a construção de um texto é uma experiência singular que reflete o modo como olhamos o lugar em que estamos. Tal fato me permitiu elaborar analogias junto aos Orixás das religiosidades afro-brasileiras, quando escrevi sobre o baralho cigano e suas simbologias. Ao abordar assuntos relacionados ao sagrado, encontramos profunda satisfação enquanto escrevemos.

No campo de pesquisa, ou seja, nas dificuldades encontradas nele, apresento argumentos de John Kotre (1997) que destaca a importância de trazer narrativas do cotidiano e reviver memórias num trabalho acadêmico. Ao descrever minha experiência no primeiro contato com os moradores do acampamento de Carapebus, destaco a importância de Malinowsky (1978) nesse processo, afirmando que os primeiros contatos com os Calon não foram fáceis. Por fim, a memória coletiva de Halbwachs (2003) foi considerada importante para a escrita, ajudando a dar maior importância aos acontecimentos do passado.

Além disso, discuto o tema da fotografia, citando Samain(2012), dentre outros autores, para enfatizar o poder da imagem e sua capacidade de contar uma história. Também cito a poetisa cigana Ana Paula Voria Stephanovsky (2015), de etnia Sinti, que contribuiu com sua tese ao abordar o estereótipo com que autores constroem personagens ciganos em obras fictícias.

Ainda no primeiro capítulo, argumento sobre a ética na pesquisa, lembro a importância do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e destaco a necessidade de cuidados éticos das imagens elaboradas de uma infância, para isso, convido Sônia Kramer (2019). É importante fazer a voz das crianças ecoar, incluindo sua fala, cultura, linguagem, pensamento, crenças e valores. Por fim, destaco a importância de aprender sobre os estereótipos e perseguições pelos

quais os ciganos passaram e ainda passam, citando Teixeira (2007) para enfatizar que a história dos ciganos pode ser caracterizada como um mosaico étnico.

No segundo capítulo da tese, enfatizo o tema do Brincar, convido Patrícia Gebrin (2021) que incentiva a deixarmos que a voz da nossa criança interior seja o guia pelas cartas brincantes de sua obra. O autor Simas (2019) discorre sobre a conexão das brincadeiras de infância com a gramática afetiva da cultura brasileira. Saura (2014) destaca que brincar é criar o que vemos e sentimos no mundo, muitas vezes em contato com a natureza, e dialogo com Renata Meirelles (2016) que registrou várias brincadeiras feitas com elementos naturais. O autor Javier Naranjo (2019) enfatiza a importância das práticas pedagógicas com atitudes brincantes e chama a atenção para o desprezo que alguns escritores dão às escritas das crianças. Adriana Friedman (2018) detalha que toda brincadeira é composta por início, meio e fim, e o poeta Manoel de Barros (2018) fala pelas vozes das crianças ciganas pesquisadas, caminhando junto a todas a escrita do brincar. Brougère (2006) discorre sobre a importância da dimensão simbólica do brinquedo e sua representação, e Piorsky destaca a importância de brincar em contato com a natureza e os elementos naturais. Winnicott (2019) destaca a importância de observar a criança brincando, e comenta acerca do verbo substantivado: O Brincar.

Para dialogar sobre a educação de crianças feministas, foi utilizada a obra de Chimamanda Adichie (2017) e a contribuição de Hampaté Bâ (2003) com sua escrita biográfica também foi relevante. Além disso, a autora Brites (2020) foi referência importante para a inclusão de estudos da psicologia infantil nos escritos, destacando que a primeira infância é caracterizada por grande crescimento físico e neurológico, e o brincar é essencial para o desenvolvimento das crianças. Carlos Drummond de Andrade também foi lembrado como um poeta cuja obra tem nuances infantis relevantes para a escrita sobre brincadeiras das crianças Calon, além de outros autores famosos da literatura brasileira. Isabel Fonseca (1996) e Monteiro (2018) foram utilizados para estudar o cotidiano dos ciganos do grupo Romà e as crianças Calon em particular, respectivamente. Monteiro (2018) destaca que as tradições são modificadas de acordo com o tempo de paralisação, condições sociais e econômicas e interação entre o grupo e a sociedade local, muitas vezes iniciada na escola e entre as crianças.

No terceiro capítulo da tese, intitulado "Promessa do Divino Espírito Santo & Nossa Senhora de Aparecida", escrevo sobre a mensagem, via *Whats App*, que recebi de Rita, a sogra da Calin Paloma. Para discutir o catolicismo, que foi assumido pelos ciganos quando chegaram ao Brasil, convidei Cruz & Cruz (2019), que trouxeram importantes conceitos. Embora fosse difícil para os ciganos frequentar as missas, eles assumiram a religiosidade católica. Outras religiões também apareceram e tiveram presença em suas vidas cotidianas. Além disso,

convidei Fraser (1995), que reforçou os conceitos apresentados por Cruz & Cruz, argumentando que a religiosidade dos não-ciganos em todo o mundo convive com a religiosidade da localidade onde vivem.

Para explorar a importância do telefone celular na minha pesquisa sobre a procissão ocorrida em Mathias, conversei com Brougère (2005), que escreveu sobre o uso do celular por adolescentes no Canadá em 2005. Segundo ele, a mobilidade possibilita diálogos e leituras que apresentam outras culturas, contribuindo para a aprendizagem. Para finalizar os comentários sobre os autores deste capítulo, em alguns trechos do texto, caminhei com as fabulações do Pequeno Príncipe

No capítulo 4, "Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?", abordei o conto de fadas "Branca de Neve" para trazer o conflito de Vitória Barreto quando se lança no espelho, entendendo a profundidade de sua beleza infantil. Convidei Colasanti e seu livro "Ana Z, aonde vai você?", que recuperou elementos simbólicos da literatura infantil para brincar com o imaginário relatando o real. Trata-se de uma narrativa que leva a personagem Ana Z a lugares fantásticos em busca de seu colar de contas, que arrebentou quando ela se debruçou na beira do poço. Para discutir o casamento das crianças Calon, um dos rituais mais celebrados por esse povo, convidei mais uma vez Monteiro (2018).

Explorando a relação entre das comunidades Calon e *gadje*, especialmente em relação ao controle do corpo feminino, convidei Ferrari (2010). Ela argumenta que para as mulheres Calin seguirem a tradição cigana é crucial para a construção do seu ethos e da sua identidade, desde a forma como se vestem e como se comportam em público. A autora enfatiza a importância de compreender essas diferenças culturais para evitar julgamentos etnocêntricos e promover a compreensão e o respeito mútuo entre diferentes sociedades.

Conversei com a mística Liechocki (1994, p. 24), uma cigana Romà, que afirmou que as crianças do seu grupo étnico "crescem como flores do mato, aprendem a falar e a casar no momento certo e são equilibradas". Ela argumentou que isso acontece, naturalmente, tudo de uma maneira sadia. Para terminar, conversei com Cunningham (2018), que praticou a magia elementar por longo tempo, introduzindo os seus leitores na Arte Divinatória.

No capítulo 5 da tese, intitulado "Diabo – serzinho para brincar", retomo o estigma demoníaco dado a Exu, tema da minha dissertação, e discuto sobre a descolonização. Rufino (2021) destaca a colonização como um processo de destruição de existências e corpos, e como uma produção de um mundo monológico, onde a diversidade e a beleza são escassas. Ele enfatiza a importância de refletir sobre isso para construir um futuro mais justo e inclusivo e defende a valorização da poesia para construir uma sociedade mais saudável e equilibrada.

Segundo ele, o colonialismo foi um ato brutal de extermínio de culturas, e descolonizar é um ato educativo. Para dialogar com Rufino e o tema da descolonização, convidei Mignolo (2017), que enfatiza que a colonialidade é o mesmo que poder, um padrão a ser seguido, e que a decolonialidade é a resposta necessária tanto às falsas promessas de progresso e desenvolvimento da modernidade, como à violência da colonialidade.

No mesmo capítulo, dedico espaço para discutir a religiosidade da Umbanda, convidando Simas (2019), que comenta sobre diversas ritualísticas da Umbanda, sobretudo, a Lei de Pemba. Entendo que essa Lei ocorre quando um espírito vem em um terreiro e risca o ponto com o giz sagrado para informar de onde pertence a sua tribo no etéreo. Além disso, sigo as reflexões de Patrícia Birman (1983) sobre o transe na Umbanda, que contribuíram significativamente para o meu texto. Também compartilho os estudos de Campelo (2017) sobre a participação de crianças na Umbanda, que destacam que os umbandistas geralmente desejam que seus filhos manifestem sua espiritualidade desde cedo e não se importam com a frequência dos filhos em um terreiro de Umbanda. Para falar sobre a importância dos terreiros de Umbanda na preservação da cultura afro-brasileira, recorro a vários autores ligados ao tema, que destacam a resistência cultural dos terreiros, onde se mantêm tradições e modos de vida africanos que foram trazidos durante o período da escravidão. Esses espaços são importantes para a formação da identidade e autoestima dos afrodescendentes, pois proporcionam um ambiente acolhedor e de pertencimento. Finalmente, apresento o neologismo "desciganoar" como forma de abordar a importância da luta pela manutenção da identidade dos grupos ciganos numa gira de Umbanda.

Durante a pesquisa sobre as brincadeiras das crianças ciganas, surgiram dois conceitos importantes: "criante-brincante" e "criante-narrante". O primeiro se refere às crianças que brincam de forma criativa e engajada, sem precisar necessariamente saber que estão praticando atividades lúdicas. Já o segundo conceito, o "criante-narrante", se refere às crianças que criam narrativas com base em seu cotidiano, durante as nossas conversas descontraídas. Ambos os conceitos foram observados durante a pesquisa e evidenciam a riqueza cultural e criativa das crianças ciganas, além de destacar a importância de considerar suas práticas lúdicas como parte de sua identidade cultural.

Também, neste capítulo final, discuto a vida das crianças Calon de Quissamã, com suas incertezas, sentimentos em relação ao casamento e como elas vivem intensamente a infância através de brincadeiras e de histórias contadas. A pesquisa revela valores importantes que nos fazem repensar nossos rumos e avaliar nossos argumentos e ações. Porém, é necessário destacar a falta de políticas públicas específicas para essa população.

1 AS CARTAS CIGANAS

Apresento um panorama visual das cartas do baralho da Madame Lenormand⁴, o baralho cigano, no qual encontro inspiração para o relato dessa pesquisa. Dois baralhos embrenham-se nesses escritos: os estudos de Ana Kátia Pereira Pinto⁵ (2010), que se inspirou no baralho de Mirian Batuli (2007), e Sibyla Rudana (1997, p. 7) no lado místico, que aprendeu a jogar cartas com sua avó cigana, falecida aos 100 anos de idade.

Figura 1 - As cartas do baralho cigano



Fonte: internet.

Os jogos de cartas fazem parte do povo cigano há longas datas. A arte divinatória entre as mulheres de alguns grupos étnicos é composta pelas cartas ciganas, que exigem, de quem as manuseia, a prática e o conhecimento de seus símbolos. Martinez (1996) discorre que o motivo o qual a levou escrever sobre as cartas do baralho e sua interpretação foi

⁴ Lenormand nasceu na França, em 1772, no dia de 27 de maio, na cidade de Alençon, na Normandia, tendo se notabilizado por ser uma cartomante profissional famosa por suas previsões quase sempre certas. Considerada até os dias de hoje a maior cartomante francesa de todos os tempos, Marie Anne, que ficaria conhecida como Madame Lenormand, também ficou famosa por ter sido considerada a criadora do chamado baralho cigano. Filha de uma família de poucas posses, Madame Lenormand foi educada num colégio de freiras e acabou por deixar Alençon em 1786, quando partiu para Paris, onde teria contato com práticas divinatórias. Disponível em: <https://www.colegioweb.com.br/biografia-letra-l/quem-foi-madame-lenormand.html>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

⁵ A pesquisadora Ana Kátia Pereira Pinto também usou as cartas em alguns capítulos de sua dissertação, ao escrever sobre como as crianças *Calon* deveriam ser observadas por educadores numa escola no Estado do Espírito Santo. Em um dos capítulos, Pinto trabalha seu texto com o baralho de Mirian Batuli, confeccionado por esta cigana, com pequenas diferenças do baralho de Lenormand. Certamente, as cartas ciganas de diferentes baralhos já inspiraram e continuarão inspirando muitos pesquisadores e muitas pesquisadoras. Cada um e cada uma terá seu próprio modo de pensar e/ou usar as cartas.

a necessidade de que as pessoas têm de procurá-la em busca de resolver as suas aflições pela interpretação delas. Ademais, a importância maior, segundo a autora, foi a divulgação e interpretação deste instrumento, que provoca o contato com energias superiores. Neste sentido, as simbologias de um oráculo ganham novas posturas.

Como qualquer paramento de divinação, não devem ser tocadas para pura diversão ou até mesmo por curiosidade. Muitas vezes esse processo se baseia somente na espiritualidade. Pelo sagrado, quem as manipula deve assumir uma postura de ajuda ao próximo, para dirimir dúvidas e incertezas de como agir perante os problemas, e não com a finalidade de lucro. A Umbanda, por zelar Santa Sara Kali, a padroeira dos ciganos, pratica a arte divinatória das cartas. Além do conhecimento, a responsabilidade e o respeito dialogam com quem as manipula.

A quiromancia é a arte divinatória mais ativa para algumas mulheres do grupo *Calon*. Entre as mais jovens, nesse acampamento, tal costume vem desaparecendo, ou até mesmo se camuflando, pois não são bem aceitas por alguns não-ciganos, o que leva as mais jovens ao desinteresse. A leitura das mãos, além de receber o nome de quiromancia, também pode ser denominada quironomia. Cunningham (2018, p. 155) a caracteriza como “a arte de determinar o caráter e o futuro pelo estudo do formato da mão humana e das linhas que cruzam a palma”. Trata-se de uma prática muito antiga, apoderada, primeiramente, pelos ciganos. É notável como, na Grécia e em Roma Antigas, essa arte divinatória se tornara ciência. Tempos mais tarde, no século XIX, a leitura de mãos reapareceu dos abismos do esquecimento, sendo reconhecida como uma arte de honra e respeito, argumenta ainda o autor.

Quando cheguei ao acampamento de Carapebus, encontrei Luzia, a *Calin* mais idosa daquela comunidade. O primeiro gesto dela foi pegar na minha mão, imaginava que estava à procura de sua leitura. Refletindo sobre o ocorrido dois anos depois, em Quissamã, avistei Luzia atraindo mulheres não ciganas perto de um banco, no centro da cidade. Embora as cartas de Petit Lenormand não sejam a arte dos Calon, ela é manipulada por algumas Calin. No acampamento Mathias, conheci Cirlene, que joga cartas.

A maioria das mulheres *Calin* de Quissamã, entre as quais convivi, não possuem conhecimento das cartas ciganas. A predominância do objeto divinatório da etnia *Calon* é a mão. Pinto (2010, p. 77) enfatiza que “cada grupo, porém, pode ter uma visão, um costume, uma crença diferente em relação à leitura da sorte, seja através da quiromancia ou do jogo do baralho (cartomancia)”. Vale acrescentar que ouvi uma vez, antes da pandemia, a sogra de Virgínia, que caminhava pelos arredores das cidades de Friburgo para ler as mãos, como também convivia durante o seu trabalho, com outras ciganas de seu grupo étnico que jogavam

cartas. Jóia, inclusive, me fez uma proposta de sair com ela para Friburgo: “Maria, você vai com as cartas ciganas e eu vou com as mãos, vamos juntas ler a sorte e ganhar dinheiro”. Mesmo sabendo que não visio lucros na leitura de cartas, aceitei o desafio, pois seria de grande valia. No entanto, estávamos na pandemia.

Em relação às mulheres Calin que jogam cartas, Cirlene, que pratica esta arte divinatória, não morava mais no acampamento à época da pesquisa, pois havia ficado viúva e partido para Minas Gerais. Atualmente, Cirlene retornou ao acampamento de Quissamã, pois se casou de novo e continua com o jogo de cartas.

Nem todos os grupos ciganos revelam mensagens pelas cartas, porém, Pinto (2010, p.68) optou por “conhecer a cultura a partir de um objeto importante e significativo para os ciganos”. As cartas ciganas permeiam sua pesquisa de mestrado, conectando as imagens à vida do grupo, em geral. Por essas vias, a pesquisadora levava consigo as cartas para os campos que visitava e perguntava aos *Calon* de sua pesquisa se tinham conhecimento sobre elas. A resposta era sempre negativa e continha surpresas. Sabe-se que a predominância do objeto divinatório dos *Calon* é a mão. “Cada grupo, porém, pode ter uma visão, um costume, uma crença diferente em relação à leitura da sorte, seja através da leitura das mãos (quiromancia) ou do jogo do baralho (cartomancia)” (PINTO, 2010, p. 77), concluiu a autora.

Pinto (2010) busca entender a relação dos ciganos com as cartas investigando seu uso, as crenças e os valores simbólicos associados a elas. O objetivo da autora é estabelecer uma conexão com o grupo cigano a partir dessas informações, a fim de compreender melhor sua cultura e suas tradições. Por causa desse argumento, dialogamos também com Laplantine (1996), em conversa com Malinovsky, que explica a proposta da importância de um objeto. Segundo eles, muitas vezes, os valores simbólicos de um objeto traduzem o perfil de uma sociedade.

Elisa Costa (2021)⁶, uma cigana de sangue, traz uma visão mais abrangente sobre o jogo de cartas, ressaltando que nem todas as ciganas o praticam, mesmo pertencendo a diferentes etnias. Sua fala sugere que há variações culturais dentro do próprio grupo cigano, e que as práticas e crenças em relação às cartas podem variar de acordo com essas diferenças. Então, devemos ter o devido cuidado para não seguirmos o estagnado, ou seja, que todas as

⁶ Elisa Costa, presidente da AMSK (Associação Internacional Maylê Sara Kalí)/BRASIL, organização sem fins lucrativos com sede em Brasília, Distrito Federal. Costa, de etnia *Kalderash*, proporcionou e organizou esse encontro convidando Lucimara Cavalcante, mestra, *Kalderash* - Brasília, Elisabete Martinho – Psicopedagoga, Rio de Janeiro, Anne Kellen, Romi Lovara, educadora popular das expressões culturais Romani. O encontro se deu pela oralidade no dia 11 de junho de 2021, às 15h, via *Google meeting*. Elisa intermediou o encontro, que, para minha pesquisa, foi de grande valia, pois trouxe para os meus estudos a posição de educadoras que podem falar de seus direitos e desejos.

ciganas jogam cartas. Devemos ter o cuidado de escrever sobre os ciganos a partir de uma escrita decolonial:

foram anos de exclusões, de conformismos, de muitas desculpas. As variáveis são imensas, os danos irrecuperáveis. Um país com histórico de colonização ainda não retrata a realidade de sua gente pelo olhar dessa gente. São notas desobedientes? É uma educação vulgar? A educação como prática da liberdade, de entendimento político, escrever sobre mim, sobre nós ou comigo? Acultramento ou invenção? Educação ou cabresto? Educação como um, para um ser crítico, é possível na Academia? [...] Então, que a escrita decolonialista seja de fato com a realidade para contar a história e que essa seja ouvida, por outros meninos e meninas ciganos, para que alcancem novas estradas, novos caminhos e novos rumos e fazer parte desse mundo maravilhoso que precisa de cor de toda a diversidade (COSTA, 2021, p. 20).

Considerando a autora e sua trajetória acadêmica em defesa de seu povo Rom, podemos partir do pressuposto de que muitos livros foram produzidos sobre os ciganos, utilizando a arte do mistério e da magia. Atualmente, escrever sobre eles requer conhecer todos os detalhes de suas identidades e enfrentar o preconceito, a fim de trazer à tona a verdadeira trajetória cotidiana dos ciganos no Brasil. Como Costa (2021) argumenta, a história não pode ser contada por quem não a conhece. A mensagem da cigana é que devemos escrever com eles, ouvi-los e considerar seus pontos de vista, costumes e necessidades, a fim de produzir uma escrita decolonial.

Por que trazer essas artes divinatórias para um texto acadêmico que, muitas vezes, despreza modos outros de conhecer? Para o nosso grupo de pesquisa, sempre foi importante impregnar nossos modos de conhecer e escrever com as experiências dos cotidianos diversos. Pensamos que escrever é compartilhar uma experiência. “A construção de um texto é uma experiência singular. Ao vivê-la, escorre por nossas mãos o lugar de onde somos e o modo como olhamos o lugar em que estamos” (CAPUTO, 2006, p. 23).

Oliveira (2020) destaca a importância de incluir narrativas cotidianas em nossas pesquisas e dar voz a grupos minoritários que possuem sua própria tradição oral. Isso significa reconhecer a importância dos saberes locais e da experiência de vida desses sujeitos, valorizando suas histórias e perspectivas. Ao fazer isso, é possível contribuir para a construção de conhecimentos mais plurais e democráticos. Ainda com Oliveira (2020), penso que as cartas ciganas seriam uma escrita não autorizada, dessas que poderiam ser vistas como não importantes para um artigo científico, para uma dissertação ou para uma tese, mas que devem povoar esta tese porque “transbordam as margens dessas normas e umedecem as vidas dos leitores com [...] ousadia, com coloridos múltiplos em fascinantes textos transgressores”

(OLIVEIRA, 2020, p. 2-3). Ao usar as cartas ciganas, seguindo Oliveira, escreve-se de maneira a não ficar somente no “cinzento sobre cinzento”, como a proposta de um texto único, que tenha veracidade. Cores, símbolos de cultura e magia de um determinado grupo cigano podem dialogar com textos sobre eles. A autora propõe que a pesquisa deve buscar não só registrar informações, mas também narrar a vida e contar as riquezas encontradas nos conhecimentos dos sujeitos pesquisados. Ela destaca a importância de ser criativo na escrita e arriscar formas diferentes de estruturar um texto. Desse modo, as cartas ciganas, acompanhadas de narrativas místicas, rompem com a norma social hegemônica de nossa sociedade. Um modo singular de pesquisa, como achamos que as investigações devem ser.

Ao escrever minha biografia, encontrei inspiração em John Kotre (1997), que escreveu sobre suas memórias ao encontrar as luvas brancas de seu avô e sentir saudades dos momentos passados com ele. Ao descrever a infância dos Calon, encontrei um motivo para mergulhar em minhas próprias memórias. Durante a escrita, revivi pessoas, lugares, objetos, acontecimentos e sentimentos que haviam ficado adormecidos em minha mente devido à agitação da vida cotidiana. Foi como se estivesse experimentando um *déjà vu*, revivendo cada momento da minha infância ao conviver com as brincadeiras das crianças Calon. Esse sentimento pode ter sido motivado pelo fato de que, ao viver as experiências e leituras da infância de um povo humilhado e marginalizado, também fui marcado por elas. Descrevendo a infância Calon, meus próprios momentos de infância foram trazidos à tona em meu texto.

1.1 O baralho Lenormand – Carta 22 – Os caminhos da pesquisa

A simbologia presente nessa carta reflete os caminhos que percorri desde a minha infância. Ana Kátia Pereira Pinto (2010, p. 92) menciona que, nas caravanas ciganas, sete moedas de ouro eram jogadas no chão para determinar o caminho a ser seguido, e cada moeda tinha uma interpretação própria. Enquanto Pinto oferece uma interpretação precisa, a cigana Rudana (1997, p. 72) traz o aspecto místico da carta, que fala da obstinação e força de vontade do consulente para alcançar seus objetivos. Essa simbologia inspira-me a compartilhar alguns dos caminhos que percorri em minha vida, mesmo sem ter as moedas de ouro para me orientar. Conforme Friedman (2014) explica, cada um de nós tem uma história de vida particular, na qual muitas vezes deixamos de lado nossos potenciais e habilidades ao longo do caminho. Em um



determinado momento, alguns de nós ouvem o chamado para retomar o verdadeiro rumo de nossas vidas. Foi assim que decidi dar ouvidos ao chamado da minha trajetória e me importar com pequenos fatos e detalhes de infância que se tornaram fundamentos desta pesquisa.

Embora Mia Couto (2013, p. 97) afirme que algumas coisas não ficam registradas para sempre, como a escrita de água que escorre por fendas e se perde, permito-me fazer uma alusão ao referido autor. A minha escrita não é como a escrita de água, pois é eterna e permanente, escrita com tinta e cores cinzentas, imagens simbólicas, coloridas e fotográficas, além de elementos lúdicos que serão analisados pelos meus leitores.

1.1.1 A carta 10, a foice – De Exu a Ciganos

Segundo a romaní Rudana (1997, p. 72), a simbologia da "foice anuncia cortes e rompimentos. Significa que o consulente precisará desistir de algo valioso para seguir novos rumos". Utilizando essa simbologia, percebo a mudança significativa que fiz ao deixar o mestrado para seguir no doutorado, de estudar a mitologia africana em aulas de Língua Portuguesa⁷ para escrever sobre os direitos e a necessidade de reconhecimento da comunidade Calon. Foi uma mudança trabalhosa, não apenas um corte simples, pois envolveu o estudo de culturas e povos totalmente diferentes. Entretanto, essa transmutação de assuntos é importante para o resgate cultural e o corte de estereótipos.



Além da mudança de assuntos, a simbologia da carta da foice também trata de aspectos importantes para nossa evolução, como semear e colher as sementes que criei e pretendo deixar através das minhas escritas.

Durante o mestrado, busquei conhecer a história e as culturas negras que não foram ensinadas na graduação. No entanto, durante minha infância, enfrentei dificuldades relacionadas à minha vivência em um subúrbio com poucas condições de vida, pouco saneamento e recursos médicos, situação que encontrei semelhante em algumas famílias

⁷ O fato ocorreu porque levei meus alunos a conhecerem a mitologia africana com Exu, cujo estereótipo demoníaco segue-o há centenas de anos. Não fui eu que achei a obra *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, na biblioteca, nem mesmo a trouxe de casa, mas um aluno que me apresentou a ela. Trata-se de uma obra lúdica amparada por legislações, ligada ao público infanto-juvenil.

Disponível em: http://www.nepp-dh.ufrj.br/ole/textos/porque_jesus_pode_entrar_na_escola_exu_nao.pdf.

Acesso 06 de maio de 2021. O caso teve grande repercussão midiática, com Ancelmo Goes, inclusive na TVE, em entrevista com Leda Nagle.

ciganas.

Lembro-me de uma noite em que estava doente e recebi a visita de Exu enquanto dormia profundamente, no subúrbio de Colégio, bairro em que nasci. Senti suas mãos tocando minha garganta, e a doença desapareceu. Essa experiência me marcou profundamente e me fez lembrar do simbolismo dado à carta da foice do baralho cigano, que também corta doenças e obstáculos que estão por vir. Ainda que não saiba se foi Exu ou apenas um sonho, essa memória permanece viva em minha mente.

1.1.2 A carta 4, a casa, a família

Para a comunidade cigana, a família é um elemento fundamental de sua estrutura social, como afirmado por Ana Kátia Pereira Pinto (2010): "a estrutura da organização social do cigano é a família". No entanto, em Quissamã, pude perceber que a união entre os ciganos também se estende à comunidade como um todo. Por outro lado, a interpretação de Rudana (1997) sobre uma carta de tarô sugere que ela se refere a todos os ambientes frequentados pelo consulente e pode estar associada a perdas materiais, inseguranças sexuais e emocionais e até mesmo prisão.

Ao refletir sobre a importância da família em sua vida, lembro das palavras de Bâ (2003), que afirma que devemos tudo o que somos e temos a nossas mães. Ele justifica identificando que obedeceu a uma ordem cronológica em seus escritos, mas não poderia deixar de ter começado por ela, sua mãe Kadija. Embora eu não possa seguir a ordem cronológica de Bâ em minha própria história, já que minha vida está mais ligada a meu pai e minha avó paterna, reconheço a importância de minha mãe em minha vida.

Recordo-me da mudança para Senador Camará, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, quando minha família materna se mudou por causa de um seresteiro com quem minha mãe se envolveu. As más línguas atacaram-na violentamente o que levou a mudança. Durante a mudança, meus braços ficaram em carne viva, já que agarrei nas tábuas de um caminhão. Chorei e senti saudades de meu pai e avó paterna, mas finalmente fui levado para estudar em outro lugar, me afastaram definitivamente de minha irmã.



Infelizmente, a separação de minha mãe e pai teve sérias consequências, e a guarda de minhas irmãs foi concedida a minha avó materna pelo juiz da família.

1.1.3 A carta 6, as nuvens

Com esta carta, Rudana (1997, p. 72) discute em mais detalhes a minha infância e como ela compartilha semelhanças com muitas das famílias Calin. De acordo com a autora, esse período de infância pode ser caracterizado por instabilidades emocionais e confusão de sentimentos. O indivíduo pode estar lidando com turbulências familiares, intrigas e fofocas, o que pode levar a desilusão, depressão, desespero, falta de direção, apatia e tristeza.



Adicionando mais informações à interpretação de Rudana (1997), gostaria de destacar que essa simbologia me faz lembrar da minha infância, a qual foi marcada por muitas dificuldades, mas que ao mesmo tempo foi breve. Como as mulheres Calin, eu também fui forçada a amadurecer muito cedo. As nuvens na ilustração sugerem que as dificuldades que enfrentei foram temporárias e necessárias, assim como as histórias escritas por crianças de classe baixa em todo o Brasil. Quando essa carta aparece em uma leitura cigana, indica que passamos por períodos de desafios que nos permitem refletir e aprender lições valiosas. Esses momentos nos incentivam a desenvolver virtudes, como perseverança, esperança e fé. Por isso, é importante lembrar que as dificuldades são temporárias e que podemos superá-las com coragem e com determinação.

Meu pai morava numa espécie de cortiço. Moravam mais três tias com seus filhos. Todos nós, brancos, descendentes de avós portugueses. Lembro-me do bairro Catumbi, porque, mesmo residindo em Colégio, minha avó lavava e passava roupa, a ferro com carvão aquecido, de pessoas que moravam neste lugar. São mais de 35 quilômetros de distância e os meios de transporte na época eram precários. Minha avó carregava uma trouxa enorme na cabeça e, ao mesmo tempo, falava: “Estuda, para não carregar trouxas na cabeça!”. Isso ficou gravado na minha memória. No cortiço de Colégio, poucos familiares sabiam assinar o nome.

Outro fato de que não me esqueço é da economia que meu pai precisava fazer em relação à alimentação. Nós não jantávamos porque não havia o jantar. Última refeição às dezoito horas: café com leite, pão com manteiga Doriana que, por sinal, era deliciosa. Ficávamos alimentados.

Mas, mesmo assim, quando sentia fome à noite, comia pastéis gelados e dormidos, restos do negócio de meu pai.

O segundo episódio de minha infância que não me esqueço era a podridão do banheiro. Disputávamos um único sanitário e chuveiro. Éramos muito pobres. O odor era fétido. Éramos quatro famílias num mesmo espaço, com um único lugar para dejetos, cuja porta velha de madeira continha um prego enferrujado, onde se penduravam papéis de revistas e de jornais, para quando usássemos “a casinha”. São fases de muitas instabilidades e de confusão de sentimentos, como simboliza a carta da nuvem. Desse modo, o aglomerado de famílias num mesmo espaço, a falta de conforto em relação aos sanitários, a luta diária para sobreviver lembram um pouco o acampamento em que fiz a pesquisa.

Junto a tudo isso, veio-me à tona mais uma vez a simbologia da carta das nuvens: as rinhas de canários, animais pelos quais tenho admiração hoje, eram cruéis. Brigavam até sangrar. Algumas vezes, morriam. Minha avó fazia massa de pastel caseira e meu pai vendia salgados na rinha. Esse era o modo de meu pai ganhar dinheiro, embora proibido. De vez em quando, a polícia investia. Uma vez meu pai e sua rinha foram notícia de jornal. Naqueles eventos e nos dias normais de atividades, homens estranhos misturavam-se às famílias, dividindo o mesmo banheiro.

Havia eventos chamados de “torneio de briga de canário”. Meu pai me escolhia para ser a bilheteira, pois confiava que eu não lhe roubaria. Tinha os meus onze anos e era cortejada por aqueles homens passarinhos, que não me respeitavam. Nesses eventos, que sempre aconteciam na proximidade do retorno às aulas, meu pai conseguia ganhar algum dinheiro a mais que sua aposentadoria para nos sustentar e para comprar meus livros. Naquela época, tudo era comprado, Kichute⁸, uniformes e livros: nada era fornecido pelo governo.

As férias escolares. Sempre as aproveitei em Senador Camará, na casa da minha avó materna, que teve a guarda da minha irmã e de duas irmãs, filhas do seresteiro, outro amor da minha mãe. Quando ia para junto de meus familiares por parte de minha avó materna, era muito bom e queria nunca retornar, pois ficava, ao mesmo tempo, junto à minha mãe, de quem sentia muita falta, como também ao lado de minha irmã, filha de meu pai.

Quando voltava a Colégio, imitava o que assistia na televisão, os filmes de mocinho e de bandido. A televisão era ainda a *Telefunken*, com imagens em preto e branco. Assistíamos na casa de minha tia. Existiam, na época, filmes em que os prisioneiros contavam os dias riscando pauzinhos na parede da cela para sair dela. Eu chorava muito de saudades e riscava os

⁸ Tipo de calçado colegial, preto de borracha.

pauzinhos na parede do meu quarto com giz, à espera das próximas férias. Havia muitos rabiscos brancos no rosa da parede. Parecia uma cela de filme de TV.

Quando estávamos com minha família materna, sentia-me acolhida por minhas irmãs, pois, no cortiço, existia o reflexo da traição de minha mãe, que pairava no meu ser. Era muito maltratada. Era sempre difícil para o meu pai, quando me buscava de volta, devido aos momentos felizes que passávamos. Ele ficava chateado e temia que eu não voltasse mais para sua companhia. Em um desses momentos de férias, me convenceu a retornar rapidamente, porque, segundo ele, tinha comprado uma bicicleta para mim. Duas eram as marcas famosas na época: *Caloi* e *Monark*. Uma prima tinha uma *Caloi* novinha; a minha era *Monark*. Minha tia-madrinha, mãe dela, fazia bolos e doces para festas de casamento. Meu tio-padrinho era pedreiro. Ganhavam um pouco mais do que o pessoal que morava nos fundos do cortiço. Adorava quando tomava banho no banheiro de minha tia. Nas raras vezes em que isso ocorria, por alguns minutos, sentia-me acolhida pelos meus padrinhos.

Ao chegar daquelas férias, procurei a minha *Monark* que julgava ser nova, mas não encontrei. Meu pai apontou para duas rodas no chão. O restante da bicicleta estava todo enferrujado. Ele mandou montar e reformar. A *Monark* velha se tornou nova. Fiquei feliz, mesmo com os ferros enferrujados que foram transformados, porque entendia, no fundo, as suas condições. Aprendi a andar roçando minhas mãos nos muros e, em uma de tantas caídas ao chão, conheci os ciganos. A *Monark* velha se tornou nova.

1.1.4 A carta 31, o Sol

No acampamento de Quissamã, há diversas famílias com diferentes condições financeiras, sendo a maioria pobre. Algumas barracas têm falta de recursos, passam por intempéries, enquanto outras oferecem conforto e carros novos ao lado delas.

Para complementar a interpretação de Rudana (1997), a autora Ana Kátia Pereira Pinto (2010) aponta que, para os ciganos, o sol é um símbolo de força, saúde, alegria e poder, enquanto Rudana destaca que o sol representa energia vital, criatividade, força e sucesso. A carta do Sol é a mais importante no jogo de cartas ciganas, pois indica um novo caminho a ser percorrido, e para o autor deste texto, simboliza um momento de renovação em sua vida, resgatando a cultura cigana e combatendo estereótipos.



O Sol também representa um novo começo na vida, como um novo amanhecer, trazendo energias renovadas, êxito e sucesso. Escolho essa simbologia porque desde a infância, quando conheci o povo cigano em um acampamento montado na rua onde brincava, já percebia a força e alegria dessa cultura. Na época, não entendia a razão do nomadismo dos ciganos, mas hoje, por meio da pesquisa, compreende que isso se deve à dificuldade de encontrar terrenos adequados para suas necessidades. Naquele acampamento, cada barraca representava uma intimidade, com lonas coloridas permitindo a entrada da luz do sol. O mobiliário era pequeno, as roupas esfarrapadas e as panelas brilhavam na cozinha, adaptando-se às constantes viagens. O autor percebeu a força e a alegria daquele povo, e a carta do Sol representa bem o brilho e os costumes dos ciganos.

Ainda com a imagem da carta 31, assistimos a um novo Sol surgindo por trás das montanhas, assim como ocorre num amanhecer, um novo início num estágio de vida. O Sol é considerado um astro maior, que ilumina, aquece, ou seja, é fonte de luz e de calor. Neste sentido, esperamos energias novas, êxitos, brilhos e sucessos.

Cada barraca no acampamento representava uma intimidade, e eu não sabia ao certo se poderia entrar naquele mundo de cores, mas a vontade era muita. Porém, algumas pessoas próximas me alertaram para não me aproximar dos ciganos, com comentários preconceituosos como "Eles roubam criancinhas". Até mesmo minha avó me disse para não passar perto do acampamento. No entanto, conforme fui crescendo e me informando mais sobre a cultura cigana, percebi que esses estereótipos eram infundados e injustos. A carta do Sol, por si só, já representa bem o brilho dos ciganos, seus costumes radiantes de luz e força, assim como o próprio Sol. É incrível como o tempo pode trazer respostas às perguntas que tínhamos quando crianças. Agora, com uma mente mais aberta e informada, posso valorizar a cultura cigana e me inspirar na mensagem de renovação e liberdade que a carta do Sol transmite.

Durante minha trajetória acadêmica, a primeira obra literária que me foi indicada foi *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Logo de início, o personagem Melquíades, descrito como "um cigano corpulento, de barba indomada e mãos de pardal" (MÁRQUEZ, 2018, p. 7), chamou minha atenção. Entretanto, à medida que avançava na leitura, percebi o excesso de estereótipos que o autor atribuiu ao personagem. Mais adiante, Melquíades passou a ser valorizado como um indivíduo dotado de conhecimentos alquímicos, o que me levou a refletir sobre o estigma associado à cultura cigana.

Em seus estudos sobre a representação de ciganos na literatura, Ana Paula Voria Stephanovsky (2015, p. 326) identificou a construção estereotipada de personagens ciganos em obras ficcionais. Esses estereótipos também são perceptíveis em *Cem anos de Solidão*, que rendeu a

Márquez o Prêmio Nobel de Literatura em 1982. De acordo com a poetisa cigana de etnia Sinti, a descrição de Melquíades como um cigano honrado pode transmitir a ideia de que outros ciganos não o são. Infelizmente, esses estigmas ainda persistem na sociedade atual, e pude observá-los de perto durante a pandemia da Covid-19, especialmente na barreira sanitária, que comentarei adiante. É importante destacar que a falta de conhecimento sobre a cultura cigana não se limita à literatura, mas também é uma realidade presente em nossa sociedade.

1.1.5 A carta 29, a mulher, a cigana, o encontro

De acordo com Ana Kátia Pereira Pinto (2010, p. 87), a carta 29 tem relação com o papel da mulher dentro da sociedade cigana, que pode ser elucidado através de cartas como a "velha mãe patriarca rainha", a "Cigana da sorte" e a "Virgem Cigana". Por outro lado, Rudana (1997, p. 83) contextualiza a carta em uma mesa de jogo, afirmando que se a consulente for mulher, ela se refere a ela própria, enquanto se o consulente for homem, a carta diz respeito à sua companheira ou outra mulher influente em sua vida.



Na minha opinião, a figura feminina sempre terá destaque no jogo divinatório, como podemos ver na estampa da carta 29⁹, onde a mulher está vestida de vermelho e aparenta serenidade. Essa figura pode ser associada à imagem de uma mãe, assim como à importância da virgindade na comunidade cigana, conforme destacado por Pinto (2010).

Em Quissamã, a mulher cigana é preparada desde criança para o casamento e destaca-se pela sua beleza, com maquiagem, vestidos multicoloridos e longas saias. Além disso, muitas vezes é ela quem garante o sustento da família através da quiromancia. Ela é a protetora dos filhos e tem grande influência na educação deles. Por isso, o papel da mulher é fundamental na família Calon, e a carta 29 é muito representativa no jogo divinatório.

A carta 29 não foi escolhida aleatoriamente para trazer fatos importantes de minha infância, pois foi uma mulher cigana que entrou no meu caminho enquanto brincava. Empoleirada na minha *Monark* recauchutada, levei um tombo. Naquele instante, apareceu uma

⁹ Essa carta está pronta para ser trocada assim que houver ordens. Optei por não a substituir na imagem da escrita, por se tratar de ser uma carta original.

mulher, acalmando a dor que sentia. Não me lembro se a cigana que me socorreu disse o seu nome, mas lembro muito bem de seus trajes, bem coloridos. Uma longa saia vermelha bem rodada, muitos acessórios dourados que contrastavam com seus cabelos negros. A sua face mostrava o pó de arroz, usado para tampar algumas imperfeições e embelezar ainda mais a pele do rosto das mulheres da época. Tratava-se de uma fragrância agradável que o cosmético provocava. Como disse, foi a primeira vez que tive contato próximo com os ciganos em minha infância, em Colégio, na minha Macondo.

Com uma lembrança mais atenta, tive vontade de partir com os ciganos e permanecer com eles nos acampamentos, viver de um lugar para outro, ter várias janelas e quintais. Ainda menina, imaginava o seguinte: se roubavam crianças, como diziam, quem sabe poderiam me roubar também e para bem longe? Quem sabe se eu tivesse tido a coragem de ter ido escondido em uma de suas caravanas? Hoje, seria uma cigana sem laços sanguíneos, seria uma cigana “brasileira”? Devaneios fazem parte dessa escrita. Os vestígios deixados pela caminhada da vida nos acompanharão para sempre e se transformarão em memórias tecidas, em palavras ditas ou escritas que podem nos levar para muito longe, ou permanecerem no devir. Esse foi o propósito de contar tais passagens de minha vida: para que soubessem que aquilo o que será lido daqui por diante trará muitas memórias.

Desse modo, no decorrer dos acontecimentos narrados, as minhas experiências com Exu, a primeira em uma noite febril que talvez tenha me curado, certamente se transformaram em trajetória acadêmica. Bicicleta sem rodas, sem cilindro e que fez o corpo balançar com o vento, desequilibrando-o de modo a parar no local dos ciganos e conhecer o desconhecido: brinquedo favorito que marcou. Tudo isso, agora, faz parte do que escrevo. Quase tudo se transformou em escrita de tese. Escritas que permeiam um processo contínuo de descobertas a virem durante o meu percurso acadêmico. A escrita de água, a que Mia Couto (2013) se referiu, sumiria, mas a minha, de tinta, não se apagará.

1.1.6 A carta 24, o coração – Acampamentos pesquisados

Ao pensar sobre essa carta, Pinto (2010, p. 98), afirma que “para os ciganos, o coração é a moradia do amor, da amizade e da fraternidade, mas também pode abrigar o ódio, o rancor e a inveja”. Por sua vez, a cigana Sibyla Rudana (1997, p. 76) explica que “esta carta fala de entusiasmo, de amor e de paixão por alguém ou algum projeto”.

De pronto, para mim, a imagem nos mostra um coração ardente, explodindo por raios, remetendo-nos a uma enorme emoção. Conforme mencionei, os meus estudos iniciais não eram sobre ciganos. Frente à situação de mudança de tema, seria preciso amar o assunto oferecido. Vale lembrar que o conhecimento que tinha dos ciganos era somente pelo lado místico e religioso, sequer imaginava que seria de outra maneira que os ciganos gostariam de ser reconhecidos. Vejo isso no acampamento de Quissamã. Além de se relacionar com o amor, o coração traduz em intensidade o prazer em fazer o que gostamos, depositar o coração por completo nas mudanças que surgem em nossas vidas.

A simbologia da carta escolhida para dialogar com esse capítulo causa uma provocação da vontade e da curiosidade de saber, na época, se seria ou não possível encontrar os interlocutores de pesquisa. Mais do que refletir sobre os caminhos da pesquisa, seriam fundamentais o envolvimento e os modos de agir do pesquisador no espaço do campo etnográfico. Desse modo, encontrei meus sujeitos de pesquisa e me tornei amiga de “coração” deles.



Figura 2 - Localização de Carapebus e Quissamã



Fonte: googlemaps

No mapa acima, vemos a distância do Rio de Janeiro a Quissamã e a de Carapebus a Quissamã, ambos municípios pesquisados por mim. Os primeiros contatos da pesquisa com os ciganos começaram no início de 2019, por meio de informações acerca desse povo nas redondezas do município de Macaé, perto de Carapebus, como nos mostra o mapa. Moro nos arredores de Saquarema, precisamente, Araruama. A sensação de entusiasmo, junto com certa tensão, se espalhava pelo meu corpo, talvez pela paixão e pelo desejo de iniciar o campo de pesquisa. Pensar nessa perspectiva é proporcionar um diálogo construído pela lealdade, ética, confiança e amor.

Quando cheguei em Carapebus, avistei um verde intenso e brilhante em contraste marcante com o azul do mar. As faixas de terra da lavoura chamam a atenção de qualquer visitante. Nuvens brancas se juntam e se movem sobre o mar, que quebra a monotonia da cor verde das matas. O mesmo ocorre no percurso para Quissamã, com longas fazendas e espaços verdes e vazios.

Em relação à história do município de Quissamã, é importante destacar que a produção açucareira do período colonial ocupou toda a região Norte Fluminense da cidade do Rio de Janeiro. “O primeiro Engenho Central estabelecido na província fluminense foi o de Quissamã, localizado no município de Macaé [...]” (MARCHIORI, 1987, p. 19). Foi o último lugar que ainda continuou com um significativo contingente de escravos, mesmo depois da abolição (CAVALCANTI, 1987, p. 130). Duas manifestações culturais eram bem visíveis e atuantes na época: o jongo e a macumba, ou seja, religiosidades de Umbanda e de Candomblé. Vários eram os terreiros nessa região, de acordo com Cavalcanti (1987). Cheguei, primeiro, em Carapebus, onde tentei em vão levantar dados para a pesquisa. Mas, em Quissamã a pesquisa tomou o seu rumo, embora não tenham sido nada fáceis os primeiros contatos.

Figura 3 - A estrada



Fonte: Acervo pessoal

No município de Campos de Goitacazes, também encontramos acampamentos ciganos, mas bem para a região serrana. Conceição de Macabu é no sentido contrário a Quissamã. Na imagem temos a ideia da dimensão do verde que cerca o município. Lá, no final desta estrada, encontramos o portal de entrada do lugar e, depois, o mar de Quissamã.

1.1.7 A carta 12, os pássaros – Não foi nada fácil

Segundo Rudana (1997, p. 55), a simbologia da carta representa o tempo. Ele compara o canto dos pássaros que alegra a natureza, com a possibilidade da alma do consultante cantar para alegrar ainda mais, indicando que tudo irá crescer. Para mim, a simbologia da carta promove a alegria para superar o desânimo. Além disso, em outro contexto, o voo pode significar liberdade e a carta também expressa fé e esperança.



Quando relaciono a carta com a entrada no campo, pretendo ilustrar as dificuldades enfrentadas nos primeiros contatos. Apesar de todos os obstáculos, inclusive os provenientes da pandemia, a fé e a esperança foram fundamentais para superar as dificuldades e perseverar. Para mim, esses são os maiores simbolismos da carta.

Foi em uma quarta-feira de cinzas de 2019. Não sabia o que iria encontrar. Ao me aproximar, percebi que existiam dois acampamentos, distantes um do outro. No acampamento mais perto do centro de Carapebus, observei um lugar aberto, duas barracas somente: uma no início da Rua Projetada, paralela à Rua Salim Salém Bechara, e outra mais acima. A rua não é calçada e tem poucas moradias. Tinha constantemente ante meus olhos a vida cotidiana dos ciganos de Colégio, de minha infância. Existiam, também, três barracas bem distantes dali, porém nos arredores de Carapebus, especificamente, em Limeira.

Malinowsky (1978), ao relatar a sua experiência de primeiro contato com os moradores dos arquipélagos da Nova Guiné, destacou que o pesquisador não deve ficar à espera que a pesquisa caia fácil para ele, pois encontrará sempre obstáculos. Diante dos comentários do antropólogo, posso ratificar que não foram fáceis os primeiros contatos com os Calon de Carapebus e de Quissamã, afinal de contas, esse grupo social já passou por diversas rejeições em suas caminhadas e, por isso, nos evitam. Para eles, somos uma ameaça constante¹⁰ e só lhes servimos se precisarem vender algo de que necessitam. A exceção se dá se soubermos construir laços de amor e de carinho, como a representação da carta do amor, a do coração, que vimos anteriormente.

Em Carapebus, chamei na primeira barraca e ninguém atendeu. Caminhei mais acima e Luzia Soares¹¹ veio ao meu encontro. Encontrei-a, com seus 55 anos. Dizia ser a mulher do chefe daquele acampamento. Sua aparência era meio sofrida, o rosto queimado pelo sol, comprido, magro, marcado pelo tempo, com os dentes encobertos por ouro, tradição mantida por muitos Calon. Naquele momento, os cabelos lisos, longos e escuros demonstravam ainda a água que os havia lavado. Seu perfume envolveu nossa conversa como também os ornamentos dourados, que decoravam seu corpo à maneira cigana. Igual a todas as ciganas da localidade, trajava um vestido típico, de cor vívida, azul. Expliquei-lhe o motivo de estar ali e, depois de algum tempo, pediu-me que voltasse após três horas, pois as crianças do acampamento estavam dormindo. Como não conhecia ninguém por perto e não tinha para onde ir, resolvi esperar

¹⁰ Ver Ferrari (2019) adiante, no capítulo do Brincar, sobre esse comentário

¹¹ Mais à frente saberemos que o nome dela não é Luzia Soares

dentro do meu carro, um pouco longe do acampamento.

Ao refletir sobre o ocorrido em Carapebus, concordo com Wagner (2012, p. 44) quando argumenta sobre a inexperiência do pesquisador em sua primeira visita ao campo e a sensação de solidão e desamparo que isso pode causar. O pesquisador pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar e mesmo que seja capaz de falar a língua local, ele precisa começar do zero. É como se ele fosse um participante, que começa a descobrir e inventar a cultura estudada. Até então, ele apenas havia experimentado a "cultura" como uma abstração acadêmica, uma coisa diversa e multifacetada, mas ainda assim, difícil de apreender e visualizar. Enquanto o pesquisador não puder "ver" a cultura ao seu redor, ela será de pouco conforto ou utilidade.

Eu mesma me senti solitária quando estive em Carapebus, como descrito pelo autor. No entanto, a minha sede por conhecimento e a simbologia da carta de fé e de paciência que introduz este capítulo me ajudaram a superar esse sentimento. Eu queria muito conhecer Luzia e seus netos, e aprender mais sobre a vida dos Calin de Carapebus.

Ainda que nossa pesquisa tenha as crianças como principais interlocutores, os responsáveis por elas, adultos, precisam autorizar o nosso contato. Em respeito ao acampamento, nossas principais relações afetivas e de pesquisa são com Luzia, a mais velha e, portanto, se dizia ser a matriarca do acampamento. Não sabia escrever. Era a prova de que se tratava de uma Calin de sangue, assim como menciona algumas literaturas sobre eles, que até aquele momento, eu tinha conhecimento.

A carta 12, que simboliza a paciência e a fé, é bastante literal em relação à minha experiência, uma vez que elas foram postas à prova enquanto eu aguardava por Luzia. Em determinado momento, fiquei preocupada se ela estava tentando se afastar de mim ou se havia perdido a paciência com a minha espera. No entanto, como Wagner (2012, p. 45) destaca, essas circunstâncias são comuns quando se está lidando com pessoas desconhecidas em seu meio. Muitas vezes, elas criam obstáculos como forma de defesa, a fim de manter uma certa distância ou observar o visitante com mais cautela.

Luzia se preocupava com a minha presença: “Ele vai estudar amanhã, está fora da escola, mas já está voltando amanhã”, enfatizava, sem nem mesmo eu questionar algo em relação a seu neto. Finalmente, sentamos na calçada, uma perto da outra. Identifiquei-me outra vez e disse sobre os meus propósitos de estar lá. A cigana não me ouvia e imediatamente pegou a minha mão para ler, mesmo lhe explicando que não estava lá para a leitura de mão. Em meus primeiros diálogos, avancei ou recuei quando percebi reações não verbais. Ela sentiu-se mais confortável quando lhe disse que apenas queria escrever o que pesquisava, e não criticar ou

fortalecer preconceitos já solidificados em nossa sociedade contra os ciganos. Então, começou a abrir sua fala:

Sou uma cigana-índia. Meu pai era índio aqui em Carapebus e fugiu num acampamento cigano e se casou com a minha mãe. Foi ser nômade. Não sou pobre, possuo uma fazenda aqui pertinho com cabeças de boi e empregados, mas somos ciganos e gostamos de acampar. Estamos aqui já faz dois anos.

Aprendi que o fato de os ciganos serem sedentários não representa a perda de suas características nômades. No caso de Luzia, mesmo tendo terras, residência fixa, por ter origem indígena e sangue cigano, vive conforme alguma tradição. Filha de cigana, Luzia tem a identidade de uma cigana nômade, não gosta de paredes e reside ao vento, à natureza. Disse ser filha de índio fugido aos ventos ciganos. O lugar de memória de seu pai é explorado pelas terras deixadas, transformadas em fazenda na redondeza de Carapebus, que continua ativa, segundo ela.

Retomando Kotre (1997), a memória se situa no indivíduo por meio de lembranças de pessoas, lugares e acontecimentos, como também sentimentos de alguém. Luzia reflete sua origem. O lugar de memória de seu pai é explorado pelas terras deixadas, transformadas em fazenda na redondeza de Carapebus, que continua ativa, mas que não faz mais parte de sua identidade, apenas de suas memórias.

Quando ouço a história do pai de Luzia, minha memória, povoada por leituras de ciganos, rapidamente trouxe José Arcádio de *Cem Anos de Solidão*. O personagem decidiu ir embora com os ciganos. Arcádio, ao visitar o circo dos ciganos, amarra um pano vermelho na cabeça e sai em companhia deles, apaixonando-se imensamente por

[...] uma cigana muito jovem, quase uma menina, sufocada em miçangas, a mulher mais bela que José Arcádio tinha visto na vida [...]. Quando Úrsula descobriu sua ausência, procurou-o por toda aldeia. [...] ‘Virou cigano!’, gritou ela ao marido, que não tinha dado o menor sinal de alarme diante do desaparecimento (MARQUEZ, 2018, p. 40-42).

No caso, Arcádio, não-cigano, resolve ir embora com uma menina cigana, o que é muito raro na comunidade de Quissamã. Luzia não tinha noção do tempo, quando lhe indaguei a época em que tal fato ocorrera. Kotre (1997, p. 92) assinala que “o sistema da memória autobiográfica” tem dificuldades de resgatar datas: a “[...] memória tem pouco interesse por calendários. Poucos de nós somos calculadores de calendário quando se trata de organização de nossas lembranças a longo prazo”, afirma o autor. Acontece isso comigo, lembro de minha

infância, mas datas específicas não me vieram nenhuma em minha mente.

Kotre (1997) explica que nossas memórias geralmente possuem uma lembrança genérica do evento, mas que esquecemos os detalhes específicos. Comungo com o autor para explicar o caso de Luzia. A lembrança genérica que ela tem é de que seu pai índio fugiu com sua mãe cigana, mas ela não consegue lembrar dos detalhes específicos de como isso ocorreu, pois foi há muito tempo. O autor também menciona que geralmente lembramos de eventos recentes com mais detalhes do que eventos mais antigos. De acordo com Kotre (1997), a memória possui uma memória genérica para encontrar uma memória específica, e é por meio dessa lembrança genérica que o *déjà vu* é recordado. Além disso, o estudioso destaca a importância de narrar os detalhes específicos de nossas memórias e de experiências, para que possamos preservar e compartilhar essas histórias.

Candau (2018) enfatiza que o tempo passado não é a lembrança do tempo que passa nem a lembrança do tempo que *passou*, pois, a consciência da duração entre o momento da rememoração e o acontecimento recordado é flutuante (de acordo com o caso, haverá contração ou extensão) e aproximativa: ‘há muito tempo’ ou ‘outro dia’. O estudioso compara a memória genérica e específica a um topo e a um andar no térreo de um edifício. A genérica é “onde reside o eu” e a específica, no térreo, bem longe, onde se guardam restos de memória.

Sadi, esposo de Luzia, diz ter lutado muito pela defesa de seu grupo. Relatou feitos de sobrevivência de seu povo. “Tive que juntar vários acampamentos para que pudesse ficar nesse lugar. É muito difícil ficar sozinho, eu sou responsável por tudo aqui”. Sadi, nos conceitos de Kotre (1997), é um criador de mito, ele criou e moldou a sua história, inventou o seu mito pessoal de defensor de sua comunidade. Como reflete o autor, criar um mito não é nada constrangedor, faz parte do ser humano. Hoje, sei que foi pura criação do Calon, ele não era nenhum líder, não juntou ninguém, apenas comunicou sua estadia, disse ser segura, e outros vieram acompanhá-lo. Mais tarde Luzia e outros tiveram que sair às pressas do lugar, praticamente foram expulsos de lá, tiveram que se juntar ao povo de Quissamã.

Kotre (1997) enfatiza que contar uma história não é simplesmente repeti-la, mas, sim, criar uma outra história a partir da realidade. Para isso, é necessário um distanciamento do passado que permita reconstruir os eventos e criar uma mistura complexa de história e ficção, combinando verdades factuais e estáticas. O autor argumenta que é comum as pessoas terem uma propensão a dominar o próprio passado para inventariar o não vivido, o que significa que elas tentam dar sentido aos eventos passados de uma forma que satisfaça suas necessidades pessoais, muitas vezes criando novas narrativas que misturam elementos verdadeiros e fictícios. Dessa forma, a construção da história pessoal é um processo contínuo de negociação entre os

eventos passados e a interpretação subjetiva desses eventos, que é moldada pelas necessidades e experiências individuais de cada pessoa.

Somando a todo o exposto, principalmente, a fuga do pai de Luzia, um indígena, com sua mãe, uma cigana, constatei que os Calon, principalmente os de Quissamã, não costumam se casar com os não ciganos – o que não quer dizer que tal fato não aconteça. Virgínia, por exemplo, não era cigana e se casou com Disson. Os grupos ciganos procuram praticar a endogamia na intenção de manter a cultura viva entre eles, não fugindo à tradição. Entretanto, assim como na ficção explicada por Kotre (1997), Luzia confirma ser filha de índio e de ciganos. Nessa perspectiva, por ser filha de cigano, Luzia é uma cigana de origem.

Em alguns momentos, percebi que ela conversava com seu esposo, Sadi Soares Ribas, 62 anos, numa língua que eu não entendia. Eu tinha a impressão de que falavam de mim, pois me olhavam e gesticulavam. Apenas observava-os, pois tinham a certeza de que eu nada entendia. Depois de meus estudos, sei que, mesmo que conhecesse a língua falada entre eles, não conseguiria alcançar tudo o que falavam, pois tempo mais tarde, o Calon Disson comentou que o idioma *chibi* difere de um acampamento para outro.

O sistema de parentesco dos ciganos é patriarcal. Sadi vive do comércio de compra e venda de carros, relógios, dentre outros objetos. Um costume só para os homens. Na garagem, uma camionete do ano, Toyota, branca. Aos domingos, saem para beber e negociar com outros não ciganos. Às mulheres, cabem a manutenção de seu lar, as barracas, a criação de seus filhos, venda de panos de prato para ajudar no orçamento da família.

O Melquíades, personagem de Gabriel García Marquez (2018), também negociava. O personagem viajava o mundo e conhecia artefatos e experimentos modernos, trazendo tudo como novidade para a aldeia, que estava longe de toda a modernidade: “Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos e todo mundo se espantou ao ver que os caldeirões, as caçarolas, os alicates e os fogareiros caíam de onde estavam [...]” (MARQUEZ, 2018, p. 7). Nesse episódio, o cigano trouxe um ímã e todos ficaram extasiados com a novidade. Assim como na aldeia, no acampamento de Quissamã, cabe somente aos homens ciganos negociar.

1.1.8 A carta 17, a cegonha – Fotografia é fundamento

Ana Kátia Pereira Pinto (2010, p. 84), de acordo com as cartas de Batuli (2007) menciona que a cegonha representa a alegria dos ciganos: “[...] os ciganos têm a garça como uma ave sagrada, pois é considerada por eles como uma ave cigana por ser incapaz de inverter lágrimas em dor. Pela lenda, quando morre uma jovem cigana virgem, ela se transforma em uma garça [...]”.

Segundo Rudana (1997, p. 63), “esta carta representa imprevistos, novidades, surpresas, situações realmente inesperadas. Sempre anuncia algo novo por acontecer, bom ou ruim, conforme as cartas que se avizinham. Simboliza ainda a nossa necessidade de não cair na rotina”.



Além das explicações das autoras, a carta da cegonha, neste contexto, simboliza também o nascimento de uma criança. No passado, cabia à cegonha trazer o bebê para a mãe, assim explicavam às crianças de que modo nasciam. Seu símbolo também está relacionado a mudanças de conduta e de estética. Justamente, o que ocorre com as nossas pesquisas: temos que ter conduta para seguir com os nossos argumentos, principalmente com as imagens que corroboram com a escrita.

Em nossos escritos, a fotografia não é uma questão menor: ela é fundamento. Caputo e Sant’Anna (2020) dialogam com Sarmiento (2014) a respeito dos usos das metodologias visuais em Ciências Sociais e da Educação, destacando que o pesquisador localiza três modalidades em relação às imagens, que não necessariamente se excluem, podendo ser usadas de maneira combinada. A primeira seria a sua produção, a segunda, a utilização de imagens pré-existentes em pesquisas, a terceira, a produção de imagens para a comunicação dos resultados de investigação. Desse modo, a fotografia das crianças nas nossas pesquisas, denominada de fotoetnografia miúda, esteticamente mistura-se ao texto que compõe as nossas narrativas. Ela é fundamento.

Ferrari (2011) apresenta uma leitura detalhada da obra de Rogério Ferrari, que registra fotograficamente a presença cigana na Bahia. A autora destaca que a obra do autor é composta por várias camadas que se entrelaçam. Um dos fios condutores é o recorte estético, que revela a beleza e a riqueza das vestimentas e adereços ciganos. Outro fio é o olhar para a câmera, que permite captar as expressões e os gestos dos retratados, revelando a complexidade e a

diversidade das identidades ciganas. A autora ressalta que há fotos em que os sujeitos retratados não estão cientes da presença da câmera, o que confere um caráter de espontaneidade e naturalidade às imagens. Além disso, a presença de objetos, animais e cenas do cotidiano dos ciganos se misturam às fotografias, criando um universo imagético heterogêneo e rico em detalhes. Ferrari (2011) argumenta que não há um único modo de fotografar os ciganos, mas sim uma multiplicidade de formas de se fazer imagens que retratam a cultura cigana. As fotografias de Rogério Ferrari revelam um universo de tecidos coloridos que se aglomeram em tapetes, colchas e vestidos, com rendas em contraste com os tecidos. É nessa soma e aproximação entre as imagens que algo se faz cigano nas fotografias de Rogério Ferrari, criando uma narrativa visual rica e complexa sobre a cultura cigana na Bahia.

Para mim, quando fotografo os ciganos, uso as imagens na produção de minha escrita. É desse jeito que nossos olhos conversam com elas, pelas nossas narrativas etnográficas, com rostos maquiados, com corpos de vestes de cores que combinam e se contrastam. Neste caminho de cores, apresentamos, então, dois mundos, o da escrita e o da imagem. Ambos executam danças, dando mais cores ao palco para a cena final. É desse modo que aprendi a escrever com a imagem, como um mundo cheio de cores, sabores carregados de significados imagéticos e, ao mesmo tempo, reais.

1.1.9 Pelos olhares fotográficos

Samain (2012) enfatiza que qualquer imagem nos faz pensar. Na ilustração da carta cigana 17, a que introduz esse capítulo, assistimos a uma cegonha em voo. Para alguns ciganos, são aves indicadoras de bom presságio, pois sempre colocam seus ninhos em lugares sagrados, como nas igrejas. Na figura da carta, não assistimos às vivências de um sujeito, mas apoderamo-nos apenas de uma simbologia, a imagem, como também da estética. No contexto de fotografias, toda imagem, como argumenta Samain, nos faz pensar e deixam memórias.

Neste contexto de imagens que pensam, como pensamos a imagem? Devemos imaginá-las sem perder de vista as memórias que trazem. Além de registrar o intervalo entre as idades das crianças, ou seja, o seu desenvolvimento, as fotos das crianças *Calin* e *Calon*, junto às escritas da pesquisa, têm também a intenção de defesa, proteção e tentativa de amenizar os estigmas cristalizados sobre ciganos. Quando observamos, pela pesquisa, o semblante de Vitória Barreto logo em nossos primeiros registros, assistimos, rapidamente, às

grandes transformações de seu corpo. Até mesmo quando a menina-Calin¹² recebe suas fotos antigas, pelo *WhatsApp*, risos escorrem em suas mensagens. A menina Calin conversa comigo: “meu Deus, como eu era feia”. Desse modo, as fotos provocam debates relacionados ao social, sobretudo na tentativa de subtrair estereótipos, registram infâncias, adultez e velhice Calon.

Relembremos que a simbologia da cegonha, a que compõe esta parte dos escritos, também indica uma mudança de conduta e estética. Quando escrevemos os nossos textos, percorremos um processo de auto avaliação em relação a quais imagens escolhermos e qual o rumo que ela dará aos escritos. As fotografias produzidas se costuram nas escritas do texto, nas legendas das fotos que as representam. Para nós, é importante trazê-las com os nomes das crianças, devidamente autorizados por elas e por suas famílias, suas falas, e sempre buscar uma proximidade com elas nas pesquisas. Desse modo, queiramos ou não, é uma mudança no modo de escrita com os devidos cuidados com os corpos ciganos e com a devida preocupação com os registros sobre eles.

Em relação aos meios de pesquisa, a máquina fotográfica digital e o celular produzem tipos de fotos variáveis, que captam cenas do cotidiano pelos gestos, sorrisos, rostos curiosos. Ora capturam belezas, ora preocupações. Com os ciganos, destaca-se o colorido das vestes femininas rodeadas de fitas, que realçam mais forte a cor escolhida do tecido, que contrasta com os olhares e rostos com maquiagem. No período da pandemia, até mesmo as fotografias *printadas* passaram a integrar a nossa pesquisa etnográfica. Em alguns momentos, converso com imagens de crianças ciganas pelo *WhatsApp*. Às vezes, pelo *Instagram*, como também pelo *Facebook*. Atrás de um interlocutor, aparecem contatos com outras *Calin* e outros *Calon*, que enriquecem ainda mais a escrita. Por esses meios midiáticos de comunicação, há contato em chamadas privadas para trocas sobre conflitos, cotidianos, cenas de vida Calon – aspectos que podem ser despercebidos por quem clica simplesmente por clicar. Com isso, educa-se o olhar em uma espécie de *zoom* de tudo o que se destaca para os escritos. Pesquisa-se pelas fotos digitais selecionadas, que marcaram registros e cenas que viraram memórias e que ficarão para serem analisadas e questionadas, até mesmo pelos sujeitos das imagens.

Retomando mais uma vez a alegoria da cegonha, em relação às novidades por vir, o passado se esvaiu, nada mais poderá alterá-lo. Assim ocorre com a fotografia, que deixa registros para serem analisados por quem se interessar por ela, mesmo que a tecnologia se transforme. Desse modo, abaixo convidamos os artistas das fotografias para compor os nossos

¹² Optei por denominar a infância Calon em relação a gênero: menina-Calin e menino-Calon. No que se refere à adolescência, menina-adolescente-Calin, menino-adolescente Calon. Quando adultos, casados, simplesmente: homem Calon e Mulher Calin. Lembraremos sobre este detalhe no capítulo do Brincar.

escritos com as imagens Calin. Começamos com a explicação de Samain (2012, p. 24):

Toda imagem, sabemos, é viajante. Ela é cigana e misteriosa. De antemão, ela nos inquieta, sobretudo se ela é uma imagem forte, isto é, uma imagem que, mais do que tentar impor um pensamento que “forma, *formata*, põe em forma” (o que denomina “ideologia”), nos coloca em relação com ela. Uma imagem forte é uma “forma que pensa e nos ajuda a pensar” (grifos do autor).

O autor elaborou esse comentário a partir da fala de André Habib, no filme *Amen*, de Costa-Gravas. Toda imagem cigana tem algo a nos contar sobre detalhes de identidades e de comportamentos, ou seja, espaços culturais que nos ajudam a pensar sobre cada grupo. Quando usamos a fotografia no campo etnográfico, é viável estudarmos e conhecer os profissionais da fotografia, de modo a aprender olhares, ângulos e ideias de como fotografar e, dessa maneira, entender as singularidades de cada grupo. A fala de Habib corroborou para o contexto imagético que usamos em nossos estudos.

Os ciganos têm a história marcada também por perseguições, diásporas e genocídios, além dos estigmas que perduram por centenas de anos, enquanto caminham pelo mundo. O fotógrafo Robert Capa¹³ enfatiza a possibilidade de se contar uma história começando pela imagem. Para ele, a fotografia, além de emocionar as pessoas, consegue passar valores: é um caminho para o autoconhecimento. Muitas vezes, vai além da realidade que os olhos alcançam: a fotografia mergulha no universo do fotografado, dando artifícios e argumentos para quem pretende denunciar algo.

Ainda em relação à importância da fotografia, Maria Aparecida Gobbi (2020, p. 132) acrescenta que “elas documentam aspectos das relações sociais [...]”, estando presentes em qualquer espaço, seja escolar ou dos cotidianos. Assim, os fotógrafos são profissionais envolvidos no tema do resgate cultural e de valores.

Para andar pelo caminho da estética, ou seja, da aparência, basta conhecer as mulheres Calin, pois elas têm brilho próprio, refletido pelos rostos e pelas suas vestimentas. Deste modo, emocionam e chamam a atenção de quem observa suas imagens. As fotografias sobre a beleza feminina foram feitas por “retratistas”, assim como Ronaldo Câmara gosta de ser chamado em campos etnográficos. Câmara fotografou atrizes e mulheres indígenas. No meu caso, fotografei Diana Soares, minha primeira interlocutora. O primeiro clique feito da menina *Calin* foi com o

¹³ Roberto Capa, Araquém, Douglas Mansur, Chico Alagoano, Ronaldo Câmara, além de outros fizeram parte do documentário *Caçadores de Almas*, realizado pela TV Brasil. Disponível em: www.tvbrasil.EBC.com.br. Acesso em: 28 de abril de 2021.

iPhone 7 Plus. Ainda não tinha uma máquina digital EOS e lentes¹⁴. Não tinha a mínima noção de diafragma, luz, velocidade, fotômetro, editar e cuidar da imagem após escolhê-las. Fotografei e obtive imagens que julguei interessantes. Fotografar o povo cigano é algo realmente estonteante, pois harmoniza a escrita.

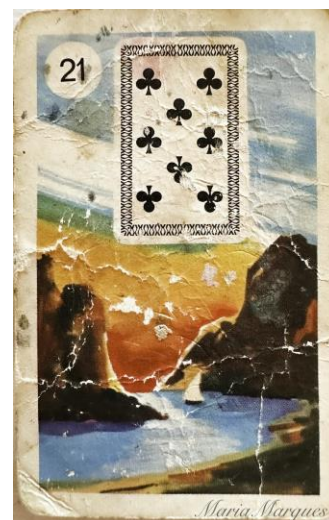
Adicionando à complexidade das reflexões sobre a fotografia, Sontag (2004) traça um percurso pelo movimento surrealista na fotografia. Segundo a autora, o surrealismo ocupa um lugar central na atividade fotográfica, na criação de um mundo em duplicata, uma realidade de segundo grau, mais rigorosa e dramática do que aquela percebida pela visão natural. A estudiosa questiona o que seria mais surreal do que um objeto que praticamente produz a si mesmo, com um mínimo de esforço? Essa reflexão dialoga com os anúncios da Kodak em 1888, que prometiam "você aperta o botão, nós fazemos o resto". Naquela época, fotografar e revelar não eram tão fáceis quanto hoje, e nenhuma garantia existia em relação ao produto final. Fotografar era algo sintonizado, observar e apertar o botão da máquina na hora certa, sem erros. A fotografia era um conto de fadas que levava a caixa preta e transbordava a veracidade das imagens, banindo qualquer possibilidade de erro.

Nos dias de hoje, a câmera digital, as câmeras dos celulares ou quaisquer outros dispositivos fotográficos, constituem-se como objetos sociais e culturais, produzindo imagens-narrativas de maneira fácil e certa, que dão conta de pesquisas sobre a Infância. Desse modo, a tecnologia cresceu dando ainda mais facilidades para obter melhores imagens, não com um apertado de botão, mas com um toque singelo do dedo indicador.

¹⁴ Vale ressaltar que a minha bolsa do Capes foi muito importante para a compra de objetos, de aplicativos e de cursos ligados à fotografia e a áudio-visualidades. Hoje, dia 08 de dezembro de 2022, quando revejo a minha escrita, bolsistas de todo o Brasil ainda não receberam a bolsa de Novembro. Um governo que durante quatro anos não valorizou a Educação, como o governo Bolsonaro, nunca mereceria ser reeleito.

1.1.10 A carta 21, a montanha – Pelos olhares da justiça

Para discutir a ética na pesquisa, escolho a carta 21 do baralho cigano de Lenormand, conhecida como "A Montanha". De acordo com a interpretação mística de Rudana (1997, p.70), essa carta representa os obstáculos que o consulente terá que enfrentar. Essas adversidades podem surgir em conflitos com inimigos ou rivais poderosos, ou podem estar relacionadas a questões legais que exigem decisões de tribunais, como a assinatura de documentos pelos participantes da pesquisa.



Com base na interpretação sagrada da autora, podemos nos conectar com a simbologia da carta em relação aos documentos. Antes disso, vamos observar os desenhos da montanha e da vegetação rasteira abaixo dela, que transmitem um significado oculto e duradouro. A imagem também representa algo inalterável e eterno devido à força das rochas da montanha. Além disso, podemos adicionar a justiça, a lei e os processos à interpretação. Na Umbanda, essa carta simboliza Xangô, o deus da justiça, e quando aparece na mesa de jogo, indica processos que foram ou não resolvidos, dependendo das cartas que a cercam. Se olharmos ainda mais profundamente a imagem, podemos ver um barco navegando entre as duas montanhas, que representa a tranquilidade e a confiança que precisamos transmitir aos nossos interlocutores em relação aos documentos que autorizam a pesquisa. Esse barco é associado à Yemanjá, que nos traz calma e segurança em momentos difíceis da vida.

Ao falarmos sobre os documentos relacionados à carta, é importante destacar o Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no contexto da pesquisa, especialmente quando se trata da escrita sobre as crianças ciganas. De acordo com Diniz (2005, p. 47), "o dever do pesquisador de obter o consentimento é uma exigência da ética da pesquisa, amplamente reconhecida pelas diretrizes nacionais e internacionais, bem como pela legislação de cada país". Dessa forma, os documentos apresentados, que se relacionam com os procedimentos éticos da pesquisa e que foram devidamente autorizados pelos responsáveis dos participantes, são essenciais durante toda a visita ao campo etnográfico, pois orientam e protegem, eticamente, tanto o pesquisador quanto os participantes da pesquisa.

Nessa perspectiva, foi extremamente difícil explicar aos Calon sobre os termos permissivos para a pesquisa e fazer com que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por vários motivos. O primeiro deles é que assinar um documento é uma

prática pouco comum entre os Calon em Quissamã, já que eles geralmente aprendem apenas o necessário. Por isso, muitas vezes optamos por gravar o áudio com o consentimento deles pelo celular. O segundo motivo é que eles frequentemente se mudam em busca de melhores condições de vida, o que dificultava a coleta de documentos durante a minha presença em Mathias, pois eles não assinariam imediatamente. Por esse motivo, a interferência do Calon Disson era extremamente necessária para obter as devidas autorizações. Os papéis ficavam na casa de Virgínia, em busca de conversas com eles, de modo que se sentissem seguros para me autorizarem o uso das imagens. O convencimento cabia somente a outro membro de seu grupo. Além disso, a confiança era um fator relevante. Depois de tantas perseguições, os Calon não confiam facilmente em "brasileiros". Vale lembrar que, antes da pandemia, os ciganos tinham exposições na mídia e no computador.

Para nós, a questão da ética sempre foi muito importante. Faz tempo que conversamos com a pesquisadora Sônia Kramer (2019), que ressalta a importância dos cuidados éticos com as imagens elaboradas de uma Infância. Outro fator importante mencionado por ela, é o “compromisso político e científico de ecoar a voz das crianças, sua fala, sua cultura, sua linguagem, seu pensamento, suas crenças e seus valores” (KRAMER, 2019, p. 250). Ressaltamos a importância do pesquisador no acolhimento, nas percepções dos sentimentos dos pesquisados, nas emoções sentidas no campo, no envolvimento, ou seja, o cuidado ético com seus interlocutores. Em seu trabalho, Kramer (2019) destaca a importância de considerar as reações dos pesquisadores diante de situações de maus tratos, negligência, deboche ou humilhações que podem ser observadas em contextos etnográficos. A autora ressalta que é fundamental refletir sobre como essas situações afetam os pesquisadores e como eles podem reagir de forma ética e responsável diante delas.

Além disso, a pesquisadora defende a concepção da criança como sujeito ativo e criativo, o que implica em compreendê-la como um agente capaz de produzir significados e de construir suas próprias narrativas. Para Kramer, esse princípio ético deve estar presente em todas as etapas da pesquisa, desde a concepção do projeto até a análise dos resultados, passando pela coleta de dados e pela relação estabelecida com as crianças envolvidas no estudo:

Questões éticas as afetam, como aos adultos, mas a devolução, as contribuições, as recomendações, as sugestões são dirigidas às crianças *e sobretudo* (grifos da autora) aos adultos, profissionais, instituições e políticas públicas que devem responder com ações práticas e políticas (KRAMER, 2019, p. 251).

Por meio do destaque acima, percebemos a preocupação da autora em relação ao

término da pesquisa. Então, quando ela acaba? É nesse vasto contexto que busquei um “agir ético”, como ocorreu quando lia, para Disson e Virgínia, o que escrevia. Teve um momento que lhes mandei um texto completo, para que Virgínia examinasse o que escrevi, pois ela possui o terceiro ano do ensino fundamental. Respostas ao que vimos, estudamos e observamos são sempre bem-vindas e fazem parte da ética na pesquisa. Tudo caminha em sintonia com as crianças que nos deixam fotografar, entrevistar, embora não sejam sujeitos de si. Por causa disso, é necessário reforçar o retorno ao campo como proposta responsável, pois a devolução faz parte da pesquisa.

Gabriela Scramingnon (2019, p. 63) nos convida a pensar sobre o conceito de ética como postura na pesquisa: “ao pedir autorização para iniciar um estudo, o pesquisador assume o compromisso da devolução dos dados obtidos durante as observações. Os termos de assentimento e consentimento são caminhos de entrada”. Em diálogo com Sônia Kramer (2019, p. 235), a autora enfatiza que existem três termos que devem ser discutidos quando se estuda infância: “nomes verdadeiros ou fictícios de crianças observadas ou entrevistadas; autorização do uso de imagens em fotografias, vídeos e filmes; implicações e impacto social de resultados de trabalhos científicos”. O que a autora menciona, ratifica tudo o que escrevemos e autores com quem dialogamos sobre ética na pesquisa. Sendo assim, em nossos estudos, optamos por colocar legendas com os verdadeiros nomes e a faixa etária das crianças. Ademais, narramos desde o momento quando o dedo indicador aperta o botão da câmera, ou do celular, até a escolha das fotografias para a produção textual.

Pelas explicações iniciais da carta da montanha e da observação do entorno natural que cresce e floresce perto dela, inferimos que, como na imagem, essa pesquisa contribuirá com os Calon: é mais um estudo de crianças com seus momentos lúdicos. Vale ressaltar que essa carta é também a de advogados, procuradores e magistrados. A justiça ronda o seu significado, como na cultura africana, em que a representação das rochas protege os justos, pelo deus Xangô, da justiça. O caminho talvez seja longo, muitas vezes com pedras, porém com a compensação na caminhada, mesmo tendo montanhas como obstáculos.

1.1.11 A carta 9, o ramalhete – O campo que floresceu

Em sua análise da carta cigana 9, também conhecida como a carta do ramalhete de flores, Batuli (1997) destaca que essa carta é um símbolo do altruísmo e da felicidade, transmitindo mensagens de otimismo e trazendo consigo uma sensação de contentamento. A autora também sugere que a carta pode ser interpretada como a terceira ponta feminina de um triângulo amoroso, representando a figura da amante. O ramalhete de flores, presente na imagem da carta, é um símbolo de carinho, de afeto e de dedicação, representando a importância do cuidado com os relacionamentos e a valorização dos momentos de felicidade.



De acordo com Batuli (1997), a simbologia da carta remete ao bem-estar, à felicidade e a tudo o que há de bom. A autora destaca que sempre que oferecemos flores, passamos por momentos agradáveis de agradecimentos, de conquistas, sejam amorosas ou não. A imagem da carta, com suas flores coloridas, desperta sentimentos bons e de contentamento.

Além disso, menciono que na mitologia africana, a carta representa Nanã, orixá mais velha do panteão africano, que simboliza a sabedoria e a capacidade de aconselhar. Assim como as flores de um ramalhete cuidadosamente selecionado, a carta do ramalhete de flores é uma representação do altruísmo, da felicidade e do cuidado nos relacionamentos, transmitindo mensagens de otimismo e trazendo consigo uma sensação de contentamento.

Como pesquisadora do campo cigano de Quissamã, dedico esta carta a Vítor Barreto, que floresceu em sua carreira como cantor e tecladista, assim como o meu escrito floresceu em Quissamã, após conseguir romper as amarras da pesquisa e superar a falta de diálogos por alguns interlocutores de Carapebus. Foi como encontrar um solo fértil e seguro, onde pude colher os frutos de um trabalho árduo e recomeçar do zero, estabelecendo novamente os primeiros contatos e desvendando os segredos que se escondiam em cada conversa.

Figura 4 - Acampamento Mathias, julho de 2021



Fonte: Acervo Pessoal



As imagens acima pertencem ao acampamento Mathias de Quissamã, onde atualmente ocorre a pesquisa. É neste acampamento que estudaremos as brincadeiras e o cotidiano das crianças Calon.

1.1.12 A carta 26, os livros – Estudando a história dos Calon

Segundo a Romanì Sibyla Rudana (1997), a carta 26 simboliza a possibilidade de estudos, projetos e investimentos, além de representar o cotidiano de plenitude, riqueza, segurança e estabilidade. Essa carta também está relacionada à intelectualidade e à preservação da história, tradições e descobertas para que não sejam esquecidas.

Desde tempos antigos, muitas invenções foram registradas em todo o mundo, como inscrições em cavernas e tumbas egípcias, por exemplo. Os livros, por sua vez, são importantes ferramentas que guardam histórias e registros dos povos, permitindo que as pessoas adquiram conhecimento.

Para ilustrar ainda mais a pesquisa, sou grata por ter encontrado duas mulheres Calin falantes, Virgínia Barreto e Cirlene Alves Rodrigues, que ilustraram melhor o assunto. Era 19 de abril de 2019. Conhecemos Virgínia Barreto, 37 anos. Naquele dia, escutamos o barulho de água caindo de um balde e o perfume de sabonete no ar, quando nos aproximamos de sua



barraca. Depois que Disson foi internado, durante a pandemia de Covid¹⁵, ela não podia mais viver na barraca, segundo a Calin. Atualmente, Virgínia possui casa de alvenaria. Até hoje, Virgínia é bem extrovertida. Naquela época, comentou sobre como chegou ao grupo, sendo uma mulher “brasileira”, como são denominados os não ciganos:

Eu não sou cigana verdadeira, tinha 13 anos de idade quando uma amiga me apresentou um cigano. Então, fugi com ele! Larguei tudo e já estou há vinte e um anos casada e muito feliz. Meus filhos são ciganos de verdade, nasceram num acampamento. Minha mãe nem se importou com a minha fuga, ela também namorou um cigano, só que não teve coragem de ir embora

A história de vida descrita revela uma jornada pessoal marcada por coragem, amor e a busca pela própria felicidade. Ao optar por fugir com o cigano aos 13 anos de idade, Virgínia deixou para trás uma vida convencional e embarcou em uma jornada cheia de desafios e descobertas. Ao longo dos vinte e um anos de casamento, a protagonista encontrou felicidade e realização ao lado de seu parceiro cigano. A convivência com a cultura cigana e o nascimento de filhos ciganos trouxeram uma riqueza e uma conexão profunda com a identidade cigana, apesar de não ser uma cigana verdadeira.

A atitude da mãe da narradora, que também teve um relacionamento com um cigano, mas não teve coragem de seguir o mesmo caminho, ilustra a complexidade das escolhas na vida. Cada indivíduo enfrenta suas próprias circunstâncias e desafios, e é importante respeitar e compreender as diferentes trajetórias.

Então, o importante neste contexto, é a realização pessoal e a felicidade encontrada na escolha de viver uma vida ao lado do amado cigano. A coragem de seguir o coração e abraçar uma cultura diferente trouxe uma jornada única e significativa, moldando a identidade da narradora e influenciando a vida de seus filhos. No final, o mais importante é buscar a felicidade e a plenitude pessoal, independentemente das normas sociais ou expectativas externas. A história apresentada mostra que a verdadeira essência da vida está na coragem de seguir nossos desejos mais profundos e encontrar a felicidade em nossas próprias escolhas.

¹⁵ Não foi internado por Covid, de acordo com Virgínia. Disson tem problemas de pâncreas.

Figura 5 - Virgínia Barreto, 2019



Fonte: Acervo Pessoal

Virgínia é mãe de Vítor Barreto e Vitória Barreto. Quando menciona que não é “uma cigana verdadeira”, quer dizer que não é filha de Calon. Ela sabe da dificuldade que uma Calin passa dentro de um acampamento para ser aceita por outras da comunidade. Quando resolveu fugir com o Calon Disson, teve o aval de sua mãe, que jogava cartas ciganas sem ser cigana, o que ocorre com muitas mulheres não ciganas.

Figura 6 - Cirlene Alves Rodrigues, 38 anos



Fonte: Acervo Pessoal

Cigano é um povo alegre, dona. Vida cigana é muito boa dona, gosto muito, é um lazer, é uma felicidade pra nós, nós tem a liberdade, nós igual a passarinho, nós gosta de liberdade. Nossa casas é diferente, não tem paredes, algumas tem, algumas não. Eu por exemplo não gosto de parede não, gosto assim aberto, muito livre, bonito. Nossos homens são bonzinhos, às vezes nervoso também, tem hora que sai do limite com nós (...) violência? Tem não, nós também somo muito ciumenta, quando eles querem tomar a cervejinha deles, nós briga de ciúmes. Entendeu? Nós fala palavra que não deve falar, maltratamos ué, filho de uma égua, filho de uma puta. Aí pega mal pra nós, pega mal pra eles, aí eles dão uma lição de moral em nós. Ah... de vez em quando eles dão uma tapinha em nós de amor... entendeu? Aí é tapas e beijos (leva a mão direita de um lado a outro perto de sua face). Apanha de dia e beija de noite (risos) e a gente vamos vivendo. (...) morte cigana? Teve não, nunca teve não. Eu mesmo vivo entre tapas e beijos. A gente briga de dia e beija de noite. (...) casada? Já fui casada e fiquei viúva. Aí eu vivo em Minas Gerais e truxe a menina pra ver a vó dela. Mas já morei muitos anos aqui, era tapas e beijos. Ele me batia de dia e me amava de noite (risos). E eu não queria que ele tivesse morrido não, pra gente viver esses tapas e beijos.

Esta entrevista também ocorreu no mesmo dia, por coincidência, em que a Calin estava em Mathias. A fala é de Cirlene Alves Rodrigues, 38 anos, ex-moradora do acampamento de Quissamã. Tornara-se viúva há pouco tempo. De fala cantada, como todos os Calon, a Calin mostrou a vestimenta com ornamentos pretos de viúva, mas com a claridade do branco, que o vento da vida balançava. Em Quissamã, nunca vi um vestido ornamentado de preto. A mulher

Calin, mais tarde, via mensagem *WhatsApp*, me confessou que é uma cigana que joga cartas ciganas.

Cirlene andava em busca de felicidade, mas guardava em sua memória a regra cultural: mulher cigana deve se envolver com homem cigano, para dar continuidade à etnia. De mãos inquietas, que afastam lonas para deixar passar o vento, a cigana se embala nele, por meio de alegria e de espontaneidade: “cigano é povo alegre, dona!”. Naquele dia, levava a filha para rever sua avó e aproveitava para exhibir seu melhor traje: branco, diferenciado das cores vivas do cotidiano e do preto do luto, que se mesclavam, exibindo que estava pronta ao vento, num espaço lotado de ciganos, que saíam para “breganhar”, como dizem. Naquele lugar, barracas com moradias de ciganos nômades mesclam-se às casas de ciganos com paredes de cimento. Uma cigana deve-se casar com outro cigano para o fortalecimento da identidade, confirmam as pesquisas. A literatura inglesa também escrevia sobre isso:

Assim como as coloridas ciganas desprezam os homens que não são ciganos, desprezam sua maneira de andar como cães, ela se encontrou desprezando essa gente. Qual deles seria capaz de lançar o desafio sutil e insinuante capaz de atingi-la? Ela não queria se unir a um cão dócil (LAWRENCE, 1985, p. 63).

O autor discorre sobre o não envolvimento das ciganas com homens não ciganos, além de ressaltar as vestes coloridas ciganas. Já mencionamos que os ciganos formam um mosaico de grupos diversificados. No entanto, mesmo com toda essa diferença, tentam manter a união e a solidariedade entre eles. Cada grupo com sua característica própria, respeitando-se mutuamente.

No caso acima, Cirlene está à procura de um amor. Não pretende seguir a tradição. Conforme ela já me disse, casaria com um não cigano, se assim fosse. Há pouco tempo, a cigana apareceu na casa de Virgínia para jogar suas cartas, mais tarde falaremos a respeito, mas fiquemos apenas com esta frase da Calin: “Cigano é um povo alegre, dona.”.

1.1.13 A história dos Calon

Como surgiram e de onde vieram os ciganos?

Apesar das críticas de alguns autores que afirmam que a linguística histórica não é suficiente para determinar a origem étnica de um povo (FRASER *apud* CARDOSO, 2018), ainda assim, atualmente, os ciganólogos e os historiadores, apoiados em evidências

linguísticas, admitem que os ciganos teriam saído do território indiano, em sucessivas ondas migratórias, e se espalhado por todo o Ocidente, em diferentes nacionalidades (MOONEN *apud* CARDOSO, 2018).

Aprender sobre a origem dos ciganos não é mais importante do que saber sobre os estereótipos e as perseguições pelas quais passaram, e ainda passam. Teixeira (2007) destaca que a história dos ciganos é rica e diversa, uma vez que é formada por um mosaico étnico de diferentes grupos que possuem suas próprias tradições, línguas e costumes. O autor afirma que essa diversidade étnica é um fator fundamental para a compreensão da cultura cigana, uma vez que cada grupo traz suas próprias contribuições para a formação da identidade. Teriam chegado ao Brasil num nomadismo compulsório, obrigados por conta de expulsões sofridas noutros territórios. Esses grupos itinerantes vieram de Portugal no início do “descobrimento”, enviados pelo rei de Portugal: “[...] a documentação conhecida indica que sua história no Brasil se iniciou em 1574 quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados para o Brasil” (TEIXEIRA, 2007, p. 11).

Para Cardoso (2018), dentre as diversas suposições sobre a origem dos povos que são genericamente conhecidos como ciganos, a teoria mais aceita é baseada em estudos linguísticos, os quais afirmam que eles seriam originários da Índia, por volta do ano 1000 D.C. Já a origem do termo cigano seria uma denominação genérica inventada no Século XV, na Europa Ocidental (MOONEN *apud* CARDOSO, 2018). Desde seu surgimento, afirma a pesquisadora, era utilizado com conotação negativa para descrever estrangeiros.

Até hoje não existe espaço e políticas públicas específicas para ciganos na sociedade brasileira. Eles não são reconhecidos como parte da construção do povo nacional. Alguns não se consideram como parte da sociedade brasileira, em geral. Foram forçados a fluxos migratórios desencadeados pela necessidade de comercializar para sobreviver. Nômades, por força não de vontade, e natos comerciantes. Desse modo, os deslocamentos muitas vezes se davam por causa dos donos de terra que não lhes permitiam acampar, com receio de perder suas propriedades. Outros preferem o sedentarismo, com receio da crueldade que uma propriedade privada pode provocar diante de uma equivocada situação de ameaça.

A cultura cigana é rica em memória e arte, e sua prática é ancestral. Como uma comunidade tradicional, seus saberes são transmitidos oralmente ao longo da história, o que justifica a preservação de seus costumes e valores étnicos. De acordo com Shimura (2019), existem três grandes grupos étnicos: Sinti, Rom e Calon, cada um com inúmeras subdivisões e peculiaridades linguísticas, culturais e religiosas. Isso significa que cada grupo possui diferentes

autodenominações baseadas em sua própria identidade étnica: os Calon se autodeclararam como Calon, os Rom como Rom e os Sinti como Sinti.

Teixeira (2007, p. 20) acrescenta que os ciganos são compostos de três principais grupos étnicos: *Rom*, da Europa Central, em maior quantidade pelo país; os *Sinti*, da Alemanha, Itália e França; e os *Calon*, “da Península Ibérica, onde ainda são numerosos, [que] migraram para outros países europeus e da América. Foi de Portugal que vieram para o Brasil, onde são o grupo mais numeroso”.

Muitos estudiosos pesquisaram sobre o grupo étnico Calon. Vale ressaltar que este foi o primeiro a ter registros no Brasil. A etnia de Quissamã-RJ, *locus* da presente pesquisa, é Calon. Segundo Bareicha (2013, p. 13), “os *Calon* podem ser encontrados divididos entre *Calon* portugueses e *Calon* espanhóis e no nosso país são nomeados *Calon* baianos, *Calon* mineiros, *Calon* gaúchos e assim por diante, conforme a sua região”. Figueiredo e Monteiro (2020, p. 346) ratificam que “ser cigano *Calon* pode ser considerado, em aspectos de modo de vida, diferente de ser cigano Rom, assim como ser um indígena Potiguara possui aspectos da vida e cosmologia diferentes de ser um indígena Kaiowá”.

Embora não pretendamos entrar profundamente no assunto de etnia, conversaremos com Poutignat (2011), que explica o conceito de grupos étnicos. Segundo o autor, existe certo processo de organização social que difere o que somos nós e o que são os outros. São processos de inclusão como também exclusão, estabelecendo limites com os de dentro e os de fora. Tais distinções diferem os que estão dentro, ou não. Os grupos étnicos são definidos por uma herança cultural comum em que se juntam para a manutenção de costumes. Vale ressaltar que o passado histórico de uma comunidade passa por transformações contínuas de hábitos. Dessa forma, não existem grupos que sejam considerados puros: o que prevalece é um sentimento de pertença. “Assim como não pressupõem uma real atividade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma atividade comunitária” (POUTIGNAT, 2011, p. 38).

Poutignat (2011) também aborda a ideia de que a existência de determinados elementos culturais e tradições depende da crença subjetiva compartilhada por aqueles que as colocam em prática. Isso significa que, para algumas comunidades, a continuidade de determinadas práticas e tradições depende da convicção que seus membros têm de sua importância e significado. Nesse contexto, o autor destaca a importância da língua e da religião como elementos que desempenham um papel fundamental na preservação dessas tradições. No caso dos Calon, a língua que eles compartilham é vista como um elemento de defesa contra influências externas, já que permite que eles se comuniquem de forma efetiva e que mantenham sua identidade cultural.

Assim, o autor destaca que a língua e a religião não são apenas aspectos culturais isolados, mas sim elementos interdependentes que contribuem para a manutenção das tradições e da identidade de uma comunidade. Isso mostra como a cultura é um fenômeno complexo e dinâmico, que está em constante evolução e transformação, mas que, ao mesmo tempo, depende da preservação de certos elementos fundamentais para se manter viva ao longo do tempo.

Os ciganos não correspondem a um povo homogêneo, pois esses indivíduos possuem costumes e heranças distintas. O modo de viver dos Rom e dos Sinti não passa nem perto dos costumes que permeiam os Calon. Não existe um só indivíduo cigano: existem outros grupos de ciganos, que se diferem entre si, como também não existe um só grupo indígena ou até mesmo quilombola.

1.1.14 O *chibi* é o elo – Invisibilidade dos ciganos

Em relação ao idioma, o *chibi*, é velado aos não-ciganos, sendo falado somente entre eles. Não existe uma escrita específica, a não ser alguns vocabulários que por aí circulam. Vale seguir pela oralidade do Calon Disson: “o *chibi* de Quissamã é diferenciado de outros acampamentos por perto e de outros lugares”. A língua é um meio de defesa face aos ataques estereotipados de quem não conhece essa etnia. Quando querem se comunicar entre eles, para que os *gadjes* (não ciganos) não entendam o que dizem, usam o *Chibi*. Quando mencionei que Luzia, a cigana de Carapebus, e seu esposo falavam de mim numa língua estranha, mais tarde descobri ser o *Chibi*.

Para acrescentar mais informações sobre a língua *Chibi*, conversaremos com Monteiro (2018, p. 5): “podemos compreender que a língua faz parte da compreensão do próprio sujeito cigano como pertencente a um grupo, tomando a ideia que o *Chibi* é o elo de primazia da comunicação e aprendizagem, conector entre sujeitos ciganos”. A veracidade étnica é dada pela aprendizagem e pelo conhecimento da língua, desde a infância: “o *Chibi* então arremata nos sujeitos que o compartilham o sentido de serem pertencentes ao mesmo grupo” (MONTEIRO, 2018, p. 5).

Em relação ao quantitativo de Calon pelo Brasil, Jucelho Dantas¹⁶ argumenta que os censos demográficos brasileiros nada informam sobre os ciganos. Ainda hoje, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não se disponibilizou a colocar os ciganos no censo como

¹⁶ Jucelho Dantas é cigano da etnia Calon, professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Tem formação em agronomia, mestre em Ciências Agrárias e Doutor em Zoologia. Atualmente coordena a Associação dos Docentes da UEFS e é o atual representante do Povo Cigano junto a Sespct/Sepromi-BA. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Re_mPFbPhpc. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

uma outra opção étnica, assim como fez com os quilombolas e indígenas. Localizam os ciganos à margem de um processo identitário, o que é acompanhado de um silenciamento em relação a esse povo – talvez pelo grande folclore, como a ideia de que “cigano mata e rouba criancinhas”. Até hoje, quando algum cigano comete um delito, é condenado antecipadamente por conta de estigmas, estando à mercê dos estereótipos. É bem verdade que esses nômades, muitas vezes com nomadismo forçado, caminham à margem da sociedade e, por isso, não podem ser contados no censo.

Com base na história oral, de acordo com o Calon Jucelho Dantas (2020), tem-se que os *Rom* e os *Sinti* chegaram ao país na segunda metade do século XIX, na época da abolição da escravidão (1888), a partir da necessidade de mão de obra. Chegaram muitos ciganos com instrução acadêmica, estabelecendo seus comércios e escondendo sua etnia. Foram tratados como comerciantes ladrões, sendo extremamente rejeitados. Decerto, são povos que contribuíram na construção da nação brasileira.

De acordo com Dantas (2020), havia um certo desconforto entre as etnias, não existindo qualquer identificação entre elas. Nos anos 1980, os três grupos começaram a se relacionar. Devido ao processo de inclusão como um só povo, e imbuídos nas políticas de ações afirmativas e políticas de Igualdades Raciais, esses três grupos mantêm desde então um relacionamento mais estreito. Neste sentido, diferenças étnicas não são mais importantes do que ações afirmativas para esses indivíduos. No Brasil, não são amparados por uma lei específica. “No entanto, na Constituição Federal de 1988, existem artigos que, por extensão, dizem respeito também às minorias ciganas [...]” (MOONEN, 2008, p. 5).

Após anos de invisibilidade, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva firmou o Dia Nacional do Cigano, em 24 de maio, assinalando-o também como o dia da padroeira dos ciganos, Santa Sara Kali¹⁷. Segundo Monteiro (2018, p. 359), esta data foi comemorada pela primeira vez em 2007, com uma programação especial da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial “que visava trazer à cena a diversidade do povo brasileiro”. Esse foi um dos primeiros avanços, hoje, no entanto, adormecido: não houve, nos últimos anos, projetos de Leis que contemplassem os povos ciganos. Vale mencionar, em contrapartida, que Luís Inácio Lula da Silva foi eleito para governar o Brasil a partir de 2023 e a esperança é que o presidente eleito faça aprovar os projetos de Lei que se encontram parados e visam a

¹⁷ Decreto de 25 de maio de 2006. art. 84, inciso II, da Constituição. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/dnn/Dnn10841.htm. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

estabelecer benefícios para esses povos.

1.1.15 A carta 19, a torre – Reinventando a etnografia em meio à pandemia

Ana Kátia Pereira Pinto (2010, p.97) afirma que a carta "Prisão" é a mais temida do baralho cigano. Por outro lado, Sibyla Rudana (1997, p. 67) argumenta que a carta "Torre" simboliza introspecção e fechamento em si mesmo, podendo representar isolamento motivado por doença. No entanto, essa carta também pode ser interpretada como uma busca pelo eu interior e equilíbrio para a elevação espiritual.

A simbologia da carta interage com o contexto da época, especialmente com a pandemia do Coronavírus 19. Durante o período de isolamento, muitas barreiras foram montadas nas cidades e nos municípios, incluindo em Quissamã, onde realizei meu trabalho de campo com as crianças Calon. Como pesquisadora e professora, precisei me reinventar e encontrar novas maneiras de interagir com os sujeitos de campo, evitando o contato físico e utilizando imagens e vídeos como uma metodologia eficaz. Mesmo diante das dificuldades, a pesquisa continuou e a mensagem primordial da carta "Torre" - a paciência de esperar por dias melhores - foi fundamental para superar esses desafios.



As dificuldades das comunidades ciganas e o acesso das crianças à escola, durante a pandemia do Covid-19, não foram divulgadas pelos jornais brasileiros. É importante mencionar que somente os militantes com formação universitária dessa etnia lutaram por justiça. Vale ressaltar que as instituições de ensino fecharam e dependeram da tecnologia para continuar suas atividades pedagógicas, sem poder ter o contato físico com os alunos. A prefeitura de Quissamã nunca apoiou o grupo étnico Calon, viabilizando acesso tecnológico, através de políticas públicas exclusivas para os ciganos. Apesar de tudo, em relação à pesquisa, tínhamos que tentar, de qualquer maneira, a comunicação com eles, principalmente, pelos seus próprios celulares, cujas câmeras não produziam boa visibilidade.

1.1.16 Brincadeiras com bonecas doentes de Covid-19

A menina Calin Vitória me mandou um vídeo. Nele, falou para mim: “Oi tia, é a minha

boneca. Vou colocá-la para dormir. Preciso levá-la ao médico, pois ela pegou coronavírus e estou preocupada”. Isso me fez perceber que havia indícios brincantes, ou seja, que minha pesquisa caminharia para o brincar das crianças Calon de Quissamã, algo que não havia notado até aquele momento. “Ela tem um ano e dez meses. Ela está com dor de cabeça, está com febre e com falta de ar assim.” De imediato, para alguns, parecia ser uma fala ingênua e desinteressante, mas não foi o que aconteceu¹⁸. A fotografia enviada, também rejeitada, inicialmente, deveria ser reaproveitada, trabalhei-a num aplicativo de imagem. Na foto abaixo, e na própria fala de Vitória, vemos como a pandemia modificou nossos modos de pesquisar, definindo, inclusive, novas reproduções. O que pareceria para outros uma fala insignificante, tornou-se assunto principal de pesquisa.

Figura 7 - Vitória Barreto, 11 anos



Fonte: Acervo Pessoal

Em relação aos meus interlocutores, alguns contatos surgiam em dias esporádicos com a família Barreto. Virgínia tem acesso ao celular por ser não cigana, mas não era sempre que conseguia pegar no aparelho, pois ele pertence a Disson, seu esposo. Dessa forma, a minha pesquisa ficou carente de dados por um tempo.

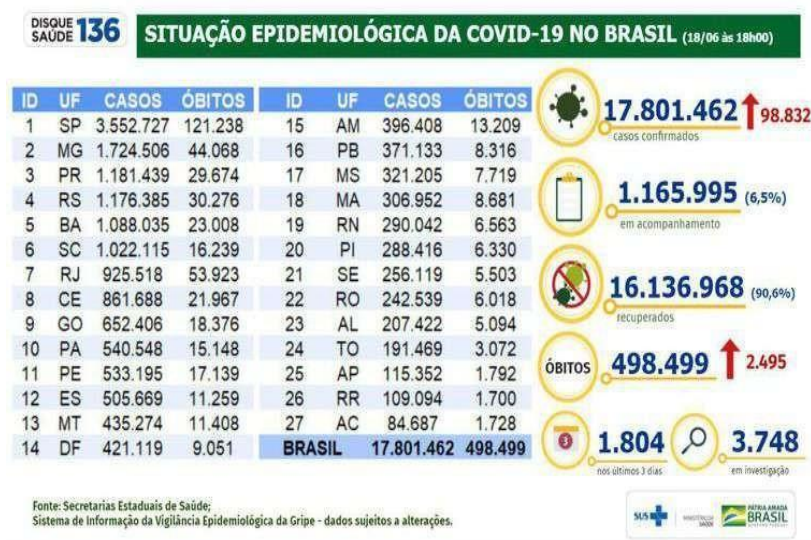
Nesse contexto pandêmico, segui com Boaventura de Souza Santos (2020, s.p.) quando

¹⁸ Mensagem e foto, via *Whatsapp*, no dia 22 de junho de 2021.

ratificou que teríamos que nos adaptar ao que estávamos vivendo: “A pandemia e a quarentena estão revelando que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando isso é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. Naquela época, ainda estávamos no governo de Jair Messias Bolsonaro, chamado por muitos de genocida por conta da forma com que estava lidando com a pandemia, negando a vacina. Isso também exigiu dos pesquisadores muitas transformações para se tornar possível dar continuidade às pesquisas acadêmicas.

1.1.17 O contexto epidemiológico da época da escrita

Figura 8 - Situação epidemiológica no Brasil, junho de 2021



Fonte: Ministério da Saúde

A pandemia era também social, atingia os mais vulneráveis. Santos (2020, p. 236) explica que ela estava “revelando que os grupos populacionais que historicamente foram negligenciados [...] estão entre os mais atingidos, especialmente [expostos] ao maior risco de óbitos”. Entre esses grupos, estavam os moradores de periferias, os povos quilombolas, indígenas e também os povos ciganos.

Na ocasião em que a *romani*¹⁹ enviou-me a mensagem, havia mais de 328 mil pessoas mortas por conta da doença. Número que certamente seria menor, se não fosse o negacionismo, o ataque à ciência e o projeto de morte do então presidente Jair Bolsonaro.

¹⁹ Termo usado pelo grupo Rom (cigana)

Como destacaram Barbosa, Santos e Ribeiro (2018), a cultura contemporânea tem proporcionado diferentes usos das tecnologias móveis no âmbito da educação, tais como a utilização de celulares, *smartphones* e *tablets* na pesquisa e na formação de professores. Deste modo, esses recursos tecnológicos possibilitaram situações de aprendizagem nas quais os sujeitos interagem e aprendem em mobilidade e ubiquidade, possibilitando novos modos de produção de saberes.

Nesse cenário, ao articularmos essas tecnologias com a pesquisa-formação na cibercultura, o *app-learning*, modo como chamamos os *saberesfazer*s provenientes do uso de aplicativos nos processos de *aprendizagem* *ensino*, também pode ser utilizado nas pesquisas como dispositivos que registram, através da escrita, da fotografia, de áudios e de vídeos, o que é vivenciado na pesquisa. Refletindo sobre esses usos, o aplicativo WhatsApp Messenger foi utilizado como diário online no processo formativo de uma pesquisa-formação na cibercultura no contexto do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC) (BARBOSA, SANTOS e RIBEIRO, 2018, p. 10).

Barbosa, Santos e Ribeiro (2018) destacam que, no *WhatsApp*, as narrativas podem ser revisadas e publicadas a partir da bricolagem com a pluralidade de vozes que habita o espaço em relação com as inspirações epistemológicas e metodológicas do pesquisador.

Na mesma linha de reflexão, Caputo (2018) se refere ao *app-ethno researching* e aos inúmeros modos de fazer etnografias com aplicativos. Especificamente, menciona o *WhatsApp* e o *Evernote*, tudo isso muito antes de uma pandemia praticamente nos impedir de estarmos no campo de pesquisa, trocando, sentindo, cheirando, experimentando. O que antes era tanto uma escolha, como uma multiplicidade de possibilidades de realizar as etnografias, com a pandemia, o uso dos aplicativos se tornou quase a única possibilidade e, talvez, sem exagerar, a salvação de nossos trabalhos. Desse modo, blocos de notas feitos em cadernos de espiral, blocos de notas digitais, aplicativos de gravadores, fotografias e vídeos, canetas, lápis, tudo misturado na prática etnográfica, transformaram-se em importantes instrumentos de pesquisa, antes da pandemia. Como então, retornar o contato com a família Barreto durante o isolamento social?

Para começar, é certo mencionar que as unidades familiares ciganas são numerosas. Como manter a orientação da ciência, proteger nossos sujeitos de pesquisa e a nós mesmos e, ainda assim, cumprir os prazos de pesquisa? Como manter notas, diálogos, trocar impressões e mesmo vídeos e fotografias? A solução encontrada foi ampliar a prática etnográfica: o registro, em dispositivos etnográficos, da troca de informações, combinações de pesquisa, visitas, eventos importantes, entrevistas e conversas.

1.1.18 A entrada em campo em momentos conturbados

Era necessário dar continuidade à pesquisa. A máscara e o álcool gel eram os únicos apetrechos de salvação frente ao coronavírus, naquele momento, pois não existia a vacina. A imagem abaixo nos dá uma noção das barreiras sanitárias montadas em todo o nosso país. O nosso carro foi parado na entrada da cidade porque não podíamos entrar. Mas, como estava sem muitos dados de pesquisa e a comunicação com eles estava ficando difícil, precisava ir a campo, pois estava sendo cobrada por mais dados.

Figura 9 - Portal de entrada do município de Quissamã - RJ



Fonte: Acervo pessoal

Era 17 de abril de 2021, e a mãe da Calin Larissa, que estava lendo a sorte pelas mãos, na Bahia, ficou entubada e faleceu. Então, os ciganos ficaram mais preocupados com a doença e partiram para o uso da máscara. No momento da entrada na cidade, fui interceptada pelo guarda César²⁰, que me perguntou o que estava fazendo no município. Disse-lhe ser pesquisadora e o policial fez comentários preconceituosos em relação aos Calon: “dona, quer saber sobre eles? Eles têm Hilux (marca de carro caro) na garagem e Gola, o dono do

²⁰ Nome fictício

acampamento, é muito rico. Eles não são pobres não, são muitos espertos”. Não debati muito. A fala do guarda, por si só, comprovara meus estudos. Segui adiante. Depois, contei ao Calon Disson sobre o ocorrido. Imediatamente, quis saber o nome do policial. “Ele tá devendo nós dinheiro emprestado, deixa ele com o Gola, que vai cobrar tudo dele”. Entendi perfeitamente o seu comentário, depois descobri que o profissional devia dinheiro ao chefe do acampamento.

Figura 10 - Portal de Quissamã, depois da vacina



Fonte: Acervo pessoal

Naquele dia, levei um questionário, elaborado a pedido da orientação, para entrevistar as crianças e saí com alguns dados para seguir com a pesquisa. Foram momentos conturbados, difíceis, mas deram certo. Saí do campo com as falas gravadas de muitas crianças, as quais responderam ao questionário que levei. Hoje, no entanto, sei muito bem do risco que passe.

1.1.19 A carta 13, crianças – Meninos e meninas Calon

A carta número 13 do baralho cigano é de extrema importância em qualquer pesquisa que envolva a infância. Ana Kátia Pereira Pinto (2010) utiliza essa carta para convidar Batuli (1997) a refletir sobre as crianças. A cigana afirma que dentro da comunidade cigana, o nascimento de uma criança é motivo de grande celebração, especialmente se for do sexo masculino e mais ainda se for o primeiro filho do casal, pois isso pode mudar a condição social dos pais. Sibyla Rudana (1997) complementa que a figura da criança simboliza a pureza de sentimentos, esperança e otimismo.



É importante destacar que os recados das cartomantes mencionados acima se referem principalmente ao consulente que está participando da leitura do baralho.

Para mim, a carta 13 representa um sentimento de bem-estar e a utilização de energias criativas, pois as crianças têm essa capacidade. Vale lembrar que, na cultura africana, a proteção das energias ligadas à infância proporciona alegria e seus deuses são denominados Ibejis.

Antes da pandemia de Covid-19, em 19 de abril de 2019, momentos importantes da minha pesquisa em Carapebus deram início aos primeiros escritos. É importante salientar que esses escritos foram coletados antes da pandemia e abrangem somente as crianças Calon, de acordo com a carta 13.

No acampamento de Carapebus havia uma bebê, neta de Luzia. Junto estava sempre uma criança com a sua *bike* reclamando que “não adianta me perguntar nada de cigano, pois eu não sei nada”. Até aquele momento, a única criança Calon daquele acampamento. Com ele, não foi nada fácil o primeiro acesso. Aliás, não houve diálogo, por mais que eu tentasse. Eduardo, de dez anos, neto de Luzia, sempre argumentava que nada sabia de cigano, estava amparado por seus avós. Depois da pandemia, Eduardo já não estava mais com pensamentos infantis, preparava-se para arranjar um casamento. Sempre passou rápido pelas pesquisas. Nunca se aproximou.

Figura 11 - Eduardo Soares, 9 anos



Fonte: Acervo pessoal

Eduardo, hoje, não está mais com esse rosto infantil, cresceu muito. A imagem do menino Calon retorna à época anterior à pandemia, em Carapebus. Naquele momento, quando já estava quase indo embora, perguntei à Luzia se podia entrevistar as pessoas que moravam na barraca mais abaixo. Tinha que sair dali ao menos com algumas observações com as crianças do acampamento. Foi quando Diana Soares, de onze anos, e Moisés, de três anos, filhos de Daiane Soares, depois descobri ser Branquinha, de 38, que me receberam. Luzia, depois descobri chamar-se Nóia, nada respondeu, mas Daiane, mãe de Diana, me chamou para dar entrevistas. Encontrei as crianças e seus pais sentados em quatro cadeiras de plástico, na rua que corta o acampamento deles. Conversavam tranquilos, como se aquilo fosse parte de seu cotidiano. Quando me viram, Diana veio ao meu encontro. A menina Calin trajava um vestido longo, coral, de alças e fitas em volta da bainha do vestido. O tecido fino era formado de cores contrastantes e fortes. Colocou as cadeiras no local planejado por ela, antecipadamente, para conversar comigo. Pelo que percebi, trata-se de lugar costumeiro, onde sempre brincava, um terreno vazio em frente à barraca deles. A mãe conseguia vê-los dali. Isso é o mais importante para eles: observar seus filhos de perto. Existiam dois arbustos com uma bela sombra,

conversamos. Eram as mesmas afirmações ou negações curtas, rosto cabisbaixo, exatamente como conheci Diana. Quase não havia diálogo. A menina Calin tem muita vergonha, até hoje. Eram, então, duas crianças que não queriam falar sobre seu povo. Depois de tanto frequentar o acampamento, descobri que faz parte dos ensinamentos dados por seus pais manter distância dos não ciganos. Seus pais também aprenderam tal ensinamento com seus antepassados.

Figura 12 - Alessandro Soares, 14 anos



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019

Lembremos que o caminho com as primeiras crianças da pesquisa, em Carapebus, estava difícil. Então, resolvi partir para o bairro Limeira, muito próximo dali. O local era a Rua Projetada, lote 6. Lá, existia uma barraca com três homens Calon. As mães não estavam presentes. Segundo os esposos, foram ao banco, mas, hoje, sei que estavam trabalhando na leitura da mão, pois as mulheres ajudam no sustento da família. Identifiquei-me e pedi permissão de conversar com as duas crianças que lá estavam. Alessandro, de quatorze anos, e Michael, de seis. Seu pai se chamava Valdemar e me autorizou a fotografá-lo. O pai de Michael disse que dependia da autorização da mãe, que não se encontrava no momento. Pelos conhecimentos que adquiri, sei que o pai é o que permite algo que está fora de seus costumes. Perguntei o que gostavam de fazer. Alessandro respondeu que gostava muito de brincar, de andar de bicicleta e também gostava de brincar de polícia e ladrão. Brincar. Sempre respondem que gostam de brincar quando ainda não estão prontos para arranjos matrimoniais. Um fato

curioso, agora que revejo estas escritas: o Brincar mais uma vez caminhou comigo pelas respostas das crianças, mas só foi percebido bem mais tarde.

Quando indaguei sobre seus estudos, disse-me que estudava na Escola Municipal Luiz Carlos Fragoso, que acordava às 6h:30min para ir à escola e saía às 11h:30min, com o almoço. Narrou cronologicamente seus passos durante o dia. Chegava em casa a tempo de ajudar o pai a plantar. Não vi plantações. Agora sei que não costumam plantar, mas comercializar bugigangas. Quando perguntei se ele se identificava na escola como um menino de etnia cigana, disse que todos os seus colegas sabiam de sua origem e agiam naturalmente, sem nenhuma curiosidade ou preconceito.

Michael, com cinco anos, parecia admirar Alessandro, pois sempre tinha seus olhos voltados para o primo. Com sua voz rouca e infantil, mencionou que tinha uma irmã de doze anos, Renata, mas que havia saído com sua mãe para ir ao banco. Hoje, sei que deveriam estar lendo as mãos de não ciganas pelo centro da cidade.

Depois, perguntei a Alessandro sobre aquilo o que não gostava de sua comunidade: “ficar num lugar só enjoa. Fica muito ruim”, respondeu-me. A família é nômade. Eu ainda encontraria Alessandro mais uma vez, antes que ele partisse com sua família para um acampamento em São Paulo, mas a pandemia atrapalhou. Há pouco tempo, comuniquei-me com o menino via *Whatsapp*, mas não tive outro contato com a família. Quando uma comunidade é itinerante, caso se queira continuar a pesquisa, é necessário acompanhá-la e, muitas vezes, eles mesmos procuram não mais se comunicar. Somente gostaria de saber sobre Michael, se ainda admira Alessandro.

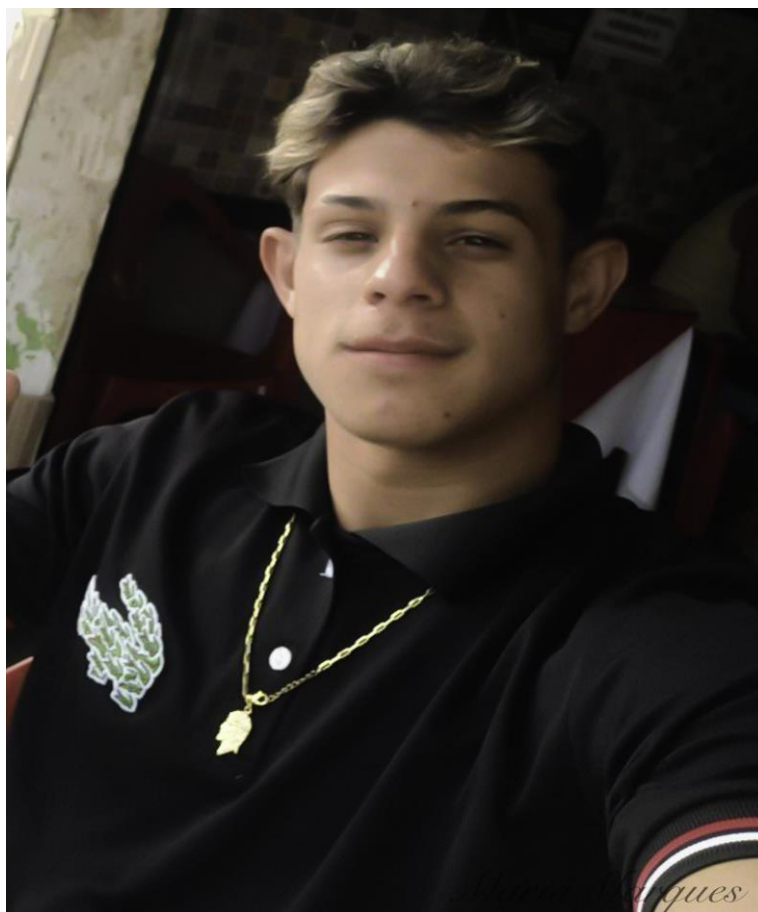
Alessandro Soares, hoje, mora num acampamento em Marataízes, no estado do Espírito Santo. Disse-me que ainda não se casou. Entrou em contato comigo e me convidou para ir ao acampamento deles. Enviou-me sua imagem atual²¹.

O relato revela a natureza nômade e em constante movimento dessa comunidade. Ao questionar Alessandro sobre o que ele não gostava em sua comunidade, ele expressa o sentimento de ficar em um lugar por muito tempo, enfatizando que se torna enjoativo e ruim. Essa perspectiva revela a importância da mobilidade e da busca por novos lugares na vida dos ciganos. Tal fato demonstra a complexidade e a fluidez da vida em algumas comunidades ciganas, caracterizadas pela mobilidade, pela adaptação a diferentes ambientes e pela importância dos vínculos familiares. Essa experiência enriqueceu a compreensão sobre essa

²¹ Alessandro me enviou essa imagem pelo *Telegram*, em 23 de janeiro de 2023.

família e evidenciou a importância de valorizar e respeitar as diferentes formas de vida e perspectivas

Figura 13 - Alessandro Soares, 18 anos



Fonte: Acervo pessoal

Essa é a imagem atual do menino-Calon Alessandro. No início da pesquisa, ainda sem a pandemia, durante as fotografias que fazíamos, Alessandro Soares, de 14 anos, disse: “eu gosto da nossa língua, do cantar da nossa língua. É uma coisa que só a gente sabe”. Realmente eles cantam enquanto falam, são melódicos. Quando vou a campo, retorno impregnada de seu modo de falar e, sem perceber, a fala melódica toma conta de mim.

Monteiro e Goldfarb (2017, p. 27) dão conta da fala do menino-Calon. Em seus escritos, enfatizam que “o cotidiano, junto aos valores culturais correlatos, é vivido, compartilhado, ensinado, fazendo parte do processo de educação das crianças, que vão aprendendo o que representa ser um Calon/Calin, em oposição a um não cigano/não cigana”.

De acordo com as pesquisadoras, desde cedo as crianças aprendem a linguagem para dar sempre uma resposta certa, no caso de intolerâncias. Aprenderam a conviver com as pessoas que encontravam em cada morada que paravam. Segundo as autoras, os Calon sabem diferenciá-los de um não cigano; sabem fazer negócios, cortejar meninas, valorizar o ouro, assim como as meninas vão aprendendo a se enfeitar, se embelezar e apreciar bons calçados, uma boa peça de ouro. Elas também aprendem a cortejar alguns meninos como possível marido para um futuro próximo.

No contexto de nossa pesquisa, verificamos que os meninos, desde cedo, aprendem a comercializar e podem acompanhar o pai em suas andanças, seja para vender carros, relógios, ferramentas ou passarinhos. Compreendem que a tarefa de sustentar a família será deles e farão isso basicamente comercializando. Talvez seja por isso que Alessandro Soares goste também de matemática: “eu gosto de matemática, acho fácil, mas quando crescer queria trabalhar na farmácia, vender remédio”, discorreu o menino. Esta fala já sinalizava a arte de comercializar para se transformar num excelente empreendedor Calon.

1.1.20 A família Barreto – Principais interlocutores da pesquisa

Para pesquisar em um acampamento cigano, como em toda etnografia, é preciso termos a confiança de nossos interlocutores. Encontrar uma família que nos receba com carinho, também é fundamental. Sem isso, é praticamente impossível o contato. A de Virgínia me acolheu e agradeço sempre a eles. Até os dias de hoje, mesmo com a pesquisa já finalizada, nos encontramos. Eles fazem parte de minha família, passaram a confiar em mim e no meu esposo, que sempre me acompanha ao campo. Caso não seja assim, pensam que iremos menosprezá-los. Mas tudo isso tem um sentido, afinal, nossa história é uma história colonial e de muita perseguição e desprezo aos ciganos. Confiar em “brasileiros”, para eles, é algo difícil.

Os estudos da portuguesa Maria da Conceição Ventura (2004) apontam que os ciganos, desde os fins do século XV, devido ao seu estado de nômades, precisaram lidar com muitos estereótipos, tais como ladrões, bruxos, e toda a associação a povo de malfeitores, dotado de práticas e costumes estranhos. Por causa disso, a sociedade não cigana elaborou medidas para garantir a paz e se abster dos ciganos, encontrando um modo de manterem as suas expressões culturais diferenciadas. Saber trabalhar com o metal passou a ser o diferencial de alguns *romani* (cigano).

Os ciganos são pessoas de muito talento, sabem trabalhar o metal com perfeição. Stefanovsky (2015, p. 232) afirma que conhecem como “forjar utensílios e armas em metais”.

Esses dotes artesanais são somente deles. Um *gadjo* (não cigano), por exemplo, não o faz com tamanha perfeição. Devido a tantas perseguições, segundo a autora, os ciganos partiram para ter sua própria moradia e muitos deles resolveram sedentarizar-se. Tal fato fez com que esse povo abandonasse muitos de seus costumes e de suas relações étnicas.

Segundo Ventura (2004), alguns ciganos escondem a sua origem étnica. De acordo com a autora, os ciganos amam ser livres e não aceitam imposições senão de sua própria comunidade. Desse modo, o estereótipo dos ciganos começa a tomar corpo e expande-se em vários aspectos, chegando a incluir certa visão romantizada do grupo. Para que os ciganos nômades pudessem conviver com indivíduos que não pertencessem à sua etnia, foi necessário criar outras posturas comportamentais em resposta às intolerâncias: aprenderam a conviver com as pessoas que encontravam em cada morada que paravam.

Um dia, questionei como era a rotina de Virgínia:

Normal. Eu levanto, escovo os dentes e vou fazendo a comida. A comida de cigano é vinte quatro horas no fogo, é toda hora. É tradição da gente não ficar parada, toda hora ficar se movimentando. Então acaba aquela comida, você fica preocupada se vai chegar alguém com fome e faz mais. Entendeu? É assim. A minha barraca, graças a deus, toda hora tem gente comendo. Eu nunca faço a conta, sempre faço a mais, com medo de chegar alguém com fome. Olha, é uma rotina normal. Nove horas da manhã a comida tá no fogo, três horas da tarde, de novo. E aí vai²².

No início, não tínhamos confiança mútua. É importante notar a palavra "normal" na resposta da Calin. Ela quis dizer que os ciganos se comportam de forma normal, assim como os não-ciganos. Virgínia é um exemplo de uma pessoa não cigana que se tornou completamente Calin e adotou todos os costumes. A única diferença é a falta de parentesco sanguíneo. Devemos estar atentos aos detalhes do campo e evitar estereótipos ocidentais sobre os ciganos. Em minha pesquisa, observei semelhanças em relação ao que já sabia, mas também encontrei muitas diferenças. Quando cheguei ao acampamento, vi um conjunto de barracas e mulheres alegres vestidas com roupas multicoloridas, sem nenhum vestígio de misticismo, ali senti a pesquisa começar, realmente.

Em Quissamã, no mesmo dia em que estive em Carapebus e em Limeira, conheci a família Barreto. Virgínia, Vitória, de 10 anos, e Víctor, de 17 anos. Edson Soares, o pai; a nora, que veio de acampamento em São Paulo e Ana Clara, 13 anos, prometida em casamento a Víctor. Hoje, Víctor e Ana Clara já possuem a sua própria barraca. Finalmente, no acampamento Mathias, conseguimos ampliar a pesquisa.

²² Entrevista dada à pesquisadora

Figura 14: Ana Clara Fernandes e Vitória Barreto da Costa



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019

As meninas Calin desenvolvem-se muito rápido. Antes da pandemia, em fevereiro de 2020, Clara ainda não estava casada com Vítor. Hoje, está com dois meses de gravidez²³:

Eu morava em Rio Preto, minha mãe conheceu os pais do Vítor aqui do Rio e noivei. Fui prometida a ele. Mas ainda tenho 13 anos, só poderei me casar com 16 anos. Antes disso ficamos muito tempo de barraca pra ir se conhecendo. Ficar de barraca é ficar morando um perto da barraca do outro. Eu achei ele legal. Ele não sai pra beber, vai na Igreja. A gente não pode se misturar com os meninos porque pode passar maldade na cabeça deles. Então namorar não pode nem beijar senão vão falar mal de nós, meninas. Os mais velhos ensinam assim. Obedecemos ao pai, os mais velhos, abaixamos a cabeça e saímos²⁴.

É relevante ressaltar que o primeiro nome, Ana, não é o verdadeiro nome de Clara Fernandes. Essa prática de mentir sobre seus nomes é uma forma de proteção diante das agressões e preconceitos enfrentados pelos ciganos por parte da sociedade não cigana. Essa necessidade de se resguardar é um reflexo do estereótipo negativo e da discriminação que muitas vezes são associados a eles. É uma estratégia adotada para preservar sua identidade e

²³ No dia 29 de novembro de 2022, recebo a notícia pelo *WhatsApp* : "Maria, vê se arruma aí roupinhas e coisas para o bebê da Clara e o Vítor, vou tentar ir no CRAS pedir ajuda". Em janeiro de 2023, soube que Clara perdeu o bebê.

²⁴ Depoimento de Ana Clara Fernandes, 13 anos, em entrevista feita por Stela Guedes Caputo com a pesquisadora presente.

segurança, criando uma barreira de defesa contra os possíveis danos que poderiam ser causados pela revelação de sua verdadeira origem étnica.

Figura 15 - Clara Fernandes, setembro de 2022



Fonte: Acervo pessoal

Na época, o depoimento de Ana Clara nos aludiu a algumas concepções que Ventura (2004, p. 35) estabelece em relação à cultura cigana: “a subordinação da mulher ao homem é praticamente total e incondicional”. Essa subordinação aconteceria desde criança, quando “em pequena obedece ao seu pai; em mocita obedece ao pai e aos irmãos; em casada obedece ao marido; em velha, obedece aos filhos” (VENTURA, 2004, p. 35). Mesmo crescidos, os filhos obedecem ao pai. A família nuclear é composta de pai, mãe e filhos de uma mesma família. A pesquisadora acrescenta ainda que, “nesta medida, a jovem cigana, a partir do seu casamento, fica debaixo da custódia e da apertada vigilância da sua sogra; uma posição de total subordinação que não encontra similar na relação entre genro e sogro” (VENTURA, 2004, p. 35). Clara ainda se encontra sob as responsabilidades de Virgínia e Disson, que ajudam seu filho Vítor Barreto, hoje com 20 anos.

Vitória Barreto, à época com 10 anos, sopra que “quando a gente se arruma é a beleza cigana que aparece. A beleza cigana é nosso orgulho”. Corroboramos assim com Monteiro e Goldfarb (2017) que enfatizam em seus escritos sobre a importância dos cuidados de beleza

para as meninas Calin. Vitória não está noiva, mas Clara, sua amiga e cunhada, entrega: “não está noiva, mas muitos meninos estão pedindo a mão dela”. Mais adiante, contaremos sobre a trajetória de amor de Vitória, que compartilhou conosco muitos dados de pesquisa.

Depois, Vitória partilhou algumas considerações sobre os diferentes papéis de gênero desde a infância Calin, não deixando de expor algumas preocupações:

A gente pode ir para escola de roupa normal, mas gostamos de ir com nossas roupas ciganas. Se me virem com short, todo cigano vai falar do meu nome e um monte de bobagem. A gente tem que usar nossa roupa, mas a gente gosta. A gente pode se maquiar desde criancinha, desde os 2 aninhos da gente, a gente toma a maquiagem da mãe da gente e começa se lambuzar toda. A mulher cigana tem que trabalhar, acordar cedo já fazendo café, limpando a barraca e o rancho. Sinto muito orgulho. O homem cigano tem que respeitar a mulher, mas nem sempre respeita. Alguns batem na mulher. Quando começam a beber, a mulher manda ele tomar num mau lugar e eles começam a bater nelas²⁵.

Observemos como a menina Calin já domina o cotidiano das mulheres. Mais uma vez concordamos com Monteiro e Goldfarb (2017, p. 27), quando afirmam que não se pode tratar a infância como categoria homogênea, pois isto seria anular a grande diversidade que nos cerca: “temos que considerar os grupos, as questões de classes, as religiões, as questões de gênero, os grupos étnicos que abarcam a realidade social brasileira e os sujeitos sociais e historicamente diversos”. Em relação à escola, posso afirmar que Vitória não usa roupa cigana para ir à escola, pois já a esperei voltar dela, estava vestida de short, o que não é nada agradável aos Calon de Quissamã, pois preferem esconder as pernas.

A infância de Quissamã é livre até os doze anos, idade até a qual as crianças brincam demais. Após esse marco, as meninas começam a se vestir e se maquiar de modo a se preparem para arrumar seu futuro esposo. Aos meninos, o aprendizado do comércio também é importante, pois a partir desta mesma idade, ele terá que se casar e sustentar sua família.

²⁵ Depoimento de Vitória Barreto, 10 anos, em entrevista feita por Stela Guedes Caputo.

Figura 16 - Clara Fernandes, Vitória Barreto e Disson



Fonte: Acervo pessoal

Ainda durante a pandemia, dormi na casa de Virgínia. Nesse ínterim, o Calon Disson preparou a nossa janta. Sempre quando vou lá, é Disson o cozinheiro. Isso foge aos conceitos de que a mulher é quem cuida da casa. A comida é farta e fresca, pois não gostam de comida requentada, segundo Virgínia. Clara e Vítor, geralmente, não fazem comida em sua barraca, ficam o dia inteiro na casa de seus pais e se alimentam juntos.

Figura 17 - Comida farta



Fonte: Acervo pessoal

Não importa quem chegue na hora da refeição, é sempre dado um prato de comida para quem quiser comer, assim já comentou Virgínia. Neste mesmo dia, anoiteceu e fomos ao bar da esquina comprar refrigerantes. Do nada, apareceu Duquinha, tio de Disson, um Calon com seus 55 anos. “Quero a Vitória para casar com meu neto, Virgínia. Eu não quero a menina que está comprometida com ele”. Vitória, naquele ínterim, já estava à vista com um pretendente que morava nas proximidades, Ronald, do acampamento Santa Rita, um menino de 11 anos.

Os adultos esperam as crianças atingirem a idade certa de se casar. Geralmente, isso ocorre quando chega a primeira menstruação para as meninas e a puberdade para os meninos, aos dezesseis ou dezessete anos. Em relação a esse arranjo, na época, Duquinha profetizou que não daria certo, mas veremos o resultado mais adiante, no capítulo do Brincar.

Figura 18: Clara Fernandes e Virgínia



Fonte: Acervo pessoal

Foi exatamente nesse dia, o da imagem acima, que Duquinha insistia por seu neto se casar com Vitória Barreto. “É melhor ter de cá que é parente, que o de lá, que não é nada, não é? Cá eu me sinto bem e lá não, cá eu sou feliz e lá não sou feliz”. O Calon brincou com palavras adverbiais de lugar: o “cá”, para indicar o acampamento Mathias, e o de “lá”, para trazer o acampamento Santa Rita, lugar em que o pretendente de Vitória reside, na conversação pausada e melódica entre Virgínia e ele. Clara e eu só ouvíamos, sem interferir. A intenção era juntar seu neto Yuri, de 12 anos, do acampamento Mathias, com Vitória Barreto.

Virgínia nada dizia e causou uma certa irritação com o seu silêncio. “Você é covarde. Não me dá a menina. Eu sou louco nela para casar com meu Yuri”. A Calin rompeu o silêncio: “Eu vou deixar minha filha para cozinhar para nós”. Essa foi a maneira da Calin dizer não ao

arranjo oferecido por Duquinha. Provavelmente, Virgínia esperava um partido melhor para sua filha, como uma família mais bem estruturada financeiramente. Ela não entregaria sua filha por pouco conforto, segundo a Calin “brasileira”.

1.1.21 Cortinas que combinam com roupa de Calin

Figura 19 - Larissa da Silva Soares e seu filho Brian Soares



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019.

As cortinas de cetim branco com fitas rosas tinham sido lavadas e passadas na véspera. A colcha, nas mesmas cores, cobria a cama, bem como a toalha de mesa. A combinação com a roupa de Larissa dá um brilho intenso e chama atenção de outras Calin. As painéis areadas pareciam espelhos. No chão de cimento, nenhuma poeira. Na rua da residência de Vitória Barreto e sua família, conhecemos, no mesmo dia, Larissa da Silva Soares, na época casada desde os 13 anos e que, aos 14 anos, se tornou mãe de Brian. Hoje, a Calin tem 18 anos, com uma menina de um ano e Brian já está bem esperto. Falaremos dele mais adiante, será um dos protagonistas do Brincar. A mulher Calin conversou conosco:

Nós limpamos a barraca todo dia. Arrumamos hoje bem especial porque amanhã é sábado de aleluia. Nós gostamos de arrumar as barracas, achamos bonita a nossa cultura. Botei as cortinas, os lençóis, lavei o chão, limpei as

panelas, cozinhei e depois a gente sai para conversar com as outras aqui mesmo, no acampamento.

É relevante destacar que, de acordo com Virgínia, Larissa foi para a Bahia durante a pandemia para trabalhar com leitura de cartas. No entanto, quando questionada sobre seu paradeiro, ela dizia que estava "vendendo pano de prato na rua". Mais tarde, soube-se que sua sogra faleceu devido à Covid-19. Foi aprendido que quando alguém do acampamento falece, ocorre um ritual em que a barraca do falecido é queimada junto com seus pertences, e a comunidade passa um tempo sem consumir carne de porco, como parte da tradição de algumas famílias de Quissamã.

No entanto, em relação à morte de outro membro Calon de Quissamã, algo diferente aconteceu. Por volta de setembro de 2022, Juarez Soares, irmão de Joia Soares e pai de Disson, faleceu devido à Covid-19. Surpreendentemente, sua barraca não foi queimada, nem sua própria residência. Isso ocorreu porque um de seus filhos legítimos, Rogério Carneiro, que não foi criado por Juarez, vivia em condições precárias. Portanto, toda a barraca e tudo o que havia dentro dela foram transferidos para ele.

Figura 20 - Barraca onde moram Larissa e sua família.



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019.

Sabemos que a mulher cigana é responsável pela manutenção e organização de toda

casa, como também pela educação e bem-estar dos filhos e do marido, de acordo com Monteiro e Goldfarb (2017). Larissa responde à entrevista:

O orgulho da menina cigana é cuidar da barraca, do marido e do filho. A gente está acostumada assim. Os homens trabalham. Nós ficamos em casa, cuidando de tudo, quando o serviço acaba vamos na barraca da outra conversar. Eu sou feliz, só tenho mesmo uma tristeza, minha mãe era cigana e fugiu quando eu tinha 3 anos. Nunca mais vi. No resto, sou muito feliz.

A menina adolescente Calin sente um profundo orgulho em cuidar da barraca, do marido e do filho. Essa é a sua tradição, uma rotina na qual todos estão acostumados. Enquanto os homens se dedicam ao trabalho, as mulheres permanecem em casa, zelando por todas as tarefas. Quando as obrigações são cumpridas, elas se encontram nas barracas umas das outras para compartilhar conversas e momentos de companheirismo.

Apesar da felicidade que permeia a vida da Calin, há uma tristeza que a acompanha desde a infância. Sua mãe, também cigana, fugiu quando ela tinha apenas 3 anos e nunca mais teve a oportunidade de vê-la. Essa ausência é um vazio que persiste em seu coração. No entanto, apesar dessa dor, encontra alegria em todas as outras áreas de sua vida. Ela se sente profundamente feliz e realizada, encontrando propósito e satisfação em cuidar de sua barraca e de seus filhos. Atualmente, mesmo com a responsabilidade de cuidar de duas crianças, Larissa mantém o mesmo zelo e dedicação em relação à sua barraca e aos seus filhos, desempenha seus papéis com amor e determinação, buscando proporcionar-lhes um ambiente seguro e acolhedor.

Figura 21 - Cozinha da casa de Larissa e sua família.



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019.

Ao término da entrevista, questionamos a respeito do trabalho de Felipe, o marido de Larissa. Ela revelou que ele não estava trabalhando naquele momento, mas sim no bar, onde costumava beber com os amigos. Surpreendidos, indagamos se essa situação não lhe causava ciúmes. Larissa, exibindo uma tatuagem com o nome de seus esposo em seu braço, respondeu que não, pois isso fazia parte do cotidiano delas. É sabido que os maridos das mulheres ciganas frequentemente se envolvem em negociações, para sustento de sua família. Com base nas visitas que fizemos ao acampamento Mathias, compreendemos que essa prática é comum entre eles. Afinal, se os maridos não saírem para negociar, a família enfrentará dificuldades para obter alimentos e suprimentos necessários.

As cenas cotidianas, por exemplo, o brilho nas panelas, dão sinais de cuidados de algumas *Calin*²⁶. O brilho dos tecidos brancos, contrastando com a cor rosa das rendas das cortinas e das toalhas de cetim fazem parte de todas as barracas e casas no acampamento Mathias. Portanto, tatuagens, cetins coloridos, rendas e cores exalam contrastes que fazem parte do cotidiano Mathias.

²⁶ Virgínia Barreto me contou sobre o produto líquido verde, comprado no mercado, que elas usam para dar esse brilho sem fazer força. “Olhe aqui, Cristina, compre esse produto pra limpar e dar brilho, como nós nas suas panelas”.

Figura 22 – Tatuagem no braço de Larissa.



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo, 19 de abril de 2019.

Os desenhos no corpo fazem parte da vida de algumas mulheres Calin. Muitas vezes, são apenas ornamentais; outras, como o de Larissa, representam sentimentos. Ao retornar ao campo, percebi o uso maior de tatuagens nas *Calin*. Fotografei as múltiplas imagens na epiderme traduzidas em sentimentos de pertença, de harmonialga e de cumplicidades.

Figura 23 - Tatuagem de Vitória Barreto



Fonte: Acervo pessoal

As mulheres e adolescentes Calin expressam sua identidade e afeto por meio de tatuagens e adornos corporais. Vitória Barreto, por exemplo, tatuou uma frase de amor aos pais em seu ombro. As fotografias capturadas durante a pesquisa revelam a importância dessas marcas na cultura cigana. As adolescentes, por sua vez, gostam de adicionar purpurina em suas tatuagens para festas. No entanto, a identidade das mulheres casadas é protegida, e elas não são identificadas nas imagens, já que seus maridos não permitem. O piercing é um complemento comum na decoração corporal.

Figura 24 - Flores e borboletas em uma menina adolescente Calin



Fonte: Acervo pessoal

As tatuagens presentes podem ser vistas como adornos estéticos que enfeitam o corpo, sem necessariamente possuírem significados subjetivos profundos. A imagem da menina adolescente Calin ilustra isso, com sua tatuagem colorida que abrange toda a lateral das costas e se estende até a barriga, composta por borboletas e flores. Esses elementos visuais podem ser apreciados como elementos decorativos que trazem beleza e expressão artística ao corpo, sem que haja uma carga simbólica específica associada a eles. Através dessas tatuagens, as jovens Calin têm a oportunidade de expressar sua estética e estilo pessoal, conferindo uma identidade única ao seu corpo.

Figura 25 - Tatuagem de laço de fita na menina adolescente Calin



Fonte: Acervo pessoal

Dentro do contexto das tatuagens Calin, é possível observar uma variedade de estilos e designs. Algumas são bastante chamativas e complexas, enquanto outras são mais sutis e simples, como o exemplo mencionado nesta imagem, onde um laço de fita é representado. Essas escolhas de desenhos podem refletir os gostos pessoais e as preferências estéticas das mulheres Calin.

Embora a interpretação dessas tatuagens seja subjetiva, é interessante considerar que outros estudiosos poderiam analisar e buscar conexões entre os desenhos escolhidos e os significados culturais, sociais e pessoais atribuídos a eles. Essas tatuagens podem ser vistas como formas de expressão individual e coletiva, permitindo que as mulheres Calin manifestem sua identidade, história e pertencimento dentro de sua comunidade.

É importante reconhecer que cada tatuagem possui uma história única e pessoal para quem a carrega, podendo estar relacionada a experiências vividas, crenças, memórias ou simplesmente a uma apreciação estética. A interpretação das tatuagens Calin requer sensibilidade cultural e compreensão dos contextos sociais e pessoais das mulheres Calin que as ostentam.

Ao retomarmos a introdução deste capítulo, lembramos que a carta 13 foi mencionada como representativa das crianças dentro da cultura cigana. Essa abordagem nos leva a explorar o papel fundamental que as crianças desempenham nos núcleos familiares ciganos. Em Mathias,

encontramos espaços acolhedores e agradáveis, como a casa da família Barreto, onde podemos nos aproximar, conhecer e nos envolver com eles.

Ao estabelecer esse contato próximo com as famílias ciganas, somos transportados para momentos de conexão com nossas próprias memórias de infância e experiências familiares. Esses encontros nos permitem compartilhar vivências, trocar histórias e criar laços afetivos que transcendem as diferenças culturais.

Ao passar tempo junto às famílias ciganas, podemos testemunhar o amor e a dedicação que permeiam suas relações familiares. As crianças são valorizadas e consideradas como a continuidade da tradição e dos valores ciganos. É por meio delas que a cultura cigana se perpetua e se renova, preservando suas tradições, rituais e modo de vida. Esses momentos de convívio nos lembram da importância da família e da importância de preservar e valorizar as nossas próprias raízes e tradições. Através desses encontros, podemos aprender com as famílias Calon sobre respeito, união e resiliência, construindo pontes de compreensão e promovendo um maior entendimento entre diferentes culturas e modos de vida.

1.1.22 A carta 16, a estrela

Com essa carta da Estrela, finalizei os escritos da minha qualificação em 2021. Segundo Sibyla Rudana (1997, p. 62), ela representa a boa sorte, novas oportunidades e boas perspectivas. Além disso, é uma carta de nostalgia, onde as imagens do passado ganham um espaço novo, permitindo uma visão saudosa e sentimental das coisas que podem encorajar a relação com o presente.

Na época em que finalizei meu material para a qualificação, essa carta se encaixou perfeitamente, pois ela traz consigo uma simbologia de boa sorte. Veremos mais adiante que finalizei minha escrita naquele momento com a imagem de minha primeira interlocutora, Diana Soares, acompanhada de Isael Soares. Após posar para a foto a pedido de Diana, Isael se despediu de mim com as palavras "vou viajar, vou pro bar", saindo de forma tranquila. Com isso, encerrei mais uma etapa da minha pesquisa com uma sensação de gratidão e confiança no futuro.

A família Soares mudou-se para Quissamã e lá nos reencontramos. Luzia Soares e Sadi Soares também mudaram. Hoje, moram no mesmo acampamento, um pouco mais abaixo de



Diana Soares. A mudança de município ocorreu porque as famílias foram ameaçadas no local em que acampavam, em Carapebus.

Diana voltou para meus escritos com a imagem do que seria seu futuro esposo. Entretanto, o casamento não ocorreu. A carta que escolhi anteriormente, a estrela, não revelou o futuro da menina Calin: nem sempre as cartas respondem de forma exata, dependerá de muitos fatos para darem certo. Sem seus pais entenderem, sem ninguém do acampamento entender, tampouco eu, a menina desistiu do casamento. Sempre que esse acontecimento ocorre, a palavra final, e respeitada por todos, é a da menina Calin. Os móveis e utensílios comprados pelos pais da menina foram embalados e guardados numa outra casa, à espera do próximo arranjo matrimonial de Diana. Hoje, são apenas amigos. Isael se casou com uma antiga pretendente, antes de Diana. A casa, construída pelos pais do menino Calin, agora pertence à atual esposa de Isael. Ele não quis mais falar do assunto, seguiu adiante.

Figura 26 - Diana Soares, 13 anos, e Isael Soares, 15



Fonte: Acervo pessoal, 18 de abril de 2021

Diana permanece a mesma, mantendo-se reservada e recentemente deixou o acampamento. Agora, compreendo por que seus pais não se estabeleciam permanentemente em Mathias e optavam por viver em uma barraca, mesmo tendo uma Hilux na garagem, o que indica uma família com uma certa condição financeira. Eles esperaram até que sua filha escolhesse seu futuro esposo para então se mudarem e viverem ao seu lado. A intenção é acompanhar de perto seu dia a dia e garantir que ela esteja sendo bem tratada pelo futuro marido.

Embora tenha crescido, Diana ainda possui uma aura de inocência infantil, como percebo nas conversas que temos pelo celular. Ela e sua família estão se preparando para se mudar para o acampamento de Marataízes, no estado do Espírito Santo, onde seu novo pretendente reside. Moisés, por sua vez, continua falante e nossa amizade se fortaleceu. O menino cresceu rapidamente diante dos meus olhos.

Recentemente, soube que Diana oficializou seu casamento em dezembro de 2022, marcando um novo capítulo em sua vida. É fascinante testemunhar o desenvolvimento e as mudanças que ocorrem na vida dessas pessoas que conheci durante minha pesquisa. A cada encontro e a cada nova etapa de suas vidas, sou lembrada da riqueza e complexidade das experiências humanas, bem como da importância de respeitar e valorizar as trajetórias individuais de cada pessoa, independentemente das diferenças culturais.

1.1.23 A carta 33, a chave

Decidi concluir o primeiro capítulo da minha pesquisa com a carta 33, que é representada pela chave, de acordo com a interpretação da cartomante Rudana (1997, p. 90). Segundo ela, essa carta sugere a existência de propostas e soluções inovadoras que podem resolver as questões em aberto. No entanto, a conquista do sucesso só será possível se seguirmos confiantes e determinados em relação aos nossos objetivos, sem ceder ao medo.

Escolhi essa carta porque sua simbologia me remete a todos os momentos turbulentos em que realizei a pesquisa. A chave representa as portas que se abrem para que possamos conquistar nossos objetivos e percorrer nossos caminhos de forma mais suave.

Termo também com a fotografia do menino Calon Moisés, que foi uma dessas portas durante minha pesquisa em Quissamã. Quando o conheci em Carapebus, ele era apenas uma



criança tímida que mal falava comigo. Mas, em Quissamã, após a pandemia, ele se tornou um aliado nas pesquisas sobre as brincadeiras infantis Calon.

Além disso, a chave também representa a emancipação, que é quando damos a chave da independência a um adolescente responsável. Em breve, Moisés receberá uma chave. Espero encontrá-lo novamente pelo Brasil, especialmente em Marataízes, onde sua irmã mora. Desejo ao menino muita sorte em sua caminhada e espero que a chave abra muitas portas para ele.

Ao utilizar a carta da chave, estou prestes a concluir esta seção do primeiro capítulo. Para mim, esta carta representa a chave que abrirá a porta para o próximo capítulo intitulado "O Brincar".

Figura 27 - Moisés em 16 de junho de 2021



Fonte: Acervo pessoal

Gosto muito de conversar com Moisés. Esta imagem me cativa pelos dedos do menino Calon. Tirei do perfil de seu celular. Tentei melhorar a imagem com outros aplicativos, pois a resolução da foto do celular não é assim tão boa, mas foi o máximo que consegui. Ademais, essa fotografia explica os próximos capítulos com Moisés brincando na minha escrita. Observemos o rosto dele, o polegar e o mindinho levantados, deixando os outros dedos abaixados em formato de Y. Nem ele sabe, mas é o símbolo de surfista. Sei muito bem que, de onda, Moisés nada entende, mas de carro para negociar, entende tudo e de todas as marcas.

Vitória Barreto também foi muito importante para a presente pesquisa, mas não brinca

mais, só namora, vê *Netflix*, posta vídeos com músicas de que gosta no *TikTok*. Numa madrugada, ao dormir em sua casa, ela me disse em *Chibi*: “tia, *amensa ladina* (sou esperta) e você, tia, também é muito esperta, muito sabida, *tumensa ladina*” – um pouco do *chibi* de Mathias, Quissamã.

Vitória, a menina Calin, usava o celular de sua mãe sempre que tinha permissão para fazê-lo. Assistia à série *Rebeldes* pelo *You Tube*. Vale acrescentar que tudo mudou para a comunidade do acampamento Mathias de Quissamã com a chegada da pandemia. Com a necessidade do distanciamento social e de se manter conectados virtualmente, a tecnologia passou a fazer parte do cotidiano dos Calon, e a menina Calin ganhou seu próprio celular. Naqueles momentos, inclusive, ficou constantemente nas redes sociais, descobrindo novos horizontes e conectando-se com o mundo além dos limites do acampamento, abrindo novos caminhos para a comunidade, permitindo que eles se conectem com o mundo e explorem novas possibilidades. Tal jornada tecnológica trouxe mais descobertas e oportunidades de negócios para a comunidade Calon de Quissamã.

Em relação à cartomancia, a carta da Estrela, no baralho cigano, é como um farol que guia nossos passos em direção ao desconhecido. E, ainda que ela não tenha sido a escolha perfeita para o relacionamento de Diana e Isael, trouxe uma profusão de ideias férteis, imaginação e momentos de criação para a escrita. Foi com ela, naquela época, que pude vislumbrar um recomeço, não um fim. Uma nova jornada de recriações e busca pelas histórias que ainda não foram contadas, histórias de reconhecimento e de pertencimento dos Calon de Quissamã. Seria necessário contemplar a estrela que brilha no céu, e deixá-la me inspirar a alcançar novas alturas. Que ela me guie sempre em busca por novas histórias, novas formas de enxergar o mundo, e me conduza até as mais importantes criações que estão por vir.

A carta 33, a da chave, traz consigo um significado importante, de portas que se abrem para aqueles que têm determinação, coragem e perseverança. É preciso seguir adiante, sem olhar para trás, e é com essa chave que decidi trilhar os caminhos brincantes das crianças Calon, no acampamento Mathias, em Quissamã. Ao abrir a porta com as brincadeiras dos meninos e meninas Calon, encontrei a “chave da resposta” para toda a minha tese. Foi através do brincar que pude mergulhar em um mundo novo, repleto de autores e estudos ligados às brincadeiras de crianças, e me conectar ainda mais com as culturas negra e cigana.

Deste modo, é emocionante descobrir novos caminhos e desvendar os segredos que se escondem atrás de portas. Que essa chave possa inspirar a todos nós a seguir em frente, sempre com determinação, coragem e perseverança, prontos para desbravar o desconhecido e descobrir tudo o que uma pesquisa tem a oferecer.

2 AS CARTAS BRINCANTES

*Ciganinho que brinca, brinca
Venha me ensinar a “braganhar”, vem brincar
Vem, vem, vem, vem brincar
Venha me ensinar a “braganhar”, vem brincar*

*Ciganinha que brinca, brinca
Vem me ensinar a me maquiar,
Vem, vem, vem, vem brincar
Venha me ensinar a me maquiar ²⁷*

Figura 28 - Estudos de autores do brincar e do povo cigano



Fonte: Acervo pessoal

²⁷ Ponto cantado de Umbanda, criado por mim, após a escrita da pesquisa

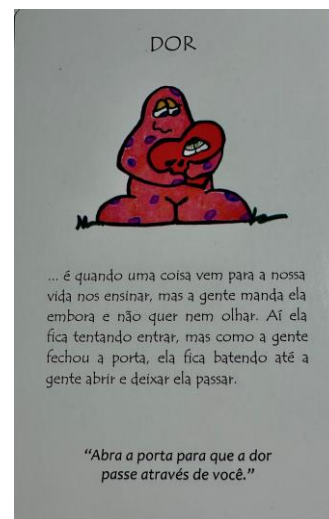
2.1 A carta da “Dor” – Brincando com os elementais

Seguiremos adiante com os escritos leves e lúdicos de Patrícia Gebrin (2021), mergulhando nas cartas coloridas de sua obra “Palavra de criança: coisas que você pode aprender com a sua criança interior”. Essas cartas nos conduzem por caminhos repletos de brincadeiras e de imaginações, guiando-nos por uma jornada de descobertas, através do Brincar.

Gebrin nos convida a ouvir a voz da nossa criança interior, aquela que muitas vezes fica esquecida em meio às responsabilidades da vida adulta. Ao despertarmos essa parte em nós mesmos, somos capazes de desenterrar um precioso pote de magia e de encantamento que pode enriquecer e colorir nossas vidas. A autora enfatiza que a preocupação com a idade é desnecessária, pois uma criança reside em cada um de nós. Essa harmonia ocorre quando estamos em paz com a nossa existência, cultivando amor próprio e nutrindo pensamentos positivos em relação a nós mesmos. Portanto, deixe a criança nos guiar por nossos passos e descubramos as maravilhas que o Brincar pode nos oferecer.

Assim como ocorre em todo começo de estudos, é comum sentirmos desconforto e angústia até que amadureçamos na pesquisa. Essa dor a que refiro não é física, mas sim uma sensação de incerteza quanto ao rumo a seguir. Por essa razão, escolhi a carta “Dor” para introduzir os capítulos sobre o brincar. Não pretendo transmitir tristeza, pois o ato de brincar não se alinha a sentimentos negativos. Ao contrário, a escolha da carta tem o propósito de lembrar aos pesquisadores que muitas vezes as respostas estão nas cercanias dos estudos, porém não as observamos. Como mencionei anteriormente, no primeiro capítulo, o brincar insistiu em minha porta até que eu a abrisse e o acolhesse.

Então, deitei a carta brincante²⁸ da “Dor” para alertar que o bloqueio inicial da escrita existiu. Bloqueio não é causa, é sintoma. Sempre me indagava: não escrevo porque estou bloqueando ou estou bloqueando por que não escrevo? É fato que não sou a única a experimentar momentos conturbados de incerteza, especialmente quando se trata de escrever sobre as crianças Calon. Consciente de que essa dificuldade é comum, assim como Gebrin (2021) menciona, encaro essa situação como um aprendizado. Nesse sentido, creio que uma



²⁸ Como denominei as cartas na obra de Gebrin (2021).

escrita acadêmica deve estar aberta ao devir, permitindo que façamos o que amamos e criemos um futuro presente.

Por isso, abri minha porta para que a “Dor” passasse através das brincadeiras de crianças Calon; para que elas a transformassem em escritas. Sem perceber, fiz da dor, risos. A cada passagem de áudio das brincadeiras para a escrita, estremecia de alegria junto às bagunças das crianças Calon. Através do envolvimento mais próximo e afetivo, estabeleci um laço amoroso de cuidados e de lutas por elas. Tal dedicação, meticulosamente, cultivada, se manifestou de forma palpável e significativa, ultrapassando as barreiras do simples sentimento. Como resultado, a imersão nessa relação intensa e verdadeira possibilitou o esquecimento dos problemas que estavam me atormentando durante a pesquisa, ainda que temporariamente, permitindo respirar para a continuidade da jornada.

Vale acrescentar que a solidão na caminhada acadêmica, marcada pela escassez de encontros para compartilhar e discutir ideias, tornou a pesquisa uma tarefa bastante árdua. Em minha trajetória na escrita da tese, a solidão foi minha companhia frequente, ainda mais em meio aos desafios impostos pela pandemia.

Em suma, as cartas brincantes de Patrícia Gebrin nos conduzem por caminhos de ludicidade e leveza, permitindo que possamos mergulhar em nossa criança interior e explorar o universo do Brincar. É uma jornada de descobertas que nos convida a abraçar a imaginação e a criatividade, e nos ensina a desfrutar da simplicidade e da leveza da vida. Seguindo essa trilha lúdica e colorida, quiçá encontraremos enredos para as escritas sobre as brincadeiras dos meninos e meninas Calon, além de nos permitir vivenciar momentos de pura alegria e diversão.

Figura 29: Emmanuely Gabriela Jesus dos Santos, 6 anos



Fonte: Acervo pessoal

Essa foto não foi planejada, foi sem sentir que apertei o botão disparador da câmara. Já era noite, estávamos voltando do campo, lugar onde as crianças Calon brincam. Eu sempre brinco com elas. Estava muito cansada, afinal, não tenho mais energias como as crianças da idade de Emmanuely. Quando pensamos que a pesquisa acaba, surgem os melhores momentos. A menina Calin queria mais diversão e espiou pela janela de Miriam, filha de Paloma, a Calin costureira do acampamento. O seu olhar se fixou no bambolê na cintura de Miriam. Emmanuely mora do outro lado do campo.

Desde que a criança nasce, ela brinca. Brincar é fundamental no decorrer de sua vida, pois leva ao desenvolvimento motor, cognitivo e social. A criança imita o dia a dia de seus pais, na brincadeira. A convivência com seus pares está ligada à dimensão do ato de brincar. Toda criança que brinca emana felicidade, produz, cria, usa o psicológico, mexe o corpo, mostra ritmos.

O brincar é vital para a criança. O sentimento e a sensibilidade dela florescem neste ato lúdico. É essencial na infância e deve perdurar por toda a vida. Quando crianças vivem em um mundo lúdico, constroem casinhas, dão vida a bonecas, materializam cozinhas com painelinhas – o faz de conta inspirado no cotidiano de sua família. Os adultos nada entendem, ou não procuram entender como o brincar é primordial, pois todas as funções sociais das crianças e das suas inteligências, do seu aprender e do criar o mundo estão no brincar.

Nos próximos capítulos, exploraremos em detalhes as brincadeiras de crianças que envolvem os elementais fogo, água, terra e ar. Durante a escrita, investigaremos como as crianças interagem com esses elementos naturais, tornando-os parte integrante de suas brincadeiras. Veremos como o fogo é utilizado para interagir com brinquedos como fogueiras e balões de papel, como a água pode ser utilizada em diversas brincadeiras, como a terra pode ser moldada em pequenas esculturas e usada como cenário para histórias imaginárias, e como o ar é fundamental para o voo de pipas. Esperamos que estes escritos inspirem os leitores a relembrem suas próprias brincadeiras de infância e a apreciarem a magia dos elementos naturais na vida das crianças.

Simas (2019), quando reflete sobre *A Cidade e as Crianças*, enfatiza que as ruas pertencem às crianças e morrem quando passam a pertencer aos carros. Segundo o autor, a ideia seria elaborar um “manual com regras fabulares da amarelinha, da carniça, do jogo de botão, do preguinho, do pique-bandeira, das cirandas cirandinhas, do lenço-atrás, do futebol em ladeiras, do queimado e das variantes da bola de gude” (SIMAS, 2019, p. 133). Coube a Simas, inclusive, escolher antecipadamente o título de seu manual: *Ecologia Amorosa das Brincadeiras de Rua*.

Lembramos que, no caso dos Calon de Quissamã, a rua se limita ao acampamento das crianças ciganas. O campo, o espaço debaixo das árvores, as barracas dos vizinhos, as casas dos não-ciganos são lugares em que transitam as crianças Calon. Todo espaço ao redor do acampamento pertence às crianças Calon. Longe de mim plagiar o título já escolhido do autor, mas ressalto que o ato de brincar é essencial e está na voz das crianças, no corpo, ligado aos elementais e à “ecologia amorosa”. A brincadeira se encontra na flora, nas sementes, nas folhas, na água, no vento, nas escavações, nas descobertas e nas criações que surgem ligadas à natureza. Os elementais da natureza – fogo, água, terra e ar – fazem parte dos apetrechos brincantes quissamaenses.

Simas (2019, p. 134) relembra algumas de suas brincadeiras quando na infância, explanando que os nomes delas estão ligados ao “léxico de diversas brincadeiras e folganças de rua”, o que ainda, segundo o autor, “parece importantíssimo para uma gramática afetiva da cultura brasileira”. Escolhemos do pesquisador, uma brincadeira para exemplificar. Trata-se do jogo do caxangá, o da canção “escravos de Jó”. Esse “Jó” vem do quimbundo *njo*, “casa”. Escravos de *jó* são, portanto, os escravos de casa (SIMAS, 2019). Caxangá é um jogo de pedrinhas e de tabuleiro. O autor comenta que Jó deve ter sido confundido com o personagem bíblico, “que sofreu feito doido as provações de Jeová” (SIMAS, 2019, p. 134).

A canção: “Escravos de Jó jogavam o caxangá, tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá” invade a minha mente e começo a cantarolar com o meu passado. Algumas brincadeiras que praticamos quando infantes podem ainda ser vistas no acampamento Mathias, pois os Calon aderem a diversões antigas dos “brasileiros”.

Atualmente, o brincar das crianças Calon de Quissamã é pensado de modo diferente em relação às crianças do passado. O uso do celular nas mídias sociais, principalmente o *TikTok*, aplicativo em que assistimos a muitos adolescentes Calon de todo o Brasil, faz pensar em uma outra forma de brincar. Hoje, por causa da pandemia, o celular está nas mãos de quase todos meninos Calon e de algumas meninas Calin. Ademais, vale ressaltar que brincar com o celular também desenvolve habilidades de leitura, de escrita, como também de imaginação, mas brincar com a natureza é mais saudável.

Mesmo assim, observamos ainda resquícios de brincadeiras do passado na imaginação brincante desse povo. Bonecos e tendas feitos de materiais da natureza, sabugo de milho que viram bonecas, folhas que viram dinheiro – matérias orgânicas usadas nos fazeres brincantes, que ainda compõem o universo Calon quissamaense. Ainda que a tecnologia prepondere, se indagarmos a alguns interlocutores da pesquisa, descobriremos resquícios do universo brincante do passado Calon.

As brincadeiras escolares são uma das mais marcantes memórias de infância de muitos, inclusive das crianças Calon de Quissamã, mesmo com o pouco tempo que passam na escola. Vale lembrar que desde as primeiras escolas jesuítas, a brincadeira vem sendo utilizada como um poderoso instrumento pedagógico. É inegável que ela pode ser uma forma lúdica e eficaz de ensinar disciplinas como matemática, história, ciências, dentre outras afins. Contudo, será que a escola está aproveitando todo o potencial das brincadeiras? Será que elas estão sendo utilizadas só como um meio de ensinar alguma disciplina, ou há espaço para que sejam valorizadas em si mesmas, como uma forma de desenvolver habilidades e competências importantes para a vida em sociedade? É fundamental que a escola reflita sobre essas questões e explore o potencial educativo delas de maneira mais ampla e consciente. Afinal, a brincadeira não é apenas divertida, ela também pode ser uma forma poderosa de aprendizagem e de desenvolvimento.

Saura (2014, p. 163) defende a brincadeira livre, espontânea na escola: “um fim em si, não como meio”. É importante ressaltar que o lúdico tem como meta o desenvolvimento humano. A estudiosa sustenta que o brincar livre “situa a criança como sujeito do seu brincar, como produtora de sua cultura” (SAURA, 2014, p. 163). As brincadeiras livres e espontâneas são parte essencial da cultura e da identidade das crianças Calon, permitindo-lhes desenvolver suas criatividade, imaginações e habilidades sociais. No entanto, a escola muitas vezes impõe regras e limitações, dificultando a participação das crianças Calon. Se a escola abrisse mais espaço para as brincadeiras livres, sem regras pré-determinadas, poderíamos ver um aumento significativo da presença delas nessa instituição de ensino. Isso seria uma forma de inclusão efetiva que respeita e valoriza a cultura e as tradições desse povo, proporcionando a eles uma educação mais rica e completa, evitando assim a evasão escolar por parte deles.

Neste cenário brincante, as crianças perguntam, querem saber de tudo, como nasceu o mundo, o porquê de algumas coisas da natureza. Então, não poderia dar outro exemplo, senão o de minha própria vida, aos quinze anos. Fui essa criança, atraída pela imaginação. Perguntas absurdas tais como um avião parado no céu, enquanto eu e minha mãe estávamos dentro de um ônibus em movimento a caminho de casa, faziam parte da imaginação de uma adolescente se preparando para ser mãe, aos quinze anos de idade.

Podemos afirmar que as crianças não só brincam, mas também conversam, compartilhando suas experiências e pensamentos. A palavra “conversar” tem origem em “versar”, que significa ir e voltar, como uma roda que gira. Esse movimento circular também é presente na criação poética, e é por isso que alguns autores afirmam que a conversa é uma atividade própria dos poetas. Na obra de Manoel de Barros (2016, p. 38), ele fala sobre a

“terapia literária”, que consiste em usar a poesia para “desarrumar a linguagem” e dar voz aos nossos desejos mais profundos. É interessante notar que um poeta não apenas conversa com seus versos, mas também encontra neles uma forma de cura e de expressão de si mesmo.

Além de saborear as palavras, o poeta do pantanal dizia querer voltar ao seu tempo de criança para conversar sobre coisas infantis. Então, observando os desenhos das crianças Calon, que fizemos em uma das minhas investidas em campo etnográfico, pensamos ser rabiscos, sem sentido para quem não os valoriza. Os desenhos, agora, tomados por um recorte de pesquisa, falam muito de seus artistas, expressam e dão significado ao mundo infantil.

Nos próximos escritos, veremos o brincar quando acompanhei as crianças no velório de “um lagartixa”, que subia pelas paredes das barracas, das casas e foi rastejar pela areia vermelha do campo, tendo um fim surpreendente. Inspirados por tantas mortes por Covid-19, inclusive no acampamento, o defunto teve sepultura, teve gaveta de vidro especial. Seria este funeral preenchido por fragmentos pandêmicos vividos pelas crianças? Esse réptil não chegou a ter voz e nem cor, como o lagarto do poeta Barros (2016, p. 40), um lagarto escurecido, que entra no mato, que nos atravessa nos olhos, que percorre as folhas e “folhou”. Para as crianças, repetir as narrativas e conversar sobre qualquer coisa são atitudes essenciais para participar de uma brincadeira. E depois de tanto ir e voltar - de “versar”, criam, de alguma forma, as suas narrativas de vida através do pouco tempo em que são crianças.

Saura (2014) já sinalizou que, quando as crianças brincam, experimentam corpos, atuam no espaço em que vivem, se envolvem e se entregam pela emoção do brincar. Então, brincar é criar o que vê e o que sente no mundo, muitas vezes em contato com a natureza. Um brincar “espontâneo”, sem definição de espaço, um tempo qualquer, fora de qualquer obrigação ou de qualquer tipo de rotina. As crianças Calon de Quissamã adoram brincar em liberdade. Trata-se de um brincar “espontâneo” que move seus corpos. Discutem entre si, xingam, se abraçam, se unem, sabem que são “todos por um e um por todos”²⁹; defendem-se, resguardam-se. Os maiores sempre protegem os menores, que aceitam até seus xingamentos.

Um brincar “espontâneo” é desse brincar que fazem as crianças ciganas do acampamento Mathias, em Quissamã. Por exemplo, Matheus Kauã, menino Calon, que nos convida a pensar sobre o que é ser criança cigana: “é ser assim oh: divertir, brincar, correr, brincar de carrinho [...]”³⁰. As crianças Calon brincam livremente, sem a interferência dos

²⁹ Um jargão antigo de desenho animado relacionado aos Três Mosquiteiros.

³⁰ Falas das crianças transcritas no Diário de Campo, em fevereiro de 2021, no Acampamento Mathias de Quissamã, numa manhã, na casa da Calin Virgínia e do Calon Disson.

adultos, pois eles confiam e resguardam suas crianças, têm consciência que praticam seus momentos brincantes, respeitam-nas.

Para os meninos Calon e as meninas Calin, não existe hora marcada, mas existe o gênero marcado: “meninos brincam com meninos e meninas com meninas”, afirma, veementemente, o Calon Disson. Ademais, o tempo é feito por elas, até que se exauam das brincadeiras. Ele não tem fim, não se trata do mesmo exigido pelos adultos não ciganos, que cobram, limitam horas de brincadeiras, sem respeitar o tempo que as crianças fazem para brincar. Para muitos, isso não é importante, mas as crianças têm que ser livres e terem seus momentos soltos para vivenciar mais as brincadeiras. A criança que brinca é uma criança feliz, tornando-se um adulto com menos problemas.

Já nós, os “brasileiros”, assistimos a pais monitorando momentos brincantes de seus filhos, com convocações súbitas das obrigações do dia a dia, sem sequer respeitar os limites de brincadeira. Os adultos convocam-nos para tomar banho, comer, dentre outras exigências, sempre no melhor da brincadeira. Em Quissamã, quando passei quatro dias no campo, percebi que isso não ocorreu. A importância do adulto reconhecer e respeitar os momentos lúdicos em que a criança se envolve é primordial. Partimos do pressuposto de que o tempo que as crianças usam para brincar não deve ser reconhecido como um mero passatempo, mas como construção de seu próprio tempo, de seu próprio eu. Tratam-se, portanto, de estímulos para criatividade.

2.2 Brincadeira tem limite

A infância dos Calon de Quissamã é cercada por algumas limitações, assim como as brincadeiras que eles criam. Para eles, ser criança significa ter uma infância curta, pois logo devem se preparar para o casamento. O casamento precoce é uma tradição que observamos em algumas pesquisas, e até agora não parece ser diferente no acampamento de Quissamã. Embora o casamento não seja o foco principal desta discussão, vale mencioná-lo devido ao depoimento de Assucena, que foi destacado a seguir. Na época da entrevista, a menina adolescente Calin tinha 17 anos e já era casada. Ao lembrar sua infância, ela mencionou:

A liberdade mais que a gente tinha quando a gente era criança porque quando a gente é criança, a gente não tem tanta maldade, como passa na cabeça das outras pessoas, sabe. Quando a gente é casada, a gente não tem a mesma capacidade da mente que a gente tem quando a gente é criança.

Destaco a fala da menina adolescente Calin, que se transformou em Calin mulher ao se casar. É considerada adulta pelo grupo étnico pesquisado porque é casada. Ela deixa claro em sua fala que os adultos não têm tanta coisa a dizer, mas as crianças têm muito a falar porque têm mais criatividade. Destacamos os devires da fala da Calin: “quando a gente era criança; quando a gente é casada”. O “quando” não emite uma idade cronológica, não é demarcado, pois, mesmo casadas, não deixam de ser crianças, embora tenham que agir como adultas. Percebemos, pela fala da Calin, que as crianças têm muito mais a dizer do que os adultos.

Para dar conta da fala de Assucena, recorreremos a Bonomo (2018), que convida o seu leitor a pensar sobre a infância cigana. Em diálogo com Monteiro (2015), a estudiosa enfatiza que “a infância para os ciganos compreende, portanto, fases sucessivas do momento de proteção, de aprendizagem e de preparação para tornar-se” (BONOMO, 2018, p. 69). As autoras afirmam que o ritual do matrimônio é uma marca de fim da infância para as crianças ciganas. A ritualística do casamento é essencial para entender o processo das etapas geracionais entre os diversos grupos étnicos ciganos.

Monteiro (2018) argumenta que o começo dos arranjos matrimoniais se dá quando a menina começa a ter “menarca”, isto é, menstruação. Segundo a pesquisadora, é fundamental casar-se com um menino cigano. Aos meninos, é permitido casar-se com uma mulher não cigana. Se for se casar com uma cigana, não se aconselha que seja do mesmo acampamento, mas pode acontecer. A relação familiar entre os Calon da Paraíba, estudados por Monteiro (2018), se dá entre filhos de tios ou tias. O mesmo ocorre com os Calon de Quissamã.

2.3 Os elementais brincam juntos às crianças

Sobre os escritos de brincadeiras, sabemos que a criança é um sujeito humano em formação no estágio que chamamos de infância, que é um mundo dentro de outros mundos, onde está inserido o ato de brincar. Dentro desse mundo, existem muitas vozes, e as crianças conversam com elas. Em Quissamã, dialogam com o *Pikachu*, boneco amarelo da televisão japonesa, conversam com o defunto lagartixa, conversam também com seres imaginados, brincam no chão vermelho do acampamento Mathias. Lá, fica o meu laboratório de pesquisa do brincar e do cotidiano da infância Calon. Brincam de bicicleta neste chão, brincam de pipa no céu, brincam de pique-cola, brincam de catar CDs, e tudo mais que imaginarem e criarem no momento em que estiverem juntas.

Saura (2014) explica que os elementos da natureza estão ligados ao “brincar espontâneo” das crianças. Em diálogo com os reinos do mineral, da flora e da fauna, ou seja,

da presença marcante da natureza no ato do brincar, as crianças usam a imaginação. Durante as brincadeiras, elas cavam, plantam em vasos e mexem com jardins, procuram pequenos animais. Em suma, a natureza sempre inunda o ato de brincar. Quando se brinca com as pedras, brinca-se com o reino mineral; quando tocam em caracóis, lesmas, lagartixas, borboletas, as crianças também estão brincando com o reino animal. Estes recursos brincantes valorizam o “brincar espontâneo”.

Como já dissemos, além dos elementos da natureza, os elementais fogo, água, terra e ar também estão envolvidos no ato de brincar. Especificamente, brincar ao ar livre requer usar os elementais. Quem não se lembra de uma brincadeira de não-ciganos, proibida nos dias atuais, em que o elemental fogo é importantíssimo? Em Quissamã, nos meados de junho de 2021, quando estive no campo, observei o espanto de Moisés e Josivaldo ao avistarem um balão no céu: “Olhe lá tia, vai cair aqui no campo!”. “Você vai pegar?” “Eu não tia, é perigoso.” Realmente, o Elemental fogo, embora muito já mistificado nas religiosidades, é quase inexistente no acampamento.

Quando nos referimos ao Elemental fogo, convidamos Manuel Bandeira (2013), que nos inspira a escrever sobre brincadeiras infantis quando emerge o canto popular do nosso folclore: “cai, cai balão, aqui na minha mão”. O autor de “Na Rua do Sabão”, cujas imagens e palavras traduzem o vozerio das crianças correndo atrás de balões, capta os mais simples aspectos dos antigos cotidianos das brincadeiras de rua.

Em momentos passados, avistávamos, no céu reluzente, buchas de fogo feitas com querosene que levantavam armações enormes feitas com papel fino e cola. Havia, inclusive, concursos de balão. Os baloeiros passavam meses fabricando artesanalmente os brinquedos. Quanto maior fosse o balão e mais colorido, mais merecedor do prêmio. Eu mesma participei desses concursos nos invernos da zona norte do Rio de Janeiro, fui “baloeira”. Vale acrescentar que essa brincadeira ainda continua, infelizmente, causando incêndios em matas e aeroportos.

Ao lermos o poema de Bandeira, somos transportados para uma época em que brincar com balões era uma atividade comum e divertida. A letra da música “cai, cai balão, aqui na minha mão, não vou lá, não vou lá, tenho medo de apanhar” nos remete a momentos de correr e risadas durante as brincadeiras infantis ao ar livre. Apesar de a prática de soltar balões ser proibida por ser perigosa, a lembrança da fabricação manual do brinquedo traz à tona momentos lúdicos e artesanais. É interessante notar como a poesia pode resgatar essas memórias afetivas e nos fazer viajar no tempo para experiências tão simples e marcantes da infância

De acordo com a obra de Bandeira (2013), os elementos fogo e ar são utilizados na fabricação do brinquedo de papel. O poeta, em um de seus versos, relata que o filho da lavadeira foi quem criou o brinquedo, e destaca a saúde precária do personagem, que sofria de tosse e trabalhava em um jornal. “Comprou um papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos... Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame”.

O campo de Quissamã é palco de uma brincadeira peculiar, na qual água e terra se unem para envolver um "defunto lagartixa". As crianças da região decidem guardá-lo em um pote de vidro, juntamente com esses elementos, enterrando-o na terra. Além disso, o ar também é presente na natureza, no rosto das crianças e no ato de soltar pipas. É fundamental que a criança tenha imaginação para brincar com todos esses elementos naturais. Ao produzir seus próprios brinquedos, utilizando-se desses materiais, as crianças internalizam valores vividos pelos seres humanos ao longo da história.

Ressaltamos que a imaginação das crianças para brincar é o que temos de mais importante, no contexto brincante Calon. Elas usam muito a natureza na construção de seus paramentos brincantes. Os chaburron (meninos) e as chaburrin (meninas) de Quissamã desenvolvem confiança na natureza, usam “troços de criança” – como enfatiza Manuel de Barros (2016, p. 17). São coisas que os adultos pensam ter “desutilidade poética”, objetos simples, difíceis de serem notados, que dão saber, traduzem-se em imaginação. É no espaço do acampamento que encontram e praticam seus saberes, seus encontros, como no quintal de Barros (2016, p. 17): “Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber”. Portanto, a imaginação caminha com truques, com palavras, com ações, com gritos e sussurros, com corpos. Dessaber para alguns, mas as crianças aprendem a brincar com coisas simples e os elementais agregam nas suas criações.

Pelas trilhas dos poemas de Barros (2016), p.13), viraria “bocó” quem conseguisse fabricar “brinquedos de palavras”, esse era o “truque”. Seguindo o “truque” do poeta, Felipe, o Calon de 23 anos, lembra quando fabricou bonecos e tendas com muitos truques de criação, usando a natureza de seu próprio universo. Filmei e fotografei a fabricação dos brinquedos das memórias de Felipe, que me ensinou como fazer, o que, mais adiante, falaremos com mais afinco. Embora o Calon não tenha se transformado em “bocó” e nem criado palavras, criou brinquedos, transformou-se, então, num “bocó” fabricante de brinquedos, usando a natureza.

Yara Marvilha, menina Calin, reparou o caldo e o cheiro exalado pela lagartixa morta no campo: pendurou no sol, colocou-a num invólucro de vidro e escaldou o seu corpo. Brenda disse que, no avermelhado da terra do campo, num dia de calor, parecia o mar de Quissamã. Miriam queria fazer uma foto de estátua falante do idioma Inglês. Tudo isso é faz de conta, é

brincadeira. As crianças criam imagens em suas brincadeiras, viram “bocó”, brincam também com palavras. Eu também virei “bocó”, transformando as brincadeiras delas em texto de uma tese.

As crianças ciganas fazem imagens, geralmente respaldadas em suas tradições, imagens de seu mundo. No brincar existe o animismo, tem as vozes, as narrativas imaginadas, as dúvidas pelas perguntas, como também as figuras de linguagem. Tem o fazer de conta e o fazer de novo. A brincadeira que fizemos acima com a palavra “bocó”, de Barros, é um “faz de conta de verdade”, acontece no campo. As crianças brincam pelos mananciais criativos da humanidade.

Brenda recontou a história inteirinha que li para elas sobre o personagem Tidinho, em um de nossos momentos de contação de história. As crianças de Quissamã brincam de fazer de conta com seus brinquedos imaginativos, contam histórias várias vezes. É um saber que permite começar e recomeçar uma brincadeira, quantas vezes quiserem, seguida por seus costumes, pela imagem que veem através do mundo delas.

Salientamos que as crianças Calon de Quissamã observam o mundo brincante delas pelas cores, pelos tato, pelos gestos motores de seus corpos infantis, isto é, de modo totalmente “espontâneo”. É assim que elas percebem o mundo de seu acampamento. O contrário acontece com as crianças não ciganas, algumas envolvidas num consumismo exacerbado pela mídia, acabam levando adultos a comprar tantos brinquedos, que ficam, muitas vezes, jogados num cantinho do quarto, ou numa enorme caixa de brinquedo. São brinquedos de plástico, manufaturados por indústrias, que vivem do lucro pela falta de tempo e de imaginação dos adultos na construção de seus próprios brinquedos. Quanto mais se compra, mais se compra. Desse modo, pensam estar agradando às crianças. O certo seria incentivá-las a construir seus próprios brinquedos, usando a natureza com seus elementais.

Meirelles (2007) em suas andanças pelo Brasil, pesquisou muitas brincadeiras feitas com elementos da natureza, improvisando brinquedos achados pelos chãos, por perto das crianças. Geralmente, segundo a autora, essas crianças vivem nas áreas rurais. As crianças usam o que a mata oferece: “gravetos, folhas, penas, bambus, sementes. É uma grande alegria constatar que o Brasil é povoado de crianças que usufruem suas infâncias” (MEIRELLES, 2007, p. 9). Em cada parte do Brasil, existem crianças com modos próprios de brincar, mas que não deixam de lado a ordem universal do brincar.

O brincar de algumas crianças ciganas de Quissamã é muito mais leve, mais vivo, único. Elas não ligam muito para brinquedos que dão lucros às indústrias. Elas brincam com a imaginação. “Eu brinco de moça rica e moça pobre. Ela brincava comigo”, comenta a *chaburrim* Yara Marvilha Soares, de dez anos, referindo-se à Vitória Barreto da Costa, um ano

mais velha. Eu mesma já assisti, várias vezes, a Moisés brincando sozinho: falava com seus amiguinhos invisíveis.

O campo, onde se joga bola e solta pipa, é o local de encontro das crianças, o território do brincar. É todo de terra vermelha rodeado de casas não ciganas do lado esquerdo e com pouco mato. Do lado direito, estão as residências dos Calon, algumas de alvenaria e outras feitas de tendas. No meio, uma baliza de gol e uma grande extensão de terra avermelhada, para que possam jogar bola e soltar pipa. Nos fundos, os matos crescidos. Os pais das crianças não gostam de ver seus filhos irem para esse local. Dizem que lá tem cobras. O monumento suntuoso com cruzeiros da lagartixa de Santiago e Yara se encontra no lado esquerdo do campo. O campo é o espaço do faz de conta, onde tudo acontece, onde tudo se transforma.

Quando brincamos, exercitamos os nossos músculos, que algumas vezes são responsáveis por nossos desejos. A nossa mente criativa tem a função de apontar nossos próximos passos, a nossa próxima brincadeira. Josivaldo, no pique-lateiro, sabe que seu corpo é um pouco limitado, por ser cheinho, e gosta de colocar a lata mais perto da linha demarcatória da brincadeira.

Saura (2014, p. 328) explica sobre a importância do movimento do corpo que, segundo a autora, se chama “anima-AÇÃO – de *anima*”. Um corpo ativo possui vida, ação, vontades que levam as crianças Calon a um lugar de diversão: o brincar comunga com ação. O corpo de Moisés, menino Calon, irmão de Diana, é ativo, com muita potência criativa. Muitas vezes, com exercício de agressividade em relação aos outros “primos³¹” e amigos, o menino se vê diante de situações de enfrentamentos, de encantamento, de aprendizado e de descoberta.

Podemos destacar os estudos de Saura (2014) que afirmam que, quando brincamos, estamos movimentando o corpo e praticando um tipo de brincadeira “espontânea” e livre. É comum brincarmos de luta, espada e outros jogos com armas de brinquedo. No acampamento Mathias, onde é possível encontrar esses tipos de brinquedos, é fácil perceber a influência da natureza em sua fabricação. As armas podem ser feitas de pau, palha de coqueiro, elástico, plástico e outros materiais. Ao abordarmos a fabricação desses artefatos, é comum ouvirmos sons onomatopéicos, como “Pá, pá, pá, vou te matar agora!”. Em suma, o corpo está sempre presente nas brincadeiras “espontâneas”.

É comum haver diferentes opiniões sobre brincadeiras envolvendo armas. Alguns estudiosos afirmam que elas representam um arquétipo do herói e que as crianças se identificam com esses modelos arquetípicos. No entanto, é importante destacar que é fundamental

³¹ Como se denominam entre eles

compreender o contexto em que a brincadeira acontece para que ela possa ser realizada de forma adequada. É preciso considerar o ambiente em que a criança está inserida e compreender como essa brincadeira pode afetar o seu desenvolvimento.

Lima (2010), face às brincadeiras com armas, afirma que “o brinquedo pode ser posto a serviço do pacifismo tanto quanto do militarismo; do internacionalismo compreensivo tanto quanto do nacionalismo agressivo” (LIMA, 2010, p. 90). Brinquedos como armas, espadas, canhões, soldados de chumbo, tanques de guerra se arraigam na mente da criança, fazendo-o com que “cresça impregnado de outro espírito senão o de guerra entre as nações, o de agressão violenta ao estranho, [...] criam no menino ou no adolescente predisposições quase sádicas para a guerra” (LIMA, 2010, p. 91). Isso posto, compêndios exageradamente patrióticos com explanações heroicas, e brinquedos que remetem a armas bélicas ou até mesmo armas brancas, não são aconselháveis para as crianças brincarem. Reforça o autor, “O mal já está feito. O espírito da criança é eterno”.

Do outro lado deste debate, Meirelles (2007) cogita que esses tipos de brinquedos não transformam a criança em agressiva, pois a ideia dada ao brinquedo é somente a de um arquétipo de herói e as crianças acabam usufruindo dessas relações arquetípicas. Precisamos entender o entorno, enfatiza a autora, o ambiente em que se constrói esse tipo de brincadeira. Se as crianças brincam com armas em lugares violentos, teremos que tomar um certo cuidado. Entretanto, para viver uma relação arquetípica de herói com os brinquedos, as crianças simulam guerras, lutam, sentem-se valentes, principalmente quando estão crescendo. A autora acredita que não existe relação direta dos brinquedos na transformação da criança em um indivíduo marginalizado.

Já mencionamos que a criança Calon de Quissamã vive o seu mundo brincante no acampamento, não sendo permitidas de saírem do entorno. eO mundo da criança Calon se resume a seu espaço e, quando há qualquer desarmonia, cabe ao pai resolver o problema: “vou falar com teu pai” foi a expressão que mais ouvi, quando aconteciam desarmonias entre eles. Assisto a brincadeiras de lutas no acampamento, mas são pequenas lutas, um tipo comum de brincadeira a todas as infâncias. Além do mais, os não-ciganos entram em academias para aprender arte marcial, não se transformam em marginais. Além do mais, vale lembrar que os animais brincam também de lutar.

Além do bambolê e do pião, as crianças Calon em Quissamã também se envolvem em outras brincadeiras tradicionais. Uma delas é o jogo de amarelinha, onde desenhavam um tabuleiro no chão e saltam de um número para outro, desenvolvendo habilidades motoras e equilíbrio. Outra brincadeira popular é o pega-pega, em que as crianças correm umas atrás das outras, testando sua velocidade e agilidade.

A escolha desses brinquedos tradicionais reflete a importância da transmissão cultural dentro da comunidade Calon. As crianças observam e aprendem com seus pais e outros membros da comunidade, buscando manter viva a tradição e o vínculo com suas raízes. Essas brincadeiras não apenas proporcionam diversão, mas também fortalecem os laços familiares e comunitários, permitindo que as crianças se sintam conectadas à sua identidade cultural.

É interessante notar que, mesmo em um mundo cada vez mais tecnológico, as crianças Calon valorizam essas brincadeiras tradicionais, mostrando que elas têm um papel significativo em sua infância. Essa conexão com o passado e a preservação das brincadeiras tradicionais também ajudam a construir sua autoestima e senso de pertencimento, fortalecendo sua identidade como membros da comunidade Calon.

Na imagem a seguir, veremos a transmissão do bambolê, de mãe para filha, que não deixa de ser um reflexo da importância da cultura e da identidade dentro da comunidade Calon. Ao observar sua mãe, a pequena Miriam Soares aprende não apenas a técnica de girar o bambolê em sua cintura, mas também os valores e costumes associados a essa atividade. A brincadeira do bambolê não é apenas uma forma de entretenimento, mas também desempenha um papel importante no desenvolvimento motor e na coordenação das crianças. Ao praticar essa atividade, elas aprimoram sua habilidade de concentração, equilíbrio e coordenação motora, além de estimular a criatividade ao experimentar diferentes movimentos e truques com o bambolê

Figura 30 - Miriam Sales Luz, 7 anos, e o bambolê



Fonte: Acervo pessoal

Ao vermos a pequena Miriam girando o bambolê, podemos perceber o valor simbólico dessa brincadeira. Ela representa a continuidade da cultura Calon por algumas famílias, a preservação das tradições e a transmissão de conhecimentos de geração em geração. É um lembrete de que, mesmo em um mundo em constante mudança, as brincadeiras tradicionais têm um papel fundamental na formação e no crescimento das crianças, enraizando-as em sua herança cultural e fortalecendo sua identidade como membros da comunidade Calon.

Segundo Saura (2014, p. 238), as brincadeiras infantis não são novas, já que as crianças frequentemente se inspiram nas brincadeiras dos seus pais. A autora destaca que o pião, um brinquedo popular na Grécia Antiga, ainda é jogado pelas crianças nos dias de hoje. Algumas brincadeiras permanecem em voga por longos períodos, acompanhando os movimentos corporais e o olhar "enigmático à ciência do girar" das crianças. Elas criam desenhos de mandalas no chão com flores, pedras, areia e conchas.

O chão do acampamento de Quissamã é um mar de brincadeiras, com amarelinhas e triângulos desenhados em cores vivas. As bolas de vidro dentro dos triângulos refletem a luz do sol, como pequenos tesouros escondidos. Os jogos são variados, alguns competitivos, como o par ou ímpar, outros apenas para o simples prazer de brincar. Moisés, por sua vez, não se preocupa em vencer ou perder, ele joga pela alegria de brincar, sem saber ainda o que são números pares ou ímpares, sem se preocupar em fazer barganhas. Sua brincadeira é pura e espontânea, como a inocência de uma criança que ainda não conhece as regras do mundo.

Segundo Benjamin (2002, p. 96), o mundo da percepção infantil é fortemente influenciado pelos vestígios da geração mais velha, incluindo seus jogos. O autor afirma que são os adultos que inicialmente apresentam seus brinquedos às crianças, e mesmo que alguns deles sejam rejeitados, há brinquedos antigos, como a bola e a pipa, que continuam presentes na atualidade. Esses objetos eram, originalmente, "objetos de culto", ou seja, tinham um significado simbólico e ritualístico para a geração mais velha, mas, com a força da imaginação infantil, se transformaram em brinquedos. É interessante notar que, mesmo com a constante evolução da tecnologia e a proliferação de brinquedos eletrônicos, esses objetos tradicionais continuam a ser utilizados pelas crianças, mostrando a importância do passado na formação do presente.

Sabemos que as crianças da etnia Calon experimentam uma infância breve e intensa, em relação à infância do ocidente, uma vez que logo terão que se casar. Nessa transição, ocorrem mudanças significativas em seus corpos e comportamentos. Antes da pandemia, o uso de celular era estritamente proibido para as mulheres, mas a necessidade o tornou indispensável. Vitória, por exemplo, já possui o seu aparelho. Durante nossa primeira visita ao campo, em 2019, Vitória Barreto declarou:

Olha a gente só pode ter telefone quando a gente é bem velha, do tamanho de vocês, da idade de vocês, aí a gente pode usar telefone. Eu só uso *tablet*, eu tenho *face*, tenho *WhatsApp*, no *tablet*, então só uso o *tablet* no jogo. Só que isso tudo tá lá no concerto.

Clara, cunhada de Vitória, acrescenta: “eu não, eu tinha quando estava na casa de minha avó, aí eu vim morar pro meio de cigano [...]”. “Mas, você não é cigana?” “Sou cigana, mas morei muito tempo perto de brasileiro”. “O cigano não é brasileiro?” “Não, é Calon. A gente cigana Calon, as ciganas são Calin”.

Em 28 de janeiro de 2022, enviei para Vitória, pelo *WhatsApp*, o vídeo feito em 2019. Ela ficou estarecida com o seu próprio desenvolvimento: “Geeente, minha voz mudou, eu era feia kkkkk, me manda mais vídeo, eu quero ver”.

Figura 31 - Clara Fernandes da Silva, 13 e Vitória Barreto Costa, 9



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo

Essa experiência de olhar para trás e comparar-se com o passado é comum e pode despertar diversas emoções e reflexões nas pessoas. No caso de Vitória, ela manifesta interesse em ver mais vídeos, revelando sua curiosidade em entender melhor sua trajetória de crescimento e autoconhecimento.

Assim, essa experiência é uma jornada pessoal que transcende o tempo e desperta um turbilhão de emoções e reflexões nas pessoas. Vitória, uma jovem inquisitiva e ávida por autoconhecimento, mergulha nesse processo de autodescoberta. Cada recordação, para ela, é um portal para momentos vividos e uma oportunidade de compreender sua trajetória de crescimento.

Figura 32 - Vitória Barreto Costa, 12 anos



Fonte: Acervo pessoal

A imagem evidencia a importância da tecnologia, como o *WhatsApp*, na capacidade de compartilhar momentos passados e permitir que as pessoas reflitam sobre suas mudanças e evoluções ao longo do tempo. Também ressalta a forma como a autoimagem pode ser percebida e interpretada de maneiras distintas, demonstrando a subjetividade e a individualidade das experiências pessoais.

Figura 33 - Clara Fernandes da Silva em sua residência



Fonte: Acervo pessoal

Durante os dois anos de pesquisa em Quissamã, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto a transformação física e a trajetória da menina Calon Vitória. Desde o início de nossa chegada ao acampamento, sentimos uma mistura de curiosidade e ansiedade, características inerentes ao nosso papel como pesquisadores. Movidos por essa motivação, fizemos diversas perguntas para compreender e explorar a realidade da comunidade.

Foi nesse contexto que tivemos o privilégio de conhecer Clara, uma figura marcante que se tornou a esposa de Vítor Barreto Costa, um jovem de 23 anos, e Vitória, a própria irmã de Vítor. A conexão entre Clara, Vítor e Vitória revelou-se significativa ao longo do tempo, permitindo-nos entender melhor as relações familiares e os laços afetivos que permeiam a vida dos Calon.

Acompanhar a jornada de Vitória foi uma experiência enriquecedora. Observamos seu crescimento físico e emocional, assim como seu amadurecimento ao longo dos anos. Sua transformação foi evidente e impactante, refletindo não apenas mudanças em sua aparência, mas também em sua personalidade e perspectivas de vida. Essa proximidade com a comunidade Calon nos proporcionou *insights* valiosos sobre as dinâmicas familiares, os desafios enfrentados

e as tradições preservadas por essa comunidade. A presença de Clara, Vítor e Vitória como personagens centrais em nossa pesquisa nos permitiu compreender a importância dos laços familiares na vida dos Calon e como essas relações moldam as experiências individuais e coletivas.

Em suma, a observação da transformação física de Vitória, desde o momento em que a conhecemos até o presente, agregou uma dimensão emocional à nossa pesquisa. Isso nos permitiu compreender melhor a complexidade e a dinâmica da comunidade Calon, bem como a importância dos relacionamentos familiares e do crescimento pessoal dentro dessa cultura específica

Figura 34 - Matheus Kauã e Vitória Barreto



Fonte: Acervo pessoal

A imagem enviada para mim por Virgínia Barreto, é de Kauã, primo de Vitória Barreto Costa. Seu celular não tem uma boa resolução, mas não poderia deixá-la à parte. Eles não

brincam mais com as outras crianças, principalmente no espaço do campo. Gostam de brincar de dança de salão e forró, para quando saírem para encontros de festas com outros adolescentes. Vitória não tinha *tablet*, como vimos no diálogo anterior. Hoje, o tempo inteiro brincam com o celular na mão, elaborando vídeos para o *TikTok*. Kauã é um artista nato, carrega o sangue e o gingado do povo cigano. Dançarino, apresentador, contador de piadas.

Durante nossa pesquisa em Quissamã, observamos que as crianças Calon praticam, espontaneamente, brincadeiras que envolvem o corpo e a dança, em uma fase em que estão descobrindo o mundo ao seu redor. Hoje em dia, elas pedem celulares aos pais para ouvir música de cantores ciganos e ficar por dentro dos bailes que acontecem entre eles, inclusive possuindo grupos no WhatsApp para se comunicar. Uma vez, fui adicionada nesse grupo, mas logo depois fui removida, por saberem que não.

Com o passar dos dois anos de estudos, notava a transformação física da menina Vitória, que está aprendendo dançar os ritmos da dança de salão, assim como nós "brasileiros". Os ciganos dançam uma espécie de salsa com soltinho, mostrando um brincar espontâneo com o corpo, uma atitude livre escolhida por eles, que são os próprios sujeitos de seu brincar e aprendizados. Dessa forma, eles produzem cultura.

Figura 35 - Kauã Matheus Soares Amaral, 13, e David Soares Gomes, 10



Fonte: Acervo pessoal

Já comentamos a união das crianças Calon. Considerado um irmão, David é primo de Kauã, que já está prometido para Yasmim Soares, com quem vamos conversar mais adiante. Segundo o menino Calon, o casamento será no ano que vem. Kauã passa a arte de bailar para David.

As crianças Calon demonstram que o celular se tornou um objeto de grande valor para elas, algo que vai além de um simples meio de comunicação. Na verdade, ele se transformou em um brinquedo muito apreciado, que permite a essas crianças mostrar-se para o mundo e interagir com outras comunidades Calon, inclusive de outras regiões do Brasil. O Instagram é uma das plataformas preferidas pelos “crianças-Calon-adolescente³²”, onde compartilham fotos e vídeos com trajes extravagantes e coloridos. E não são apenas as crianças Calon de Quissamã que aderiram a essa tendência, mas também as crianças Calon de outras partes do país. Além do *Instagram*, os adolescentes Calon também estão presentes no *TikTok*, onde criam vídeos coloridos e divertidos, dançando e cantando músicas sertanejas e esperando por curtidas e seguidores Calon.

Para as crianças Calon, a oportunidade de ser criança e brincar livremente em contato com a natureza é algo muito valorizado. Apesar de haver muitas informações e ensinamentos transmitidos virtualmente através de tablets e celulares, muitos aspectos culturais estão se perdendo devido às brincadeiras tecnológicas, não apenas entre os ciganos, mas também entre os “brasileiros”. Isso inclui a perda da convivência interpessoal, como o hábito de sentar à mesa com os pais e compartilhar refeições, o que permite observar o que se come, como se come e conversar durante o consumo da comida, apreciando o prazer de comer juntos. Esse é apenas um exemplo de como o uso excessivo da tecnologia pode levar à perda de costumes valiosos.

Já abordamos a questão da escola e a diminuição das brincadeiras entre os alunos. Infelizmente, o tempo destinado ao recreio, momento de liberdade e descontração para as crianças, vem sendo cada vez mais reduzido. Com isso, as crianças passam a ter menos oportunidades de brincar e mais cobranças e obrigações, o que pode gerar um sentimento de desgosto em relação à escola. Essa pode ser uma razão pela qual as crianças Calon não se sintam atraídas pela instituição escolar, uma vez que sua cultura valoriza muito o brincar livre e o contato com a natureza, atividades que não encontram espaço no ambiente escolar tradicional.

³² Crio esse conceito para diferenciar menino e menina que não brincam mais com outras crianças. Nesta fase, a menina é totalmente proibida de ficar ao lado de outros meninos. Vitória só tem autorização para dançar com Kauã, porque ele também já está prometido, e com seu primo. Obtive estas informações quando estive lá, recentemente, por quatro dias consecutivos. É muito rigorosa a cobrança feita pelos pais. Elas estão com o matrimônio arranjado, somente esperando a idade avançar mais um pouco para concretizar o casamento.

Neste momento, dialogo com o projeto de Javier Naranjo (2019), que compartilhou suas práticas pedagógicas com atitudes brincantes, resultando na criação de um compêndio. O ano era 1988. O educador pediu aos seus alunos do ensino fundamental que escrevessem a definição de “ser criança”. Segundo o mestre, nada foi-lhes imposto: ficaram livres para pensar e escrever. Ao explicar sobre o projeto, o autor afirmava que os alunos escreviam “ao sabor de sua vontade” (NARANJO, 2019, p. 12). O espaço da brincadeira era variado: sentados na grama, fora da sala de aula. Segundo o autor de *Casa das Estrelas*, os adultos deveriam valorizar mais o que a criança produz. Na maioria das vezes, os adultos consideram as crianças vazias ou até mesmo “sacos ranhentos”. Com base em Naranjo (2019), a criança deve ser ouvida, observada, de modo a entendermos suas aflições, seus medos e, conseqüentemente, aliviar a sua caminhada infantil. Mostrar-lhes que no mundo existe o belo, a riqueza do brincar, o aconchego e a valorização de suas produções.

Como exemplo do valor da fala de uma criança, destacamos um fragmento da pesquisa de Naranjo (2019, p. 41): a narrativa de Janhanna López, de 10 anos. Quando foi questionada sobre o que é ser criança, respondeu: “Ser criança – o que estou vivendo é ser criança”. Levou muito tempo para entendermos que criança não é um adulto pequeno, mas Luz Yaneidy Gil, de oito anos, aluna de Naranjo reforça o contrário do que levamos tempo para desmistificar: criança é “um homem pequenininho”. Definição dada pela criatividade de uma criança na pesquisa do autor.

Antes de ler a obra, levei³³ a pergunta que o autor fez aos seus alunos: “o que é ser criança?”, para o acampamento de Quissamã, perguntei “o que é ser criança cigana?”. Brenda Soares, 10 anos, enfatiza que “ser criança é legal, brincar, ficar com amiguinhos pra poder brincar, sempre, todos os dias”. Yara Marvilha Siqueira de Jesus, de 10 anos, disse que “é muito bom. Por causa de quê? Quando eu crescer eu vou casar, aí vou ter que lavar roupa, aí é muito difícil, mas eu quero ficar criança o dia inteiro, (pausa) mas ... eu tenho que crescer”. Matheus Kauã, 11 anos, afirmou: “criança é ser assim oh, se divertir, brincar, correr, brincar de carrinho”. Vitória Barreto Costa, com 11 anos na época, já se sentia adolescente: “Quando eu era criança, eu era mais doidinha, agora já tô melhorando. Eu era pior que essas crianças aí (aponta para outras crianças), eu saía batendo em todo mundo, brigando com todo mundo, puxando o cabelo dela (olha para Brenda)”.

A menina Assucena, que apareceu anteriormente em nossos escritos, hoje com dezoito anos, casou-se aos quatorze. Vitória, com 12 anos, já está noiva e não fala em outra coisa senão

³³ Questionário com perguntas específicas ao grupo étnico de Quissamã, elaborado por minha orientadora para adentrar no campo etnográfico, dia 18 de fevereiro de 2021, pois precisávamos de pesquisa.

“meu noivo”. Yara não deseja que sua infância passe rápido. Pelo que vimos acima, quer ter mais tempo de criança. Yara brinca muito no campo do acampamento e solta pipa. Para os meninos, a infância também é curta, brincam pouco, depois de casados, trabalham com compras e vendas, alguns com negociação com empréstimos de dinheiro, entre outros ofícios mercantes. Enquanto ainda não estão casados, dividem o tempo entre brincar e acompanhar o pai em negociações, um modo de aprender o ofício da barganha, da negociação. As crianças ciganas adoram brincar, seja soltando pipa, jogando bola ou brincando com qualquer outro brinquedo que esteja disponível. Mesmo quando estão vestidos de forma mais formal para aprenderem a fazer negócios com seus pais, elas não deixam de brincar. Na verdade, elas brincam do jeito que estão vestidas, sem nenhuma restrição. Isso demonstra que a brincadeira é muito importante para elas e que não há nada que as impeça de se divertirem.

Em Quissamã, a infância passa rápido e existe certa imitação do cotidiano dos adultos Calon. Esta mesma situação também é observada na África. Amadou Hampâté Bâ (2003, p. 240), em sua biografia, referiu-se às ocupações de seu amigo Bamoussa como divertidas, apesar de repugnantes. Vale ressaltar que as narrativas de Bâ eram baseadas em fatos reais. Bamoussa era habilidoso em cozinhar ratos, lagartos e gafanhotos grelhados ao fogo, com gravetos e palhas. Bâ enfatizou que as crianças africanas eram “precoces”, sendo que suas brincadeiras consistiam na imitação do trabalho dos adultos, ajudando-os desde cedo, e Bamoussa não era exceção. Assim como as crianças Calon de Quissamã aprendem a ser adultos muito cedo, e muitas vezes suas brincadeiras consistem na imitação do trabalho deles, em África, amadurecem ainda quando jovens e ajudam seus pais ainda quando crianças. Contudo, constatamos que há uma significativa distinção entre Bamoussa e as crianças Calon de Quissamã, pois estas convivem com seus pais, recebendo auxílio deles até se tornarem aptas para a negociação e para viver de suas transações.

No que tange ao trabalho infantil, é um problema que ainda afeta muitas crianças no mundo, mesmo que tenha sido reconhecido como uma violação dos direitos das crianças. Embora a luta contra o trabalho infantil tenha avançado, ainda há muito a ser feito para erradicar completamente essa prática. As crianças precisam de tempo para brincar e estudar, o que é essencial para o seu desenvolvimento saudável.

No caso dos meninos Calon, é comum que eles comecem a se preparar cedo para a responsabilidade de sustentar sua família. Isso acontece devido à tradição cigana, assim como ocorre com outras tradições que exigem outros costumes, tais como a participação das crianças nas atividades e no cotidiano. Embora haja essa preparação para o trabalho, a realidade das crianças ciganas é muito diferente daquelas vividas pelas crianças durante a Revolução

Industrial, por exemplo. Naquela época, as crianças eram forçadas a trabalhar longas horas em condições precárias, sem nenhuma proteção ou reconhecimento de seus direitos. Além disso, ainda há casos de crianças que são vítimas de trabalho forçado em algumas partes do mundo, o que torna a luta contra o trabalho infantil ainda mais importante.

As crianças Calon de Quissamã brincam muito. Em relação ao mundo brincante, Adriana Friedman (2013, p. 4) argumenta que toda brincadeira tem “o começo, o meio e o fim da brincadeira”. A autora denomina esses termos de “tempo”, muito embora uma criança nem se dê conta deste aspecto, só quando um adulto interrompe a brincadeira. O adulto também não se interessa em que período se encontra a brincadeira das crianças, se está começando, se está no meio ou se está no fim da brincadeira.

De acordo com a estudiosa mencionada, o “espaço” é um outro fenômeno importante da brincadeira, sendo considerado a porta de entrada para o brincar. Perguntas como “como vamos brincar?”, “com quem vamos brincar?” e “do que vamos brincar?” são essenciais em qualquer brincadeira. As crianças Calon fazem esses questionamentos quando brincam comigo. Além disso, concordo com Friedman que em toda brincadeira existem protagonistas, e as crianças brincam com diversas companhias, como amigos invisíveis ou a natureza. Felipe, um jovem de 23 anos que conheci, costumava fazer barraquinhas com a natureza. As crianças Calon têm muitas opções de companhia para brincar.

Seguindo ainda a ideia de regras da brincadeira, Friedman (2013, p. 6) alerta que “os objetos são a ponte para as brincadeiras”, mas o importante mesmo são as regras. Nesse contexto, enfatiza a autora, as “regras – sejam impostas pelo tempo, pelo próprio material, pela história daquela atividade, pelo grupo, todas elas dizem de quem brinca, dos seus valores, das suas prioridades”. No acampamento Mathias, seguir regras na brincadeira é um problema sério. Mais tarde, a exemplo disso, contarei de quando brinquei com eles de pique-lateiro.

Mantendo minha interlocução ainda sobre as regras da brincadeira com Friedmam (2013), quando enfatiza que ser preciso a escolha de um líder para a brincadeira. Não podemos nos esquecer que esses detalhes existem em quase todas as brincadeiras. Quem começará? Uma das maneiras de saber quem começará a brincadeira é o jogo de mãos do par ou ímpar. Em Quissamã, só tira “par ou ímpar” as crianças que vão para a escola. Observamos a importância da escola e a disciplina de matemática para os meninos Calon, que precisam aprender a fazer negociações. Mas a escola também cumpre o papel de favorecer a escolha de um líder na brincadeira. Além da matemática ser importante para fazer negócios, é também importante na decisão, no começo de uma brincadeira.

O jogo de "par ou ímpar" é uma brincadeira simples, mas repleta de emoção. As crianças se escondem atrás do próprio corpo e começam a somar mentalmente os dedos que serão lançados à frente. A ansiedade cresce a cada movimento e a adivinhação começa. Quem ganha o jogo assume o papel de líder, escolhendo os próximos jogadores e até mesmo evitando punições em outras brincadeiras.

Ainda no contexto de “criação de Friedman” acerca dos elementos que compõem uma brincadeira, assim como o “tempo e o “espaço”, a autora lembra por último “a narrativa, a trama, o conteúdo”. Para a estudiosa do brincar, esses três últimos elementos estão ligados a valores de cada cultura, “seus personagens, seus mitos, suas histórias” (FRIEDMAN, 2013, p. 8).

Quando aludimos a narrativas, sejam elas orais ou escritas, dialogamos com Bonomo (2019), que assinala serem os ciganos grupos étnicos, que têm muitas histórias para contar. Inclusive, relembra o tempo das “tropas de mula” dos primeiros povos ciganos independentes de qualquer grupo étnico. Alegrias, liberdade. Mesmo enfrentando muitos obstáculos em relação a estereótipos, além das dificuldades de fome, cansaço, doenças causadas pela extrema exposição ao sol e à chuva, as caravanas seguiam. Histórias do passado, narrativas do presente, principalmente quando o tema é intolerância: as crianças ciganas têm muito para falar, porque esse povo carrega uma rica e extraordinária memória que remonta à colonização brasileira, além de ser atravessada por perseguições.

Retomando *Casa das Estrelas*, de Javier Naranjo (2019), com os poetas miúdos, o termo brincadeira virou poesia na escrita de Ricardo Mejía, 10 anos: “brincadeira – É estar contente e amando”. Quando voltei ao campo, durante o carnaval de 2022, tive curiosidade de saber a definição de “brincadeira” pelas crianças Calon de Quissamã. Kauã me respondeu que “brincadeira de verdade é aprender a dançar”; Moisés disse-me que “brincadeira é tudo que eu faço o dia inteiro”, Felipe, 23 anos, que “brincadeira mesmo é a das antigas, quando a gente se reunia para montar barraca de galho seco e plástico. Hoje, as crianças só querem saber de celular”.

Como adultos, é de nossa responsabilidade garantir que as crianças tenham seus próprios espaços e a oportunidade de brincar livremente com outras crianças. Precisamos pensar em maneiras de criar alternativas e soluções para o confinamento que as crianças experimentam em condomínios e apartamentos, bem como o uso excessivo de telas digitais, que tem levado a um desaparecimento das brincadeiras espontâneas ao ar livre. É fundamental que criemos mais oportunidades para brincar ao ar livre e rompamos com a monotonia do concreto e das superfícies planas. Devemos trazer mais atividades lúdicas para a escola e para nossos quintais,

seguindo os exemplos inspiradores do poeta Manoel de Barros, que em suas obras nos mostra como a natureza pode ser uma fonte inesgotável de brincadeiras e diversão.

Uma outra questão fundamental sobre o ato de brincar é que, como adultos, deveríamos brincar mais com as nossas crianças. É nosso dever não as interromper enquanto estão se divertindo e respeitar o começo, meio e fim das brincadeiras. Sempre que tenho a oportunidade, brinco com elas. Brincava com meus alunos do ensino fundamental e, agora, brinco com meu neto de oito anos. Além disso, é importante refletirmos sobre quais brincadeiras têm mais potencial para promover um resgate cultural junto às crianças. Afinal, qual criança não conhece cobra-cega, pique-esconde, bambolê, caracol riscado na areia ou amarelinha? São brincadeiras antigas, mas que ainda são muito significativas para a infância.

Renata Meirelles (2007) busca sempre revigorar o conceito de brincar e traz memórias de suas aventuras infantis. Segundo a autora, quando criança, ela se embrenhava em aventuras infantis, descendo muros e telhados, brincava de ser anjo: “não larguei a areia da praia que nos permitia mergulhar dentro de incríveis castelos, nem os insetos capturados em caixinhas de fósforos e guardados em esconderijos secretos” (MEIRELLES, 2007, p. 10). Para a escritora, eram momentos agradáveis.

Desde que comecei meus escritos sobre infância Calon, revivo minhas histórias vividas na infância, desnudo-me em meu texto, trago “minhas raízes crianceiras”. É uma vontade que surge sem esperar, sem pudor. Quem me inspira é Manoel de Barros (2018) que também fala e comunga pelas vozes das crianças. Segundo o autor, a criança associa um “orvalho a uma aranha”. Elementos como um entardecer, um pouso de um pássaro numa árvore, tudo é interessante para o poeta e passou a ter também importância para mim. Assim como ele: “trago de minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor” (BARROS, 2018, p. 67).

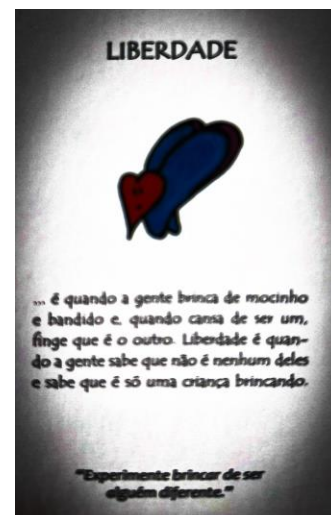
As crianças narram enxergando o que os adultos não conseguem traduzir. Hoje, depois de muito tempo, consigo traduzir o que não enxergava. Conto minhas histórias para os meus netos. Devemos contar nossas histórias para nossas crianças, narrativas de nossas brincadeiras de infância. Precisamos contar como brincávamos. Isso nos fará lembrar como cada criança brincava, estimular quem brinca. Não nascemos para pensar na morte, nem pensar na miséria, nascemos para recomeçar a vida. Cada criança recomeça a vida, o mundo, a história. Tudo traz possibilidades de sermos mais humanos e, portanto, mais felizes.

2.4 A carta da “Liberdade” – Entre pipas, cds e paraquedas: ar e terra

A carta selecionada de Patrícia Gebrin (2021) representa a liberdade, uma sensação que as crianças experimentam quando se reúnem com seus amigos para brincar. É um momento de criatividade, de correr e de se expressar sem medo. A pipa, um brinquedo simples e tão amado pelas crianças Calon, é um símbolo dessa liberdade, assim como o paraquedista que trouxemos e que eles adoraram brincar. Durante nosso encontro, as crianças não se limitaram a brincar de mocinho e de bandido, mas se libertaram ao soltar pipas e lançar bonecos de paraquedas. Foi uma experiência de voar, de seguir em frente e de começar a desbravar novos caminhos.

A liberdade que a brincadeira proporciona é algo que devemos valorizar e incentivar em nossas crianças.

A autora, ao falar sobre a carta brincante da liberdade, nos convida a ouvir as batidas do nosso coração. Para isso, é preciso parar de ler e escrever, e apenas escutar. Ela enfatiza: "Batidas rápidas... Batidas... Batidas fortes... Batidas... Batidas longas... Batidas... Batidas de medo... Batidas... Batidas... Batidas... de amor" (GEBRIN, 2021, p. 37). E assim, sob o sol escaldante do campo de Quissamã, local de brincadeiras das crianças Calon do acampamento Mathias, pude decifrar as batidas do meu coração. É como se cada batida fosse uma nota de uma música que só eu podia ouvir, uma melodia que só eu podia sentir. E nesse momento de introspecção, pude sentir a liberdade de ser eu mesma, de estar em contato com a natureza e de compartilhar o brincar com as crianças. Afinal, a brincadeira é um momento de liberdade, onde podemos voar, correr, criar e nos expressar. Voamos “sem ter asas de pássaros ou borboletas, porque a gente tem umas asas muito mais fortes que essas: As Asas da imaginação!” (GEBRIN, 2021, p. 54).



2.4.1 A pipa propaganda de Moisés

Figura 36 - Moisés Soares, 7 anos



Fonte: Acervo pessoal

“Só mandar linha e dibicar e fica no alto, mandaaaaaaaaaaaaar até acabar. Depois baixa, enrola. Se não tiver vento é só guardar, enrolar a linha, ir embora, tomar banho e dormir”. Essa é a voz de Moisés Soares respondendo à minha pergunta de como se solta pipa. As crianças Calon de Quissamã têm a pipa como um objeto brincante bem atuante no acampamento.

Aproximemos o nosso olhar para o brinquedo de vareta e de papel e para os nomes estrangeiros que tomam conta de todo o papel fino: *Oakley*, *Hollister*, *Redley*, *Echô United* (cujo logotipo famoso é o rinoceronte), *Quick Silver*, *BillaBong*. Numa breve pesquisa, aprendi

que representam marcas famosas de roupas de esporte cogitadas por jovens que gostam de se vestir na moda. Outro aspecto relevante na fotografia são as cores da pipa: branca, vermelha e roxa.

Figura 37 - A pipa de Moisés



Fonte: Acervo pessoal

Brougère (2006) discorre sobre a importância da “dimensão simbólica” do brinquedo. Para analisar tal conceito, o estudioso dos brinquedos faz uma decomposição material do objeto brincante e de sua representação. O primeiro “provém dessa capacidade de ser um meio de expressão ‘com volume’” (BROUGÈRE, 2006, p. 41). Trata-se de um brinquedo dotado de

significações, que, mesmo assim, não perde a sua capacidade de ser um objeto. O autor considera a “forma e/ou do desenho, da cor, do aspecto tátil, do odor, do ruído ou dos sons emitidos” (BROUGÈRE, 2006, p. 41). A forma dá significado ao brinquedo, e também está ligada à sua funcionalidade. Segundo o autor: “Do mesmo modo, a cor torna-se um código” (BROUGÈRE, 2006, p. 41). Os brinquedos voadores trazem cores que atraem; combinam desenhos, dizeres interessantes e atrativos que fazem parte do chamamento a seu consumo e da escolha pelas crianças, pelo gosto e pelo interesse delas.

O carretel amarelo, maior que a mão do menino Calon, possui pouca linha. Antes de encontrá-lo, Moisés já soltara muitas pipas, ou desperdiçara muita linha por causa de sua pouca experiência na arte de soltar pipa. O maior espetáculo para o menino Calon é sua pipa atingir o infinito do céu, acompanhada de um rabo bem grande para dar-lhe mais força ao voar. Já assisti a esse momento, Josivaldo colocou a pipa para ele. Quando olhei para as nuvens e depois para a criança, percebi labaredas do sol em seu rosto provocando caras e caretas. Pela pouca idade, ele não possui muita habilidade em soltar pipa, depende de outras crianças no acampamento. Geralmente, é Josivaldo quem o socorre.

Algumas crianças sentem dificuldades no manuseio do brinquedo, geralmente, as menores. Quando isso ocorre, dependem de ajuda entre elas. “Soltar pipa é assim, tem que ver a direção do vento e outro segurar a pipa acima da cabeça, pra que ela suba”, disse Ravel Soares. “Mas dá pra colocar no alto sozinho”, continua o *chaburron*. Para tal façanha, tem que ter muita habilidade com o brinquedo. Mas a composição de duas pessoas para colocá-la no alto é prática antiga. Quem já não ouviu a frase: “Segura mais alto, mais alto!”. A pipa é um brinquedo que une os meninos Calon. O maior sempre ajuda o de menor idade, que tem dificuldades no brincar.

É possível assistir, em todo o Rio de Janeiro, a crianças e a adultos correndo atrás de um papagaio³⁴ liberto das mãos de alguém, solto no ar, à espera de um novo pipeiro. Para praticar a arte, é necessária paciência. O *chaburrom* Moisés não tem muita com o objeto brincante, embora adore o contato com ele. Quando a linha embola, pede socorro a alguém e, se não for atendido, fala em murmurinhos e xingamentos, para que eu não ouça. Sorrio por dentro, pois me divirto com as palavras desbocadas do menino Calon. O fato é que se Moisés gritar com um “menino adolescente Calon”, fica tudo certo. Mas, quando diz palavras feias para meninos da idade dele, começam as confusões. São brigas de crianças, muitas vezes resolvidas pelo pai da criança. Em Mathias, assisti ao pai de Moisés solucionar problemas brincantes do

³⁴ Nome dado à pipa em diversos territórios brasileiros.

menino. Quando as crianças não conseguem resolver o dilema entre eles, eis que surge a figura paterna para tentar solucionar os problemas.

Quando as pipas estão no ar, os meninos Calon passam suas tardes no campo avermelhado do acampamento Mathias. De repente, lembro-me do menino que repetia as tardes no quintal de Manoel de Barros (2016). Quando fiquei acampada por quatro dias, em fevereiro de 2022, era certo ter os meninos envolvidos no brinquedo todas as tardes. Para os *chavon* (meninos Calon) do acampamento Mathias, não se contam os períodos de férias, pois muitos não estão na escola. Se tiver uma pipa no alto, é sinal de que está na hora de providenciar a deles. E não tem essa história de tempo e horário para soltar. Sempre que a tarde “enrubesce um pouco” e o “azul descortina para o dia”, assim enfatizava o encantador de palavras, lá vão eles para o campo. As crianças do acampamento Mathias repetem as tardes no campo sempre que chega o período de pipas anunciado pelas crianças “brasileiras”, não ciganas.

2.4.2 Os elementais: ar, a leveza do voo; terra, o tato das coisas

Para se soltar pipa, solicitamos a presença dos elementais terra e ar. Eles têm muita importância no ato de brincar. O fazedor do amanhecer, Manoel de Barros (2016), explica-os em seus versos: “que o fogo purifique, que a terra cure, que o ar transforme, que a água regenere e que o espírito renasça!”. Assim, acrescenta: “a minha poesia é fertilizada pelas águas, pelo chão do pantanal”³⁵. No caso do brinquedo de papel, a pipa, o ar domina a brincadeira, sem ele, o brinquedo não sobe e fica rabiolando, o que cansa os braços das crianças Calon. O vento tem que ser dosado, basta não ter vento demais e nem vento de menos. Quando o ar está dentro desse contexto, lá se vão os meninos Calon com suas pipas pelo acampamento até chegar ao campo, o lugar brincante deles. Desse modo, aludo à imaginação criadora no baú da infância do autor para explicar a importância dos elementais no ato de brincar.

Gandhy Piorsky (2016), maranhense da cidade de Codó, sabe nos guiar a interagir com os elementais através da imaginação. O verbo imaginar faz parte do ato de brincar. Segundo o autor, os quatro elementos habitam na imaginação e participam “como um código de expressão da vida imaginária” (PIORSKY, 2016, p. 19). O elemental fogo cria imagens e narrativas “quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, acolhedoras (sem fogo íntimo) e amorosas” (PIORSKY, 2016, p. 20). Imaginar pela água transmite aspectos melancólicos, sentimentos

³⁵ Trecho transcrito do filme: **Só Dez por Cento é Mentira**. Disponível em: <https://br.video.search.yahoo.com> Acesso em 03 de maio de 2022.

lacrimejantes que nos transmitem alegria, muitas vezes por causa de saudades. “Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos voos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimações do brincar” (PIORSKY, 2016, p. 25). A pipa está nesse contexto. O autor acrescenta que, pela terra, ocorre o tateio de coisas “enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza” (PIORSKY, 2016, p. 25). Para o estudioso, toda a verdade da criança está em conexão com a imaginação, trata-se da busca de um brincar livre por parte infantil. São adicionados, nesse contexto brincante, infinitos gestos e inúmeras narrativas. Um mundo imaginado enredado pelos elementais.

2.4.3 A pipa: lendas, símbolos e mitos

A brincadeira de soltar pipa sempre esteve em voga. Essa é, provavelmente, uma das diversões mais famosas, que muita gente, em muitos lugares e tempos distintos, já brincou. No Rio de Janeiro, a brincadeira tem épocas certas: um período sazonal, que vai de dezembro a março. Isso ocorre porque, antigamente, as férias duravam esse período e, quanto mais crianças de férias, mais pipas no alto.

Figura 38 - Pipa no céu de Quissamã



Fonte: Acervo Pessoal

Em relação à quantidade de linhas, deve ser bem extensa para o brinquedo voar o mais alto possível. Geralmente, ela sobe cerca de 20 metros. O primordial da brincadeira é saber sentir o vento quando bate no rosto: então, está na hora de entregar o brinquedo ao céu. É praticamente impossível não ver pelas ruas adultos e crianças com uma lata de linha na mão, debicando. Muitas vezes, a linha sobe com cerol, uma mistura de cola com cacos de vidro moídos. O cerol, nos dias de hoje, já é vendido pronto, no mesmo local em que se compra a pipa.

Para se fazer uma pipa, bastam apenas papel de seda, linha, palitos bem afinados com faca, com o cuidado para não ficar muito fino, pois será preciso envergar as varetas, quase num formato de uma cruz, depois usar a cola para prender o papel de seda às varetas. Também se fazem necessários uns furinhos no lugar onde acontece o cruzamento das varetas. Depois é só ter o cuidado com os fios elétricos. Assim, o brinquedo está pronto para subir, feito naturalmente, com troços da natureza.

Já nos referimos à Renata Meirelles (2016) e o seu projeto *Território do brincar, um encontro com a criança brasileira*³⁶, o qual traduz suas andanças pelos territórios do Brasil em busca de conhecer as brincadeiras de criança. Foram várias as recreações registradas pela pesquisadora, que ilustrou essas artes, observou, fotografou e registrou as brincadeiras ligadas à natureza. As crianças brasileiras brincam na natureza e se utilizam dela para fazer os seus brinquedos. Tal investigação desconstrói a noção que os educadores têm acerca do brincar, pois as crianças brincam sozinhas. Muitas vezes, não há necessidade de dirigir esses momentos lúdicos.

Meirelles (2016) destaca a importância de compreender a diversidade das brincadeiras e os modos como elas se comportam para sermos aceitos nas brincadeiras das crianças. Segundo ela, em tudo o que a natureza oferece, há um ser humano presente ali. Durante as brincadeiras infantis, é importante observar e não atrapalhar o processo de brincar das crianças. É necessário respeitar o tempo e o espaço delas, para que possam se desenvolver e se expressar livremente através das brincadeiras. A pesquisadora enfatiza que as brincadeiras são uma forma de expressão da cultura e das tradições de cada comunidade e, portanto, devem ser valorizadas e respeitadas.

³⁶ Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/territorio-do-brincar-na-midia/importancia-do-brincar-entrevista-com-renata-meirelles-e-a-essencia-da-brincadeira/>. Acesso em 6 de fevereiro de 2022.

O poema de Manoel de Barros, “Olhos Parados”³⁷, é um convite à contemplação do mundo, à valorização das memórias e das raízes crianceiras. O autor, ao se lembrar de seus parentes, faz uma conexão com suas próprias vivências, evocando um universo de lembranças que se perpetua em sua mente. Assim como Barros, eu também divago em minhas lembranças e me recordo de uma menina que não soltava pipa, mas sempre acompanhava alguém que solicitava minha ajuda para colocá-la no alto. Esta imagem evoca em mim a importância das vivências e da conexão com a infância, pois são elas que nos moldam e nos tornam quem somos. Ao contemplar o mundo com olhos parados como os do autor, somos capazes de perceber a beleza que se esconde em cada pequeno detalhe e valorizar as experiências que nos fazem crescer. Nos meus momentos de “criancês”, eu não soltava o brinquedo, mas segurava-o para que meus primos o colocassem no céu. Quando não tínhamos dinheiro para comprar a pipa de papel fino decorado, “desinventávamos objetos”, as folhas de caderno da escola se transformavam em pipas e rabiolas. Ficavam horrorosas no ar, não tinham o colorido e a potência de uma pipa de verdade. Que possamos, como Manoel de Barros, manter viva em nossos corações a visão comungante de nossas raízes crianceiras, e que possamos sempre lembrar da importância de observar o mundo ao nosso redor.

Os meninos adolescentes³⁸ Calon usam cerol, mas nem todos, pois se trata de algo perigoso. Josivaldo e Ravel esticaram a linha no campo, mas não moeram vidro, compraram o cerol já pronto – o que representa um perigo, já que existem muitos casos de desastres com ciclistas e motoristas de moto, que foram degolados por uma linha com cerol.

A pipa, como já dissemos, é mundialmente conhecida, possuindo várias denominações: “Cometa” nos países de língua espanhola, “Kite” nos de língua Inglesa, “Barrilete” na Argentina, “Arquilone” na Itália, “takô” no Japão³⁹ e mais nomes se espalham por esse mundo afora. Diante do exposto sobre tantas denominações de pipas, é interessante trazer para os nossos estudos informações relevantes sobre esse brinquedo.

O nosso colonizador trouxe a pipa. Depois, transformamos o brinquedo e inventamos outros nomes para ele, um em cada território do Brasil. Em relação aos nomes brasileiros da pipa, Simas (2019, p. 62) identifica-os: “pandorga, papagaio, pepeta, piposa, cangula, curica, morcego, banda de asa, frecha, catita, barrilote, navio, gafanhoto, pecapara”. Esse objeto brincante é tão importante que o autor de *O corpo encantado das ruas* acrescenta-nos mais dados sobre ele. Segundo o estudioso, “diversas civilizações inventaram e empinaram

³⁷ Disponível em: https://www.ebiografia.com/manoel_de_barros/. Acesso em 24 de maio de 2023.

³⁸ Assim denomino as crianças que estão em fase de se casar, segundo algumas famílias Calon

³⁹ Disponível em: <http://pipas.comunidades.net>. Acesso em 12 de março de 2022.

papagaios. Ou delírio que as pipas são anteriores aos homens e foram elas que nos inventaram para que alguém as empinasse” (SIMAS, 2019, p. 62).

De acordo com as pesquisas realizadas por Simas (2019), as pipas têm uma importância histórica significativa no contexto militar, pois, eram utilizadas como forma de sinalização. O autor afirma que, por meio das variações e cores presentes nas pipas, eram transmitidos códigos de combate. Além disso, Simas também explora a importância cultural das pipas em outras regiões do mundo, como no Oriente, onde o desenho de um dragão em uma pipa é capaz de afastar maus espíritos, atrair prosperidade e rogar por vida longa (quando em forma de tartaruga), entre outras crenças.

No contexto brasileiro, a pesquisa de Simas destaca a relevância das pipas em todo o território nacional, levando em consideração os diferentes nomes dados a esse objeto brincante em cada estado. Conhecer esses nomes é uma maneira de compreender a importância cultural e histórica atribuída às pipas no país. Em suma, as pesquisas de Simas evidenciam a riqueza e a complexidade da história das pipas, demonstrando sua importância em diversos contextos e regiões ao longo do tempo.

Por onde quer que existam varetas afinadas com uma faca, papel fino o suficiente para envolver as varetas, uma cauda ostentosa e linha revestida ou não de cerol, existirão pipas pelo mundo. Quando as crianças empinam as pipas, fazem sempre num espaço aberto, igual a um céu limpo de nuvens, isso dá mais liberdade para correr e somente olhar o brinquedo colorido com rabo colorido no alto que se ostenta no azul do céu. Ademais, além do espaço, um vento propício é importante para a arte de soltar pipa.

Quase todos os brinquedos têm uma história registrada que ultrapassa séculos, continuando atuante. Para alguns, a pipa parece ser um brinquedo sem muita importância, mas ela tem uma história misteriosa, recheada de lendas, símbolos e mitos, além de muita magia, beleza e encantamento. De fato, a vontade de voar sempre esteve presente no homem primitivo e a pipa surge no alto por causa dessa curiosidade. O encanto da pipa vem da possibilidade de alcançar alturas que, de outra forma, seriam inacessíveis ao homem, proporcionando uma sensação de liberdade e aventura.

Neste contexto de explicação sobre o objeto brincante, vale ressaltar que não foi só com o homem primitivo que a pipa foi um artifício para saciar a sede de alcançar o céu. Várias civilizações posteriores também tiveram esse desejo. A China, por exemplo, tem muitas histórias relacionadas a esse objeto brincante. As narrativas sobre a pipa estão de comum acordo com a história das civilizações: a pipa percorreu todo esse caminho e além de ter diversas

funções, tais como avisos, magias, oferendas, ela ainda diverte e dá ao homem a vontade de atingir o céu⁴⁰.

Atualmente, a pipa participa de ornamentações em festas de aniversários, ilustrando temáticas através de desenhos, dizeres e cores, fazendo parte da infância de algumas crianças. Não temos como guardar uma pipa por muito tempo, mas as imagens, principalmente quando fotografadas, ultrapassam sentidos e significados de quem a produziu, como também de quem a vendeu e de quem a comprou. Pipas já levaram recados a pipeiros anônimos; pipas já levaram escritos sentimentos de amizade e de amor. É só alcançar o céu e, quando no cruzo ela cair, alguém alcançará a mensagem escrita. A pipa é um brinquedo que marca histórias da infância de quem praticou a arte de pipeiro: sempre esteve presente no cotidiano dos indivíduos e teve muitas funções.

No bojo desta teoria com a brincadeira de pipa, um fato totalmente desconhecido ocorreu no Quilombo dos Palmares, algo que pode trazer à tona a informação de que o continente africano já conhecia a pipa muito antes dos portugueses. Durante o período da escravidão no Brasil, os negros enfrentavam muitos perigos e estavam constantemente sendo caçados pelos brancos portugueses. Nesse contexto, a pipa tinha um papel importante como meio de comunicação e alerta entre as comunidades negras. Quando um perigo se aproximava, os negros empinavam a pipa ao alto como um sinal de alerta para que os outros membros da comunidade soubessem que deveriam tomar precauções. Além disso, o brinquedo também era visto como um objeto sagrado, utilizado como oferenda para os deuses africanos cultuados pelos negros escravizados. Assim, a pipa tinha tanto uma função prática quanto simbólica dentro da cultura africana trazida ao Brasil durante a época da escravidão.

Em paralelo a essas características pipantes, Melo (2016) discorre ser, a pipa, uma prática lúdica do povo brasileiro, que traz memórias das histórias das civilizações ligadas à aviação. A pipa está inserida nas pesquisas de estudiosos cientistas e também participa de salas de aula. Vale ressaltar que, nas disciplinas de Matemática e de Física, o uso da pipa se dá sob a forma de ensino pedagógico. Até os dias de hoje, soltar pipa é a brincadeira mais popular, enfatiza a autora. Ademais, como mencionamos, fez parte da história do cotidiano das civilizações, como também esteve inserida nas crenças religiosas. Segundo Maria Fátima Aranha de Queiroz Melo (2016, p. 344): “Ao se deslocar por essas redes, a pipa passou por um movimento de tradução que foi lhe conferindo diferentes versões em função do papel desempenhado em cada um dos coletivos que pode compor”. Portanto, a popularidade desse

⁴⁰ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25267>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2022.

brinquedo vem atravessando gerações e tendo muitos conceitos de aplicabilidade. A pipa é uma herança milenar.

2.4.4 Os caçadores de pipas do Afeganistão

A pipa é um brinquedo tão importante que virou um grande romance e vale a pena trazê-lo a esses escritos. O autor de *O caçador de pipas*, Khaled Hosseini (2013), mesmo narrando assuntos de guerras, estupros, abandonos, dentre outras tristezas, contribui com mais informações sobre a pipa. Hosseini acrescenta, em sua narrativa, que a pipa tem outra utilidade na Malásia: a da pesca. Tal façanha consiste em amarrar uma linha de pesca e, ao mesmo tempo, empinar uma pipa. Na antiga China, comenta o autor, “os generais empinam pipas nos campos de batalha, para enviar mensagens aos seus comandados” (HOSSEINI, 2013, p. 343). Já aprendemos que, nos Quilombos dos Palmares, a pipa também tinha a função de alertar sobre o inimigo.

No livro *O Caçador de Pipas*, de Khaled Hosseini (2013), é descrito um momento em que um personagem se recorda da infância e de como seu pai preparava a pipa para empiná-la. Antes de tudo, eles verificavam se o vento estava favorável ou não para que a pipa pudesse voar. Para isso, o pai do personagem chutava poeira com as sandálias, a fim de sentir de que lado o vento soprava. Essa era uma técnica que ele conhecia bem e que lhe ajudava a escolher o melhor momento para soltar a pipa. Esse trecho demonstra a importância da observação e do conhecimento empírico na prática de empinar pipas, além de transmitir uma sensação nostálgica e afetiva em relação à infância e aos momentos compartilhados com o pai. Não devemos nos esquecer desse contexto, os elementais terra e ar que caminham juntos na narrativa. No acampamento Mathias de Quissamã, não existe concurso de pipas, como em outros lugares. As conversas sobre pipa no alto e cruzo acontecem durante a noite, quando se reúnem, em conversas informais entre os meninos Calon.

Numa dessas corridas para caçar a pipa de Amir, Hassan sofreu abusos sexuais por homens das forças armadas que estavam no local devido a acontecimentos políticos ocorridos em Cabul. Outro concurso de pipas é ilustrado no final da história, em que o filho órfão de Hassam passa a ser criado por Amir e sua esposa. Esse evento com pipas ocorre até hoje nos países do Oriente. Mais tarde, Amir descobre que Hassam era seu irmão de sangue, mas vivia como filho do serviçal de seu pai, que encobria a história familiar. O enredo circula num espaço de guerra e das vidas desses protagonistas na história. A pipa é quase que protagonista da história. Vale a pena a leitura dessa grande obra, mesmo com o pouco *spoiler* dado aqui.

2.4.5 Amarrando a rabiola

Figura 39 – Eu e Moisés



Fonte: Acervo pessoal

Já dissemos que a pipa é um brinquedo importante no acampamento Mathias. Observei que Moisés é o mais pipeiro, o que mais gosta de soltar pipa. Como um indivíduo sem nenhum conhecimento de colocar uma pipa no alto, tentei entrar na brincadeira com Moisés. Como já mencionei, segurei pipas para os meus primos colocarem no alto, o emprego mais chato da brincadeira, assim como também ajudei com as latas que igualmente se sacrificavam para dar potência às linhas cortantes. Em Mathias, Moisés solicitou-me que lhe fizesse o rabo, a rabiola, de sua pipa. O meu primeiro passo foi certo. Sentei-me, pedi uma tesoura, enrolei o papel fino, comecei a cortá-lo em filetes, enrolando-o em um cilindro. Chegou o mais difícil: amarrar as tirinhas de papel na linha que forma a cauda da pipa, a que fica presa à armação de bambu. Foram muitas as tentativas de laçadas para prender o papel cortado no rabo da pipa. Durante a infância, não prestei atenção como se cria um rabo de pipa. Vale ressaltar que a arte de amarrar a rabiola, é que dá o equilíbrio da pipa, são os pés dela. Moisés ficou um pouco desanimado,

não falou palavras consideradas feias, não brigou comigo, afinal, nos damos muito bem, mas percebeu que algo estava errado, foi o que senti naquele momento.

Figura 40 - Moisés soltando pipa



Fonte: Acervo pessoal

Coloquei a pipa no alto com Moisés. Segurei, como fazia com os meus primos, ele desenrolou a linha, que passou pelo indicador e polegar dando suaves puxões contra o peito: o vento é pouco, o brinquedo roda no ar e não consegue subir. Moisés desistiu por um momento. Por mais que ele debicasse, a pipa não saía do lugar, os pés dela não a sustentavam: ficou doida de tanto rodar no ar. Na foto acima, assistimos à insistência do *chavon* em tentar sozinho, ou melhor, junto à sua sombra, colocar o objeto brincante no ar. Para soltar o brinquedo sem ninguém segurando, deve correr um pouquinho e debicar com muita força para o papagaio tentar subir. Mas não tinha vento...

2.4.6 Josivaldo, ajudante de aprendiz

Figura 41 - Josivaldo Soares com sua pipa



Fonte: Acervo pessoal

Josivaldo sempre ajuda Moisés a desembolar rabiolas e linha do carretel. É um menino Calon sempre prestativo, também me ajuda muito quando estou no acampamento. Quando perguntei a Moisés se, com a ajuda de Josivaldo, a pipa foi para o alto, ele me respondeu: “não conseguiu voltar pro alto, garrei na banana, rasguei tudo, o vento rasgou tudo, mas tenho mais uma lá”. Moisés tenta aprender a arte do soltar pipa, mas não tem muita paciência: quando ela se enrosca em pés de bananeira, ele, nervosamente, resolve logo a situação rasgando a pipa, porque tem sempre uma nova esperando por ele. E alguém que lhe faça a rabiola. Josivaldo é quem debica e põe no alto.

Na brincadeira de soltar pipa, sempre existe um indivíduo sem nome, sem idade, sem rosto do outro lado, dono de outra pipa. Desse modo, não se conhece quem está do outro lado,

principalmente, se for “brasileiro”, o que faz os meninos Calon ficarem nervosos quando perdem a pipa. Os meninos Calon de Quissamã tem pouca amizade com crianças não ciganas, preferem ficar brincando apenas entre si.

Quando Josivaldo estava me explicando como se corta uma pipa, Moisés logo interrompeu a nossa conversa, “já falei, tia, é só mandar linha e dibicar”. Contudo, o mestre de Moisés acrescenta e nos ensina a colocar uma pipa no alto: “primeiro, manda uma pessoa levar, boto minha lata no chão e dibico com força, aí sobe”. Moisés mais uma vez interrompe Josivaldo e mostra que também sabe a arte: “Só mandar linha, colocar no alto e ficar dibicando. E se não der vento, rolar linha, baixar, vim embora, desenrolar a rabiola”. Mas Josivaldo percebe que ainda não me ensinou a arte de cortar outra pipa, porque toda vez que tenta me explicar, Moisés o interrompe. Insiste Josivaldo: “botar a linha no chão e ficar dibicando para o lado dele (a pessoa do outro lado que está com a pipa desejada por Josivaldo), ou posso entrar por baixo e puxar, ou jogar por cima e afogar”. E foi assim que aprendi a arte de cortar uma pipa com o menino Calon de Quissamã: Josivaldo.

Figura 42 - Josivaldo no campo de Quissamã



Fonte: Acervo Pessoal

É possível perceber que Moisés, Josivaldo e muitos outros *chavon* veem a pipa como um artefato natural que produz alegria, que movimentam músculos das mãos, dos braços e das pernas, em suma, do corpo. O território brincante de Quissamã, um campo aberto sem árvores frutíferas, encerado de barro, sem capim, dá a eles a possibilidade de um brincar “espontâneo”.

A brincadeira com pipa exige gestos com o corpo, imitados de outros corpos *chaburrom* (meninos ciganos) do passado. Na minha pesquisa, aprendi o que não nos foi possível aprender na infância, ou até mesmo o que achava sem importância para aprender como adulta, aprendi com as crianças Calon de Mathias, Quissamã.

2.4.7 O cruzo – As pipas se enroscam no céu

Figura 43 - Meninos Calon brincando



Legenda: Josivaldo, calça vinho; Ravel, de blusa branca e Santiago, de blusa listrada.
Fonte: Acervo Pessoal

Os *chavon* olham as pipas que se beijam e o azul do céu reflete suas sombras que testemunham com eles todo ritual: as pipas se enroscam, a arte do cruzo acontece. Uma ficará a dona das nuvens e a outra cairá num poste ou numa árvore, portos seguros para o perdedor do cruzo. A imagem destaca os corpos e as sombras magnetizados que anunciam a arte das danças do cruzo. Pelos gestos que fazem com os dedos, pelos trejeitos de rostos e raciocínio profundo, percebemos a atenção no cruzo. Afinal, todos anseiam por ser um bom pipeiro. Dedos indicador e polegar apontados para o brinquedo como se fossem eles os responsáveis pela arte do cruzo, do enroscamento, do acasalamento dos brinquedos. Olhos e mentes atentos. O melhor da

brincadeira acontece depois da batalha: a disputa de corpos para pegá-la, antes de enroscarem em algum lugar.

De minha parte, observo mais uma vez Josivaldo e ignoro o cruzo. O menino com botas de caubói, iguais às que ele vende pelo aplicativo do *TikTok*, calça comprida de cor vinho, camisa comprida e listrada. O braseiro do sol consome seu rosto moreno, o que lhe dá um certo brilho. Parece um menino adulto. O menino-adolescente Calon estava pronto para aprender outra arte, a de barganha, mas parou ali, para soltar pipa. Prefere observar a arte de soltar uma pipa, primeiramente. Depois, se juntou debaixo da sombra de uma árvore famosa, que se situa na esquina, em frente à rua em que mora. Nesse lugar, aprende a barganhar e se junta aos homens que param ali para comercializar. Esse ato ocorre naturalmente. Percebo que não existe pressão, eles até gostam de se misturar. Às vezes, as negociações acontecem no bar, com outros adultos Calon.

As sombras dos meninos Calon, ainda na imagem, acompanham a arte do cruzo de um menino Calon, perto deles, e de outro pipeiro invisível, que pode ser um “brasileiro” ou não, um menino mais adulto, talvez, ou até mesmo uma criança. Para os meninos Calon, o outro não se conhece, e não importa quem está do outro lado, pois a pipa é a protagonista do céu e não de quem a solta. A pipa de Josivaldo não comunga com o ar: está presa na mão do *chiborrim*, que está mais interessado no cruzo do que no soltar o seu brinquedo de papel. A pipa de Josivaldo tem uma cruz enorme preta, que acompanha as varetas, e uma rosa dos ventos composta nas cores verde e rosa. Ele escolheu o formato e as cores de seu brinquedo.

O chão da terra do campo é igual à terra que rodeia o mar de Quissamã, bem amarela e grossa. Existem horas que penso ter sido aquele espaço pertencente ao mar, assim como já nos falou Brenda, em uma de nossas conversas, que aquela areia é do mar de Quissamã. Há charcos atrás do acampamento e ninguém se atreve a acampar ou construir casas lá perto. São moradias de rãs, sapos e cobras. Em algum lugar, além das casas e barracas que rodeiam, sempre que estamos juntos, ouvimos conversas e risadas e o murmurinho de um vento que sopra do mar e da lagoa.

Voltando mais uma vez à imagem, observamos que Moisés segura a linha na tentativa de colocar mais uma vez sua pipa no alto, mas as outras crianças não estão muito interessadas: querem brincar com o animal de estimação, que virou, naquele momento, protagonista da brincadeira dos outros meninos, atrás de Moisés. A bota não atrapalha o debicar, nem mesmo a calça comprida colada nas pernas, ornamentada por um cinto de caubói. Como acontece com outros *Chaborron*, o menino Calon estava pronto para sair com seu pai e aprender a barganhar. O carretel, preso em sua mão direita, avisa que a pipa subirá. A outra mão se prepara para jogar

a pipa para beijar o ar, o papel batia na atmosfera, emitindo barulhos como os de asas de pássaros. Seus olhos saltam somente para a pipa, ignora o animal de estimação. Bem lá no fundo da imagem, encontra-se uma baliza feita artesanalmente para o jogo de bola. Naquele momento, nem a baliza tinha função: somente o cachorro e a pipa de Moisés entravam em cena.

Figura 44 - Moisés Soares no campo



Fonte: Acervo Pessoal

A importância de brincar ao ar livre em contato com a natureza é enfatizada por Brites (2020, p.126), que destaca a seriedade desse assunto. Tanto que em 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou um manual sobre os benefícios da vida ao ar livre para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Para a autora, a ordem dos pais deveria ser "Já para fora!" e é crucial que as crianças passem pelo menos uma hora no quintal, na praça ou em outros locais onde possam respirar ar puro e admirar o céu.

O campo do acampamento Mathias de Quissamã é um lugar onde as crianças ciganas têm a oportunidade de brincar e de se divertir ao ar livre. É notável a abundância de espaço disponível, o que sugere a possibilidade de aproveitar ainda mais esse ambiente para as atividades lúdicas. Uma ideia que vem à mente é a construção de um espaço exclusivo para as crianças ciganas, onde elas possam desenvolver suas habilidades e estimular sua criatividade de maneira segura e saudável. No entanto, é importante questionar se as autoridades responsáveis por essas políticas públicas estão de fato considerando as necessidades e demandas

da comunidade cigana. Poderiam criar um diálogo efetivo entre as partes envolvidas para que medidas como essa pudessem ser implementadas de forma justa e inclusiva.

Moisés está sozinho com a pipa na mão. Sabia que ele não conseguiria fazer seu brinquedo atingir o céu azul, pois não havia vento, ninguém se interessava em segurar a sua pipa. O ar quente sinalizava que nada se movia ao redor, nem papel no chão, nem folhas de árvores, o vento era inexistente naquele momento, mas o menino queria, de qualquer modo, colocar seu brinquedo no ar. Seguindo os manejos de Hassan, o caçador de pipas do Afeganistão, Moisés poderia aprender a chutar a poeira vermelha do campo com as suas botas de caubói para ver a posição do vento, ou até mesmo se havia vento.

2.4.8 Entre sacos e compact disc – cd

Figura 45 - Mirela Soares, 6 anos, buscando cds



Fonte: (Acervo Pessoal)

Enquanto os meninos Calon se divertem com as pipas, Mirela acha um tesouro nos sacos pretos depositados na frente da casa de Yara. Até aquele momento, ninguém se deu conta da descoberta da menina Calin. Mirela é filha de Paloma, a Calin que costura e modela os vestidos para todas do acampamento, inclusive para mim. A menina Calin não fazia outra coisa senão

catar as rodas brilhantes, que passam filmes na televisão. Ela não queria nem um pouco saber de pipas e mostrava-se comprometida com o achado e, naquele momento, o meu interesse foi o mesmo do dela. Mirela é irmã de Miriam, elas fizeram aniversário numa só festa, não são gêmeas, mas nasceram no mesmo mês. Fotografei e filmei a festa comum das duas. A *chaborrin* desfruta de seu grande achado, muitos *Compact Discs* – Cds novinhos, com capa, totalmente perfeitos. Meu olhar se volta para o saco preto rasgado por Mirela, quietinha, desfrutando do tesouro achado. O olhar do pesquisador deve estar atento a todos acontecimentos no campo. A menina fica em silêncio por muito tempo. Todas as meninas Calin estão de longe assistindo aos cruzos das pipas: elas não podem se misturar com os meninos. Não notam o achado de Mirela.

Figura 46 - Yara, Mirela e Santiago no campo



Fonte: Acervo Pessoal

Santiago Soares, o de blusa vermelha, não se preocupa em juntar os objetos que passam filmes de cinema, apenas leva o lixo. Ele é pequeno, ou seja, da mesma idade das meninas, então, tem permissão de ficar entre elas. Yara, a menina de short listrado, demonstra uma grande preocupação e pega todos os Cds em suas mãos. “Meu Deus, como isso veio parar aqui? Isso é lá de casa, como veio parar aqui?” – Yara se questiona em tom alto e muito surpresa. A menina

Calin se interessa pelo seriado de TV, chamado *Banshee*⁴¹, dentre todos os CDs. Perguntei-lhe por que salvou justamente aquele. “Ah, professora, eu gosto muito desse seriado.”

Assistimos às crianças a procurar brinquedos no lixo. Recordo-me de minha infância que achava bonecas rabiscadas, mas o brinquedo que mais me marcou foi uma bolsinha de couro de guardar níquel nas cores verde e bege, que minha avó pegou mais tarde e usou até o fim de sua vida.

Figura 47 - Yara pega rapidamente o da série *Banshee*



Fonte: Acervo pessoal

Brougère (2006) destaca que não é necessário ter regras para brincar com um brinquedo. Qualquer objeto pode se tornar um brinquedo infantil, cuja função é proporcionar a diversão livre de censura e de crítica. Segundo o autor, durante a brincadeira, as crianças podem até mesmo criar seus próprios brinquedos, usando objetos que não foram feitos especificamente para serem brincados. Isso foi exemplificado quando Mirela, ao revirar o saco, descobriu CDs que ela transformou em "brinquedo de enfeitar casinha", mostrando como as crianças podem encontrar diversão em objetos inesperados.

⁴¹ A Banshee é um ser mitológico que está presente na mitologia celta. A lenda diz que quando uma pessoa de uma aldeia irlandesa morria, uma mulher era designada para chorar no funeral [...]. Disponível em: <https://mitologia-lendas-urbanas.fandom.com/pt-br/wiki/Banshee>. Acesso em 12 de março de 2022.

Figura 48: Mirela e Santiago recolhem brinquedos improvisados



Fonte: Acervo Pessoal

Ao buscar conceitos sobre a importância do brincar, mais uma vez comungaremos com Brites (2020). A psicóloga lembra que todos se preocupam com a questão ambiental e “todas as medidas que devemos tomar, de reciclagem do lixo à busca de energias sustentáveis, para salvar a natureza. E por que não nos preocuparmos da mesma forma com a natureza humana?” (BRITES, 2020, p. 134). Não podemos nos esquecer de que a criança aprende com a experiência de vida dos adultos, como também com tudo o que nos rodeia, mídias, celulares, dentre outros tipos de informação. “Por isso, a aprendizagem acontece a qualquer hora e em qualquer lugar”, assegura Brites (2020, p. 136). A natureza das crianças é pegar qualquer objeto e transformar em um brinquedo. E Mirela fez isso, às escondidas.

2.4.9 Yara, “criante brincante”

Figura 49 - Yara Marvilha juntando CDs



Fonte: Acervo pessoal

Na foto, Yara exibe uma expressão preocupada. De acordo com a tradição cigana, a jovem Calin deveria estar prometida a um menino adolescente Calon de sua comunidade ou de outra próxima, mas ela já deixou claro que não quer seguir esse caminho. Em vez disso, ela prefere se divertir com seus brinquedos e brincar livremente na natureza. A imagem de Yara nos faz refletir sobre as tradições culturais e as expectativas que são impostas às crianças desde cedo. É importante permitir que as crianças tenham voz e escolham o seu próprio caminho, seja ele qual for. Em Mathias, isso ocorre, a vontade da criança é respeitada. E, como Yara, também é essencial que as crianças tenham tempo para brincar e explorar a natureza, pois isso é fundamental para o seu desenvolvimento saudável e feliz.

Segundo Edilma Monteiro (2019), primeiro a partir de sua observação com os ciganos Mamanguape, na região da Costa Litorânea Norte da Paraíba, e depois no município de Sousa,

na região do Sertão, do mesmo estado, o período da infância em que a brincadeira é considerada importante entre as crianças Calon consiste entre o nascimento e os onze anos. Até os três anos de idade, as crianças são totalmente dependentes dos pais. Assisti a esse período no acampamento Mathias com os dois filhos da Calin Larissa. Nesse período já reconhecem algumas palavras do *Chibi*.

Dos três aos sete anos, as crianças Calon recorrem a brincadeiras com outras crianças de sua própria comunidade. Além disso, as crianças cuidam de passarinhos, muitas vezes colocam comidas do galo, ganham objetos de ouro, argumenta Monteiro (2019). Em relação ao acampamento de Quissamã, observei os presentes de ouro e as brincadeiras aqui relatadas dentro da própria comunidade.

Segundo a pesquisadora, dos sete aos onze anos as crianças Calon já frequentam a escola e ajudam em alguma atividade doméstica, como ocorre no acampamento Mathias. Depois dos onze anos, após a menstruação, as meninas se preparam para casar: “As atividades domésticas são mais presentes no cotidiano, os meninos começam a treinar a fazer negócios internamente, para mais tarde fazer negócios maiores e começar a pensar em um matrimônio” (MONTEIRO, 2019, p. 259). Assim acontece no acampamento Mathias de Quissamã. A fase brincante das crianças Calon passa rápido. As crianças de Quissamã brincam de bebê aos onze anos entre eles mesmos. Em Mathias, elas não saem do local em que residem para brincar.

A nossa linguagem tem a função “brincativa”, de Barros (2011). Desse modo, consideremos Yara, “a criante brincante” que sempre inventava os divertimentos. A menina *Calin* criava brincadeiras, diferente das outras crianças que apenas brincavam. Yara não parava de usar a sua imaginação na criação de outras formas de se divertir. Eu não sabia, até aquele momento, se ainda teria fôlego. Existia em Yara um olhar especial que sempre nos convidava a brincar com ela.

Já mencionamos, na introdução de nossos escritos sobre o brincar, que Yara não deseja se casar. Segundo ela, nem tem pretendentes. Yara mostra uma preocupação em tornar-se do lar e ver suas brincadeiras esvaírem-se. Piorky (2016, p. 108) denomina isso de “*cosmicidade imaginal*”, isto é, quando a criança, no decorrer de sua idade, “vai perdendo a força mágica, sendo reconduzida para a consciência, da cosmicidade anímica imaginal à totalidade consciente”. De acordo com o autor, a criança perde o poder da criatividade, o desencanto de ser criança. As imagens ganham fraquezas. Muitas crianças “[...] nesta fase da vida, choram pedindo para não deixar de ser criança, não querem ‘crescer’” (PIORSKY, 2016, p. 109). O escritor de brinquedos entende o que Yara tentou me dizer. Como sabemos, a infância Calon é efêmera: Yara não pensa em casamento, mas em brincar somente.

Quando uma criança brinca de forma espontânea, livre, esse brincar é dinâmico, criativo e transformador de descobertas e criações deflagradoras. Tudo isso decorre pela disposição de tempo necessário ao ato de brincar, sem cobranças de adultos, sem interrupção da brincadeira. Outro fator importante para uma “criante-brincante” é o espaço brincante de que a criança necessita para criar brincadeiras, aguçar imaginações. A isso, adicionamos o momento de diversão, sem as devidas cobranças de adultos que as fazem mais livres, sem preocupações externas, entregando-se ao momento criativo do brincar. Vale ressaltar que um brincar espontâneo, muitas vezes sem lugares pré-definidos para ocorrer, tem tempo demarcado por adultos, o que pode causar o desinteresse das próprias crianças, pois nenhuma criança gosta que um adulto atrapalhe a brincadeira.

Dentro desse contexto de “criante-brincante”, vale acrescentar que um brinquedo não garante a qualidade de se tornar um criante-brincante. O que denomina um criante-brincante é a sua ação ligada à cultura infantil em que ele se insere. Uma criança criante-brincante manipula gestos, cria movimentos, inventa narrativas fictícias, desenha usando pormenores de sua cultura, rememora jogos lúdicos do passado que lhe foram ensinados pela família. Um brinquedo é mais um instrumento para o seu ato de criar ao brincar.

Nesse percurso, uma criança criante-brincante movimenta-se corporalmente, possui ação, entusiasmo, a palavra mais assertiva: inquietação, quando se vê pronta para a próxima brincadeira. Ao criar a todo momento uma brincadeira diferente, uma criante-brincante tem a intenção, ou a astúcia, de prender ao seu lado os amigos, muitas vezes de liderar a brincadeira ou até mesmo aproveitar todo o seu tempo para brincar bastante. Uma criante-brincante não está satisfeita só com si, mas em assistir aos seus pares felizes ao brincar, pois ela estimula-os com sua imaginação. Diante disso, brincar somente de uma brincadeira cansa uma criante-brincante, pois existe um certo tempo de duração para uma brincadeira. A intenção de uma criança criante-brincante é pensar sempre numa próxima brincadeira conhecida, ou, inventar ações de uma brincadeira já brincada entre seus pares. Por essas vias, movimentos, entusiasmos, inquietações levam-na ao não lugar comum do divertimento.

Imagine uma cena em que uma criança está brincando livremente, com seus olhos brilhantes e sua imaginação solta. É nesse universo lúdico que Winnicot (2019 p. 72), renomado psicanalista britânico, nos convida a mergulhar, segundo sua obra. Ele ressalta a importância de observar atentamente a criança em sua atividade de brincar e de escrever sobre esse processo em si mesmo, sem se preocupar tanto com o conteúdo específico da brincadeira. Para Winnicot, o foco está no ato de brincar em si, e não no brinquedo ou no objetivo final da atividade. Dessa

forma, ele nos convida a valorizar o universo imaginário da criança e a entender como essa atividade lúdica é fundamental para seu desenvolvimento e bem-estar emocional.

O autor Winnicot elabora uma distinção importante entre os termos "brincadeira" como substantivo e "o brincar" como verbo substantivado. Ao escrever sobre o brincar, ele argumenta que é essencial incluir o adulto nessa reflexão, pois a forma como o adulto se comporta durante a brincadeira pode ter um papel determinante no desenvolvimento da criança. Questões como o tom de voz, a escolha das palavras e até mesmo o senso de humor do adulto podem influenciar na forma como a criança brinca e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento. Assim, Winnicot nos convida a pensar na brincadeira como um processo dinâmico e interativo, em que tanto a criança quanto o adulto têm um papel ativo e influente. Por isso, o ato de escrever sobre o brincar implica em uma análise cuidadosa desse processo, considerando as interações entre a criança e o adulto e o impacto dessas interações no desenvolvimento infantil.

Ao brincar, a criança manipula fenômenos externos e os coloca a serviço do sonho, atribuindo a esses fenômenos significados oníricos e sentimentos. É como se ela criasse um mundo paralelo, onde tudo é possível, onde a imaginação corre solta. Observar gestos, corpos e narrativas das crianças que brincam tornam-se importantes para se entender o ato de brincar, pois é a partir dessa observação que podemos perceber a importância que a brincadeira tem para o desenvolvimento infantil.

Em suma, a mensagem do estudioso é clara: valorize o ato de brincar em si mesmo, valorize a experiência lúdica da criança e, acima de tudo, valorize a imaginação e o sonho. Deixe a criança ser criança e, quem sabe, você também possa se permitir entrar nesse universo mágico e se divertir junto com ela.

Considero-me, na minha infância, uma criante-brincante. Tal fato me vem à tona quando lembro dos momentos em que já me havia saturado de todos os tipos de brincadeiras e, de modo a prender meus pares, ainda tentava inventar outras. Naquele tempo, restou-me, no fundo de meu quintal, criar uma brincadeira em cima de uma amendoeira, com poucos galhos e folhas viçosas, que tentavam se manter de pé. Era o nosso avião passando por tempestades que faziam a magérrima árvore agitar-se. Em cima de seus troncos finos, balançávamos tanto que quase batíamos no céu cinzento de um dia anterior chuvoso. O veículo de aço verde e cheiro de amêndoas trepidava e provocávamos a caída de lesmas, caracóis, grilos entorpecidos ao chão de terra preta de nosso quintal. Winnicott (2019) ressalta que o brincar é algo criativo e terapêutico em que a criança transporta a sua realidade para a criação brincante. A minha realidade era de total pobreza, mas, por ter sido uma criante-brincante, viajei de avião.

É possível observar que o criante-brincante, seja criança, adolescente ou adulto, envolve-se em um universo rico de expressões e interações durante as brincadeiras. Ao girar, cantar e estabelecer regras de jogos, ele demonstra sua capacidade criativa e de adaptação às situações lúdicas. Além disso, ao escolher seus parceiros de brincadeira e imergir em narrativas fictícias, ele desenvolve habilidades sociais e emocionais, explorando diferentes papéis e perspectivas.

A capacidade de organizar as rodas de brincadeira e sobrepor-se nos desenhos evidencia a liderança e o espírito colaborativo do criante-brincante, bem como sua capacidade de coordenação e tomada de decisões em grupo. Essas experiências proporcionam oportunidades valiosas de aprendizagem, trocas de conhecimento, desenvolvimento motor e ritmos, além de estimularem a espontaneidade e a expressão individual.

Em suma, todas essas características destacam-se nas brincadeiras, tornando-as não apenas momentos de diversão, mas também de aprendizado, socialização e desenvolvimento integral do criante-brincante.

Figura 50 - Miriam e Yara separam os CDs



Fonte: Acervo Pessoal

Retorno aos Cds. Percebi Miriam preocupada com a atitude de sua irmã em pegar as rodinhas brilhantes para brincar. A menina procurava Yara na tentativa de ajudar a todo custo, de modo a amenizar a descoberta de Mirela. Para brincar, as crianças precisam de tempo, espaço, às vezes, algum estímulo, companhia e, outras vezes, respeito, se sua escolha for brincar sozinha. Os Cds foram interessantes para Mirela: ela se afastou de todos e sozinha fez sua brincadeira de casinha. Qualquer material pode ser interessante para uma “criante brincante”. Para Mirela, o que estava em seu alcance se transformou em brinquedo ou em um pretexto para brincar com o que foi desperdiçado por alguém. A criança está permanentemente manifestando-se através de seu inconsciente com suas fantasias, com seus sonhos, com suas criações.

Miriam tenta me explicar que Mirela achou os CDs nos sacos, que tudo ia ser jogado fora. Ela apenas salvou os objetos para Yara, que não aceitou ver os filmes de séries infantis no lixo. Mais tarde soube por Yara que fora sua madrastra quem fez a limpeza em sua casa. Recorro, então, a Piorsky (2016, p. 60) para ressaltar a importância do imaginar na vida das crianças: “as sensações mais significativas vividas por uma criança em seu brincar, as impressões gravadas em sua memória e corpo provêm desse núcleo de forças, da imaginação criadora [...]”. Nem tudo está relacionado ao estado criador da criança. Não são todos os filmes das mídias, nem todas as narrativas de algumas literaturas infantis que evocam a atenção das crianças. “Imaginação é uma semântica, uma linguagem, e, como tal, requer um vocabulário de signos capazes de comunicar, de fazer sentido, de contatar com seus significados” (PIORSKY, 2016, p. 61).

Figura 51 - Miriam pensativa



Fonte: Acervo pessoal

A criança cria, inventa um brinquedo que evoca suas forças da imaginação, uma espécie de organização no universo social da criança. Para existir brincadeira, faz-se necessário o objeto brinquedo, o corpo e a imaginação, “materiais colhidos na natureza entram no campo da criança para brincadeiras [...] os brinquedos são diversas formas de brincar e de fazer brincadeiras, as brincadeiras são brinquedos, são modos, gestos de brincar” (PIORSKY, 2016, p. 62). Mirela reciclou os objetos usando a sua imaginação de uma “criante brincante”. Apenas isso.

2.4.10 O boneco que não subia

Figura 52 - Crianças Calon brincando



Legenda: Vitória e Yara, junto à cadela Romi. Josivaldo, Brenda, Mirela, Moisés, Miriam, Santiago Fonte: Acervo Pessoal

Era sábado de uma manhã de dezembro de 2021. Dirigíamos com destino a Quissamã quando avistei, na esquina da saída de Praia Seca⁴², um vendedor de brinquedos que oferecia um boneco paraquedista. Como os meninos Calon de Quissamã gostam de soltar pipa, achamos que também poderiam brincar com o boneco, em que o elemental ar é importante na brincadeira.

⁴² Bairro da cidade Araruama, município do Estado do Rio de Janeiro, local em que resido.

Vale ressaltar que meu esposo sempre me acompanha na pesquisa, assim como o nosso pet, uma buldogue francês branca, cujo nome é Romi, em homenagem a outro grupo étnico, nós a amamos muito, a ponto de nos acompanhar nas pesquisas. Percebo que a presença de meu companheiro me facilita a estadia no campo em relação às mulheres Calin. Monteiro⁴³ (2019, p. 112) enfatiza que a presença de seu esposo também facilitava a sua pesquisa: “Na Costa, sei que ter a presença de Renan, como participante da pesquisa, foi um quesito mais que necessário, mas obrigatório e regulatório [...]”. Segundo a pesquisadora, o fato de ser casada e ter seu esposo no campo etnográfico facilitou a sua entrada. Assim como ela, mantemos um relacionamento amoroso e humano até hoje com muitos Calon do acampamento Mathias. No meu caso, além de possibilitar uma maior confiança e trânsito no acampamento, a companhia de meu esposo facilitou enquanto estava fotografando e entrevistando.

Figura 53: o boneco paraquedista



Legenda: Lauro, meu esposo, com o boneco paraquedista junto às crianças

Fonte: Acervo pessoal

Em relação ao homem de paraquedas, o brinquedo é totalmente artesanal, feito pelo vendedor. Tratava-se de um plástico cortado em formato redondo e um bonequinho simples,

⁴³ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214897>. Acesso em 01 de abril de 2020.

manufaturado por indústria de brinquedos. A brincadeira acontece do seguinte modo: o boneco é amarrado ao plástico e depois jogado ao alto, agarrado às linhas que lhe dão representação de um homem saltando de paraquedas⁴⁴. Inicialmente, as crianças ficaram eufóricas, mas, depois, viram que o brinquedo embolava muito e não tiveram paciência para desembolar a linha. Além do mais, perceberam que não sobe tão alto quanto a pipa. Para que o boneco paraquedista voe como a pipa, seria preciso jogá-lo de um lugar bem alto.

Partindo desta perspectiva, a criança deve dispor de elementos de sua cultura para confrontar imagens com representações delas. As imagens devem traduzir a realidade que cerca a criança como também, propor seus universos imaginários: “Cada cultura dispõe de um ‘banco de imagens’ consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural. É com essas imagens que a criança poderá se expressar [...] e captar novas produções” (BROUGÈRE, 2006, p. 40).

O brinquedo do homenzinho paraquedista durou apenas duas horas, restando apenas ele. Não lhes prendeu a atenção, não subia ao céu como a pipa. Não se interessaram por veículos que voam no céu e pelo homem que cai dele, não ligaram para paraquedistas ou bonecos. O automóvel é seu veículo cultural, que substituiu as carroças do passado. As brincadeiras de construir tendas, bonecas de milho, dentre outros, estão inseridas na cultura das crianças Calon de Quissamã. Podemos dizer que a infância dos ciganos não é a mesma infância dos não ciganos. São eles que escolhem as brincadeiras dos “brasileiros”, somente a que lhes agradam. A pipa fica mais tempo no ar e colore o céu azul; já o homem de paraquedas cai rapidamente, se enrola na linha e dá muito trabalho: não tem graça para eles.

Os brinquedos, muitas vezes, são fontes de transmissão oral, trazem bagagem de vida. Muitos são sazonais, como a pipa. Em épocas de férias escolares, esse brinquedo move muitas gerações como objetos privilegiados de infância. A pipa agrega os meninos Calon, que brincam com ela. As crianças soltam pipa com roupa de negociante: bota de couro com ponteira, calça comprida com cinto de caubói e camisa quadriculada. Não importa o tempo que dispõem para brincar, o que importa é ter vento.

Apreendi que soltar pipas requer sabedoria das crianças, que gostam de soltá-las, têm um dom dado de seus antepassados. O mais interessante é ver um bando de “caçadores de pipa” gritando atrás dela, como algo tão precioso e, por muitas vezes, inalcançável, pois se enrosca em fios de redes elétricas. Muitas vezes, a pipa cai em lugares difíceis de pegar, como numa

⁴⁴ Para fazermos esse brinquedo artesanal, temos que ter linha, tesoura, um saquinho de supermercado, um bonequinho de paraquedista. Cortamos o fundo do saco e cortamos os lados em formato de quadrado, que dobraremos duas vezes para formarmos um retângulo, dobra-se de novo formando um quadrado deixando o plástico alinhado até formarmos um cone [...]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4PuVsozoys>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

casa que tem cachorro, ou até mesmo em casas de idosos sem paciência com crianças. Quem consegue pegar uma pipa, como fazia Hassam, o caçador de pipa, tem mérito. É como ganhar um troféu. A pipa, mesmo que rasgada, não perde o valor de esperteza para quem a pega. Conseguir uma pipa voada é como ganhar mais um brinquedo que disputa o céu como as aves fazem. O soltar pipa, além de requerer sabedoria infantil, é uma brincadeira que ajuda a desenvolver habilidades motoras. Ademais, além da inteligência emocional, que circula na hora do cruzo e na hora de correr atrás de uma pipa voada, existe a diversão que, para as crianças, é um tipo de trabalho, ou seja, trabalhar é brincar. Soltar pipa e fazer rabiola não é só interesse de criança, até mesmo um adulto gosta de soltar o papagaio. Esta arte é para quem tem habilidade com o objeto brincante.

Eles não têm paciência de confeccionar as pipas, aliás, parece tarefa simples, mas não é: deve ter o toque final, a envergadura para que ela suba bem alto. A criança Calon que não possui habilidades com o papagaio, sempre implora por ajuda, principalmente os pequenos. Não houve possibilidade de substituir as pipas dos meninos Calon pelo boneco paraquedista, pois o brinquedo tem que alcançar o céu.

No jogo com pipas, o cruzo é mais importante: paralisa corpos, forma sombras. O aprendiz precisa se fixar no cruzo do experiente. Os elementos não humanos fazem parte da brincadeira: quanto mais vento, menos rede elétrica, solo mais plano, menos vegetação, menos postes, mais alto a pipa alcança o céu. Mesmo sem paciência para confeccionar a pipa, os menores empinadores procuram seguir a performance dos maiores: barganham, seguram a pipa para o pipeiro, caminham com ela, segurando-a na mão, bem no alto. Fazem isso em troca de explicação de como se coloca o brinquedo no céu, como também obter a proteção do maior, em caso de brigas. Em Quissamã, não existem “caçadores de pipa”, pois não têm paciência de correr atrás delas. Brincam entre eles, fazem a arte do cruzo entre eles. Os maiores se aventuram a cruzar com pipas de “brasileiros”.

Finalizo a discussão brincante de pipa, disco a laser e boneco de paraquedas com um poema que elaborei. A nossa etnografia, ou seja, a nossa pesquisa com crianças Calon ganha voz no corpo brincante delas. Suas emoções são traduzidas em forma de escrita, pelas nossas fotografias, pelos nossos poetas brasileiros. As fotografias, os olhares das crianças Calon somadas ao meu olhar construíram a “Pipa de criança Calon”⁴⁵. O poeta cantador da natureza, Barros (2016, p. 52), aponta: “Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria”.

⁴⁵ Essa poesia foi apresentada em minha qualificação, 31 de agosto de 2021, antes de elaborar esse texto.

Pipa de criança Calon

(Maria Marques)

A gente aprende com menino Calon
 Como se brinca com pipa
 usando trajes de negociante
 com galochas que não pesam
 Com calça comprida que não aperta
 com cinto caubói que reluz ao sol

A gente aprende com menino Calon
 Soltar pipa num céu anil
 Num campo de sol e terra vermelhos
 A fazer rabiolas coloridas
 A soltar pipa com linha chilena de Josivaldo
 pipa que roda no ar, sem vento, de Moisés
 pipa que venta com o vento
 que sustenta a pipa de Ravel

A gente aprende com menino Calon
 A botar a pipa no ar
 Varetas de madeira, linhas e rabo colorido
 Que alegra o menino Calon Josivaldo
 Pipa de cigano
 Quanto mais vento
 Mais liberdade
 Quanto mais liberta fica a pipa
 Mais libertos ficam os meninos Calon

A gente aprende com menino Calon
 Que se o tempo não voasse
 E não tivesse que aprender a barganhar
 menino Calon subiria com a pipa
 Pela linha e pelo vento
 E fazia seus negócios no ar

A linha é do menino Calon
 A pipa é do menino Calon
 Pipa que voa alto
 Menino Calon que voa ao vento
 Pipa que voa sem direção
 Menino Calon que gosta seguir o vento

2.5 A carta da “Natureza” – O lagartixa defunto: terra, ar e água

Patrícia Gebrin (2021, p. 42), evoca a carta da "Natureza" para discorrer sobre a capacidade que todos temos de criar coisas incríveis sem esforço, assim como as crianças fazem naturalmente. É através da Natureza que podemos entender que somos parte do Universo, e o Brincar está intrinsecamente ligado a ela, pois é por meio dos Elementos Fogo, Água, Terra e Ar que estabelecemos essa conexão.

As crianças Calon de Quissamã, por exemplo, transformam a natureza em brinquedos divertidos. Com elas, aprendemos que até mesmo bichos insignificantes e defuntos podem se transformar em brincadeiras de enterro. Aprendemos a caçar sentimentos e a chegar de mansinho no mato para desenterrar bichos mortos, que não têm mais como fugir. É como se essa sabedoria fosse algo que nos é transmitido naturalmente, sem esforço algum, como um *slime* que escorrega entre as mãos e se transforma em algo nojento. Assim, podemos perceber como o Brincar está intrinsecamente relacionado com a Natureza e como essa conexão nos ensina a criar, transformar e dar vida a sentimentos, cores, letras, formas e sabores. É como se a Natureza fosse um grande brinquedo, um espaço infinito de possibilidades, que as crianças sabem explorar com maestria e nos ensinam a olhar com um olhar mais sensível e poético

“Tia, eu tenho um bicho, é uma lagartixa, vamos lá ver?” Depois desse convite de Yara, trilhamos por um caminho bifurcado com a mata ao redor do campo para encontrar o defunto. Estávamos num pedacinho, perto de um muro de uma casa. Era um cemitério secreto cercado de palitos de sorvete e uma cruz feita de galhos maduros pelo menino *Calon* Santiago que, naquele momento, não se encontrava conosco. Sei que era o menino porque Yara me contou. Na frente, a menina *Calin* cavava o túmulo onde enterrara o bicho com as mãos e sentia nojo: “Tá um pouco de *slime*. Vai ficar fedido, hein. Sai Miguel, tá cheio de microbri! Tá com minhoca!”. “O verme comeu tudo ele”, disse Mirela. Yara grita de novo, paraliso-me, curiosa: “ai, que *slime*!” Perguntei-lhe o significado, “Islame é uma meleca,” responde Brenda. Não sabia que se tratava na hora, mas sei que poderia ser algo mole e pegajoso como as entranhas da lagartixa morta. Aprendi uma palavra nova que, durante a escrita, tive que pesquisar. Decidiram tirar as madeiras que cercavam a sepultura do réptil, desenterraram-no.

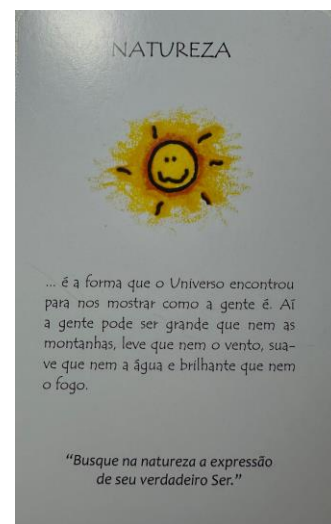


Figura 54 - Yara Marvilha desterra o defunto réptil



Fonte: Acervo pessoal

Esse “universo simbólico” que as crianças utilizam ao brincar tem vários princípios inseridos na imaginação delas. Além do ambiente familiar, estão inseridos nestes contextos: as classes, etnias, tradições ciganas, influências de pessoas que moram na comunidade, a escola – que não tem muita influência para as crianças Calon –, a invasão da mídia do celular na pandemia, dentre outros princípios que interferem nas ações brincantes das crianças Calon.

Em relação ao “universo simbólico”, recorri a Sarmento (2007) mais uma vez para entender o momento brincante com a defunta lagartixa. Considero “universo simbólico” os contextos explicados enfatizados pelo autor da sociologia da infância. Há de se considerar que as crianças *Calon* reproduzem a cultura do adulto, formulam suas interpretações a partir dela e produzem uma cultura própria: criam palavras, imitam ações de seus pares.

Figura 55 - Um réptil defunto que já existia comigo



Fonte: Acervo Pessoal

Além disso, as palavras costuradas pelas crianças Calon carregam força ao ocorrido, o “slame” da lagartixa, o decompor do verme. O enterro também é criação do cotidiano. Sei que as meninas *Calin* reproduziram a morte por Covid-19 que ocorreu no acampamento: uma *Calin* trouxe o vírus da Bahia, quando estava a trabalho de *buena dicha* (leitura de mãos).

É importante lembrar que a tradição dos Calon de Quissamã inclui um ritual de queima da barraca da pessoa falecida, assim como acontece em outros acampamentos de grupos Calon. É uma forma de deixar para trás as lembranças do morto e seguir em frente. Depois disso, ficam quinze dias sem comer carne de porco. Foi o Calon Adilson Costa, conhecido como Disson, quem me contou sobre esses rituais que fazem parte da vida desse povo. E ao ouvir sobre o ritual, lembrei-me de um relato da estudiosa Adichie (2021) sobre o falecimento de seu pai. Segundo ela, na cultura dela, a viúva deve raspar a cabeça e comer comidas insossas. Cada cultura tem seus próprios rituais fúnebres, que refletem a maneira como um povo encara a morte e o luto.

Os rituais são como uma marca da passagem do tempo com continuidade das tradições e crenças de um povo. Mesmo que sejam diferentes entre si, todos carregam um significado profundo e uma beleza única, que nos ensina sobre a importância de honrar aqueles que partiram e manter viva a memória dos que se foram. É uma maneira de olhar para a vida e a morte com um olhar mais sensível e poético.

Mantenho mais uma vez minha interlocução com Barros (2016, p. 17), que inventou “truques pra fabricar brinquedos com palavras”, de modo a infantilizar a natureza. Barros

gostava de escrever artes: pendurava o bem-te-vi no sol, mencionava que o olho do gafanhoto era sem princípios, brincava com as palavras. No fundo de seu quintal, ocorria “riquíssimo o nosso dessaber”. No campo, as meninas *Calin* e meninos *Calon* experimentam seus “dessaberes”, brincam de morte de bicho que come outros bichos, brincam com a natureza. A lagartixa escondeu-se entre arbustos evitando o contato direto com o humano, mas não estava a salvo. A aparência do animal rastejante não causou medo nas crianças: adotaram o réptil como animal de estimação, mataram-no, depois fizeram o seu funeral, a lagartixa defunta que virou brinquedo infantilizou as brincadeiras Calon.

2.5.1 A exumação do defunto lagartixa

Figura 56: A exumação do defunto lagartixa



Legenda: As crianças: Yara, Mirela, Miriam, Emmanuely e Moisés

Fonte: Acervo pessoal

Retiram a cruz e as madeiras que cercavam o túmulo do réptil, a curiosidade para ver o esqueleto do bicho pairava no ar. Após tirar o objeto sagrado, cavaram com a mão até encontrar o pote de vidro, caixão do rastejante, que ao invés de ficar pelas paredes, andou pelo barro do campo em que as crianças brincam e teve o seu enterro merecido. Naquele momento, desenterraram-no.

Voltemos a nossa atenção para a "criante brincante", a menina Calin Yara. Quando não estava presente, criou um funeral para uma lagartixa com seu companheiro de brincadeira, o Santiago. Essas experiências alimentam o pensamento lúdico e a escrita criativa. Outra menina Calin, Emmanuely, brincou com o gênero do verme: "Oh tia, ele está lá no fundo". Isso me faz refletir sobre o uso do artigo definido na Gramática Normativa Brasileira - NGB, que é responsável por padronizar as regras da Língua Portuguesa. A menina usou o artigo "o" para determinar o animal: lagartixa. Devemos, então, usar as expressões macho e fêmea para os substantivos epicenos? Para ela, o bicho era do gênero masculino. Consultando novamente a NGB, vemos que o artigo "a" pode representar tanto o macho quanto a fêmea da espécie, já que há apenas um gênero. Nesse sentido, creio que a intenção da menina era se referir simplesmente ao "bicho". "Eu vou desenterrar **ele**", comenta Yara. Curiosos, seguíamos o caminho das palavras que inventaram para o enterro "dele", **do** lagartixa. A exumação acontece. As crianças tosse de nojo do "slame" e resolvem devolver o rastejante de volta ao vidro, e depois ao túmulo.

2.5.2 Brincando de falar inglês ao invés de *chibi*

Figura 57 - Miriam Sales Luz, 7 anos



Fonte: Acervo Pessoal

No dia 23 de novembro de 2021, a menina *Calin* Miriam convidou-me para filmá-la recitando palavras no idioma Inglês. “Professora, já tá indo embora? Eu aprendi tudo o que você me ensinou. Me filma falando Inglês em frente ao carro Gol? Está lá no campo?”. Tal fato se deu porque numa visita anterior, brincávamos com palavras soltas, sem obediência à gramática. Saímos a vadiar com as palavras, por todos cantos do idioma, como Manoel de Barros (2018) costumava fazer.

Num final de tarde de setembro de 2021, fui pega de surpresa quando me perguntaram o que ensino na escola. Não foi desse jeito que escrevo, mas do modo de uma fala infantil, de jeito melódico *Calon* de falar, impossível de escutar na escrita: “tia, (elas, na maioria das vezes, me chamam de tia) tu ensina a gente ler, por favor, me ensina a ler.” – Brenda, sempre que estou perto dela, me pedia para ensiná-la. Mas Miriam queria mais que ler, queria mesmo era “chegar ao criancamento das palavras” no idioma do Tio Sam, do mesmo modo que uma criança pequena, “garatujando” sem nada entender o que fala (BARROS, 2015, p. 98). Quando lhes disse que sei um pouco o idioma, então, começou o rebuliço. “Me ensina Inglês?”.

A aula lúdica ocorreu enquanto brincávamos descontraídas. Eu falava um substantivo em Inglês, traduzia para o português, repetia no idioma estrangeiro mais uma vez e todos repetiam juntos, eram palavras soltas. Miriam era a que mais guardava os ensinamentos. Já havia passado um bom tempo que realizamos a brincadeira, de modo que acredito que a intenção da criança *Calin* era mostrar a sua habilidade de memorização. Miriam mostra-se uma menina dotada de sabedorias, presta atenção em tudo o que fazemos, só não gosta de escutar histórias, não tem paciência. A menina insistia que a gravasse falando palavras soltas estrangeiras. Dentro desse emaranhado idiomático, havia uma condição imposta por ela: que a gravação da entrevista fosse diante de um carro de modelo Gol, da marca Volkswagen, estacionado perto de uma das barracas lá no campo, onde costumam brincar. O pai de Yara era dono do carro. A menina *Calin* Yara, uma vez, também me pediu para fotografá-la perto dele.

Nestes processos de línguas, divago sobre o porquê do pedido da garota em filmá-la ante ao automóvel. Os ciganos *Calon* compram carros para “berganhar”, comercializar. De antemão, é viável reconhecer que, para eles, o objeto tem muita importância para a barganha. Monteiro (2019, p. 300) enfatiza que “as negociações com valores mais altos, de automóveis, imóveis e terrenos, em sua grande maioria, fazem parte do domínio do mundo masculino”. Convém ressaltar que não somente os automóveis, como também relógios e outras quinquilharias, que costumam trocar e vender. Barganham entre eles e os não-ciganos, nós, “os brasileiros”. Importante, enfim, considerar que o veículo representa um certo *status*, haja vista

a importância do carro do pai de Yara nos seus desenhos, que veremos mais adiante. Portanto, a filmagem, para ela, tinha que ser em frente ao veículo. Em outra visita aos Calon quissamaenses, a curiosidade da pesquisadora teve solução. Responderam-me que seria o carro acessível a elas para fotografar, pois, a maioria dos veículos fica dentro das garagens das casas. Aquele fica no campo onde brincam, pertence ao pai de Yara, que lhes dá livre acesso ao veículo.

Já estava indo embora, quando Miriam me lembrou mais uma vez de seu pedido, então, fomos para o campo. Já dissemos que, nas pesquisas, os momentos mais importantes sempre acontecem no final. Manoel de Barros (2018, p. 44) convida-nos a pensar sobre isto: “O imprevisto fosse mais atraente do que a *dejá visto*”. Começamos a rever as expressões assimiladas pela menina Calin Miriam, que aflorou “sua decoreba”. “*Boy, girl, teacher, good morning, good night, good afternoon*”. Em outras palavras, me pegou de surpresa quando recitava. A criança usou “idioma de larvas incendiadas”, como enfatiza Manoel de Barros em um de seus poemas em relação às palavras. Tratava-se de uma linguagem traduzida pela oralidade infantil, desobediente à gramática normativa inglesa, aprendida em nossas brincadeiras de fim de tarde. A menina cuspiam palavras estrangeiras para a câmera, entendia a tradução de todas elas.

Neste instante, insiro-me no campo das perguntas. Por que a *Calin* tem vontade de aprender algo diferente de sua cultura? De repente, a brincadeira de ensinar outro idioma é importante, relevante. Na escola se aprende? O idioma de língua inglesa seria mais importante que o *chibi*? Acredito se tratar de diversão que testa a memória, ou o simples “vamos brincar de quê?”. Simplesmente porque desejam que eu entre na brincadeira, que lhes dê atenção. Por que a menina se interessa pelo Inglês e não se interessa por me mostrar que sabe o *chibi*? São perguntas que me faço. Tantas respostas por vir e ainda tantas questões por escrever.

Busco estabelecer um diálogo com as ideias de Freire (2021) sobre a relevância das perguntas na educação. Segundo o autor, as perguntas devem surgir naturalmente do cotidiano, às vezes até por meio dos gestos corporais. Para Freire, elas são como fios condutores que conduzem toda a pesquisa, levando o educador a buscar mais informações sobre o tema principal. Durante esse processo, novas perguntas surgem, e assim se perpetua um ciclo de aprendizado. Freire acredita que os estudantes devem ser incentivados a questionar a si mesmos e ao mundo que os cerca, em um processo de educação contínuo. A partir disso, acredito que a educação não deve ser vista como um processo unidirecional, mas sim como uma troca constante de perguntas e respostas, em que o educador e o educando estão envolvidos em um processo de descoberta e aprendizado conjunto.

Em relação ao idioma Calon, Disson reverbera que “Pra ser cigano, tem que se falar o *chibi*”. Quando dormi na casa dele, conheci um pastor de uma igreja pentecostal pertencente a outro acampamento. Ele pousou lá naquela noite, pois o pneu de seu carro havia estourado, impedindo-o de seguir viagem a Campos de Goytacazes, cidade próxima. O pastor entendia um pouco de *Chibi*, percebi, pois conversava no idioma. Então, perguntei como o pastor conhecia o idioma sem ser Calon. “Tem gente que vive muito com a gente e acaba aprendendo um pouco, mas não sabe tudo não!”, disse Virgínia. Vitória Barreto Costa, filha da Calin Virgínia, pelas madrugadas adentro, me ensinou o adjetivo “ladina”, e nunca mais me esqueci, além de mais algumas frases, que anotei no meu caderno de campo.

Em se tratando de *Chibi*, dialogo com Melo Moraes Filho⁴⁶ (2018), um dos primeiros pesquisadores do grupo Calon, que se arriscou a publicar alguns versos na língua – o compêndio do autor encontra-se em domínio público. Enviei os fragmentos da obra, via *WhatsApp* para Virgínia. Resolvi brincar com a Calin. Virgínia questionou o meu entendimento da estrofe no idioma usado por eles. Falei-lhe que estava publicada num livro. Pedi-lhe que traduzisse para mim, e assim o fez, pela escrita na tela do celular. Ela sabe escrever, estudou até o terceiro ano do fundamental. Em relação à tradução dos versos de Moraes por Virgínia, não estava como a do autor, pois se trata de uma obra muito antiga, mas o sentido não mudou. Segundo o Calon Disson, “o *Chibi* de um lugar não é o mesmo de outro”, desejo ratificar o já dito.

Neste sentido, Derdyk (2012, p. 31) entende a minha interlocutora de pesquisa: “No corpo reverberam as forças da natureza e da cultura; das tensões e conjugações do tempo — mítico, histórico, expandido, legalizado e do espaço – permeável, cerrado”. Virgínia adaptou-se em outro lugar, diferente do seu. A “brasileira” caminhou pelas veredas das histórias Calon. Residiu por longo tempo em barracas, criou seus filhos nelas. Acostumou-se com o cotidiano Calon, que aflorou em seu corpo. Intensificou os aprendizados, aprendeu o idioma *Chibi*.

Partindo desta perspectiva de língua inglesa, tropeço no idioma *Chibi* dos Calon de Quissamã. Quando perguntei à Vitória Barreto se sabia o idioma, a menina falou-me que estava começando a aprender poucas coisas ainda. Miriam disse que não aprendera ainda o *Chibi*, entretanto, não tropeçou nos vocábulos da língua Inglesa que aprendeu. Melo (2005; 2008), com seus estudos sobre o idioma *Chibi* da Região Nordeste do Estado de Goiás, discorre que o estudo do idioma deu-se entre os mais velhos da comunidade, por serem eles os mantenedores do *purin chipí* (o velho falar). Em sua pesquisa de doutorado, elegeu como interlocutores de

⁴⁶ Destaco a sentença escrita no idioma *Chibi*: “*Te canellava, runin, Simando bar nachadon, Só o teu babanipen me querdava bravalon*” - tradução: “Quem conhecer-se infeliz, não fale, esteja calado; que o infeliz quando fala, quase sempre é castigado”.

pesquisa, grupos de indivíduos compostos por descendentes de ciganos que chegaram ao Brasil por volta de 1570. Segundo o pesquisador, o que mais preocupa os grupos étnicos “encontra-se na atitude da nova geração, a esperança de continuidade deste traço cultural, que encara com pouco ou nenhum receio a lenta deterioração do seu dialeto” (MELO, 2008, p. 13).

Estar no acampamento é uma experiência agradável, algo central que pode ou não perdurar. No meu caso, prevejo mais empenho, pesquisas vindouras. Tudo me envolve: planos, desejos, escritas futuras com as crianças, acreditar que, quanto mais se escreve, mais transformamos para menor o excesso de estereótipos em relação às comunidades tradicionais. O idioma *Chibi* também me fascina, afinal, pertencço às letras.

2.5.3 Brincando livre, brincando espontâneo

Figura 58 - Crianças Calon brincando



Legenda: Da direita para a esquerda: Miriam Sales Luz, 8 anos, Yara Marvilha Siqueira, 10 anos, Brenda Soares, 10 anos, Moisés Soares, 7 anos. Emmanuely Gabriela Jesus dos Santos, 6 anos, está entre Moisés e Brenda, a menina de blusa preta, Alana Soares, 3 anos, neta de Branquinha, mãe de Diana, e o menino menor, Miguel Soares, de 1 ano

Fonte: Acervo Pessoal

A imagem nos mostra a tarde que caía devagar, o céu anunciava o anoitecer com nuvens carregadas, que ora se confundiam com a escuridão, ora se mostravam repletas de água,

pesadas. Planejam outra brincadeira livre, espontânea. Como sempre, Yara, a “criante brincante”, combina com Brenda. Respeitei as vozes das crianças, filmava suas ações, como sempre, uma observação participante, mas sempre interrompia quando questionava sobre algo desconhecido por mim.

De repente, ouço de longe uma canção: “Pikachu, pica em cima, pica embaixo”. Descubro que a melodia se refere a um boneco. “Pikachu é um boneco amarelo e tem um rabo muito esquisito, ele lança ...” (Yara esquece o nome), Emmanuely completa: “aio”. A menina possui uma descontinuidade no fluxo da fala. Yara não tem paciência de esperar Emmanuely falar e continua a explicação do que é o Pikachu: “ele lança raio e o rabo dele fica se mexendo toda hora”. As mãos se movimentam durante a brincadeira. Pergunto o porquê do uso das mãos. “Ele pega assim na bochecha, tipo um papel tesoura”. Na hora, tive que me conter com o que as meninas me disseram, mas não entendi muito bem, confesso.

Segundo Caputo (2018) e outros estudiosos, as crianças, por muito tempo, ficaram à parte nos estudos do fazer etnográfico, suas ações não interessavam aos pesquisadores. Foram consideradas pela antropologia clássica como fontes sem nenhuma importância, seres incompletos, a ponto de muitos autores menosprezarem suas contribuições. Não encontraram nelas criações infantis e valores estéticos, não viram rigor e disciplina, nem conhecimentos gerados por elas. Demartini (2020, p. 16) corrobora tal afirmação: “Nós usamos pouco as falas das crianças e menos ainda as críticas das crianças”. Segundo a autora, para se desvendarem algumas questões de pesquisa, faz-se necessário ouvi-las. As crianças têm opiniões, suas falas devem ser consideradas, como também suas críticas, pois nos levam a decifrar várias questões no ínterim da pesquisa.

O estudioso de Paulo Freire, Walter Kohan (2021, p. 48), acrescenta que as crianças sempre foram colocadas “num lugar de incapacidade”, consideradas como sujeitos “menores”, sobretudo as crianças “indígenas, negras, pobres, sem-terra, mulheres e todas aquelas categorias carregadas de pré-conceito e desprezo”. Naranjo (2019, p. 15) chama a atenção para o desprezo que alguns escritores dão às escritas das crianças. Pela interpretação do autor, as escritas infantis não têm nenhuma importância, “não há rigor nem disciplina, nem um conhecimento da língua mediana operativo”. Neste sentido, as crianças passam como “idiotas, sacos ranhentos e vazios para encher com toda a ‘sabedoria dos grandes’” (NARANJO, 2019, p. 15). Enquanto aqueles desprezam-na, Naranjo encontra valor estético no que não é observado, pois afirma que as crianças têm criatividade plena de riqueza.

Nesse instante, caminho pelas mãos de Brenda e Yara, pelo olhar de Miriam, que sempre me procura, pela intenção de Moisés em participar das nossas brincadeiras, mas que algumas

crianças não dão autorização a ele para brincar. Segundo as meninas, o menino Calon é malcriado, fala muito palavrão e é brigão. Já ouvi o menino Calon Josivaldo Soares do Amaral, onze anos, comentar, aludindo a Moisés, que “a única pessoa que gosta dele é você”, referindo-se a mim.

O menino Calon “malcriado”, que fala palavras carregadas de xingamentos, presta atenção no que estão planejando. Yara costuma ser a primeira a criar as brincadeiras coreografadas. Nesse momento em que escrevo, lembro da música do Pikachu soprada por elas e dos gestos dançantes dos corpos das crianças. À luz de nossas discussões sobre o brincar, questiono-me se Yara inventou aquilo ou copiou de alguma tela. Perguntas que surgiram em mim, naqueles instantes. Não conhecia a canção, mas sei que dali, partiria a próxima brincadeira. Logo que cheguei à minha casa, fui pesquisar e aprendi que se trata de uma música famosa do *Pikachu*, o boneco amarelo japonês.

No que concerne às crianças do acampamento Mathias, é certo afirmar que aprendemos muito com elas. Hoje, sinto-me acolhida, mas não nos esqueçamos das dificuldades iniciais para acessá-las e das assinaturas dos termos de autorização para pesquisá-las. Quando estou em Mathias, as crianças procuram sempre a minha câmera; posam, gravam as suas vozes nas filmagens do meu celular. Vitória posta tudo o que grava e fotografa no meu *Instagram*, conhece, inclusive, a minha senha. Muitas vezes, olham para a lente da câmera, de modo descontraído. Sempre que as fotografo, procuro suas imagens de forma descontraída, ainda que já tenham percebido o meu modo de agir. Então, por elas mesmas, sem eu pedir, não focam o olhar na lente da máquina, observam o além, até gostam desse tipo de pose não combinada.

As reflexões sobre imagens do brincar das crianças Calon me fazem refletir ainda mais sobre a minha pesquisa. Elas surgem nos textos de meus estudos, antes da escrita, seduzem o olhar de leitores. Simultaneamente, palavras e imagens são estratégias para a construção de percursos argumentativos. Aprendo com as crianças Calon, ensino as brincadeiras que já fiz, descubro com elas novas brincadeiras. Brincadeiras que surgem e se mesclam nas narrativas com as quais, mesmo sem percebermos, já estamos construindo um texto do que vivenciamos no campo etnográfico.

Sob essa perspectiva, o acesso às palavras se dá pelas imagens, como corrobora Derdyk (2012). A estudiosa nos mostra que temos que separar alguns fragmentos de imagens para usarmos grafias específicas a cada pedaço dela, como em uma descrição minuciosa. Segundo a estudiosa, é como lidar com um estudo de anatomia, em que se desmembram “as várias camadas que compõem o corpo da imagem” (DERDYK, 2012, p. 55). Mesmo assim, ainda fica difícil dar conta de todos os detalhes: “sempre ficará faltando *alguma coisa* que anime este corpo para

colocá-lo em movimento”, completa Derdyk (2012, p. 55). O corpo é um produtor de imagem, pois ele tem o movimento do lugar em que se encontra, como também, no tempo em que costuma atuar. O corpo produz imagens que produzem palavras, “e este mesmo corpo que imagina, se desloca no tempo e do espaço habitual” (DERDYK, 2012, p. 56). Compactuo com o pensamento da autora. Por mais que produzamos fotografias, o nosso olhar, muitas vezes, deixa escapar alguns detalhes, como no estudo decomposto em partes, a que ela se refere. Os corpos das crianças Calon produzem cores, gestos, produzem imagens. Para que possamos aprender com as crianças Calon, precisamos saber que são corpos dotados de traços culturais que, muitas vezes, agregam a nossa cultura ocidental, mas que não permitem o esquecimento de sua tradição. Atentemos, então, para o nosso olhar, de modo que não nos fujam as palavras e as imagens integrantes do universo infante Calon.

Figura 59: Yara Marvilha e Miriam Sales



Fonte: Acervo pessoal

Na foto acima, meu olhar se direcionou para os gestos das mãos das crianças começando uma brincadeira, os dedos fazem parte da estratégia. Os dedos de Brenda, lá atrás, formam o número três e Emmanuely abre a palma da mão formando o número cinco. Yara e Miriam estão se preparando para expor os dedos para formar um numeral final. As meninas Calin jogam o par ou ímpar para iniciar a próxima brincadeira.

Em minha memória, acrescento os detalhes subjetivos da imagem, os quais o leitor não conseguiria entender apenas pela fotografia. O cheiro da chuva, que caía no final da tarde e encontrava o barro avermelhado do chão, o céu que, em seu tom acinzentado, confundia-se com o escuro da noite que chegava. Nesse cenário, gotas pingavam anunciando que o tempo mudava, o frio começava a correr em nossos lábios. Esses sentidos a fotografia não mostra, também não as músicas que ouvia, pelas vozes da Calin em cada brincadeira.

Dentro desse contexto imagético, Samain (2012) enfatiza que o poder da imagem mental dialoga com o de uma fotografia e, depois, provoca outros questionamentos. Talvez, não os observemos durante uma pesquisa, o que nos dá vontade de retornar ao campo etnográfico para perguntarmos o que não perguntamos, e poder escrever ainda mais. Segundo Samain (2012, p. 21), “toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de *imaginário* para sonhar”.

Ainda de acordo com Samain (2012, p.23-24), “as imagens seriam formas *que entre si se comunicam e dialogam*”, não dependem de nós, elas combinam-se entre elas mesmas, através de “conjuntos de dados sógnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos e outras tantas pontuações sensíveis e sensoriais), ou *associar-se com* outra(s) imagem(ns), seria uma ‘forma que pensa’”(grifos do autor). Desse modo, a imagem é plena e capaz de lidar com outras imagens, para dar ênfase a pensamentos e a ideias de quem a observa. O autor compara-a à sintaxe das palavras: juntas formam frases, exprimem sentidos.

Outra comparação que nos toca: “Toda imagem, sabemos, é viajante. Ela é cigana e misteriosa. De antemão, ela nos inquieta, sobretudo se ela é uma imagem forte, isto é, uma imagem que, mais do que tentar impor um pensamento que ‘forma’, põe em forma” (SAMAIN, 2012, p. 24). As imagens, argumenta o autor, são ciganas, viajam pelo mundo: admiradas, anunciam e denunciam povos e seres. Comunicam-se.

Em minha pesquisa, troco olhares, sentidos, diálogos e experiências. Faço assim: com perguntas de falas infantis, como as de Miriam, recitando palavras em idiomas estrangeiros. Aprendi que Pikachu é um boneco amarelo famoso criado no Japão, como também tomei conhecimento da brincadeira de mãos, usada com canções. Acrescento as meninas e os meninos

Calon, além de outros interlocutores. Compactuo com Caputo (2015) que as crianças nos ensinam idiomas: o *yorubá* e, agora, o *Chibi*, que nos proporcionam sentidos em uma narrativa e, muitas vezes, tornam-se indecifráveis. Em nossos escritos, aprendemos mais com elas, do que elas conosco.

É fato lembrar que as fotografias foram muito exploradas na história da educação. Convém frisar que, para Gobbi (2020), as imagens fotográficas auxiliam o pesquisador a analisar o que não conseguiu registrar durante a pesquisa. Segundo a autora, são consideradas memórias aquelas que guardam transformações históricas de um certo tempo, de um fato ocorrido, num certo espaço. Em nossos escritos, identificamos as crianças com seus nomes e idades, pelas fotografias. Nessa perspectiva, sua identificação é a parte mais importante. As meninas Calin e os meninos Calon, não muito longe, estarão casados, terão seus filhos e seus momentos infantis estarão registrados em nossa pesquisa. As imagens continuam importantes na história da educação.

2.5.4 Pikachu – O boneco amarelo

Figura 60 - Yara, Brenda e Emmanuely



Fonte: Acervo pessoal

Observem mais uma vez os dedos das meninas *Calin*. “Pikachu, pica em cima pica embaixo; pica de um lado, pica de outro, Pikachu, Pikachu (movimentos dos dedos formando números); Pikachu (pegam nas bochechas); Pikachu (finalizam com a mão na testa)”. As vozes que abrem a imagem acima, embora não sejam ouvidas, são de Yara e de Brenda cantando a música do boneco amarelo japonês Pikachu, que mencionei anteriormente. Emmanuely observa, meio constrangida devido à sua dificuldade de falar, teme estragar a filmagem – a menina *Calin* me falou, após a gravação. A tarde parecia não findar. Mesmo com a presença das nuvens pesadas no ar, segui, persisti em observar. Respeitei, como sempre, as vozes das crianças, filmava suas ações com anotações frequentes. Assisto ao mesmo jogo de mãos das meninas *Calin*, o mesmo que perguntei antes, e não obtive resposta. Testemunho os toques nas orelhas, percebo batidas suaves, fechadas no rosto. Naquele momento, pensava ser outra brincadeira criada por Yara, afinal de contas, as meninas *Calin* inventam o mundo delas, já inventaram até músicas evangélicas coreografadas por elas. Em uma de minhas visitas, dançaram em frente ao meu celular. Pela fala de Yara, aprendo nova brincadeira. Pergunto do que se trata e por que os gestos com as mãos: “A gente pega nas bochechas porque é tipo papel e tesoura, a gente faz assim (gesticulam com as mãos). Isso aqui é papel, isso aqui é tesoura, eu fui lá e cortei ela. A pedra quebrou a tesoura”. A imagem acima ilustra, mais ou menos, esses gestos.

É impossível não tropeçar no campo, fiquei perdida e curiosa ao mesmo tempo em relação aos toques e aos gestos das meninas *Calin*. Durante a escrita, aprendi que Pikachu é um boneco amarelo japonês, criado em 1996, com um rabo muito esquisito, que se mexe quando lança raios. Agora conheço o brinquedo, que é bem famoso, por sinal. Depois que assimilei a brincadeira, descubro que ela tem nome: “jogo de mãos”. Aprenderam pela tela do celular, que, depois do vírus da Covid-19, circula mais no acampamento Mathias. Pelo brincar delas, conheço o mundo do Pikachu, ao qual nunca pertenci. Dialogando com Guimarães Rosa: “O menino nasceu e o mundo tornou a começar”⁴⁷. A criança é um ator social que vive em sua dimensão de “criancês”, como diz Barros (2018). Outras nascerão e outros bonecos surgirão, trazendo mais brincadeiras com o corpo, exercitando a mente das crianças *Calin*. No campo etnográfico, aprendo vários mundos brincantes.

Brincar faz parte do desenvolvimento da criança. É uma forma de relação com o espaço e o tempo. É uma fase muito distinta de todas as outras fases da vida. Além das brincadeiras

⁴⁷ Exclamação de Riobaldo, personagem de João Guimarães Rosa, no romance *Grande Sertão Veredas*. Disponível em: <https://temploculturaldelfos.tumblr.com/post/98603076121/um-menino-nasceu-o-mundo-tornou-a-comecar>. Acesso em 05 de janeiro de 2022.

espontâneas, livres, o brinquedo eletrônico mais usado atualmente em Quissamã é o celular, que outrora era proibido. Em várias mídias sociais, encontramos meninos-adolescentes-Calon⁴⁸ usando a tela para se exhibir em festas que participam, além de músicos Calon cantando melodias sertanejas ligadas ao “brasileiro”. Observo somente homens cantores, como também mais Calon usando o celular. Desse modo, esse instrumento brincante, o celular, tem sido de grande valia para a comunidade jovem. A criança, antes de onze anos, em Mathias, não usa o celular, brincam livres.

Depois da epidemia de Covid-19, os brinquedos vêm competindo com a tela, com a evolução da tecnologia e com aplicativos como o *TikTok*, o mais usado pelos “meninos-adolescentes Calon”. Como dissemos anteriormente, assistimos a cantores sertanejos com melodias ciganas, casamentos e festas por esse aplicativo. Na minha opinião, não acho isso ruim, pois essas crianças necessitam ter contato com as diversidades, com outras fontes de informação, mesmo apoiando a brincadeira na fonte maior, que é a natureza, o brincar livre, o brincar espontâneo, como brincam as crianças Calon menores. Ademais, estão mostrando ao mundo seus costumes, suas vestimentas e a beleza das meninas Calin. Se brincar é uma forma de ler e interpretar o mundo, que seja pelo *TikTok*.

Mantenho minha interlocução com o estudioso Sarmiento (2005, p. 366) que, na época de sua escrita, mencionou a substituição dos brinquedos pelos jogos eletrônicos e jogos de vídeo pela informática: “o uso do espaço-tempo lúdico das crianças gerou novas linguagens e desenvolveu apetências de consumo, que não podem deixar de ser considerados na análise contemporânea das culturas e das relações de pares das crianças”. O autor mapeia o consumo desses instrumentos brincantes em relação às desigualdades sociais da população infantil. Ademais, comenta acerca dessa necessidade exacerbada produzida pela indústria cultural de brinquedos, “uma ‘infância global’, consumidora dos mesmos produtos” (SARMENTO, 2005, p. 366), com um poder de compra diferencial.

Atualmente, os jogos de vídeos encontram-se nos aparelhos móveis, o que representa mais praticidade para o jogador: dupla funcionalidade dos brinquedos celulares, pela tela, comunica-se e brinca-se ao mesmo tempo. Além de reproduzir ações dos adultos, as crianças interagem com seus pares, como também retiram *performances* dos programas de televisão, dos

⁴⁸ Já mencionei, anteriormente, que uso essa expressão para a menina e menino Calon que está em fase de se preparar para o casamento. Uma criança de classe média brasileira do grupo de faixa etária dos 11 anos, é considerada ainda uma criança. Por isso denomino “meninos”. No caso dos ciganos, os meninos já estão se preparando para comércio, venda de mercadorias e as meninas, quando em fase de menstruação, preparadas para se casar, por isso uso “adolescente”. Considero então: “meninos-adolescentes Calon” (Ver MONTEIRO, 2019, p. 258-259).

aplicativos de celulares, além das histórias que lhes contam, ou, quando têm contatos com os jogos eletrônicos mencionados por Sarmiento (2005). O Pikachu está nos eletrônicos da Nintendo, também está nas lojas, em formato de um boneco. Encontrei o “jogo das mãos” que as crianças Calon fazem, nos vídeos do *Youtube*. São produções infantis copiadas pelo universo infantil Calon. É importante acrescentar que em Quissamã, a pandemia favoreceu o surgimento dos brinquedos em celulares por algumas meninas Calin.

2.6 A brincadeira de pique-pegas

“Um, dois, três! Bola de fogo que mata geral, ovo de codorna com casquinha de cacau, pa, pe, pi, po, punchal”. É nesse vasto contexto de imagens e de gestos que apresento a cantiga do início do “pique-pegas” das crianças Calon.

Figura 61 - O pique-pegas Calon



Legenda: Da esquerda para a direita: Mirela, Miriam, Emmanuely, Yara, Moisés e Brenda

Fonte: Acervo pessoal

Silencio-me, posicionando-me de longe. Usava o *zoom* de minha câmera do *Iphone*, de modo a deixá-los à vontade. Miriam me procura no celular e anuncia outra distração: “essa brincadeira é pique-pega, quem encostar no corpo, será colado”. Tranquilizo-me, essa diversão eu conheço. Miriam quis dizer que os outros precisarão fugir para que não sejam pegos. Trata-se de um brinquedo muito antigo e famoso entre as crianças. O que mudou, da época em que eu brincava, foi a música que escutei no início do jogo. A diversão consiste na escolha de um jogador, pela canção cantada. Quando ela termina, o jogador escolhido pelo término da música será o pegador de corpos. Os divertimentos eram espontâneos, não havia ordens, não havia mediadora, como na brincadeira de desenhos do acampamento, que fizemos pela manhã e que ainda vamos apresentar nesses estudos do brincar.

Interessante assistir à mobilidade de Brenda correndo. Nesse cenário, a menina Calin foi a única que não trocou de roupa para brincar no campo. Surpreendi-me sozinha, às gargalhadas silenciosas, atrás do celular, observando a habilidade de participar da brincadeira com um vestido longo; desfrutei esse momento da garota. Em nenhum instante, a menina Calin tropeçava nos gomos de sua saia. O colorido de sua vestimenta reluzia ao sol, que já desmaiava no final do pântano existente no campo. A criança trouxe o colorido com a imagem estampada de seu vestido para o meu texto. Como disse anteriormente, deixava-os à vontade, estava divertido, nada que fosse artificial deveria acontecer, enquanto filmava. Assistindo à Brenda correr, trajada de Calin de Quissamã, fiquei fascinada. Aprendemos com autores brincantes que um adulto não deve interromper as brincadeiras das crianças. Diante de cores de vestimentas e de lazeres Calin, a escrita também se enche de cores.

Recorro aos versos de Manoel de Barros (2018) para relacioná-los com a criatividade das crianças Calin e aproveito o autor, para explicar melhor suas ideias brincantes. Neste instante, comungo com o manobreiro de palavras, que não usava datas para marcar o tempo cronologicamente, usava o advérbio “quando”. “Porque o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra quando de suporte” (BARROS, 2018, p. 36). Os meninos Calin e as meninas Calin me fazem pensar “quando” criança. Lembro-me dos momentos em que brincava no cortiço de Colégio, espaço em que nasci. Descobria coisas, roubava jambos e morangos de minha madrinha. Então, volto “quando” criança, por um gosto apenas de voltar, como quem gosta de voltar às origens. As criatividade das meninas Calin, mais uma vez, me colocaram no túnel de meu tempo. “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil” – comungo com a poetisa cigana Cecília Meireles, em “Retratos”⁴⁹. Quando lembro a

⁴⁹ Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/1505/retrato>. Acesso em 16 de março de 2022.

minha infância, a vitalidade, a doçura e a inocência que ficaram distantes do retrato de que sou agora... A minha escrita me faz enxergar essas mudanças. Surgem passaportes brincantes para o reencontro de meu passado, porque escrevo sobre o brincar das crianças Calon. “Quando” criança também brincava com as mãos.

Figura 62 - Crianças Calon brincando no acampamento



Legenda: Moisés, Mirela, Miriam, Yara com Brenda, Emmanuely, neta de Branquinha, mãe de Diana e Moisés

Fonte: Acervo pessoal

Na imagem diante de nós, Brenda e Yara movimentam suas mãos, mais uma vez, em brincadeiras lúdicas. Quando eu era criança, participava de outro método de diversão, que envolvia dez mãos e cinco corpos, unidos e beliscando uns aos outros em movimentos que suspensos pelo dorso da pele, usando dois dedos polegares e um indicador. Um canto dava início ao jogo de mãos: “Pilica, pilicainha, lá na casa da vizinha, pim, pom”. As mãos fluíam no ar, até que, subitamente, uma delas escapava do beliscão, que frequentemente causava dor. A brincadeira era semelhante à da imagem, com exceção do beliscão e das minhas mãos ativas,

quentes e vivas, que contrastam com as palavras da poeta cigana Cecília Meireles, que fala de mãos sem força, inativas e sem vida. “Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas”, como as mãos dos versos da escritora.

2.6.1 O xale pipeiro

Figura 63 - Um xale feito de pipa



Fonte: Acervo Pessoal

Deixei-me envolver pela imaginação de Emmanuely, quando se aqueceu com a pipa sem varetas, que fora brinquedo de um pipeiro-menino-Calón. O objeto brincante, horas antes, subira aos céus de Quissamã, pertencia ao elementar ar, e agora, do nada, caiu na terra. Emmanuely imagina envolvendo-se no xale vermelho, como se o plástico lhe esquentasse os ombros. Não é por acaso que o verbo “imaginar” caminha lado a lado do brincar, pois, as brincadeiras infantis necessitam de um sujeito que cria, que “imagina”. Brincar é criar mundos de faz de conta, é expandir a criatividade de crianças, incluindo as Calón.

Ainda em relação à imaginação, retomo as memórias que habitam em mim, quando convivo com o brincar das crianças Calón. Muitas vezes, durante a escrita, recorri a elas para “imaginar” brincadeiras. Essa “imaginação” me trouxe a brincadeira de “passar anel”. Emmanuely imaginou-se com um plástico de pipa voada, era seu xale, uma vestimenta que se

enrola nos braços. Sem “imaginação” não se pode brincar. Quando me refiro à “imaginação”, queira ou não, o verbo “imaginar” se conecta com o brincar, cria o imaginando-brincando, extrapolando a norma acadêmica dos gerúndios.

Como observamos acima, abusei do vocábulo “imaginar”. Significa dizer que a palavra “imaginar” relampejou nos meus escritos no mesmo instante em que leio duas autoras feministas: Débora Diniz e Ivone Gebara (2022). Nessa busca de conversar com as feministas, não nos damos conta de que, muitas vezes, colonizamos também a nossa imaginação. Segundo as pesquisadoras, alguns verbos convocam ações que mostram “a abertura de caminhos revolucionários, de esperança feminista”. Desse modo, peço-lhes licença para compartilhar o verbo “imaginar” com as brincadeiras Calon. E converso com as ideias feministas plantadas no verbo “imaginar” com as de outro tema: do brincar.

Quando estávamos brincando, percebi a preocupação de Virgínia e Disson com sua filha Vitória. Proibiram-na de estar junto a meninos. Era demasiadamente preocupante para os pais manter Vitória longe, pois a menina já está prometida a um menino Calon do acampamento de Campos. “As crianças aprendem com seus pais que menino brinca com menino e menina brinca com meninas, mas Moisés, ‘por ser pequeno’ pode ficar no meio delas”, Disson argumentou.

2.7 Brinquedos de menino e de menina

A mensagem transmitida por Adichie (2017) é uma verdade inquietante, que deveria ecoar pelo mundo todo: não há sentido em ditar “papéis de gênero” a meninas e meninos. A criança, independente do gênero, deve ter a liberdade de explorar todas as possibilidades que a vida oferece. É triste constatar que, ainda hoje, existem culturas que reprimem as meninas e as incentivam a se limitarem a papéis tradicionais, em frases e jargões que as desencorajam a buscar algo mais.

Adichie (2017) menciona, por exemplo, uma frase *igbo* (localidade africana) que repreende as meninas que são vistas como infantis: “o que é isso? Você não sabe que está na idade de achar um marido?” (ADICHIE, 2017, p. 21). É um exemplo cruel da forma como algumas culturas tentam moldar o comportamento das meninas e limitar suas possibilidades. Mas é importante que ensinemos nossas crianças a resistir a essas expectativas restritivas e a buscar seus sonhos, independentemente do que a sociedade espera delas.

No entanto, a feminista não concorda com essa forma de pensar e substituiu o jargão *igboniano* por algo mais apropriado aos tempos modernos: “está na idade de achar um emprego”

(ADICHIE, 2017, p. 36). Essa mudança de perspectiva é muito importante, pois permite que as meninas sejam incentivadas a seguir seus sonhos e aspirações sem serem limitadas por estereótipos de gênero ultrapassados. Em resumo, devemos ensinar às crianças que os papéis de gênero são absurdos e que elas devem ser livres para fazer o que quiserem, independentemente do seu gênero. Devemos apoiá-las em suas escolhas e incentivar a busca por seus objetivos, sem impor limites ou estereótipos

Em relação aos escritos do brincar, a escritora chama a atenção para os tipos de brinquedo comprados para meninos e meninas. De acordo com ela, “os brinquedos para meninos geralmente são ‘ativos’, pedindo algum tipo de ‘ação’ – trens, carrinhos – os brinquedos para meninas geralmente são ‘passivos’, sendo a maioria bonecas” (ADICHIE, 2017, p. 50). A sociedade estipula o que se deve usar ou não para uma menina brincar, argumenta Chimamanda Adichie. Imaginemos quando tudo isso poderá ser modificado no acampamento Mathias de Quissamã.

Então, mais uma vez, abuso das ideias feministas de Diniz e Gebara (2022), pois acredito que a categoria maior que tanto atravessa o feminismo seja mesmo o racismo, os estereótipos andantes em meio às pessoas submissas. Ao conjugarmos o verbo “imaginar”, ao mesmo tempo, carregamos uma força de “desimaginar” desvalores que levam à inferioridade, à submissão. Resignação traduz o que mais acompanhou o povo cigano por todo lugar em que passou. Estamos nos referindo a uma subserviência que se arrasta por milhares de anos e ainda hoje permanece pela falta de políticas públicas dedicadas, com prioridade, para essa comunidade.

É importante lembrar que muitas vezes estamos em um estado de amnésia em relação às coisas que são comuns ao nosso redor, como se nada estivesse acontecendo. Isso é especialmente verdadeiro quando se trata de estereótipos e preconceitos que são tão arraigados em nossa sociedade que os vemos como normais. Estamos passando pela amnésia do patriarcado e do racismo, que é alimentada pela normalização da branquitude. No entanto, é crucial destacar que o feminismo não é exclusivo das mulheres não-ciganas. Na cidade de Quissamã, há mulheres que também sofrem abusos. Não podemos esquecer das avós desses corpos incomuns, que vivem sob a pressão do patriarcado dentro dos acampamentos e de suas barracas. Portanto, é importante lembrar que o feminismo deve abranger todas as mulheres, independentemente da sua origem étnica, cultural ou social. Devemos nos esforçar para estar atentos aos estereótipos e preconceitos que nos cercam e trabalhar juntos para quebrar essas barreiras e criar uma sociedade mais justa e igualitária para todos. São questões que ainda merecem mais pesquisas.

2.7.1 A imaginação, mãe da poesia e do brincar

Diniz (2022) destaca a relevância das abelhas como exemplo de conhecimento científico, já que esses insetos vivem em harmonia durante a produção de mel. Ela também enfatiza que a curiosidade em entender o modo de como vivem e se tratar de uma força motriz que ativa a imaginação. Ao chegar em Quissamã para estudar a cultura cigana, precisei me aprofundar em conhecimentos sobre essa comunidade, o que foi extremamente desafiador. Imaginei danças com mãos se enrolando ao alto da cabeça, saias vermelhas com rendas douradas e músicas como “Djelém, Djelém”, hino construído por outro grupo étnico, não pelos Calon, que foi tombado como patrimônio histórico, mas ignorado pela comunidade de Quissamã. Pensei que encontraria tudo o que havia estudado nos escritos sobre eles, principalmente todo o misticismo que os envolve. Mas, como afirma Diniz (2022), há uma diferença entre o saber e o imaginar.

Desse modo, seguir os parâmetros do tema do feminismo e interessar-me por obras e escritos sobre a cultura cigana ajudou-a a romper estereótipos e falsas verdades em relação à comunidade. No entanto, o trabalho de campo etnográfico proporcionou uma compreensão muito mais profunda e enriquecedora. Pelos argumentos de Diniz (2022) quando ressalta que a imaginação é limitada para antecipar o que é vivido e não pode ser confundida com um conhecimento profundo. Em síntese, a autora nos convida a exercitar a curiosidade e a imaginação para nos aproximarmos de culturas diferentes e, ao mesmo tempo, nos alerta para a importância de buscar o conhecimento a partir de uma perspectiva mais ampla, que leve em conta as experiências vividas e não apenas as ideias preconcebidas.

A escrita feminista de Diniz (2022, p. 47) traz uma citação que reflete profundamente sobre o poder da imaginação e como ela nos permite encantar o universo: “A imaginação é um instrumento para o encantamento do mundo – nos encantamos pelo que nos deixamos afetar e nos entregamos à afetação”. Segundo a autora, a imaginação é um instrumento que nos permite acessar novas possibilidades de compreensão do mundo que nos cerca. Ao afirmar que nos encantamos pelo que nos deixamos afetar e nos entregamos à afetação, Diniz destaca como a imaginação pode nos levar a uma conexão mais profunda com o cosmo e com as pessoas ao nosso redor. Ela enfatiza que a imaginação é uma ferramenta que nos permite ir além das limitações do conhecimento racional e científico, possibilitando uma compreensão mais ampla e poética da realidade.

Assim, podemos entender que, para Diniz, a imaginação é um elemento fundamental para a construção de uma relação mais profunda e significativa com o mundo. É através dela

que somos capazes de nos conectar com a realidade de maneira mais intensa, sentindo e experimentando a vida de forma mais plena e rica.

Depois de conquistar a confiança dos meus interlocutores de pesquisa em Quissamã, percebi que os Calon da região têm danças específicas e distintas de outros grupos étnicos, preferindo o ritmo do forró com passos marcados. Ao ouvir a música "Djelém, Djelém", Disson argumentou que o hino não pertencia a eles, dizendo "o que é isso aí, isso aí não é da gente não". No entanto, vale ressaltar as dificuldades que tive em estabelecer essa conexão com os Calon, uma vez que enfrentaram muitos preconceitos e desconfiavam de estranhos.

Nesse sentido, a reflexão da autora se torna ainda mais relevante, uma vez que a imaginação não pode substituir a vivência e a experiência. A dificuldade de acesso aos Calon e a relutância inicial da Calin, mencionada anteriormente como Luzia, que se chama Nóia pelos Calon de Quissamã, mostram que a pesquisa de campo é fundamental para quebrar estereótipos e preconceitos. De fato, hoje entendo o temor de minha presença, pois a Calin viu a chegada da pesquisadora como uma ameaça ao corte do programa de bolsa família pelo governo.

Em sua escrita feminista, Diniz (2022, p. 47) afirma: "sem o vivido, nossa imaginação se confunde com os poderes da vidência ou com as dores da alienação – talvez, seja fé ou loucura. A imaginação sem o real se torna ficção". A autora destaca a importância do vivido para a imaginação. Segundo a pesquisadora, sem a vivência concreta, a imaginação pode se confundir com visões sobrenaturais ou com o sofrimento da alienação, o que pode levar à fé ou à loucura. Assim, ela nos alerta para a necessidade de equilibrar a imaginação com a experiência concreta, pois é essa vivência que nos permite dar sentido ao mundo e à nossa própria existência. Sem a base da realidade, a imaginação se torna vazia e sem sentido, podendo até mesmo nos conduzir a estados de confusão e alienação.

Portanto, a escritora nos convida a refletir sobre a relação entre imaginação e realidade, além de reconhecer que ambas são igualmente importantes para a construção do nosso mundo interior e exterior. Somente quando conseguimos harmonizar a imaginação com o vivido, podemos experimentar o encantamento e a plenitude da vida de forma verdadeira e autêntica.

Foi necessário que eu vivenciasse o cotidiano dos Calon de Quissamã para compreender a sua realidade de forma mais profunda. Além disso, é importante destacar o que Elisa Costa, a acadêmica cigana mencionada no primeiro capítulo deste trabalho, afirmou sobre a história desse povo, que geralmente é contada por não-ciganos, resultando em uma confusão entre realidade e imaginação. Muitas vezes, o conhecimento científico presente em livros nos faz acreditar que compreendemos totalmente uma comunidade, mas a vivência no campo etnográfico ampliou ainda mais minha imaginação anterior em relação aos Calon.

A palavra "imaginar" é como uma mãe para a poesia, segundo Gebara (2022, p. 50-51). Ela permite que afirme mais coisas do que aquilo que já existe, criando novas possibilidades de compreensão do mundo. E foi com todo o meu corpo que me entreguei à pesquisa, não apenas dançando com os braços para o alto, mas vivenciando profundamente o cotidiano dos Calon de Quissamã. Com o tempo, conquistei a confiança deles e me tornei amiga das crianças, brincando e me divertindo com elas.

Foi assim que me travesti de Calin, usando o vestido vermelho e preto que Virgínia me deu e outros que a Calin Paloma costurou para mim. No começo, tinha receio de me vestir como elas, mas o Calon Disson me encorajou, dizendo que o meu respeito pelo povo era demonstrado pelo uso das roupas. E eu, ao imaginar-me uma Calin, me aproximei ainda mais dos Calon e do seu modo de vida, além de gostar de me vestir como elas. Com isso, aprendi que a imaginação é uma ferramenta poderosa para nos permitir acessar novas formas de compreensão do mundo e nos tornar mais próximos daqueles que estamos estudando.

Com Edilma Monteiro (2018, p. 325) aconteceu o mesmo: “Não existiu uma vez que o meu corpo não passasse pela catarse do universo Juron⁵⁰ para o Calon. E mais uma vez reafirmo, não é que me tornasse uma Calin ou me tornei uma Calin”. Convém ressaltar que o cotidiano na pesquisa de campo modificou-a. Além de ser uma simples Juron, coube-lhe o sentimento amoroso de uma Calin, a imaginação, a afirmação de outros contextos. Para Monteiro, somaram-se conhecimentos dos livros, imaginação no campo e mais descobertas desse povo.

Portanto, o verbo imaginar carrega uma força de entrega, embora nem toda imaginação seja justa. Temos forças diferentes imaginando coisas diferentes. Como agudizar as formas de imaginação? Arrisco-me a dizer que, se nos aprofundarmos nas brincadeiras das crianças, será este o caminho: o da imaginação.

2.8 A brincadeira de esconder objetos: tá quente/tá frio

Brincar, no dicionário, significa várias coisas, dependendo do contexto em que a palavra estiver: “divertir, não falar a sério, escarnecer, enfeitar, mexer distraidamente, participar de festejos carnavalescos”⁵¹. A palavra tem origem latina, de acordo com o dicionário etimológico: “Vem de *vinculum* que quer dizer laço, algema, e é derivada do verbo *vincire*, que significa

⁵⁰ A autora se refere aos Calon do Piauí em relação aos não ciganos. Em Mathias, denominam-nos de “brasileiros”.

⁵¹ Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/brincar/>. Acesso em 25 de março de 2022.

prender, seduzir, encantar. Vinculum virou brinco e originou o verbo brincar, sinônimo de divertir-se”⁵².

Depois que devolvemos o “lagartixa defunto” para seu túmulo, fui procurada pelas crianças Moisés, Josivaldo, Kauã, Yara e Miriam na casa de Virgínia Barreto. “Do que vamos brincar agora, hein?”. Vale ressaltar que a resposta não os pertencia. Coube a mim, “criante brincante”, buscar na infância que um dia me pertenceu e que, agora, pertence a Kauã, meu neto. Confesso que me vi em péssima situação, mas sei também que todo o professor é um “criante brincante”. Pensei na pedra azul, que mesmo sendo um artefato caído de meu anel, conservava em minha mente o caráter de brinquedo de Kauã.

Já era noite, após o enterro do lagartixa defunto. As crianças Calon queriam brincar mais e foram à casa de Virgínia. Eu já não sabia mais o que inventar. Como educadora de crianças do ensino fundamental, sempre usei a brincadeira de esconder objetos em minhas aulas. Todo educador criativo faz surgir tempestades criantes durante o seu tempo de aula: nunca deixei de brincar, mesmo com os meus alunos do ensino médio, atualmente. As crianças Calon me solicitaram brincar com elas, lembrei então da brincadeira do anel, com o meu neto, a que brinco toda vez que estamos juntos.

2.8.1 Esconder a pedra azul: elemental terra ou somente brincante?

Figura 64 - Kauã Siqueira Torres, 8 anos



Fonte: Acervo pessoal

⁵² Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/brincar/>. Acesso em 25 de março de 2022.

A foto acima veio ao texto para melhor explicar a inserção do brincar de esconder objetos⁵³. O tema do Brincar é algo que me encanta e me inspira constantemente, trazendo consigo perguntas e palavras coloridas que florescem em minha mente e se transformam em valiosos dados para a minha pesquisa. Ao mesmo tempo, essas palavras alegram o meu texto e o tornam ainda mais divertido e brincalhão. Foi então que a imagem de Kauã segurando uma pedra azul surgiu em minha mente, mesmo que não fosse uma fotografia de uma criança Calon. Essa imagem se tornou uma semente que plantou "palavras-flor-alegres" de Caputo (2006, p.35) no meu texto, enchendo-o com a alegria e o amor que sinto pela minha família e pelas brincadeiras que fazemos. Quando as crianças Calon me perguntaram o que iríamos brincar, a minha imaginação se encheu de ideias, e a brincadeira com a pedra azul se tornou uma delas, trazendo ainda mais brilho e diversão para o meu texto.

Conforme afirma Caputo (2006), para desenvolvermos uma escrita de qualidade, é necessário aproveitar cada momento precioso. Devemos ser enfáticos, diretos e concisos a fim de não desperdiçar nenhum momento. Segundo a autora, para elaborar a nossa escrita, devemos aproveitar as ideias que surgem no momento em que escrevemos. Assim, não deixei escapar a brincadeira que faço em família⁵⁴. O objeto brincante, a pedra azul de meu neto, tem relação com o tema do Brincar. Caiu em minha escrita, mas, antes, em minha memória, quando estava numa noite com as crianças de Quissamã, no dia do enterro do lagartixa defunto.

“Vó, vamos brincar de esconder com a pedra azul?” – questionou Kauã, em uma de minhas visitas ao Rio de Janeiro, capital. Brincar é a labuta de Kauã, em todas as tardes. A rua asfaltada é onde se situa o seu “quintal” brincante. Quando estamos juntos, esse local se transforma em um cubículo, onde durmo. Desse modo, a pedra azul, uma matéria prima plástica, torna-se brinquedo.

A pedra azul descolou-se de meu anel, ficou jogada num pote de moedas antigas e virou um instrumento brincante de meu neto. Quando comecei a brincar com o objeto, ensinei-lhe a brincadeira de “passar anel”, afinal de contas, o apetrecho brincante fazia parte do enfeite de uma bijuteria. Partindo da perspectiva do objeto, foi a diversão que criei no momento, com as crianças Calon, pois escorria de minha memória “a brincadeira de passar o anel”. De repente, Kauã e a pedra azul, que não pertence ao grupo dos minerais, mas está no brincar. Vale ressaltar

⁵³ Em 25 de março de 2022, fiz uma solicitação específica de uma foto do meu neto Kauã, que foi tirada por Tarcísio, meu primeiro neto, com 23 anos. O objetivo foi extrair o fundo da foto para diferenciá-la das de outras crianças com as quais estou fazendo pesquisa, que se concentra principalmente nas crianças ciganas, daí a necessidade de garantir que a imagem solicitada seja distinta das outras fotos que estou usando para a pesquisa.

⁵⁴ Convém ressaltar que a autora se refere a acontecimentos diários. Debruço-me de seus conselhos dados a um jornalista, e reproduzo a relação de tempo com fatos ocorridos relacionados ao ato de brincar.

que a pedra azul ficava imperceptível a qualquer indivíduo em meio a algumas moedas antigas, que tenho como amuleto. Somente me lembro de sua existência quando sou convidada por ele.

Em contrapartida, a pedra azul, que antes decorava a mão, criou outras faceirices. Embora nunca tenha pertencido ao Elemental Terra, virou mesmo uma sucata de plástico. De repente, lembro-me de Manoel de Barros (2018, p. 30), que também brincava com lata de alimentos embutidos. Brinco com os substantivos do autor junto aos meus. A lata de Barros, depois de usada, perdia todos os “ranços”, ou seja, a finalidade de quem as produziu. Vale ressaltar que o brinquedo, que nunca foi pedra, teve o destino de ser um objeto brincante, mesmo que pequeno, e a pipa, depois de desengonçada, virou xale de Emmanuely.

O poema de Barros já demonstrava uma preocupação com a preservação do meio ambiente. Ele mostrou como uma simples lata, jogada no chão, demoraria 34 anos para se decompor e se integrar à terra. Porém, um brinquedo azul, feito de plástico, poderia se transformar em uma verdadeira joia. E o melhor de tudo, usado como ornamento, não poluiria o meio ambiente assim como as moedas antigas que estavam meio a ele. O poema de Barros nos ensina que tudo começa com a nossa imaginação e que precisamos preservar a natureza para mantê-la viva. O poeta nos inspira a cuidar do meio ambiente e a construir um futuro mais sustentável e divertido para as crianças de hoje e do amanhã.

Toda brincadeira tem regras. Quando as crianças chegavam perto da pedra azul, gritávamos: “tá quente”. Se ficavam longe: “tá frio”. Caso ficassem muito perto, “tá muito quente”, e, se muito longe, “tá congelado”. O corpo das crianças tem movimento na brincadeira de “esconder objetos”. No contexto das “crianças brasileiras” e com o meu neto, a algazarra não acontecia do lado de fora, pois, o apetrecho era minúsculo e podia se perder em meio a tanto espaço. Kauã convidou para brincar, além de mim, mais três amigos dentro do cubículo em que eu dormia. A diversão consistiu em todos ficarem lá fora, enquanto meu neto escondia o minúsculo objeto brilhante em lugares nunca imaginados, no interior de minha acomodação. Foram vários momentos de se camuflar e achar o apetrecho, que meu cansaço venceu e a brincadeira se fez.

Caminho com Luciana Brites (2020) para acrescentar estudos da psicologia infantil em meus escritos. A primeira infância, considerada o período do nascimento até os 6 anos, “é um período de grande crescimento, tanto físico quanto neurológico” (BRITES, 2020, p. 73). Segundo a autora, o brincar, além de ser significativo para as crianças, é essencial ao seu desenvolvimento. Ademais, brincar pode ser considerado como o trabalho delas. Além da criatividade, o ato de brincar não deve ser apenas uma repetição de brincadeiras antigas dos adultos, enfatiza a autora. A vida se transforma e, com ela, novos modos de brincar surgem, “o

tempo inteiro. Desse modo, a vida exige criatividade para se adaptar a novas situações” (BRITES, 2020, p. 75). De acordo com a fala da autora, vem a mim a manipulação do celular em tempos pandêmicos, no acampamento de Quissamã. Antes era proibido às Calin, hoje, quase todas fazem uso desse instrumento e de seus aplicativos.

A autora corrobora a importância do corpo na brincadeira. “Ao correr, pular, cair e levantar, ela [a criança] conhece suas possibilidades e limitações, ao mesmo tempo em que desenvolve diferentes habilidades psicomotoras” (BRITES, 2020, p. 76). As crianças Calon brincam muito no campo do acampamento. Com isso, participam de atividades ao ar livre e, de acordo com os cientistas, apresentam melhor desenvolvimento físico e social. Ensinei ao menino Kauã a brincadeira de esconder objetos e, sempre que vou ao seu encontro, ele me chama para a diversão. Virou uma prática entre nós essa brincadeira com o objeto brincante.

Luciana Brites (2020, p. 80) também relata a escassez de brincadeiras das crianças: “a falta de segurança para brincar na rua ou pelo tempo em que passam em frente a telas, é triste constatar que as crianças estão brincando bem menos”. Sobre essa reflexão, Kauã é considerado “um moleque de rua”, brinca muito, como também as crianças Calon de Quissamã, como observamos em nossas investidas ao campo etnográfico.

Converso ainda com Brites (2020, p. 79) quando enfatiza que além “[...] de brincarem sozinhas, umas com as outras e com objetos, hoje em dia, é comum as crianças brincarem com adultos também”. Já mencionei que brincava com meus alunos, brinco com as crianças Calon e com meu neto. As crianças têm muita energia para brincar. Enquanto meu corpo aguentar, brincarei ainda mais em minhas pesquisas. Em Quissamã, fui juíza do jogo do pique-lateiro, me escondi para eles me acharem, escondemos objetos juntos, desenhamos, contamos histórias, soltamos pipas juntos, enterramos o lagartixa defunto.

2.8.2 Vamos brincar de quê?

Em relação à pedra azul, acrescento Brougère (2006), que nos convoca a pensar sobre os objetos usados durante as diversões. O autor de *Brinquedo e Cultura* elabora um breve movimento para mapear a funcionalidade deles. Diante disso, a sua primeira relação está ligada à brincadeira; a segunda, a uma representação social. Na primeira, o objeto comprado funciona como suporte brincante. Além do mais, a criança consegue fabricá-lo, ou faz qualquer adaptação de uma sucata a objeto brincante, que só terá valor no momento do entretenimento, depois alguém a joga fora: se tudo pode ser brinquedo, o sentido lúdico é dado por aquele que

brinca. A pedra azul ainda existe, e me espera em meio às moedas antigas para se transformar novamente em diversão.

O brinquedo como uma representação social, explica Brougère (2006), pode ser tanto fabricado por uma indústria, como também feito por mãos criativas. A partir dessa explicação, cada objeto tem sua funcionalidade, como também cabe a ele um espaço destinado no sistema social.

Já mencionei o questionamento que quase todas as crianças fazem: vamos brincar de quê? No dia do “lagartixo defunto”, à noite, percebi que a escolha do divertimento noturno estava sob a minha responsabilidade. Lembrei-me da brincadeira de “passar anel”. Mas percebi que não havia o objeto brincante para questionar: “Com quem está o anel?”. Nem precisava das mãos em conchinhas das crianças porque as meninas Calin brincantes, quando não prontas para se casarem, não usam muitos acessórios. O nosso apetrecho não podia ser uma pedra de anel, tampouco um feito pela mão de alguém. A pergunta “Vamos brincar de quê?” surgiu e cabia a mim dar conta da próxima diversão. Fizemos, como sempre brinca Manoel de Barros, com coisas que para adultos nada significam: objetos da natureza encontrados naquele momento ao redor da barraca de Larissa: pedaços de pau. Assim, elegemos a madeira como o nosso instrumento que, depois, foi descartado pelas crianças Calon. Então, se estava sob a minha responsabilidade a criação de uma nova brincadeira, escolhi a de esconder objetos.

Tentei explicar a brincadeira do “tá quente e do tá frio” por várias vezes, mas percebi que não a conheciam. Observei a exaltação de gritos das crianças, que, depois de certo tempo, conseguiram entrar na diversão. A distração iniciou com alguém escolhido, depois do “par ou ímpar”. A dificuldade que encontrei foi separar os espaços brincantes naquela hora da noite, pois não existem paredes perto das barracas. Embora estivesse na casa de Virgínia, os adultos estavam conversando na sala, inclusive meu esposo.

Para esconder o objeto, foram necessárias algumas estratégias de educadora e da pesquisadora em ensinar e acompanhar a brincadeira: câmera, gravador de voz ligado, olhares e escutas, tudo ao mesmo tempo. Embora trabalhosos, foram momentos lúdicos em que me divertia, não havia cansaço, mesmo depois do velório do lagartixa defunto. Vale lembrar que, muitas vezes, brincava com meus alunos em sala de aula, só que, no ambiente escolar, sempre existia uma porta, que se tornava uma barreira de modo que não se descobrisse a localidade do objeto brincante.

Enquanto Yara, a “criante brincante”, fechava seus olhos num lugar não muito afastado, eu ensinava Josivaldo a esconder a madeira até que as crianças aprendessem bem a proposta. Paremos a explicação do modo de brincar de esconder objetos por alguns momentos, porque,

por mais que eu tente aqui explicar a quem não conhece a diversão inventada com as crianças Calon naquela noite, não fluirei na narrativa. Caso sigamos adiante, nos sufocaremos em quantidade de linhas e de palavras brincantes e não conseguirei explicar a nossa brincadeira. Confesso que já a rascunhei. Por causa disso, convido o leitor a conversar com o poeta Carlos Drummond de Andrade, que usou versos livres, inspirados em temáticas do cotidiano e na linguagem coloquial no poema “Quadrilha”⁵⁵. A escolha de autor e obra se deu por causa das nuances infantis usadas na escrita do poeta. Então, narremos a brincadeira das crianças Calon, da seguinte forma, parafraseando o autor:

Yara escondia o rosto que fingia que escondia que brincava com Miriam que brincava com Brenda que brincava com Moisés, que não brincava com ninguém. Josivaldo foi para o fundo da barraca de Larissa esconder o brinquedo. Yara procurava a madeira, Moisés entregava o esconderijo, Miriam ficava quieta, e Josivaldo aprendeu a brincadeira com as expressões: “tá quente”, “tá frio”. Disson, que não tinha entrado na brincadeira, gritou de dentro da sala, “parem de gritar, parem com essa brincadeira!”, e paramos.

Embora não consideremos essa brincadeira “espontânea” porque eu a dirigi, os corpos brincantes descobriram sentidos envolventes: confiança, união e o lúdico entre os pares. Além do mais, marcaram a minha presença não como a pesquisadora, a professora, que só vai ao campo para estudar de modo científico sobre o povo deles. Por causa disso, dialogo com Barros (2016, p. 33): “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito”. Sigo a reflexão do autor porque me torno atônita pelo fato de poder brincar sendo a avó de Tarcísio e de Kauã, com os meus alunos em salas de aula e, agora, no campo Mathias de Quissamã. Sou mãe de um, avó de dois e descubro, durante essa escrita, que serei avó de três meninos. Vale ressaltar que quando brincamos, os sentidos envolventes descritos acima serão os mesmos, ainda que não brinquemos “espontaneamente”. Em conexão ao ato de criar brincadeiras, como educadora, em toda a minha caminhada, envolvi meus alunos a desenhar, a criar versos, a procurar objetos dentro de sala de aula, a interpretar uma cena, a dançar. Portanto, o professor também é um ser “criante brincante”, enquanto leciona.

Em relação à interferência do Calon e à de outros adultos, que interromperam o entretenimento enquanto nos divertíamos, é necessário que se diga que eles atravessaram a

⁵⁵ Paráfrase do poema: “João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história”. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460652/>. Acesso em 25 de março de 2022.

nossa ação de brincar. Vale lembrar que já mencionei que os responsáveis pelas crianças do acampamento Mathias não têm essa prática de finalizar os lances das crianças, mas percebi que o fazem quando elas estão dentro de casa. Apesar de a brincadeira ter finalizado, o Calon Disson trouxe-nos a desculpa de que já era muito tarde para as algazarras.

Retomo os escritos de Barros (2016, p. 22), nos momentos brincantes do autor, em que havia um mais velho que mandava parar de brincar, e era sua mãe que gritava ao longe: “No fim de tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro”. Como dizia o poeta do Pantanal, ela deu uma “identidade pessoal ao dia”. O Calon Disson desculpou-se, também, pelas horas “envelhecidas” para interromper o nosso lazer, sem se preocupar com o tempo da brincadeira, se estávamos no início, no meio ou no fim da procura do objeto brincante de madeira, o pau. Além do mais, um adulto nem percebe o quanto é difícil para as crianças saber do que brincar. Lembrem da frase inicial: vamos brincar de quê? Confesso que ainda remediei a situação, mas as crianças Calon não mediram esforços, pararam a brincadeira. Quando um Calon adulto solicita, com uma voz atuante, as crianças obedecem, sem questionamentos.

Seja lá com o que for, com uma pedra preciosa de plástico, com um pedaço de madeira escondido, as crianças brincaram com a seriedade e a sisudez de sentidos. Nesses momentos, busquei a infância em mim mesma, e fiz com eles o que já fizera um dia, assim como Manoel de Barros construiu seus poemas, vivendo em outros lugares. O autor escreveu a natureza observando, escutando e exaltando vozes das crianças em seus versos, poetizando elementos simples e naturais. Convém enfatizar o que ele pretendia com sua escrita poética: que aprendêssemos a ouvir as nossas crianças, e deixá-las falar, reconhecê-las como um ser atuante e socialmente construído.

Venho dialogando com o escritor mato-grossense, que me trouxe palavras pantaneiras de sua infância, desde que comecei a narrar sobre as brincadeiras das crianças. Percebi que o poeta brincador com palavras se aproximou mais perto do ato brincante dos meninos Calon e das meninas Calin e do espaço de minha pesquisa. Ademais, já mencionei que este universo brincante, há muito escondido em minhas memórias, renasce em mim durante a minha escrita. Barros, além de ter sido um poeta abrilhantado, deu vida às coisas que existem no mundo, também teve seus momentos infantis: viveu junto à natureza do Pantanal. Acresce-se a isso, que seus pais respeitavam o seu dom de escrita, a ponto de dar-lhe liberdade de escrever desde criança.

Caminhar nesse percurso da pesquisa, brincando com Barros, para mencionar as brincadeiras das *chavin* e dos *chivon* do acampamento Mathias de Quissamã, é trazer também

as palavras de nossa literatura, de nossos autores. Ao mesmo tempo, é uma escrita brincante e pedagógica. A infância do acampamento Mathias conversa com a poesia de Barros, de Bandeira, de Cecília Meireles, de Drummond de Andrade, de Guimarães Rosa, dentre outros por vir, pois os escritos sobre as brincadeiras Calon ainda não se findaram, e não se findam somente com a escrita da tese. São meus dizeres gráficos colhidos no campo etnográfico pelas representações da infância Calon imbricadas nos escritos de autores poetas brasileiros.

O universo das brincadeiras *Calon*, pelo olhar da comunidade cigana, permite-nos aprender com elas, por suas vozes, por seus gestos. Ainda que pareçam sem importância para alguns adultos, para o pesquisador importa. Observamos cada detalhe nas imagens, desmembramo-las em partes, assim como fazem os médicos que manipulam autópsias: fazemos detalhes etnográficos com corpos infantis, pelas fotografias. Se quisermos elaborar uma curiosa escrita, temos que anotar tudo o que acontece, filmar, selecionar fotos, cuidar delas, transcrever falas de vídeos, pesquisar em nossos computadores, em *sites* de busca, para aprendermos com eles.

Depois de todo esse processo pedagógico, conhecemos o Pikachu e sua melodia, guardamos o jogo das mãos do boneco amarelo japonês. Aprendemos novas músicas, principalmente a canção da escolha do pegador do pique-pegas, assistimos à exumação “do lagartixa empanturrado de *slame*”. As crianças *Calon* produzem saberes e descobertas. Ademais, “brincadeiras à parte”⁵⁶, conhecemos também o anel de pedra de plástico azul.

Pelas brincadeiras das crianças Calon, brotam olhares, imagens, palavras desconhecidas, que incendeiam a escrita de meu caderno de campo, considerado por mim uma caixa com tesouros, para continuar aberta a novas escritas, novas pesquisas. Já mencionamos muitas vezes que, nas nossas pesquisas, as vozes das crianças introduzem capítulos, preenchem linhas de escrita. As crianças são nossos atores, nossos protagonistas. Desde 2020, as crianças Calon de Mathias são meus instrutores na arte de brincar com pipa, com desenhos, com insetos mortos e muito mais. Caminho pelas ideias poéticas de Barros (2016, p. 59): as lagartixas mathienses têm a índole caminhante de terra, ao invés das paredes. São presas fáceis para virarem defuntas. Às vezes, “pensam que gente é árvore e nem se mexem”, se deixam pegar pelas crianças Calon. Lagartixas que se melecaram e pararam num pote de vidro. Tudo é criancisse Calon.

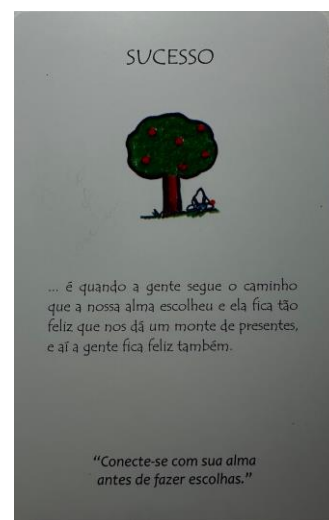
⁵⁶ Expressão bem usada na oralidade

2.9 A carta do “Sucesso” – Desenhos de criança Calon não é bobeira

Papai me mande um balão com todas as
crianças que têm lá no céu
Tem doce papai tem doce mamãe
tem doce lá no jardim⁵⁷

A epígrafe acima carrega a essência do que escrevo neste capítulo: a felicidade do retorno ao campo, com a descoberta da vacina da Covid-19 e os doces levados para as crianças Calon.

Mas o que mais me emociona é a carta "Sucesso" de Gebrin, pois ela desvenda o segredo do triunfo que alcançamos com a nossa metodologia de desenhos, como também o sucesso dos cientistas com a descoberta da vacina contra Covid-19. E não foram só as guloseimas que nos trouxeram alegria no Dia das Crianças, mas também os preciosos presentes que recebi: rabiscos coloridos e garatujas que retratam a vida cotidiana das crianças Calon. Cada um desses desenhos é um tesouro para mim, pois transmitem a essência de suas almas infantis e inocentes.



Mesmo sabendo que as crianças Calon de Quissamã possuem uma cultura diferente e não seguem os mesmos padrões geracionais das crianças ocidentais na escola, decidi ousar e tentar encontrar uma conexão com elas. O verbo "ousar" é poderoso quando se trata de buscar nossa criança interior, como argumenta Gebrin (2021, p.29): “Ousar sorrir e ser chamado de tolo, ousar andar descalço na grama e levar uma picada de formiga, ousar sair na chuva e ter que subir um elevador lotado, todo molhado”. Eu sabia que era preciso arriscar, ultrapassar as barreiras culturais e encontrar formas de me comunicar com as crianças Calon, depois de tanto isolamento, devido à pandemia. E assim fiz. Mesmo sozinha, me permiti ousar, experimentar novas maneiras de ensinar e de me relacionar com elas, e isso me trouxe uma sensação de felicidade e de realização.

1. Cantiga da Umbanda: “Papai me manda um balão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iKaSkzUD4>. Acesso em 12 de março de 2022.

Figura 65 – Desenho de Yara Marvilha



Fonte: Acervo pessoal

“Ah, professora, essa aqui sou eu e minha barraca, o meu carro tá na garagem, a outra barraca é de Branquinha, não tá vendo as bananeiras lá? A lata de lixo é da rua”. A imagem e a fala que abrem esta seção são de Yara explicando-me o seu desenho. Esse comentário ocorreu quando terminou de elaborá-lo. Sei explicar porque lhe perguntei o significado de sua arte, no momento de sua confecção.

Sobre o desenho de Yara, um doce de suspiro repousa, evocando a melodia da epígrafe que abre estes escritos com a carta brincante de “Sucesso”. Os versos anunciam a distribuição dos doces. A escolha da metodologia dos desenhos não foi casual, pois me permitiu compreender as visões singulares de cada um sobre o lugar em que vivem. Além disso, foi um momento de diversão e brincadeira entre nós. De fato, festas, doces e desenhos, foram todos parte da alegria de brincar, que pode ser vivenciada de muitas maneiras.

Retornamos ao acampamento por duas razões: celebrar o Dia das Crianças com meus interlocutores de pesquisa e entregar o tecido que comprei para o casamento de Diana, que estava se aproximando. Paloma, a costureira, mãe de Miriam e Mirela, se ofereceu para fazer

meu vestido, mas naquele momento, soube que o casamento de Diana havia sido cancelado. A surpresa do cancelamento do matrimônio será contada em breve.

Era 15 de outubro de 2021, o dia 12, caiu numa quarta-feira, no meio da semana, por isso não deu para eu estar presente na exata data. Coincidência ou não, era o dia do professor. Um dia antes à ida ao acampamento Mathias, preparei todos os meus instrumentos de pesquisa: muitos lápis de cor de madeira e cera, muitas folhas de papel A4, além do que costumo levar: minhas câmeras fotográficas, lentes e os saquinhos de doce.

Como já mencionei, a metodologia pensada por mim, naquele dia, era o desenho. Primeiramente, a estratégia era passear pelo acampamento e pedir que observassem tudo ao redor, de modo a mapeá-lo geograficamente com as crianças. Depois, escolher um ambiente propício para desenharem o espaço em que vivem e os seus cotidianos, o que fazem durante o dia. Para facilitar a imaginação deles, pedi que observassem as casas, as barracas, a quem pertenciam os locais vazios, os muros, as vegetações rasteiras do ambiente, tudo que compunha o espaço em que andavam todos os dias.

De modo a inserir as crianças Calon no contexto de minha pesquisa, pensei em escolher Diana Soares, minha primeira interlocutora, e Vitória Barreto, minha segunda, para liderar o passeio. Mas ouvi de Vitória: “Tia, Diana é analfabeta”. Disse-lhe que, para desenhar, não precisa escrever, bastava ter habilidade com o lápis de cor, usar a imaginação e o papel. Em relação a outras crianças, não precisei reuni-las, pois sempre que me veem, saem correndo ao meu encontro. Moisés já chega, dando cambalhotas, segundo ele, “saltos mortais”. O menino Calon é o primeiro a me receber. A amizade que construí com essas crianças vem sendo muito importante para a pesquisa, principalmente a atenção que dou a Moisés, considerado por todos o terror.

Essa etapa da metodologia, quando estávamos andando na rua, não foi nada fácil. As crianças custaram a entender a minha pretensão, ou seja, a minha didática, houve mais murmurinhos, desatenção, risadas, piadas do que a concentração no que estávamos fazendo. Entendo que faz parte de crianças alegres, brincalhonas. Apesar de algumas dificuldades, conseguimos realizar a nossa brincadeira. Além do mais, nem Diana, nem Vitória tiveram interesse em liderar, quiseram mesmo era brincar com as outras crianças, mesmo já com casamentos arranjados. Existe uma forte amizade e proteção entre eles. Então, coube a mim decidir como conduzir minha pesquisa naquele dia.

As famílias Calon de Mathias já haviam comemorado o dia das crianças, inclusive, reuniram-se entre eles e fizeram a festa. Isso sempre acontece, reuniões festivas. Em geral, as mulheres se reúnem entre elas, e os homens isolados, as crianças menores misturam-se às Calin.

Infelizmente, ainda não consegui participar, porque quase toda a minha pesquisa foi atravessada pela pandemia. Levei os saquinhos de doce para eles e foi desse modo que comecei a pesquisa naquele sábado brilhante de sol.

Escrever sobre o brincar é uma experiência incrivelmente criativa e enriquecedora para mim. Cada vez que me sento para escrever, sinto como se um arco-íris de cores fosse derramado na minha mente, e as ações brincantes e as falas das crianças são como os pigmentos que dão vida a essa paleta. Mas o brincar é muito mais do que apenas diversão. Ele é uma forma de expressão que nos permite refletir sobre a vida e a realidade que nos cerca. O desenho da menina Calin Yara é um exemplo disso. Olhando para ele, podemos perceber que ele não é apenas uma imagem bonita, mas uma representação visual de como ela vê o mundo ao seu redor.

O desenho é algo verdadeiramente especial, com sua mistura de elementos abstratos e figurativos, suas cores vibrantes e suas linhas suaves. E quando percebemos que ele foi feito em quatro papéis colados de folha A4, a grandeza do seu talento se torna ainda mais evidente. A verdade é que os desenhos das crianças Calon de Quissamã são muito mais do que meras imagens. Eles são janelas para a mente e a alma dessas crianças, oferecendo insights valiosos sobre suas vidas e sobre seus pensamentos. E para mim, é uma verdadeira alegria poder explorar essas janelas e aprender com elas.

Brincar não é apenas uma atividade divertida para as crianças Calon de Quissamã. É algo que vai muito além disso, envolvendo a observação minuciosa de cada risco e de cada cor escolhida por elas. Como afirma Caputo (2001, p. 2), o olhar do pesquisador é essencial para entender a profundidade desses momentos lúdicos. "Penso que essa reflexão ajuda no esforço que tentamos fazer em pesquisa: ver ao invés de simplesmente olhar". Nós precisamos aprender a "ver" e não apenas "olhar", a descrever cada detalhe e entender o significado por trás dessas pequenas escolhas. A autora se refere à imagem feita pela fotografia, mas isso também se aplica aos desenhos criados pelas crianças Calon. Cada detalhe é importante e nos ajuda a compreender suas vidas e realidades de uma forma mais profunda. Então convido Barros (2018, p. 44) para encontrar-se com Caputo: ver os pormenores que reforçam a palavra, que “segura a palavra na gente. O cheiro do amor e do lugar também participam”. Ambos autores ratificam a importância do olhar com atenção na construção de um objeto de pesquisa, seja pela fotografia, seja pelo desenho ou qualquer tipo de imagem. Descrever, cheirar o lugar, estar atento aos detalhes, aos gestos das crianças.

A menina Calin Yara, ao passear pelas ruelas do acampamento, trouxe para seus rabiscos duas barracas. Ao redor das tendas, um cachorro, como também não se esqueceu do carro de seu pai. No desenho de Yara, aspectos de sua cultura são observados, inclusive o espaço

doméstico das Calin. Ilustrou, assim, as tarefas domésticas da mulher Calin, simbolizado pelo fogão, a cama.

Gobbi (2012, p. 140) discorre sobre sua primeira experiência em pesquisar os desenhos numa escola municipal de São Paulo: “Apontava à época para um período no qual se anunciavam alterações quanto ao relacionamento familiar mantido pelos pais e mães, entre estes e seus filhos e filhas. Nos desenhos, viam-se mulheres ao redor de pias, de fogões”. Gobbi indagava se o espaço doméstico seria de uso exclusivo para mulheres, enquanto que os homens sempre se encontravam dentro de automóveis. O contexto social da comunidade Calon continua o mesmo dos desenhos da época em que a autora iniciou suas pesquisas. Conforme sabemos, o sistema Calon da comunidade de Quissamã é o patriarcalismo. Cabe à mulher cuidar dos afazeres domésticos. Yara traz esse aspecto bem claro em seus desenhos.

Munari (1990, p. 40) nos lembra que a palavra "tradição" tem uma denotação comum em todos os dicionários, que é a soma de regras, costumes e inovações recolhidos durante a vida dos indivíduos e transmitidos de geração em geração. No entanto, essas regras estão em constante mudança, e quando um indivíduo repete algo do passado, não está necessariamente agindo de acordo com a tradição. Para Munari, a tradição é algo que é construído todos os dias, tanto por aqueles que repetem os momentos do passado quanto por aqueles que seguem o cotidiano da tradição.

A cultura está sempre em constante movimento, nunca permanece estagnada, mas isso não significa que se esqueça do tradicional, que já está enraizado nela. É fascinante observar nas ilustrações das crianças Calon de Mathias toda a essência da infância, suas construções, suas falas, suas brincadeiras, seus jogos, e todos esses momentos lúdicos que são tão importantes. Como nos diz Gobbi (2012), o desenho é uma das várias linguagens usadas no processo de elaboração do conhecimento, juntamente com esculturas, engenhocas e outras criações. Através do desenho, as crianças são capazes de representar e expressar aquilo que vivenciam, transmitindo sua linguagem visual e suas brincadeiras.

Figura 66 - Lixeira desenhada por Yara Marvilha



Fonte: Acervo pessoal

A menina Calin Yara extravasa a vontade de ilustrar a tradição de seu povo, embora more em residência de alvenaria, junto a seu pai e à sua madrasta, em frente ao campo em que brincam: desenhou a sua tradição, as barracas juntas umas às outras. O aspecto renovador e preocupante da ilustração da criança desenhista é a presença do lixo e o cuidado com o biossistema ilustrado pelas plantações circundantes da vizinha. Observamos, neste contexto, a preocupação com o meio ambiente. Em tempos remotos, com ciganos do grupo Romà, essa atitude não existia uma vez que a aparência por fora, o quintal em que viviam, não importava tanto:

Acenamos uma despedida para o bando de crianças ciganas que nos seguiram até o Lada cor de laranja de Milena, e quando partimos, perguntei a ela sobre a miséria. As casas eram tão limpas por dentro, tão carinhosa e aplicadamente pintadas ... mas os quintais! O espaço comunal era inútil para qualquer atividade, por causa do cheiro. Eu ia levar muito tempo para esquecer os monturos de pneus velhos cobertos de lama; a fétida pasta de vegetais do lixo acumulado; as latas e ossos de cabeças de peixe, os aparelhos abandonados com suas molas de desenho animado e a triste aparência de abandono e destruição (FONSECA, 1996, p.122).

Vale enfatizar que se tratava de um tempo antigo relatado pela autora. Yara, ao passear comigo pelo acampamento antes de produzir o seu desenho, avistou os quatro latões azuis que ficam no início da rua em que andávamos. Observou o recente cuidado da prefeitura de Quissamã no recolhimento do lixo dos Calon do acampamento Mathias, ilustrou o objeto como algo de grande importância para o espaço em que residem.

Nos capítulos anteriores, destacamos a figura de Yara como nossa "criante-brincante", e suas ilustrações evidenciam sua dedicação e percepção do ambiente ao seu redor. Através de seus desenhos, podemos observar sua preocupação com a limpeza das áreas próximas às barracas, representada pela imagem de uma lixeira. Além disso, Yara retrata a importância de fixar a barraca no solo, mostrando um prego e uma corda que seguram firmemente a estrutura. Na mesma cena, temos a barraca de Branquinha e as bananeiras que proporcionam sombra e conforto ao local.

É fascinante ressaltar que essas informações não foram fornecidas por mim, mas sim extraídas dos detalhes minuciosos presentes na ilustração criada por Yara. Isso reforça a capacidade do criante-brincante de transmitir mensagens e significados através de suas expressões artísticas, revelando uma visão única e sensível do mundo ao seu redor.

Ao explorar os desenhos e as narrativas dos criantes-brincantes, adentramos em um universo rico e genuíno, onde a criatividade, os sentidos, as trocas, as aprendizagens e a espontaneidade ganham vida. Através das brincadeiras e expressões artísticas, os criantes-brincantes revelam sua singularidade e contribuem para a preservação da cultura e identidade da comunidade Calon.

Essa imersão nos faz refletir sobre a importância de valorizar e respeitar as vozes e perspectivas das crianças, reconhecendo o potencial que possuem para transformar e enriquecer nossas comunidades. Que essas descobertas nos inspirem a continuar aprofundando nosso conhecimento sobre o universo dos criantes-brincantes, celebrando sua autenticidade e incentivando um ambiente propício para seu pleno desenvolvimento.

Figura 67 - Yara Marvilha perto do carro de seu pai⁵⁸



Fonte: Acervo pessoal

Gobbi (2012) considera o desenho como artefato cultural produzido ou construído com e pelas crianças. Tal fato nos leva a compreender a criança, como também os adultos que, subitamente, interagiram na brincadeira de desenhar, o que veremos mais adiante. Quando desenhamos nos apropriamos de coisas e de desejos. Então, cada arte dependerá de como compreendemos o que os desenhistas constroem – são formas particulares de narrativas.

Muitas disciplinas estão envolvidas na arte de desenhar, contribuindo para a explicação do desenho como parte cultural elaborado pelas crianças. Estudiosa de desenhos infantis, Gobbi (2012) enfatiza que esses estudos cabem às Ciências Sociais, em particular à Sociologia. Segundo a autora, estas disciplinas apresentam fartas contribuições para o entendimento de desenhos de crianças. Ademais, argumenta Gobbi (2012, p. 139), “podem contrapor e

⁵⁸ “Professora, pode revelar a foto do carro de meu pai para mim?”. “Qual, Yara?”. “aquela que estou perto de um Gol preto.” Este é o carro de seu pai em que gravei Miriam e a sua decoreba na Língua Inglesa, no dia em que estivemos no enterro do “lagartixa defunto”. Confesso que não prestei a devida atenção ao pedido da menina. Revelei uma foto para Yara, entreguei-lhe num porta-retratos, mas percebi o rosto desanimado e surpreso ao ver a fotografia, pois não era a imagem que a menina pediu. Ainda retornarei ao campo, para cumprir-lhe o pedido, pois estava envolta em muitos afazeres com a escrita.

problematizar certos aspectos relativos aos estudos oriundos da psicologia, preponderantes ao longo do tempo”.

Muitos pesquisadores têm se debruçado nos desenhos das crianças. Os desenhos, geralmente, são estudados na escola, assim como em outros espaços, mas a nossa pesquisa acontece no cotidiano das crianças Calon, que não têm lápis de cor, caneta e papel como acessórios do brincar. Não fazem como as “brasileiras”, que rabiscam paredes de sua casa. As crianças Calon, muitas vezes, não possuem paredes, tampouco o hábito da escrita. Foram necessárias certas estratégias pedagógicas, para que pudessem conhecer suas habilidades artísticas. O cotidiano delas é diferente: as brincadeiras são livres, espontâneas.

O desenho é uma ferramenta essencial na criação de brinquedos infantis. Antes de existir um brinquedo, alguém o projetou e desenhou. Segundo o especialista em desenho Bruno Munari (2002), ao criar para o público infantil, o artista deve pensar em algo que seja útil para o crescimento individual da criança. Munari destaca a importância do desenho na formação da memória e enfatiza que aquilo que uma criança memoriza na infância permanecerá para toda a vida. Infelizmente, o mercado de brinquedos não tem a preocupação de criar produtos que contribuam para o desenvolvimento infantil. Em vez disso, o foco está em produzir bonecas estúpidas ou brinquedos de guerra e ficção científica, que servem apenas como entretenimento. Desenhar um brinquedo que fique na memória da criança é oferecer algo valioso para a vida adulta, algo que estará sempre conectado à ação do brincar.

2.9.1 Moisés “garatuja” no A4

Figura 68 - Moisés Soares, 6 anos



Fonte: Acervo pessoal

A imagem que temos aqui é emocionante e revela a ingenuidade e a liberdade da infância. Moisés, uma criança Calon, atrai a atenção dos outros por causa de seu desenho. “Tia, ele não sabe ainda desenhar, olha só o que ele está fazendo”, exclama Brenda. Moisés está garatujando, rabiscando sua criação. Ele ainda não entende as linhas e riscos, nunca teve aulas de desenho, nem mesmo na escola, até aquele momento, mas essa é a pureza da sua criação. Lembrei-me dos versos do poeta Manoel de Barros (2016, p. 38) que dizem: “chegar ao criancamento das palavras. Lá onde elas urinam na perna. Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos. Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem [...]”. Moisés está no seu próprio “acriancamento” de riscos e linhas, desenhando a sua barraca sem nenhuma preocupação estética. Ele ainda não foi moldado pelo sistema educacional ou pelas imposições da sociedade. Durante a pesquisa, Moisés não tinha muita afinidade com os materiais de

desenho, mas quando lhe perguntei sobre a sua arte, ele respondeu simplesmente: “Meu desenho é da minha barraca”. Esse é um testemunho emocionante da essência da infância, onde a criação é livre e espontânea.

Notamos que não existem linhas retas, são confusas e agitadas, como o seu mentor desenhista. Vale ressaltar que, hoje, Moisés está na escola, estuda na mesma sala que Miriam. O importante é saber que o desenho é um artefato cultural produzido por Moisés e nada mais importa. Pelos desenhos, as crianças trazem traços e assuntos importantes: Moisés Soares prefere o caminho das linhas tortas e confusas, iguais às de Manoel de Barros (2016, p. 38): “prefiro caminhar pelas linhas tortas, como Deus”. Moisés caminha por suas encruzilhadas rabiscadas. O que não podemos menosprezar é a importância de anotarmos o significado desses rabiscos no exato momento de sua criação. O rabisco de Moisés significa para ele a sua barraca, ponto final, nada mais a dizer.

Já mencionamos habilidades do menino Calon esperto que briga com outras crianças, quase sempre rejeitado por todas. Não houve um dia em que estive no acampamento Mathias e ele não soprou palavras ofensivas a seus amigos. Mas Moisés não é exceção, convenhamos. Ele fala e inventa palavras, manda para algum lugar, qualifica seus amigos com seus “palavrões”, aos berros, nervoso demais. Qualquer um que tentar lhe tirar a calma, ele atira em sua defesa palavras feias de se ouvir. Mas há adultos que também fazem isso, eu não fico de fora. O menino Calon está sempre dando nomes a coisas que já têm nome. Moisés pratica o “criançamento de palavras” de Barros (2016). Quando quer se apossar de minha câmera, grita: “Me dá esse bicho aí”. As crianças nomeiam o mundo, Moisés nomeou a minha câmera, esvaziando o seu significado. É menino Calon de Mathias.

Existem inúmeras possibilidades de se traduzir os desenhos. Uma delas, como observamos, é através de perguntas sobre a elaboração deles, diretamente, com o artista no momento da realização da arte. É fato que os desenhos ilustram histórias de vida. Não se pode trabalhar numa análise universal do desenho, porque derivam da imaginação, que se liga à brincadeira, como já vimos. Devemos ter a sensibilidade de pensar sobre seu criador, o artista, o dono do desenho. Nele, encontramos vários fatores que contribuem no rabisco das linhas no papel. Tratam-se de questões que ultrapassam o entendimento da arte produzida. A que etnia pertence o dono da arte, o que ele quer mostrar? Qual o gênero da pessoa que produziu a imagem, o que tentou passar no momento de seus rabiscos? Qual a classe social da pessoa desenhista, o que se analisa nesta categoria? São todas perguntas ligadas à arte do desenhista. Enfim, a tradução de um desenho conecta-se, diretamente, ao seu produtor.

Podemos afirmar com segurança que as questões mencionadas anteriormente são confirmadas pelo diálogo com Sarmiento (2002). Ele argumenta que as crianças são produtoras de cultura, já que criam maneiras de dar sentido ao mundo ao seu redor. "As crianças produzem cultura, esse conceito já foi amplamente debatido. Elas criam formas de significado para o mundo", enfatiza o autor. Ele também confirma que "as formas e conteúdos das culturas infantis são produzidas em uma relação de interdependência com culturas sociais permeadas por relações de classe, gênero e origem étnica" (SARMENTO, 2002, p. 4). É importante lembrar que as crianças não são passivas em relação a esses processos. Elas têm práticas próprias e as desenvolvem dentro de suas próprias culturas, ou seja, dos processos de simbolização do mundo real que geram suas relações com seus pares e influenciam os lugares em que vivem.

2.9.2 “Exu é rabo de cometa”, “Yemanjá é um mar bem grande”

Caputo já trabalhou com desenhos de crianças do candomblé durante as suas pesquisas em terreiros:

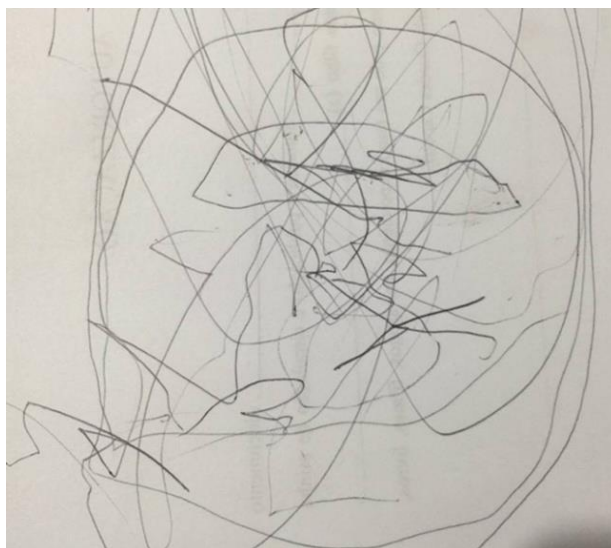
Figura 69 – Mikaela de Carvalho Reis, de 3 anos, do *Ilê Axé Omi Laare Iyá Sagbá*.



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo

“Estou desenhando Yemanjá”, responde Mikaela, no momento em que garatuja em seu caderno. Pela “fotoetnopoiesia”, traduzida aqui em prosa, Caputo exercita o “criançamento de palavras” de Barros, fazendo perguntas à criança desenhista. No momento da elaboração da arte, a educadora sugere ser um peixe grande, a menina responde tratar-se de uma baleia e de um peixe tubarão.

Figura 70 - Garatujos de Mikaela de Carvalho



Fonte: Acervo de Stela Guedes Caputo

Já argumentamos que os desenhos infantis são documentos históricos. Gobbi (2008, p. 201) afirma que os desenhos são importantes para estudiosos de muitas disciplinas: “O estudo minucioso dos desenhos permite-nos investigar como tais relações sociais estão sendo construídas. A partir destas expressões, é possível procurar conversar com as crianças desenhistas e com isso conectar seus desenhos a outra linguagem”. A relação construída pela criança e pela pesquisadora é com a religiosidade de Candomblé. Ao decifrar por inteiro seus rabiscos, a menina desenhista responde que “Yemanjá é esse mar beeem grande, dentro desse peixe pequeno”. Por esse viés artístico, concebemos “as crianças como construtoras de culturas, seus desenhos podem ser vistos como suportes que revelam aspectos diversos das próprias culturas”, argumenta Gobbi (2008, p. 202).

Mikaela tem sete anos, quiçá hoje não mais garatuje. Portanto, sua arte é um documento histórico para os escritos infantis candomblecistas, além de produto cultural elaborado pelas crianças Calon. Assim Gobbi (2012, p. 137) afirma que “ele [o desenho] é um documento produzido pelas crianças, isso para mim é muito importante. Os desenhos são fontes históricas.”

Pelas vias da religiosidade africana enquanto menciono os desenhos de uma criança ligada à crença do Candomblé, recupero uma memória de desenhos elaborados, em 2009, com o problema em que me vi envolvida na escola de Macaé, já visto por nós no início destes escritos. Em sala de aula, trabalhei com a obra *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, que é voltada ao público infanto-juvenil. Vale ressaltar que a obra pertencia ao acervo da biblioteca do colégio, carimbada pela escola e devidamente autorizada pelos órgãos competentes da

educação. Depois da leitura, como metodologia, desenhamos o personagem principal, Exu⁵⁹, da mitologia africana. As crianças desenharam o personagem de fábulas, na época, em 2012, sem chifres, sem a demonização atribuída por muito tempo a ele, pois sequer sabiam da religiosidade que envolvia Exu.

Quando menciono os desenhos das crianças Calon, como também os de meus alunos, quando ministrava aulas no ensino fundamental, penso esse ato como um diálogo entre pares em que o gesto de criar torna-se importante. Eram trocas de experiências, que passam a ser impressões vividas por mim enquanto educadora. Desse modo, o desenho era uma prática pedagógica e o meu papel como professora era mostrar a importância de criar imagens a partir dos contos de Martins (2009).

Recorro mais uma vez a Gobbi (2014, p.150) quando enfatiza que a “arte infantil remete à capacidade espontânea das crianças em desenvolver seus desenhos”. Nesse contexto religioso, Exu é um deus estereotipado como demônio pelo cristianismo, sendo ilustrado em imagens de gesso que ratificam sua demonização: com chifres e rabo aterrorizantes. Nos desenhos de meus alunos, sendo que a maioria é de família de credo evangélico, Exu, o personagem, surgiu sem o cunho demoníaco atribuído a ele. Athayde (2012, p. 7) descreve ainda mais o personagem das histórias infantis: “Exu vive na velocidade da luz e do caramujo, na formiga trabalhadeira e na preguiça do leão; Exu é criança e o velho, o asteroide e o rabo do cometa, o raio do sol e até a sombra da noite”.

Figura 71 - Desenhos de Orixá



Legenda: Desenhos elaborados a partir dos contos da obra de Adilson Martins, em 2009, na sala de aula da Escola Municipal Pedro Adami, em Córrego do Ouro, Macaé.

Fonte: Acervo pessoal

⁵⁹ Exu, na religiosidade afro-brasileira de Umbanda é considerado um espírito desencarnado que incorpora em seus médios. No candomblé, Exu é mensageiro de Orixá nos jogos de búzios, considerado também um Orixá.

Seguindo o raciocínio de Gobbi (2014), o momento de desenhar o deus mitológico africano teve uma metodologia, uma preparação de modo a incentivar as crianças a produzirem sua arte. O mesmo ocorreu em Quissamã, no contexto da infância Calin experimentada de diversas formas dentro do contexto do brincar. São vivências do cotidiano que ficarão registradas pela nossa pesquisa.

2.9.3 Desenhos de garagem

Figura 72 - Meninas Calin desenhando



Legenda: Da esquerda para direita: Yara, Vitória e Diana

Fonte: Acervo Pessoal

O local escolhido pelo Calin Disson para as crianças desenharem foi a sua garagem. Em todos os momentos em que brincava com as crianças, o Calin Disson proferia o mesmo discurso anterior em relação a gênero:

Meninos não podem brincar com meninas. Os pais das meninas não estão mais aceitando que elas brinquem com meninos homens porque os meninos estão ficando com a mente mais poluída. E o noivo dessa aqui (aponta para sua filha) não gosta. Então respeitem o que estou dizendo a vocês.

Em certas ocasiões, sinto-me deslocada em meio aos costumes dos Calon e, por isso, prefiro observar e calar-me, considerando que minha opinião e práticas culturais são diferentes das deles, e, portanto, não é adequado interferir. Durante o período de dois anos, notei o desenvolvimento e mudanças comportamentais dos meninos que, apesar de trajarem-se como adultos, ainda brincam e não se separam de suas roupas como calça comprida e bota, conforme já mencionado anteriormente.

Neste contexto, recorro à obra de Monteiro (2019) que discorre sobre os cuidados e perspectivas dos adultos para garantir a proteção, liberdade e felicidade das crianças, partindo da estrutura social e cultural em que estão inseridas. Neste caso, é possível identificar a preocupação do pai de Vitória, que se apoquenta em resguardar a honra da filha, uma vez que foi prometida em casamento a Ronald, proveniente do acampamento de Santa Maria, em Campos de Goytacazes. O objetivo é evitar que a filha seja exposta a comentários e atitudes impróprias, sobretudo se relacionadas a meninos já prometidos, o que ocorre a partir de 13 anos de idade. Devemos ressaltar que não cabe a mim emitir qualquer julgamento ou opinião acerca dessas práticas culturais, mas sim buscar compreender e divulgar a cultura dos Calon de forma respeitosa e imparcial.

No concernente ao ato de desenhar, observamos uma série de relações presentes no processo de construção dos desenhos. A pesquisadora Flávia Pires (2020, p. 236), embora tenha dirigido os “desenhos temáticos controlados” das crianças pesquisadas por ela, afirma que a tática do desenho é interessante porque capta o que está guardado na mente da criança, principalmente o que ela mais almeja, o que mais tem interesse. Assim, enfatiza a autora: “O desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo o que primeiro vem à cabeça, aquilo que é mais óbvio para a criança” (PIRES, 2020, p. 236). Pires também chama a atenção do desenhar dirigido por alguém, ou seja, “quando combinado com a observação participante, é que os dois instrumentos potencializam a sua utilidade. Os desenhos funcionam como um guia para a observação participante” (PIRES, 2020, p. 237). Quando feitos pelos meus interlocutores de pesquisa, os desenhos deram-me muito conhecimento sobre eles, além das entrevistas e das oralidades.

Percebi diálogos, assuntos que já ouvia durante a pesquisa, materializados em forma de desenhos, tudo isso contribuiu muito e favoreceu momentos lúdicos com as crianças. Por eles, penso numa série de relações que vão sendo compostas por elas. Não devemos nunca acreditar numa realidade fiel do desenho, assim como se consegue com a fotografia. Eles não são retratos fiéis à realidade: o que fazem é ampliar, aprofundar, passando a produzir olhares diferentes.

Com as artes Calon, conhecemos moradias, relações e objetos pessoais caros às próprias crianças que contam as mais diferentes histórias desenhadas por elas mesmas.

Até este momento da escrita, não comentei sobre os doces que levei. Tal fato ocorre porque os desenhos estavam sendo mais importantes que os doces. Disputavam os lápis de cor, consumiam muitas folhas, não sabiam como começar. Ou faziam rabiscos. Quando não gostavam, rasgavam as folhas. A minha intenção em desenhar o local em que vivem foi uma estratégia de se localizar, de visualizar a pertença a seu espaço. Observei o quanto foi importante para eles. Considero a estratégia usada como um “brincar espontâneo”, pois caminhamos pelos arredores do acampamento como forma de aguçar a atenção de todos. Nessa direção, a imaginação, a criatividade, a escolha de cores dos desenhos, o que desenhar, ou seja, que parte do acampamento queriam ilustrar, partiu deles mesmos. A tática desenvolvida durante a pesquisa resultou de um desenvolvimento psicológico, intelectual e social na brincadeira de desenhar.

Figura 73 - Meninas Calin desenhando



Legenda: De azul, Miriam, vestido colorido de tucano, Brenda, Iara, após o vidro com lápis de cor. O Calon Edison Costa.

Fonte: Acervo pessoal

Aquele momento foi de muita agitação, de muito barulho. Quando viram o vidro enorme cheio de lápis de cor e muita folha para desenhar já sabiam que era outra brincadeira. Já mencionei que desenhar, naquele momento, era também um brincar espontâneo, estavam livres para criarem o que quisessem. Foram eles os desenhistas. Analisar os desenhos elaborados pelas crianças exige de nós pensar o papel de construção de suas vidas, de seus cotidianos.

2.9.4 Pelas linhas dos desenhos Calin

Figura 74 - Desenhos de Calin



Legenda: Virgínia, Yasmim, Brenda e Alana Soares, atrás do vidro, neta de Branquinha

Fonte: Acervo pessoal

Em relação à produção dos desenhos, a brincadeira tomou outro rumo. De saída, seria só para as crianças, mas Virgínia Barreto e seu filho Vitor Barreto da Costa, hoje com 23 anos, participaram junto às crianças. De repente, escolheram as cores dos lápis de cor. Virgínia colocou quatro folhas juntas, imaginei logo que o desenho seria grande. Vitor escolheu suas cores, pegou um lápis comum e saiu, sorrateiramente, para a sala. Quis anonimato de sua arte. Virgínia assinou a sua obra.

Gobbi (2012) explica que quando olhamos fixamente os desenhos, conseguimos entendê-los pelas linhas, aprendemos como transitar os nossos olhares por elas, que formam imagens nas curvas, nas retas, nos traços que constroem os desenhos. As linhas sempre se apresentam nos desenhos formando portas, janelas, estruturando as barracas, fazendo o formato de rodas de carro como as do pai de Yara, nos suportes das barracas, nos desenhos dos muros e das casas do acampamento Mathias. “Os desenhos possuem um papel cultural, não sendo apenas geradores de encantamento nos adultos” (GOBBI, 2012, p. 30). As linhas estão lá, se apresentando para serem percorridas por nós. Mas, infelizmente, muitas vezes, passamos rapidamente e não damos o devido crédito aos desenhos.

As linhas são traços fundamentais nos desenhos, argumenta Gobbi (2014). Se pararmos para observá-las, veremos que estão em todo lugar de nosso planeta: nas pontes, nos troncos e nas folhas das árvores, em tudo. É importante que saibamos que as crianças possuem a sensibilidades de enxergá-las. Passeamos por tantas linhas em nosso cotidiano, que nem nos damos conta que elas compõem as nossas vidas. Estamos tão apressados e vivemos num mundo onde as informações chegam tão rápido, e a todo momento, que não nos damos conta das linhas que formam desenhos dos objetos do mundo.

“Estou desenhando uma casa de dois andares. Em cima mora Vítor, embaixo mora eu”. Virgínia vagueia pelas “linhas” na construção de suas casas com portas e janelas, faz imagens de si, de sua família e do desejo de seu futuro. Bruno Munari (1990, p. 15) chama atenção para a possibilidade de se passar pelas linhas e o quanto isso é importante para o aprendizado de nosso olhar, ajudando as crianças “a compreender o mundo em que vivem e a exprimir-se da maneira mais conveniente para com seus semelhantes”.

Figura 75 – Desenho elaborado por Virgínia



Fonte: Acervo pessoal

Segundo Gobbi (2014), essa preocupação de vaguear pelas linhas é quase uma composição de ritmo de vida. A construção da arte da Calin Virgínia leva-nos a entender o seu desenho. O que sei acerca de sua família é contado por ela. Virgínia, depois de se casar com um Calon, sempre morou em barraca. Quando criança, porém, residiu em casa de alvenaria, era “brasileira”. Há um ano, construiu a sua. Vítor reside na barraca a que pertenceu sua mãe, que se situa em frente à sua avó paterna. Quando ele ganhou rodinhas de bilhas para colocar em seu portão, disse: “eu não vou colocar, pois o portão não é meu, o terreno não é meu, a única coisa que tenho é a barraca que pertencia à minha mãe”. No desenho de Virgínia, observamos todos os relatos de Vítor: o sentimento de uma mãe que deseja ver seu filho em um espaço mais confortável e, o principal, perto dela. Os ciganos gostam de ter seus filhos por perto, quando possível. Virgínia gostaria que seu filho morasse numa casa de cimento. Desenhou o local, inclusive, rodeado de árvores, fixadas no chão, tem raízes plantadas, assim como as flores que exalam cores.

Bruno Munari (1990) gosta de passear pelas linhas dos desenhos e enfatiza o quanto isso é importante para o nosso olhar. Em seus escritos sobre o *hobby* de pintar ou esculpir, Munari (1990, p. 16) salienta que, quando pessoas praticam qualquer arte, pintam para si próprias e para alguns amigos. Desse modo, sentem-se satisfeitas porque aquilo que fazem as

“alivia” das preocupações. Virgínia não ilustrou o costume dos ciganos em relação ao espaço físico, as barracas. Virgínia e Disson construíram sua casa de alvenaria, deixaram sua barraca para seu filho, Vítor, mas, no desenho, a construção de duas casas juntas causou um imenso sorriso de satisfação na Calin. Quando passeamos pelas linhas do desenho dela, enxergamos o seu interior, os seus desejos.

Ao refletirmos sobre as criações das crianças, somos convidados a considerar a riqueza das diferenças que as constituem. Devemos estar atentos, como nos alerta Gobbi (2014), pois a profusão de desenhos infantis ao nosso redor nos apresenta uma questão fundamental: corremos o risco de neutralizá-los e passar a enxergá-los com menos cautela e curiosidade.

Muitas vezes, as crianças nos mostram seus desenhos e não lhes damos a devida importância. No entanto, se observarmos com atenção, poderemos perceber a complexidade e os processos sofisticados presentes em suas criações. Os desenhos feitos por elas têm um valor significativo para o nosso texto, pois nos transportam para o imaginário do espaço e do cotidiano Calon em Quissamã. Ao reconhecer a importância dessas expressões artísticas infantis, ampliamos nossa compreensão da cultura e das vivências das crianças. Os desenhos nos proporcionam um vislumbre do mundo através de suas perspectivas únicas, revelando narrativas e simbolismos que enriquecem nossa compreensão da comunidade Calon. Portanto, é fundamental que nos abramos para valorizar e apreciar as criações das crianças, reconhecendo nelas uma forma valiosa de comunicação e expressão. Ao fazer isso, estabelecemos um diálogo genuíno com as crianças, promovendo um ambiente que valoriza sua individualidade, estimula sua criatividade e fortalece sua autoestima.

Que possamos continuar a explorar e valorizar os desenhos e outras formas de expressão das crianças, permitindo que elas nos conduzam a um universo imaginativo e enriquecedor, repleto de insights e aprendizados preciosos sobre a cultura e a vida no acampamento Calon em Quissamã, dentre outras comunidades.

Figura 76 - Sessão coletiva de desenho



Legenda: Brenda e Santiago, Vítor de boné

Fonte: Acervo pessoal

Brenda e Santiago observavam com admiração o vidro translúcido e colorido à sua frente. Se eu solicitasse aos Calon uma definição para aquele objeto, tal como fez Javier Naranjo (2019) com seus alunos, certamente obteria uma infinidade de descrições para o enorme vidro repleto de objetos pontiagudos que davam vida e cor à arte Calon. No entanto, o verdadeiro destaque em minha pesquisa foi o pote de vidro cercado por uma variedade de cores, que se tornou um grande aliado em minha metodologia para os desenhos. As meninas e os meninos Calon ficaram fascinados com o pote repleto de lápis de cor e de cera. Embora eu tenha levado

doces em sacolas para homenagear o dia das crianças, nada pode ser comparado ao fascínio que o pote de vidro exerceu sobre eles.

Considerando a relevância do desenho das crianças Calon, volto a abordar o pensamento de Munari (1982), que defende a comunicação visual como uma linguagem importante, semelhante ao aprendizado de uma língua, mas composta apenas por imagens que possuem o mesmo significado para todas as pessoas, independentemente da nacionalidade ou idioma falado. Segundo Munari, embora a linguagem visual seja mais limitada do que a linguagem falada, ela é mais impactante. Ele exemplifica isso ao mencionar que, em um bom filme, as imagens são suficientes para contar a história, dispensando a necessidade de palavras. A partir dessas afirmações, podemos inferir que o mesmo ocorre com a linguagem visual presente nos desenhos e fotografias das nossas crianças Calon, que revelam sinais de subjetividade.

Durante a pesquisa no acampamento Mathias, tanto as crianças quanto os adultos se dedicaram a desenhar e a expressar as relações cotidianas presentes no processo de construção de seus desenhos. Desse modo, homens, mulheres e crianças ocuparam determinados lugares e estabeleceram relações baseadas em tradições e desejos intrínsecos. Para compreender as mensagens visuais dos Calon de Quissamã, é fundamental estar envolvido com a comunidade, pois a limitação da linguagem visual se torna evidente quando não se tem conhecimento do contexto sociocultural em que vive esse povo tradicional.

Para apreender a verdadeira essência dos desenhos produzidos pelos Calon, é preciso compreender seus hábitos, crenças, costumes e as relações que estabelecem entre si e com o meio ambiente. Somente dessa forma, é possível decodificar as mensagens visuais presentes nos desenhos e fotografias, identificando os elementos simbólicos, as metáforas e os sentidos ocultos que muitas vezes passam despercebidos para aqueles que não possuem intimidade com a cultura Calon. Portanto, para compreender os desenhos produzidos pelos Calon de Quissamã, é essencial conhecer e respeitar suas tradições e costumes, buscando assim uma verdadeira imersão no mundo visual dessa comunidade.

2.9.5 Desenhos de Sol, nuvens e árvores

Figura 77 - Brincadeira para todas as idades



Legenda: Vítor Barreto, Miriam Sales Luz, 7 anos
Fonte: Acervo pessoal

A imagem acima mostra Vítor, filho de Virgínia e Disson, que no dia de nosso encontro de artista estava muito envergonhado, por se misturar às crianças. O Calon se interessa por música. A todo o momento em que estou no acampamento, conversamos sobre o sonho de ser famoso na arte. Observou o nosso movimento artístico com desenhos e, somente mais tarde, após ver Virgínia também envolvida na criação, o Calon se aproximou e se juntou às crianças. O Calon se afastou da criançada, escolheu a sala de sua mãe, como seu espaço artístico e trouxe

o sol, as nuvens e a árvore em suas folhas de papel A4. Convém ressaltar que o Calon ilustrou a natureza no seu desenho. Já ouvi que, durante nossas pesquisas, muitas vezes algo ocorre sem que esperemos, além de ver e ouvir para ter o grande desafio da escrita. Em princípio, fiquei perplexa ao perceber o Calon procurando papel, lápis grafite e de cores e, de repente, afastando-se.

Durante o acampamento Mathias, tanto as crianças quanto os adultos se dedicaram a desenhar e expressar as relações cotidianas presentes no processo de construção de seus desenhos. Desse modo, homens, mulheres e crianças ocuparam determinados lugares e estabeleceram relações baseadas em tradições e desejos intrínsecos. Para compreender as mensagens visuais dos Calon de Quissamã, é fundamental estar envolvido com a comunidade, pois a limitação da linguagem visual se torna evidente quando não se tem conhecimento do contexto sociocultural em que vive esse povo tradicional.

Para apreender a verdadeira essência dos desenhos produzidos pelos Calon, é preciso compreender seus hábitos, crenças, costumes e as relações que estabelecem entre si e com o meio ambiente. Somente dessa forma, é possível decodificar as mensagens visuais presentes nos desenhos e fotografias, identificando os elementos simbólicos, as metáforas e os sentidos ocultos que muitas vezes passam despercebidos para aqueles que não possuem intimidade com a cultura Calon. Portanto, para compreender os desenhos produzidos pelos Calon de Quissamã, é essencial conhecer e respeitar suas tradições e costumes, buscando assim uma verdadeira imersão no mundo visual dessa comunidade.

Já vimos que os desenhos não são imagens realistas. Ratificamos que Gobbi (2012, p. 140) ressalta que nem a fotografia, nem o desenho trazem verdades históricas: “Trata-se de uma verdade iconográfica apenas, rica por excelência, mas que não é cópia fidedigna”.

Manoel de Barros, poeta que nos acompanha, também não produziu cópia fiel de tudo o que via no Pantanal, pois seu olhar buscava o mais profundo de seu sentimento. O “sabedor de textos educativos” foi um homem que compreendeu a vida. Quando a compreendeu, chegou em seu melhor momento. Para ele, o seu melhor instante era não julgar que tudo tinha importância. Para que dar importância a tudo, se tudo é tão passageiro? Às vezes, damos tanta importância para coisas sem importância. Para o poeta, a beleza da vida estava numa formiguinha. Ele trazia beleza nas coisas menores. Não é só enxergar e tentar compreender o que está carregando, as formigas carregam, fazem o seu trabalho. Barros compreendeu a vida numa folha, num quintal, num caramujo: usou palavras de criança para descrever o que via. Não julgou, simplesmente compreendia a vida pelas coisas menores.

Segundo Bernardina Leal (2004, p. 23) as “representações da infância projetadas na literatura apresentam-se como possibilidades de inestimável valor para o fazer pedagógico”. A autora enfatiza que as representações da infância na literatura têm importância, uma vez que elas oferecem possibilidades para a formação das crianças. A literatura pode ser uma fonte de inspiração para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação infantil, além de contribuir para a formação de valores e para a compreensão da realidade.

Nos nossos desenhos, percebemos desejos da infância, passagens históricas de quem os cria, de quem os inventa; percebemos a vida e o pensamento da menina Calin Yara, do menino Calon Moisés, da Calin Virgínia e do Calon Vitor. Portanto, mãe e filho buscaram a infância neles mesmos, de modo que se aprendesse de novo a desenhar, como fizeram tão poucas vezes, pois não tiveram muito tempo infantes e não ficaram muito tempo na escola.

2.9.6 Desenhar junto é pensar junto

Figura 78 - Amostra de um desenho coletivo



Fonte: Acervo pessoal

Ao utilizar a metodologia com desenhos, optei por incluir o ato de perguntar como uma etapa importante do processo. Essa escolha se deve ao fato de que, ao perguntar para as crianças sobre o que elas desenharam, é possível compreender melhor o significado que elas atribuem às suas criações e, assim, interpretar os desenhos de forma mais precisa. Além disso, o ato de perguntar permite que as crianças expressem suas ideias e pensamentos, desenvolvam sua capacidade de comunicação e se sintam mais envolvidas no processo de criação e interpretação dos desenhos. Dessa forma, a metodologia com desenhos se torna mais inclusiva e colaborativa, uma vez que envolve as crianças em todas as etapas do processo.

O desenho acima retrata o acampamento dos Calon e é uma representação coletiva, ou seja, cada pessoa desenhou uma parte que se soma a um todo. Essa atividade foi realizada com o objetivo de caminhar pelo acampamento e observar o que compõe o espaço cotidiano dos Calon. O resultado é uma composição de diferentes elementos, como o muro verde com um portão branco de alumínio no início da rua, um carro e os girassóis que foram plantados na frente da casa de Virgínia Barreto. O ato de desenhar em conjunto tem uma importância significativa, pois é uma forma de pensar coletivamente e ter diferentes suportes e repertórios. Essa experiência pode ampliar e aprofundar a compreensão dos desenhos, complexificando a visão do espaço em que vivem. O desenho coletivo permite que diferentes olhares sejam incorporados, gerando uma representação mais rica e completa do ambiente. As folhas de A4 coladas umas às outras dão a dimensão da grandeza do espaço em que vivem os Calon. A produção coletiva é uma forma de pensar e expressar coletivamente, tornando possível uma visão mais ampla e complexa do mundo ao nosso redor.

De acordo com os pressupostos sobre a produção de desenhos por crianças menores, é necessário pensar uma construção em nossas vidas pelo fato de que os desenhos não se encontram somente nos papéis, como também espalhados pelas cidades por onde vivemos e passamos. Trata-se de uma construção. A partir desta premissa, será que estamos vendo os desenhos das paredes, muros, dos lugares em que frequentamos? Quando começarmos a fincar os olhos e a construir um olhar preocupado e ocupado com essa construção, conseguiremos olhar os desenhos nas portas, nas linhas, como um passeio que podemos fazer com os nossos olhos e com os olhares construídos em busca de linhas. Por exemplo, nas curvas de retas, nas linhas que formaram e que se apresentam nas casas construídas no desenho coletivo acima pelas meninas Calin. As linhas estão visíveis na ilustração para serem admiradas por nós, leitores, percorridas por nós, mas passamos tão rapidamente que não nos damos conta delas.

Desse modo, o desenho é um artefato cultural construído e produzido pelas crianças Calon do acampamento Mathias. As crianças criaram suas produções de desenhos que trazem traços e assuntos de seus *status quo*. De acordo com Corsaro (2009, p. 31), “as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio de apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças”. De forma criativa, seja pelo desenho, pelo enterro do lagartixa defunto, pelo soltar de uma pipa, pegar Cds no lixo, enfim, “as crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas próprias e singulares” (CORSARO, 2009, p. 32).

Os desenhos produzidos pelas crianças são uma rica fonte de informação e um recurso metodológico importante. Ao considerarmos o desenho como uma linguagem expressiva das crianças, podemos acessar informações valiosas sobre como elas veem o mundo. No entanto, é importante questionar as suposições que temos ao interpretar os desenhos infantis, já que muitas vezes as nossas concepções prévias podem limitar a nossa compreensão das expressões das crianças.

Além disso, é importante que estejamos conscientes de nossa presença no momento em que estamos desenhando com as crianças. É essencial dialogar com elas, fazendo perguntas e incentivando-as a expressar o que pensam. Mas mesmo assim, é preciso ter cuidado com as nossas expectativas e como elas podem afetar as respostas das crianças. Se esperamos respostas específicas ou influenciamos as crianças para que desenhem de determinada forma, estaremos comprometendo a finalidade da metodologia de pesquisar com desenhos. Portanto, é importante abordar a produção de desenhos infantis com cuidado e atenção para garantir que possamos acessar informações valiosas sobre a forma como as crianças veem o mundo.

Outra problemática é a observação do nosso corpo no momento em que estamos com as crianças no ato de desenhar. Desse modo, o certo é mantermos diálogos com elas, perguntando o que desenharam. Mesmo assim, ainda pairam dúvidas em relação às nossas expectativas, se fazemos ou não perguntas; quais respostas esperamos, se trazem justamente as respostas que queremos ouvir sobre os desenhos que fazem ou se trazem suas próprias subjetividades. Se criamos desenhos para nos satisfazer somente para a escrita, seria essa a finalidade da metodologia de ministrar nossas pesquisas com desenhos?

De outra parte, o desenho é um ato de criação, um recurso considerável para estar e aprender com elas diferentes temáticas, como também conhecer os seus pontos de vista diante da sociedade, produzidos por inquietações ao longo de décadas. Para tanto, devemos buscar questões concernentes às pesquisas que universalizam a infância. Baseando-se nessas premissas, faz-se necessário adotar um ponto de vista quando fazemos a nossa pesquisa, pois

as crianças se diferem em classe, gênero, comunidades tradicionais, além de outros aspectos. Sendo assim, os desenhos delas nunca serão idênticos. O desenho carrega força e peso em narrativas históricas. Desse modo, podemos pensar os desenhos como artefatos culturais, pois as crianças são construtoras de culturas infantis.

Observar que as linhas dos desenhos implicam um sério e importante exercício de aprender e desaprender a arte produzida de uma criança, principalmente os rabiscos feitos por crianças de pouca idade. Uma linha desenhada nos leva a persegui-la junto ao criador da ilustração, com tempo vagaroso, para que conheçamos o produtor do desenho, paulatinamente, e a apreensão de seu cotidiano. No desenho, uma criança aponta muito de suas subjetividades, basta olharmos com atenção a produção artística dela.

Vale assinalar que não somente as crianças desenhavam, os adultos também, mesmo não sendo desenhistas. Vale lembrar que os desenhos não são recortes fidedignos do real. Os de Vitor e de Virginia conversaram com os nossos estudos sobre infância Calon. Desenhos com as crianças Calon foi pensado como um recurso metodológico de desenhar o cotidiano da comunidade tradicional de Mathias. Os desenhos são elaborados para todos e não apenas como “coisas de crianças”, como estamos acostumados a pensar.

É necessário nos determos nos desenhos mais garatujados, pois têm suas devidas funções a partir das crianças e de seus pontos de vista, revelando aspectos de histórias contadas por elas. Por exemplo, tivemos os desenhos do menino Calon Moisés e da menina candomblecista Mikaela. Podemos inferir que suas artes passarão por um processo de transformação histórica, através do qual se poderá saber sobre a mudança da criança, seus outros assuntos, suas outras linhas para serem perseguidas adiante pelo pesquisador, provocando a ter outros olhares. Segundo Gobbi (2008, p. 203), “além de revelarem oportunidades para que os adultos conheçam mais detalhadamente a infância, [os desenhos] favorecem a construção de olhares mais detalhados [...] e ordenam a percepção do mundo”. Desenhos são fontes históricas, documentais: mostram as histórias de uma criança que se transformou em um adulto; são recortes de infância, embora não sejam tão fiéis nessas categorias.

Ao considerarmos os desenhos como fontes documentais, o armazenamento deles se torna extremamente importante. É preciso acrescentar uma coleção extensa estudada por Gobbi (2008, p. 202): “[...] *Desenhos de outrora, desenhos de agora: os desenhos de crianças pequenas do acervo de Mário de Andrade*, quando pesquisei os desenhos coletados por Mário de Andrade” (grifos da autora). Muitos cientistas sociais buscam por fontes que são coleções

de desenhos⁶⁰ como assuntos para suas pesquisas, como é o caso do grupo liderado por José Antônio Galhardo Cruz, na Espanha, que publicou os primeiros desenhos sobre a guerra na África do Sul no início do século XX. No Brasil, há a coleção Mário de Andrade: 1926 - 1945, que também é bastante conhecida. Gobbi (2008) estudou uma extensa coleção de desenhos de crianças pequenas do acervo de Mário de Andrade, observando as transformações na criação dos desenhos e as figuras humanas e assuntos envolvidos.

Essas coleções de desenhos permitem compreender a história da arte de desenhar e suas transformações ao longo do tempo. Elas nos permitem explorar a arte decorativa dos desenhos e entender como eles refletem o cotidiano brasileiro. A coleção de Mário de Andrade é especialmente interessante, pois foi elaborada por crianças da classe operária e ilustra bordados em mesas, mostrando a relação estabelecida entre as crianças e o processo de criação dos desenhos. Gobbi (2008) relatou que essa relação é crucial para entender o que aconteceu no momento em que a criança desenhou. Em suma, as coleções de desenhos são importantes fontes para entender a história e a cultura brasileiras, e nos permitem explorar o processo de criação dos desenhos e sua relação com a sociedade e cultura.

Os desenhos estão perto do mundo, temos que parar o tempo para melhor observá-los. Observar registros em paredes, nos chãos das ruas, dentre outros lugares. Quando estudamos a infância, poderemos tê-los como recurso metodológico, olhar para ele, como um processo. A partir disso, temos de estar atentos na condução dos desenhos. Dessa maneira, Gobbi (2008, p. 210) enfatiza que “a concepção, por si só, não seria suficiente para a recepção do interlocutor-contemplador da imagem. Fala e grafismo também caminham juntos; imagem e texto se completam”. Com base na ideia da autora, “conhecendo o desenho, conhecemos melhor a criança e a sua realidade” (GOBBI, 2008, p. 211).

2.9.7 Fotografar é repertório de desenhar

Por outro lado, não poderia trazer as artes Calon se não fossem as fotografias que fiz delas. Para Gobbi (2008, p. 204), “os desenhos, bem como a fotografia, inserem-se como elementos que colaboram com o campo de análise sobre a infância e, neste caso especial, como criação e expressão de cultura”. À primeira vista, desenho de criança é desenho de Calon: não é nenhuma bobeira de criança, é desenvolvimento pleno de linguagens. O brincar aconteceu em

⁶⁰ Os dados a seguir são uma síntese dos exemplos apresentados pela autora Márcia Gobbi durante a palestra na Universidade do Minho

vários momentos, até na arte de desenhar – cujos processos e resultados, aliás, foram registrados pela máquina fotográfica.

As câmeras fotografaram os desenhos dos interlocutores de minha pesquisa. Elas encontram-se presentes numa composição de poses não planejadas, instantâneas, como suas sombras, que desaparecem rapidamente. Vale dizer que fotografar é até outro repertório da forma de desenhar. Quando reveladas, e exibidas às crianças, ainda nos dizem mais. A partir disso, ambas são consideradas como fontes para as nossas crianças, registros a serem examinados num futuro: o desenho e a fotografia.

Em um momento de colaboração, as mãos da pesquisadora seguravam a câmera, enquanto as mãos das crianças se dedicavam à produção dos desenhos. A mão da escrita também estava em ação, digitando, posteriormente, as palavras que dariam forma ao relato. Era um trabalho incessante, mãos em constante movimento. No momento em que o clique da câmera ecoava e o diafragma se abria, todo o olhar se concentrava nos mínimos detalhes. Afinal, ao registrar uma metodologia de pesquisa baseada na criação de desenhos, qual deveria ser o foco principal da fotografia? O desenho em si, os interlocutores ou a fusão de ambos? Era uma questão complexa. Os desenhos eram a expressão das crianças, suas criações únicas e carregadas de significado. Por outro lado, os interlocutores desempenhavam um papel fundamental na construção deles, guiando, incentivando e interpretando. Ambos mereciam seu lugar na foto, capturando a essência dessa colaboração. Afinal, a imagem poderia transmitir a conexão entre as mãos que desenhavam, as mentes que interagem e as emoções que se entrelaçam nesse processo. Era um desafio capturar a magia que se desdobrava quando as mãos trabalhavam em conjunto, quando olhares atentos revelavam histórias nas linhas traçadas sobre o papel.

E assim, com sensibilidade e com cuidado, a câmera buscava registrar não apenas os desenhos, mas também os sorrisos, os gestos, a concentração e o brilho nos olhos das crianças. Era uma busca incessante pelos detalhes que revelavam a essência da metodologia de pesquisa, daquele momento, buscando capturar a riqueza e a intensidade das interações entre a pesquisadora e as crianças. Afinal, era nessa união de mãos e olhares que surgiam descobertas, aprendizados e conexões profundas.

Portanto, os desenhos são registros gráficos e visuais que invadem as paredes e impregnam um espaço aleatório, de qualquer indivíduo, de qualquer pesquisa. A partir disso, deixam marcas, personalizam o ambiente e deixam passagens históricas de cada um. Evidenciam sonhos, desejos, saudades, tradições, experiências partilhadas com o coletivo infantil, com os adultos Calon também. Quando desenhamos, traçamos planos, comentamos

sobre uma série de relações presentes no processo de construção deles. Desenhamos mulheres, homens que ocupam certos lugares, relações que se estabelecem, linhas que dão formas a janelas, a portas e a paredes. Em tudo, temos linhas nas artes Calon. O nosso olhar foi para rabiscos de Moisés, para linhas arquitetônicas de Virgínia, para as linhas que permeiam tendas e casas de alvenaria do acampamento Mathias de Quissamã. Nos diálogos que surgem na pesquisa, os assuntos materializados pararam nos desenhos. As coisas ficaram próximas aos desenhos desenhados, mas não fiéis. Portanto, para conseguirmos entender os rabiscos, as linhas, a arte em si, temos que estar presentes, perguntar o que está sendo produzido e pensar uma série de relações, que vão sendo construídas e que permeiam os desenhos das crianças Calon de Quissamã.

2.10 A carta da “Raiva” – O fazer de conta do “criante narrante”

2.10.1 Carros velozes, meninos furiosos

É importante destacar novamente que as cartas brincantes nos oferecem ideias valiosas para cada capítulo do brincar. A abordagem lúdica que elas propiciam nos aproxima dos escritos das crianças, como demonstrado por Patrícia Gebrin (2021). Ao escolher a carta "raiva" para "jogar brincante" sobre o diálogo entre Moisés e Brian, filho de Branquinha e Larissa, respectivamente, foi possível identificar momentos em que os meninos Calon expressaram esse sentimento, desde xingamentos até brigas por causa de uma disputa sobre quem tinha o melhor carro na garagem. Trata-se de um sentimento ruim, mas o significado no texto é de forma lúdica. É importante ressaltar que essas manifestações de raiva também são observadas entre crianças não ciganas e fazem parte da imaginação no brincar.

A interação entre as crianças se caracterizava por uma raiva ingênua, manifestada por meio do tom de voz e dos gestos, desprovida de níveis intensos de agressividade. Essa raiva tinha origem nas intenções lúdicas das crianças, que a expressavam de maneira infantil e inocente. É uma forma de raiva diferente daquela que os adultos estão acostumados, ilustrada de forma brincante por Gebrin (2021, p. 35): "Os adultos esqueceram como imaginar. Eles



acreditam numa coisa chamada realidade que lhes diz que estão sempre presos a alguma coisa ou a algum lugar. Eles já não sabem como voar. É triste...".

Assim, ao escolher a carta "raiva", foi possível entender a maneira como as crianças expressavam seus sentimentos no brincar, e como essa expressão era distinta daquela dos adultos. A abordagem lúdica das cartas brincantes nos permite compreender melhor a imaginação das crianças e a importância do brincar em suas vidas.

Figura 79 - Brian com a pipa, 7 anos



Fonte: Acervo pessoal

Ao escolher a história contada por Brian e Moisés como ponto de partida, é importante ressaltar que se trata de uma narrativa real, embora contada de forma brincante e oral por duas crianças Calon durante um momento de faz de conta. O tema central que surgiu durante a observação desses diálogos foi a negociação e disputa de marcas de carros dentro do contexto

em que essas crianças vivem. É notável que, para os Calon de Quissamã, ter um carro é sinônimo de ostentação, especialmente quando se trata de marcas famosas e caras.

Ao ler os diálogos dessas crianças, nós, gadjons e gadjins (como somos chamados pelos ciganos), percebemos a importância desse produto como uma mercadoria para a barganha e a comercialização entre eles. Através das histórias de Brian e Moisés, aprendemos e somos informados sobre a cultura Calon e a forma como eles valorizam e negociam seus bens materiais. É uma lição valiosa que nos permite entender melhor essa comunidade e suas práticas.

Brincar de faz de conta, sem saber que é de faz de conta, é como fazem estes meninos do acampamento Mathias de Quissamã. As crianças adoram brincar desse modo, pois é um artifício para começar a interagir à sua volta e favorecer o amadurecimento social, emocional, físico e intelectual. Desse jeito de brincar, quando representam papéis, criam interações e enredos, seguem suas *imaginações*. Quando entro no mundo das brincadeiras das crianças Calon, saboreio o meu, junto ao deles. No momento da escrita, divirto-me, rio, trago para mim um sentimento de trabalho de campo realizado, com momentos bem divertidos, que me fazem escrever sobre o Brincar. Brian e Moisés não brincam de fazer de conta que são príncipes, soldados ou reis, brincam de fazer de conta coisas de tradição Calon, como comprar carros e como se “vestir de baile” (fala de Brian).

Estávamos “posados”, assim eles falam quando se deslocam, quando as crianças se aglomeram e disputam para entrar no *trailer*. Eram gritarias e confusões. Horas depois que o sol abrandou, Brian apareceu com sua pipa na mão e me disse, do nada, sem eu mesma perguntar: “Botei roupa de praia de cigano. Vou pra praia”, na imagem acima, comprova a fala do menino Calon. Quando questionei a Brian se todos os Calon usam esse tipo de roupa de banho, respondeu-me afirmativamente. Mas Moisés desmentiu: “mentira tia, é só ele!”. Moisés sempre me fala a verdade, mas por que será que desmentiu Brian assim, desse modo?

No começo deste relato, decidi focar somente em Moisés e Brian, escolhendo-os como protagonistas da história. Como narradora, não pretendo interpretar ou explicar o que eles dizem, mas simplesmente acompanhá-los em sua brincadeira de imaginação e dar coerência à narrativa que criaram. Acredito que a magia do faz de conta deve ser preservada, deixando as vozes dos meninos serem as únicas a conduzir a história. Quero observar como eles se expressam e como constroem seu próprio mundo imaginário, sem influenciá-los ou direcioná-los. Dessa forma, espero poder capturar a essência da criatividade infantil e registrar uma história autêntica e cativante.

De repente Brian olha para a camisa de Moisés e diz: “o teu é de capitão América”. Moisés: “não!!!!”. “Então, se não é de Capitão América, é de baile” – enfatiza Brian. Moisés responde apontando o dedo indicador, fazendo um sinal de negação: “não é agora, é depois, depois, depois...”. O amigo de Brian, nesta conversação quase sem fim, comenta que só colocará roupa de baile mais tarde, à noite, quando acompanhar seu pai nas negociações. Já falamos sobre a roupa de baile dos meninos. São as mesmas com que passam as tardes de sábado e domingo, quando aprendem a negociar com os mais velhos, na esquina e no bar do acampamento Mathias, pertencente a um não cigano. Geralmente, usam as seguintes vestimentas: blusa xadrez, calça comprida apertadinha, fivela grande e um par de botas bem coloridas, com um bico acentuado, tipo de caubói. Não satisfeito com a roupa de baile de Moisés, o menino de fala rouca, fica ainda mais elegante quando imagina a vestimenta que colocará à noite. Vira-se para Moisés num tom superior: “o teu vai ser de baile, e o meu vai ser de Gustavo Lima”. Pronto: ao falar no cantor, Moisés concordou que se vestir como o cantor sertanejo Gustavo Lima não tem mais competição. Brian tem razão, melhor mesmo é mudar de assunto.

Moisés agora assume o controle com o tema mais usual do acampamento Mathias: “Qual o carro que é seu, um fusca?”. Brian não fica para trás, pensa no carro mais caro, mais querido e não conquistado em Mathias, o Camaro. Moisés tenta não desmoronar e perder o fio da meada na conversação de motores possantes: “eu vou comprar uma Hilux, vou comprar um Saveiro”. Vale lembrar que o pai de Moisés tem uma camionete Hilux que quase sempre aparece em minhas fotografias. Brian tem olho de cão enfurecido: “não, Saveiro é minha, meu pai compra um monte”. Sabemos que o preço atual do combustível impede que tiremos algum carro da garagem, mas o pai de Brian compra um monte de carro da marca Saveiro, considerada inferior ao preço de uma Hilux, no mundo do adulto.

Moisés e Brian, dois meninos Calon em igualdade de criação e de sentimentos nervosos, continuam a competição motorizada. O diálogo continua. Moisés grita com Brian: “Vou comprar três Hilux e pisar, eu piso com freio de mão rodando”. Moisés imita como ele fará com as três Hilux. Pena que a escrita da transcrição não tem como ver os trejeitos de Moisés dirigindo a Hilux, mas a imagem abaixo nos provoca a imaginar. Os meninos saem em disputa de corrida de Saveiro e de Hilux na estrada de barro bem vermelha e quente, como um caminho de fogo. De repente, Brian freia sua Saveiro, “brooommmm”: “não...não... deixe eu conversar (segurando Moisés) eu vou comprar um Camaro, uma Land Ran, uma Camionete, eu compro um Polo”.

Depois desses carros todos de Brian, melhor mesmo é ouvir o que Moisés tem a nos dizer: “vou puxar freio de mão, vou rodando, vou rodando, até acabar a gasolina”. Então, os dois correm enlouquecidos no barro vermelho da pequena rua que divide as barracas, onde eu pousava, fazendo barulho de motor de carro.

Figura 80 - Meninos Calon brincando de carro



Legenda: Moisés Soares, 7 anos, e Brian Soares, 4 anos

Fonte: Acervo pessoal

Quando penso que o assunto se esgotou, Brian estaciona seu carro. Moisés puxa o freio de mão, sem respiração e voltam a dialogar. Não satisfeito, e querendo comprovar a veracidade do que diz, Brian toma uma decisão: “Aí, eu vou lá buscar outro carro que está na minha barraca, eu tenho muito Dodge Ram”. Os dois começam a se enraivecer, já estavam se atacando. Cala boca, filho da & #%!!”, grita Brian. “Você que é filho da & #%!!” – argumenta Moisés. Estava já perdida com tantas marcas de carro desconhecidas por mim, mas continuava deixando as crianças criarem narrativas, serem criantes-narradores.

Quando as coisas começam a esquentar, tem sempre um menino Calon maior por perto, neste caso, Josivaldo. Ele, em *chibi*, pede às crianças para não falarem palavrões feios e outras coisas mais, que não entendi. As crianças menores sempre respeitam os maiores. Brian saiu de

perto de Moisés, que inventou outra brincadeira. Com rosto em brasa, ressaltado pelo ouro dos cabelos, Moisés solta a voz: “po #@%, a brincadeira é de imitar carro, ca & #%! @! Vamos continuar com ela”.

Figura 81 - Meninos Calos brincando de carro



Legenda: Moisés Soares, 7 anos, e Brian Soares, 5 anos

Fonte: Acervo pessoal

A foto acima nos indica que a brincadeira dos carros velozes e dos meninos furiosos de repente mudou: as crianças viraram meninos dançantes. Nóia (antiga Luzia) se aproxima com sua neta e com seu cachorro ao lado, pois, mesmo acampada em sua barraca ao longe, nos observava e ficou preocupada. Já comentei que a comunidade cuida das crianças. Ela se mostra curiosa com o que está acontecendo: prefere ver de perto se era mesmo uma brincadeira.

Neste momento, busco a fala de Barros (2019, p. 16): “Nisso que o menino contava a estória da rã na frase entrou uma Dona de nome Lógica da Razão. A Dona usava bengala e salto alto”. A dona dos meus escritos era Nóia. Os meninos agora brincam de dançar, mas param ao ver um adulto se aproximando. Aquilo que já mencionamos no início dos escritos do Brincar: muitas vezes, as brincadeiras das crianças são interrompidas nos melhores momentos por um adulto. Conforme mencionado anteriormente, no acampamento Calon de Quissamã existe um forte senso de coletividade e solidariedade, onde cada membro protege o outro. Eu, que não sou

Calon (conhecida como *gadjin*), presenciei uma cena que ilustra essa união. Os meninos estavam se movimentando rapidamente e fazendo gestos que pareciam indicar uma briga, mas na verdade estavam dançando e brincando juntos. Em um momento, eram meninos velozes e furiosos, e no outro, se transformaram em dançantes alegres. Essa experiência mostra que, apesar das aparências, a harmonia e a união prevalecem entre os membros da comunidade.

Figura 82 - Brian Soares, 5 anos



Fonte: Acervo pessoal

A disputa de carros velozes dos dois meninos Calon deixa-os cansados. A dança também acaba porque foi interrompida. Brian, pelos gestos captados pela câmera, começou o que chamamos de malabarismo: jogou as bolas de imaginação de uma das mãos para a outra, mostrando a habilidade e o aprendizado de um malabarista que assistiu no circo, num sábado anterior à minha chegada.

A estreia aconteceu no centro de Quissamã, com palhaços e malabaristas. Assim que estava sentada, observando as crianças, vi passar um carro chamando a população para o circo. “Tia, vamos? Compre ingresso pra gente?”. “Compre não dona, eles têm dinheiro!” – falou o propagandista do circo. Aliás, soube depois que era um dos palhaços. O rapaz insistiu: “Oh dona, não compra nada não, porque os pais deles têm muito dinheiro, foram ontem na estreia,

e gastaram muita coisa lá”. Então, Moisés, Josivaldo e Jardel, que chegavam e ouviram o comentário dirigido a mim, fizeram-me outra proposta: “Tia, só levar, a gente paga a nossa entrada”. De carros velozes, de danças, a conversa ficou mesmo presa ao malabarismo, ao circo e à negociação do retorno a ele, o que não existiu, pois se tratava de muita responsabilidade. Ademais, tenho certeza de que não teria autorização de seus responsáveis para levá-los.

Quando estive no centro de Quissamã para comprar alguns mantimentos no mercado, observei um trailer Turiscar⁶¹, onde o circo estava acampado. Depois, entendi a curiosidade do palhaço, ou melhor do divulgador, quando me pediu, no dia anterior, para visitar a minha casa ambulante por dentro.

Em suma, as brincadeiras de Brian, que envolviam imitar os artistas de circo, demonstravam sua habilidade e destreza ao manipular bolas de malabarismo. Ele estava entusiasmado com a estreia do circo e dominava as técnicas para manter as bolas no ar, com um pé suspenso e o outro tocando o solo. Era um verdadeiro espetáculo de habilidade e equilíbrio. No entanto, a diversão de Brian foi interrompida quando Moisés acelerou sua Hilux e passou perto dele, encerrando a brincadeira. Brian, distraído, não percebeu imediatamente o fim do seu momento circense. Ele então pede a Moisés para retornar ao seu lugar, ansioso para mostrar seu novo carro, uma Hilux, enfatizando que era melhor do que o de Moisés.

Essa situação revela a dinâmica das brincadeiras infantis, onde os momentos de diversão podem ser abruptamente interrompidos. Brian, imerso em sua própria empolgação, não percebeu imediatamente a mudança no ambiente. No entanto, seu desejo de compartilhar seu novo objeto de brincadeira, a Hilux, mostra o quanto as crianças estão atentas aos seus pertences e têm um senso de competição e comparação com seus pares. É importante lembrar que as brincadeiras são momentos de exploração, imaginação e interação social para as crianças. Elas criam seus próprios cenários e narrativas, e a intervenção externa, como a presença de um carro mais "impressionante", pode desviar a atenção e alterar o curso das brincadeiras.

No entanto, a capacidade das crianças de se adaptar e encontrar novas formas de diversão é notável. Brian, mesmo com a interrupção da brincadeira de circo, rapidamente redireciona seu foco para mostrar seu novo carro. Isso ressalta a criatividade e a capacidade das crianças de transformar qualquer situação em uma oportunidade de se divertir e explorar novas possibilidades. É importante ressaltar que o episódio envolvendo Brian, as brincadeiras de circo e a introdução da Hilux de Moisés destaca a efemeridade e a adaptabilidade das brincadeiras

⁶¹ Uma marca de trailer dos anos 70.

infantis. É um lembrete de que as crianças têm sua própria maneira de perceber o mundo e encontrar alegria nas mais diversas circunstâncias.

Figura 83 - Moisés Soares, 7 anos, e Brian Soares, 5 anos



Fonte: Acervo pessoal

Conheciam bem os carros, deu para perceber, pois Brian solicitou a Moisés que voltasse para o seu lugar, para sua cabana: “Esquece essa coisa de circo, Hilux vale mais que circo”, decide Brian, que corre para Moisés, que acelera sua Hilux correndo mais que ele. Depois, a calma. Então, resolveram sentar na Hilux que, na verdade, era uma velha Frontier (minha), mas que, para eles, era a mesma camionete do pai de Moisés, uma Hilux. Brian pretende mostrar o seu carro novo. “Vou brincar agora de Corolla, outro carro”, enrubesce Brian. Acalmaram-se. Melhor mesmo é sentar na camionete velha da pesquisadora e deixar as imaginações pousadas.

2.10.2 Atores e autores, o “criante narrante”

Neste momento, inicio nossa conversa falando sobre carta brincante a qual introduz este capítulo. Trata-se da imagem colorida que representa Brian, quando aparece bastante nervoso porque sua pipa enrolou na rabiola. A carta do Brincar que o acompanha faz uma analogia com essa imagem e destaca a emoção sentida por Brian: raiva.

Nesse contexto, podemos observar que Brian costuma perder a paciência com aqueles ao seu redor e frequentemente acaba brigando. Essa é uma característica que sua mãe, Larissa, não consegue lidar muito bem, o que é normal entre os adultos que, muitas vezes, acabam apelando para o castigo como forma de controle.

Figura 84 - Brian brigando brincando



Fonte: Acervo pessoal

Para entender esse momento de estresse pelo qual as crianças passam, conversaremos com o autor que pode vivenciar, pela sua escrita, o retorno à vida de criança, Korczak (1981, p. 77):

Vocês pensam, quem sabe, que nós também batemos um no outro. Mas nossas mãos são pequenas e nossa força é pouca. E mesmo tendo a maior raiva nunca

batemos de modo tão sanguinolento. Vocês não sabem como são as nossas brigas. Sempre testamos antecipadamente quem é o mais forte, e dosamos a força de acordo com a idade e a capacidade de resistência. Eu avalio o adversário, ele me avalia. E quando um consegue imobilizar o outro, de tal modo que ele não pode mais se mexer, tudo para logo. Só quando alguém nos perturba muito é que podemos às vezes bater com muita força. Ou, na confusão de uma briga, dar uma pancada no nariz, e o nariz sempre sangra muito.

O que se pretende com essa rápida contextualização de Korczak (1981) é trazer as emoções que permeiam a vida infantil durante suas brincadeiras, e também mostrar que alguns adultos não sabem aferir sua força na hora de punir um corpo infantil. Neste sentido, vale ressaltar que, durante a pesquisa, nunca assisti a brutalidades de adultos com crianças, pelo contrário, eles tratam-nas com muita importância e com muito carinho. Entretanto, brigas entre eles existem, quem as resolve é um menino mais adulto. Quando ele não consegue dar conta do problema, cabe ao pai da criança dar a última palavra.

Na imagem acima, podemos ver Brian freando seu carro novamente com um barulho de "brooommmm", já que Moisés estava se aproximando. Ao longo deste capítulo, escolhi usar principalmente fotos em preto e branco. A decisão foi tomada para permitir que os contadores de histórias de faz de conta, Brian e Moisés, conduzissem a narrativa de suas vidas cotidianas transformadas em brincadeiras. Assim, os dois se tornam criadores e narradores de suas próprias histórias.

Já dissemos que com o intuito de permitir que as crianças sejam os criadores e narradores de suas próprias histórias, as imagens selecionadas para este capítulo foram em preto e branco, diferentemente das outras fotos coloridas que acompanham a tese. Essa escolha foi feita para que Brian e Moisés, os protagonistas da narrativa de faz de conta, possam conduzir a história deles de maneira livre. Além disso, no início do capítulo, não foram apresentados os teóricos que guiam a escrita, a fim de destacar ainda mais as vozes das crianças como as principais protagonistas. Ao ler as falas das crianças Calon, que negociavam marcas de veículos enquanto brincavam, nos divertimos e nos envolvemos com as suas histórias. A escolha das cores preto e branco nas fotografias, juntamente com a inserção das vozes das crianças no início do texto, ajuda a consolidar o conceito de “Criante-Narrante”.

Brian e Moisés criam e narram histórias de faz de conta de quem tem o melhor carro, de quem usa roupas de baile, ou roupa de Gustavo Lima, o cantor sertanejo do momento. Em relação à minha participação na conversa com as crianças, gostaria de enfatizar que me mantive apenas como uma observadora presente durante a gravação. Isso me permitiu escrever de maneira mais clara e compreensível para o leitor, de forma a transmitir o enredo com maior

fluidez. Para tanto, as vozes dos meus interlocutores de pesquisa foram mais ativas, enquanto eu conduzia o texto para melhor apresentar os acontecimentos, sem a interferência de teóricos. Durante a conversa, as crianças discutiam de forma acirrada sobre marcas de carros, com o objetivo de obter maiores lucros, enquanto brincavam com suas histórias imaginárias.

Por causa da riqueza do que dizem as crianças, não temi em abrir os portões da oralidade nos primeiros momentos do texto: tive a intenção de saborear os diálogos de nossos protagonistas. Deste modo, transformei o discurso oral em transcrições do que ouvi, do que degustei, do que dei gargalhadas na hora em que gravava, silenciosamente, da narração dos criantes Brian e Moisés.

No que tange à oralidade, degusto outra voz: “Um espectro está assombrando os muros da academia: o espectro da história oral”, argumenta Portelli (1997, p. 26) ao se referir à comunidade intelectual italiana. Segundo Portelli, o primeiro aspecto da desatenção da oralidade é sobre a sua origem. As fontes orais transcritas nos dão informações sobre os grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida. O autor comenta em relação à história de um povo contada pela transcrição da oralidade e a importância de quem a transmite. Segundo ele, a história oral é interessante. Sabemos que a escrita não é fidedigna à fala, pois existem conjuntos de traços que marcam cada uma: “a fim de tornar a transcrição legível, é usualmente necessário inserir sinais de pontuação, sempre, mais ou menos, adição arbitrária do transcritor” (PORTELLI, 1997, p. 40).

Desde o início dos escritos do Brincar, comento sobre as palavras feias ditas por Moisés. Brian não fica atrás. Inseri, então, os sinais de pontuação das histórias de gibis. Convidei esse recurso para o meu texto e transformei a oralidade em escrita simbólica. “Moisés solta a voz: p#@@%, ca & #%! @ !”. Em outro momento usei a onomatopeia, “brooommmm”, para trazer a voz de Brian. Imaginem se esses espectros também assombrassem outros muros, outros leitores?

Sabemos que a modalidade oral tem mais flexibilidade, pois dizemos, hesitamos, reduzimos, voltamos atrás, damos voltas, corrigimos interpretações. Transcrevendo a oralidade, estamos nos colocando lado a lado com os nossos interlocutores, os sujeitos do texto e nós, autores. Sob o aspecto de quem transcreve a oralidade, que é ainda mais importante em relação à dimensão do texto no que tange à fidelidade para a escrita, emerge o respeito aos interlocutores e aos leitores. Trata-se de um sujeito pronto para escolher fragmentos do cotidiano, que os edita e que os arranja com certos recursos. Vale ressaltar que o autor do texto narra de um certo lugar, movido por certos desejos e motivado para que se produza certo sentido. Ademais, mesmo

sabendo da falta de sustentação que a oralidade traz para o texto, ela deve ser feita de forma condizente à responsabilidade de quem faz a escrita.

Desse modo, as escritas transcritas do áudio de Moisés e Brian na linguagem informal colocam o vivido, que, na minha concepção, tem importância, pois, além de ter sido um momento lúdico que passei ao lado dos dois, trouxe as falas dos meninos Calon imantadas de seus cotidianos, de suas origens. Ademais, a escrita coloca em ênfase o vivido, o que poderia estar perdido, talvez, disperso, sem importância para alguns. A escrita fez a história de Brian e Moisés poder ser lida e revivida da forma como ocorreu.

“Roupa de baile e de Gustavo Lima”, palavras das crianças quando se referem aos trajes dos Calon. Converso com Ferrari (2010, p. 148) acerca da vestimenta dos homens: “cinto de couro com fivela grande trabalhada com figuras de cavalos ou touros, e inscrições como 'Cia de rodeio', 'Bodacious' (touro famoso por fúria)”. Acresce a isto o celular pendurado na cintura, assim como em Quissamã. Há também “um canivete envolto por um envelope de couro, e ainda uma corrente enganchada no passador [que] prende as chaves. Botas de couro de todo tipo, algumas de bico fino e salto, coloridas e com adornos de couro ou metal” (FERRARI, 2010, p. 149). De fato, trata-se de um estilo *country*. Não devemos esquecer do adorno que completa o visual: o chapéu, de palha ou feltro. E não fica só nisso, assim como as mulheres, os homens gostam muito de se enfeitar: “cabelo comprido e amarrado com elástico, dentes e acessórios de ouro [...]. Há uma profusão de correntes grossas, pingentes em forma de ferraduras, anéis, pulseiras e relógios, de ouro ou dourados” (FERRARI, 2010, p. 150). Os mesmos acessórios relatados pela pesquisadora compõem o traje Calon quissamaense.

2.10.3 Memória e imaginação criativa – o criante narrante

A imaginação sempre acompanha o texto do Brincar. Vygotsky fez muitos estudos importantes acerca da imaginação, dividindo-a entre reprodutiva, ligada à memória, e criativa. A imaginação criativa está centrada no mundo exterior, um tipo de realização humana comum a todos. Esse tipo de imaginação, por exemplo, é encontrado nos poetas e nas atividades dos cientistas, dentre outros. Na infância, os dois tipos de imaginação se alternam, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento intelectual é evoluído. Vygotsky destaca a importância das primeiras experiências do sujeito com o “outro” na formação das conexões entre imaginação e realidade. Esse segundo domínio se refere às características, tipos e qualidades dessas conexões criadas. Com efeito, as imaginações criativas e reprodutivas estão inseridas no contexto da criança-

brincante, do brincar, além de centrada no mundo exterior em relação à memória e à imaginação.

Destes contextos de imaginação, a criativa se fixa à memória das crianças Calon que atravessou todo este texto, criando histórias com veículos automotivos. Tal façanha nos leva a crer que este tipo de imaginação está ligada a uma imagem produzida através de sua comunidade, o que também não deixa de ser uma reprodução de seus cotidianos. Tal fato levou-os a uma competição automobilística mental de fazer de conta: “Qual o carro que é seu, um fusca?”. O “Camaro”!

Já sabemos, desde o início de meus escritos, que o carro é um veículo de barganha e, de certa forma, de alguma ostentação. Tal fato pode ser observado na memória reprodutiva e na imaginação criativa dos meninos Calon. Por esse embate imaginativo entre as crianças, observamos ser a imaginação delas permeada de dois mundos: real e interior, que sempre se apontam pelas fantasias. Desse modo, “temos aqui mapas de vida, falas infantis, absolutamente reveladoras”, como argumenta Friedman (2013, p. 47).

A brincadeira dos meninos Calon envolve o faz de conta com narrativas que contêm habilidades ora com o circo, ora com a roupa de baile, ora com a disputa do melhor automóvel. Trata-se das crianças revelando as suas histórias interiores. Os discursos dos meninos “são o berço do sentido profundo que as crianças expressam nas suas brincadeiras: são suas histórias, reais ou imaginadas; sonhadas ou vividas”, discorre Friedman (2013, p. 47). Segundo esta autora, mesmo sabendo da unicidade de cada narrativa lúdica, elas envolvem seus rituais de como, onde ou com quem se brinca. Ressaltamos o fato de que, nesse processo, são revelados seus cotidianos de barganhas com automóveis, que envolvem geralmente processos velados. Só participei dessas barganhas naquele momento, porque tinha a devida autorização dos adultos para pesquisar as crianças.

Friedman (2013, p. 48) nos convida a pensar sobre a brincadeira que envolve os “segredos raramente revelados, regras, gestos, olhares; um tipo de concentração profunda que esquece tudo o que ocorre em sua volta”. Além disso, após a brincadeira, existem as “ações e reações” dos envolvidos. Em seguida a autora, fazendo uso dos conceitos de Piaget, enfatiza que os papéis que cada brincante assume é algo importante, pois as crianças colocam em prática seus gostos e habilidades durante a brincadeira de fazer de conta. Desse modo, as narrativas dos meninos Calon contêm temperamentos normais de raiva.

Nessas conversas, dentre outras das crianças Calon, surge o “criante-narrante” quando assistimos à habilidade de criação envolvendo uma narrativa circense e ao gosto do espetáculo conduzido pelos palhaços do circo. Fomos cúmplices também da preocupação com a

vestimenta, “o teu vai ser de baile, e o meu vai ser de Gustavo Lima”, e, finalmente, da competição motorizada: “Aí, eu vou lá buscar outro carro que está na minha barraca, eu tenho muito Dodge Ram”. Dentro destes contextos reveladores automobilísticos, não havia segredos, mas gestos e olhares que ficavam latentes nas narrativas.

Friedman (2013) comenta sobre guardar certos segredos, que é o que mais fazem os ciganos. Muitas vezes, na rede familiar que me acolhe, observo olhares imantados de censura para quem fala o que não se deve contar a um “brasileiro”. Ferrari (2010, p. 7) reverbera o que afirmo: “Diante de um *gadje* desconhecido, os Calon se divertem inventando um nome, enganando na leitura de sorte, ganhando vantagens dos negócios”. A escritora vai além: “O primeiro desafio de um pesquisador-*gadje* em campo será ultrapassar a barreira que o rótulo de “*gadje*-desconhecido lhe impõe” (FERRARI, 2010, p. 8). Ensinam que todos da comunidade devem guardar segredos de nós, não ciganos. As crianças também recebem instruções, então, guardar segredos, não revelar o que pode lhes causar danos é tarefa de todos da comunidade Calon de Quissamã.

Pelo viés dos processos criativos da imaginação infantil, caminho com Vygotsky (2014) mais uma vez quando menciona que eles se acentuam na infância precoce. A psicologia e a pedagogia infantil estão centradas “na capacidade de criação nas crianças, do estímulo dessa capacidade e a sua importância para o desenvolvimento geral e a maturação da criança” (VYGOTSKY, 2014, p. 6).

Seguindo os processos criativos, de acordo com as explicações dadas pelo autor, o menino Calon Brian se veste com roupa de baile, como a do cantor Gustavo Lima, e não com blusa de Capitão América, como a de Moisés. Este imagina comprar três Hilux para puxar o freio de mão e rodar como os mais jovens adultos, o que nos deixa a pensar que as crianças assistem a tal fato, escutam ou aprendem pelas mídias sociais, também. Brian imagina comprar um Camaro, Land Rover, Camionetes e Polo. A seguir, imaginam buscar seus carros possantes nas barracas, mas ficam com raiva, pois uma imaginação está superando a outra. Mais uma vez, a interferência de um adulto que não sabe o que está acontecendo e julga ser uma grande confusão dos meninos: a Calin Nóia (Luzia, no início), quando aparece com sua neta no colo e seu cachorro ao lado, dando fim ao diálogo recheado de imaginações.

Vygotski (2014, p. 8) afirma que “os jogos da criança não são uma simples recordação de experiências vividas, mas uma reelaboração criativa dessas experiências, combinando-as e construindo novas realidades segundo seus interesses e necessidades”. Desse modo, existe o desejo da criança fantasiar o que ela escuta, observar e conviver em meio aos adultos de sua comunidade, e da disputa de quem é o melhor e de quem possui mais bens. Disso tudo decorre

que a atividade criativa das crianças surge, paulatinamente, a partir de situações vividas em cada faixa etária de seu desenvolvimento, “em cada período da infância há uma forma própria de criatividade” – argumenta Vygotsky (2014, p. 8). Vale ressaltar que a imaginação se forma com elementos da realidade. Segundo o estudioso, a única imaginação que não está ligada a fatos do cotidiano corresponde ao processo imaginativo de origem sobrenatural, mas que também está ligada a experiências passadas.

Moisés e Brian estão quase na mesma idade, suas imaginações são confidências, desejos intrínsecos, pensamentos do que pretendem ser: negociadores que fazem barganhas com carros. Para isso, a vestimenta tem que estar apropriada: a de baile. Tudo isso está nos “criantes-brincantes” Moisés e Brian. Segundo Vygotsky (2014, p. 11), podemos seguir a narrativa acima dos meninos Calon como importante, pois ilustra o cotidiano de criança Calon naquela idade: “a combinação dos elementos é fantasiosa nessa narração, mas os elementos são tomados da realidade”. Desse modo, o real é sempre a base da fantasia: basta ter variedades de imaginações e serem criativas.

Não posso deixar passar outra retrospectiva infantil e pessoal. Retomo Vygotsky (2014) quando menciona sobre o processo imaginativo de origem sobrenatural. À noite, antes de dormir, sempre era hora de se remontar ao fantástico, ao sobrenatural, com minha avó materna. A história ocorreu em Portugal, Beira Alta, Trás dos Montes, local em que me lembro de escrever, pois, em todos os momentos, o saudosismo de sua terra amargava a minha mãe-avó. Ela contou que seu pai, quando retornava de seus namoros, passava por um rio largo e profundo. “Era meia noite quando as bruxas atacaram-no mexendo em seu chapéu, que rodopiava pelo chão” e, toda vez que meu biso tentava pegá-lo, elas faziam-no rodopiar ainda mais e davam muitas gargalhadas altas e assombrosas. Minha avó fazia a gargalhada: “kakakakakakaka!!!”. Isso nos aterrorizava ainda mais. Toda vez que íamos dormir e queríamos ficar assombrados, pedíamos a ela para contar a mesma narrativa. Durante o dia, perguntávamos se as bruxas existiam mesmo, ela afirmava que a história era verdadeira, pois, em Portugal, aconteciam essas coisas. O que minha avó contava extrapola os parâmetros da realidade. Primeiro, que as bruxas não são assim tão más; segundo, que não tínhamos como comprovar tal narrativa assustadora. Recorro, neste momento, a Todorov (2012, p. 30) que enfatiza sempre sermos “transportados ao âmago do fantástico”. No nosso mundo, sabemos que não existem seres imaginários tais como o diabo, vampiros, sílfides, mas somos levados a estas ilusões de sentidos ou produtos da imaginação. Extrapola o autor: “Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o

encontramos” (TODOROV, 2012, p. 31). Mais uma vez a “imaginação” que é percorrida em todo o âmbito do Brincar também fez parte de minha retrospectiva fantástica infantil.

2.10.4 A boneca dentuça fumante

Todas as crianças sabem brincar, mas alguns adultos já se esqueceram desta habilidade. Nos adultos, o brincar fica apenas na memória de quem, talvez, já até foi um “criante-brincante” e não se recorda. Muitos até foram grandes “brincontadores” de histórias de faz de conta (FRIEDMAN, 2013). O Brincar de faz de conta estimula o desenvolvimento infantil e muitos fenômenos estão envolvidos neste ato, além do fato de que a aquisição da linguagem e da aprendizagem se constituem a partir de processos que integram as crianças ao mundo da imaginação, ao momento em que estão com outras crianças, como também adultos, com leituras de revistas, com a televisão, dentre outros meios. Esse Brincar de fazer de conta contribui para que a criança desenvolva uma série de habilidades motoras, psicológicas e de linguagens. O Brincar, após todos esses fenômenos que o envolvem, finaliza por capacitar para uma escrita imaginativa. Quem brincou muito, imaginou muito também, e tem facilidade de criar narrativas, seja pela escrita, seja oralmente, tem habilidades com o “brincontar”. As experiências afetivas, corporais e as interações são estabelecidas pelo brincar e são essenciais para esses processos. Os brinquedos, principalmente as bonecas, permeadas de narrativas feitas pelo “brincontar” fazem parte do fazer de conta.

A partir do olhar da produção de brinquedo de uma boneca, Brougère (2006) informa-nos das mudanças que ocorreram durante o século XIX em relação a bonecas do passado, feitas de madeira, de porcelanas dentre outros materiais. No sistema industrial, surgiu a matéria plástica e, através dela, “novas formas de promoção e publicidade, e na própria concepção dos produtos” (BROUGÈRE, 2006, p. 27). Vários modelos de bonecas apareceram no mercado, as quais se desenvolveram com o apoio da publicidade, seja pelas revistas para crianças, seja pela televisão. Algumas são associadas a um nome, como a boneca-manequim Barbie. Segundo Brougère (2006, p. 28), “a sociedade se reflete nas bonecas ou no mundo delas? Ao olhar a Barbie e a Suzy, duas bonecas-manequins e, também, as bonecas-bebê [...], reconhecemos certos aspectos de nossa sociedade cotidiana”. É fato que a Barbie veio depois da Suzi e que ambas representaram bonecas envoltas de um mundo de fantasia e de silhueta perfeita feminina. Elas estimulavam um corpo magro e levantaram polêmicas em relação a mulheres obesas. Desse modo, as bonecas, além de se modificarem em relação ao material que as constitui, também influenciaram a silhueta das mulheres brasileiras.

No início desses escritos, durante a pandemia, Vitória Barreto me enviou uma foto com uma boneca no colo e no áudio me disse: “tia, esta é minha filha, estou levando ela pro médico, porque ela está com Covid”. É válido mencionar, principalmente pelo exemplo dado da menina Calin Vitória, que as crianças adoram brincar de faz de conta. Vitória era mãe na brincadeira de faz de conta. Mas, a Covid não era imaginação, era a preocupação de todo o universo e a menina usou o momento social da doença para fazer de conta que sua filha estava doente. O fato social influenciou no faz de conta da menina. Decerto, ela assistiu a esta cena e criou o seu cotidiano em sua imaginação. O Brincar, junto à Covid-2019, inspirou a criatividade das crianças Calin com bonecas, como também em relação ao enterro do lagartixa defunto.

Neste momento, decido fazer uma pausa nas brincadeiras das crianças Calin, que são repletas de imaginação, para compartilhar uma lembrança pessoal da minha infância. Afinal, o ato de brincar traz à mente imagens de carros, circos, bonecas e brinquedos. No entanto, eu não tinha bonecas. Meu pai trabalhava em uma fábrica próxima de casa e, todo final de ano, no Natal, nós ganhávamos presentes generosos, minha irmã e eu. Em uma dessas ocasiões, ganhamos uma boneca de plástico bem grande, com aproximadamente 55 cm de altura. Ela vestia um vestido vermelho chamativo, tinha mãos e pés salientes de lado e uma cabeça desproporcionalmente grande, com fios soltos apontando para o céu, desenhados em tinta preta sobre o plástico. A boneca tinha dois dentes enormes na frente, semelhantes aos meus quando eu era criança. Era a Mônica, personagem dos quadrinhos criada por Maurício de Sousa nos anos 1970. Ficamos muito felizes com o presente, mas, devido ao seu tamanho, nos sentíamos um pouco desajeitadas ao brincar com ela.

Devido à dificuldade de segurá-la, sempre tentávamos pegá-la pelas mãos, pois ela tinha o dedo polegar apontando para cima, um gesto que indicava algo positivo. Curiosamente, isso facilitava a brincadeira, pois era mais prático pegá-la dessa forma. Além disso, não tínhamos roupas adequadas para vestir nela, e seus grandes olhos sempre permaneciam abertos, tornando impossível colocá-la para dormir. Essa boneca, com suas características peculiares, proporcionou momentos de diversão, mesmo com suas limitações. Mesmo que não pudéssemos vesti-la adequadamente ou fazê-la dormir, a Mônica nos trouxe alegria e imaginação durante nossas brincadeiras.

Essa lembrança da minha infância destaca como os brinquedos têm o poder de despertar a criatividade e a imaginação das crianças. Mesmo diante das adversidades, como o tamanho desproporcional da boneca, encontramos maneiras de nos divertir e criar histórias envolvendo esse objeto tão especial.

Enfim, a boneca Mônica, presente de Natal em minha infância, representa uma memória de alegria e imaginação. Suas características únicas e desafios proporcionaram momentos divertidos, e mesmo sem poder vesti-la ou fazê-la dormir, encontramos formas de brincar e aproveitar a companhia dessa boneca tão especial. Essa experiência ressalta como os brinquedos têm um papel importante no desenvolvimento das crianças, estimulando sua criatividade e proporcionando momentos de diversão e aprendizado.

Figura 85 - Boneca Mônica alterada



Fonte: Montagem pessoal

A imagem modificada por mim acima ilustra o brinquedo manufaturado que eu tinha quando criança. Essa situação ocorria porque minha tia-mãe tinha o hábito de levar para sua casa os brinquedos que ganhávamos da fábrica. Quando mostrei a imagem a ela, perguntei se ela se lembrava desse episódio, e sua resposta foi: "Teu tio, vocês tinham uma Mônica onde teu pai trabalhava e vocês 'me deram', parece... (deu uma pausa) e teu tio furou e botou um cigarro na Mônica, kkkkkkk, teu tio colocou um cigarro dentro da Mônica, é essa lembrança que você tem?". Até hoje, ela afirma que nós a doamos para ela, mas eu não me lembro dessas doações.

Em um dos seus momentos de lazer, meu tio queimou os dentes das duas bonecas com seu cigarro, e quando vi minha boneca destruída, foi um choque para mim na infância. A imagem modificada com um cigarro na boca ilustra esse acontecimento. Por outro lado, em minha imaginação, eu não me sentia tão feia por ter dentes enormes na frente, pois havia uma boneca famosa que também tinha os mesmos dentes. No entanto, ela não estava mais comigo para brincar.

Como brincávamos com essa boneca no faz de conta? Não era possível brincar de mãe, pois sabíamos da agressividade da Mônica nas histórias em quadrinhos, e a boneca continuava sendo um personagem agressivo. Como era, então, o faz de conta? Pelo que me lembro, brincávamos de luta de bonecas, ou seja, minha irmã e eu, por acharmos que a Mônica era agressiva, colocávamos as duas bonecas para se enfrentarem simultaneamente. Essa era a habilidade que apresentávamos em relação à boneca.

É interessante observar que existem meninos que demonstram habilidades de guerreiro ao brincarem com espadas, enquanto outros fingem ser mães ao brincarem com bonecas que trocam roupas e fecham e abrem os olhos. O importante é a imaginação no ato de brincar. Vale ressaltar que a indústria de brinquedos continua em constante evolução. Alguns brinquedos agora têm a capacidade de fazer xixi. As projeções que as crianças fazem em relação às bonecas e aos brinquedos dependem do contexto social e da criatividade de cada um. Durante as brincadeiras, as crianças são os personagens que desejam ser. Existe uma certa caracterização: a voz será meiga se for uma princesa, agressiva se for um personagem mal. Todos esses aspectos interpretativos ajudarão muito na empatia, ou seja, se colocar no lugar do outro é a função da brincadeira do “criante-narrante”, como também do “criante-brincante”.

Os criantes-narrantes, ao criarem suas narrativas inspiradas na vida real, enfrentam seus medos e aprendem a lidar com situações novas. Ao assumirem os papéis de protagonistas em suas brincadeiras, eles simulam problemas que precisam resolver para dar continuidade ao faz de conta. Dessa forma, os criantes-narrantes desenvolvem habilidades de tomada de decisão e resolução de problemas. Ao se unirem para brincar, eles trabalham em equipe, teatralizando suas falas e encontrando soluções adequadas para as questões que surgem ao longo da brincadeira. Brian e Moisés exemplificaram essa capacidade ao criarem narrativas automobilísticas e resolverem as divergências que surgiam durante suas criações. Os meninos Calon demonstraram ser habilidosos criantes-narrantes.

Além disso, vale ressaltar a importância da linguagem na brincadeira de faz de conta para os criantes-narrantes. Durante esses momentos de diversão, as crianças desenvolvem habilidades linguísticas e de comunicação. Mesmo sem perceber, elas utilizam palavras e

expressões para se comunicar entre si, enriquecendo seu vocabulário e aprimorando sua capacidade de se expressar. Esse processo é especialmente relevante para as crianças que já sabem ler, pois elas ampliam ainda mais seu repertório vocabular, preparando-se para a aprendizagem formal da escrita. Portanto, a linguagem desempenha um papel fundamental na jornada dos criantes-narrantes

2.10.5 O campo brincante transformou-se em terra barrenta

Figura 86 - Roda de conversa com os meninos Calon



Legenda: À minha direita, perto da bandeira, Josivaldo e Roniel. À minha esquerda, Ravel e Davi, sobrinho do Calon Disson⁶²

Fonte: Acervo pessoal

Neste momento da escrita, relatarei a nossa chegada com o trailer. Existe uma série de coisas que temos que fazer para estacionar a casa, o equipamento. Depois de termos ajeitado tudo por fora e por dentro, tomei um banho⁶³ e vesti-me de Calin. O calor era escaldante. Esse

⁶² O menino de costas não está identificado porque não quis pegar autorização para entrar na minha pesquisa devido a uma cena de agressividade física a pauladas com a tia que cuida dele. Optei por não incluí-lo. Mesmo assim, ele insistia em ficar no meio de nós. Depois do feito, o Calon Disson chamou-o à atenção, mas ele não se afastou. "Esse menino não pertence a nós, tem outra educação", disse o Calon.

⁶³ O nosso trailer tem tudo o que precisamos numa casa. Quando pousamos, somos independentes de água e de luz.

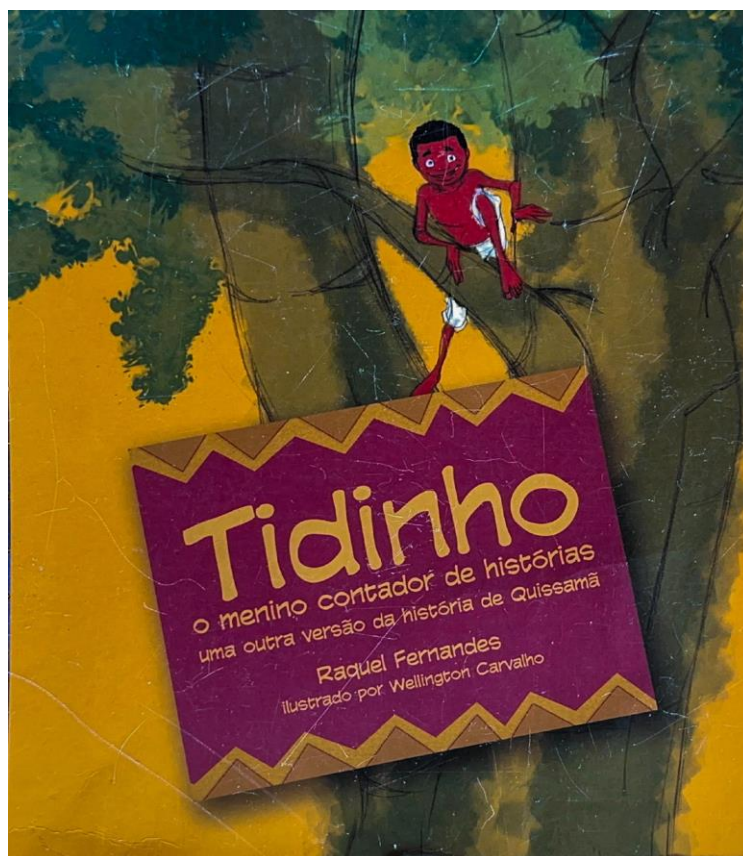
vestido rosa da foto foi Paloma quem o fez, além de mais três que pedi. Disson e Virgínia que me sugeriram a roupa, devido à minha pesquisa e à entrada no acampamento. Vestir-se como as Calin viabilizava a minha estadia. Era respeitoso para as mulheres, pois as nossas pernas ficavam cobertas e o corpo mais escondido. O Calon me pediu mais uma vez que eu separasse a hora dos meninos brincarem e a hora das meninas, pois não queria que os juntassem. Deixou bem claro isso para mim, e falou muito sério, afinal de contas, a casa era a minha e não mais a dele.

As crianças queriam brincar e não decidiam do quê. Na imagem acima, escutei nossa tarde sentada sob o sol quissamaense. Nesse momento, estamos brincando de “estátua”, a brincadeira me remete a imaginações manoelistas: assim como um camaleão fica à espera do nada para fazer, só vira os olhos e não foge e nem pia. Trata-se de uma brincadeira que não se pode mexer e nem falar nada. As crianças Calon são ativas de cantar floreado. Cabia a mim a língua do brincar, e a que veio à minha mente foi essa, a decisão de brincar de “estátua”.

Todas as meninas Calin envolvidas na pesquisa rejeitavam se aproximar, por causa do pedido do Calon Disson, e tudo nos leva a crer que já haviam recebido orientação longe de meus olhos e ouvidos. Aquele momento seria o dos meninos. Estavam tão calmos de palavras, sentados nas cadeiras ao meu redor, que nem a árvore que dá floreio, os movia do lugar em que estávamos sentados. Partimos para a brincadeira de camaleão, ou melhor, de estátua. Era proibido falar. Se assim acontecesse, pagaria tarefa. De início, nos divertimos, mas, para pagar os castigos, as escolhas eram as mais absurdas possíveis, do tipo: dar um tapa em fulano, outro em ciclano, correr até a esquina e voltar, e a esquina era muito longe, e cigano não costuma se cansar. Observei que não estava ficando agradável em relação aos pagamentos das tarefas porque, no momento em que ficavam como estátuas, os nossos dentes mostrados na boca apareciam no mesmo instante, ríamos muito. A brincadeira só deu em língua de brincar sem falar, e não vingou. Os meninos estavam gastando tempo, eu também.

2.10.6 A história de um município contada em livro

Nesse momento, pediram-me mais coisas de criança para fazer. Resolvi teatralizar-me de uma contadora oral de história. Pensei em encantar palavras com imagens. Apresentava imagens simultaneamente com palavras sopradas da história que lia no livro de *Tidinho*.

Figura 87 - Capa do livro *Tidinho*

Fonte: Acervo pessoal

Quissamã, como já dissemos no início destes escritos, é situado ao Norte de Macaé – RJ, e teve sua história contada em livro infantil. Esta obra, adquirida quando estive no Quilombo de Machadinha, ponto turístico de Quissamã, retrata a história da cidade. Tidinho é um menino contador de histórias, um negro africano que se apresentava na narrativa como protagonista. Morava num Baobá, grande árvore sagrada africana. O personagem encontra uma menina branca, Chiquinha, que se aproximou dele para lhe contar a história sobre a chegada dos negros em Quissamã. De acordo com a apresentação da obra, a narrativa tem como objetivo mostrar as desigualdades que negros escravizados sofreram na cidade de Quissamã.

Carneiro (2008) afirma que, no passado, a cidade teve muitas desigualdades, especialmente devido à escravidão, mas felizmente essa época já passou. Vale lembrar que, nas redondezas de Mathias, encontramos o Quilombo Machadinha como ponto turístico, mas que o poder público pouco faz para ajudá-lo financeiramente. Porém, isso é outra narrativa. O compêndio é bem ilustrativo, eu passava as páginas de modo que eles tivessem contato com o livro, ou seja, com as imagens de Tidinho e Clara, com o ambiente do Baobá na Fazenda de Quissamã. Hoje, um museu, mais uma parte turística.

Ao retomar a narrativa de Tidinho, meu objetivo era proporcionar um momento de diversão para as crianças Calon. Eu queria contar uma história interessante sobre Quissamã e, para isso, utilizei diferentes entonações de voz para dar vida aos personagens e despertar a curiosidade dos pequenos sobre o local onde muitos deles nasceram.

Busquei transmitir a emoção que sentia ao compartilhar essa história com eles, criando um ambiente alegre e descontraído. Cada palavra que saía da minha boca era carregada de entusiasmo, de forma a envolvê-los completamente na narrativa e fazer com que se sentissem parte da história. O objetivo era instigar a imaginação e a criatividade dos pequenos, levando-os a viajar mentalmente para o mundo mágico e fascinante que eu estava descrevendo.

Meu nome é Tidinho, moro aqui nesta casa dentro da árvore, o Baobá, porque um dia meu pai disse que aqui eu estaria protegido. Meus **antepassados** (grifo do autor) disseram que os negros vieram de África para o Brasil trouxeram uma semente desta árvore [...]. Depois vai passar um período de grande silêncio e calma, vai até parecer que ninguém se lembra mais do rico passado, em seguida essa casa será restaurada e você vai conhecer a cultura de todo o país e principalmente relembrar a nossa história: dos negros, da nobreza e da importância da nossa terra de Quissamã (FERNANDES, 2008, p. 5-6).

A história de Quissamã não interessava aos meninos, naquele momento. O que mais atraía a atenção era um outro tipo de brincadeira. Mas insisti em outra obra, não me deixei vencer. Vim com dois compêndios ligados ao público infantil, já imaginava que poderia acontecer a recusa da obra *Tidinho*. “Meninos, sabiam que os ciganos também têm pele escura? Aguardem, pegarei outro livro”:

Houve certa vez um cigano rico, dono de florestas, pastos e vilarejos. Ele tinha apenas um filho – Vásyá, o Pé-Branco. Esse apelido tem uma explicação: diferente dos outros ciganos, que costumam ter pele escura, Vásyá era branco como a neve que caía nas noites de inverno na longínqua região da Rússia onde vivia [...]. Quando o sol começava a baixar, Vásyá avistou uma fumaça. À medida que se foi aproximando, o burburinho que ouvia de longe deu lugar ao som de música, palmas e vozes. Não demorou a ver grandes barracas, *trailers* e carroças sob a copa de uma imensa árvore. Era um acampamento cigano! No centro, mulheres com vestidos floridos cantavam agachadas ao redor da fogueira. Um jovem dançava em círculos, de braços erguidos serpenteando acima da cabeça, as mãos graciosas girando no alto (FERRARI, 2020, p. 11-13).

“Hummm, esse homem daí da dança não é de nós não, a gente dança sertanejo”, enfatiza o dançarino Matheus Kauã, que não aparece na foto, mas se encontrava perto de nós. Sabemos que a dança dos Calon de Quissamã não é o tipo de dança da história, eles dançam como nós, *gadje*. Mesmo assim, continuei com as outras narrativas que lhes diziam respeito. No entanto,

consegui contar apenas mais duas e com muita criatividade, pois não deu certo, os meninos não gostam de histórias, não têm paciência para ouvi-las. Tentei teatralizar a história, modificá-la, causar suspense, mas nada prendeu suas atenções, nem mesmo coisas de suas tradições.

As meninas, por sua vez, gostam de contar algumas histórias feitas para crianças do Ocidente, assim como Brenda fez. Essa brincadeira não deu certo com os meninos, mas as meninas Calin ouviram-me com muita atenção. As minhas narrativas orais cortavam a tarde pelo meio e o interesse e a preocupação dos meninos-adolescentes-Calon permeavam a aprendizagem das barganhas. A noite estava apontando e eles tinham que seguir o cotidiano de acompanhar seus pais na aprendizagem das negociações. Estava na hora de colocar os trajes de baile Calon.

A arte de contar histórias é uma habilidade rara nos dias de hoje, como nos ensina Benjamin (2018, p. 19), que lamenta que "o contador de histórias não esteja mais presente entre nós em sua eficácia viva". Eu estava consciente disso quando comecei a contar histórias para as crianças Calon, e minha intenção era trazer um momento lúdico para o grupo, utilizando entonações e vozes diferentes para os personagens, a fim de despertar sua curiosidade sobre a cidade de Quissamã, onde muitas crianças Calon nasceram. Eu queria que eles experimentassem um pouco do prazer da arte de contar histórias, que pode ser transmitida oralmente e é uma fonte para todos os contadores de histórias. Como Benjamin observa (2018, p. 20), "os melhores escritores são aqueles cujas obras menos se afastam da fala de muitos contadores anônimos".

Para contar muitas histórias, é preciso viajar muito, pois quem assim o faz tem muito o que contar. Na perspectiva do contador de histórias, aquele que vem de muito longe tem mais histórias para contar. Benjamin adverte (2018, p. 21) que "mas também é com prazer que ouvimos os casos daquele que ficou na sua terra, ganhando honestamente sua vida, e conhece suas histórias e tradições". Eu imaginei que um livro que contasse histórias da comunidade tradicional cigana seria interessante para eles, mas logo perceberam que as histórias não eram sobre os ciganos Calon. No entanto, ainda assim eu esperava que minhas histórias pudessem trazer um pouco de alegria e entretenimento para o grupo, e que eles pudessem experimentar a magia da arte de contar histórias.

2.10.7 “A tribo está para a criança como a casca está para o ovo”

A história de Tidinho foi escolhida por se passar em Quissamã, lugar onde os ciganos Calon decidiram pousar e construir suas casas de alvenaria. Atualmente, há poucas barracas no acampamento, já que as casas fixas tomaram o lugar em que as crianças costumavam brincar. O campo, outrora repleto de brincadeiras e diversão, agora cedeu espaço para as moradias dos moradores.

Figura 88 - Primeiras construções no campo brincante



Fonte: Acervo pessoal

A imagem acima ilustra o término do espaço brincante das crianças Calon de Quissamã. A invasão das primeiras construções surge. A expressão "um sujeito esmolambado à feição de ser apenas uma coisa, à feição de ser de trapo" usada por Barros (2016) se refere a algo que está em um estado deplorável, que parece não ter mais utilidade e que perdeu sua dignidade. Comungo com o poeta pantaneiro para descrever o campo onde as crianças costumavam brincar, que agora está cheio de moradias e não oferece mais espaço para brincadeiras. No início de nossos escritos, o campo foi útil, mas agora está em um estado feio e sem vida. A ideia é que

o espaço, que antes era livre e propício para a brincadeira, agora está dominado pela urbanização e perdeu sua essência original. Sinto tristeza ao imaginar o que aconteceu com o campo de Mathias. O lugar que antes era tão brincante, agora está tomado por moradias, deixando pouquíssimo espaço para as crianças brincarem. É como se a alegria tivesse sido substituída pela tristeza, e o campo se tornou um sujeito esmolambado, um lugar sem vida, sem alma.

Os moradores me disseram que o Sr. Lúcio, aquele que aparece me socorrendo na barreira sanitária na pandemia de Covid, “ganhou ou comprou o espaço da prefeitura” e não tem a menor consideração pelas crianças e suas necessidades de brincar e se divertir. Ele parece estar interessado apenas em fazer dinheiro e colocar preços exorbitantes, dificultando a compra do espaço pelos Calon.

É revoltante saber que as crianças são privadas de um lugar para brincar. Fico pensando no que aconteceu com o mundo, onde o dinheiro parece valer mais do que a felicidade das crianças. Espero ainda que algo possa ser feito para mudar essa situação e devolver a alegria e a brincadeira para as crianças de Mathias.

No lugar onde as crianças Calon moram, não há uma área designada especificamente para que elas possam brincar. Isso vale tanto para as crianças brasileiras quanto para elas. A única praça da cidade que é destinada às brincadeiras infantis fica localizada próxima à prefeitura, no centro de Quissamã, e é bastante distante do acampamento Mathias. É importante mencionar um comentário antigo de Arlindo Pimenta (1986) que, mesmo nos dias de hoje, permanece relevante:

Talvez por falta de avaliar adequadamente a função da brincadeira e a sua importância no desenvolvimento saudável das crianças é que os administradores públicos, os políticos e os pais não lutam por um desenvolvimento urbano onde caibam áreas de lazer e espaços de convivência das pessoas (PIMENTA, 1986, p. 41).

O autor destaca a importância do brincar como uma atividade essencial para a criança. Ele também critica a ênfase dada pelos pais às atividades extracurriculares, como judô, inglês e natação, que são vistas como mais importantes do que a brincadeira livre. Além disso, ele menciona a escassez de espaços brincantes nos subúrbios do Rio de Janeiro e em todo o país. As crianças de Mathias, em particular, não têm muitas oportunidades de brincar ou um espaço adequado para fazê-lo. É importante lembrar que a brincadeira é um estímulo inerente à criança desde o nascimento, conforme defendido por Winnicott (2019). Ela está presente em todas as crianças e é essencial para o seu desenvolvimento saudável.

Tatiane Silva e Caroline Bechtiger (2019, p. 58) atualizam os estudos de Arlindo Pimenta (1886), e afirmam que as praças, como local de brincar, favorecem “o desenvolvimento

da imaginação e do desenvolvimento global das crianças”. O que se pretende com essa rápida contextualização é saber que ter um espaço brincante, como, por exemplo, uma praça, proporciona às crianças o desenvolvimento de sua cognição, como também de seus aspectos psicossociais, afetivos e físicos. Nesse contexto, acrescentam as autoras, esse local possui elementos naturais que estimulam a criatividade do brincar, além de viver e experimentar experiências únicas, que marcarão o futuro adulto. Acrescentamos que as crianças ficam presas dentro de seus quartos, utilizando instrumentos eletrônicos, o que produz “crianças engessadas, brincadeiras engessadas em espaços engessados”, de acordo com Silva e Bechtlinger (2019, p. 60). Quando começamos a pesquisa, existia o campo das crianças Calon, onde transitavam lagartixas defuntos, local em que soltavam papagaios, bonecos paraquedistas voavam, jogavam bolas. Neste momento, “o brincar livre vem sendo cada vez mais substituído pelo brincar engessado, sem liberdade, o que não estimula o imaginário infantil”, de acordo com Silva e Bechtlinger (2019, p. 60). O campo, lugar brincante, não existe mais em Mathias.

Vale ressaltar mais uma vez que as crianças Calon não brincam longe de sua comunidade, como já mencionamos no início desses escritos. A criança maior sempre protege as menores. Pierre Derlon (1975, p. 90) menciona essa proteção e a permanência de crianças sempre perto de sua família: “A tribo está para a criança como a casca está para o ovo”. Desse modo, toda vez que visitei o campo, presenciei Moisés junto a todas as crianças de sua idade, perto de barracas e casas pertencentes aos Calon. O espaço em que estávamos pousados é bem distante do acampamento. Por isso, a preocupação do Calon Disson em relação às meninas brincarem com os meninos. Os pais da comunidade querem seus filhos por perto. É melhor definir que não existe mais espaço brincante para eles, pois só ficaram na rua ilustrada na imagem abaixo, porque eu estava lá pousada.

Figura 89 - O campo brincante visto de longe



Fonte: Acervo pessoal

Em Mathias, existe um escorrer azul do céu, sobre o barrento vermelho de solo duro, uma ruela, único lugar que resta agora para as crianças, onde pousei com o trailer. Sei que não o frequentam para brincar, pois é um pouco longe de seus pais e ali é sempre o refúgio de Calon de outros acampamentos. Vale lembrar que o espaço pertence ao Gola, considerado por alguns, o chefe de terreiro. Pelo menos, naquele momento que lá estava pousada, virou campo brincante e transformou-se, de terra barrenta e dura de ralar pés que correm descalços, em um espaço momentâneo de brincadeira, mas já voltei lá e as crianças não.

2.11 “A *garrin* vai de cigana”

Durante nossa chegada, percebi que os homens Calon olhavam para mim de forma diferente por estar vestida de modo distinto das mulheres Calin, que cobrem as pernas por questões culturais. Embora não estivesse vestida de forma provocante, minha roupa chamava a atenção por ser diferente. É comum entre os Calon observar as gadjins, mas é importante

respeitar as mulheres do acampamento, assim como os gadjon também devem respeitar suas parceiras.

Ferrari (2010) comenta um fato muito interessante em relação à vestimenta Calin. Quando, pela primeira vez, a autora entrou em um campo etnográfico, foi logo convidada a sair e a praticar a leitura de mãos com as outras Calin. Segundo a autora, “ingenuamente, vestia-me para ir a campo, optando por uma saia comprida, em lugar de calças. Vanusa, uma das moças, logo quis me vender um vestido ‘de calin’. Aceitei de imediato pagando o que ela pedia [...]” (FERRARI, 2010, p. 8). Tal fato levou-a a vários elogios por parte das mulheres que saíram às ruas em sua companhia. “Ajeitaram-me o cabelo, as crianças gritaram: ‘a *garrin* vai de *cigana*!’” (FERRARI, 2010, p. 147). Depois, pentearam o cabelo, tiraram-lhe os sapatos e substituíram por chinelos, calçados usados para ir à rua na prática da quiromancia. “Calins não usam sapato”. Após dias, uma recepção hostil foi dada à autora. Vanusa, a Calin que lhe sugeriu que lhe encontrasse fora do acampamento, disse-lhe que sua cunhada falou dos ciúmes que ela provocara usando a roupa Calin.

Existem certas maneiras hostis, em relação a nós, *gadje*, relativas ao modo como os ciganos nos veem. Ferrari (2010, p. 12) afirma: “o que dizer desses ciganos, que vivem na mesma cidade que eu vivo, falam o português, comem arroz, feijão [...] casam-se na Igreja Católica e, de vez em quando, vão se benzer com um pai-de-santo?”.

Ao ler a pesquisa de Ferrari, observei muita semelhança em relação ao tratamento dado a um brasileiro por um Calon e também como um brasileiro enxerga o Calon. Desde 2010, quando sua pesquisa foi elaborada, poucas coisas mudaram⁶⁴. Em Quissamã, a acolhida apenas foi realizada pela família do Calon Disson, algumas vezes, a Calin Paloma também me recebe.

Já mencionei anteriormente que, durante minha estadia no acampamento Calon em Quissamã, Paloma costurou três vestidos para mim. Pediu-me que comprasse um tecido de renda, como o delas e adornos tais como: fita, linha e adereços. Tal ação me ajudou a permanecer acampada por uma semana, em fevereiro de 2022, sem chamar muita a atenção por alguns Calon e causar espanto em outros. Paloma também me ofereceu comprar seus vestidos, e assim o fiz. Agora, tenho muitos vestidos Calin.

⁶⁴ O trabalho da autora, conselho dado por mim, deveria ser lido, antecipadamente, ao entrar num campo etnográfico Calon. Durante a sua escrita, principalmente, em descrever as roupas usadas pelas Calin, as fitas, as rendas, o forro dos vestidos, se usam ou não depilação nas pernas, a descrição de tudo que a autora escreveu acerca das Calin em doze páginas está de acordo com o acampamento de Quissamã. Várias outras menções do cotidiano também conferem com os dias atuais dos ciganos Calon de Quissamã. A autora obteve gravações e fotografias de uma jornalista cujo nome é Luciana Sampaio, que lhe deu ricas informações desse grupo: “[...] duas grandes fontes de informação: a pesquisa de campo e um arquivo videográfico com mais de 100 horas de filmagem” (FERRARI, 2010, p.12). Foram poucas investidas ao campo. Embora seja uma pesquisa de 2010, ainda está bem atualizada no que concerne à tradição dos Calon.

Quando me vesti à moda Calin, confesso que me senti melhor. Além disso, tive a permissão delas para usar roupas ciganas, o que facilitou minha interação com eles. Pude perceber um certo acolhimento e reconhecimento por parte de alguns. Mesmo assim, fiquei um pouco preocupada, e perguntei ao Calon Disson se deveria ou não usar meus vestidos, enquanto lá estivesse. Ele me encorajou a usá-los, pois, segundo ele, eu tinha respeito pela cultura Calin e não precisava ter medo de nada. Virgínia também me disse que eu tinha a permissão da comunidade para usar o modelo das roupas Calin. Percebi que é essencial entrar em um estado de "Calin", ou seja, gostar da etnia e fazer pesquisa com a intenção de ajudá-los, acima de qualquer título acadêmico.

É importante destacar que Quissamã é um campo velado por seus atores. No entanto, uma vez que compreendem nossos estudos e intenções no acampamento, eles nos acolhem. As roupas que tenho agora me ajudarão a entrar em contato com outros grupos de Calon pelo Brasil. Por meio delas, verão, primeiramente, a essência do meu interesse em estudá-los, que já estive entre eles, que os conheço e respeito-os. A vida inteira eu comprei roupas ciganas, mas não conhecia os trajes Calin. Apenas a busca pelo conhecimento nos permite entender coisas simples, como os vestuários ciganos. Falarei mais sobre isso adiante.

2.12 A brincadeira de pique-lateiro

Figura 90 - Meninos Calon correndo



Legenda: Da esquerda para a direita: Kauã, Josivaldo, Santiago e Davi
Fonte: Acervo pessoal

Mais uma vez as crianças Calon me pedem para inventar brincadeiras. Em certos momentos, relembram as minhas turmas do sexto ano, aliás, sempre gostei de ministrar aulas com os pequenos: além de ensinar, sempre tinha que inventar brincadeiras. As crianças Calon, então, sugeriram: pique-lateiro. Percebi que começou a ficar difícil para mim, correr com eles para pegar a lata era demasiado cansativo. Tentava de todo jeito amenizar a minha participação, o sol estava no seu auge e a sombra, em que nós nos encontrávamos perto do trailer, era inexistente, foi logo substituída pelo barro quente da rua. Resolvi, então, que seria a juíza do jogo. Caso alguém ludibriasse as regras, eu apontaria o erro. Começamos a brincar.

Primeiramente, as crianças tiraram par ou ímpar para ver quem começaria a escolha de seu parceiro para pegar a lata. Davi, Josivaldo, Kauã, Santiago, Moisés (que nada entendia) faziam parte da brincadeira. Daniel e Santiago chegaram depois com uma bola na mão, trazendo outro tipo de brincar. Inicialmente, o jogo começou com dois de um lado e dois do outro. Na escolha já teve confusão, pois queriam o Ravel, que corria mais e era mais esperto. Josivaldo, por ser cheinho, ninguém queria tê-lo como aliado para pegar a lata. A confusão começou nesse instante do par ou ímpar para decidir quem começaria o jogo.

O jogo começou, era uma gritaria só. O sol queimava nossos rostos, que se esvaíam da água que descia pelas calças compridas, esticadas pelo corpo das crianças, parando nas botas que tocavam o solo quente do barro vermelho, fazendo subir mais calor ainda pelos pés das crianças. Moisés estava à vontade. Com o passar do tempo, percebi que não tinha nenhuma ordem de comando, ignoravam minha voz e minhas regras de como jogar, afinal, burlavam as regras e criavam outras a todo momento. Falaram, inclusive, que eu estava desatualizada com a brincadeira. Eu me diverti muito. A falta de atualização ocorreu porque, no meu tempo, não existia um tal descanso que eles inventaram quando se aproximavam da linha, traçada por eles, ao redor da lata. No meu tempo, tinha que chegar perto da lata e imediatamente segurá-la, sair correndo, passar por todos os adversários sem ser tocado, não havia linha em volta da lata. Mas na brincadeira deles, a permanência no círculo, seria para descansar depois que chegassem perto do objeto desejado, dar um tempo para traçar estratégias de como sair do lado do adversário sem ser pego, ou seja, alguém encostar no corpo e dizer: “colado”. Pensei: “se for assim, o jogo está mais fácil”. Na semana passada, perguntei aos meus alunos do ensino médio sobre essa mudança, e a resposta foi positiva. Até aquele momento, eu pensava que eles estavam criando regras para não respeitar a juíza, ou para descansar.

Figura 91 - Josivaldo cansado e nervoso



Fonte: Acervo pessoal

Josivaldo não tinha muito fôlego para correr, por ser cheinho, e se irritava quando tentava pegar a lata e era colado por alguém. Toda vez que o jogo terminava, a equipe de Josivaldo perdia, e ele já estava ficando irritado. Davi, irmão de Kauã, não queria se separar de Kauã. Toda vez que Josivaldo perdia, falava: “covardia, dois que correm muito, contra dois que correm pouco”, referia-se a ele e a seu parceiro. Josivaldo ameaçava alterar a linha da lata, aproximando-a da linha central do jogo. A juíza reclamava, mas era ignorada, quem mandava no jogo eram eles. Começava a confusão, brigas e discussões. Cobravam-me pontos, ora falavam que eu estava do lado da equipe de Kauã, ignorando a de Josivaldo, ora reclamavam o contrário. Mas eu ficava com dó de Josivaldo, meu ajudante de pouso, e dava pontos a mais, para a equipe dele: “Você tá do lado deles, tem que colocar os pontos no chão, riscados, aí eu quero ver dar errado”, dizia Kauã. Obedeci, risquei no chão, mas a briga continuava. Mesmo como juíza, não conseguia acalmar os ânimos. Atualmente, sempre que chego ao acampamento, as crianças me cercam e me chamam para brincar de pique-lateiro com eles.

Como disse anteriormente, Daniel e Santiago chegaram depois com uma bola na mão, trazendo outro brinquedo para brincar, ainda bem. Foram os dois que interromperam o pique-lateiro, mas Daniel, o dono da bola, criou algumas limitações em relação a quem encostaria o

pé em sua bola. A confusão começou de novo, melhor aprender as regras do jogo para não ser pego desprevenido, ou mudar de brincadeira: vamos brincar de quê?

2.13 “Respeitável público”: o circo

Matheus Kauã quis inventar a brincadeira de apresentador de circo: “Respeitável público, eis aqui uma cartola e um coelho que vou fazer o coelho sumir”. Sabia que se tratava de uma mera imitação do espetáculo que assistiram no último sábado, antes de minha chegada. Lembrei de Manoel de Barros (2019, p. 12): “Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria de rir”. A citação de Manoel de Barros destaca a importância de brincar com as palavras e usá-las de forma lúdica, tornando a comunicação mais leve e divertida. Ao lembrar da citação ao presenciar a brincadeira de Matheus Kauã com o circo, percebemos que ele também está experimentando com a linguagem, buscando imitar o espetáculo e usar palavras que possam surpreender e divertir seu público, mesmo que seja apenas o que estão naquele momento, sendo o seu público. É certo que os meninos Calon lembraram de todos os detalhes do dia em que o circo parou em Quissamã para palhaçadas e malabarismos, que Brian também aprendeu. Em relação ao mágico, deixemos para o Matheus Kauã.

Enquanto Kauã apontava sua mão direita como se segurasse um microfone de "mentirinha" de um apresentador de circo, o estudioso Arlindo Pimenta (1986, p. 42) argumentava, com base em Freud, sobre a relação entre fantasia e brincadeira. Pimenta observava uma equivalência entre a brincadeira e a criação artística, mas também destacava que elas se diferenciam da fantasia, já que esta coloca o mundo real em segundo plano. Por outro lado, a brincadeira e a criação artística estão conectadas ao cotidiano. O autor ilustra seu apontamento com o exemplo das crianças que se vestem com capas e objetos de super-heróis, em que um simples pedaço de pano se torna o depositário de suas fantasias (PIMENTA, 1986, p. 43). Em outras palavras, Pimenta destaca que "brincar é um importante mecanismo para lidar com a angústia e a fantasia" (PIMENTA, 1986, p. 44).

É possível compreender que o ato de brincar oferece um espaço seguro e criativo para crianças e adultos lidarem com suas emoções e fantasias. Matheus Kauã, sem demonstrar nenhuma manifestação naquele momento, pediu para colocar uma música sertaneja e convidou sua prima, Vitória, para dançar com ele dentro do trailer, onde estavam todos. No entanto, a preocupação do pai de Vitória, Calon, em relação ao acordo de casamento da filha era evidente e ele havia alertado que Vitória não poderia ficar com meninos, mesmo dentro do trailer, pois

poderia comprometer seu relacionamento. “Disson já falou que Vitória vai se casar e que não pode ficar com menino, se misturar”, disse Santiago. Eu sabia sobre o aviso do Calon e já havia me prevenido. Segundo o pai de Vitória, os boatos correm rápido e sua filha pode perder o pretendente. “Melhor se prevenir, não pode ficar aí dentro com os meninos não, mesmo se você ficar, o povo não quer saber se você tá lá dentro não, vai falar”, replica Disson. Apesar disso, Kauã argumentou que era primo de perto e estava prometido para se casar em breve, o que convenceu Calon a permitir que Vitória ficasse com ele no trailer. Assim, Kauã se transformou de apresentador de circo em dançarino, demonstrando sua alegria e criatividade em um espaço pequeno

Ferrari (2010, p. 183) relata que as “fofocas e boatos circulam entre parentes e ‘calons conhecidos’, isto é, entre parentes e afins com quem se tem contato se não presencial, certamente por telefone, constantemente”. Desde a época da pesquisa de Ferrari, o celular já estava em evidência no grupo em que atuava. Em Quissamã, o celular virou febre principalmente depois da pandemia. De fato, a preocupação do Calon com sua filha ocorre porque ela está prometida a um menino do acampamento Santa Maria, ali perto de Quissamã. “Ainda estão se conhecendo, o menino ainda está muito novinho, sem corpo de adolescente” – enfatiza Virgínia.

O universo Calon, em minha concepção, gira mais do que o nosso. Ao considerarmos o cotidiano dos Calon, podemos perceber que ele é extremamente intenso e cheio de mudanças constantes. O tempo parece fluir mais rápido entre eles, o que pode ser explicado pelo fato de que os ciganos são conhecidos por viverem de forma livre e sem muitas amarras, o que pode tornar a vida ainda mais dinâmica. Além disso, a tecnologia tem se tornado cada vez mais presente na vida dos ciganos. Os aparelhos eletrônicos, em especial o celular, têm sido um grande aliado na hora de levar o cotidiano dos Calon para lugares distantes. Eles já estão nas redes sociais, compartilhando informações e se conectando com pessoas de todo o lugar do Brasil.

Entretanto, essa velocidade pode trazer consigo preocupações. As fofocas e boatos estão se espalhando mais rápido entre os Calon, graças à facilidade de comunicação proporcionada pela tecnologia. Isso tem sido uma fonte de inquietação para muitos membros da comunidade, que temem que informações falsas possam prejudicar a reputação deles ou causar conflitos internos. Portanto, essa é a preocupação do Calon Disson em relação à sua filha.

2.14 A minha casa tem vários quintais

Os ciganos têm o costume de se acantonar de estado a estado em nosso país. Eles vivem aquerenciados e reunidos no mesmo local, buscando sempre uma proteção mútua entre eles. Por isso, é comum que procurem ancorar juntos, formando comunidades fortes e unidas. Como uma gadjin, ou seja, uma pessoa que não é cigana, eu era a única estranha em meio a eles, o meu quintal era ali, a minha casa estava naquele quintal Calon. Quando os moradores do local passavam perto do equipamento ficavam surpresos com a nossa presença e faziam várias perguntas sobre o veículo, que por sinal, é muito utilizado pela etnia Rom fora do país.

Ao mencionar minha estadia com os Calon, é interessante citar um trecho dos escritos infantis de Ferrari (2020, p. 11) em sua obra dedicada à criança cigana. Ela narra a história do cigano Russo, Válya, que saiu em busca de conhecer outros ciganos de diferentes etnias. A autora destaca a paixão que os ciganos têm por viagens, sempre festejando algo para se reencontrarem. A autora descreve a sensação de um espírito inquieto que convida para a estrada, para se sentar junto ao fogo e ouvir canções ciganas. Os Calon também seguem essa tradição, sempre que se reencontram é para celebrar algum evento ou festejo. Podemos perceber, portanto, que a comunidade cigana valoriza muito a união e a proteção mútua, formando comunidades fortes e unidas. Além disso, eles são apaixonados por viagens e festejos, sempre celebrando a vida e a cultura cigana. A presença de uma gadjin, como eu, pode ser vista como uma oportunidade para troca de conhecimentos e experiências, enriquecendo ainda mais a diversidade cultural do nosso país.

Inicialmente, fomos recebidos com certa resistência pelos Calon do acampamento, provavelmente devido ao fato de não sermos visitantes temporários, como acontecia quando dormíamos na casa de Virgínia. No entanto, Josivaldo nos ajudou a conseguir um espaço com o chefe do acampamento, chamado Gola. Como ficamos lá por uma semana, precisávamos de água e luz, já que o nosso veículo de recreação tem limites de reserva. Conseguimos aproveitar ligações clandestinas de energia e água para prolongar a nossa estadia. Apesar de este espaço ser destinado a moradias ciganas, com Calon que passam e outros que permanecem, acredito que estávamos no lugar certo, do acampamento Mathias, não ficamos perto dos que possuem casas de alvenaria, não fiquemos perto de Virgínia.

Segundo Derlon (1975, p. 221), os ciganos eram povos de “pés descalços no chão”, “arquitetos da Idade Média, eram grandes viajantes”. Ele buscou desmistificar a visão dos ciganos como povos de magia maléfica, enfatizando que seu nomadismo ocorreu devido às perseguições brutais, desavenças oficiais e detrações racistas que ainda persistem. O autor relata

que teve a oportunidade de conhecer um cigano chamado Hartiss e aprendeu muito sobre a cultura cigana com a família dele. Hartiss disse a Derlon que “para compreender a vida de um caravaneiro, não basta ver passar a caravana, é preciso viver a mesma vida” (DERLON, 1975, p. 221).

No que diz respeito ao campismo, é importante ressaltar que esse estilo de vida está intimamente ligado à cultura cigana e que o trailer, embora seja uma novidade para eles, é amplamente utilizado pelos ciganos de etnia Rom fora do Brasil. Durante nossa estadia no acampamento, as crianças ficavam fascinadas com o trailer e queriam entrar nele a todo custo. Os adultos também demonstravam admiração pelo equipamento e faziam a mesma pergunta: "Quanto custa?". Cansados das perguntas incessantes, Josivaldo sugeriu que eu dissesse que o equipamento custava dinheiro, o que acabou por encerrar as perguntas.

Durante os momentos de anoitecer, muitas crianças brincavam dentro do trailer, dançando e contando piadas. Era um balançar constante, como se o equipamento estivesse prestes a sair do lugar. O trailer é uma forma de locomoção que permite aos ciganos estacionar em diversos lugares, assim como os acampamentos ciganos que são um espaço cultural originalmente pertencente a eles.

2.14.1 “Quero um momento só meu”

Figura 92 - Josivaldo e Santiago no trailer



Fonte: Acervo pessoal

Por ter sido Josivaldo quem “barganhou” com o chefe do acampamento, sentiu-se privilegiado: “Quero um momento só meu, tia. Pode deixar o Santiago me acompanhar, ele é legal comigo”. Bem que merecida a negociação do menino-Calón, pois, através dele, conseguimos espaço para ficarmos. Fomos direto ao chefe e o que é do chefe, só ele manda. Observem a satisfação de Josivaldo olhando pela janela e rindo dos outros lá fora. Barganhou comigo e me enfeitou, afinal de contas, devo o meu “posso” a ele. Josivaldo gosta de estar dentro do trailer, ter o seu momento. Escolheu Santiago para lhe acompanhar, como prêmio de sua amizade com o menino. De dentro, um sorriso para os de fora.

Para explicar a atitude do menino Calón Josivaldo, brincaremos mais uma vez com o autor que virou criança um dia e que, portanto, sabe explicar a reação de uma criança, Korczak (1981). O autor, com seu personagem criança, relata o momento em que está no pátio de sua escola e se envolve em meio a brincadeiras de crianças. Naquele instante, percebe que existe um líder, um interessado em comandar a brincadeira. Quando alguém propõe uma brincadeira que agrada, todos ficam atrás dele. “Como se ele tivesse dado uma senha. E há de se reconhecer que os malucos — porque os chamamos de malucos — costumam ter boas ideias, só que não sabem executar”, narra Korczak (1981, p. 70).

Era a hora de Josivaldo comandar, de dar a senha de permissão a Santiago. Josivaldo tem poucas amizades, sofre *bullying* por ser mais cheio de corpo e por não ter ainda escolhido a sua futura esposa. Todas as escolhidas desistem dele: Vitória Barreto foi uma delas. No *TikTok*, assisto às suas postagens de paquera fracassadas, mas aquele momento, o menino Calón se sentia importante. As crianças sabiam que Josivaldo era o escolhido para ficar dentro do equipamento. De dentro, o menino desafiava os de fora, mas permitiu que Santiago lhe acompanhasse, pois tinha a senha, a almejada por todos, dada para seu amigo. Depois, observei que, rapidamente, ficar ali, não mais lhe interessava. O que impotava mesmo era mostrar que tinha a liderança da brincadeira, isso foi o primordial.

Surgiu a noite do dia em que chegamos. Passada a euforia da entrada no equipamento, somente a família de Virgínia tomou todo o espaço. A experiência de lavar louça num ambiente diferente fez a Calin brincar de dona de casa. Afinal, nunca assisti, durante a pesquisa, a menina lavar louça, embora as meninas-adolescentes-Calín sejam educadas a serem donas de casa ainda com suas mães. As brincadeiras choviam naquele ambiente: a família de Virgínia era a protagonista daquele cubículo.

Figura 93 - Vitória Barreto lavando louça no trailer



Fonte: Acervo pessoal

Observo tudo com olhos de infância Calin. Vitória brinca de doméstica, descobrindo e criando um universo próprio, cheio de aprendizado. A menina adolescente Calin não costuma praticar os afazeres domésticos em sua casa, mas naquele momento, tudo era diferente, o local era diferente. Brincar é realmente uma forma de aprender coisas de gente grande, pois através das brincadeiras, as crianças podem experimentar papéis, situações e sentimentos que estão presentes no mundo adulto. E esse processo é muito importante para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos pequenos. No entanto, é fundamental que a brincadeira não seja vista como uma obrigação, mas sim como um espaço livre e prazeroso de criação e exploração.

Quando as crianças se sentem forçadas a brincar ou a fazer algo específico, a magia da infância é perdida e o aprendizado se torna menos significativo. Por isso, acredito que o contexto descrito na frase "esse é o contexto de uma infância com qualidade muito delicada,

porque não se mostra como algo gigante, gritante: ser obrigada a lavar louça" é valioso. As pequenas ações brincantes, como criar uma barraca com uma coberta, estão ligadas ao universo externo em que as crianças vivem e fazem parte de um processo de descoberta e de aprendizado que deve ser valorizado e respeitado.

Em suma, a infância é um período mágico e fundamental na formação do ser humano, e a brincadeira é um elemento central nesse processo. Observar o mundo com olhos de infância, como feito por Calin, pode nos ajudar a resgatar a magia e a beleza da vida e a valorizar as pequenas coisas que fazem toda a diferença.

2.14.2 Dançar é brincar

Conforme mencionamos anteriormente, no acampamento dos Calon, a dança praticada é a de salão, acompanhada pela música sertaneja. Esse momento é dedicado à expressão artística da dança, embora também possa ser considerado uma forma de brincadeira. No entanto, em determinados momentos, como o atual, sinto que a escrita pode corromper o verdadeiro sentido da imagem que está sendo descrita. Nesses casos, seria mais adequado se as palavras se calassem, permitindo apenas que os sentidos imagináveis da fotografia falassem por si mesmos. Vivenciar uma experiência é, indubitavelmente, mais rico do que tentar descrevê-la em palavras. As recordações daquele momento esvaziam as limitações das minhas grafias, pois é impossível transmitir plenamente a vivacidade e as sensações por meio da escrita. É como se a mera descrição não pudesse capturar a verdadeira essência da experiência.

Observando as crianças dançando, percebe-se que elas transgridem com maestria os limites do espaço destinado à dança. Elas se transformam, se divertem e exploram cada canto, mesmo em um espaço restrito. É fascinante testemunhar como elas conseguem encontrar liberdade e expressão, mesmo em um ambiente aparentemente confinado.

Nesse momento, sinto uma preferência por viajar através de imagens, em vez de palavras, pois imagens têm a capacidade de transmitir emoções, atmosfera e sutilezas que muitas vezes são difíceis de traduzir em linguagem escrita. As imagens permitem uma conexão direta com os sentidos e evocam memórias e sensações de forma mais intensa e imediata. Portanto, ao contemplar a dança das crianças Calon, prefiro permitir que as imagens fluam e sejam absorvidas, apreciando-as em sua plenitude, sem a necessidade de traduzir cada detalhe em palavras. É um momento em que a experiência sensorial e emocional supera a capacidade das letras e nos conecta de maneira mais profunda e genuína ao que está acontecendo à nossa volta.

Figura 94 - Brincadeira de dançar



Legenda: Vitória Barreto e Matheus Kauã dançando dentro do trailer

Fonte: Acervo pessoal

Este brincar das crianças é como as folhas secas que outonam, já dizia o poeta do pantanal. O autor sugere que assim como as folhas caem e se desintegram, a infância também é uma fase passageira da vida que deve ser aproveitada ao máximo. Trata-se de uma reflexão sobre a importância da infância e da brincadeira na formação do ser humano. Desse modo, assim como as folhas secas que caem e deixam vestígios no mundo, as brincadeiras das crianças também deixam um legado importante para as gerações futuras. Neste percurso de brincadeira de dança de Vitória com Matheus Kauã, convido outro autor Korczak (1981, p. 71):

Quem não brinca, não pode entender. Porque não importa a corrida, mas aquilo que acontece dentro da gente. Jogar cartas ou xadrez, por exemplo, o que é? É colocar pedaços de papel na mesa, ou deslocar pedaços de pau. **E dançar, o que é?** É ficar girando em volta. Só quem joga ou dança é quem sabe.

Korczak (1981) sugere que para compreender plenamente algo, é preciso participar ativamente e experimentá-lo por si mesmo. O autor destaca que a importância da brincadeira

não está no objeto ou na atividade em si, mas sim na experiência que ela proporciona. Ele usa exemplos de atividades como jogar cartas, xadrez e dançar, para ilustrar seu ponto de vista. Recomenda que para alguém que nunca jogou cartas ou xadrez, essas atividades podem parecer meramente colocar pedaços de papel na mesa ou deslocar pedaços de pau. Mas para quem realmente joga, há muito mais envolvido na atividade, como estratégia, raciocínio, socialização e diversão. Da mesma forma, para quem não dança, pode parecer que dançar é apenas ficar girando em volta, mas para quem dança, há muito mais envolvido na atividade, como expressão corporal, coordenação, ritmo e prazer. É desse modo que as crianças Calon dançam. Em resumo, o autor destaca que a importância da brincadeira está na experiência que ela proporciona, na vivência do momento presente, e que apenas aqueles que participam ativamente podem entender plenamente os benefícios que ela traz. A brincadeira não é apenas uma atividade infantil, mas uma forma de se conectar com o mundo e com os outros, de explorar, aprender, criar e se divertir.

As crianças se divertiam. O que é possível ler na imagem? Corpos dançantes que se tocam, que fazem mãos se unirem e sorrisos se encontrarem num só ritmo que a palavra não consegue descrever. Muitos elementos entram no entrelaçamento dessa brincadeira. As crianças Calon derretem à noite. Aprendo seus brincares dançantes.

A imagem acima não mostra, mas Vítor Barreto estava cantarolando em seu violão e as crianças respondiam à sua música. Quando o vi, pelas primeiras visitas à casa de sua mãe, Virgínia Barreto, falei para eles e ao vento: “Esse menino tem jeito de cantor, de famoso, descansarei na primeira fila para assisti-lo cantar, um dia!”. Quando ouvi um risco atrapalhando sua voz, pedi ao menino que estudasse o canto das aves do poeta Manoel de Barros. Vítor gorjeia como o cigano Vásyá Pé-Branco, o das lendas de Ferrari, que aprendeu a tocar acordeão e violão. Desde então, após estudos de canto, o Calon tem seguido em frente e está virando sucesso na Bahia. O risco de voz não mais atrapalhou o Calon, pois se tornou risco firme, sem o traçado musical. A despalavra de Barros fez Vítor compositor de músicas de lamentos e de sofreguidão, o menino passou a conversar mais. Nasceram músicas divulgadas por um agente musical baiano, daqueles que tornam pessoas com dom de cantar famosas. O som de Vítor Barreto deu liga, deu palavras de canções com aroma cigano.

2.14.3 Brenda, sete anos e outras histórias

Figura 95 - Moisés, Miriam e Brenda



Fonte: Acervo pessoal

Era aquele dia prometido “só para as meninas”. Brenda se aproximou de mim com Mirella e Míriam. Acordo no trailer, no quintal que não me pertence. Inspirei com gosto o ar fresco da manhã, o mesmo frescor que cai no rosto das crianças Calon.

Brenda e as meninas já se encontravam aos arredores, os meninos também. Quando eles se aproximaram, Brenda gritou primeiro: “Eh, aqui não, hoje é só a gente, vão embora daqui”. Desde o início da escrita do Brincar, engolimos a voz do Calon em referência à interdição de meninos brincando com meninas e sabemos que é o costume deles. Por conta disso, recorro a Korczak (1981) quando menciona uma passagem sobre o que pensa a criança que está dentro dele, quando termina suas tarefas de escola e pede à sua mãe dinheiro para o bonde. Esta aproveita seu pedido e solicita-lhe que entregue um vestido para sua tia, além de chamar sua atenção para que não se perca na rua. Em resposta, o menino, personagem narrador, sem querer, fez comparação em seu pensamento em relação ao gênero: “Uma menina talvez o perderia; eu não. Ao reclamarem conosco por sermos homens, acirram nossos ânimos contra as meninas.

Que culpa temos nós? Foi Deus que nos criou assim” – argumenta Korczak (1981, p. 79). Assim como Brenda, as crianças de Quissamã sabem das regras que lhes são impostas.

Do ponto de vista de gênero, Adichie (2017, p. 21) responde à sua amiga, quando lhe pergunta como criar uma menina: “Ensine a ela que 'papéis de gênero' são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa 'porque você é menina'. 'Porque você é menina' nunca é razão para nada. Jamais”. A autora, Chimamanda Ngozi Adichie, expressa uma opinião forte e importante sobre a questão de gênero e sua influência na criação de meninas. Ela enfatiza a ideia de que a imposição de "papéis de gênero" é completamente absurda e que as meninas não devem ser limitadas ou restringidas por estereótipos de gênero. Em vez disso, sugere que as meninas devem ser criadas com a compreensão de que são capazes de fazer qualquer coisa que quiserem, independentemente de seu gênero. Essa visão é consistente com muitas correntes feministas que argumentam que as diferenças de gênero são construções sociais que limitam o potencial das mulheres. Ao encorajar as meninas a não se limitarem pelo gênero, Adichie está incentivando uma abordagem mais igualitária e inclusiva da educação, que permite que as meninas alcancem seu pleno potencial.

No entanto, deve-se notar que a opinião de Adichie pode ser controversa para algumas pessoas que defendem uma abordagem mais tradicional para a criação de meninas. Ainda há muitas pessoas que acreditam que há diferenças inerentes entre homens e mulheres que justificam a imposição de papéis de gênero específicos. Mas a mensagem de Adichie é importante para desafiar essas percepções ultrapassadas e promover a igualdade de gênero. Neste contexto, em Mathias, as meninas só são permitidas a brincar com meninos enquanto não atingem o primeiro rito da vida, o da menstruação.

Cabe lembrar que era o momento das meninas naquela manhã de domingo. Até esse momento, tudo que se fazia no acampamento era comentado, mesmo que elas não participassem. “Tia você ontem contou historinhas, quero contar a minha e depois você vai contar as dos meninos pra gente”. Quando já ia narrar uma história para elas, Brenda me interceptou mostrando que sabia contar histórias também:

Era uma vez sete anões e uma princesa. Aí essa princesa tinha um homem muito ruim, fazia pegadinha com ela e ela também fazia com o irmão e o irmão também fazia brincadeira com ela muito ruim como trancar ela no quarto, trancar no banheiro e jogar um monte de coisas estragadas nela.

Mais uma vez, convido Korczak (1981, p. 83):

Vocês acham a nossa linguagem pobre e desajeitada porque não dominamos a gramática. Por isso acreditam que nós pensamos pouco e pouco sentimos. Nossas crenças são ingênuas, porque não possuímos o saber que está no livro, e o mundo é muito grande. Entre nós, a tradição substitui a lei escrita. Vocês não compreendem os nossos rituais nem percebem a natureza dos nossos problemas.

O autor sugere que há uma tendência em subestimar a capacidade das crianças de compreender e lidar com questões complexas, tanto na linguagem quanto na cultura. Argumenta que a falta de domínio da gramática e do conhecimento formal não significa que as crianças não tenham uma compreensão profunda e significativa do mundo. A seguir, enfatiza que as crianças possuem uma sabedoria intuitiva que lhes permite compreender questões complexas de uma forma que muitas vezes é ignorada pelos adultos. Além disso, enfatiza que a tradição e a cultura são muitas vezes mais importantes do que a lei escrita, e que as crianças podem ter uma compreensão profunda e significativa dessas tradições e culturas.

Esse fragmento é importante porque nos lembra que as crianças possuem uma compreensão única do mundo, que deve ser valorizada e respeitada. Elas têm a capacidade de compreender questões complexas e importantes, mesmo que não tenham o domínio completo da gramática ou do conhecimento formal. Além disso, o autor destaca a importância da tradição e da cultura como fontes de sabedoria e conhecimento, e sugere que as crianças podem ter uma compreensão profunda e significativa desses aspectos da vida.

Brenda foi a que mais participou dos nossos momentos narrativos, a ponto de recontar as histórias de *Tidinho* e as dos contos de Ferrari. Ela repetia tudo, como uma contadora de histórias usando o seu linguajar infantil, substituindo por personagens diferentes, principalmente, nos contos dos ciganos. Gostei mais de viajar com as palavras de Brenda do que com as minhas. Após muitas escolhas de leitura e releitura das mesmas para as crianças Calon, muitas vezes, naqueles dias de pouso, não sabia se estava no caminho certo ou não de minhas ideias. Desse modo, aprendi com os sentidos das poesias de Barros (2016) que atravessam meus escritos com o Brincar. Teria que enxergar o cotidiano deles “ao ponto de ver no olho de uma garça o perfume do sol”⁶⁵. A garça é sagrada, ver no olho dela significa enxergar o outro e seus costumes, aprender com eles o que nos ensinam. Também destaca a importância de se conectar com o mundo ao nosso redor em um nível mais profundo e sensível. Ao fazer

⁶⁵ Inspirada em Barros, 2016. Retrato do Artista quando coisa.

isso, podemos desenvolver uma compreensão mais completa e rica da vida das pessoas e da natureza, e apreciar a beleza e a complexidade da existência humana. Além disso, a expressão sugere a importância de cultivar a empatia e a compaixão por outras formas de vida, o que pode levar a uma maior consciência e cuidado com o meio ambiente ou com algum indivíduo. Pelas histórias de Branca de Neve contadas por Brenda, que nem sequer mencionou o espelho da madrasta, aprendi que a menina quis dizer muita coisa, mas paremos por aqui.

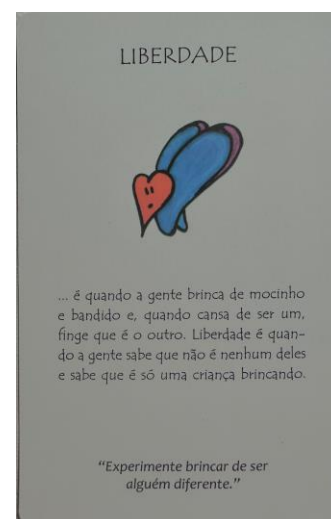
2.15 A carta da “Liberdade” – O boneco vodu: terra e fogo

2.15.1 A nossa chegada

Caminho novamente com a carta "Liberdade" de Patrícia Gebrin (2021), pois a palavra "liberdade" pode ter muitos significados diferentes. A liberdade pode ser entendida como o direito das pessoas ou grupos de tomar suas próprias decisões sobre suas vidas e destinos sem serem controlados ou interferidos por outros. Isso significa ter a capacidade de escolher livremente, sem ser limitado por leis, costumes sociais, governos ou outras formas de controle, tal como os ciganos vivem. Além disso, a liberdade pode significar a liberdade de expressão ou de pensamento. Liberdade também é sentir-se livre para viver de acordo com seus próprios sonhos e desejos, tendo o poder de escolher o próprio destino. É ter a oportunidade de ser quem você realmente é, sem ser obrigado a seguir as regras dos outros. E, finalmente, a liberdade é poder respirar profundamente e sentir a sensação de liberdade ao seu redor.

Durante as brincadeiras, liberdade é poder brincar livremente sem ter limites de tempo, sem ter pai ou mãe chamando, é poder criar, se sujar com lama, correr até não poder mais, desenhar e inventar. A liberdade é realmente algo incrível, quando se trata de brincar. Ao chegar no acampamento, sentimos uma sensação de liberdade que nos transporta para um outro lugar. É como se estivéssemos em um quintal diferente, um espaço que nos permite sermos livres e nos divertirmos sem preocupações.

Para descrever essa sensação, escolhi a Carta Brincante de Gebrin (2021), que representa o naipe da liberdade. Quando brincamos juntos, é como se todos estivéssemos experimentando a mesma liberdade que os ciganos vivem em seu estilo de vida nômade.



Esse dia no acampamento foi inesquecível, especialmente para mim, pois me aproximei muito das crianças. Elas estavam no meu quintal, e não mais no delas, e tiveram a liberdade de serem elas mesmas, sem a vigilância dos pais. É incrível ver como as crianças se soltam e aproveitam cada momento de diversão quando se sentem livres.

A pandemia de Covid-19 mudou muitas coisas em nossas vidas, incluindo as tradições e festas que costumávamos celebrar. Nunca havia presenciado um carnaval fora de época antes, mas devido aos períodos de reclusão e restrições, muitos eventos foram adiados ou cancelados. Tudo ficou confuso e estranho, como se estivéssemos lidando com um inimigo invisível e desconhecido que grudava em nossas mãos e órgãos respiratórios. Foi um período difícil, mas também nos mostrou a importância da liberdade e da conexão com outras pessoas, mesmo que fosse por meio de uma brincadeira ou um simples momento no acampamento.

Após uma fase de pesquisa difícil e intensa, o retorno a Quissamã era um momento muito esperado. Finalmente, em uma quinta-feira, no dia 24 de fevereiro de 2022, chegamos ao nosso destino. Nesse dia, experimentamos uma sensação de liberdade dupla e intensa, impulsionada por dois motivos significativos.

O primeiro motivo foi o alívio de poder finalmente remover as máscaras faciais que havíamos usado por tanto tempo. Durante a pesquisa, adotamos rigorosas medidas de segurança para proteger nossa saúde e a dos outros. O uso constante das máscaras era uma constante lembrança da situação desafiadora que enfrentávamos. A possibilidade de retirá-las trouxe um senso de alívio e libertação, permitindo-nos ver os rostos uns dos outros e respirar livremente. Além disso, o segundo motivo para a intensa sensação de liberdade foi a chegada da vacina. Após meses de espera e incerteza, finalmente tínhamos acesso à proteção contra a doença que tanto havia impactado nossas vidas. A vacinação trouxe consigo a esperança de um retorno gradual à normalidade, eliminando a sensação sufocante que nos acompanhava por tanto tempo. Agora, podíamos respirar sem restrições, confiantes de que estávamos protegidos.

O retorno a Quissamã, portanto, representou um marco simbólico em nossa jornada. Era um momento de celebrar a superação das dificuldades enfrentadas durante a pesquisa e de abraçar a liberdade restaurada. As máscaras foram deixadas para trás, as restrições foram diminuídas e a vacina nos proporcionou a confiança necessária para seguir em frente. A partir desse momento, a energia renovada e a sensação de liberdade nos impulsionaram a avançar em nossos projetos e abraçar as oportunidades que se apresentavam. O retorno a Quissamã marcou um ponto de virada em nossas vidas, reafirmando a importância da perseverança e da esperança em tempos difíceis.

Figura 96 - O trailer



Fonte: Acervo pessoal

Durante nossa visita ao acampamento, enfrentamos um clima quente e úmido, com o termômetro marcando mais de 40°C. Chegamos lá em nosso veículo recreativo, provenientes de São Paulo, e acampamos por vários dias perto da comunidade Calon. Durante esse tempo, percebemos que o conceito de "quintal" não era restrito a um espaço privado, mas poderia incluir até mesmo as ruas sem dono do acampamento.

Josivaldo, um menino de 12 anos, nos ajudou a encontrar um local para acampar. Ele tem uma relação afetuosa com seu tio Gola, o chefe de acampamento, que atendeu ao seu pedido. Observamos o carinho com que Gola tratava o menino.

Quanto à liderança num acampamento cigano, Cunha e Athias (2019) estudaram o acampamento de Sousa, na Paraíba, e afirmam que os líderes devem fazer contato com o governo para solicitar políticas públicas, assim como outras comunidades tradicionais fazem. Além disso, ser líder significa adquirir um novo status. Os autores também apontam que, nesse universo, as relações são geralmente mediadas por homens mais velhos. No entanto, não

presenciamos Gola fazer qualquer tipo de contato com as autoridades locais em nome da sua comunidade.

É importante destacar que os Calon têm os mesmos direitos que qualquer outro cidadão brasileiro, mas ainda enfrentam invisibilidade, falta de proteção e assistência das autoridades brasileiras. Em parte, isso se deve a políticas excludentes e discriminatórias. Por outro lado, o estilo de vida nômade é uma escolha para alguns e uma necessidade para outros.

Muitos são itinerantes para evitar conflitos com a sociedade circundante ou para buscar meios de subsistência. Em Quissamã, a leitura de mãos é uma das maneiras de ganhar dinheiro, mas essa arte divinatória também faz parte do deslocamento da comunidade. É importante ressaltar que os Calon não são nômades por escolha própria ou por serem um povo livre que prefere viver perto da natureza, como muitos imaginam. Eles se deslocam por necessidade, muitas vezes para evitar conflitos com a sociedade ao seu redor e também para ganhar dinheiro e sobreviver. Além disso, eles tentam manter um certo grau de invisibilidade social. No entanto, pesquisadores têm escrito sobre eles com o objetivo de dar visibilidade à sua luta por dignidade e reconhecimento como parte da formação étnica brasileira, uma vez que muitas vezes são desprotegidos e desassistidos pelas autoridades brasileiras, devido a políticas excludentes e discriminatórias.

Em Mathias, o Calon Disson e outros do acampamento me disseram que o Sr. Gola, um idoso do acampamento, veio na frente e comprou uma fazenda inteira e alguns loteamentos ao redor. Segundo informações, aquele espaço, por ser longe do centro de Quissamã, não é muito caro. O chefe do acampamento não busca políticas públicas pela Prefeitura, mas ajuda Alex, candidato a vereador com essa intenção, que já saiu do acampamento, deixando sua casa de alvenaria com a igreja evangélica na frente de seu quintal. Em diálogo com mulheres Calin, percebi que o Sr. Gola não pode ter domínio da residência em que vivem, pois foi comprada pelos seus esposos e elas não se veem a dar satisfação ao sr. Gola. Neste contexto de liderança, percebi uma pequena preocupação da comunidade em relação ao seu líder. O menino Calon Josivaldo é parente bem próximo ao líder Gola, portanto, acampamos em um de seus lotes, do outro lado do acampamento Mathias, perto de três barracas, a de Nóia era uma delas. O Sr. Gola soube da minha pesquisa, mesmo que não tenha características de liderança, cooperou por juntar o seu povo.

2.15.2 O campo brincante e o Calon Felipe

Já me referi ao espaço brincante, onde o lagartixa defunto se encontra enterrado e se solta pipa, mas convém escrever com mais detalhes. No carnaval fora de data festiva carnavalesca, decidi acampar nele, o único lugar brincante, e fiquei surpresa ao encontrar casas de alvenaria no local. Queria ter meu quintal, exatamente ali, e ficar mais de perto das crianças e entender melhor suas brincadeiras, mas o lugar já havia sido ocupado por construções. Como mencionei anteriormente, o campo brincante que existia antes, não existe mais.

Tenho a necessidade de escrever mais uma vez sobre o espaço brincante do acampamento Mathias. É triste ver que as crianças ficaram sem área de lazer, especialmente porque o terreno foi ocupado por "brasileiros". Lembro de ter conversado com Ravel, um menino Calon, que me disse: "Estamos sem lugar para brincar, tia. Acabou tudo". É preocupante que um espaço que antes era destinado ao lazer e à brincadeira das crianças tenha sido ocupado por construções e que a comunidade tenha perdido um local tão importante para seu convívio. Também não entendi por que o Sr. Gola não se preocupou em comprar o espaço do campo. Era difícil ter acesso ao líder para questionar. Além disso, fiquei curiosa em saber quem teria comprado aquela terra. Como conversei com membros da comunidade Calon, eles me disseram que o Sr. Lúcio vendeu pedaços de terra para pessoas não-ciganas, e muitos deles eram "brasileiros". Não sei ao certo quem comprou o terreno onde as crianças costumavam brincar, mas é triste pensar que essa área foi comprada por alguém que não se importou com a relevância desse espaço para a comunidade.

Durante minhas conversas com os Calon, percebi que a venda dessas terras gerou muita especulação. Algumas pessoas diziam que o Sr. Lúcio vendia os terrenos a preços baixos para se livrar deles, enquanto outras achavam que ele os vendia por preços altos, buscando lucro. A verdadeira intenção do Sr. Lúcio ainda é incerta, mas é inegável que a venda dessas terras acabou com um espaço tão importante para as crianças da comunidade.

Também me perguntei por que o Sr. Gola, líder da comunidade Calon, não se preocupou em comprar o terreno do campo brincante. Infelizmente, era difícil ter acesso a ele para questioná-lo sobre isso, mas acredito que ele tenha suas razões para não ter tomado essa iniciativa. De qualquer forma, é triste pensar que as crianças perderam um espaço tão valioso para suas brincadeiras e lazer. Espero que a comunidade Calon consiga encontrar uma solução para esse problema e que as crianças tenham um lugar para brincar novamente.

Depois de "posados", fui ao encontro de Virgínia e Disson. Nesse ínterim, um rapaz me segura nos braços. Era o Calon Felipe Soares, de 23 anos:

A senhora pesquisa brincadeira das crianças né, há muito tempo tenho visto a senhora por aqui, mas nunca apareci, mas agora quero lhe falar sobre as minhas brincadeiras de infância, quer ouvir? Dona, sou letrado, viu, fiz até o ensino médio, sei escrever.

O fragmento acima destaca o momento em que Felipe me interpelou. Ele deixou claro que não queria ser filmado ou fotografado e pediu que sua privacidade fosse preservada. Isso me surpreendeu, mas respondi que não poderia escutá-lo sem realizar a pesquisa, que tratava do Brincar das crianças Calon, uma pesquisa lúdica e que sem a sua autorização, nada poderia ser feito. Virgínia e Disson conversaram com ele em Chibi, idioma utilizado pelos ciganos, e explicaram sobre a minha pesquisa. Após alguns minutos de conversa, Felipe se sentiu seguro e refletiu sobre assinar o Consentimento para participar da pesquisa. No entanto, ele impôs uma condição adicional, que nenhuma criança estivesse presente enquanto conversávamos. Considero essa condição fácil de lidar, mas também evidencia a preocupação de Felipe em proteger a privacidade dele, o que no momento não entendi.

Em relação à interpelação de Felipe ao me chamar na rua, pelos escritos de Néli Falcão Barbosa (2019, p. 187) tento decifrar melhor que “a escrita de uma tese contextualiza a ação dos sujeitos da pesquisa. Isso envolve produzir sentidos e, muitas vezes, ler o que está nas entrelinhas [...]”. Segundo a autora, ao assumir uma criança como sujeito e entendê-la de modo singular, junto ao mundo à sua volta, é preciso também assumi-la como alguém que produz enunciados, que dá respostas a partir do lugar único que ocupa no mundo. Barbosa (2019, p. 187) enfatiza que a pesquisa com crianças acontece em “três planos: ser observadora, ser observadora participante e a relação de alteridade que resulta num lugar de quem é observado pelas crianças”. Pelas trilhas do raciocínio da autora, Felipe manteve uma “relação de alteridade” comigo, pois, como ele disse, “há muito tenho visto a senhora por aqui”. Ele me observava de longe, não me deixava conhecê-lo, embora eu já tivesse ouvido falar de sua existência. Convém ressaltar que Virgínia falou-me de Felipe, de sua vida particular, mas dando-me poucos detalhes, não interessantes para a pesquisa atual, pois o Calon não é mais criança. Ainda bem que Felipe me achou e me deu muitos detalhes do brincar de crianças Calon, respeitei o pedido do meu interlocutor.

2.15.3 “Dona, sabe o que define nossa brincadeira no passado é só as barraquinhas”

A primeira atitude veio do Calon. Sem esperar, pegou o meu caderno e começou a escrever. Eu não entendia muito bem a sua pretensão. Somente depois, ao ler, observei que escrevera sobre sua vida, acerca do que sente enquanto adulto, suas aflições, seus desejos. Acredito também que a intenção era mostrar-me sua desenvoltura na escrita, o que é raro para os meninos do acampamento. Minutos depois, falei-lhe que não seria conveniente o que escrevera para a minha pesquisa, pois o meu interesse era saber como ele brincava, com que brinquedos costumava se divertir enquanto criança.

Passados alguns minutos, houve mais proximidade entre nós. Percebi que olhava para as minhas tatuagens, deu-me a entender que ele sabia muita coisa a meu respeito. Tratos acertados, nenhuma criança por perto. Ledo engano, estarei mentindo para o meu leitor: havia Moisés, sentado numa cadeira um pouquinho longe, mas Felipe não se incomodou com ele. Nosso quintal era o maior do mundo naquele instante, mas não tão grande quanto o de Manoel de Barros. Era possível vislumbrar uma testemunha: a árvore daquele espaço, com caules finos e cheia de braços que, de vez em quando, viravam aposentos para as crianças.

Interessante ressaltar que, desde que cheguei ao acampamento, pergunto aos mais velhos do que brincavam quando crianças. O posicionamento era o mesmo: “Ah, assim, boletas (bolas de gude), carrinhos, bonecas, casinhas”. Entretanto, Felipe me convidou para me oferecer mais detalhes. Diante da natureza, o Calon começou com os instrumentos que regem as palavras de Barros: com galhos da árvore que usamos para nos refrescar, com dois simples pedaços de madeira, tudo estava ali, no território do brincar. Qualquer artefato que a natureza oferece para o ser humano vira brinquedo nas falas de Felipe. Entendia muito bem o que me solicitava: “Dona, eu só preciso de dois pedaços de galho, mas tem que ser meio grossinhos”. Aproveitei a melhor oportunidade para conhecer as brincadeiras das crianças Calon pelos gestos e olhares de um jovem Calon, que não pretendia investigar. Com o passar das horas, Felipe confiou mais em mim:

Oh, dona! não existe mais infância no meio dos ciganos. Nós brincava de pique-esconde, pique-pegas, sabugo de milho para brincar com bonecos de sabugo de milho, nós éramos muito mais pobres. Samira e eu brincava com os bonecos desse aqui, igualzinho (refere-se ao boneco de galhos de árvore que estava montando). Meu pai bebia muito e não tinha dinheiro. Os cabelinhos que era bonito. Eram essas ramas de passarinho que dá alpiste. Eu tive uma infância encabulada porque minha mãe me abandonou e meu pai me criou. De lá por diante eu vim embora pra aqui. Comecei estudar, fiz amizades. Quando interei 13 anos, eu me casei, eu fiz festa. Foi a minha primeira mulher. Casei,

separei. Atualmente me encontro solteiro, disponível, à procura de um novo amor, que seja rica, que pobre basta. Quando se casa não pode ter relação antes do casamento. Acho certo, pois nós casa novinho. Oh, dona! Eu era tão pobre naquela época que brincava de panelinha com a samira. Dona, sabe que o que define nossa brincadeira no passado é só as barraquinhas. Toda barraquinha que todo cigano tem, que a gente botava num cantinho.

Caminho ao longo de meus escritos com Barros, porque ele escreve seus poemas como se fosse uma criança Calon que brinca. Desse modo, cria o seu mundo de lesmas, de caracóis, o seu mundo imaginário, como Felipe que nos desloca para fora da nossa realidade. Assim, quando uma criança usa a imaginação quando brinca, ou até mesmo quando ouvimos palavras tristes, que as de Felipe não são as únicas, temos muito que ficar atentos ao seu modo de brincar e de se comunicar. Naquele momento, misturamos menino fazedor de brinquedos naturais e menino sofredor na infância.

Em comunhão com a escrita de Felipe, colheto a de Barros (2015, p. 102) que discorre: “Penso que só com a desarrumação sintática se consegue atingir o acriançamento do idioma. Eu queria chegar ao borrão de cada palavra, aos primeiros vagidos delas”. Barros, reemete à importância da desarrumação sintática para alcançar o acriançamento do idioma. A ideia de desarrumação sintática sugere uma quebra com as normas e convenções da língua, permitindo uma experimentação com a linguagem e uma exploração de novas possibilidades expressivas. Ao falar sobre querer chegar ao "borrão" de cada palavra e aos "primeiros vagidos" delas, Barros parece estar buscando uma forma de voltar ao início, ao momento em que a linguagem ainda estava em sua forma mais rudimentar e espontânea, como no momento em que as crianças começam a balbuciar suas primeiras palavras. Essa reflexão de Barros aponta para uma valorização da infância e do seu processo de aprendizado da linguagem, que é marcado por uma experimentação e uma busca por novas formas de expressão. Também sugere uma busca por uma linguagem mais livre, menos presa às regras e às convenções, que possa refletir a espontaneidade e a criatividade da infância.

Felipe recorda a sua infância, a sua família e sobretudo a sua classe social dentro da comunidade Calon. Encosto-me no borrão de suas palavras dos primeiros suplícios do Calon. Ouço seu rosto, tantas coisas escondidas, olho para seus lamentos e cada palavra traz o engasgado em Felipe, mesmo que desarrumado sintaticamente, mas que atinge o acriançamento de palavras sopradas por ele. Barros (2015, p. 11) assinala que o conhecimento não só se adquire em livros, vem por outros meios: “era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial?”. O autor sugere que o conhecimento pode ser obtido através de diferentes maneiras e de experiências sensoriais, não apenas pela leitura ou escrita. Esse tipo de saber, que

envolve a experiência direta com o mundo, que seria considerado primordial. Essa reflexão pode ser interpretada como uma crítica à valorização excessiva do conhecimento teórico e acadêmico em detrimento do conhecimento prático e empírico. Resumindo as palavras carregadas de figuras e fantasias em relação à Felipe, a valorização de outros saberes. Não só Felipe, mas todas as crianças Calin possuem um saber interior, perfeito e correto para eles, um saber tradicional, que poucos “brasileiros” sabem. As crianças Calin brincam e muito, como já dissemos aqui.

Figura 97 - Meninas Calin



Legenda: Brenda perto de Yara, lá na frente. Miriam, de mãos na cintura com sua irmã, Mirella. A pequena, de shortinho, é sobrinha de Diana; Alana, de três anos, está de amarelo, Vitória está ao lado de Diana.

Fonte: Acervo pessoal

A cena diante de mim, refletida pela imagem, era como uma metáfora da opressão e da limitação das meninas Calin. Elas olhavam com indignação umas para as outras, como se estivessem aprisionadas em uma gaiola invisível, impedidas de se juntarem a mim nas

brincadeiras. Enquanto os meninos podiam seguir em frente sem restrições, as meninas eram obrigadas a voltar, seguindo padrões tradicionais que as restringiam.

A rua em que estávamos era a que lhes pertenciam, enquanto moradoras, mas soava como uma barreira dura e inflexível, que impedia as meninas de ultrapassarem os limites impostos pela sociedade. Seus desejos eram como chamas encandescentes, ansiosas por se juntarem às minhas brincadeiras, mas eram sufocados pelo peso das tradições. Eu pude sentir a frustração das meninas, sua vontade de quebrar as regras e serem livres para explorar e se divertir. Infelizmente, elas ainda estavam presas a essas normas, incapazes de seguir seus próprios desejos e vontades, mas sempre acabam entendendo, posteriormente, que devem seguir a tradição Calon do acampamento Mathias de Quissamã, e brincam entre elas.

2.15.4 Sou Calin de alma, “Júrinzinha”

Até o momento de minha pesquisa aceito ser “brasileira” como me chamam. O pastor da igreja de um acampamento que fui, depois de Quissamã, disse que meus antepassados eram ciganos, que sou Calin; outros, que tenho alma de Calin. O Calon Disson e a Calin Virgínia gostam de me ver vestida como ela. “Você é Calin de alma, porque nos respeita”. Entendo todas as explicações, mas ser a “brasileira”, desde do início, sempre me causou curiosidade na escrita. Quando estávamos no acampamento, perguntamos às crianças: “por que nos chamam de brasileiros? Se somos brasileiros, vocês são o quê? – responderam: ‘Calon’”. Acredito que, para eles, somos “brasileiros” porque somos povos sedentários, gostamos de pousar num só lugar. Então, “brasileiro”, para eles, fantasio que seja um povo que não sai por aí como “Viajantes do Luar”⁶⁶, como os ciganos.

Monteiro (2018, p. 289), neste vasto contexto de nomenclaturas dadas a nós, pesquisadoras, argumenta que “as festas foram espaços de grande aprendizado para mim que não sou uma Calin, mas muitas vezes era apresentada como ‘é uma júrinzinha’, ‘é quase uma de nós’, ‘vive como nós’”. Em outros momentos, a autora busca revigorar o modo como era chamada entre a Rede Calon de Sousa, Paraíba:

[...] Nenhuma criança nunca me chamou de 'Minha prima', embora os termos “minha veia” e “meu bem” sempre foram utilizados. Em um determinado dia, durante a pesquisa com a Rede da Costa, utilizei o termo “meu primo”, direcionado a uma criança. A expressão dele foi silenciosa (MONTEIRO, 2018, p. 141).

⁶⁶ Esta expressão nomeia a nossa casa recreativa (trailer).

A estudiosa relata em sua pesquisa que, em sua experiência, que nunca foi chamada de 'Minha prima' por nenhuma criança, embora tenha ouvido as expressões “minha veia” e “meu bem”. No entanto, em um determinado dia durante a pesquisa com a Rede da Costa, ele utilizou o termo “meu primo” ao se dirigir a uma criança, e notou que a reação dela foi silenciosa. Posso acrescentar que na região de Quissamã, a nomenclatura parental de primo ou prima não é comumente utilizada pelos Calon e pelos não Calon. Em vez disso, utiliza-se a distinção entre *gadjin* (não Calin) e *gadjon* (não Calon). Essa observação evidencia a importância de compreender as particularidades culturais de cada comunidade, e como isso pode influenciar a forma como as relações familiares e sociais são estabelecidas e expressas.

2.15.5 A construção do brinquedo com coisas da natureza

É preciso que se esclareça que Felipe casou-se aos treze anos e as brincadeiras de barraquinha, bonecos da natureza, foram substituídos por responsabilidades e deveres de provedor de sua família. Isso também ocorre com as meninas, pois levam a sério a tradição, como muitos enfatizam.

Felipe me mostra como construía seus brinquedos com a mãe natureza. O Calon escolhe, tateia, percebe, sente a espessura de dois galhos análogos a um corpo que dá sustentação a um brinquedo. A nossa provedora árvore dá-nos sombra e peças para fazer brinquedos de natureza, estava quente, ela era o nosso ar condicionado natural. Felipe sabe que algo deve dar sustentação ao brinquedo, me pede um pedaço de pano. Digo que não tenho. Ele olha para o chão de grama, um vento nos presenteia com um pedaço de tecido para dar vida ao brinquedo. Surgiu um tecido roxo de voil (liso, fino e armado). Estava exatamente ali, no nosso quintal, mesmo antes da ventania. O Universo nos ajudou para que o rapaz achasse aquele artefato em meio a tantas folhas secas. Provavelmente, restos de cortes dos vestidos das Calin que o elemental ar, deixou ali, para a minha pesquisa. Comecei a entender o que Felipe pretendia.

Figura 98 - Felipe Soares, 23, e o boneco feito de natureza



Foto: Acervo pessoal

Pela imagem, percebo agora a timidez do rapaz, que mesmo sem querer me liberava aos poucos para gravá-lo. Assisto a Felipe, sem interrupções, sem perguntas. O rapaz pega duas varetas da árvore, que nos observam. “O cabelo, eu sei fazer, pera aí... aqui, achei, matinhos feitos alpiste de passarinho”, exclama o Calon. Na mão do rapaz, uma rama com sementes verdes que passarinho gosta. Observo a construção do brinquedo com coisas da natureza: os galhos em formato de cruz colocam-no em pé, o tecido roxo cobrindo-lhe as genitálias, o alpiste dobrado forma a cabeleira. Pronto. O sopro humano foi quando Felipe deu-lhe cabelos e vestiu-o. O rapaz Calon não pertence à geração “criança-Calon-adolescente”, ou seja, um adolescente ainda por casar, já passou dessa fase, mas ainda pensa como tal.

Piorsky (2016, p. 20) sustenta que os “brinquedos da terra são mimeses da vida social”. Segundo o autor, ao usar a terra e o que se encontra no seu arredor, buscamos o diálogo da criança com a natureza. “No universo dos brinquedos da terra, há uma rica diversidade de materiais”. Tudo se encontrava no nosso quintal, tendo a árvore como testemunha junto ao gravador e ao meu caderno de campo. O autor busca trazer os tipos de brinquedos: “As brincadeiras de casinha e as de cabana, de fazendinha [...], de boneca, de carroça, de carrinhos,

incluindo os carros de boi, de madeira, de vara e de lata [...]” – argumenta Piorsky (2016, p. 20) – são exemplos de brinquedos. Ali, naquele pedaço em que escolhemos para conversar, galhos, folhas, inclusive um pano roxo, representam brinquedos construídos com a terra, por Felipe. Os matinhos de alpiste viraram cabelos, galhos se humanizaram para dar vida ao boneco do Calon, estava tudo ali, no nosso quintal.

Ainda o boneco precisava de uma feição. O Calon enrola o alpiste no meio da cruz e faz a vestimenta do boneco com o tecido lilás achado em meio a caracóis e lesmas do quintal do Gola, do nosso quintal temporário. Então, Felipe dá vida ao boneco, põe-no em pé, faz andar sobre a mesa de ferro. “A gente pegava esse boneco antigamente e ficava brincando, mas eram dois bonequinhos. É mentira, Diana?”. Nesse momento, as crianças se aproximavam, e indaguei a Felipe se era para eu impedir a vinda delas, conforme o nosso trato, ou deixá-las se aproximar. Respondeu-me para dar-lhes permissão. O boneco vira humano na mão do Calon, as crianças observam, tem a permissão do Calon para se aproximar.

2.15.6 Os brinquedos da terra mantêm as crianças em suas raízes ancestrais

Arrisco-me, neste momento, a trazer a carta brincante da “Magia” de Patrícia Gebrin (2021). Magiar é usar o poder da mente para criar fantasias de crianças quando brincamos com elas. Magia ocorre quando me deito no sofá da barraca junto ao boneco de brinquedo que Felipe construiu para a minha pesquisa e fico sonhando acordada lá dentro. Isso é magia. “Imaginando todas as coisas que quer que aconteçam”, coisas do tipo das palavras de Felipe, quando me deseja sorte na escrita e que o boneco seria o meu talismã, para concretizar sucesso na empreitada. Na magia do imaginar, a mente se liberta para voar. Hoje, ele se encontra entre os meus objetos mais preciosos, servindo-me como um talismã para me guiar nas escritas sobre o brincar das crianças Calon.

Naquele dia, as crianças estavam agitadas, brincando com cobra morta, achada pelo quintal, e disputando a posse da câmera fotográfica que levei especialmente para elas. As brigas ingênuas trouxeram-me uma passagem bíblica: “Deixai vir a mim as criancinhas, pois é delas o Reino dos Céus” (Mt 19:14). Nessa frase, compreendo que os adultos deveriam imitar as crianças em sua capacidade de brigar, discutir e fazer as pazes rapidamente. Aqueles que agem



assim possuem espíritos iluminados, assim como as crianças, que estão em sintonia com o universo e com a natureza que compartilha o espaço universal.

Gostaria de acrescentar com as palavras da dona da carta da Magia, que nos ensina a arte de se relacionar sem medo de recuperar a inocência e a pureza da infância.

Posso te ensinar a ser alegre de novo ... a empinar papagaios lá no alto do céu ... a sair pelo mundo à procura de amigos ... a dar valor às coisas simples da vida ... a dançar uma música bonita com quem você gosta... a tomar um delicioso sorvete de chocolate ... a chorar de alegria ... e de tristeza ... a amar ... sem medo ... (GEBRIN, 2021, p. 44).

As palavras de Patrícia Gebrin apresentam uma série de atividades que podem trazer alegria e prazer à vida das pessoas. A autora sugere que, apesar dos desafios e dificuldades da vida, é possível recuperar a felicidade e a alegria através de atividades simples como empinar papagaios, buscar amizades, valorizar as coisas simples da vida, dançar, tomar sorvete, chorar de alegria e tristeza e amar sem medo. Gebrin (2021) incentiva as pessoas a aproveitarem a vida e a se permitirem sentir emoções intensas, sejam elas positivas ou negativas. A mensagem central é que a vida pode ser mais leve e feliz se nos permitirmos viver plenamente e apreciar as pequenas coisas, assim como as crianças fazem.

Figura 99 - Felipe Soares com o boneco vodu



Imagem 99: Felipe Soares, 23 anos, com o boneco Vodou. (Acervo pessoal)

Escuto, em silêncio, a umidez das palavras de Felipe, que se vira para mim, e fala mais uma vez: “Dona, esse boneco que estou fazendo é pra dar sorte na tua escrita”, e joga-lhe o sopro, mais uma vez. Percebi que Felipe confiava em mim, a ponto de me preparar um talismã. Tudo me inspirava e aproveitava a oportunidade de me aprofundar ainda mais sobre a infância dele. O nosso território do brincar deu-nos oportunidades. O fato de Felipe fazer o boneco é porque seus pais brincavam e ensinaram a ele, deixaram o brinquedo na imaginação dele.

Pelos conceitos de Adriana da Rosa Amaral (2021, p. 99) em relação às brincadeiras com jogos, as crianças aprendem com as crianças mais velhas, ou quando inventados por elas mesmas: “Toda criança pequena gosta de brincar de casinha, de médico, de soldado [...]”. Segundo a autora, as crianças imitam a vida de seus pais e de outros adultos. Quando Felipe construiu um boneco e fez desse brinquedo um talismã, mais do que refletir sobre os conhecimentos de seu modo de brincar, apresentou-me, também, a sua fé, que até aquele momento não fora observada por mim. Segundo Edilma Monteiro:

A infância é um período extremamente importante, entre os Calons, o que as crianças realizam sempre é olhado com grande satisfação e prestígio: os mais velhos orientam, mas deixam as crianças terem experiência com as atividades desejadas [...] (MONTEIRO, 2018, p. 256).

Entre os Calons de Quissamã, ressoam, também, as palavras da autora. A infância é considerada uma fase crucial na vida das pessoas. As crianças são valorizadas e suas realizações são vistas com grande importância e prestígio pela comunidade. Os mais velhos têm o papel de orientar e guiar os mais novos, mas também permitem que as crianças experimentem e aprendam por si mesmas. Isso é visto como uma forma de incentivar a criatividade, a independência e a autoconfiança das crianças. Dessa forma, as crianças têm espaço para desenvolver suas habilidades e interesses individuais, enquanto são apoiadas e encorajadas pela comunidade. Além disso, essa abordagem também promove a transmissão de conhecimentos e habilidades tradicionais de geração em geração, fortalecendo a cultura e a identidade do povo Calon. Desse modo, Felipe aprendeu com um adulto a criar bonecos com a natureza e agora coloca sua criatividade e se torna um agente ativo na produção de sua Calonidade, conforme argumenta Monteiro: “trata-se de uma forma de aceite, por eles”. Ainda de acordo com Monteiro (2018, p. 230), as crianças são importantes no grupo Calon: “sempre pude perceber que as crianças possuem um lugar de destaque, circulam pelo espaço do grupo, não se aproximam de qualquer pessoa, seja Calon ou Juron”.

Piorsky (2016, p. 26) enfatiza que “A imaginação, na criança, é como a semente, que, em contato com a água, sai de sua latência, inibe os hormônios anticrescimento e inicia um poderoso processo elétrico, que acorda informações genéticas antiquíssimas [...]”. O autor alerta que os brinquedos, principalmente os da terra, cumprem essa “função de manter as crianças em suas raízes simbólicas, ancestrais, familiares, comunitárias e telúricas (natureza)” (PIORSKY, 2016, p. 26). Pela análise feita, entendemos que os restos de materiais naturais se transformaram em brinquedos, passados por gerações no grupo Calon de Quissamã. Felipe nos evoca a pensar sobre as brincadeiras relacionadas à sua cultura, “recria uma terapêutica social ao acessar ‘hormônios simbólicos’ guardados em sua imaginação e na própria cultura” (PIORSKY, 2016, p. 49). Essa citação se refere à capacidade da arte e da imaginação em promover uma terapêutica social, permitindo que os indivíduos acessem “hormônios simbólicos” armazenados em sua mente e na cultura em que estão inseridos. Isso significa que a criação artística pode desencadear emoções, sentimentos e memórias que são capazes de curar e transformar indivíduos e comunidades. É importante destacar que a arte e a cultura são fundamentais para a saúde mental e emocional das pessoas, especialmente em momentos de crise ou dificuldade. Além disso, a criação artística também pode ser uma forma de resistência e empoderamento, permitindo que grupos marginalizados e oprimidos possam se expressar e reivindicar sua identidade e dignidade. Portanto, a citação de Piorsky ressalta a importância da arte e da imaginação como ferramentas terapêuticas e transformadoras, que podem ajudar a construir uma sociedade mais saudável e justa. As crianças imitam as suas ancestralidades com características próprias, dotadas de espontaneidade e de uma certa liberdade que a elas é permitida.

O autor vai além quando nos apresenta “os verbos dos brinquedos da terra” (PIORSKY, 2016, p. 100). Segundo ele, as crianças se utilizam de palavras no brincar resultantes de força, de resistir, “de reconhecimento de propriedades e capacidade dos materiais e, sobretudo, do atrito e da veemência do mundo”. Seguindo a imaginação do autor, escolho os seguintes verbos que representam, até o momento, as crianças Calon: *construir* bonecos com galhos, barracas com sacola de plástico; *colher* folhas para fazer dinheiro; *enterrar* lagartixa; *cavar* túmulo para exumação do lagartixa defunto; *esconder* madeira de pique-esconde; *pisar* no chão quente e avermelhado do campo, *jogar* bola, boneco de paraquedas, *soltar* pipa, *dançar* dança de salão. As crianças vivenciam esse faz de conta, brincam de barracas, de casinha antes de estarem prontas para crescerem, virarem adultos e crianças, no mesmo momento, isso é tradição Calon de Quissamã.

Piorsky (2016, p. 26) alerta que “maior mergulho imaginário uma criança terá se puder brincar numa choupana de galhos e folhas do que numa casinha toda especializada, pronta, de materiais frios e sintéticos, com todos os equipamentos e botões”. O autor destaca a importância da imaginação na brincadeira infantil e alerta que as crianças têm uma experiência imaginativa mais rica quando brincam em espaços que estimulam a criatividade, como choupanas feitas de galhos e folhas, em comparação com brinquedos prontos, feitos de materiais sintéticos e com botões que fazem tudo sozinhos. Essa afirmação nos leva a refletir sobre a importância de oferecermos às crianças experiências lúdicas que estimulem sua imaginação e criatividade, ao invés de apenas oferecermos brinquedos prontos e tecnológicos que não permitem o desenvolvimento dessa habilidade. As meninas Calin e os meninos Calon não têm muito tempo para pedir brinquedos manufaturados a seus pais, pois, quando passam a ter entendimento das brincadeiras, já estão se preparando para casar em suas choupanas de verdade. As crianças Calon abusam das brincadeiras ligadas à Natureza.

Monteiro (2018, p. 260) discorre que as crianças Calon e seu processo identitário são cuidados e protegidos do mundo externo, como também dentro de sua comunidade: novos rumos são dados e “reelaborados a partir do tempo de parada, das condições sociais e econômicas e da interação entre o grupo e a sociedade local (que geralmente inicia pela escola/crianças)”. Pelas vozes de Felipe: “Meu pai bebia muito e não tinha dinheiro. [...] Eu tive uma infância encabulada porque minha mãe me abandonou e meu pai me criou”. Muitas vezes, os pais saem de uma comunidade para tentar prover em outra – são os já ditos itinerantes.

Sigo ainda com Monteiro (2018, p. 260): “Os adultos remontam a estrutura para traçar novas perspectivas que favoreçam as crianças do presente, garantindo, sobretudo, a proteção, a liberdade e felicidades de suas crianças”. Em outras palavras, a autora está afirmando que os adultos têm a responsabilidade de criar um ambiente favorável para as crianças, garantindo que elas tenham proteção, liberdade e felicidade. Isso envolve mudanças na estrutura social existente para atender às necessidades e interesses das crianças. Afinal, a criação de um ambiente seguro e saudável é fundamental para o desenvolvimento infantil. Os adultos precisam estar atentos a essas necessidades e trabalhar em conjunto para garantir que as crianças tenham o melhor começo de vida possível. As crianças percebem essa proteção dos adultos e agregam para si hábitos e costumes Calon.

Cabe destacar as reflexões de Brougère (2006, p. 97) em relação à brincadeira e à cultura: “é preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável”. Em outras palavras, a brincadeira é cultura, pois sua fonte permeia

relações interindividuais. Tal aporte nos leva a pensar que o meio, o ambiente em que a criança vive, fará da brincadeira uma aprendizagem social. As pessoas, ao redor da criança, principalmente a sua mãe, iniciam a brincadeira infantil.

Na perspectiva do psicanalista Winnicott (2019), o brincar é fundamental para o desenvolvimento saudável e criativo de uma criança, sendo um aspecto natural e universal. Em uma de suas consultas, Winnicott colocou uma mesa e uma cadeira entre a mãe e o filho e, assim que chegaram, a primeira pergunta da criança foi sobre a presença de brinquedos. Enquanto a mãe e o psicanalista conversavam, a criança brincava na mesa. Isso demonstra que o brincar é uma atividade importante para as crianças, que muitas vezes não estão interessadas em conversas profundas entre adultos. O autor enfatiza que é necessário compreender a importância do brincar na vida das crianças, e que os adultos devem permitir que elas brinquem livremente para que possam se desenvolver de maneira saudável.

2.15.7 Os aposentos do boneco sem nome

Figura 100 - Felipe e Kauã cortando plástico para a lona da barraca



Fonte: Acervo pessoal

Felipe ainda não se dá por satisfeito, dá vida ao brinquedo, coloca o boneco para andar sobre a mesa verde de ferro que levamos. A seguir, comunica-me que o boneco precisa de um

lugar para habitar. Como é o nome do boneco, Felipe? Nada responde. Depois, me pede por tesoura e saco de plástico. Tudo indicava que faria outra brincadeira. Kauã desafia-o: “Sabe mesmo construir o brinquedo: sabe fazer mesmo?”. “Sei, fazia pra Samira, pra mim. Eu brincava de casinha com elas”. Então, Felipe deita o boneco sem nome sobre a mesa.

Brincar é imitar a realidade do cotidiano. Como argumenta o Calon Felipe: “Eu brincava de casinha com elas”, trata-se de uma fantasia da realidade diária. Dessa forma, Brougère (2006, p. 101) sugere que brincar de casinha é uma brincadeira de mutação de sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. “É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância”. De acordo com Brougère (2006), brincar de casinha é uma atividade que envolve a transformação da realidade, uma mutação de sentido, em que as coisas do ambiente se tornam outras. Ele sugere que essa brincadeira é como um espaço à parte da vida cotidiana, onde as crianças criam suas próprias regras e circunstâncias. Em outras palavras, brincar de casinha permite que a criança experimente e explore novos papéis sociais, desenvolva sua criatividade e imaginação, e pratique habilidades de comunicação e resolução de problemas. É um momento em que ela pode se expressar livremente e aprender sobre o mundo que a cerca de maneira lúdica e divertida. Isso não quer dizer que objetos e comportamentos tenham que ser idênticos à realidade. A criança imitava o cotidiano do adulto, Felipe brincava de casinha com panelinhas com as meninas Calin.

Com base ainda em Brougère (2006, p. 62-63) é possível definir os brinquedos de dois modos: “seja em relação à brincadeira, seja em relação a uma representação social”. Em relação à brincadeira, o brinquedo é um suporte para o ato de brincar. No caso de Felipe, o brinquedo é fabricado pelo Calon, os galhos foram adaptados para se tornar um boneco, o tempo de duração para a brincadeira é limitado. Se for industrializado, o brinquedo é uma representação social, responsável por transmitir à criança conteúdos simbólicos.

Os brinquedos criados por Felipe, fabricados no nosso quintal, precisavam de tesoura, qualquer objeto cortante. Virgínia, mesmo de longe, providenciou, cooperava sempre com a minha pesquisa. A nova brincadeira começou quando o Calon cortou o plástico de uma bolsa que acha ali mesmo, no nosso quintal brincante, a natureza poluída por plásticos. Aproveitou uma parte da bolsa: “tem que arrumar um graveto, agora”, disse kauã, mostrando que já conhecia a brincadeira. “Eu cheguei já a brincar não de armar barraquinha, mas de pegar os gravetinhos, botar uma tabuinha, não tem aquele canto de cigano, brilhoso? Eu colocava panos brilhosos, fazia cobertor”. Fiquei curiosa em relação ao tal canto brilhante, pois sempre observo tecido de cetim desenhado dentro da barraca e também das casas de alvenaria. Felipe reproduz, em miniatura, a realidade que vivem os Calon.

Figura 101 - Felipe Soares colhe galhos na árvore



Fonte: Acervo pessoal

O Calon abraçava os galhos fortes da árvore, encostava-os em seu peito: “tem que ser assim, oh Dona, me dê um pedaço de plástico, o resto pego aqui”. O rapaz levantou da cadeira e se aproximou da árvore, a natureza lhe deu o que precisava. A seguir, foi para o chão armar os quatro galhos que sustentariam o plástico cortado de uma bolsa. Percebi que se trata de uma brincadeira muito interessante, pela preparação do local e dos elementos brincantes que compõem o brinquedo. A partir desse exercício do olhar, a realidade apontava a natureza modelada. Observei a criança que explodia em Felipe naquele momento e descobria através dele, como brincavam as crianças Calon do acampamento Mathias. Felipe não se esqueceu dos detalhes. De repente, as crianças foram surgindo, paulatinamente. Não obedeceram ao segundo pedido dele, o de ficar a sós comigo, na entrevista. Ao puxar os galhos da árvore para baixo e colher alguns, trouxe-me curiosidade. Ao explorar o território do brincar, pude sentir a nostalgia de reviver momentos da minha infância. No entanto, percebi que a criação de bonecos e cabaninhas com elementos da natureza não era algo que eu costumava fazer. Isso me levou a

refletir sobre como as brincadeiras e atividades na infância podem ser influenciadas por diferentes fatores, como o ambiente em que se vive e as experiências culturais que se tem acesso. É interessante notar como o território do brincar pode proporcionar novas experiências e oportunidades para explorar diferentes formas de brincadeiras e atividades lúdicas.

2.15.8 Outro defunto rastejante – Terror: fogo

Figura 102 - o boneco Vodun andando na mesa



Fonte: Acervo pessoal

“Mas sempre eram dois galhos”, enfatiza o Calon. De repente o boneco para de andar, a barraca não se estende, tudo parou. Bem perto, colado ao muro, outro defunto rastejante, só que dessa vez não deu tempo deles fazerem o funeral. Acho mesmo que não teriam coragem de fazê-lo, pois o réptil era grande demais e muito temido. Pensei que o defunto cobra acabaria com a pesquisa. Mas serviu para outra brincadeira. O Calon Felipe brincou de jogar cobra morta em cima das meninas que corriam feito doidas. A defunta morreu a pauladas bem antes de nossa presença e jogaram-na, sem um enterro louvável.

Figura 103 - A cobra sem vida



Fonte: Acervo pessoal

Isabel Fonseca (1996) relata um tabu interessante entre o grupo étnico Romà em relação à cobra, também conhecida como "rabo comprido". Segundo a autora, esse animal é considerado repulsivo e perigoso especialmente porque troca de pele, expondo o que estava dentro do corpo para o exterior, e também porque come outros animais inteiros, incluindo as peles sujas deles. Esses tabus são específicos para esse grupo e não são compartilhados por outros. Em Quissamã, o Calon Disson⁶⁷ respondeu aos meus questionamentos em relação ao tabu dos Romà:

Então, Maria, deixa eu falar contigo, nós aqui, nós temos muito medo das cobras, medo. Às vezes as pessoas fala, 'ah é uma cobra do mato, não morde', seja qualquer tipo de cobra a gente não confia nelas. Não é questão de nojo, de troca de pele, não é nada. Pareceu uma cobra, ela é venenosa, ela mata, a gente mata ela. Mas se aparecer uma cobra perto de mim, eu não fico com medo dela, eu creio que nenhum cigano também fica, até da cobra jibóia, que dizem que não morde, que não mata, mas o animal no corpo da pessoa, que engole a pessoa, todinho. Eu não tenho coragem de ficar perto de uma cobra não, mas não tem nada de pele não.

⁶⁷ Comunicamo-nos via *WhatsApp*, no dia 05 de agosto de 2022.

As crianças dizem mesmo a verdade. Confirmaram que matam! Só sei que outro rastejante defunto tornou-se protagonista e brinquedo de nossos encontros. Por causa da cobra que virou brinquedo de assustar, Felipe permitiu que todos se aproximassem de nossa entrevista: “Meninas, venham ver!”. Todos começaram a correr pela rua, desesperadamente, para longe de Felipe, que carregava a bichana pelo rabo, tentando assustar as meninas. “Acabamos de matar”, grita Kauã. Moisés acrescenta: “ela morde nossos cachorros, por isso a gente mata!”.

Sigo com Barros (2015, p. 16) em relação à imagem acima: “A gente não gosta de explicar imagens porque explicar afasta as falas da imaginação”. O autor sugere que explicar demais uma imagem ou uma ideia pode limitar a imaginação e a interpretação individual. Em vez de dar todas as respostas ou significados, é melhor deixar espaço para que cada pessoa possa ter sua própria interpretação, e assim, ser mais criativo e livre para pensar. Além disso, o poeta pantanês parece valorizar o poder da imaginação e da criatividade em si mesmos, em vez de depender de explicações ou respostas prontas para compreender algo. Então, imaginemos como é realmente o tratamento dado às cobras pelos Calon de Quissamã. Mas me atrevo a dizer que essa brincadeira é de escombros, de medo. Felipe usava cobra bichada para assustar as meninas. Ele tinha um olhar soberbo de réptil. Melhor mesmo é dizer que répteis não têm sorte nos espaços brincantes das crianças Calon.

Figura 104 - Felipe amedronta Vitória Barreto com a cobra



Fonte: Acervo pessoal

Felipe levou Vitória à força em seus braços em direção ao canto do muro para jogá-la na cobra morta. A menina grita. Começou o escombros. Ainda não sei se as brincadeiras que Felipe me apresentou são as mesmas em outros acampamentos, mas ali, naquele quintal, sei que além de matar réptil, brinca-se de boneco e barraquinha de plástico. Mas precisávamos que a cobra fosse esquecida. Então, quando Vitória correu, Felipe pegou a defunta com um pedaço de pau e correu atrás das meninas Vitória e Diana, lançando-a no alto. A cobra morta sumiu pela grama esverdeada, queimada pelo sol, confundida na pele do réptil. Eu gostei do descanso do cadáver. Que culpa teve de se alimentar de outros bichos? Acho que poderia diminuir a quantidade de ratos ao redor do acampamento. Enfim, a barraca de plástico, o brinquedo, era o mais importante.

De repente, por causa da cobra, lembrei-me de uma passagem do livro *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry (2015). A sua história começa com a serpente, que é a primeira personagem que o menino príncipe encontra na Terra. Nesse contexto, existe a imaginação da cobra que aparece na *Bíblia*, animal que convenceu Adão e Eva a comerem do fruto proibido. “Uma vez, quando eu tinha seis anos, vi a gravura magnífica, num livro sobre a mata virgem chamado *Histórias Vividas*. Representava uma jiboia engolindo uma fera. Eis a cópia do desenho” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 9). A cobra engolindo um elefante foi o seu primeiro desenho, aquele que os adultos nunca entenderam. Alguns falavam que era um chapéu comum. Tais opiniões adultocêntricas causaram o abandono de uma criança da arte de desenhar. “Os adultos nunca compreendem nada sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar sempre lhes dando explicações” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.11). A partir dessa história, o autor critica a postura dos adultos, que muitas vezes não conseguem compreender a imaginação das crianças e acabam desestimulando a criatividade delas ao tentar explicar tudo de forma racional. A mensagem é a importância de valorizar e incentivar a imaginação infantil sem tentar explicar tudo de forma lógica e racional.

Na apresentação da obra, Cynthia Agra de Brito Neves (2015, p. 5) enfatiza que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos, por isso devemos lê-los sempre. São obras atemporais e universais, eu acrescentaria”. Desse modo, segundo a autora, a mensagem desse episódio da cobra é que devemos sempre voltar ao que vivemos quando criança, à nossa imaginação. Lembrar a infância é privilégio para poucos. Neste sentido, quando os adultos interferem no brincar das crianças, não entendem que atrapalham as brincadeiras. Ao

crescer, nunca devemos perder o toque de loucura e de criatividade, ficar somente dando importância para momentos conturbados em nossas vidas.

Embora seja verdade que a imaginação e a criatividade possam trazer benefícios para a nossa saúde, o medo de cobras não está diretamente relacionado a isso. A menção ao Pequeno Príncipe e sua busca por novas experiências pode ser vista como um exemplo de como a imaginação pode nos levar a explorar novos horizontes e a nos permitir crescer e aprender. No entanto, o medo de cobras pode ser uma resposta natural do corpo ao perceber uma ameaça potencial. É importante distinguir entre o medo saudável e a fobia, que pode ser debilitante e requer tratamento adequado. As meninas Calin foram chateadas para as suas casas. Moisés documentava tudo com uma máquina que separei para fotografarem. O menino Calon não perdia um só *click*. O interesse primordial do garoto estava na produção de brinquedos de Felipe. As crianças menores, tanto meninas quanto meninos, de acordo com o Calon Disson, podem brincar juntas. A câmera corria de mão em mão, camuflava-se entre ser um dos objetos do pesquisador e registrar o contexto do brincar por eles mesmos, virou brinquedo de criança Calon pesquisadora.

Figura 105 - Felipe, Emannuely, Moisés, Davi e Mirella



Fonte: Acervo pessoal

Em relação ao fogo, é importante destacar que ele é um elemental importante presente nas brincadeiras com a cobra, pois desafia o medo e o movimento. Durante a brincadeira de Felipe com as meninas Calin, o fogo está presente e ativo. Além disso, o fogo também se manifestou naquele dia através da natureza, como na oscilação do sol, na luminosidade e no intenso calor, que foram representações desse elemento. Porém, o elemental também pode estar ligado aos sentimentos de temor e de impulsos. No entanto, ao explorarmos as luzes naturais que o fogo proporciona, podemos descobrir novas possibilidades de brincadeiras e experiências criativas. Em resumo, o fogo é um elemento fundamental que nos permite desafiar nossos medos e explorar novas perspectivas no mundo brincante.

2.15.9 “Quero voltar a ser criança”

Observar uma cena e outra é um desafio para o pesquisador do brincar. Muitas ações ocorrem simultaneamente. Como educadores, não recebemos certos treinos para mediar brincadeiras, mas, como pesquisadora, no território do brincar, temos que evitar conflitos no campo etnográfico. Muitas vezes, temos que nos recolher e nos colocarmos numa situação de observadores, o que, para mim, não conseguia ficar à parte, pois várias vezes brinquei com eles. Isso ocorre porque, sem percebermos, tornamo-nos crianças, mesmo sendo adultos. Por causa disso, lembrei-me de um autor, Janusz Korczak (1981) que, em sua época, repensava o processo educacional em relação a preparar o aluno para a vida e não somente dar-lhe acúmulos de informações. Mas não é por esse motivo que me lembrei desse autor, e sim por sua grande obra *Quando eu voltar a ser criança*⁶⁸. Vale ratificar a importância da obra de Korczak porque se trata exatamente disso, quando pesquisamos o brincar e brincamos com as crianças, a sensação é de que voltamos a ser crianças, mesmo sendo pesquisadores.

A cada momento de minha escrita, habito as histórias das crianças Calon, conversando com a minha infância e também comungo com Korczak (1981, p. 19), quando menciona que se

⁶⁸ "O livro, que é uma espécie de 'ficção psicológica', está escrito na primeira pessoa, como um relato de um professor-primário que, cansado dos seus problemas de mestre-escola e adulto, se lembra com saudade da decantada "aurora da minha vida"- e magicamente volta à infância, volta a ser criança, mas sem perder a memória de adulto"- Apresentação de Tatiana Belink (1985, p. 10).

“[...] fosse criança de novo, gostaria de me lembrar, de saber, de ser capaz de tudo que agora sei e de que agora sou capaz”. Segundo o autor em sua narrativa fictícia, nunca deixaria de ser criança, pois “ser criança é mil vezes melhor”. Será que, para Felipe, os momentos de infância pesavam menos do que quando adulto? Acredito que só quando brincava com outras crianças. Lá no início de meus escritos, Samira nos disse que ser criança é só brincar. No brincar do lagartixa defunto, Yara disse que nunca queria se casar para não ter que arrumar casa. Então, as crianças Calon são felizes, brincam, passeiam com seus pais, se reúnem em muitas festas, dançam, e o mais importante: são protegidas por seus pais e toda a comunidade Calon.

Outra passagem interessante de Korczak (1981, p. 26) se dá quando, na narrativa, ele se transportou para a escola em que estudava quando criança: “É provável que eu venha ser o melhor aluno, porque já me formei uma vez. Devo ter esquecido algumas coisas, mas recordar o que se esqueceu é bem mais fácil do que aprender tudo de novo”. Sinto-me, exatamente assim, quando regresso aos meus momentos brincantes. Recordo-me sempre quando brinco de pique-lateiro com as crianças, quando participo de enterros de vertebrados rastejantes de paredes. Enfim, aprendo tudo de novo.

Retomo Korczak (1981), que construiu sua narrativa de ficção depois de adulto e, numa ação mágica, voltou a ser criança. Vejo tantas semelhanças dessa obra com os meus escritos. Tem um trecho bem interessante:

A criança é que nem primavera. Ou tem sol, tempo bom, tudo é alegre e bonito. Ou, de repente, vem tempestade, relâmpagos, trovões, raios que caem. Já o adulto é como se estivesse dentro do nevoeiro. Envolto de uma triste névoa. Não tem grandes alegrias, nem grandes tristezas. Tudo cinzento e sério. Pois não é que me lembro. Nossas alegrias e tristezas correm que nem o vento, e as deles vivem se arrastando. Pois não é que me lembro. (KORCZA, 1981, p. 31).

O autor compara a vida da criança e do adulto através de metáforas. A criança é como a primavera, que é associada à beleza, alegria e luz do sol, mas pode ser repentinamente afetada por tempestades, que simbolizam as tristezas e dificuldades da vida. Por outro lado, o adulto é comparado a estar dentro de um nevoeiro, que representa a falta de clareza e entusiasmo na vida. O autor lembra que as emoções da infância são intensas e passageiras, enquanto que as do adulto são mais arrastadas e constantes. A mensagem do autor é que a vida é cheia de altos e baixos, mas a infância tem uma vivacidade que muitas vezes é perdida na vida adulta.

Às vezes, percebo que as pessoas tendem a se contentar em viver em um estado de confusão, mesmo que isso possa ser suavizado se nos permitíssemos brincar e nos divertir como crianças. Como avó, professora e agora pesquisadora, não me preocupo com quantos aniversários já comemorei, porque dentro de mim, sempre haverá uma criança. Neste momento, enquanto escrevo minha tese, sinto essa criança dentro de mim, cheia de vida e pronta para conhecer outras crianças como as Calin em todo o país. Suas vozes ecoarão em meus quintais, tornando-se preciosos brinquedos de magia que embelezam minha vida, assim como os vestidos coloridos das Calin. Suas roupas são cheias de vida e significado, sem nevoeiros ou cinzas, que não definem nenhuma cor e não aliviam os conflitos que os adultos criam.

2.15.10 Barraquinhas, brincadeiras do passado e redes sociais: fogo

Figura 106 - A barraca do boneco sem nome



Fonte: Acervo pessoal

Felipe armou sua barraca junto à cobra defunto. Tudo ao redor retratava a Natureza. Felipe é criador, pegou o boneco sem nome e colocou embaixo, ou melhor, deitado na cama. De vez em quando, comentava sobre a ausência de um companheiro para o boneco. Percebemos pedaços de isopor encontrados no chão arenoso e enraizado que se transformam em aposento do boneco sem nome. Os galhos retirados da árvore formalizaram a sustentação da barraca. Segundo o Calon, as folhas são mantas quentes que cobrem o boneco. As crianças ao redor lembraram-se do brinquedo de Felipe, confirmaram que brincavam deste modo:

Oh, dona! Eu era tão pobre naquela época que brincava de panelinha com a Samira. Dona, sabe que o que define nossa brincadeira no passado é só as barraquinhas. Toda barraquinha que todo cigano tem, que a gente botava num cantinho.

Felipe define as brincadeiras do passado com a imagem simbólica das barraquinhas. O Calon cria uma passagem para o mundo, sem portas e janelas, mas imaginando ambientes de imensa maternidade quando relacionados ao ato de usar panelinhas, o de cozinhar, um lugar quente. De acordo com Piorsky (2016, p. 101), a maternidade é associada ao útero, que é um lugar quente e aconchegante para o feto em desenvolvimento. O útero é descrito como tendo uma "estreita passagem", que sugere a proteção e aconchego que a mãe proporciona ao bebê em crescimento. Além disso, é mencionado que o útero é um lugar onde há um "fogo acolhedor e preparador de nascimentos", o que pode ser interpretado como uma metáfora para o amor e cuidado que uma mãe dedica ao seu filho antes e após o nascimento. O fogo também pode ser interpretado como um símbolo de energia vital e transformação, o que pode representar a transformação da mulher em mãe e a criação de uma nova vida. Em suma, a citação de Piorsky destaca a importância do útero como um símbolo da maternidade e da criação de uma nova vida. O Calon não teve o calor de mãe, o fogo materno, sua mãe sumiu, o abandonou. Por ser pobre, recorreu à imaginação com interação na natureza, o que o fez um artesão de brinquedos naturais.

Como Barros (2010, p. 42), fico montando em escritas brincantes Calon “pedacinhos de mim, ressentidos, caídos por aí, para que tudo afinal, não se disperse”. O trecho citado de Barros (2010) faz referência à prática de criar escritas, que consiste em uma forma de escrita lúdica, poética e experimental, que busca ressignificar a linguagem e a escrita. Nessa prática, utiliza pedacinhos de si mesmo, fragmentos de suas vivências, de emoções e de memórias, e os

incorpora às suas criações literárias, de forma a criar uma obra coesa e significativa. Espelho-me no autor da inocência infantil, e fico montada em minhas escritas brincantes Calon: “pedacinhos de mim, ressentidos, caídos por aí, para que tudo afinal, não se disperse”. Assim como Barros, destaco o caráter autobiográfico de minha produção literária, e o processo de recuperação e ressignificação de minhas experiências pessoais por meio da escrita. A escrita brincante Calon, portanto, ela assume uma dimensão terapêutica, ao me permitir expressar e compreender melhor minhas emoções.

Esse processo de criação literária é também uma forma de preservar e dar sentido às experiências pessoais, evitando que sejam dispersas e perdidas no tempo. Assim, a escrita brincante Calon não é apenas um exercício lúdico, mas também uma forma de autoconhecimento, de cura emocional e de construção de identidades. Sinto prazer nessa tarefa de refazer-me. Faz-me bem recordar, sejam brincadeiras tristes, sejam alegres.

As folhas, usadas como mantas, deram vida ao brinquedo de Felipe.

As folhas, usadas como mantas, deram vida ao brinquedo de Felipe. Essas reflexões transportadas para a natureza, no caso as folhas, remetem-me de novo, ao meu passado enquanto criança. Insisto em caminhar com o autor pantanês, Manoel de Barros (2015, p. 14), para fazer uma escrita de mim: “Eu sustento com palavras o silêncio de meu abandono”. Refiro-me à capacidade da escrita de preencher um vazio, de dar significado e sentido à solidão e à ausência. A escrita é minha companheira, como uma forma de lidar com o abandono, de dar voz ao que está dentro de mim e de me conectar com os algo ou alguém através das palavras, assim como fez o poeta das criancês. Nesse sentido, a escrita se torna um refúgio, um lugar onde se posso encontrar sentido e significado em meio à solidão e ao isolamento. A citação destaca a importância da escrita como uma ferramenta de expressão e de conexão com os outros, mesmo em momentos em que nos sentimos sozinhos ou abandonados.

Não usava as folhas como mantas de meninos Calon. Brincava com elas, dando-lhes outro sentido, mas não o vegetal. Fritei peixinhos de folhas de espirradeiras, árvores que dão muitas flores e tem um perfume de mel. Enquanto as folhas de Felipe aqueciam, as minhas alimentaram-me em nossas brincadeiras. Em outras palavras, “a imaginação do brincar é a imaginação do brincar de todos os tempos, remonta a uma antiguidade anterior à Ibérica [...]” (PIORSKY, 2016, p. 102). Ao afirmar que essa imaginação remonta a uma antiguidade anterior à Ibérica, o autor está sugerindo que a brincadeira e a criatividade fazem parte da história da humanidade. Ele também destaca a diversidade de materiais que podem ser utilizados no brincar, o que mostra a riqueza da natureza e a capacidade humana de transformá-la em objetos

lúdicos. A citação, portanto, tem uma função de valorizar o brincar como uma atividade essencial e universal da experiência humana. Segundo o autor, é infinita a variedade de materiais usados na natureza para brincar: flores, folhas, variadas espécies de plantas que construíam grinaldas de noivas, unhas postiças, dentre outros tipos de paramentos brincantes.

Ao refletir sobre as brincadeiras das crianças Calon, lembro das ideias de Halbwachs (2003, p. 29) sobre como nossas lembranças antigas se adaptam à nossa percepção atual do mundo: “fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com mais intensidade porque não estamos mais sós ao representá-los para nós”. Quando escrevo sobre essas brincadeiras simples, percebo que os eventos passados assumem uma importância maior, e parecem mais vívidos, porque não estamos mais sozinhos ao lembrá-los. De acordo com Halbwachs (2003, p. 29), não é necessário ter testemunhas presentes para confirmar o sentido literal do que escrevemos, pois nossas lembranças são influenciadas pelas nossas percepções e pela memória coletiva. Outro dia, liguei para a minha prima do Maranhão para perguntar-lhe alguns detalhes de nosso avião verde, revestido de folha de amendoeira, com que brincávamos no fundo do nosso quintal, em Colégio: “Ih, Cristina, lembro mais nada, apagou tudo!”. Muitas cenas fazem-se presentes em minha memória, enquanto escrevo sobre as brincadeiras das crianças, cenas que estavam apagadas, mortas. A cada linha que escrevo sobre brinquedos, os jogos deixam traços em minha memória. No caso de minha prima, tentei evocar em seu ser algum vestígio de tantas brincadeiras que fizemos. Halbwachs (2003, p. 34) argumenta que “tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança ou parte dela devesse subsistir em nós da mesma forma, mas somente que, como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos [...]. Não me importo com a falta de memória de minha prima, mas sinto necessidade de voltar a lugares brincantes de meu passado. E isso me faz muito bem.

Comungando ainda com Halbwachs (2003, p. 34) quando afirma que “quando dizemos que não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança, ou parte dela, devesse subsistir em nós da mesma forma”. O autor exemplifica tal fato com a história de um professor que deu aula para um grupo há dez ou quinze anos, numa escola. Para o professor guardar todos os ocorridos, torna-se impossível. Mas o grupo lembra de cada gesto do professor, modos de falar, se os fez sorrir, ou não, dentre outras ações observadas pelos alunos. “É exatamente assim em todos os casos em que outros

reconstroem para nós eventos que vivemos com eles, sem que pudéssemos recriar em nós a sensação do *déjà vu*”. Desse modo, a condição da existência de uma memória estava condicionada à existência do grupo. Neste contexto, quando ainda persistem alguns fragmentos de memória é porque, embora reduzido, alguns membros do grupo ainda se encontram e conversavam sobre o passado.

Em relação à memória de Felipe, dos poucos que lá estavam, somente Kauã lembrou da cabaninha com o bonequinho. Acredito que a geração de Felipe não tinha telas que não deixavam o brincar livre acontecer. Antes dos celulares e computadores, havia momentos de conversas entre pais e filhos, espaços em que, na geração de Felipe, eram feitos ou ensinados brinquedos produzidos a partir da natureza. Diante desta evolução tecnológica, fica muito difícil estimular as brincadeiras que estão fora das telas, embora, em alguns momentos, não sejam tão ruins. Se oferecermos às crianças somente uma aprendizagem, deixaremos de dar-lhes oportunidades de estar com a diversidade de fontes, para se formarem com maior grandeza, aprenderem coisas do mundo. Acredito que precisamos diversificar as fontes de informação das crianças Calon, que hoje se encontram numa imensidão de vídeos no *TikTok*. Josivaldo negocia botas, carros, algumas adolescentes “brasileiras” casadas com Calon explicam a cultura deles, falam por eles, defendem-nos. É o caso de Juliana Lopes, dona do perfil @juulopes 291, que respondeu, com ironia, a seguinte pergunta que lhe fora feita nos comentários de @vithor_gabi: “Vc rouba carros ou compra?”

É lógico que nós rouba, até pensei em roubar um carro seu, mas eu vi que você não tem, se quiser, eu te empresto o meu, se manca ovo mole, pelo amor de Deus, cigano não precisa roubar carro não. Todos os carros que cigano tem, são todos quitados e são todos carro do ano. Aí vocês acham que a gente precisa roubar? Pelo amor de Deus, se manca!

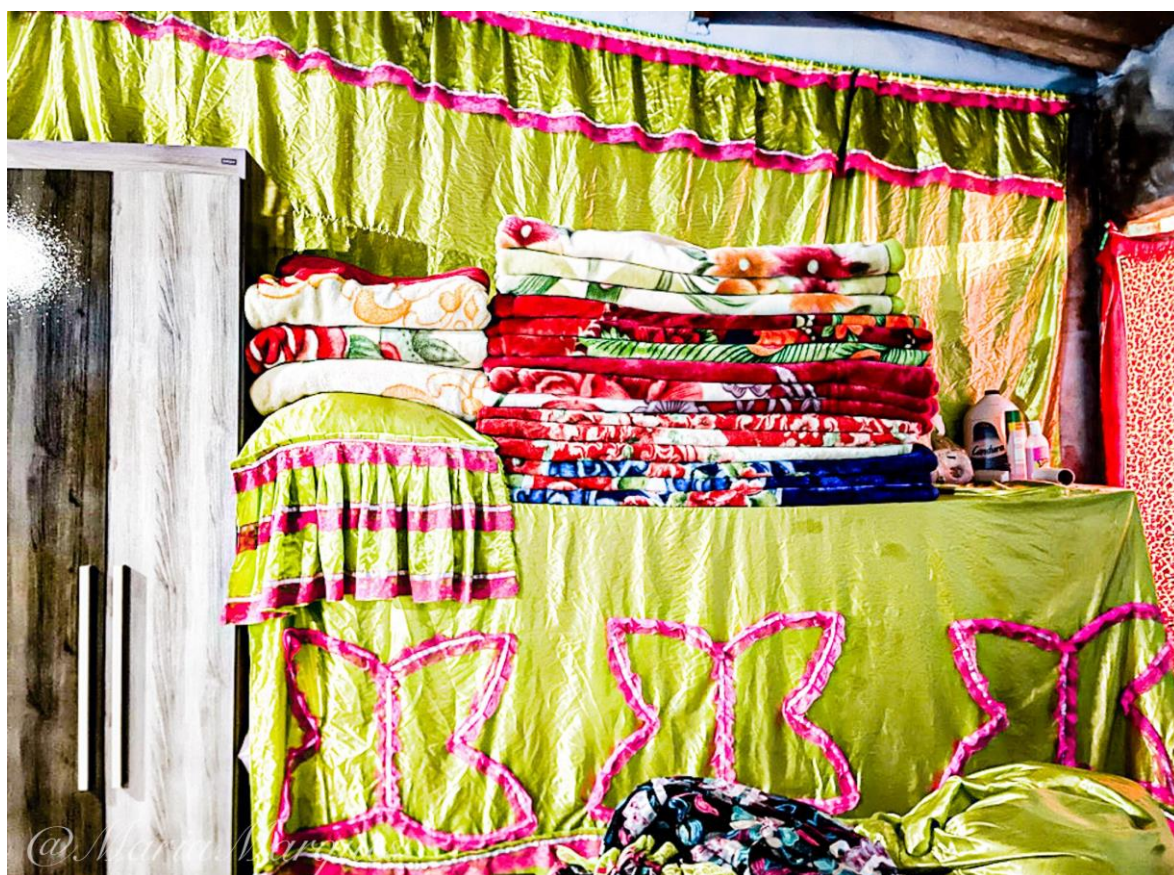
Pelas redes sociais, assistimos a muitos adolescentes de grupos Calon e Romà. Algumas esposas adolescentes defendem a cultura de seus esposos Calon; algumas meninas Calin somente aparecem com músicas no fundo de seu vídeo e alguns meninos Calon divulgam seu trabalho, suas músicas pela tela. Vítor Barreto já possui canal no *Youtube* e no *TikTok*.

Para que as pessoas possam se tornar seres mais completos, acredito que é importante que elas se alimentem de várias fontes de informação, incluindo as mídias sociais e a natureza. O ato de brincar é algo inerente ao ser humano, mas é necessário que haja estímulos para

ampliar a compreensão do mundo e a capacidade de interpretá-lo. Para isso, é importante ter consciência da importância do brincar e revisitar nossa própria infância, mesmo que não tenhamos brincado muito, para lembrar a sensação de ter acessado o essencial. Se tivermos tido uma infância brincante, podemos ter certeza de que fomos crianças felizes.

2.15.11 Adereços mobiliários Calin: casa sem porta e sem janela

Figura 107 - Trem de canto



Fonte: Acervo pessoal

Felipe anteriormente mencionou um canto brilhoso que as Calin conservam como ornamento dentro das barracas, como também nas casas de alvenaria. Os adereços mobiliários Calin trazem um toque aconchegante a qualquer ambiente. Com suas cores vibrantes, criam um cenário especial das Calin.

Se voltarmos à imagem anterior da barraca de brinquedo de Felipe, veremos algumas folhas amontoadas atrás do isopor representando o “trem de canto”. Já observei esse espaço nas

barracas. É uma cortina de cetim bordada com corações. Em cima, existem mantas coloridas, uma após a outra. Segundo Virgínia Barreto, “os trem é porque você coloca coberta, coloca os sacos, e na televisão você coloca televisão, o som que você tiver, das vasilhas, você coloca as vasilhas. A gente fala: canto, porque é os pano, porque leva os sacos, as fronhas, as colchinhas, tudo combinando”. Em quase todas as casas e barracas, encontramos essa decoração como um utilitário, uma estante que, às vezes fica no quarto ou na sala. A estante de roupas de cama, representada na cabana de brinquedo de Felipe, é feita de folhas, com a natureza. Trata-se de um trem de canto.

Segundo Piorsky (2016), existem lugares de solidão de brincar. Muitas vezes são refúgios, onde é possível se esconder de ambientes hostis. Esta característica eu não presenciei com as crianças Calon. É importante ressaltar que já observei as crianças brincando nesse trem de canto, mas não para se esconder de algo hostil, pois os pais delas tratam-nas muito bem. Com base na escrita de Priorsky (2016, p. 45), a brincadeira de intimidade pode estar ligada ao desamparo, ao reequilíbrio: “Não são poucos os relatos de meninas que fugiam para suas casinhas do quintal porque não queriam cumprir, ainda pequeninas, com trabalhos extenuantes da casa, da cozinha”. Para as crianças Calon, não existem lugares hostis, pois são amadas, enquanto crianças, por seus pais.

O meu horizonte infantil fica longe, mas consigo, pela escrita, vê-lo muito mais de perto. As palavras de meu passado adubam-se com as do brincar Calon. Surgem com elas, a explosão de recordações, as quais dão clarão às minhas escritas da tese. Já disse, inclusive, que me pego a sorrir de sentir alegria quando escrevo sobre eles. Em minha infância, brinquei no berço de minha prima cobrindo-o em formato de casinha. Na amendoeira no quintal estava meu avião esverdeado voando em nuvens cinzentas. Vale ressaltar algo triste: o pesar ensanguentado das aves nas gaiolas da rinha de canário de meu pai é um espectro que rodeia meus dias de hoje. Gaiolas que se abriam para sangrar na arena dominical. Lembremos dos escritos do primeiro capítulo. Em relação ao prêmio, eram doadas medalhas de ouro gravadas “Rinha de Colégio – canário ou canária vencedor (a)”.

De vez ou outra, sozinha, fugia para viver numa residência limpa e com escadas, pois a minha realidade era de um ambiente domiciliar muito sujo. À noite, ratos passeavam em minhas cobertas, enquanto dormia. Durante o dia, brincava de casa limpa e confortável. Era na rinha de canário de meu pai, que existe vazia, até os dias de hoje. Ali, eu tinha uma casa luxuosa.

Encerava o chão, ouvia o perfume da cera, cheirava a escada feita de madeira, tipo a que segura um estrado de uma cama, fina, envernizada, com grandes parafusos que suportam o colchão. Era a escada de minha casa confortável. Cai da escada, ou melhor, a escada caiu em cima de meu dedo anelar que se tornou aleijado, por falta de pontos, pois ir a um hospital, só quando se estava quase morrendo.

Numa noite de sexta, o cliente passarinho de meu pai escorregou no chão encerado. Caíram gaiolas com pássaros, que levava para a arena de lutas de asas e bicos. Foi um rebuliço só. Aquele lugar encerado era meu refúgio, até o homem cair. Lugar que me escondia, assim como Piorsky comentou, lugar onde se podia sonhar com limpeza e odor agradável de cera.

Nessa sensação de *déjà vu*, veio uma canção de Carolina Maria de Jesus (2014, p.120): “Te mandaram uma macumba e eu já sei quem mandou, Foi a Mariazinha, Aquela que você amou, Ela disse que te amava, você não acreditou”. Sabemos que a obra de Carolina traz traços miseráveis ocorridos na vida da autora, que mal sabia escrever, mas que deixou escritas suas memórias de pobreza e se tornou *best seller*. Mas, prefiro trazer outra canção para não perder o interesse de informar: “A minha casa não tem porta e nem janela, o que é de bom o vento trás, e o que é de ruim, o vento leva oh, oh, oh, a dona da casa chegou”. Era tudo meu, eu era a dona daquele palácio sem príncipe, sem rei, situado na minha imaginação, na minha ação brincante. A minha casa era a rinha do meu pai, sem portas e janelas, onde o vento batia e não me importava porque ali eu me sentia a dona da casa.

2.15.12 O boneco ganha nome – um pouco de crenças

Figura 108 – Vitória enfeita com glitter a minha tatuagem.



Fonte: Acervo pessoal

Lá em Mathias, não escondi a minha religião. Todos sabem, eles parecem conhecer o desenho em minha pele. Numa das visitas que fiz durante a pandemia, em 2020, Vitória Barreto pediu-me para dar brilho ao meu desenho. As crianças gostam de tatuagens e muito brilho. Era noite e não tínhamos com o que brincar.

De repente Felipe olha a minha tatuagem no braço, conhece a imagem que fiz. Aliás, sempre sou cercada nos lugares por pessoas que sabem o seu significado. “Sou umbandista como a Dona”. Desvio o assunto. “Dona, tenho filho, Levi, de cinco anos, fui casando, casando” – quando formulei mais perguntas sobre o brincar, insistiu em voltar para a tatuagem e a religiosidade. Perguntei-lhe como se tornou umbandista. “Minha mãe não é cigana, só o pai que mora em Santa Maria (acampamento). Foram separados quando moravam em Minas. O pai não sabe, a minha precedência é masculinidade lá dentro. Ter doze mulheres não atrapalha. O que ninguém sabe, ninguém estraga”. Mudou de assunto de novo, respeitei-o. “Minha vó tinha cargo, ela não era Calin. Assentei todas as entidades que tive. Pago a oferenda completa, os ebós, não pode amarrar, só pode assentar. Exu é Orixá não se amarra, se assenta”. Perguntei-

lhe onde estavam seus assentamentos. “Estão em Minas – Muriaé com Pai Yago de Xangô. Meus orixás são: Oxalá, Xangô, Iansã, Obaluaê, Sr. Tranca Ruas das Almas, Mulambo. O Sr. Tranca Rua não vem em viado, ele só desce em mulher”.

Embora inicialmente, Felipe tenha se recusado a ser filmado, fotografado e a assinar qualquer documento de pesquisa, depois, ficou bem à vontade. Além de tornar-se meu amigo, viu em mim, sua confidente, porque compartilhamos o mesmo credo. Isso é bem verdade: quando as pessoas veem as minhas tatuagens sentem-se agregadas, confortáveis. Acabamos conversando sobre a nossa religiosidade, mas não comentei nada sobre os assentamentos do Calon, apenas ouvi. Depois silencieei. Não insisti mais em conversar sobre religiosidade, pois não era o meu foco.

Naquele momento, Felipe disfarçou e lembrou de outra brincadeira. “Dona, a gente brincava com folhas. Nós fingia que as folhas eram dinheiro. Quanto maior a folha, mais valor ela tinha”. A sogra de Paloma, Rita, confirmou todas as brincadeiras de Felipe. Em relação às folhas, ela não se lembra se havia valores, dependendo de seu tamanho, se era maior ou menor. Lembra que as contavam, aprendiam os números com a brincadeira de contar as folhas. Felipe quer que eu o conheça melhor e me convida para o trabalho que faz à noite. E assim nos despedimos em agradecimento.

Quando Felipe se afastou, imediatamente o Calon Disson e Virgínia chegaram no meu quintal, entraram na casinha. Eles me perguntaram como foi a pesquisa com Felipe, de que ele falou. Observaram o boneco na minha mão. “Ele é feiticeiro, pai de santo, isso é Vudu⁶⁹” – exclamou Virgínia. Outro grito de Disson:

“Sai com isso, em nome de Jesus, tá amarrado, Maria, isso é vudu, isso é vudu, larga disso. Eu desfaço toda a magia feita nesse boneco, em nome de Jesus! Dá aqui que vou levar pro pastor destruir. Maria é muito boba meu Deus, como pode aceitar isso?”.

⁶⁹ Vodun. Trata-se de religião iniciática e sacrificial, em que os sacerdotes são ritualmente preparados para "incorporar" as divindades em transe. As entidades manifestadas, que podem ser voduns ou encantados (espíritos), vêm à terra para dançar em cerimônias públicas denominadas tambor. As entidades são assentadas (fixadas em artefatos sacros) e recebem sacrifício, com oferta de animais, comidas, bebidas e outros presentes. Segundo tradição africana que se manteve no Brasil, cada humano pertence a um vodum, sendo para ele ritualmente consagrado em cerimônias iniciáticas, como ocorre no candomblé dos orixás. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/P_autores/PRANDI_Reginaldo_tit_Nas_pegadas_do_Voduns_um_tamboer_de_tambor-de-mina.htm. Acesso em 25 de julho de 2022.

Acalmei o Calon, ressaltando que era apenas um brinquedo e pertencia à minha pesquisa. Ademais, falei que sabia lidar com a magia que estava no boneco. Então, simulei desfazer o trabalho naquele momento, em um minuto, pois queria levar o brinquedo feito da natureza para casa, afinal, é pesquisa. Peguei água com sal, de modo que pudesse tê-lo. “Saiu tudo Calon Edilson, saiu tudo!”. Quando o Calon se afastou, peguei imediatamente o meu talismã. O sal não lhe tirou a energia, pelo contrário, recebi o presente de Felipe com muito carinho. É nosso brinquedo de pesquisa.

“No pretendo dar informe completo del estudio que del vudú hice en Haití, ya que para ello necesitaría escribir un libro entero, sino familiarizar al lector con otra manera de percibir el mundo”, diz Douchan Gersi (1994, p. 181). Também não vem ao caso um estudo profundo dessa religiosidade, mas o entendimento de que as pessoas têm sobre essa magia ainda é muito pouco e, sem dúvida, estigmatizado; não só os Calon, como também os “brasileiros”. Mencionarei apenas alguns detalhes interessantes. No Haiti, existem muitas ritualísticas devido ao grande contingente de negros de Nigéria, Senegal, dentre outros países africanos. Nos Estados Unidos, por causa da grande imigração de haitianos, também se pratica o vodu. Tal aporte nos leva a pensar que o vodu é temido por causa dos misteriosos restos de sacrifícios de animais que aparecem nos parques de Nova Iorque. Segundo Gersi (1994, p. 182), *“la religión vudú contiene muchos aspectos de la francmasonería, así como del esoterismo, la cábala, el ocultismo, la alquimia, la astrología, la metafísica y la teosofía”*. Gersi (1994, p. 179) põe em relevo que na ritualística estão os princípios de alta magia e dos mistérios secretos dos cavaleiros templários, de modo que, *“básicamente, la religión vudú viene inspirada por los sistemas africanos de creencias religiosas y por sus prácticas, pero los rituales que lleva a cabo - hasta los realizados por los hechiceros - se basan en los principios de la magia francesa e indoeuropea”*.

Vale mencionar que o autor citado acima também conviveu por muito tempo com os ciganos do Norte da África, Oriente Médio e Europa: *“Y he aprendido muchísimo sobre ellos y de ellos. Tan pronto fui aceptado por algunas tribus gitanas, me estuvo permitido presenciar alguna de sus ceremonias de brujería”* (Gersi, 1994, p. 200). Isso, no entanto, seria outro objeto de pesquisa. Ainda assim, vale citá-lo brevemente, somente para ilustração do título deste fragmento: O boneco vodu.

Figura 109 - Amuleto dado por Vitória, brinquedos e livros



Fonte: Acervo pessoal

Termino este capítulo do Brincar com o meu boneco Vodú, assim denominado pelos meus amigos Calin, que abriram as portas para minha pesquisa. Aliás, quero reiterar os agradecimentos a eles. Além de meu boneco feito com a natureza, galhos de árvore, tecido doado pelo elemental ar, e ervas de alpinista, tenho um barquinho que estava no chão antes de escrever sobre o brincar, e um bonequinho MM, todo imantado com conchas do mar, achado por meu neto Tarcísio na praia, enquanto eu ficava em casa escrevendo. Considero todos eles presentes brincantes. As petecas sempre gostei de jogar. Hoje, coleciono-as.

O cordão preto na foto, *Now United*, pendurado na peteca rosa, ganhei de Vitória, em 2021. Perguntei-lhe se sabia do seu significado. A menina Calin disse-me que só damos para quem gostamos. Ela tem o seu cordão e eu também. Todos esses brinquedos se encontram em minha mesa, enquanto escrevo sobre o Brincar. São meus talismãs.

Em 03 de setembro de 2022, voltei ao acampamento para uma breve visita. Estava passando por perto e fui conferir alguns dados de pesquisa. Clara Fernandes, esposa de Vítor

Barreto, anunciou: “Você sabia que Felipe se casou? Está morando na barraca ali debaixo, mas agora não adianta querer ir lá, porque ele não está aí”.

Aproveitei o momento do contato da minha interlocutora de pesquisa, para saber mais sobre Felipe, uma vez que não consegui acesso a ele no dia em que passei rapidamente. Em 13 de setembro de 2022, mais um contato da Virgínia pelo celular, e não perdi tempo:

“Menina. Me diga. É mentira de Clara. Felipe não casou. Casou?”. “Sim kkk Com Vanusia. E só um desfaz-se kkkk, mas Felipe e gente boa. Ele quer outro filho. Eu gosto de Felipe morro de rir com ele muito divertido alegre muito legal. Você acredita que eu registri ela no meu nome. Felipe e meu genro kk. Ela não tinha registro queria estudar aí eu fiquei com pena e dei meu sobre nome pra ela. O nome dela é mais: Barreto da Costa (Sobrenome de Virgínia e Costa, sobrenome de Disson). Eu tenho um coração de ouro. Ela fala que eu sou a mãe dela considero sim uma adotiva. Ela é irmã do Evandro original mais no registro é minha filha. Vc vai conhece e vai sai dela mesmo o que eu tô te falando é a vdd. Ela só é criada com a vó e idosa ninguém queria registrar eu aceitei. O que te de mal ninguém só fiz o bem. Vou ter que tirar aos outros documentos dela com identidade e cpf. Felipe é fechamento. De boa” – “quantos anos ela tem?”. Perguntei. “Eu acho que ela tem 20 anos”⁷⁰.

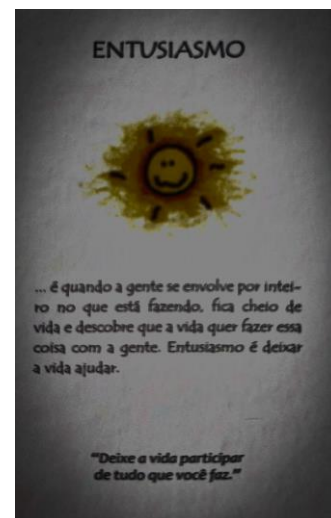
Durante a pandemia, muitas vezes não obtive respostas claras para minhas perguntas, especialmente em relação aos tratos de sobrenomes e aos parâmetros de registro dos Calon. A fala de Virgínia ainda carece de estudos mais aprofundados. Desde então, tenho tentado entrar em contato direto com o Calon Felipe, mas sou informada de que ele não está em casa ou simplesmente não recebo nenhuma resposta. Talvez o enigma em torno de Felipe Calon possa ser objeto de um estudo futuro.

⁷⁰ Deixo e escrita como veio na mensagem, conforme já mencionei na introdução desses escritos

3 PROMESSA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO & NOSSA SENHORA

Na carta brincante de Patrícia Gebrin (2021), uma importante referência para o meu capítulo 3 desses escritos, o entusiasmo é abordado como um poderoso motivador, impulsionando-nos a agir com vigor e empenho, trazendo alegria e felicidade.

A imagem do Sol, símbolo do fogo, que acompanha essa carta, evoca o elemento que representa paixão e entusiasmo. Esse estado de ânimo intenso e energético caracteriza-se por uma excitante sensação que nos impulsiona rumo à plena realização e é um fator-chave para o sucesso, estimulando a criatividade e a persistência.



Quando nos cercamos de pessoas entusiasmadas, sentimos uma crença genuína no que elas estão fazendo, alimentando nosso otimismo e nos levando a buscar o melhor de nós mesmos, o que gera resultados positivos. Um exemplo desse contagiante entusiasmo é o vídeo que recebi sobre o acontecimento envolvendo Kauã, primo de Vitória Barreto, inspirando-nos a agir com determinação e confiança.

Em 27 de julho de 2022, Rita, sogra de Paloma, enviou-me o vídeo pelo celular, sem maiores explicações. Apesar de Rita ser casada com um Calon, quebrou a regra de não manusear o celular, algo comum entre as demais "brasileiras" que se casaram com os Calon. A imagem abaixo mostra três bandeiras em uma carreata, em agradecimento à saúde de Matheus Kauã, meu interlocutor de pesquisa.

Figura 110 - Bandeiras na rua e no alto



Fonte: Acervo pessoal

Desde que lá cheguei, em 2020, nunca ouvi falar dessa procissão. Os ciganos escondem muita coisa dos *gadjes*. Sabia que Branquinha, mãe de Diana e Moisés, era católica e bem devota de Nossa Senhora da Aparecida, mas nunca me contara desse evento. O desespero e a ânsia de obter esclarecimentos sobre o festejo tomou conta de mim e, ao mesmo tempo, um sentimento ruim de não poder estar lá. Hoje, sei que nessa data existe a procissão. Tudo indica que estarei lá no ano que vem. Assim que recebi os vídeos, procurei explicações, porém, em vão. De repente, Josivaldo me envia mais dois vídeos e depois, Moisés. Não sabem escrever, então, enviam imagens. Sequer um áudio anunciando do que se tratava.

Minha pesquisa em campo, em Quissamã, praticamente, findou-se: estou na fase da escrita, mas sempre me surpreendo com esse veículo de comunicação, o *WhatsApp*, pois sempre me traz algo novo. Perguntei à Rita, sogra de Paloma, do que se tratava: “Todo ano ele faz, todo dia 27 de julho, promessa para Nossa Senhora do Divino Espírito Santo, Pai Eterno e Nossa Senhora de Aparecida”, respondeu por escrito. Rita sabe escrever por ter ido à escola, enquanto não era casada com um Calon. Pergunto o porquê da promessa. Não responde. Talvez não possa falar no celular naquele momento. Ou até mesmo não queira falar.

Na *internet*⁷¹, pesquiso sobre o santo Divino Espírito Santo e Pai Eterno, pois de Nossa Senhora de Aparecida já conheço a história, por ser muito devota desde criança. Uma lembrança está ancorada em mim, da minha infância. Afinal de contas, estive em Aparecida do Norte seis vezes, quando ainda era criança. Eu tinha, aproximadamente, 7 anos. Em meados do dia 12 de outubro, data comemorativa da santa, já sabia que era época de viajar. Íamos de excursão, na verdade, caravanas de ônibus desconfortáveis que varavam as madrugadas adentro. Eram promessas de minha avó-mãe, mulher que me criou.

De dois fatos nunca esqueci, o da égua Chimbica e o do passageiro faceiro, que se sentou ao lado de minha avó. A Chimbica era uma burra que fez minha avó sorrir, quando fomos de charrete ao local que teve a aparição da Santa. Minha avó achava muita graça ao ouvir o condutor da charrete gritar: “Vamos Chimbica, oieeeee, Chimbica!”. Já o rapaz faceiro que se sentou no banco do corredor do ônibus não foi para a excursão porque tinha fé. A intenção do moçoila era ter ao seu lado uma jovem mulher, de modo que fosse paquerando durante a viagem. Éramos tão pobres que só comprávamos uma passagem. Eu ia no colo dela por mais de seis horas de viagem. Era muito cansativo para os três: minha avó, comigo no colo e o passageiro da poltrona ao lado, afinal de contas, o meio de transporte e as estradas do passado eram precários. O moço ficou indignado, reclamando toda a viagem, porque se sentou ao lado de uma idosa e não de uma jovem, como ele desejava. Minha avó-mãe, muito chateada com o organizador da excursão, reclamou o tempo todo com ele e também comigo. Nesse último dia em que fomos à Aparecida do Norte, e que ficou ancorado em minha memória, foi o fato dela ter comprado um terço de madeira muito grande com correntes fracas e douradas. Guardo-o exposto na parede do meu lugar sagrado, perto da imagem de preto-velho, até os dias de hoje.

Em muitos festejos no catolicismo, encontramos cerimônias de descidas e subidas de mastros acompanhados de festas, depois da concentração de pedidos e rezas. Geralmente, são comemorações de santos, devido a alguma promessa. Pelo *print* acima, observamos que, na primeira e na segunda bandeiras, estão contidos os mesmos dizeres: *Obrigado Espírito Santo pela vida e saúde de Matheus*. Na terceira faixa: *Obrigada Nossa Senhora de Aparecida*. Não

⁷¹ A imagem original do Divino Pai Eterno fica guardada no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO), assim como o próprio Medalhão. Relatos contam que, por volta de 1840, o casal de agricultores Constantino Xavier e Ana Rosa encontrou um Medalhão de barro, nas proximidades do córrego Barro Preto, em Goiás. Surpresos, eles notaram que havia a Imagem da Santíssima Trindade, coroando a Virgem Maria. Os dois beijaram a imagem, se sentiram abençoados, e entenderam que tinham recebido um sinal de Deus. O casal colocou o Medalhão em um local especial em casa e começaram a reunir amigos e familiares, que rezavam o terço. A partir daí, graças e milagres começaram a ser compartilhados. As notícias foram se espalhando e a quantidade de pessoas rezando, era cada vez maior.

Disponível em: <https://www.paieterno.com.br/2022/07/08/como-surgiu-a-imagem-do-divino-pai-eterno/>. Acesso em 12 de agosto de 2022.

as vi de perto, mas sei que foram costuradas num cabo de vassoura, com fitas coloridas, típico de como usam nos vestidos das Calin. Elas contém, também, gravuras com imagens dos santos padroeiros. O tecido que compõe as bandeiras é de cetim, o que as Calin costumam comprar para Paloma fazer os forros dos vestidos.

Cruz & Cruz (2019) levantam conceitos importantes sobre o catolicismo. Segundo os autores, assim que os ciganos chegaram ao Brasil, assumiram a religiosidade católica, embora fosse muito difícil a presença deles nas missas. Outras religiões apareceram e tiveram também presença em suas vidas cotidianas. “Nós ciganos calons⁷² somos carentes de atenção e acolhimento. Historicamente, a Igreja Católica não nos dedicou este olhar. Víamos as demais religiões com muita desconfiança”. Nesse percurso sagrado, os ciganos passam a ser reféns de pastores e de outras crenças. Os autores argumentam que ouviram relatos de Calon que se sentiram acolhidos pelo pastor e pela comunidade, de modo que professaram a fé evangélica. Já mencionamos que os ciganos aderem à religiosidade predominante local, mas o catolicismo sempre esteve presente em suas caminhadas.

3.1 Catolicismo Santorial e Cultura Matriz

No *print* da foto logo abaixo, avistamos Diana Soares no meio, com a bandeira vermelha, Matheus Kauã de joelhos, atrás das bandeiras. Desde que cheguei em 2020, só assisti a comentários religiosos católicos vindo de Branquinha, a que se chamava Daiane, mãe de Diana, no início de meus escritos. A Calin me ajudou nos primeiros contatos com o campo de Carapebus, mas sempre me aconselhava a ir em Quissamã: “Em Quissamã, dona, tem muito cigano, aqui, não tem muito não”. Depois, a família de Daiane, ou melhor, Branquinha, mudou-se à força, por causa de revoltas de moradores ao redor de Carapebus. Os ciganos trocam de nomes, de modo a se preservar contra os *gadjons*. Quando cheguei a Quissamã, meses depois, a família de Branquinha chegou, então, descobri seu verdadeiro nome, porque a identidade dela é Maria de Fátima. Pelas imagens, percebi a liderança da Calin à frente do evento religioso, Diana no meio, carregando a bandeira vermelha e o seu esposo, pai de Diana, carregando o outro mastro de Nossa Senhora de Aparecida em alguns momentos do vídeo.

⁷² Jucelho Dantas da Cruz pertence ao grupo étnico Calon, passou um tempo fora de sua família, da vivência diária dos ciganos quando saiu para estudar em Salvador. Mais tarde, conheceu sua esposa e se casou e passou a trabalhar fora da comunidade. Informações dadas pelo autor no dia 05 de setembro de 2022, via *WhatsApp*. Mais informações acerca do autor, sugiro entrar no site: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/cigano-recusa-dotes-de-casamento-para-estudar-e-chega-ao-doutorado.html>. Acesso em 05 de setembro de 2022.

Figura 111 - A procissão



Legenda: Diana Soares, Matheus Kauã ajoelhado perto da bandeira vermelha, a criança de vestido vermelho é Mirella, filha de Paloma, irmã de Miriam

Fonte: Acervo pessoal

Cruz & Cruz (2019) relatam que existem diversas formas de ser católico. Segundo eles, tal fato é muito importante para a cultura cigana. Para os autores, os ciganos, em relação às três vertentes católicas, seguem a forma mais tradicional: o Catolicismo Santorial, cuja centralidade está nas imagens dos santos. Desse modo, “o entorno das comunidades calons na Bahia é rodeado por elementos inerentes a sua cultura matriz, mas travestidos com o sincretismo católico em suas figuras santas”, afirmam Cruz & Cruz (2019, p. 214). Diante deste argumento, observamos uma cultura matriz não especificada pelos autores, mas clara em seus escritos, que

possui muitas afinidades com o catolicismo, religião dominante durante o processo de colonização.

Em relação ao reconhecimento de onde pousar, existe um ritual específico feito por eles, segundo informações de Renato Rosso, padre que já conviveu em meio aos ciganos, citado por Cruz & Cruz (2019). Os autores põem em relevo a fé acrescida de habilidades Calon ao montarem suas barracas. Segundo Ferrari (2010), o termo utilizado para designar a habilidade de escolher o melhor lugar para montar a barraca é calonidade. Porque a barraca é uma estrutura vulnerável às intempéries, a sua localização é crucial para minimizar os impactos do ambiente. Para isso, é necessário ter conhecimento do terreno e escolher locais próximos a árvores de tronco forte que possam resistir a vendavais, ou terrenos mais estáveis, que não sejam afetados pela água da chuva.

Segundo Rosso (1986, p. 147), os ciganos, antes de montarem suas lonas, além de pedir a bênção de Deus, pedem para passar “ao redor da barraca o cordão de São Francisco, outros, a imagem de algum santo, além de prepararem altares nas barracas para que Deus os guarde e proteja”. O fato de conviver com eles, além de mostrar-lhes confiança, inspira-nos mais saberes sobre esse povo, muitas vezes, donos de uma cultura hermética. No cotidiano dos ciganos, a religiosidade é muito importante, seja ela qual for. “Este grande misticismo em torno da figura de Deus, bem como outros elementos religiosos incorporados em sua trajetória milenar, enquadra os ciganos como pertencentes a uma vertente Santorial do catolicismo” (CRUZ & CRUZ, 2019, p. 215).

O padre Rosso (1986, p. 87), durante sua permanência com os ciganos, afirma que são povos muito religiosos, rezam por temerem as forças da natureza: “Quando começa o temporal alguém reza ou pede que outro o faça. Muitos oram em prevenção a cobras ou animais venenosos”. Em respeito às promessas, segundo o autor,

Os nomes dos santos invocados como testemunho de uma afirmação mais sincera; a bênção que eles pedem aos padrinhos e aos mais velhos, a bênção que os pais ou os irmãos mais velhos dão antes de todas as viagens; o pedido de ajuda a Deus nos negócios, ou de pragas para os inimigos (a vingança, muitas vezes, é desejada como punição do mal e da injustiça); o deslocamento da barraca, de poucos metros ou de uma cidade para outra, para evitar uma maldição àquele lugar (*sic*), o fato dos homens tomarem as refeições sem chapéu, como respeito a Deus e não tanto como norma de educação; [...]. (ROSSO, 1986, p.87).

Ainda neste contexto místico e religioso, Rosso (1986) afirma que os ciganos costumam acender velas para os santos para agradecer uma graça alcançada, participam de romarias e

festas religiosas, de casamento, como também de enterro, nestas ritualísticas, também acendem velas.

3.2 As carreatas de fé

Figura 112 - Matheus Kauã e seu pai na passeata



Fonte: Acervo pessoal

Os ciganos costumam fazer romarias com a intenção de pagar promessas – enfatizam Cruz & Cruz (2019, p. 218). A fé predominava em viagens muito longas. No entanto, essa ritualidade está se perdendo porque as promessas eram muito mais sacrificantes. Assim, discorrem os autores, a fé era algo puro que alimentava coisas boas por vir, dando-lhes esperanças de dias melhores. De acordo com Cruz & Cruz (2019, p. 218): “As romarias eram

feitas a pé ou no lombo dos animais (burros e cavalos) e quando muito em carrocerias de caminhões (pau de arara)”.

Na foto acima, assistimos, acredito, ao final da carreata. As bandeiras, depois de exibidas em uma certa altura, voltam de carro no colo de Kauã Matheus e de seu pai. Momentos depois, na rua central do acampamento, Virgínia e o Calon Disson exibem a sua fé, andando de joelhos no chão, mas Disson é evangélico. Um fato interessante chamou-me a atenção: havia uma Calin jogando algo no chão, que me parecia uma espécie de ritualística, mas não obtive resposta à minha pergunta pelo celular. É fato que todo o ritual ocorria em torno do menino Calon e de seu pai. Isso ficou bem claro nas gravações.

Embora tenhamos muitos moradores evangélicos em Mathias, essa procissão, mesmo que enviada por meios midiáticos, foi um acontecimento marcante para os meus escritos, pois nunca presenciei essa imensidão de devoção católica dentro do acampamento. Vale ressaltar que, das duas vezes em que estive na igreja evangélica, presenciei crinças na igreja, as mesmas que desfilavam na romaria católica.

Ainda de acordo com Cruz & Cruz (2019), os ciganos tornam mais suaves os seus sacrifícios no pagamento de suas promessas. Ações facilitadoras de fé não existem somente entre os ciganos, mas também com os não ciganos, resultando, talvez, em alguma influência sobre os acampamentos. “As promessas feitas são pagas com prazer, pois os sacrifícios outrora experimentados são transformados em atividades de lazer, e com isso houve uma diminuição do fervor da fé [...]” (CRUZ & CRUZ, 2019, p. 219). Tal procedimento nos leva a entender que as romarias tornaram-se momentos de alegria e de descontração também. Em relação à dimensão da fé em um Calon, temos a experiência de Jucelho, autor Calon:

Nasci e fui criado em acampamentos onde pude vivenciar as mais diversas expressões de fé no catolicismo santorial dos ciganos calons. Altares singelos eram confeccionados em forma de girais de madeira ou as imagens eram postas sobre as malas ou baús. À noite deitado na cama podíamos vislumbrar as luzes das velas dos santos acesas e adormecíamos vendo o brilho das imagens e a sua sombra refletida na lona. Sentíamos-nos protegidos sob um pedaço de lona, vulneráveis a tudo. A comunicação com os intercessores de Deus era feita por jovens e velhos através de orações próprias ou com um Pai Nosso e Ave Maria rezados ao modo particular de cada uma das famílias (CRUZ & CRUZ, 2019, p. 219).

O Calon nos passa uma de suas experiências enquanto criança. De fato, nos traz momentos representativos de sua infância. O estudioso não mais mora em acampamentos, mas nunca se esqueceu de sua origem: é um Calon, e luta pelo seu povo.

Recorro a Disson, pai de Vitória, que dizia ser evangélico, mas “às vezes”. O Calon disse-me não saber o que estava acontecendo no momento que lhe indaguei sobre o evento religioso, mas, pelo que percebi, tratava-se de algo do cotidiano deles. Infelizmente, nem que eu quisesse me deslocar, eu conseguiria chegar a tempo, afinal, seriam 150 km de distância de minha residência ao acampamento Mathias. Mesmo assim, Disson disse-me algo:

“Foi uma festa aqui de santo, que eles fizeram para Nossa Senhora de Aparecida, Divino Espírito Santo, [...] e mais o quê? (Disson tenta ouvir alguém que está a seu lado), Divino Pai Eterno. Foi uma festa deles, mas foi muito rápido tudo, nem dava para um terço da festa de comemoração ao santo”.

Figura 113 - *Print* da procissão ao redor do acampamento



Fonte: Acervo pessoal

Quando nos dedicamos à pesquisa, praticamente exercemos esse papel de investigador, um jornalista, talvez. Hoje, sei que a festa acontece sempre no dia 27 de julho. Talvez eles não tenham feito o evento nos anos anteriores em razão da pandemia, ou, quem sabe, Matheus Kauã e seu pai foram libertos da COVID-19 e, por isso, pagaram promessas. Não falam. Aliás, sobre o Covid-19 nunca falaram nada, estavam sempre bons e saudáveis. Só soube da morte da sogra de Larissa Soares, mãe de Brian Soares, vizinha de Virgínia.

De acordo com a autora Greycy Kelle de Andrade Cardoso (2018), os ciganos possuem um código de autopreservação que visa manter os não-ciganos desinformados sobre seus costumes e práticas. Esse fator contribui para a criação de lendas e fantasias sobre os ciganos, que muitas vezes são baseadas em estereótipos e preconceitos. Cardoso (2018) destaca que, na sociedade ocidental, os ciganos ocupam papéis contraditórios, sendo responsáveis por suscitar paixões opostas com muita violência. Essa ambiguidade pode ter sido um importante fator para a sobrevivência dos ciganos ao longo dos séculos, segundo alguns pesquisadores citados pela autora. Essa ambiguidade também é compartilhada por outros grupos minoritários que habitam o território brasileiro, o que leva a uma produção de desacordos na sociedade. Isso ocorre porque, muitas vezes, esses grupos são estereotipados e julgados com base em informações desinformadas e fantasiosas. Portanto, é importante reconhecer a complexidade desses grupos e evitar a perpetuação de estereótipos e preconceitos que podem contribuir para a marginalização e exclusão desses indivíduos.

3.3 Calon festeiros

Figura 114 - Bolo doce



Fonte: Acervo pessoal

No vídeo que a Calin Rita me enviou, senti o gosto de sua voz ao fundo. “Saíam daí crianças, tá na hora não, vão pra procissão!”. Era Brian convocando os outros meninos para ver o bolo. Os Calon de Quissamã são festeiros e gostam de fartura, por sinal. Vivem em comunidade e pensam em coletividade. O tamanho dos bolos é para que todos se alimentem bem.

Figura 115 - Bolo salgado



Fonte: Acevo pessoal

Monteiro (2018, p. 159) relembra os momentos festeiros:

Dentre vários eventos dos quais estive participando, nesses anos de pesquisa com os Calons da Costa Norte, muitos foram festejos dessa Rede: aniversários das crianças, batismo, festas de casamento. Nas chamadas “festas de calendário”, como festas juninas e festas de finais de ano, a vivência é partilhada entre as duas grandes famílias que ocupam o território da Rua dos Ciganos.

A autora ratifica que, nesses momentos festeiros, aprendeu muito com os Calon. Trata-se de um meio de interação e de conhecimento, argumenta a pesquisadora. O mesmo não posso escrever sobre as festas devido ao isolamento de Covid. Apenas assisti a um aniversário, o de Miriam e o de Mirella, festejados ao mesmo tempo. Nesse percurso, não nos esqueçamos dos momentos da pandemia, muito menos do fato que os Calon de Quissamã não gostam muito de aproximação com os não-ciganos, a não ser amigos próximos, ou com quem fazem negócios.

3.4 Abram alas para as bandeiras, já está chegando a hora

Pela imagem do vídeo, reconheço Diana, que segura a bandeira vermelha. Munidos de muita fé. Os pais de Diana são devotos e sempre me mostraram a crença que têm em Nossa Senhora de Aparecida. Em alguns momentos nos vídeos, vejo-os segurando uma das bandeiras.

Figura 116 - As bandeiras



Legenda: Diana Soares, Matheus Kauã ajoelhado, atrás da bandeira vermelha

Fonte: Acervo pessoal

Matheus Kauã e seu pai estão andando de joelhos, atrás delas. Em todas, lemos o nome de Matheus Kauã, mas com santos diferentes: “Obrigado Divino Pai Eterno de Trindade”, a quadriculada se diferencia das outras duas cores. Na vermelha lemos “Obrigado Divino Espírito Santo pela vida e saúde de Matheus Kauã”. Na terceira, de cor azul, “Obrigado Nossa Senhora de Aparecida pela vida e saúde de Matheus Kauã”. Na construção desse imaginário de fé, projeto um modelo de seriedade no rosto da menina Calin Diana. Nunca a vi tão concentrada.

Em relação às crianças, Cruz & Cruz (2019, p. 219) argumenta que os conceitos católicos de que Deus é importante está na vida de todos os ciganos católicos, principalmente que ele é protetor, “que é capaz de perdoar e punir”. São ideias perpetuadas pela ancestralidade. Segundo os autores, os ciganos são considerados místicos e mágicos e, por causa disso, foram muito perseguidos. Tais famas ocorreram “entre os séculos XVI e XVIII, quando foi instituído pela Igreja Católica o Tribunal do Santo Ofício ou a Inquisição” (CRUZ & CRUZ, 2019, p. 220). Os autores relembram as épocas em que as mulheres eram denominadas bruxas por praticarem a quiromancia, sendo queimadas vivas nas fogueiras da inquisição. Desse modo, em Quissamã, Deus é adorado pela igreja evangélica que lá se encontra, pelos poucos católicos que ainda demonstram a sua fé por meio das procissões pelo Divino Pai Eterno e Nossa Senhora de Aparecida, e pelos Orixás de Felipe. Diante das considerações de Cruz & Cruz (2019), podemos concluir que a religiosidade dos ciganos católicos é profundamente marcada por conceitos que valorizam a importância de Deus em suas vidas, principalmente como um protetor que é capaz de perdoar e punir. No entanto, ao longo da história, a crença e práticas místicas dos ciganos foram alvo de perseguição e discriminação, especialmente durante a época da Inquisição. Apesar disso, em Quissamã, podemos observar que a religiosidade é plural e diversa, manifestando-se através da igreja evangélica, da fé católica e das procissões, dos cultos aos Orixás. Essa diversidade religiosa é um reflexo da história e cultura de um povo que, mesmo diante das adversidades, busca manter viva a sua crença e tradição.

Volto às crianças do acampamento Quissamã. No momento em que traduzo nesses escritos o sagrado católico, lembro-me das histórias do *Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry (2015), mais uma vez. Uma delas menciona a Raposa como uma das personagens que surgem ao menino de forma surpreendente e misteriosa, ensinando-lhe lições certas. Nas caminhadas do personagem-menino-rei, ele indaga o que é um rito. A raposa responde-lhe que se trata de algo demasiadamente esquecido, que faz um dia ser diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Continua a sua explanação mencionando que, num rito, existe também um dia específico: “Há um rito, por exemplo, entre meus caçadores. Às quintas-feiras, eles dançam com as moças do povoado. Então, a quinta-feira é dia maravilhoso!” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 110).

Resumindo, as histórias do Pequeno Príncipe sempre me fazem refletir sobre a importância dos ritos e tradições em nossa vida. É através desses momentos especiais que conseguimos dar significado e valor a certas datas e celebrações. No caso das crianças do acampamento Quissamã, percebo como a religião e suas práticas rituais têm um papel fundamental em suas vidas. É através da participação em procissões e outras cerimônias que

elas expressam sua fé e se conectam com o sagrado. Além disso, fico impressionada com a maneira como esses ritos e tradições são transmitidos de geração em geração. As crianças aprendem sobre a importância de Deus e da religião não apenas através dos ensinamentos da igreja, mas também através da ancestralidade cigana. É uma forma muito bonita de manter viva uma cultura e uma tradição. Por outro lado, também me preocupa a forma como a religião e seus ritos foram utilizados no passado como justificativa para perseguições e violências. É triste pensar que pessoas foram mortas simplesmente por praticarem uma crença diferente daquela imposta pela igreja. Espero que hoje em dia possamos respeitar todas as formas de religiosidade e entender que cada um tem o direito de escolher suas próprias crenças e práticas rituais.

Durante minha pesquisa em Quissamã, fui surpreendida por muitos vídeos de meus interlocutores que explicavam a comemoração do dia 27 de julho. Nesse dia, eles homenageiam os santos que os ajudaram a superar problemas e, como forma de pagamento de promessas, organizam carreatas, procissões e festas. Esse rito também inclui uma variedade de bolos doces e salgados para expressar a gratidão e amor em forma de fé. Essa celebração é muito diferente do dia a dia deles e proporciona momentos especiais em que eles podem demonstrar sua devoção.

3.5 Com o celular, os adolescentes aprendem menos o cotidiano

Figura 117 - Ronie Soares fotografando



Fonte: Acervo pessoal

Toda celebração, ou melhor, todo evento, assim como em todas as tardes de barganhas, as crianças se vestem com roupas tradicionais. Nessa foto, vemos Ronie, um impecável Calon todo de rosa. Com o celular sempre às mãos, os meninos Calon filmam com total liberdade e registram seus acontecimentos sagrados. Não costumam fotografar.

É importante esclarecer que não contava escrever sobre o catolicismo em Mathias, não havia coletado dados, por mais que eu tenha tentado. Avistava imagens de Nossa Senhora de Aparecida e tachos em cima da cumeeira, ou seja, o ponto mais alto do telhado de uma casa ou terreiro; na casa de Paloma, via imagens de Nossa Senhora da Aparecida como também ouvia comentários sobre a santa. Branquinha, por exemplo, disse-me que iria à Nossa Senhora da Aparecida pagar promessas. Acrescento aos sinais da fé, a mãe de Disson, Dona Jóia, que arrecadava fundos para vestir Santa Sara – movimento com o qual também cooperei e não vi nenhuma Santa Sara vestida. Disse-me que a imagem estava em outro acampamento, o de Santa Maria, onde mora o futuro noivo de Vitória Barreto. Estive lá para ver Santa Sara e ninguém sabia de imagem alguma, tampouco de roupa.

Figura 118 - Cumeeira da casa de Paloma



Fonte: Acervo pessoal

Quando perguntei à Calin Paloma sobre o significado do tacho em seu teto, ela me disse que pertencia ao seu pai e resolveu guardar de lembrança. A imagem de Nossa Senhora de Aparecida remete a um sagrado dado à lembrança de seu pai. Os ciganos realmente são muito herméticos em relação a seus paramentos religiosos.

Na igreja evangélica, situada dentro do acampamento, entrevistei o Alex, Calon que cedeu o espaço ao pastor. Estive na escolinha de domingo, conheci a professora, entrevistei o pastor e, depois, a pandemia ficou mais perigosa, o que me fez recuar e a igreja fechar suas portas. Surpreendeu-me receber os vídeos do evento pelas crianças e por Rita, através de filmagens feitas nos celulares deles. A pesquisa chegou-me no momento em que finalizava o trecho “O boneco Vodú”. Sinceramente, não consegui deixar para depois da tese mencionar os momentos de fé católica dos meus interlocutores de pesquisa. E o mais importante: tratava-se de um documento feito a partir do ângulo de visão deles.

Retorno a mencionar que, após o mundo pandêmico, a tecnologia do celular tem modificado alguns costumes dos Calon de Quissamã. É fato que as imagens de vídeos não vieram com uma boa qualidade, assim como também a foto de Vitória Barreto com a boneca com Covid que recebi no início desse trabalho. A precariedade da imagem da menina Calin era tanta que tive que dar conta do problema e, na época, não possuía as habilidades em melhorar imagens que hoje alcancei⁷³. Desse modo, solicitei a Virgínia que procurasse um celular para que me trouxesse uma imagem melhor da Calin. Aproveitei o áudio com a mensagem da menina, que nada sabia sobre a pandemia, mas brincava de levar a boneca ao hospital. Parecia algo sem importância, mas que, no decorrer da pesquisa, transformou-se num brincar de boneca. O mesmo acontece agora, com os vídeos enviados pelos interlocutores, os quais me provocaram a trazer alguns dados do catolicismo na pesquisa e a editar as imagens para que melhor pudessem tornar visíveis esses momentos católicos.

Em sua obra, Jean Retschitzki (2012) destacou que, na época em que foi escrita, a mídia era frequentemente culpada por diversos problemas sociais, como a violência entre jovens e a obesidade. No entanto, o autor ressaltou que novas tecnologias surgiram e permitiram uma maior disseminação de conhecimentos sobre culturas pouco divulgadas. É preciso, portanto, ampliar o conceito de mídia para incluir essas novas formas de transmissão de mensagens. Com o surgimento de novas tecnologias, como a internet e as redes sociais, a transmissão de

⁷³ Com a ajuda da bolsa Capes, fiz alguns cursos e assinatura do aplicativo *Lightroom* e *Photo Shop* que me ajudaram muito nesse processo.

informações se tornou mais rápida e acessível, possibilitando uma maior difusão de culturas e conhecimentos antes pouco divulgados. Esse processo pode ser visto como uma forma de democratização da informação, pois permite que pessoas de diferentes locais e culturas tenham acesso a informações que antes estavam restritas a determinados grupos. Dessa forma, o conceito de mídia deve ser ampliado para incluir essas novas formas de transmissão de mensagens, que permitem a disseminação de culturas diversas e a troca de informações entre diferentes grupos sociais. É importante compreender que a mídia não é responsável pelos problemas sociais, mas sim um meio de comunicação que pode ser utilizado de forma positiva ou negativa, dependendo do uso que é feito dela.

Neste âmbito, podemos afirmar que os celulares, a cada dia que passa, evoluem ainda mais, apresentando modelos que permitem a comunicação em velocidade, fotografar, gravar imagens, assistir à televisão, receber e-mails, e uma variedade de outras funções. Como já mencionei antes, os Calin estão no *TikTok*, conectando-se com o mundo, expondo sua cultura, defendendo-a, apresentando sua musicalidade através da arte.

De acordo com Brougère (2005), a tecnologia do celular é integrada às formas da cultura adolescente e permite transformar a cultura de acordo com as modalidades que diferem em cada sociedade. Isso tem possibilitado que adolescentes de diferentes origens culturais, como as meninas Calin do acampamento Mathias, se integrem coletivamente e aprendam sobre novos fatos por meio do celular. Retschitzki (2012) destaca que o celular é um instrumento usado para produzir modos de ser e de comunicação, gerando novos roteiros culturais.

Assim, pode-se afirmar que a tecnologia do celular não é apenas um meio de comunicação, mas um agente de mudança cultural que possibilita a integração e a troca de conhecimentos entre diferentes grupos sociais. Além disso, essa domesticação cultural do celular pelos adolescentes pode ser vista como uma forma de adaptação às mudanças tecnológicas em curso na sociedade. Portanto, o celular pode ser entendido como um instrumento que amplia as possibilidades de aprendizagem e interação cultural, proporcionando novas formas de construção de identidades e modos de ser. Isso significa que hoje em dia é comum ver meninas Calin, filhas de mães brasileiras, ou mulheres Calin, que são casadas com homens Calin, utilizando celulares no acampamento Mathias. O acesso às tecnologias móveis está se tornando cada vez mais comum entre as pessoas em todo o mundo, incluindo grupos tradicionais como os ciganos. Esse fato pode estar relacionado à ideia de domesticação cultural mencionada por Brougère (2005), ou seja, a adaptação das novas tecnologias às culturas existentes, bem como à possibilidade de novas formas de comunicação e produção cultural, mencionada por Retschitzki (2012).

Figura 119 - Santiago Soares



Fonte: Acervo pessoal

Esse *print* do vídeo é de Santiago Soares documentando o evento com o seu celular. Pelos vídeos, tive que usar a minha curiosidade, pesquisar como se fosse uma repórter em busca de mais informações sobre o evento que estava acontecendo sem a minha presença. As crianças de Quissamã deixarão participações em meus escritos, como também curiosidades. Mesmo não estando no local, os celulares delas capturaram imagens que compõem a minha pesquisa. Este capítulo da tese, por exemplo, é composto por imagens feitas por eles próprios: os Calon produziram a “fotoetnografia” do acampamento Mathias de Quissamã.

De acordo com Brougère (2005), os celulares proporcionam diversas formas de intercâmbios culturais e encontros durante os finais de semana, além de permitirem uma aproximação espacial gradual para estar junto no sábado à noite. O autor também destaca que esses dispositivos são um suporte para diferentes maneiras de falar, que são influenciadas por

um mosaico linguístico que é particularmente evidente em uma cidade multicultural como Montreal. Da mesma forma, em 2022, o celular agrega, sob diferentes enfoques étnicos, fortalecimento de culturas antes ignoradas. É um instrumento de pesquisa, mesmo nas mãos das crianças Calon, com *prints* de vídeos, extraídos por mim, editados até a última gota de água de informação.

Brougère (2005) também argumenta que o celular tem um papel importante no aumento da expressão e da amplificação dos traços identitários e culturais presentes no sincretismo linguístico dos adolescentes. Em outras palavras, ele destaca que o uso do celular pelos adolescentes é uma maneira de expressar sua identidade e cultura através de uma linguagem diversificada e sincretizada, influenciada pelas múltiplas culturas presentes em uma sociedade multicultural. Portanto, o autor sugere que o celular pode ser visto como uma ferramenta que permite aos adolescentes a construção e expressão de sua identidade e cultura, assim como uma forma de integração social.

Retomando Retschitzki (2012, p. 144), os adolescentes do começo desse milênio surpreendem com o conhecimento rápido que adquirem com as novas tecnologias: “Eles têm acesso imediato a uma panóplia de telas, ao passo que os mais velhos só se serviam da televisão”. É fato comprovado que o cotidiano dos Calon, como também dos não ciganos, está contaminado com o uso do celular, a televisão ficou em segundo plano. Segundo o autor: “o computador já substituiu a televisão como meio de comunicação favorito das crianças maiores e dos adolescentes” (RETSCHITZKI, 2012, p. 144). O pesquisador comenta que existe uma “aprendizagem incidente”, ou seja, mesmo distraídas, as crianças aprendem sem o propósito de aprender.

Retschitzki (2012) se refere ao conceito de aprendizagem incidental, que ocorre quando uma pessoa assiste televisão com o objetivo de se distrair, mas acaba adquirindo informações que não havia procurado especificamente, ou seja, a aprendizagem não foi planejada ou intencional, mas aconteceu de forma não intencional através da exposição a conteúdos diversos na televisão. Esse tipo de aprendizagem pode ocorrer em diversos contextos e pode ser útil em diversas situações, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e de conhecimentos.

É importante destacar que já presenciei a Diana, a menina dolescente Calin, utilizando a função de gravação de voz do *WhatsApp* para transformar suas mensagens em texto, dando a impressão de que sabe escrever. No entanto, é sabido que ela nunca frequentou a escola e nem aprendeu a escrever seu próprio nome. Essa situação evidencia como a tecnologia pode ser uma ferramenta que possibilita o contato com símbolos da escrita, ainda que não de forma convencional, e pode despertar a curiosidade e o interesse em aprender a escrita formal.

Nesse sentido, Brougère (2005) argumenta que a tecnologia do celular é uma ferramenta que pode ser integrada às formas da cultura adolescente, permitindo a transformação dessa cultura. Assim, o contato com os símbolos da escrita pode ser um caminho para a transformação cultural, estimulando o interesse em aprender e desenvolver habilidades que são valorizadas pela sociedade em geral. No entanto, é importante destacar que o acesso à educação formal é um direito fundamental de todas as crianças e adolescentes, e que a tecnologia não deve ser vista como substituta da escola, mas sim como uma ferramenta complementar.

3.6 Imaginação, às vezes, em estado de amnésia

Não tenho como fugir de minha imaginação. Olho as imagens do evento católico e muitas coisas me vêm à mente. A minha imaginação passa por aprender fatos novos, supor como tudo fora planejado: as bandeiras, o caminhar de joelhos, o festejo final, todo processo de transformação para que pudessem sentir a sua crença. Muitas vezes, colonizamos a nossa imaginação e nos colocamos em estado de amnésia, em um estado comum de situações que ocorrem num acampamento, como se nada de importante acontecesse naquele lugar. Mesmo que saibamos do resguardo que fazem para que nós, *gadjin e gadjen*, não invadamos o seu espaço, a sua privacidade, eles se deixam notar: quando querem, saem em caravana. Pelo que imagino, não estão se importando em mostrar a sua devoção aos santos católicos num ambiente em que a maioria é formada por evangélicos. Não se importaram com seus nomes expostos nas bandeiras. Imagino que a intenção deles possa ser desimaginar os estereótipos que recebem ao redor do acampamento. Com esses poucos elementos simbólicos, tentam praticar o assombro, mostrando que também fazem parte daquele lugar. Por causa disso, a minha imaginação fica de longe, por não ter sido possível estar presente no evento.

A imaginação está conectada ao entendimento. Quando reconhecemos o racismo religioso, de etnia, de pele, dentre outros, tentamos nos tirar do estado de imaginação colonizadora. Imaginar é a mãe da poesia que nos deixa solta no texto, nos faz voar para as histórias do *Pequeno Príncipe* (SAINT-EXUPÉRY, 2015). Numa das partes do texto, o menino fala que vivia sozinho. De repente, uma voz despertou o piloto de um avião que caíra no deserto, pedindo-lhe que desenhasse uma ovelha. Depois de fazer vários desenhos, o Piloto desenhou uma caixa: “Esta é apenas a caixa dela. A ovelha que você quer está dentro” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 13). A caixa desenhada pelo Piloto representa o poder da imaginação de

ver a ovelha lá dentro, ou seja, a capacidade de resolvermos os problemas do dia a dia de forma prática. Trata-se de um imaginar sobre a imaginação do imaginar que vive pequeno em nós.

Nessas idas e voltas com a ação de imaginar, destacamos a necessidade de mais ações afirmativas exclusivas para os ciganos, de modo que instrumentos legais os protejam ainda mais. Há muito que essas reivindicações são feitas por ciganos de etnia que alçaram voo nos estudos e hoje tentam defender o seu povo. Esses pedidos têm que ser o da caixa de ovelha onde caibam mais minorias. A imaginação nos faz desejar coisas e fazer mais inclusões. Há muito o que caber e fazer. Os Calon católicos de Mathias em Quissamã saíram à rua. As pessoas que acompanharam o evento, mesmo que de longe, ficaram num estado de desimaginação de estereótipos. Os ciganos não são bruxos, ou sequer tão místicos como pensam. Convoco o meu leitor a exercer a coragem de imaginar coletivamente para que possamos fazer algo pelos Calon e outros grupos étnicos. Os assombros são pontos de partida. Para imaginar somente temos que nos assombrar.

3.7 Senhor e dono da casa, a folia vai saindo

Figura 120 - Meninas Calin com as bandeiras



Fonte: Acervo pessoal

Ao longe, na gravação enviada por Josivaldo, em meio a muitos barulhos, consigo ouvir o violão marejando a letra de uma música sagrada: “Oh, dono da casa, venha ver nossa folia,

vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria. Venha abrir sua porta que nós viemos de poso, ah, ah, ah. Nosso corpo quer descanso. Fica com Deus nosso Pai e a Proteção do Divino”. Fui ao *Google* e descobri que se trata desta música:

Folia de Reis

André & Andrade

Senhor e dono da casa, vai chegando a folia
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria ai ai ai!

Senhor e dono da casa, se não for muito custoso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de poso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de poso ai ai ai!

Nosso corpo quer descanso nós precisamos dum canto
Nossa arma quem vigia é o Divino Espírito Santo
Nossa arma quem vigia é o Divino Espírito Santo ai ai ai!

Senhor e dono da casa, a folia vai saindo
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino ai ai ai!⁷⁴

Por pesquisas realizadas em 1906, o maestro João Marinho da Fonseca compôs a melodia do Hino do Divino Espírito Santo. Em 1997, seu neto, Joãozinho do Cavaco, compôs a letra do Hino. Trata-se de uma letra significativa para os ciganos, cantada por eles mesmos.

Destaco o trecho da música que ouvi no áudio do vídeo de Josivaldo, bem ao fundo: “Oh, dono da casa, venha ver nossa folia, vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria. Venha abrir sua porta que nós viemos de poso, ah, ah, ah”. Converso com Ferrari (2019) acerca da palavra “poso” – que observei pela primeira vez quando cheguei com a minha casa rodante e Josivaldo me perguntou “vai posar onde, tia?”. Achei interessante a pergunta do menino Calon, peguei o meu caderno de campo e imediatamente anotei a fonética da palavra dita pelo menino. Segundo Ferrari (2019, p. 258), “um poso é um terreno ou uma combinação entre casas e terreno, onde é possível acampar”. É certo que entendi o que Josivaldo trazia para mim: um terreno.

Outro fato interessante que a autora nos ensina é que os ciganos têm ojeriza ao fato de ficarem *sozinhos*. Trata-se de “um termo do português que ganha conotações muito particulares

⁷⁴ Composição: André e Hamilton Carneiro. Enviada por Lucimara. Revisão por Nelson. Hino ao Senhor Divino Espírito Santo. Banda Os Ciganos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmnUCsH2tf0>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

entre os Calon que conheci” (FERRARI, 2019, p. 259). A chegada da pesquisadora *sozinha* no acampamento causou-lhes estranhamentos: “[...] Como é que se vive assim *sozinha*?”, questionaram seus interlocutores quando a avistaram parada na estrada. Segundo ela, eles nunca ficam *sozinhos* e, quando se deslocam, são acompanhados, pelo menos, de sua família nuclear. Observei essa união em Mathias: quando há visitas, entram, sentam, almoçam e, se possível, jantam um na casa do outro. Existe mesmo o fato deles não gostarem de ficar *sozinhos*.

Destaco outro trecho da música do vídeo: “Venha abrir sua porta que nós viemos de poso, ah, ah, ah”. Abrir a porta para recepcionar alguém após viagem é uma honra para os Calon de Mathias. Eu assisti a esse fato com o pastor vindo de muito longe. Quando chegou à casa de Disson, jantou, dormiu no mesmo dia em que lá dormimos. Foi muito bem tratado. “Nós somos assim, Maria, é só chegar e tratamos muito bem quem é nossos amigos”. Pelo tempo em que estive na casa deles, a energia de amizade entre eles é diferente de nós, brasileiros: existe uma comunhão verdadeira. Quando ocorre algum problema com um Calon, todos se juntam para resolvê-lo. Exatamente assim, emaranhados uns com os outros, nunca *sozinhos*⁷⁵.

Dialogo mais uma vez com Saint-Exupéry (2019, p. 99) num momento em que o pequeno príncipe se vê sozinho numa alta montanha: “Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho ... – respondeu o eco”. Assim como os ciganos, o personagem não gostava de se sentir sozinho. A escrita, ou melhor, a minha pesquisa, que caiu em momentos conturbados e pandêmicos, tem ainda me deixado *sozinha*. Muitas vezes, as pessoas querem construir pontes, mas, ao invés delas, muros são colocados. A pandemia causou isolamento e muitas tristezas. Criamos muros, por medo da pandemia, e pontes, porque tínhamos que escrever sobre os Calon. Convém deixar registrado que as portas dos Calon, principalmente as de Virgínia e Disson, estavam sempre abertas para mim e para todos os seus membros da comunidade.

Destaco um trecho da canção: “Nosso corpo quer descanso nós precisamos dum canto, Nossa arma quem vigia é o Divino Espírito Santo, Nossa arma quem vigia é o Divino Espírito Santo ai ai ai!”. Fomos protegidos, eu e meu esposo, fizemos pesquisas. Entrei num momento crucial, com meu caderno de campo, blindada por mais de uma máscara, esborrifada com álcool 70. Os ciganos também precisavam de proteção, mas o descaso com esse grupo étnico está nos *sites* dos militantes estudiosos ciganos. Depois, com o agravamento da pandemia, vi

⁷⁵ Em alguns acampamentos que participamos com trailers e motorhomes, nós, “brasileiros”, agimos como eles, sem sabermos. Visitamos equipamentos, barracas, kombis, fazemos muitas amizades, paramos, sentamos nas cadeiras, somos convidados para um café, ficamos horas e horas conversando. Já mencionei, num dos encontros, que imitamos os ciganos. Foram eles, os “Viajantes do Luar”, antes mesmo de nós. Outros questionamentos vêm surgindo, e que serão para escritas futuras. Acampamos e não passamos por perseguições, paramos em qualquer estrada, em qualquer terreno, mas quando eles assim faziam, ou até hoje fazem, a história nos conta o contrário.

que não podíamos mais seguir adiante. Foi quando a tecnologia nos favoreceu. A tecnologia permitiu que continuássemos nossa pesquisa de forma remota, por meio de vídeo chamadas e trocas de mensagens. Mesmo à distância, pude acompanhar a vida dos Calons do acampamento Mathias, suas crenças e costumes, e entender como a tecnologia tem se inserido em seu cotidiano. É importante lembrar que, apesar das dificuldades enfrentadas pela comunidade cigana, como a discriminação e o preconceito, eles mantêm uma forte conexão com sua religiosidade e tradições. A música religiosa, por exemplo, continua sendo parte importante de sua cultura, mesmo diante das adversidades. Em meio a uma pandemia que abalou o mundo, os Calons encontraram no Divino Espírito Santo uma fonte de proteção e esperança.

3.8 A minha principal interlocutora se manifesta – Virgínia

Figura 121 - Ainda as bandeiras da procissão



Legenda: Matheus Kauã, Diana, Larissa segurando a bandeira azul e olhando para Diana, a de costas com saias coloridas, Mirella

Fonte: Acervo pessoal

“O pai de Kauã, Jean Soares, fez uma promessa para Debrande (avô de Kauã), porque o avô teve doença maligna na garganta e foi pra cirurgia, e Kauã é doentinho desde pequeno, perdeu o movimento das pernas”. É cerimônia de levantar as três bandeiras no alto de um dia para o outro às 17h. Continua Virgínia: No primeiro dia, levanta as três bandeiras no alto e reza, depois corta o mastro. Larissa faz parte porque o pai dela também ficou doente, e também jurou promessa pro Debrande. Essa é fé muito antiga, de muitos anos. Desde que nascem e crescem e sabem que tem fé e fazem promessas. O Pai de Kauã mandou fazer o bolo, mas quem quiser ajudar, pode. Nós chama de “esmola” – sai pedindo ajuda para fazer festa para Nossa Senhora de Aparecida. Esse momento de hoje não pede mais esmola, mas geralmente, pede esmola. As bandeiras tem muito tempo de feitas, tradição. No segundo dia, abaixa a bandeira, reza e guarda tudo pro próximo ano. A mulher que vai com uma vasilha na mão é porque tá recolhendo as pedras pra não machucar os joelhos”

Na imagem apresentada, Mirella aparece durante uma celebração religiosa onde adultos e crianças festejam juntos. É um dia de festa e observa-se Matheus Kauã ajoelhado junto com outra pessoa não identificada. À noite, Virgínia forneceu mais informações sobre a celebração religiosa, as que transcrevi acima, o que foi essencial para minha pesquisa. Essas informações são inéditas e não poderiam ser obtidas por meio da mídia ou de escritos já existentes. Foi possível confirmar posteriormente com Virgínia os nomes das crianças que aparecem na imagem, pois algumas estavam de costas. Esses detalhes adicionais fornecidos por Virgínia foram extremamente valiosos para minha pesquisa.

3.9 Santa Sara – uma escrava egípcia

Fraser (1995) afirma Religião é outra esfera onde os ciganos refletem o mundo não cigano ao seu redor. Eles tendem a aceitar as religiões dos países onde viveram por algum tempo. Assim, existem ciganos católicos, vários tipos de ciganos protestantes e ortodoxos e, em todo o mundo islâmico e partes do sudeste da Europa.⁷⁶

Foi sob a forma de peregrinos que os ciganos chegaram pela primeira vez à Europa Ocidental. [...] Quanto aos sacramentos, embora o batismo tenha se tornado popular entre eles, o casamento era ainda mais comum. No século XIX, no entanto, os ciganos participavam de

⁷⁶ Tradução para o português: “Religion is another sphere where Gypsies reflect the dadjo world around them. They have tended to accept the religions of the countries in which they have lived for some time. Thus, there are Catholic Gypsies, various types of Protestant and Orthodox Gypsies and, throughout the Islamic world and those parts of south-eastern Europe” (FRASER, 1995, p. 312).

procissões periódicas em mais de meia dúzia de santuários franceses, incluindo Lourdes, e em outros lugares da Espanha, Portugal, Itália, Bélgica e Alemanha.⁷⁷

O encontro religioso mais famoso acontece nos dias 24 e 25 de maio de todos os anos, em Les-Saintes-Maries. Fraser (1995) enfatiza que Santa Sara, mesmo adotada na condição de padroeira dos povos ciganos, nunca teve seu espaço na igreja católica. Segundo Cruz & Cruz (2019, p. 225), Santa Sara foi uma cristã serva do Senhor Jesus Cristo: “Apesar de sua história estar envolvida em lendas, ela pode e deve ser vista como modelo de fé e de devoção”.

Fraser (1995) argumenta que Santa Sara era uma serva egípcia de Maria Jacobe e Maria Salomé, tias de Jesus, acreditava-se que foi levada milagrosamente até a foz do Ródano alguns anos após a crucificação. Somente no meio do século XIX, a presença de ciganos foi observada entre outros peregrinos em Les-Saintes-Maries, e muito mais recentemente eles começaram a dominar o primeiro de dois dias.⁷⁸

Segundo Cruz & Cruz (2019), mesmo a santa não sendo reconhecida pela igreja católica, teve seu culto difundido. Devemos ressaltar que, nos terreiros de Umbanda, Santa Sara é cultuada anualmente e essa religiosidade vem mantendo a presença do povo cigano na cultura brasileira. Além das informações de Fraser (1995), Cruz & Cruz (2019) enfatizam que a informação mais difundida é que se tratava de uma serva de uma das três Marias presentes na crucificação de Jesus. Outra versão afirma ser a serva a parteira de Maria, mãe de Jesus. Em Quissamã, quase não se comenta e não se assiste a nenhuma comemoração de Santa Sara Kali, a não ser o dia em que a sogra de Virgínia queria vesti-la.

Portanto, o culto à Santa Sara Kali é uma importante manifestação da religiosidade cigana, presente em diversos países e também no Brasil. Apesar de não ser reconhecida pela Igreja Católica, Santa Sara é cultuada anualmente em terreiros de Umbanda, o que contribui para a manutenção da cultura cigana no país. As informações sobre a origem da santa são diversas, mas todas elas ressaltam a importância de sua figura para a comunidade cigana. Embora em Quissamã não haja comemorações específicas em homenagem a Santa Sara Kali, é importante reconhecer a riqueza e a diversidade das tradições religiosas presentes em nossa sociedade.

⁷⁷ “It was in the guise of pilgrims that Gypsies first came to western Europe. [...]. As for the sacraments, while baptism became popular among them, early marriage. By the nineteenth century, however, Gypsy are periodic processions to more than half a dozen French sanctuaries, including Lourdes, and to others in Spain, Portugal, Italy, Belgium and Germany”. (FRASER, 1995, p. 312).

⁷⁸ “She was an Egyptian servant of Mary Jacobe and Mary Salome, Jesus' aunts, believed to have been carried miraculously to the mouth of Rhône a few years after the crucifixion. It was only the mid-nineteenth century that the presence of Gypsies was noted amongst other pilgrims at Les-Saintes-Maries, and much more recently that they began to dominate the first of two days” (FRASER, 1995, p. 312).

Figura 122 - O mastro da bandeira



Fonte: Acervo pessoal

No acampamento Mathias de Quissamã, é comum que os pagadores de promessa ergam bandeiras durante as carreatas em honra à sua fé católica. Essas bandeiras são posteriormente cortadas em pedaços, para que os fiéis ajoelhados no chão possam levá-las como símbolos de devoção. Apesar de não estarem diretamente relacionadas ao culto a Santa Sara Kali, essas práticas ainda persistem na comunidade Calon. Durante a minha pesquisa, mesmo que eu tenha apenas impressões de fotos, pude perceber a intensidade do sentimento religioso dos Calon em relação a essas práticas.

4 “ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS LINDA DO QUE EU?”

Ao destacar a carta com a simbologia do amor de Patrícia Gebrin (2021), busco expressar o quanto essa palavra é importante para a vida de Vitória no momento em que escrevo este capítulo. A menina Calin está vivendo um período conturbado devido ao noivado com outro menino Calon. A fotografia, abaixo, captada pela lente sensível de Virgínia, revela a identidade da criança, que escolheu o espelho para manifestar sua duplicidade de adolescente-menina-Calin. Essa cena nos faz refletir sobre o quanto é necessário ter amor próprio para seguir adiante e colocar em prática ações que nos conduzam à felicidade.

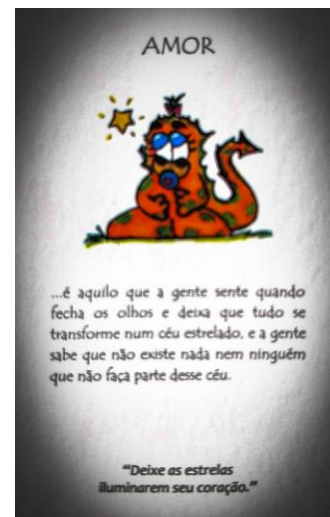


Figura 123 - Vitória Barreto e Virgínia de frente ao espelho



Fonte: Acervo pessoal

Virgínia ama sua filha, preocupa-se com ela. Vitória não consegue dar o que não tem no momento, o amor, segundo relatos da menina adolescente Calin. Seguirei a minha escrita pelas confissões de minha interlocutora feitas a mim. A história tem um final, pois paixão é diferente

de amor. Decerto, a menina Calin ainda espera amar de verdade. Acredito que existe um campo magnético ao redor de todos nós. Esse campo começa a irradiar fluxos de energia. Caso sintamos rancor, irradiamos esse sentimento; se amamos, expandimos energia para todos ao nosso redor. Então, “deixemos as estrelas iluminarem o nosso coração”, como enfatiza Gebrin (2021).

Em Quissamã, já ouvi de Vitória que ela sabe que não pode ser mais uma criança e que agora ocupa um lugar privilegiado em sua família. Não é uma menina do Ocidente, seus modos e costumes são diferentes, pertence ao grupo étnico Calon de Quissamã. No conto de fadas de *Branca de Neve*, existe a presença do belo questionado por uma rainha do mal: “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”. Vitória se lança ao espelho, entende a profundidade de sua beleza infantil Calin com cores e brilhos. Caminha em sua profundidade, degusta a beleza de seu próprio corpo, percebe, então, seu íntimo, o mistério que envolve as mulheres de sua etnia.

Quando conhecemos a menina, ela ainda não tinha a preocupação com sua beleza, pois só queria brincar. Com o tempo, ou seja, em dois anos de pesquisa, conheceu o ritual da menstruação. Virgínia, em uma de nossas conversas, disse-me que estava escondendo de Disson o rito de passagem de criança para adolescente⁷⁹. “Maria, estou escondendo o máximo, senão ele entrega ela pra casar”. Durante o ápice da pandemia, Virgínia me liga: “olhe, se tudo der certo na negociação, Vitória terá um noivo. Estou indo lá em Santa Maria. O garoto ainda é novinho, mas a mãe dele sai pra shopping, usa biquíni na praia e vai dar toda a liberdade pra minha filha”. Nesse ínterim de negociações feitas, casamento arranjado e tratado, Vitória e Ronald em breve ficariam noivos. Não me deram muito detalhes, tentei visitá-los em Santa Maria, acima de Campos dos Goytacases, conhecer o menino e entrevistá-lo, mas não me foi permitido, ficaram fechados. Assim são os Calon de Quissamã e redondezas, temerosos em muitos aspectos.

⁷⁹ Para saber com mais detalhes em relação ao casamento e o dote, ler: Monteiro (2018), Ferrari (2010), Goldfarb (2018), Moonen (2018).

4.1 Vitória B, aonde vai você? – Termina a brincadeira

Figura 124 - Vitória Barreto pensativa



Fonte: Acervo pessoal

Foram momentos diversos naquela semana de 24 fevereiro de 2022. No território deles, junto às suas crianças, parece-me que oito meses ainda não se passaram, mas o cotidiano Calon de Quissamã se transformou, como em anos. Partilho mais uma vez, a imagem de Vitória. Ao enviar a foto acima para Virgínia recordar, leio a seguinte mensagem: “minha filha não tem mais esse sorriso, esse brilho”.

Até o momento, brincamos, caminhamos e dialogamos com diversos autores da literatura brasileira. Mesclamos brincadeiras à poesia, declarações de crianças e de adultos Calon imbricam-nos pelas metáforas de suas escritas, pelo fantástico de suas narrativas. Demos sentidos denotativos às suas criações. Agora, caminho com uma retrospectiva das informações

recentes de Virgínia pelo celular⁸⁰ e convido Colasanti⁸¹, com *Ana Z, aonde vai você?*. Esta narrativa recupera elementos simbólicos da literatura infantil para brincar com o imaginário relatando o real. Trata-se de um enredo que caminha a lugares fantásticos com a personagem Ana Z, que, em busca de seu colar de contas que arrebentou quando a menina se debruçou na beira do poço, nesse ínterim, conhece várias pessoas que tentam lhe ajudar a achar a sua indumentária.

Ela, quando imergiu no poço, encontrou somente o solo sem líquido e uma velha senhora tricotando gotas de água para os peixes que lá moravam. Depois, conheceu um mineiro que extraía ouro para fazer as escamas douradas dos peixes. A seguir, a menina encontrou uma tumba egípcia com dois restauradores. Dentre muitos lugares pelos quais passou, depois de muito tempo, uma porta de túnel se abriu e o deserto lhe surgiu. Este passa a ser o seu cenário em busca dos peixes que engoliram as rosas, ou seja, as pedras de seu colar. Ana Z passa a viver na torre com um sultão. A personagem caminha sem parar em busca de seu colar de pérolas.

Neste momento da escrita, e no decorrer do texto, nos embrenharemos pelos caminhos de Ana Z e Vitória Barreto, duas adolescentes em conflito num mundo tortuoso e muitas vezes difícil interiormente, duas meninas em busca de si mesmas, de crescimento. Ana Z remete-nos a “Vitória B, aonde vai você?”.

Meses se passaram desde minha parada com o trailer. Soube que Vitória Barreto sempre passa alguns dias na casa de sua sogra. “Ela tem que aprender a lidar com a sogra dela, e conviver na casa deles, Maria, porque ela vai se casar em breve, talvez em 2023, e você será a primeira *gadjin* a ser madrinha, estou te convidando, muié”. Essas foram as palavras de Virgínia em relação ao aprendizado de dona do lar, no acampamento de Santa Maria. Surpreendi-me ao notar que o cotidiano Calon passa muito rápido no acampamento de Quissamã e os fatos acontecem muito rápido.

⁸⁰ O fato de compartilhar a conversa com Virgínia não tem a mínima intenção de expor meus interlocutores de pesquisa, uma vez que tenho permissão da Calin para fazê-lo. Outra coisa relevante é que estudamos crianças, e Vitória, uma adolescente Calin, passa por um conflito interno, não relatado, ainda, em nenhuma pesquisa. As crianças sofrem de amor e desamor, em relação aos arranjos matrimoniais. Seguindo a mesma lógica, assistimos a relatos de arranjos matrimoniais em outras etnias. Em *Amkoullel, O menino fula*, de Hampâté Bâ, já citado na pesquisa, temos o ritual de casamento arranjado por família, por exemplo. Em *Para educar crianças Feministas - um manifesto*, de Chimananda Adichie, também encontramos os arranjos matrimoniais. O mesmo ocorre com os povos indígenas. O que realmente pretendo trazer nas minhas escritas, como mencionei, são os conflitos que acometem tanto Vitória quanto Ronald, seu noivo, e que afeta também a sua família.

⁸¹ Na época do lançamento dessa obra, trabalhei em sala de aula com os meus alunos do 7º ano, em uma escola particular do Rio de Janeiro.

No dia 13 de setembro de 2022, o ar estava um pouco quente, porém o clima agradável. A leve brisa vinha carregada do perfume das mil flores que anunciavam a chegada da primavera. Surge outro contato de Virgínia: “Ah eu falei pra Diana que vc e seu louro⁸² são padrinhos da vitória de casamento, ela ficou com a cara no chão kkk”. Ferrari (2010, p. 276) também relata sobre uma madrinha “brasileira”. Acredito que, para a Calin, serei a primeira “brasileira” a ser madrinha no acampamento deles, pois já sabemos que um acampamento nem sempre é igual a outro.

Desde que cheguei ao campo de Quissamã, nunca escondi o meu credo umbandista. Já relatei que sou apenas uma médium participante da Umbanda⁸³. No entanto, em 24 de setembro de 2022, Virgínia me pede auxílio para rezar por sua filha:

Vitória não quer mais casar. O rapaz é louco de amor por ela tava tudo bem do nada.... Ela não vai desmanchar, tem muita gente esperando o mal da vitória ela está nos prantos desesperos do nada a minha vida virou de ponta a cabeça tou acuada. O casamento da Vitória tá cheio de maldição pragas feitiço. Eu fiz um pedido a nossa senhora da Aparecida que ela proteger o casamento da vitória ela vai se casar no dia dela 12 de outubro. Já tô na estrada (se referindo à ida ao acampamento Santa Maria para desmanchar o trato de casamento). Comprei *Calmasyn* (calmante natural) para ela⁸⁴.

Em 01 de outubro, véspera das eleições de primeiro turno para presidente do nosso país, Virgínia me chama no *Whatsapp*:

Boa noite cumade. Vitoria ontem conversou com o noivo 3 vezes, tá indo uma uma tá bem outra o coração dela enche de nagoa mais na vista ela tá mais firme temos que orar bastante. Jogue as cartas pra ela vou te dar a data de nascimento dela. “Não sei jogar, só sei pesquisar rs. Deixe ela pensar. Nada que um dia após dia” – respondi. Olha vou pedir para ela te contar um sonho que ela teve vc pode interpretar. Só pra ver se é o mesmo meu. “Não sei fazer isso Virgínia” (respondi). Tá bem. Eu sei ver borra de café. De não sei que habilidade que tenho. Perguntei: “Café. Você já fez alguma vez essa adivinhação?”. Deixa eu tiver sozinha com ela vou consultar a borra do café mais tem que ter uma xícara com um prato. Ela tá magoada que ela é o noivo brigou ela ficou assim ele pede perdão todo dia. Muitas gente querendo o noivo dela tem muito feiticeiros aqui. Vc sabe ne. Uma vez eu fiz a consulta na borra do café pro dison vi ele péssimo de saúde vir ele na beira da morte mais ia superar. Olha vou te falar sou sabia lembra que eu te falei que no dia

⁸² Mensagem transcrita como no *WhatsApp*. Eles chamam Lauro, meu esposo, de Louro, desde o início da pesquisa.

⁸³ Médium participante é aquele que apenas frequenta, sem compromisso importante no terreiro. Sempre disse que sou umbandista, neste sentido, para que a minha pesquisa não recebesse nenhuma interferência em função da minha religiosidade. Tal fato se deu porque, desde que cheguei em Mathias, fiquei surpresa ao não observar o que li nos livros sobre Ciganos. O misticismo não estava presente entre eles, ou se escondia na presença de não ciganos. Ademais, uma igreja evangélica ainda permanece com seus cultos no acampamento Mathias de Quissamã.

⁸⁴ Transcrição literal do aplicativo, sem o intuito de menosprezar a minha interlocutora.

dos namorados ela ganhou um perfume. Já sei a resposta. Cigano não pode dar perfume para a namorada. Afasta. Tem que dar doce, caixa de bombom.

O sonho relatado por áudio, por Vitória Barreto:

Oi tia eu sonhei que eu estava numa festa de cigano, aí tem a Juliana que é a prima do meu ... (pausa na voz) Ronald né. Aí ela me emprestou um perfume que pedi ela, aí eu passei um monte de perfume porque o cheiro era muito bom. Um cheiro diferente, mas o perfume. Mas o perfume que ela me deu era o meu. Entendeu, que comprei. Depois disso tudo, eu sonhei que estava numa festa dançando né com o marido da minha prima, o Geovane, marido da Lupita. Aí o que aconteceu...do nada a minha saia de baixo sumiu e eu fiquei nua, depois teve uma briga, um monte de correria e minha mãe brigando comigo porque eu tava sem roupa.

Ao considerarmos a fala da brasileira Calin, Virgínia, em relação às escritas de autoras que estudaram tanto os Calon das Redes de Sertão quanto as “turmas” de São Paulo, observamos muitas semelhanças destes com os Calon de Quissamã. Na Paraíba, Monteiro (2018, p. 326) enfatiza que as meninas e os meninos casam-se cedo: “O ritual do casamento é um dos mais celebrados e desejados e esperados pela Rede [...]”. Em relação à educação, para a autora, não é correto mencionar que o povo cigano não gosta de escola. Assim, Monteiro (2018, p. 327) argumenta: “A entrada mais tardia das crianças não significa irresponsabilidade dos pais ou não querer que suas crianças sejam alfabetizadas”, a questão é maior do que se pensam: “os Calon não confiam em Jurons, e dificilmente entregam suas crianças pequenas nas mãos de um estranho, é que antes de aprender o que a escola vai ensinar, as crianças Calon precisam aprender as noções operantes da vida Calon”. Em relação às noções operantes da vida Calon, o casamento está incluso nesse cotidiano.

Segundo a autora dos *Calon das Redes do Sertão*, o casamento já começa a ser arquitetado na passagem da infância para a fase adulta: “é formalizado no período de 15 a 16 anos, para meninas, e 18 e 20 anos para meninos” (MONTEIRO, 2018, p. 328). A diferença da fala de Monteiro com as meninas de Quissamã é que a ritualística do casamento começa quando as meninas menstruam e os meninos “encorpam o corpo de homem” – fala de Virgínia. Outro ponto importante decorrente da visão da estudiosa é que, na infância, a criança é muito “paparicada, cuidada, amada e protegida, ensinando – aprendendo e experimentando” (MONTEIRO, 2018, p. 329). Em Mathias também.

Entre as turmas de São Paulo, Ferrari (2010, p. 40) enfatiza que “o controle do corpo feminino aparece como um grande divisor de águas entre as duas moralidades, a *gadje* e a calon. É por meio de uma performance corporal feminina adequada que se constrói o *ethos* calon”. Nessa perspectiva, observa Ferrari (2010, p. 40), “a rede de parentes entra em cena para

assegurar a permanência de seus membros”. Ferrari vai ainda além quando comenta sobre o termo *vergonha*, lançado em sua pesquisa como algo que sai da cosmologia Calon. A isso tudo, ressoa o gênero favorecendo quase nada à mulher: “não tem hora para sair, passear, se divertir” – fala de uma das entrevistadas da autora. Segundo Ferrari (2010, p. 41), “o casamento é um momento-chave para se definir em que mundo se viverá. A aliança com uma família calon implica a subordinação à moralidade da *vergonha*”. Virgínia escolhe a família que tem posses e que, futuramente, pode dar à Vitória liberdade de *gadjin*, assim como a mãe, que não é Calin.

Ainda pelos estudos de Ferrari, o fenômeno *vergonha* está ligado à capacidade de tornar-se uma digna mulher *Calin*, que se resume em vestimentas e comportamentos, principalmente, tolerar o patriarcalismo dentro de sua moradia. Caso não siga estes parâmetros, é considerada uma mulher que comete “*vergonha*” a outrem.

Ferrari (2010) estuda o conceito de calonidade. Este substantivo indica o modo de ser Calon. Tal conceito se dá pelo fato da criança nascer e ser criada em berços Calon. A partir disso, segundo Ferrari (2010, p. 75), “um bebê que nasce entre calons ‘é calon’ na medida em que faz parte de um rede de relacionalidade que lhe proverá um contexto para fazer-se calon, mas a calonidade ela mesma deverá ser construída”. O contrário se diz em relação à criança Calon criada por um *gadjon*: deixa de ser calon. Nesta posição de calonidade, segundo a autora, “é apenas por meio de uma performance bem-sucedida que se pode ‘inventar’ o calon ‘nato’, ‘legítimo’, como dizem eles” (FERRARI, 2010, p. 75). Por causa disso, o puro funciona como um modificador da pessoa cigana, na medida em que se torna diferente do exterior, o *gadje*. Por essa razão, não opinei e nem devo me intrometer na vida de Vitória Barreto em relação ao seu casamento, mesmo sabendo da consideração que Virgínia deposita em mim, como sua comadre, madrinha de casamento de Vitória. Sou apenas estudante de sua cultura. O que penso a respeito de suas questões não condiz com o cotidiano em que vivem.

Para Virgínia, se Vitória desmanchar o trato, a família passará por um certo constrangimento, a “*vergonha*”. A visão de “*vergonha*” entre os Calon tem um significado diferente em relação aos não-ciganos. Para os Calon, vergonha denota “desonra, humilhação, causa tanto um sentimento antecipado, de timidez e decoro por ‘medo’ de ser humilhado, como o próprio sentimento de humilhação” (FERRARI, 2010, p. 82). Mas é preciso considerar outro ponto fundamental: “entre os Calon ‘*vergonha*’ guarda ainda um sentido não dicionarizado. A aparente sinonímia encobre diferenças significativas” (FERRARI, 2010, p. 82). Seguindo essa lógica, o conceito de honra compreende o de vergonha entre eles: “honra e vergonha estão, por assim dizer, do mesmo lado da moeda” (FERRARI, 2010, p. 82). Dessa forma, usar a palavra

“vergonha” entre os Calon, envolve “toda cosmologia, uma forma de pensar o mundo [que] está em funcionamento” (FERRARI, 2010, p. 82).

O conceito acima ressoa no matrimônio, cuja honra está ligada à pureza, à virgindade da menina. O lençol manchado de sangue pelo rompimento de um hímen é prova de honra para os homens, após sua noite de núpcias. Segundo Ferreira (2010, p. 83): “os Calon dizem: ‘provar sua honra’, ‘a pureza da moça’, do contrário, se a menina tem relação antes do casamento, ela passa por ‘vergonha nos pais’”. Decerto que o rompimento do casamento de Vitória gera uma preocupação maior para os seus pais em resguardar sua virgindade, o que, talvez, esteja cada vez mais difícil, com a interação das meninas Calin no universo das meninas não ciganas pelo celular, pela Netflix, dentre outras facetas midiáticas.

Podemos inferir várias hipóteses para o ocorrido com Vitória a partir da obra de Colasanti. Tal fato nos leva a pensar sobre o tempo em que conheci Vitória Barreto até o momento atual. Na história de Ana Z, Colasanti traça o caminho de uma adolescente desde que entra no poço até sair do buraco, tendo passado por diversas situações e convivido com vários tipos de personagens. Ana Z, significa do A ao Z e, por passar por tantas letras do alfabeto, se sente transformada. Assim é o percurso do início representando pela letra A até o final, representado pela letra Z: várias fases com vários momentos. Poderia sugerir o começo e quase o fim de uma jornada em que a protagonista vive diferentes conflitos, valendo-se de certa determinação e coragem.

Vale observar que a criança ocidental tem um percurso de conquista desde que nasce, passando para a fase infantil de brincar, que *dura muitos anos*, (grifos meus) para a adolescência e depois para a fase adulta. Faço, então, uma analogia do nome de nossa personagem real deste capítulo ao nome da adolescente de Colasanti. Traduzindo o caminho percorrido por Vitória Barreto de V ao Z, percebo que existe somente uma letra entre as duas. Vitória Z só tem três percursos, bem rápidos por sinal: as fases de bebê, de infância e de adultez. Não conheci a menina Calin quando bebê, mas acompanhei a sua infância e agora a transformação em uma adolescente menina Calin, que, na concepção dos Calon de Quissamã, está se preparando para a fase adulta e não deve fazer “vergonha”.

A primeira vez que entrevistei a menina Calin, observei sua infância escorregando na sua voz, nas palavras sopradas aos meus questionamentos. “Eu tenho *IPad*, mas está no conserto, a gente pode usar aqui”. Inicialmente, sem a experiência de meu campo, acreditei, como também saboreei a inocência de seu olhar amendoado de menina. Já dizia Manoel de Barros (2015, p. 29): “Livre, livre é quem não tem rumo”. Hoje, entendo a liberdade de uma criança Calon de brincar o máximo que puder, pois a preparação do casamento exige que cresça

o mais rápido possível e modifique o modo de se comportar, de se entrelaçar com os amigos que não podem conviver, pois “meninas não podem ficar brincando com meninos”. Bem que a menina Calin Yara deixou bem claro: “Não quero me casar”. Mas será que lhe será permitido continuar brincando? A mudança do corpo físico e do rosto do primeiro momento em que conheci Vitória até os dias de hoje foi muito grande e rápida: um ano, apenas. Não sei ao certo se a pandemia não me permitiu acompanhá-la de mais perto. O amadurecimento não só ocorreu em seu corpo, mas também em seus diálogos, que se apresentam mais silenciosos, sem brincadeiras, de mulher. Um ano se passou e a inocência da menina também.

O percurso de Ana Z é trilhado pela autora, o de Vitória, por seu grupo étnico. O poço, na ficção, representa um circuito a ser completado, com caminhos tortuosos e labirínticos, em busca de desejos que a personagem tem, mas com livre arbítrio a percorrer. Durante o trajeto, ao longo de um tempo não cronológico, Ana Z se descobre e amadurece, assumindo posturas diferentes, assumindo lugares sufocantes como túneis estreitos, abertos e lugares áridos, como o deserto com barcos, que remetia a um oceano. Tudo é explicado quando Ana Z chega ao deserto e avista uma caravana em que os habitantes constroem redes e barcos. Nesse ponto, o ritmo do tempo passa na cadência dos camelos, tempo não marcado. “Para que barcos no deserto?”. A personagem passa a seguir por lugares de fantasia, como a torre do sultão, que a isola de todos. Depois Ana Z volta ao seu lugar de início, sai do poço para a sua verdadeira residência. O percurso de Vitória começa a ser trilhado com o arranjo de seu matrimônio em busca pelos peixes com escamas douradas de Ana Z, que, no baralho cigano, significam fartura. Será que esse caminho não será doloroso? Vale a pena perseguir uma cultura? A influência de sua mãe como “brasileira” mexeu nesse trajeto? O percurso de Ana Z é trilhado pelo leitor que, em pé de igualdade com a narradora, descobre quem é realmente a personagem Ana. O percurso de Vitória Barreto é escrito por seu grupo étnico. E agora, por mim, para sempre. A escrita é eterna.

Dentro desse circuito de vida, como o de Ana Z no poço, Vitória Barreto, após arranjo matrimonial, naquele momento, se descobre e percebe não mais amar Ronald, seu noivo, menino Calon do acampamento de Santa Maria. A menina Calin se isola no quarto, está confusa, sofre, toma calmante, entristece seus pais, que partiram para desarranjar o matrimônio. Era um domingo de pouco sol, nublado quando recebi a mensagem, 13 de setembro de 2022. Seus pais insistem em rezar e magiar para que o casamento não finalize. Ao me procurarem, sabem que, além de ser pesquisadora, pertenço ao credo afro-brasileiro, à Umbanda, e recorrem às minhas orações. Enfatizo que sou apenas uma estudiosa da cultura deles.

No domingo de eleição, dia 02 de outubro de 2022, Cirlene, uma Calin viúva, ex-moradora de Mathias, estava na casa de Virgínia. Cirlene é uma mulher Calin que apareceu em minha pesquisa quando conheci o acampamento Mathias. Desde a primeira vez que entrevistei Vitória Barreto, já sabia, por ela mesma, que jogava cartas. Esta Calin foi, até hoje, a única que conheci e que atua com o esoterismo das cartas. Provavelmente, Virginia solicitou a sua presença. Fizeram uma chamada de vídeo para mim. Foi muito bom rever a Calin e a sua filha. Sua fala anda comigo e faz parte de algum escrito já publicado: “Cigano é povo alegre, dona”.

A menina Calin está nas entranhas de um poço escuro, marejando todos os dias, conforme me fala a sua mãe. Como a torre do sultão em que Ana Z se envolveu, Vitória se isola de tudo e de todos. Por mais que comunique a seus pais que não ama mais Ronald, os mesmos não lhe atendem ao pedido de desmanchar o casamento, afinal, a família do noivo possui as “escamas de ouro dos peixes dos mineiros do poço de Ana Z”. Como a sabedoria da velha senhora que tricotava fios de água para os peixes que moravam no poço em que Ana Z desce, Virgínia Barreto tenta a todo custo convencer sua filha de que o casamento é o seu melhor caminho. A escola, deixada por Vitória, pois passava a maior parte do tempo aprendendo a ser dona de casa com sua sogra, tornou-se o deserto com barcos de fuga, mas que nada servem no momento. A escola seria o passo dado para defender a sua cultura, o seu povo, seria uma água no deserto, mas o barco de instrução acadêmica de Vitória afunda.

Num dos trechos da narrativa de Colasanti, há o desenvolvimento do corpo físico de Ana Z quando faz o caminho de volta à sua casa e passa por todos os obstáculos percorridos: “A cabeça passa primeiro, que é o mais fácil. Mas os ombros entalam, são largos demais”. (COLASANTI, 1994, p. 79). O tempo passou e Ana Z cresceu, amadureceu, haja vista a dificuldade para passar pelo buraco da sala, quando retorna ao ponto de partida, à beira do poço. A figura metafórica remete também ao parto simbólico de uma criança, o nascimento para uma nova vida. No mês passado, a menina Calin Vitória perguntou se tenho Netflix e solicitou a minha senha. Percebo o amadurecimento com a mídia, com o *TikTok*, dentre outras redes sociais. A menina aprende outros costumes, se redescobre, amadurece, não quer mais ficar no buraco do interior de uma cidadezinha chamada Santa Maria, onde mora seu noivo. Seus ombros não passam mais.

Em Ana Z, as dificuldades são apresentadas desde o início, quando a menina entra no poço e conhece várias pessoas, vários mundos diferentes. Em Vitória Z, a *internet* lhe mostra pessoas e mundos diferentes, que lhe garantem várias interpretações de como se vive uma adolescente não cigana, assim como sua mãe, Virgínia Barreto, viveu. Diana Soares também deu “vergonha” aos seus pais quando desnoivou. Agora a menina Calin se casará com um lindo

rapaz bronzeado de sol, musculoso, da cidade de Marataízes, no estado do Espírito Santo. No interior do poço, o mesmo que a subjetividade de Vitória, percebemos o amadurecimento da passagem da infância para a idade adulta, como sempre acontece com as crianças Calon de Quissamã, pulando a fase da adolescência. Geralmente, deixam que a transição entre infância e adolescência caminhe para a maturidade, rapidamente. Os Calon pulam ritos iniciáticos, não ao longo de um tempo, mas num tempo que quase não é contado pelo relógio, isto é, de forma convencional, uma passagem muito rápida de vida: não brincam muito.

Na história de Ana Z, existe uma personagem que experimenta diversas situações e que se vê transformada no final dos ciclos. Na de Vitória Z isso não acontece: a falta de experiência e de amadurecimento que carregará por toda vida farão que a menina talvez fracasse em seu matrimônio. De acordo com os escritos de Ferrari (2010, p. 276), existem muitos conflitos em relação a casamentos entre os Calon.

No dia 4 de outubro de 2022, por mensagens de celulares:

Fiz um pedido para minha Santa Sara eu tenho fé nela ela vai atender o meu pedido com urgência. Sim vou dar uma maçã (imagem) do amor pra ela o noivo da vitória tá ficando louco desesperado sem ela. A família dele tá desesperado em ver ele assim eu tô pedindo a santa Sara pra ela colocar amor no coração e da vitória pelo noivo parece que ela perdeu o amor que ela tinha por ele. Eu tô pedindo a santa Sara pra colocar o amor no coração da vitória pelo Ronald o noivo. Olha o que ele toma (mostra uma cartela de calmante) ele tá em depressão por ela agora vc entendeu cumade a gravidade da história. (Tempos depois) Sim agora o casamento dela tá desabando tá terminar. Ele está esperando uma ligação dela. A mãe dele ligou ontem falou se ela não quiser casar, e pra avisar, e amiga tava tudo bem o coração da vitória o amor virou odio. Ele mantém o amor por ela só que ela que n ela amava ele ficava feliz apagaram o brilho da vitória.

Percebemos a relação de magias e superstições relatadas por Virgínia: não se pode dar perfume, mas doces é o trivial para adoçar o relacionamento. Segundo a Calin, ela ligou para seu genro de modo que comprasse uma caixa de bombom para Vitória, para adoçá-la.

Dia 05 de outubro: “Ela tá mais boa. Eu levei ela pra jogar os perfumes fora ela mesmo jogou com as mão dela”. As falas de Virgínia são carregadas de muitas significações de pesquisa. Vale lembrar mais uma vez que Diana, minha primeira interlocutora de Carapebus, também não quis se casar com o primeiro noivo arranjado por seus pais. Lembro-me de que, na época, Branquinha, sua mãe, sentiu-se muito envergonhada ao me contar, pois eu já estava com o meu vestido pronto para o casamento, assim como muitos do acampamento. Gritava com a menina na minha frente, resmungava com seus parentes sobre a “vergonha” que Diana estava lhe fazendo passar. Perguntei à menina a razão do desmanche e, assim como Vitória, o silêncio

ponderou. A menina estava muito calma e certa de que aquela névoa que lhe aflitava iria passar. Afora todas essas turbulências, o que prevalece no grupo étnico de Quissamã *é a vontade das crianças*. Os perfumes foram jogados fora pela menina adolescente Calin Vitória, mas tudo se dá como ela quer, ou seja, o desmanche do trato de casamento com Ronald.

Já comentei sobre os conflitos internos dos adolescentes na fase em que se encontram Ronald e Vitória pela ficção de Ana Z. Ainda não sei como terminará essa narrativa não fictícia, mas até a conclusão de meus escritos, com certeza, teremos uma decisão definitiva por parte de seus pais. Nem sempre um retorno à casa do noivo será necessário para o desmanche do casamento, pois lá já estiveram para tentar fazer um acerto.

Assim como foi com Diana, a menina Calin está ganhando um tempo para pensar e os pais estão tentando fazê-la entender o que é melhor para ela, segundo seus olhares. Mas, como já disse, quem dá a última palavra é a criança. O fato das meninas se casarem cedo na etnia Calon definitivamente não quer dizer que são obrigadas ao matrimônio. A felicidade delas está em primeiro plano. E foi exatamente este contexto que presenciei no campo de Quissamã.

A brincadeira da menina Calin há muito acabou, mesmo que ela desista do casamento, assim como Diana, estará pronta para outro arranjo matrimonial. Mas, enquanto não resolver este problema definitivamente, seu conflito interno persiste e o do menino adolescente Calon Ronald também.

Sally Liechocki (1994, p. 24), uma cigana Romã, enfatiza que as crianças de seu grupo étnico “crescem como flores do mato, aprendem a falar e a casar no momento certo, são equilibradas. Não existem distúrbios sexuais nem nos meninos nem nas meninas que aprendem a conhecer a natureza do corpo, com a menstruação e a ejaculação [...]”. Segundo a autora, tal fato se dá naturalmente de forma sadia. Na comunidade de Quissamã, acompanhei Vitória, a vi crescer como flores no mato, que desabrocham rapidamente. Acompanhei sua passagem de menina-moça a mulher pronta para o arranjo matrimonial.

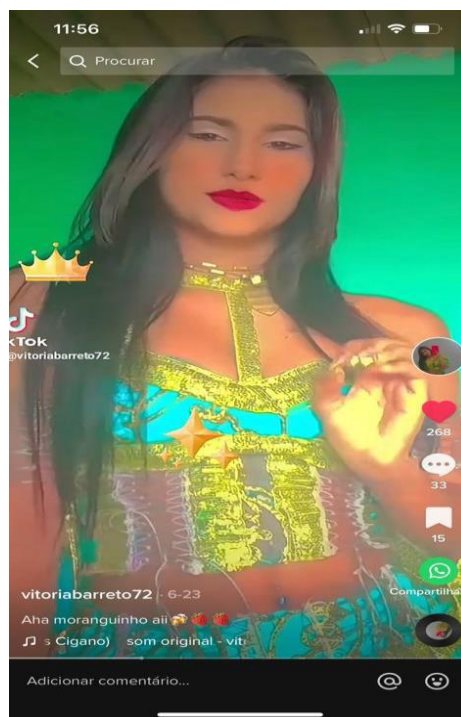
Neste momento, observo todo ocorrido com olhos de minha infância para fazer outra retrospectiva pessoal. Assim como fez Ana Z, ao voltar aos caminhos que ela mesma já conhecia, volto ao meu passado, quando engravidei aos quinze anos, sem mesmo ter rompido o meu hímen: quero dizer que ainda era virgem quando meu filho foi gerado. Diante disso, passei por vários conflitos em minha adolescência, principalmente, quando tocava na minha barriga e sentia um caroço de amêndoa, o que me fazia jogá-lo de um lado para o outro, sem saber que já se tratava de um feto. O caroço, na época, não tinha nome, ele me coisava somente. No descomeço, ninguém me acreditava: “que virgem que nada!”. Um copo de vidro gravitava no meu pescoço, jogado por meu pai por não me acreditar. As antúteses ponderavam com o

acriançamento de minhas palavras, pois não era capaz de pedir ajuda ou me defender, não tinha ideia do que estava acontecendo. Pelo olhar de uma mãe que não me educou, um médico de hospital de pobre, chamado na época de Pro-matre⁸⁵, no centro da cidade, me confirmou: “Ela é virgem senhora, quer fazer uma cesárea para que o parto não corrompa o hímen?”. Respondo à pergunta, hoje, como enfatiza Manoel de Barros (2015, p. 94): “A gente falava de bobagens de à brinca, mas o doutor falava à vera”. De que me adiantava a virgindade? Um desespero levou-me à passarela de pedestre do bairro Caju, no centro do Rio de Janeiro, debruçando-me no corrimão, pronta para me jogar na Av. Brasil. Não havia pais que me protegessem, como fazem os de Vitória Barreto. A opção atirada para mim foi o casamento, a obrigatoriedade de outro adolescente de dezessete anos. Não foi nada arranjado anteriormente. Então casamentos com gosto de desilusão só acontecem com as crianças ciganas? Por que os não ciganos ficam tão espantados ao saber que eles também casam cedo? São conflitos em que meu olho adulto não tem vontade de voltar ao olho infantil. Já comentei nos meus escritos que os conflitos das crianças Calon levam-me a um propósito: marcar as minhas memórias. Desnudo-me sempre.

4.2 A magia cigana

Durante a conversa transcrita com Virgínia, ela mencionou uma prática muito conhecida pelos ciganos, a cafeomancia. Essa é uma forma de oráculo que utiliza a borra do café para realizar a leitura. Primeiramente, é necessário beber o líquido e concentrar-se no problema em questão. Em seguida, a borra é despejada em um pirex para que a leitura seja feita através da sensibilidade mediúnica. Essa tradição mágica sempre acompanhou o povo cigano, conforme descrito em algumas das primeiras obras sobre eles, os não ciganos também a conhece e pratica a cafeomancia. Ao mencionar a ritualística, Virgínia enfatiza a importância das práticas e crenças dos ciganos na preservação de sua cultura e tradições.

⁸⁵ “A quase centenária Maternidade Pro Matre, inaugurada em fevereiro de 1919, com a finalidade de prestar assistência a mães e crianças dos *grupos sociais menos favorecidos*, foi iniciativa do médico filantropo Fernando Magalhães e da feminista Stella de Carvalho Guerra Duval com apoio de senhoras da sociedade carioca. Sua criação inseriu-se em movimento de assistência materno-infantil que a historiografia hoje chama de projeto maternalista, com base na ideia de que mãe e filho são culturalmente indissociáveis” (grifos meus). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/McPFHkDyqNwLrtRNhJdjfjN/?lang=pt>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

Figura 125 - Vitória Barreto no *TikTok*

Fonte: Acervo pessoal

No *TikTok*,⁸⁶ na imagem acima, Vitória desabafa pela música. Ouvi e retirei um pedaço da letra: “O dinheiro compra tudo e não compra a felicidade”. A menina manda o recado a quem interessar, seja lá quem for: noivo, parentes de noivo e seus, outros meninos Calon, enfim, para toda a comunidade Calon do Brasil, inclusive, para mim, que gostaria de saber da sua resolução.

Mas, até o momento em que revejo meus escritos, dia 15 de outubro de 2022, nada ainda foi finalizado. Aguardo pela solução deles, a definitiva, que tenho certeza de que ainda terei tempo de escrever na tese, mesmo sem entrar em detalhes .

Pela transcrição do texto de Virgínia, percebemos que Santa Sara, que não era comentada entre eles, surge na hora da decisão de vida da menina Calin. As magias, como o ganho de perfume por outra pessoa, entra também no contexto, pois cigano não deve dar perfume ao seu pretendente, mas bombom e maçã do amor, que trazem o doce, elemento necessário ao amor, e não os componentes que se diluem no perfume: a química não é favorável no caso de enlace, na magia. A fé em Santa Sara está muito presente na hora de uma decisão de casamento.

Caminhamos pelos caminhos do místico e convidamos meus primeiros autores lidos, quando ainda tinha a ilusão de que os ciganos persistem em disseminar crenças de curas

⁸⁶ <https://vm.tiktok.com/ZMFFnEHRH/>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

mágicas, amuletos, poções de amor, dentre outros artifícios mágísticos. Ilustremos algumas em que as crianças se inserem. Oswaldo Macêdo (1992, p. 47) discorre que “ao nascer, a criança recebe, secretamente, seu primeiro nome *soprado* pela mãe, que não será conhecido por ninguém, nem pelo próprio pai”. Segundo a crença, o nome secreto é fornecido porque a atenção e o olhar destroem as defesas. Após isso, a criança recebe o segundo nome, pelo qual será chamado. Atrela-se, a este aspecto nominal, a idolatria dos adultos às crianças. O autor assinala que “as crianças são veneradas por serem mensageiras privilegiadas; em seguida os velhos, que só vivem muito por serem sábios e *sabidos* – Barô – o velho que sabe” (MACÊDO, 1992, p. 47). Em Quissamã, assistimos à troca de nomes, como no caso de Nóia por Luzia, Branquinha por Daiane e pelo seu nome de identidade, Maria de Fátima. Em outra perspectiva de análise, as crianças e velhos continuam sendo o centro da atenção na comunidade Calon em que pesquisamos.

A partir dos fatos ocorridos com Vitória Barreto, percebemos que ainda persiste a crença em práticas mágicas, como curas, amuletos e poções de amor. No entanto, é importante destacar que essas crenças são parte integrante da cultura cigana, assim como outras culturas e não devem ser julgadas a partir de uma perspectiva ocidental racionalista. A troca de nomes das crianças é um exemplo dessas práticas mágicas, em que se acredita que o nome secreto deve ser guardado para proteger a criança. Além disso, as crianças e os velhos são venerados na cultura cigana e africana, sendo considerados mensageiros privilegiados e sábios, respectivamente. É interessante observar como essas crenças e práticas ainda estão presentes na comunidade Calon em Quissamã, mesmo com poucos Calon, mostrando a continuidade da cultura e sua importância para essas pessoas. Em verdade, consegui encontrar o que lia em alguns livros místicos, mesmo em que apenas uma única oportunidade.

Figura 126 - O passarinho na gaiola



Fonte: Acervo pessoal

A imagem de um pássaro preso em uma gaiola simboliza a situação em que Vitória Barreto se encontrava naquele momento - aprisionada, mas também com uma visão clara do seu futuro através de um sonho. A autora Liechocki (1994) sugere que as crianças ciganas possuem um conhecimento especial, sabendo como usar ervas para curar doenças e, ainda mais surpreendente, capazes de prever o futuro aos cinco anos de idade. É importante notar que a autora é de origem cigana, pertencente ao grupo étnico Rom. Na minha interpretação semiológica, o sonho de Vitória Barreto está relacionado ao simbolismo da ave da gaiola, que representa o elemento Ar, que junto a sua nudez, uma vontade de libertação naqueles momentos conturbados de sua vida.

Vale destacar que os elementais possuem significados tanto místicos quanto divinatórios. No decorrer do estudo do Brincar, foram estabelecidas relações entre as brincadeiras infantis Calon e os elementos Fogo, Água, Terra e Ar. A partir de agora, abordaremos o tema misticamente, com base nos ensinamentos dos elementais descritos por Cunningham (2018) em seu trabalho sobre a prática da magia elementar. Esse autor tem grande experiência em artes divinatórias e oferece uma introdução aos jogos divinatórios, o que nos permitirá aprofundar nossos conhecimentos sobre os elementais, sob outro ângulo, o místico.

4.3 Os elementais do Sagrado

Figura 127 - Elemental Fogo



Fonte: Acervo pessoal

Comecemos, então, pelo Fogo. A adivinhação é feita pelo método da piromancia. Em conformidade mística, o que se utiliza de magia pelo fogo é sentar-se diante de uma fogueira crepitante. Diante de tal ação, devemos fazer uma pergunta ao fogo e olhar as chamas, enquanto a fogueira arde.

A Água tem a função de molhar e fertilizar a terra, também tirando as impurezas de nosso corpo. O autor acredita que o uso dela provocou o conhecimento de muitas divindades, tais como lagos, rios, oceanos, fontes. A água está em todos os seus contextos. Cunningham acrescenta que a hidromancia – adivinhação pela água – forma símbolos do futuro.

Cunningham (2018) discute ainda sobre a prática divinatória denominada aeromancia, que está relacionada com o elemento Ar. Essa prática consiste na observação de presságios que envolvem fenômenos atmosféricos, como o vento e as nuvens, bem como o comportamento das aves e o aspecto do céu. Trata-se de uma forma de adivinhação que busca interpretar sinais do ambiente para fazer previsões ou obter *insights* sobre questões pessoais ou coletivas.

A aeromancia pode ser vista como uma técnica de conexão com a natureza e suas manifestações, utilizando-se da interpretação simbólica dos elementos naturais como meio de compreensão e orientação.

O método de adivinhação a partir do elemento Terra é denominado de botanomancia, e plantas fazem parte desta arte. Cunningham (2018, p. 89) acrescenta que, geralmente, “são colocadas embaixo do travesseiro para provocar sonhos premonitórios, são semeadas e observadas enquanto crescem, são usadas como pêndulos e são jogadas na água, no ar ou no fogo”. Além disso, argumenta o estudioso, “por séculos, culturas em todas as partes do mundo recorreram a plantas alucinógenas, narcóticas ou venenosas para provocar visões ou auxiliar de alguma forma os ritos divinatórios”.

No meu entender, cuidar de uma planta é mexer com o elemental Terra de forma mais próxima. Acariciar, aguar, conversar com elas é algo que nos faz bem, nos traz boas energias do universo, além de harmonizar o nosso ambiente com suas cores vibrantes.

À luz das definições e importância dos elementais, vale ressaltar que começamos o nosso texto com as Cartas Ciganas, a Arte de adivinhação. Pelos naipes do baralho tradicional, também se faz a leitura mística. Outro ponto imperativo é ligar os elementais às brincadeiras das crianças Calon, que ora brincavam com água, ora com terra e com o Ar. Por outro lado, vale lembrar que a preocupação da Calin Virgínia com o perfume que Vitória ganhou é também representativa dos elementais Água, Ar (pela vaporização) e Terra. À maçã, cabe a representação da Terra, como de todos os elementais a ela associados, durante a plantação e o seu crescimento. Tudo se resume em magia cigana, que está, a todo momento, ligada aos elementais.

Vale lembrar a função do objeto espelho do início desse capítulo. Além de refletir a beleza da menina Calin e trazer à tona a história da princesa e da madrasta, ele também faz parte da magia. Era por ele que a madrasta de Branca de Neve sabia de sua beleza. O espelho é um portal e portador de práticas magísticas. Ter um espelho quebrado em casa traz o mito de que tudo sairá errado. A beleza da menina está no espelho, está na vida cotidiana dos Calon.

Na imagem que abre esse subcapítulo, bem lá no fundo, fotografo Virgínia que fotografa sua filha. O espelho, objeto escolhido pela menina Calin, revela a sua identidade e manifesta a sua duplicidade de adolescente-menina-Calin. Vitória sabe que não pode ser mais uma criança e que ocupa um lugar privilegiado em sua família. Não é uma menina do Ocidente, seus modos e costumes são diferentes: pertence ao grupo étnico Calon de Quissamã.

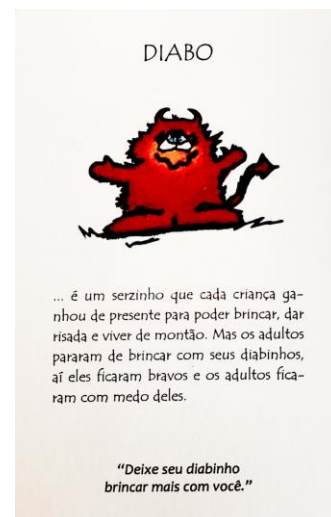
5 A CARTA “DIABO” – SERZINHO PARA BRINCAR

Mais uma vez, escolhi a carta de Patrícia Gebrin (2021) relacionada ao Diabo por esta ser uma figura complexa que tem sido retratada de maneiras diferentes ao longo dos séculos – ao mesmo tempo assustadora e fascinante, tanto para aqueles que acreditam em sua existência como para os que não acreditam. Ao misturar brincadeira de criança com carta de diabo, de modo a ser um “serzinho para brincar”, a autora pretende mesmo desmitificar essa figura lendária.

Rufino (2021, p. 42) resume desse modo: “É minha gente, ainda haverá quem pinte o diabo a quatro para justificar o injustificável”. O Diabo simboliza o mal e a corrupção, mas também é visto como um símbolo de rebeldia e de liberdade. Podemos dizer que ele é uma marca de resistência contra a opressão e a luta contra o *status quo*. É uma figura que evoca sentimentos profundos de emoção e inquietação, que nos lembra que o mal existe e que precisamos lutar contra ele.

Por muitos séculos, as pessoas temiam o Diabo e pregavam que ele seria o responsável por todos os males do mundo. Além do mais, ele também é um símbolo de curiosidade, pois nos faz questionar o que é certo e o que é errado. Apesar de ser considerado por muitos um símbolo de maldade, o diabo também tem uma função importante: é usado para ensinar lições morais aos seres humanos e para ajudar as pessoas a encontrarem o equilíbrio entre o bem e o mal. O uso do diabo para transmitir mensagens morais é comum em muitas religiões, mitologias e culturas. Até hoje, muitas pessoas acreditam que o Diabo é um ser maligno que tenta perturbar o bem-estar e a segurança das pessoas. Assistimos a esse episódio nas crenças neopentecostais.

Noutra perspectiva, a Carta Brincante de Gebrin (2021) propicia uma abordagem lúdica acerca da figura do diabo, oferecendo aos pequenos um personagem a ser brincado e com o qual se divertir. De forma lúdica, ela argumenta que a raiva e o medo dos adultos se devem ao fato deles terem deixado de brincar com seus diabinhos, o que provocou neles, um estado de insatisfação e de temor. Resumindo esse sentido, os adultos cessaram de se divertir, dando muita importância ao que não deveria ser assim tão importante, aumentando a sua tolerância para superar as dificuldades dos obstáculos da vida, ocasionando assim uma raiva e um temor contínuos, muitas vezes desnecessários.



Ambos os autores trazem mensagens lúdicas sobre o diabo. Vem à tona, em minhas memórias, o diabo que caminhou comigo no caso de Lendas de Exu, em Macaé⁸⁷, conforme mencionamos em alguns momentos desta tese. Durante muito tempo, Exu sempre foi o diabo. É importante salientar, segundo alguns estudiosos de religiosidade africana, que ganhamos um Exu quando estamos ainda no ventre de nossa mãe, mas não se pode chamá-lo de diabo. Ele cresce conosco durante toda a nossa caminhada, protegendo-nos. E, mesmo assim, ainda há quem fique com medo dele, ou quem o trate de modo pejorativo, levando-o para o lado ruim, sem nem mesmo saber de sua existência.

Demonizar as religiosidades de matrizes africanas foi o que mais fez o colonizador de nossa terra. Além de ter produzido massacres de etnias, acarretou humilhações e sofrimentos. Diabo é a colonização, cujo medo da fé dos africanos permeou a nossa sociedade durante muito tempo, com os assombros demoníacos. Falta conhecimento das religiosidades de alguns negros, os quais foram e são forças estruturantes da nação brasileira. Faltam doces e travessuras pela educação para adoçar e ensinar os leigos.

5.1 “A educação versada no encante”

A colonização engessa os conteúdos curriculares na escola, conseqüentemente, forma indivíduos intolerantes. Esse fenômeno está articulado à manutenção de um certo poder. Rufino (2021, p. 11) defende que a “colonização [é] uma grande engenharia de destruição de existências e corpos e de produção de um mundo monológico, adoecido pela ganância, escasso de beleza e poesia”. Vale lembrar que a escola transforma, através de debates e informações relevantes sobre o desconhecido, sendo, portanto, um possível antídoto a esse sistema. É dever principal das instituições de ensino promover discussões para amenizar os preconceitos.

É importante aqui considerar que escrevo num momento de decisão de quem será o próximo presidente do país: o segundo turno das eleições presidenciais de 2022 ocorrerá amanhã, 30 de outubro. Estamos passando, com o comando atual, por um período tenso no que se refere à democracia, que a qualquer instante pode desmoronar com o movimento de um governo alinhado ao discurso dominante, homofóbico, intolerante, calçado num militarismo que outrora já esteve em ascensão e que corre o risco de retornar. No que concerne à religiosidade, o Brasil já passou e passa por intolerâncias religiosas. Neste momento, o

⁸⁷ Disponível em: <https://portalcapoeira.com/geral/cultura-e-cidadania/livro-sobre-exu-causa-guerra-santa-em-escola-municipal/> Acesso em: 19 de outubro de 2022.

pentecostalismo pondera. Vale mencionar que o catolicismo avançou deslegitimando e combatendo ritualísticas indígenas e africanas, agora, o neopentecostalismo aponta com grande força seguindo a mesma estratégia. Por essas vias, em relação ao momento que estamos vivendo, devemos nos alertar para a arrogância violenta, privatista e colonizante impostas pelo nosso governo. Em consequência disso, há o engessamento de costumes e de valores, inclusive religiosos, que ousam ultrapassar os ditames formais dos padrões impostos pela globalização hegemônica.

Retomamos Rufino (2021) que enfatiza que a tarefa mais importante da educação é a descolonização, pois a colonização causou um dismantelamento do ser e uma condição desviante. Através da educação, podemos criar novos seres capazes de gerar respostas diferentes para o mundo e desenvolver formas diferentes de habitar o mundo. A educação é uma experiência e uma prática que nos ajuda a nos tornarmos o que desejamos ser. Descolonizar o pensamento é se soltar dos grilhões e das mordidas da colonização. Mais que liberdade política, nós também precisamos de liberdade científica. A boa vontade de educadores e diretores para a implementação da Lei 10.639/2003 nas escolas ainda continua sendo um fator importante para o agenciamento de pensamentos decoloniais, embora, devamos reconhecer, não se trate de algo propriamente comum.

Retomando Exu, o deus da mitologia africana confundido com o Diabo, não o da carta brincante que introduz estes escritos, mas a contraparte malévola de Deus, ao fazer parte das aulas de Língua Portuguesa de uma escola do município de Macaé, gerou polêmicas⁸⁸. Desse modo, a tendência é que a escola contribua para que diferentes culturas, tais como asiáticas, africanas, ameríndias, ciganas, dentre outras, entrem pelos seus portões. “O encontro de Paulo

⁸⁸ Deixo aqui uma proposta final da disciplina do prof. Walter Kohan: “escreva uma carta a um amigo da disciplina”. Renato, do meu grupo de pesquisa Kékeré, deixou-me um registro: “Embora nos conheçamos desde 2017 e sejamos do mesmo Grupo de Pesquisa, não somos tão próximos como eu gostaria. Acredito que a pandemia tenha potencializado essa distância, pois nossos encontros semanais passaram a ser mais espaçados e a ocorrer remotamente desde março de 2020. Creio também que o fato de você não ser tão assídua no Bode Cheiroso, nosso reduto ético de orientações, reflexões e comemorações, tenha sua parcela nesse processo. Afinal, há bares que vêm para bem, não é mesmo? Admiro sua coragem desde os tempos que “Lendas de Exu” provocou a ira dos fundamentalistas e racistas religiosos em Macaé. Jamais poderia imaginar que anos depois conheceria a protagonista dessa história tão absurda e, lamentavelmente, muito mais comum do que o aceitável permite. Seu trabalho incansável para a implementação da lei 10.639/03, desde quando o tema era pouco debatido, é admirável. Lutar por uma educação antirracista, plural e libertária é nosso dever e sua trajetória pavimentou caminhos mais tranquilos para que continuemos pisando firme e tornando possíveis os sonhos dos nossos ancestrais. Só mesmo Ele, o Senhor das controvérsias e dos caminhos, aquele que transforma o erro em acerto e o acerto em erro, seria capaz de tamanha reviravolta! Um evento que era para te oprimir diante do obscurantismo somente te agigantou. Mestre em Educação para as Relações Étnico-raciais, Doutoranda em Educação, mãe, avó, professora, sacerdotisa de umbanda, muitos são os caminhos que entroncados formam Maria Cristina Marques”. Agradecimentos, meu amigo.

Freire com Exu é inevitável. Não há reza que desfaça essa sina”, argumenta Rufino (2021, p. 41). Eu digo que encontrei Exu após o pedagogo, que não tinha a noção de quem era o guardião religioso africano, que solicitava por mudanças. “O compadre precede Freire, constitui Freire, dinamiza Freire, contradiz Freire, comunica Freire, encruza Freire” (RUFINO, 2021, p. 41). O educador que rompia com a condição do ser oprimido, caminhava lado a lado com Exu.

Seguindo este caminho, Rufino (2021, p. 17) sugere descolonizar, recuperar o perdido, e “desaprender do cânone. A encantaria da educação é parir seres que não cessam de renascer ao longo das suas jornadas”. Os professores precisam aprender a esquecer o que aprenderam e seguir com currículos emancipadores, que revelam a riqueza de nossa existência, valorizando o passado sem as marcas de nossa colonização. Os professores precisam aprender a aprender com outras formas de educar. De modo geral, a legislação que defende as culturas afro-brasileiras é atuante, necessitando apenas de educadores ousados para emergir o esquecido.

Dentro desse contexto, Rufino (2021, p. 27) afirma que “descolonizar é um ato educativo”. Segundo o autor, o colonialismo foi um ato brutal de extermínio de culturas. Com esse propósito, causou danos à nação brasileira, “uma guerra inacabada, que não é bélica, mas avança de modo constante” (RUFINO, 2021, p. 28). Descolonizar, portanto, não é apagar a dor, mas fazer um “mergulho profundo em si, nas suas ambivalências, fraturas, fraquezas e forças [...]”, argumenta Rufino (2021, p. 29). Exu tem papel importante nesse processo, pois é comunicação, justiça, atrevimento, assombro, no bom sentido. Sobre a potência de Exu, Rufino (2021, p. 47) afirma: “Ganhou uma garrafa de marafo e levou na igreja para o padre benzer, por isso a educação para roçar esperança e boniteza precisa ser versada no encanto”.

5.2 Brincadeiras de criança Calon é coisa séria

Voltemos ao raciocínio de Rufino (2021) pelo cotidiano da lógica colonial. O autor chama a atenção para a condição subalterna e para o modo adultocêntrico de encarar as crianças e a importância do Brincar:

A brincadeira invoca um reposicionamento do ser via corpo, memória, afeto, comunidade, partilha e inacabamento de si. Brincar não é apenas algo reduzido a uma determinada experiência, mas uma libertação da regulação submetida a esses aspectos que compõem o seu ato. [...] a lógica colonial é escassa de poesia. Dribles de corpo, gargalhadas, esconderijos, invenções mirabolantes, bодоques, bexigas d'água, exércitos de pés sujos e dedões arrebatados nos paralelepípedos são sempre bem-vindos para ajudar a desatar os nós dos que costumam permanecer corpos tensos e em prontidão para a batalha (RUFINO, 2021, p.70).

Brincar é também um ato de descolonização. Já mencionamos sobre as atribuições vividas pelas crianças ocidentais em função do futuro que os adultos querem para elas. Muitos exageros de tarefas, deixando sempre a brincadeira em segundo plano. No entanto, é preciso investir no potencial curador da brincadeira. Afinal, a criança que tem a oportunidade de brincar, descoloniza.

Retomo Rufino (2021, p.75): “Uma criança fala com formigas, com árvores, com vento e passa horas observando a água correr”. Um criante-brincante faz enterro de lagartixa, de bola, de boneco de paraquedas. Uma criante-narrante Calon cria histórias de barganhas de carro, brinca de circo, inventa uma narrativa de Branca de Neve de um modo diferente da contada pelo colonizador. Rufino alerta que brincadeira é coisa séria. A partir das reflexões do autor sobre a importância da brincadeira na descolonização, podemos concluir que as crianças têm uma capacidade incrível de criar mundos e narrativas próprias, que muitas vezes divergem das imposições culturais dos adultos. Ao permitir que as crianças brinquem livremente, estamos contribuindo para que elas desenvolvam sua criatividade, sua capacidade de observação e de comunicação, além de promover um processo de descolonização que possibilita a criação de novas formas de habitar o mundo. Portanto, é fundamental valorizar a brincadeira como uma atividade séria e essencial para o desenvolvimento infantil e para a construção de uma sociedade mais plural e diversa.

Nesse sentido, a brincadeira é um ato fundamental de descolonização, especialmente para as crianças que são constantemente pressionadas a seguir o futuro desenhado pelos adultos. Como afirmado por Rufino, a brincadeira é coisa séria, pois permite às crianças estabelecerem relações com o mundo de forma não-hegemônica, e isso é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse sentido, é importante que valorizemos a brincadeira como uma prática essencial para o desenvolvimento humano, e que nos empenhemos em criar condições para que todas as crianças tenham acesso a esse importante instrumento de descolonização.

6 A UMBANDA

Quando Rufino diz que brincadeira é coisa séria, faz uma referência ao religioso Fernandino de Moraes⁸⁹ que, em 1908, disse: “Umbanda é coisa séria para gente séria”. Muitos estudiosos do passado escreveram sobre esta religião afro-brasileira, como também muitos escritores ainda continuam renovando-a, por se tratar de uma crença dinâmica. Peixoto (2004, p. 17) expõe que “a Umbanda crê num Ser Supremo, o Deus único criador de todas as religiões monoteístas. Os Sete Orixás são emanções da Divindade, como todos os seres criados”. Segundo o autor, o propósito do culto é a evolução, pois se trata de uma prática que só visa ao bem. Mas importa mesmo saber a origem dessa fé?

Rodhe (2021) teve seus estudos baseados no terreiro Thasara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, localizado no Rio Grande do Sul. O autor comenta acerca da fragilidade do mito de fundação dessa crença. Pelo religioso, aprendemos que os adeptos daquele terreiro não entendem que a religião surgiu numa mesa Kardecista, em 1908, tendo como seu fundador Zélio Fernandino de Moraes, no Rio de Janeiro. W.W. Da Matta e Silva (1996) sempre escreveu, em seus nove compêndios, que a crença é longínqua, remontando aos tempos do continente perdido de Atlântida. Há espírito desencarnado da Entidade de Malandro, espírito que viveu nos arredores da Lapa, que diz ser Zélio quem a registrou, e que não participou de seu surgimento⁹⁰.

Para finalizar o contexto de como surgiu a Umbanda, Simas (2019) destaca que, antes dos eventos históricos de 1889 e 1908, as práticas religiosas nas encruzilhadas do Brasil já eram diversas e se transformavam constantemente. No Rio de Janeiro, por exemplo, havia uma variedade de tradições religiosas, como os calundus, a macumba carioca, as pajelanças e os omolocôs, que se misturavam e se fundiam com elementos do catolicismo popular e outras tradições em diáspora. Essa mistura resultava em uma expressão religiosa diversa e em constante evolução, que era codificada através da escrita na lei de pomba. Essa lei, que era invocada durante as cerimônias, ajudava a inventar o terreiro e o mundo, documentando as diferentes formas de prática, muitas vezes em condições precárias. Em resumo, a religiosidade nas encruzilhadas do Brasil é um campo de estudo vasto e complexo, que merece ser investigado e compreendido em toda a sua diversidade. O autor comenta acerca de diversas

⁸⁹ A literatura de Umbanda enfatiza que em 1908, Zélio Fernandino de Moraes, durante um ritual de mesa kardecista, em Niterói, no Rio de Janeiro, fundou a Umbanda, com a presença de seu Caboclo Sete Encruzilhadas.

⁹⁰ Para corroborar tal fato, deixo registrado que a tia-avó de meu companheiro já trabalhava com o espírito de Marinheiro nos fundos de seu quintal, muito antes de Zélio Fernandino de Moraes.

ritualísticas da Umbanda, mas o que a define é a Lei de Pemba. Neste sentido, entendemos que o espírito vem em um terreiro e risca o ponto com o giz sagrado para informar onde pertence a sua tribo no etéreo. Corroborando com a fala do estudioso Bruno Faria Rodhe (2021), devemos enfatizar que a fundação de uma religiosidade não tem muita importância para o universo religioso, mas a sua manutenção dela é primordial.

Outro fato importante é a entrada de adeptos na Umbanda. Isso ocorre, muitas vezes, pelos laços familiares ou por causa de alguma mazela física existente, como também por problemas mal resolvidos no plano material – na maioria das vezes solucionados por uma busca espiritual. Um jargão bem usado nos interiores de um terreiro dessa fé resume melhor as situações expostas: “ou se entra na Umbanda por amor ou por dor”. Decerto, ninguém se sente obrigado a fazer parte dessa ritualística, a não ser pela fé na religião e pela credibilidade dos dirigentes e das entidades de trabalho espiritual de um terreiro.

É importante destacar que minhas reflexões sobre a religiosidade da Umbanda se conectam com a minha escrita sobre o Brincar, que representa uma analogia aos espíritos infantis da Umbanda, conhecidos como Ibejis. Esses seres são representados como espíritos que um dia viveram na Terra e brincam muito quando incorporados em seus médiuns. A escrita não se preocupa com a origem da religião, nem com suas doutrinas e fundamentos. É importante notar que, com os espíritos de ciganos, a tradição romani sempre teve uma presença significativa nos terreiros de Umbanda, o que contribui para uma abordagem espiritualizada no trabalho.

Em relação aos espíritos infantis, Rufino (2021, p. 69) explica que “eles descem das estrelas para plantar a brincadeira onde estamos”, e as crianças dão continuidade a esse plantio. “No dia em que a brincadeira imperar, os curumins poderão tirar uma folga e as estrelas serão vistas mesmo sendo dia”. Por enquanto, as crianças têm prioridade no contexto da Umbanda, e é por elas e com elas que seguiremos. Além dos ciganos e dos Ibejis, a Umbanda apresenta outras falanges, como os Pretos-Velhos, desencarnados de negros africanos que já viveram muito no plano terrestre, Caboclos, desencarnados dos povos indígenas, Boiadeiros e outros.

6.1 “Vários espíritos numa só cabeça”

Alguns indivíduos interpretam o mundo por meio dos princípios religiosos, que fornecem um contexto para os fenômenos que ocorrem na atualidade e para o cotidiano da Terra. De acordo com Patrícia Birman (1983), a Umbanda é uma religião em que os praticantes percebem a incorporação como uma comunhão mística, uma aproximação e identidade cada

vez mais realizada com os princípios divinos, e não como possessão diabólica. A Umbanda não expulsa as entidades sobrenaturais, mas convive com elas. A classificação dos espíritos acontece quando se pergunta "quem desceu?". Birman (1983) explica que uma característica importante da mediunidade é que vários espíritos podem habitar um mesmo corpo, o que significa que cada médium pode entrar em transe com diversas categorias de entidades, tais como caboclo, preto velho, criança, exu e pombagira, entre outros. Ainda em relação à incorporação, Cumino (2015) destaca a metamorfose pela qual passam as entidades que dão consultas incorporadas nos médiuns. Com o tempo, os desencarnados, ou seja, aqueles que já viveram na Terra, amadurecem em sua incorporação e trabalham em prol da evolução espiritual.

6.2 “Gêmeos-meninos brincando são crianças”

Vale um aparte para anunciar o sagrado com diversos saberes ligados à mitologia dos Orixás. São histórias que transmitem aconselhamentos, de modo lúdico, acontecimentos da vida cotidiana. Em diálogo com Prandi, recorreremos à narrativa que menciona os Ibejis transformados em estátua:

São filhos de Yemanjá, os dois meninos gêmeos, os Ibejis. Os Ibejis passavam o dia a brincar. Eram crianças e brincavam com Logum Edé e brincavam com Euá. Um dia, brincavam numa cachoeira e um deles se afogou. O Ibeji que ficou começou a definhar, tão grandes eram sua tristeza e solidão, melancólico e sem interesse pela vida. Foi então a Orunmilá e suplicou que Orunmilá os reunisse de novo, para que brincassem juntos como antes. Orunmilá não podia ou não queria fazer tal coisa, mas transformou a ambos em imagens de madeira e ordenou que ficassem juntos para sempre. Nunca mais cresceriam, não se separariam. São dois gêmeos-meninos brincando eternamente, são crianças (PRANDI, 2001, p. 369).

Propositalmente, dentre vários contos mitológicos existentes sobre os Gêmeos da religiosidade africana, escolhemos aquele sobre o Brincar. Como os gêmeos São Cosme e São Damião pertencem à igreja católica, usamos o termo sincretizar para melhor entender este processo. Esses espíritos baixam em seus médiuns trazendo um estado de erê, de alegria, além de serem mensageiros de orixás.

6.3 “Trick or treat”

Figura 128 – O menino Fabian Monteiro de Barros Araújo, 8 anos



Fonte: Acervo pessoal

A criança da imagem, filho de médiuns da Umbanda, aguarda perto do prato de doce, o momento da ritualística. No título deste tópico, fizemos uma analogia ao *Trick or Treat* expressão na Língua Inglesa que se refere a guloseimas, brinquedos e travessuras de crianças. Aludo às crianças Calon fotografadas soltando a pipa de *nylon* com armações de vareta, resistível às águas do mar de Quissamã. Já relatei sobre a distribuição de doces que levei ao acampamento Mathias, no ano passado. A maioria dos saquinhos ficou com Virgínia, que não gostou quando pedi para distribuir. Naquele dia, havia doces e muitas travessuras.

No terreiro de Umbanda⁹¹, os integrantes mantiveram a tradição de comemorar o dia da criança em 27 de setembro. Para isso, compraram doces, fizeram bolo e enfeitaram o local com bolas, além de distribuírem muitos brinquedos para as crianças que visitaram o terreiro. Após a abertura da gira, com cantos relacionados aos desencarnados de criança, a inocência dos

⁹¹ CROHR – Saquarema, Região dos Lagos

espíritos que baixaram trouxe muita alegria ao ambiente. Em seguida, após a realização da ritualística, começaram as incorporações. Os médiuns se comportaram como crianças muito pequenas, mostrando equilíbrio e firmeza em relação à mediunidade. Nesse momento, era hora de extrapolar e agir como crianças, permitindo que seus corpos fossem conduzidos pelas Entidades de Umbanda. Vanessa, uma das médiuns, sentava perto de suas filhas, comia doces, frutas e fazia pequenas travessuras.

Figura 129 - Crianças no terreiro



Legenda: Vanessa Cristhine Gomes da Silva, 42 anos, mãe de Thaís Letícia Gomes da Silva, 10 anos, (no meio) e Andressa Rachel Gomes Mamede Viana, de 8 anos, Juliana Tolentino Patriota, de 2 anos

Fonte: Acervo pessoal

A imagem acima retrata a mãe de Thaís e de Juliana, incorporada com uma criança e conversando com suas filhas na festa de crianças num templo de Umbanda. Vanessa tem dificuldades de se expressar pela fala, quando não incorporada. Nem todos entendem. Mas a menina ajuda a interpretar o que a criança, espírito de desencarnado, conversa enquanto brincam. “Minha mãe fala direitinho”. “Você ama a sua mãe, é claro”. “A minha mãe ou o erê?”. A menina tem curiosidade de saber o nome do espírito desencarnado. “Qual o teu nome?”. O erê chora. “Por que essa pergunta?”. A seguir, a menina responde: “pra saber”. “Candina”. Completa sua resposta dizendo que tem cinco anos e vem da cachoeira. “Lá na cachoeira que me curou quando eu estava doente”. Pergunto a Thaís quem são os erês: “São crianças que já faleceu, aí...mas eles têm a pureza e alguém aceitou eles lá no céu, aí eles estão

visitando aqui, pra trazer alegria, pra trazer a felicidade e pra limpar o corpo”. A criança umbandista, cambone⁹² de sua mãe, responde como os escritores de Umbanda:

Figura 130 - Pedro Guilherme Monteiro de Barros Araújo, 6 anos



Fonte: Acervo pessoal

“Eles estavam fingindo de criança, pra ganhar brinquedo”. Esse foi o comentário que Pedro fez, ao perguntar-lhe sobre o que estava acontecendo no salão. De acordo com Campelo (2017, p. 115), a religiosidade de Umbanda se conecta entre dois mundos: o que vivemos e o mundo dos espíritos, os médiuns funcionando como esse ponto de aproximação. Em suma: os adeptos da Umbanda servem de ligação entre eles. O termo usado pelos umbandistas para se referir ao médium em transe é “cavalo”.

Campelo argumenta que os médiuns dessa crença a procuram por causa de doenças ou adesões por influência familiar. Vale ressaltar que as doenças são de cunho material, quando

⁹² Médium que auxilia os médiuns incorporados anotando o que solicitam.

estão sob cuidados médicos, como também espiritual, de competência religiosa. A pesquisa envereda para as crianças das religiosidades de matrizes africanas e suas incorporações, a participação delas nos rituais, muitas vezes, sem a devida credibilidade dos adultos.

De acordo com o pesquisador Almeida (2006, p. 72), Ibeijada “são espíritos que se manifestam sob a forma de crianças. Essa é uma das mais fortes vibrações do astral, sendo respeitada pelos caboclos, pretos-velhos, exus e pomba-giras”. O autor continua sua explanação sobre o cumprimento dado aos consulentes quando assistem a um espírito de criança incorporando em seu médium: “Abença, titio (a)”. Onibeijada! é a saudação que se usa na Umbanda.

Já mencionamos que Campelo (2017, p. 120) pesquisou sobre a participação de crianças na Umbanda. Segundo a autora, geralmente, o umbandista não se importa de seus filhos frequentarem um terreiro de Umbanda, pelo contrário, existe nele um desejo de que seus filhos manifestem sua espiritualidade desde cedo. Contudo, a pesquisadora acrescenta que alguns religiosos veem-nas como se fossem indivíduos frágeis para a incorporação, não estando ainda aptas a exercer os tributos mediúnicos, ou seja, “a própria sociedade fragiliza a criança como ser incapaz e que só deve brincar e estudar para um futuro melhor: a criança não deve trabalhar” (CAMPELLO, 2017, p. 120). Uma visão adultocêntrica prevalece também dentro de alguns terreiros, argumenta a autora: “é considerada [a criança] um ser humano que não tem uma personalidade definida” (CAMPELLO, 2017, p. 120), quando participa de um rito afro-brasileiro.

Portanto, a participação de crianças nas religiões de matrizes africanas ainda é vista com desconfiança e desvalorização em alguns casos. No entanto, essa participação é valorizada pelos umbandistas, que desejam que seus filhos manifestem sua espiritualidade desde cedo. A visão adultocêntrica presente em alguns terreiros ainda é um obstáculo para a valorização da participação infantil nos rituais. É importante que a sociedade e os próprios praticantes dessas religiões reconheçam a importância da participação infantil e trabalhem para criar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças, onde possam exercer sua espiritualidade de forma plena e saudável.

Figura 131 - Stella Tolentino Bittencourt, 4 anos



Fonte: Acervo pessoal

Alguns acreditam que a participação da criança deve acontecer de forma voluntária. Uma saída adotada por zeladores, ou responsáveis pelas cerimônias, nos últimos tempos, é o adiamento da iniciação até a maturidade, de modo que a pessoa possa compreender o que está acontecendo. Stella, a menina *gadjin* da imagem, observa seu pai bater tambor e sozinha, sem que ninguém a solicitasse, sobe num banco de madeira e toca durante os rituais. Em casa, outra vez sem imposição, pega o atabaque e treina. As crianças acompanham seus pais, aprendem a camboná-los, auxiliá-los nos toques e também incorporam, “viram no santo”, muitas vezes. Tudo isso são experiências de vida dentro de um terreiro.

Caputo (2018) destaca a importância do conhecimento oral na preservação e ressignificação dos modos de vida trazidos da África pelos terreiros de religiosidade afro-brasileira. Isso inclui histórias, invocações, cânticos e outros componentes litúrgicos das religiões. A autora compartilha a experiência da menina Mene, que canta sua folha em um ritual de iniciação aprendido pela oralidade em seu terreiro. Além disso, Caputo (2018) menciona o respeito dado às crianças do candomblé em relação ao grau iniciático, onde um filho pode ser considerado mais velho que sua própria mãe biológica. Por sua vez, Rufino (2021) usa a expressão "Cantar para subir" para descrever um aspecto da espiritualidade da Umbanda, enquanto destaca a importância do canto e da música no trabalho com as entidades de Umbanda.

6.4 A liberdade é minha religião

Partimos de um olhar afetivo sobre os ciganos e sua carga histórica de tradição milenar somada à própria caminhada pelo Brasil – especificamente, os desencarnados na Umbanda. Já mencionamos que os primeiros escritos a respeito deles envolvia alguma crença que, muitas vezes, não os pertencia. Os romani sempre foram envoltos de duas características: um povo místico e que tem liberdade. “Cigano é povo livre, dona!”, a Calin Cirlene já confirmou isso, em Quissamã. Em relação à faceta mística, convém lembrar que, no contexto brasileiro, ela se organiza muitas vezes na Umbanda.

Cristina da Costa Pereira (2009, p. 125) registra um provérbio e um poema responsáveis por traduzir o nomadismo *romani*: “*Chuquel sos pirela, cocal terela*”, cão que caminha, não morre de fome, e “A terra é minha pátria, O céu é meu teto, a liberdade é minha religião”. Num outro poema, as crianças são ressaltadas:

Nossas crianças (ciganas) são flores, donas do horizonte.
 Nossas mulheres (ciganas), rainhas. Do amor doce fonte.
 Os velhos (ciganos), nossa segurança. Minas de imenso saber.
 Os homens (ciganos), muralhas serenas a nos proteger.
 Siga os sentimentos puros e espalhe a alegria em seu caminhar.
 Siga a estrada da vida. Faça do bem seu eterno altar.
 E tudo o que for de bondade, siga. Dance nos cantos ufanos!
 Siga-nos. Siga-nos! Seja feliz. Siga os ciganos.
 (*Sungrê de Arael Magnovitch*) (PEREIRA, 2009, p.125).

De acordo com Pereira (2009), os ciganos acreditam em um só Deus e costumam seguir a religião predominante na região em que vivem ou no país que percorrem. Na cidade de Quissamã, observamos uma diversidade de crenças entre eles: alguns são evangélicos, outros

católicos, e há aqueles que seguem a Umbanda. Além disso, os ciganos também utilizam várias técnicas de adivinhação, incluindo quiromancia, cartomancia, oculomancia, leitura da borra de café e chá, jogo de moedas e observação da natureza, incluindo o voo das aves.

Cristina da Costa Pereira (2009) relata que alguns grupos étnicos rejeitam a presença de entidades ciganas nos centros de Umbanda ou em reuniões de grupos esotéricos, o que é um direito deles. No entanto, músicos ciganos se apresentam em festas ciganas em espaços relacionados à Umbanda, como é o caso de Mio Vacite, que tocava em comemorações da ALERJ. A autora observa que, segundo testemunhos de romani, entidades ciganas e indígenas estão presentes na Umbanda, e que talvez os indígenas brasileiros também ficassem surpresos ao verem caboclos caracterizados com lanças e cocares nos terreiros de Umbanda.

Ferrari (2010) traz a marca da Umbanda em alguns trechos de seu discurso. Nessa perspectiva, a autora relata a história de Maria, pesquisada por Luciana⁹³, que conta sobre sua avó paterna, que era uma cigana. Nos escritos, ora ela relata que sua avó pertencia à etnia Rom, ora enfatiza que, ela mesma fora cigana em outras encarnações. A interlocutora da pesquisa frequentou um centro de Umbanda, quando adolescente, e “recebia dois desencarnados. Um dos espíritos era de uma ‘cigana’ que ‘descia’ nela: sua voz mudava, sabia ler as cartas, ‘fazia tudo como uma cigana’” (FERRARI, 2010, p. 22). É notável mencionar a ausência de pesquisa nesse tema.

Conforme ilustra Ferrari (2010, p. 117), ao relatar que os Calin paulistas compartilham cotidianos com os *gadje* ao seu redor, “o que é ‘brasileiro’ e ‘paulista’ é também calin: a comida, a língua, a moda *country*, o catolicismo, a umbanda, os nomes e sobrenomes, para dar alguns exemplos”. Em relação ao místico, a pesquisadora aprofunda as verdades ditas pelas Calin pesquisadas por ela, que leem as mãos.

Em escritos dedicados à quiromancia, Ferrari (2010) estudou a prática em convivência com as Calin no centro de São Paulo, as quais foram por ela entrevistadas. A autora argumenta sobre a interação que ocorre durante a prática divinatória, desde a pegada inicial na mão do indivíduo até as mensagens trocadas entre os envolvidos durante um certo período de tempo. Essa interação é vista como um conjunto que estabelece a fronteira com o que está além dele, ou seja, com o que não é acessível apenas pela percepção sensorial. Na estrutura deste enredo, o tempo era limitado, trinta minutos, travados cronologicamente.

⁹³ Assim, discorre Ferrari: “Luciana Sampaio foi que me abriu o universo dessa família Calin, não apenas me apresentando a eles, como também me disponibilizando todo seu acervo filmico; sou imensamente grata”. (FERRARI, 2010, p. 7).

Na Umbanda, a figura da cigana possui uma forte conotação religiosa e espiritual. Segundo Ferrari (2010), a palavra cigana está associada a um universo sobrenatural que se conecta com o sincretismo religioso brasileiro. Os ciganos são vistos como seres divinos, possuidores de conhecimentos e habilidades especiais, que podem ser invocados por meio de rituais e orações. Eles são frequentemente representados como intermediários entre os seres humanos e o divino, capazes de oferecer orientação, proteção e cura espiritual. Além disso, a cultura cigana tem uma forte influência na Umbanda, sendo reconhecida como um elemento importante da religiosidade brasileira. Em resumo, a palavra “cigana”, na Umbanda, está associada a um mundo mágico e espiritual que se conecta com a tradição religiosa e cultural do Brasil.

A Umbanda aparece entre os Calon de São Paulo como um intercâmbio na magia. A isto acresce o fato das mulheres que leem as mãos levarem o que resulta de sua leitura a um terreiro de Umbanda. Ora, se aqui a *cigana* confessa sua falta de poderes sobrenaturais na leitura de mão, ela, ao mesmo tempo, reafirma a existência destes alhures, nas mãos do pai-de-santo, colocando-se na posição de mediadora, entre a rua e o terreiro. Por outro lado, os Calon realizam os feitiços. Em Itapeverica, as mulheres acendem velas no mato. Baú (nome de pessoa) atribuiu sua fraqueza e depressão a um suposto feitiço que sua cunhada fizera a ela. Outra Calin diz não se misturar com Rosana: “Essa é outra zica! Não me misturo com feiticeira não! A mulher que eu misturo, só lá em São Paulo” (FERRARI, 2010, p. 232).

Em Quissamã, já vimos a Calin Virgínia me pedir ajuda por saber que sou umbandista. Em Mathias, reuni vários materiais sobre a leitura de mãos pela Calin Joia, sogra de Virgínia. Esse material ficará guardado para futuros textos, pois não pretendo aprofundar a técnica de quiromancia no contexto desta pesquisa. Na Umbanda, a leitura de mão não tem espaço, pois reuquer muitos estudos científicos do médium sobre a quiromancia.

Portanto, os ciganos são um povo com uma forte relação com a espiritualidade e a religiosidade, que se manifesta de diversas formas, desde a adoção das religiões predominantes em sua região até a utilização de técnicas de adivinhação e a observação da natureza. Apesar de haver rejeição por parte de alguns grupos étnicos em relação à presença de entidades ciganas nos espaços da Umbanda, a presença de músicos ciganos em festas ciganas relacionadas a essa religião demonstra uma interação cultural significativa. A diversidade de crenças e práticas religiosas dos ciganos, assim como sua presença em diferentes regiões do mundo, resultou em uma riqueza cultural única e diversa.

6.5 “Desciganar”, um neologismo

No passado, o demonismo também esteve associado à cultura cigana. Sigo com Pinto (2009, p. 29), que destaca a aversão dos *gadje* em relação aos ciganos: “Todo cigano é um demônio que se deve destruir a ferro e fogo; e levar esse nome é blasfêmia”. Além do mais, ainda de acordo com Pinto (2009, p. 29), eles “eram cognominados como ‘raça maldita’ conforme uma lei inglesa de 1563”. Além dos africanos, os ciganos também merecem dignidade e reconhecimento como participantes da formação étnica brasileira.

Pelo viés ritualístico, faço analogia a um ponto cantado na Umbanda: “Ela não é ciganinha da sandália de pau, quando ela chega no reino, ela traz o bem e leva o mal”. Ela é Calin de sandália baixa, que trabalha com *buena dicha* (leitura de mão), que lê borra de café, que se veste com costas de fora e deixa a sensualidade de seu colo aparecer, mas “não mexa com ela não, porque ela é ponta de agulha⁹⁴”. A Umbanda poderia desciganar⁹⁵, ou seja, aprender sobre os desencarnados que descem em seus terreiros, saber dos costumes de cada grupo étnico.

Como todo umbandista sabe, há o costume de se associar o termo “preto velho”, por exemplo, às origens de Aruanda, da Guiné e outros locais. Da mesma maneira, existem diversas terminologias relacionadas aos caboclos, como Sete Flechas, Flecheiros, dentre outras denominações. Porém, os desencarnados ciganos que participam das giras de Umbanda adotam um único estilo de vestimenta e de comportamento, embora possam estar ligados a diferentes grupos étnicos, com costumes diferentes.

Seria interessante que integrantes da Umbanda adquirissem um conhecimento mais profundo sobre a cultura de cada grupo étnico envolvido, visto que não se pode tomar o pensamento coletivo como o único entendimento. Por essa razão, para preservar a cultura e desfazer qualquer equívoco, são necessárias mais informações sobre a cultura cigana, como também atualizar seus pontos cantados, integrando, na medida do possível, os grupos étnicos ciganos.

Em Quissamã, verifiquei que os Calon não conhecem o termo *Optcha*!⁹⁶, nem mesmo o “Djelem, Djelem”, como o hino de sua pátria. É preciso conhecer para entender melhor. As

⁹⁴ “Não mexa com ela não, ela é ponta de agulha, quem mexer com a Padilha, vai parar na sepultura”. Ponto cantado na Umbanda

⁹⁵ Termo criado por mim

⁹⁶ Optchá é uma das saudações ciganas mais populares, principalmente na Umbanda. Em *Romani* a palavra significa “salve!”. A expressão também é muito utilizada na dança cigana como sinônimo de “Bravo” ou “Olé”. Além disso, Optchá também pode ser usado no início e final de orações, pois traz energias positivas e amplifica a intenção fornecida por nós. Disponível em: <https://umbandaecurto.com/optcha/>.

Calin não dançam de mãos para cima, dançam os passinhos juntinhos, de mãos dadas, como assim fazem os brasileiros. As suas músicas não são carregadas de notas de violino, melancólicas; são sertanejas. Não jogam cartas, leem as mãos. Enfim, um ritual cigano na Umbanda precisa estar girando com a diversidade de grupos étnicos ciganos.

Acredito que os espíritos *romani* na Umbanda contribuíram muito para a permanência da cultura no Brasil. Mas, quem é o desencarnado que desce no terreiro de Umbanda com o esvoaçar de lenços multicoloridos, com o entrelaçar de mãos para o alto, com o movimento de leques e com o tilintar de moedas na cintura? Seriam vestimentas de todos? Os Calon se vestem deste modo? A qual desencarnado estamos nos remetendo? Os ciganos na Umbanda se trajariam com roupas de Calin e vestimentas *country* de Calon? Este modo de vestir propiciaria a chance de fazer um médium umbandista de “cavalo”? Será que sabem, por um acaso, que a vestimenta multicolorida, saias rodadas, tilintares de lenços de moedas pertencem a um grupo étnico específico? Enfim, vários africanos e indígenas de vários grupos desencarnados “descem” nos corpos dos médiuns de Umbanda, o mesmo deveria ocorrer com os grupos étnicos ciganos. Já paramos para pensar acerca de um desencarnado criança cigana?

É necessário reforçar que a identidade *romani*, no decorrer do tempo, recebeu o etnônimo de cigano, que resultou em vários significados pejorativos. Segundo Shimura (2019, p. 98), com base nos estudos de Martinez (1989), o termo surgiu na Europa do século XV para identificar um grupo com má aparência, sujos, negros, “queimados pelo sol”. A partir disso, argumenta Shimura, foi-lhe dada uma conotação racial, ou seja, uma “raça cigana”. Mesmo assim, o etnônimo “teve um papel fundamental na construção identitária do povo nos períodos pós-chegada à Europa, bem como na formação dos mecanismos de relações interétnicas nas mais distintas nações ao longo da história”. Importa, então, que o termo prevaleceu para denominar todo o grupo étnico que envolve esse povo durante o percurso de sua caminhada histórica.

Quando crio e menciono o neologismo desciganar uma gira, trata-se de substituir o termo cigano pelos nomes dos principais grupos étnicos que compõem este povo: Rom, Sinti e Calon. Neste sentido, é fazer entender que cigano é um nome genérico, que não identifica a etnia. Um país com um histórico de nação colonizada como o Brasil ainda não conseguiu retratar a realidade de sua população pelo olhar das etnias que o construiu. Precisamos desconstruir uma visão generalizada do passado, que limitou e homogeneizou o povo *romani*.

Mas é urgente nos desvencilharmos disso e produzir o entendimento de sua formação e de como eles se constituem aqui, no presente.

Portanto, o neologismo desciganar está relacionado com a compreensão de que o termo “Cigano” generaliza, ou seja, resume, de modo estereotipado, os grupos étnicos deste povo. A intenção, após os meus estudos, é levar aos adeptos da Umbanda, principalmente os que estão ao meu redor, a hipótese de haver vários povos ciganos desencarnados, que podem eventualmente se reunir durante um ritual de Umbanda.

Segundo Mignolo (2017, p. 13), a colonialidade é o mesmo que poder, significando um padrão a ser seguido, portanto, a descolonialidade “[...] é a resposta necessária tanto às falácias e às ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade”. Pelo autor, entendemos que a descolonialidade não quer apresentar algo atual como o melhor, deixando para trás os pensamentos outrora usados. Trata-se de uma outra opção, que procura desreprimir epistemes e paradigmas culturais rebaixados pela modernidade eurocêntrica. O pensamento descolonial e as opções descoloniais visam analisar e superar a lógica da colonialidade que se esconde por trás da retórica da modernidade. Esse esforço busca compreender a estrutura de administração e controle que surgiu a partir da transformação da economia do Atlântico e do salto de conhecimento ocorrido na história da Europa e entre a Europa e suas colônias. Isso é o que afirma Mignolo (2016).

Através dos argumentos do autor, nós, estudiosos e acadêmicos com pensamentos descoloniais, podemos contribuir na academia para a mudança dos paradigmas coloniais. Na religiosidade, o gesto de desciganar é trazer o conhecimento dos grupos étnicos para dentro do sagrado e demarcar a ideia de que não só existe um povo, os ciganos. Não temos a intenção de transformar as giras de ciganos na Umbanda, mas esclarecer quem são os ciganos e quais, provavelmente, podem ser os ciganos desencarnados. É necessário recuperar as memórias específicas de cada etnia *romani* para que possamos conhecer suas histórias, suas singularidades, respeitando-as enquanto tais.

Convidamos os religiosos Simas e Rufino (2018) para rasurar os paradigmas do Ocidente europeu, de modo a abrir espaço para outras epistemologias:

Para uma epistemologia das macumbas há de credibilizar as inúmeras formas de experiências, principalmente aquelas não possíveis no colonialismo ocidental, como mantenedoras e produtoras do saber. Pedras de rio, caroços de dendê, plantas, animais, sons, conchas e muitas outras formas são na relação, co que inventamos da vida, formas de manutenção, produção e orientação de saberes assentados em outras lógicas (SIMAS & RUFINO, 2018, p. 31)

Neste sentido, os autores traçam caminhos com saberes de terreiros numa nova epistemologia, a das macumbas. Desse modo, não deixamos de nos debruçar sobre o velho mundo, mas produzimos novos saberes somados ao dele. É importante salientar que a Umbanda sempre preservou a cultura cigana com as cores das vestimentas dos *romani*, os adereços de seus corpos, suas danças e suas comidas típicas. As fitas coloridas, o louro, vegetal que traduz riqueza, as moedas que representam a negociação misturam-se às mirras, perfume do Oriente – elementos que mantiveram viva a cultura *romani* no Brasil. Entretanto, há de saber a quem pertencem tais indumentárias, e qual o grupo étnico que está saravando num terreiro de Umbanda, na gira de ciganos.

7 DE FÊNIX, A COMBUSTÃO DO ORIXÁ OGUM

Mencionei algumas mitologias nestes escritos. Agora, tomarei a Fênix, da mitologia grega, como exemplo de uma ave sagrada para os egípcios. Na mitologia grega, a Fênix é associada ao deus Rá, deus do Sol. Quando morre, o elemental fogo devora seus restos mortais para fazer ressurgir outra ave Fênix. Os elementos de magia cigana da Umbanda, como canela, sálvia e mirra, estão presentes no ressurgimento deste animal. Assim como o Sol nasce e se põe, a Fênix recupera a sua vida a cada ciclo. Seu canto é doce e atrativo a outras aves engolidas por Fênix.

Assim como o mito de Fênix, recomeço cada etapa de minha caminhada. Aos sessenta e dois anos, estou concluindo estes escritos. Uma chama de fé e de motivação aguçaram o meu saber. Fênix, vista como um símbolo de longevidade e de força, ressurge em cada etapa da vida de um ser. Quando me faltam energias para recomeçar, procuro-as em minha fé nos Orixás, na Umbanda. Mesmo em situações difíceis, como fazer pesquisa durante a pandemia, além de outras pedras no caminho, não perdi a essência que sempre me aflorou desde criança. Aprendi isso com minha tutora avó: “estude, para ser alguém, seja contabilista!”. A matemática passou longe, mas as letras me cativaram. Mesmo com a idade de descanso e sabedoria de Nanã⁹⁷, persisti e superei os empecilhos para chegar quase ao fim dessa tese. Transmutando-me nela, a ave Fênix, me reergui das cinzas. Deixei outros sonhos para trás em busca de defender os Calon de Quissamã. Fiz-me de Fênix a Xangô, orixá do fogo, que queima erros, que afere balança. De Fênix, também a combustão do Orixá Ogum, o deus do ferro, que corta demandas, obstáculos da vida. Fênix, animal representativo das fases de um ser humano ligadas à morte, mas que renasce das cinzas. Símbolo que lembra a força interior para superação de obstáculos. Desse modo, fenixiano, construí pontes e diálogos para buscar a história e o cotidiano dos Calon, comunguei com o símbolo máximo e poderoso da vitalidade.

7.1 “Vou ajeitar a você um dom”

Retomo Marina Colasanti (1994). Agora, observo-a pelo viés da religiosidade de Umbanda: quando a protagonista entra no poço, encontra uma velha tricotando água, então, vejo a orixá Nanã. Em relação às escamas douradas, aludo à orixá Oxum. O peixe, simbolizado

⁹⁷ Orixá mais velha do panteão africano, representa a sabedoria.

pela yabá (mãe de todos), corresponde a Yemanjá. No encontro com uma tumba egípcia que relembra o Egito, por onde o povo cigano caminhou, penso nos espíritos desencarnados, encontro a Rom, Sarita. No deserto, simbolizado pela fonte de vida, conecto-me aos desencarnados pastores boiadeiros. A personagem Ana Z se agarra às oportunidades que surgem e ao desejo de perseguir viagem, ao prazer da aventura em busca de si mesma. Assim, lembra os ciganos quando estes buscam maneiras de sobreviver. As viagens no interior do poço têm o significado de nos encontrar subjetivamente, garantindo múltiplas interpretações para situações que surgem na vida, metáforas de amadurecimento. Enfatizo que, pela religião, é possível mudar.

À medida que a escrita mareja para o fim, transbordo-me com as metáforas manoelistas, afinal, elas permearam toda a minha escrita do Brincar. Creio que o (a, e) eventual leitor (a, e) de minha tese já deve ter se dado conta, a esta altura, de que minha criança do passado se entregou às aventuras das “criantes-brincantes” e “criantes-narrantes” Calon. Empanturrei-me de manoelismos ao mencionar a minha religiosidade, escrevo sobre ela, pelas fantasias do poeta.

Vou pelas letras, à moda posta em poemas de Manoel de Barros, pelas suas sensibilidades poéticas. O resultado disso é escutar as linhas das poesias onde pássaros pousam e voam azul. Escrevo por borboletas que andam nas pedras, por lagartixas que pastam em rios, por peixes que abanam rios, por rolinhas que pisam em troncos de ervas daninhas manoelinas. Todas estas naturezas transbordaram no cotidiano das crianças Calon, como também em suas brincadeiras. Escrevi, paulatinamente, como lesmas que andam devagar pelas paredes, garatujando rios de caminhos de brilhos emanados das falas das crianças Calon. No momento da grafia relacionada ao sagrado, convidei as falas de crianças umbandistas para se mesclarem às dos Calon, que fizeram parte de todo o nosso trabalho. Então, a diversidade infantil num contexto de escrita se criou.

Caminho com os orixás que me disseram ao pé de ouvido: “vou ajeitar a você um dom” (BARROS, 2022, p. 55), vou pertencer a você para ser uma líder espiritual. E assim se fez. Passei a escutar o perfume das árvores da líder Jurema, a cheirar os contrastantes preto e vermelho das vestes de Exu. Algumas vezes, apunhalo com a cerda da espada de Ogum, logo depois me arrependo e me transbordo com o doce do perfume de Oxum, aprendendo a voltar e reconhecer meus erros, peço *maleimes* (desculpas); degusto o brincar dos Ibejis, tateio a voz das águas com sotaques azuis de Yemanjá. Já botei silêncio em 444 canjiras⁹⁸, ininterruptamente, até o momento em que escrevo este capítulo. Sei botar o silêncio nelas, para

⁹⁸ Ritualísticas de Umbanda, também denominada gira.

encontrar a fé que, desde a infância, sem perceber, era a razão das coisas. Já usava o feitiço das palavras. Já com idade de saber, jogaram em mim a gosma de uma lesma esmagada no ori, a fim de lubrificar os meus caminhos na Terra. Marquei com minha saliva o chão de meu sagrado. Terei que aprender daqui por diante a caminhar livre e me deixar ser invadida pelas forças elementais dos Orixás que permearam a minha escrita do Brincar: fogo, água, terra e ar.

Um escrito inspirado na poesia do mestre Manoel de Barros exige silêncio para ser entendido. Palavras e imagens se refrescam em meus textos, mesmo sabendo que a realidade borboleta sentidos. Contamino-me de manoelismos quando tenho que voltar ao túnel do tempo da minha vida, à minha infância, para entender o que sou há longos vinte e três anos de religiosa da Umbanda. Naquele tempo, a Umbanda era como o gosto da Lua pelo vagalume. Bastava pegá-lo nas asas pelos dedos indicador e polegar, restringir seu minúsculo corpo na roupa, e sua morte fazia-o brilhar. Seu clarão ia pela madrugada adentro, respingando no retumbar dos atabaques em meus ouvidos. A religiosidade brilhava em minha infância. Barros (2016, p. 35) diz que “vagalumes eram para entortar ruas”, mas se esqueceu de que quando tem criança brincando, os insetos também viram broches de trapilhos no corpo de criança no passado.

Retorno à minha infância e menciono Mãe Idaléa, que comandava a Umbanda. Meu pai não me queria dentro, mas eu burlava suas ordens quando os atabaques me chamavam. A líder espiritual era franzina, de olhos profundos, cabelo preto e crespo, negra. Sustentava seus filhos pelos trabalhos oriundos dos jogos de búzios que fazia⁹⁹. À tarde, quando eu vinha da escola, ensinava meus alunos desencarnados, brincava de escolinha. Gritei, briguei muito com eles, assim como fez comigo a Dona Aureli. Sacudi-os de um lado para o outro do quadro negro de parede, que meu pai construiu na rinha de canário. Queria que o espaço fosse escola e não campo de batalha de morte de pássaros. Pratiquei com meus alunos desencarnados, como me tocava a professora, puxei as orelhas deles, jogando meu polegar e indicador ao vento, afinal, devia ser um espírito. A senhora Aureli aprendeu a ensinar nos modelos colonialistas, puxava orelhas. Quando uma delas ficava vermelha, ia para a outra. Tinha que aprender a matemática: “estudou, Maria Cristina? Senão, hoje vai ter hein!”. Estas palavras ressoam até hoje e falava a

⁹⁹ D. Idaléa era muito querida pela família de meu pai, embora o racismo religioso fosse imensurável. Minha tia Arlete, irmã de minha mãe, já mencionada no capítulo da boneca Mônica, era médium dela. A mãe de santo era muito querida por eles. Defendia-os como fazem os Calons com os seus filhos. No carnaval, Valmir, com seu lança-perfume, jogou em meus olhos o composto de urina, creolina e sabão em pó nada perfumado, quase me deixando cega. Ele queria testar seu composto e eu estava na mira. Do nada, brincando também de espirrar água nos outros. Meu pai não o levou para as autoridades porque considerava D. Idaléa, também não me levou para o hospital. Essa é outra história marcante da minha infância em que Dona Idaléa também toma espaço.

mesma coisa com meus alunos desencarnados, brincava sozinha com eles, acreditam que brincavam comigo também. Trago a tal da “imaginação” de que tanto falamos nos escritos.

Eu me recordo dos sons dos búzios de Mãe Idaléa, que rolavam na peneira de palha, emitindo chamados e cantos estranhos. Enquanto a mãe de santo realizava suas práticas espirituais, eu, uma criança cheia de vontade de ser professora, perturbava o ambiente com meus gritos e brincadeiras imaginárias com alunos invisíveis. Minha presença muitas vezes interferia nas mensagens dos Orixás transmitidas pelo oráculo de Mãe Idaléa. Ela se debruçava na janela, observando o quintal onde ocorriam as brigas de galo promovidas por meu pai, e, por sua vez, me repreendia, comentando: "Essa criança parece louca, hein!". A minha vontade de me tornar uma mestra atrapalhava a concentração dela nos jogos de búzios.

Meu pai não me queria dentro da Umbanda de dona Idaléa, mas eu já me sentia envolvido nos destinos e em ajudar os outros, imerso na profissão de ensinar. Tudo acontecia simultaneamente, como se eu estivesse navegando entre diferentes papéis e propósitos.

7.2 Fechando a cangira com os sábios da umbanda

Figura 132 - Thaís Letícia Gomes da Silva, 10 anos



Fonte: Foto de Thalles Tarcísio, 2022 – Acervo pessoal

Finalizo o capítulo de Umbanda com as palavras de Preto velho Pai Joaquim de Aruanda, psicografadas por mim, na obra dele:

Os pretos velhos são energias elencadas de bondade que trazem sempre para cada indivíduo que os procura uma palavra de conforto e de sabedoria. Podemos dizer que a Umbanda é um hospital onde se encontram muitos psicólogos desencarnados com energia benéfica, os antepassados de etnia negra são exemplos de médicos terapeutas. Por causa disso, quando um simpatizante ou médium de Umbanda procura por eles, sai liberto de dúvidas e engrandecido depois de ouvir as palavras desses magos sábios traduzidas através de um aparelho mediúnico, condutor desse canal de comunicação entre eles, e os vivos (MARQUES, 2016, p.11).

As crianças da Umbanda têm seus brilhos próprios, seus manejos entorpecidos de giz de pemba, de toques de atabaque, de ritualística, muitas vezes, sincrética. Na imagem, o gosto do cachimbo de preto velho chega aos narizes delas porque seus responsáveis a levam para tomar passes magnéticos¹⁰⁰. As ervas de um caboclo batidas no chão acham seus corpos com a presença de seus pais. Neste lugar, tem que ter espaço brincante, senão as crianças se empatam de tédio, porque não entendem o motivo de tantas rezas, de tantos elementos que as miram. Elas pensam como na poesia de Barros (2016, p. 57): “O Senhor é nosso padre? – Não senhor, eu sou o cuspe dele, a bosta dele. Então ela passou o braço para abraçar a pessoa e não acabou a carne. Perguntou: – Que é isso passarinho?”. Algo com um certo significado, que não se apresenta inteiramente para elas, mas, para mim...

¹⁰⁰ Quando se quer descarregar mal fluídos e emanar bons fluídos aos chakras das pessoas. Chakras são pontos de entrada energéticas no corpo humano. São eles: coronário, no alto da cabeça, frontal, na testa, laríngeo, na garganta, cardíaco, no coração, esplêndido, nas regiões abaixo do baço, gástrico, na região estomacal, básico, ao redor da genitália.

CONCLUSÃO

Caminho para o final da escrita com outro baralho cigano que conheci, este recentemente. Para tanto, escolhi a carta de uma criança brincando com a pipa, brinquedo que me despertou para o brincar das crianças Calon.

Durante a pandemia, minha pesquisa sobre o Brincar das crianças do acampamento Mathias de Quissamã me fez fantasiar várias vezes sobre a entrada no local. Os vídeos e vozes dos Calon pelo celular me ajudavam, mas também geravam muitas perguntas sem respostas completas. Seguindo a ideia de Diniz (2022) sobre a complexidade do verbo perguntar, decidi voltar ao campo em 25 de janeiro de 2023 para obter respostas mais precisas e completas para minhas indagações. Durante o período em que dependi do celular para buscar informações, senti que algumas respostas eram abstratas demais. No entanto, minha última visita ao acampamento foi extremamente pertinente para concluir satisfatoriamente minha pesquisa, especialmente sobre o desmanche do noivado de Vitória Barreto Costa.

Já relatei que, nas crianças com a idade de se comprometerem, ocorre um acelerado processo de modificação em seus comportamentos, os quais são acompanhados de alteração em seus corpos. É possível que essa situação ocorra devido ao fato de os meninos começarem a ter um contato mais próximo com as tarefas e funções a serem exercidas na comercialização de objetos, levando-os a acreditar que estão preparados para assumir seu papel de chefe de família. No que se refere às meninas adolescentes Calin, por compreenderem que estão próximas a assumir os papéis de mãe e de esposa. Para compreender plenamente essa questão, seria necessário um estudo mais aprofundado e detalhado com pesquisadores da área.

Kauã, o menino da procissão, aquele que dançou com Vitória Barreto dentro do trailer, o que anunciou o circo na minha pesquisa, casou-se com Kyara, no dia 18 de dezembro de 2022. Segundo eles, foi uma cerimônia rápida na igreja evangélica do acampamento. O gesto de Kyara, sua esposa, com 14 anos, de querer entrelaçar suas mãos com a de seu amado confirmava seu profundo amor, mas ele permanecia imóvel, escondendo as mãos atrás das costas. Sua esposa o cobrava por sua falta de atenção, dando-lhe puxões de orelha, mas continuava ignorada. Eram crianças inocentes assumindo corpos de adulto, que amadurecerão em breve.

Ainda me deu tempo para mencionar que, ontem, dia 30 de maio de 2023, descobri que o casal enfrentou uma separação. Além de Kauã, outra pessoa envolvida, Diana Soares, a que



se casou e foi morar em Marataízes, no estado do Espírito Santo, também se separou e retornou ao acampamento Mathias. Nesse contexto, surge a questão sobre o impacto da tecnologia nos espaços do acampamento Mathias e se isso influenciou o comportamento das crianças. É necessário realizar pesquisas futuras para explorar melhor essas questões e compreender se os desenlaces matrimoniais são exclusivos desse ambiente.

Outra descoberta, há dois meses atrás, foi a fúria do pai de Vitória que despedaçou seu celular ao arremessá-lo contra a parede, privando-a assim de usar o celular. “A menina não dorme, passa a noite toda em claro, acordei às cinco da manhã e ela estava com o celular na mão. Até desmanchou o noivado por causa dessa coisa aí” – argumentou Disson. O calon não deseja mais ver sua filha “se perdendo pelo celular, mudando a cabeça”. Fotografei a prova de que o celular não existe mais: Vitória Barreto fez questão de me mostrar.

Figura 133 - Marca do celular atirado na parede do muro do quintal da família



Fonte: Acervo pessoal

Virgínia, sua mãe, não se conforma com o desmanche com o noivo. “Tenho fé que um dia voltará para ele, tenho certeza que vai colocar a cabeça no lugar”. Já Vitória finge estar feliz com o desmanche, sente-se livre e quer muito mais que compromissos nupciais, deseja olhar para outros meninos adolescentes Calon e, se surgir um brasileiro que ame, a menina não hesitará em conhecer, afinal, “minha mãe é brasileira e se casou com meu pai, que é cigano. Oh tia, o meu noivo era muito exibicionista, queria mostrar sua fortuna, não gosto disso não. Quero uma pessoa com boa situação, mas que não fique se exibindo e menosprezando os outros”. Senti-me satisfeita com a resposta da pergunta que fui buscar.

Ravel, o menino adolescente que me ajudou a usar o drone, sabendo do desenlace de Vitória, pediu mais uma vez sua mão aos pais da menina. A recusa foi instantânea, pois Virgínia “tem problemas de ciumada com a mãe de Ravel”, comentou Vitória comigo. Mas o menino investe dia após dia, não respeitando a negação de Virgínia, o que tem colocado a Calin em desespero, a ponto da família decidir sair do acampamento. “Ah, Cristina, Vitória está mudada, olha pra muitos meninos, e isso se chama traição para o ex dela, não era justo o que ela fazia com o garoto”. Em Quissamã, bastou olhar para um par diferente do seu, é considerado traição. “Pra gente, não precisa fazer sexo, basta olhar, quem faz isso é mulher à toa”, enfatiza Virgínia. “Se for solteiro, se não for comprometido com nenhuma garota, olho mesmo”, responde Vitória. “Tá vendo Cristina, isso é comportamento de uma cigana?”.

Disson perdeu muito dinheiro para um brasileiro em dezembro de 2022. Soube disso porque deixou mensagem para mim, pelo *Whatsapp*, muito chateado, mas não deu detalhes. Precisava saber o que ocorrera. Segundo Virgínia, ele vendeu vários carros, de modo fiado, para um negociador de agência de carros. O comerciante fugiu sem deixar rastros. Todo o negócio foi feito pelo prazo de um ano. “No início, fez amizade, o brasileiro era amigo e bom pagador. De repente, deu depressão e foi embora. Ligou e disse que um dia cumpriria sua dívida”, respondeu-me Virgínia. Segundo a Calin, Disson não tem mais condição de negociar carro, está vivendo apenas de venda de passarinhos. Queria saber mais sobre o negócio, então, perguntei ainda mais. “Por enquanto, ele está sem carro, pois compra carro fiado e vende, para tirar o dele. Ele vive de comissão, de braganhices, entende?”.

Retornar ao acampamento me fez aprender ainda mais sobre as questões pendentes, principalmente o ocorrido com Disson, que foi à bancarrota, segundo ele. Após muitos anos em Quissamã, devido às difíceis circunstâncias financeiras, o chefe de família teve que tomar uma drástica solução: vender sua casa a preço miserável de R\$ 20.000,00, o que nem paga a construção. A necessidade de enfrentar novos desafios em um novo lugar devido às dificuldades financeiras, ocasionadas por uma negociação com um brasileiro não cumpridor de seus deveres, fê-lo tomar esta decisão. Depois, falam que cigano é péssimo pagador, ladrão de brasileiros, como ouvi de um guarda municipal, no portal de Quissamã, no dia em que estive no acampamento, ainda durante a pandemia.

Vítor embalou suas coisas com grande pesar e, ao mesmo tempo, transparecia felicidade, por sair de perto de Ravel, que corteja sua irmã veementemente. Mudou-se para Apiacá, no Espírito Santo, eu estava lá no dia da mudança, mas não sei se o lugar é mesmo Apiacá. Clara, sua esposa, foi com ele. Virgínia e Disson mudarão no mês que vem. O lugar é próximo ao ex-noivo de Vitória, uma distância de 70 km. A sogra de Virgínia e o irmão de

Disson também estão no sítio. Inicialmente, pagarão um aluguel de R\$ 500,00, até construir a casa deles. “Cristina, lembra do meu desenho que fiz aqui em casa com você?”. Virgínia desenhou uma casa, em cima dela, a casa para Vítor e Clara morarem. A imagem se encontra na pesquisa. “A gente mentaliza e as coisas aconteceram”. Os meus protagonistas da pesquisa não entraram em mais detalhes sobre o lugar, como conseguiram, mas me convidaram para pousar lá, com a minha casinha rodante, mas isso é para futuras escritas.

Encontrei Cirlene, de 38 anos, aquela que me disse que “cigano é gente livre, dona! Gosta de liberdade”. Pediu-me um baralho cigano, porque precisa jogar cartas ciganas, necessitava ajudar nas despesas e deixou o seu carteadado em Minas Gerais.

Figura 134 - Cirlene Alves Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal

O baralho que ela joga é o *Baralho da Vovó Cigana*¹⁰¹, que, aliás, eu não conhecia. Pedi que quando as cartas chegassem, jogasse para mim. Ela concordou. “Primeiro, eu tenho que benzer o baralho por sete segundas-feiras, com a minha reza de Santa Sara”, enfatizou a Calin. Pedi a oração. De início, disse que não poderia me dar, pois é só para cigano, mas depois me enviou a foto da oração escrita a manuscrito. Guardei-a com carinho. Cirlene é a única cigana

¹⁰¹ THOR, Tamina, 1957. *Baralho da Vovó Cigana*. Ilustrações das cartas: Renato Martins, 7ª edição. Rio de Janeiro: Palla, 2016.

que joga cartas no acampamento de Quissamã. Reside no acampamento Mathias há duas semanas com um Calon de 28 anos, primo de Disson, casamento arranjado por este.

Figura 135 - Baralho da Vovó Cigana



Fonte: Acervo pessoal

Adquiri um baralho que, em pouco tempo, estudarei. As cartas são coloridas e o processo de aprendizagem não é tão simples como o baralho de Lenormand. Acredito que estive lá também para conhecer esse jogo divinatório.

Fiquei muito agradecida por ter participado, de forma muito próxima e carinhosa, das brincadeiras das crianças Calon de Quissamã. Isso me permitiu estabelecer vínculos com elas, além de colher conhecimentos que acrescentaram muito à minha atuação como pesquisadora. As crianças Calon de Quissamã compartilharam comigo suas brincadeiras transbordadas de alegria, conectaram-me às minhas memórias a ponto de trazê-las para a escrita e me deram a oportunidade de reviver momentos de minha infância que já estavam adormecidos.

Hoje, cheiro à infância Calon, além do respeito às suas ancestralidades, seus modos de viver e agir. A pesquisa me ofereceu um valioso apoio para defendê-los, continuar meus escritos. Vejo-os, como criantes-brincantes e criantes-narrantes, fazerem muitas coisas de seus cotidianos e aprendi com eles a soprar os brinquedos da natureza dando-lhes vida, jogando-lhes

hálito. Muitas vezes, as brincadeiras foram velozes, negociáveis, alegres, com algumas discussões de crianças.

Já tivemos a oportunidade de mencionar Korczak (1981). Segundo ele, as crianças se enfrentam com inocência, batendo uma na outra, com mãos pequenas e pouca força para machucar. Ainda assim, empolgam-se e desafiam-se, como se fosse uma brincadeira divertida. Elas sempre testam quem é o mais forte primeiro e dosam a força de acordo com a idade e a capacidade de resistência. Mesmo quando a raiva surge, elas sabem controlar seus ânimos e se auto analisar, pois sabem que o limite é o seu próprio tamanho. É um jogo de empurra-empurra que termina assim que um consegue imobilizar o outro.

Da mesma maneira que o autor descreve as confusões de seu personagem pela informalidade, no acampamento, as crianças brigam muito conversando, brigam brincando, mas isso também ocorre com as crianças não ciganas. Tive que brincar com eles, correr, ensinar inglês, fantasiar, contar histórias. Quando entro no acampamento, me avistam rapidamente, chamam um ao outro, chegam perto da casa rodante e querem brincar: “tia, ensina inglês pra gente. Tia, vamos brincar de quê? Tia, vamos brincar de pique-lateiro, polícia-ladrão?”. Muitas vezes, estou cansada e falo “daqui a pouco”, mas procuro atender às suas solicitações. Outras vezes, eles mesmos criam alguma coisa.

Enquanto as crianças me pediam para inventar sobre o que brincar, fomos para o topo do trailer¹⁰² e entramos no mundo do acampamento visto pelo alto. Coincidência ou não, eram as crianças da pesquisa, porque sempre surge um novo morador. Compartilhei o meu fascínio pelas paisagens, pelo ar, pelo calor intenso, pela terra escaldante do local e o que significavam todos os elementos da natureza. Meus olhos brilhavam na expectativa de narrar a magia daquele espaço. Todos ficamos encantados com a energia daquele momento e muitas anotações feitas me servirão para futuros escritos.

¹⁰² As propagandas do *Winnebago* incentivam usar o espaço de cima do trailer para por cadeiras de praia, por isso a escada. A subida das crianças foi supervisionada por mim, e pelo meu esposo, com os devidos cuidados para não se machucarem. Não os deixamos passar do último degrau da escada.

Figura 136 - As crianças da pesquisa



Fonte: Acervo pessoal

Em relação aos elementais, sempre nos seguirão, pois estarão em nossas brincadeiras, assim como o fazem no cotidiano de cada ser na Terra. O Fogo tem atração pela terra, a água se opõe ao fogo, o ar apraz a todos eles juntos. Fazem parte do brincar. Crianças que correm na terra, misturam água nela para mexer no lagartixa defunto com o ar nos rostos.

Espero conhecer ainda vários quintais com vestimentas coloridas de Calin e de Calon caubóis. Carrego comigo a nostalgia de aventuras nômades de casas sem paredes. Transformar-me-ei em aventureira de palavras em defesa de Calon. Elas andam em mim, como as de Manoel, o de Barros, andou nos meus escritos. Eu bebo palavras de Calon e de Barros quando

mencionam o caracol, em seu quintal enquanto menino. Bicho rastejante que anda por terra e solta água gosmenta.

Enquanto concluo a escrita, escoro-me no meu ajudante escritor do brincar: “Acho que a gente escreve para se descobrir. Todo invento meu é uma aproximação de mim. [...] Escrevo para chegar mais perto da minha fonte, das minhas antecedenças”, discorre Barros (2010, p.113). O poeta pantanês caminhou na minha pesquisa, moramos nós dois nas nossas antecedenças de memórias fósseis de nós mesmos. Quando limpamos palavras difíceis de nossos escritos, escrevemos autobiografias, trazemos feições, conflitos e desencontros, lá, nas nossas antecedenças, ficamos nus, somos verdadeiros. Foi com a escrita de minha tese que descobri que fui uma “criança-brincante”, que posso usar a função emotiva das palavras. Ao contrário de um poeta, um pesquisador nada pode inventar, mas as escritas brincantes das crianças Calon reverberaram que fui também uma “criante-narrante” – narrei muitas histórias pelas deles e caminho para o final destes escritos com palavras que brincam.

Percebi com Barros (2010, p. 42): “pedacinhos de mim, ressentidos, caídos por aí, para que tudo afinal se disperse [...] Sinto quase orgasmos nessa tarefa”. Assim como o autor, expressei uma sensação de alívio ou libertação, como se estivesse me livrando de um compromisso, mas sei que ainda não acabou.

Inicialmente, fui enganada sobre o que ia encontrar no meu campo etnográfico. O folclore desse povo me ofereceu toques de viola com ritmos de melodias mágicas, depois, sua cultura me construiu, me modelou. É na companhia dos Calon que encontro motivos para traçar novos caminhos de minha vida. As palavras nos computadores, nos compêndios dos autores que escrevem sobre os ciganos, ecoaram durante toda a caminhada do doutorado. As risadas das crianças nas brincadeiras ainda despertam em mim saudosos momentos. Frases soltas em *chibi* ainda cantarolam em minha mente e permanecem gritadas em reuniões particulares de famílias Calon, em Quissamã. Construí amizades carnavais Calon. Minha alma está cheia de afeto e de carinho por este grupo tão especial. Ah, as crianças... as mais sinceras, as mais brincantes, ensinaram-me culturas, levaram-me aos momentos meus, a momentos nostálgicos brincantes e infantis.

Através das brincadeiras realizadas pelas crianças Calon de Quissamã, foi possível aprender mais sobre a cultura Calon, preservando suas identidades. Elas não só proporcionaram diversão e entretenimento, mas também foram formas de expressão cultural. A cultura Calon é fascinante e, por meio do brincar, as crianças foram capazes de expressar suas vivências cotidianas com emoções, sentimentos e experiências. Portanto, seria interessante que a escola valorizasse ainda mais esse modo peculiar de expressão tão presente nas tradições ciganas de

etnia Calon. O brincar é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da infância Calon de Quissamã, pois permite explorar o ambiente, desenvolver aptidões cognitivas e habilidades sociais. Além disso, o brincar é uma forma de comunicação cultural expressiva.

Infelizmente, as escolas nos arredores do Acampamento Mathias não buscam a adesão das crianças ciganas ali residentes. Não existe, até o momento, pelo o que pesquisei, nenhuma política pública advinda da prefeitura exclusivamente para elas. Nesse sentido, em Quissamã, os responsáveis temem a perda de repertórios culturais, caso continuem na escola após estarem preparados para o casamento. Sei da preocupação desses pais, pois Disson e Virgínia me contaram. As escolas poderiam funcionar como um espaço acolhedor, se houvesse diálogos específicos com a comunidade Calon, de modo a entender as suas especificidades e expectativas. Assim, talvez, as crianças Calon de Quissamã se vissem acolhidas. Para que isso ocorra, porém, propostas pedagógicas com políticas fundamentadas na interculturalidade e atentas ao modo Calon de existir são necessárias. De fato, todos precisamos sonhar e lutar por uma educação com vários repertórios culturais que pluralizem a escola. Acreditamos na necessidade de se fazer um esforço para a formação continuada com os professores envolvidos neste contexto. Devemos entrar em outros universos que não tenham o pragmatismo colonialista somente.

Lembremos que as meninas Calin são criadas para se casarem, mas entram na escola para aprender as letras e a leitura até uma certa idade. Aos meninos, cabe a matemática como prioridade, por causa da barganha. Caso essas crianças não se vejam engajadas na realidade da escola, em que o currículo pertence somente à sociedade hegemônica, como poderão conviver?

Acreditamos que as Secretarias de Educação, perto de comunidades tradicionais ciganas, deveriam discutir caminhos interculturais e transdisciplinares. Ademais, é imprescindível compor aulas com materiais didáticos inseridos em diálogos interculturais a partir de perspectivas pedagógicas decoloniais. As escolas ao redor de acampamentos, como o de Quissamã, Campos, dentre outros espaços, deveriam abordar reflexões com os temas da cultura cigana e mercado de trabalho. Ademais, discutir caminhos e estratégias similares às respostas dos exercícios de escola que ajudei Vitória Barreto a construir, durante a pandemia, quando me pediu ajuda para fazer suas tarefas de casa. Respondemos questões feitas pela professora com exemplos do mundo de Vitória Barreto. Tratam-se de saberes não eurocentrados e tampouco hegemônicos dos quais estas comunidades necessitam, urgentemente, para que a etnia cigana, o grupo étnico Calon de Quissamã fiquem na escola e não deixem perder a sua tradição.

Em 2020, esperava por Vitória chegar da escola. Surpreendi-me ao ver a menina com short e blusa, uniforme de escola, porque sabia que o vestido longo é uma maneira de não deixar suas pernas aparecerem. Quando questionei o porquê dela não ir com seu vestido na escola: “tia, tenho vergonha porque meus amigos ficam me achando diferente, melhor mesmo é não provocar e ficar sem se notar”. Vitória não é a primeira e nem será a última que a escola não aceita em sua pluralidade cultural. A família das crianças Calon ficaria mais tranquila em saber que seus filhos passam o tempo numa escola em que o respeito à pluralidade está sendo acatado. Provavelmente, seus filhos não serão mais julgados por estereótipos do passado. Nesse sentido, a vergonha que as crianças sentem em usar seus vestidos coloridos, substituindo-os por uniformes escolares estaria banida.

Estamos nos referindo a uma Educação plural, que cumpra o compromisso de educar crianças e jovens de forma abrangente, incluindo todas as diferenças culturais, raciais, étnicas, religiosas, sociais e econômicas que existem ao seu redor. Esta abordagem de educação visa proporcionar a todos os alunos a oportunidade de desenvolver sua capacidade crítica de pensar e de compreender o mundo em que vivem. A educação plural enfatiza o respeito mútuo e a aceitação das diversidades culturais e raciais. É uma abordagem que leva os alunos a experimentarem e a refletirem sobre as culturas, as crenças e as experiências de outras pessoas.

Os ciganos necessitam de políticas públicas específicas para eles, que abordem suas especificidades e suas demandas. Não podem viver de políticas públicas direcionadas a outros grupos minoritários. Essas políticas devem promover o acesso aos direitos básicos e ajudar na promoção da inserção social dos ciganos, bem como em prol de sua inclusão na sociedade, além do apoio às comunidades ciganas para que possam desenvolver suas próprias iniciativas.

Já é fato comprovado por mim, em Quissamã, que criança cigana precisa de escolas dentro de suas comunidades porque necessita de um ambiente de aprendizado em que possa aprender e se desenvolver em segurança. As meninas, quando atingem o período de menstruação, são obrigadas a saírem da escola por seus pais. Isso ocorre porque a comunidade de Quissamã teme o envolvimento delas com meninos não ciganos. Elas precisam de um ambiente que reconheça suas culturas, línguas, histórias e ofereça proteção. Também necessitam de acesso a serviços especializados, como professores qualificados, para ajudá-las a superar desafios educacionais únicos.

A criança cigana precisa de escolas que reconheçam e valorizem suas tradições culturais, assim como outros grupos étnicos são reconhecidos. Essa instituição também deve promover atividades culturais que envolvam a comunidade cigana para que ela se sinta parte dela. Ela também precisa de escolas que ofereçam programas de inclusão e apoio para ajudar

no processo de adaptação às exigências acadêmicas da sala de aula. É importante que ofereçam acesso a material educativo específico para a população cigana, para que ela possa melhor compreender e se envolver com seu próprio contexto cultural. Além disso, é importante que as escolas desenvolvam programas de apoio que ofereçam ajuda aos estudantes para navegar na cultura cigana e na cultura geral da sociedade, permitindo-lhes desenvolver habilidades interculturais que produzam lugares de encontros e trocas. Para isso, faz-se necessário que os professores se capacitem no conhecimento da cultura cigana, de modo que a criança possa se sentir valorizada e interessada na matéria. Também é necessário que as crianças não ciganas reconheçam e respeitem a cultura cigana com a finalidade de todos se sentirem acolhidos na escola.

Almejamos uma escola com currículos voltados à cultura cigana e que, por isso, possa abordar temas como história, língua, cultura, artes, música, dança, artesanato, culinária e outras áreas, as quais são próprias dos ciganos. Além disso, que ofereça aulas específicas sobre a história da cultura cigana, perfil cultural e tradições, uma educação que se foque na promoção da autoestima e da liderança entre os ciganos jovens, que também desenvolva habilidades necessárias para a sua integração na sociedade. O currículo pode incluir também ações de conscientização sobre direitos humanos, visando à inclusão deles em diversas áreas da vida.

Para que um aluno cigano fique na escola, é importante que ele seja tratado com respeito e dignidade. Deste modo, a escola deve fornecer acesso à educação de qualidade e às oportunidades de participação igual. Isso inclui a criação de aulas especiais para esses alunos, oferecendo-lhes oportunidades ao aprendizado da língua *chibi* com professores ciganos. Isso não é utopia, já existe no Brasil. É necessário que a escola crie um ambiente de aceitação e de apoio para esses alunos. Como parte deste processo, o local deve ser sensível às necessidades culturais e religiosas deste grupo, como também fornecer recursos para ajudar os alunos a serem bem-sucedidos e a alcançarem seus objetivos acadêmicos.

Uma educação plural favorece a permanência destas crianças na escola porque oferece a elas um ambiente de aceitação e inclusão. Ou seja, é necessário um tipo de educação que valorize o respeito às diferenças culturais, étnicas, raciais, religiosas e de gênero, promovendo o diálogo entre diferentes grupos. Assim, as crianças ciganas se sentiriam incluídas e reconhecidas, favorecendo a sua permanência. Além disso, este tipo de educação estimula a diversidade cultural e a colaboração entre os alunos, contribuindo para a formação de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e inclusivo.

A expectativa dos desejos acima recai no governo de Luís Inácio Lula da Silva, atual presidente do Brasil. Lula foi eleito presidente pela primeira vez em 2002, após uma campanha

que prometia mudanças profundas na economia e na política brasileira. Ele foi o primeiro presidente de origem operária a assumir o cargo, e sua eleição foi vista como um marco histórico para o país. Durante seus dois primeiros mandatos, entre 2003 e 2010, Lula implementou várias políticas para ajudar os mais pobres, como o Bolsa Família, que forneceu benefícios financeiros para eles e, inclusive, aprovou alguns benefícios para o povo cigano.

Os primeiros sinais de políticas públicas para os ciganos aconteceram, no passado, em sua gestão. Desse modo, a esperança é que retornem neste mandato. O presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) defendeu um programa de governo que prioriza a redução da desigualdade social e a melhoria dos serviços públicos. Roguemos para que o nosso governo consiga realizar mudanças positivas, principalmente, em relação às comunidades tradicionais Calon, dentre outras, para que recebam melhores condições de vida e políticas públicas destinadas exclusivamente a cada um deles.

Figura 137 - Yara Marvilha



Fonte: Acervo pessoal

Poderia já ter terminado a escrita, mas não quero deixá-la ainda. Refresco o texto sério e profícuo acerca de nosso atual governo com a imagem de Yara Marvilha, brincando em cima do trailer, no meu quintal escolhido naquele dia, a calçada da esquina do acampamento Mathias de Quissamã, no dia 25 de janeiro de 2023. Termino, finalmente, os seis últimos parágrafos numa linguagem conotativa, pois a imagem me encanta de simbologias e de cores.

Escrevi essa tese com as brincadeiras das crianças Calon de Quissamã, como quem já brincou no quintal de Colégio, no subúrbio. Durante a evolução do lugar, vi cobrir a rua Caiuá, antes de barro, com asfalto de pedras de brita e piche. À noite, com pés sujos, ralados no petróleo, colados com alguns resquícios de brita, era um pano molhado que minha avó passava para dormir, em companhia dos ratos em cima de minhas cobertas, o último banho do dia. Escrevi minha infância porque ela tem um pouco de Carolina Maria de Jesus, um pouco de criança como Felipe do Boneco Vodú e outras crianças que necessitam ser amparadas. Infantilizei-me com elas, que despertaram em mim milhares de emoções e memórias indelévels.

Tornei-me fã da fala melódica do falar Calon, como também do dono dos versos que me levaram ao Pantanal. Eles me hipnotizaram com a natureza desse lugar, durante a minha escrita. Fui até lá com os versos dele, e também os trouxe ao acampamento Mathias, em Quissamã, comigo.

Terei um..., não, terei vários quintais que não serão tão maiores que o quintal de Manoel de Barros, que é maior que o mundo. De fato, terei vários quintais Calon pequenos porque os líderes do país em que vivemos ainda não lhes deram o devido respeito, a devida moradia, com um quintal grande, dotado de saneamento básico. Daqui por diante, pretendo escrever sobre cada quintal Calon que encontrar por essa terra Brasil. De modo que, tendo tantos quintais, choverão em mim outras palavras. Pegarei, então, os mínimos detalhes brincantes, talvez, diferentes dos que peguei em Mathias. Terei tantos quintais que, de frente para eles, observarei a minha mudez ao mirá-los e cimentarei os ínfimos detalhes que surgirão nos meus olhos. Quintais que me ensinarão ainda mais a alinhar em texto as palavras cantadas e brincantes de crianças Calon. Tentarei ter o dom de percepção do brincar, afinal, conheci-o em Mathias.

Lonas de barracas Calon, saias e vestidos coloridos desses futuros quintais ciganos serão sempre os ciscos de meus olhos, pois aprendi a observá-los, atentamente. A infância cigana e suas imagens me darão mais palavras, que pousarão em outros cadernos de campo. Não sei quais os quintais que me habitarão. Será o de Virgínia mais uma vez? Podem ser outros, onde o habitar for à beira do que ainda não conheci. De repente, muitas palavras ainda me reconhecerão, me chamarão, me oferecerão escritas. Deixarei cair minhas babas nelas.

Alimentar-me-ei delas. As palavras quererão meu ser. Dar-lhes-ei à boca o que ainda não peguei, em meus olhos o que ainda não notei. Como me disse Virgínia: “a gente mentaliza e as coisas acontecem”.

Quando nada me vinha à mente, o ânimo manuelino me aparecia. Fiz leituras do que nunca estudei: infância, o brincar, o desenho, pipas, Pikachu, *slime*, enterro de lagartixa, negociação de carro feita por Calon, boneco vodu para dar sorte, dentre outras brincadeiras e brinquedos. “Quando não me achava mais”, li Drummond, li *O Pequeno Príncipe*, li Marina Colasanti com *Ana Z, aonde vai você?*, li Mia Couto, li Cecília Meireles, li Manoel de Barros, li Carolina de Jesus, li Conceição Evaristo, dentre outros, para misturar poesia aos meus falares acadêmicos. São pedaços catados por mim, como também aproveitei, das crianças Calon, os seus falares e suas ações brincantes.

Colasanti (1994) mencionou que o poço estava cada vez mais escuro e mais fundo. Menciono esse comentário da autora devido a tantos obstáculos acontecendo em nosso país e tanto por se fazer em relação às comunidades ciganas do Brasil. Mas, mesmo assim, sairemos do poço, como fez Ana Z, e retornaremos à superfície para brincar com crianças Calon desse Brasil.

Hoje, em 31 de maio de 2023, finalmente, finalizo a correção da minha tese, pronta para ser lida por estudiosos dos grupos étnicos: Calon, Sinti, Romà, dentre outros pesquisadores engajados. Apesar de não pertencer a esses grupos, assim como outros escritores, minha intenção foi difundir a necessidade de respeito e de ações afirmativas para essa comunidade, sem me apropriar indevidamente de sua cultura. Acredito que outros estudiosos "brasileiros" da cultura cigana compartilharam dessa mesma intenção, buscando trazer à tona a importância e a notoriedade merecidas por vocês. Essa foi a nossa forma de contribuir para o reconhecimento do cotidiano, da história e da identidade Calon do acampamento Mathias, em Quissamã, no Rio de Janeiro.

Ainda tenho tempo para contar aos meus leitores o desfecho da história de "Vitória B, aonde vai você?". Sonhos e magias se entrelaçaram na vida do casal Vitória Barreto e Ronald. “Cristina, tá tudo tão caro, preciso comprar a geladeira de Vitória, o casamento já é pro ano que vem”, mensagem enviada por Virgínia Barreto. Em relação aos enlaces matrimoniais dos Calon de Quissamã, espero poder narrá-los em minha próxima escrita.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ALMEIDA, Paulo Newton de. *Umbanda, a caminho da luz*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003.
- AMARAL, Adriana da Rosa; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre v. 20, p. 34-40, 2008.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. DEWEY: jogo e filosofia da experiência democrática. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O Brincar e suas Teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2021.
- ATHAYDE, Rogério. *Exu e o mentiroso*. Uma história yorubá recontada por Rogério Athayde: ilustrada por Clara Zunga. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução de Xina Smith de Vaconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.
- BANDEIRA, Manuel. *Na rua do Sabão*. 2.ed. São Paulo, 2013.
- BARBOSA, Néli Falcão. “Deixa eu escrever meu nome aí?”: o Assentimento como estratégia ética e metodológica na pesquisa com crianças. In: KRAMER, Sonia et al. *ÉTICA: Pesquisa e práticas com crianças na educação básica infantil*. Campinas: Papirus, 2019.
- BAREICHA, Luciana Câmara Fernandes. Educação e exclusão social: a perspectiva dos ciganos e dos não ciganos. 2013. 400f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília.
- BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Cantigas de um passarinho à toa*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2018.
- BARROS, Manoel de. *Ensaio Fotográficos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.
- BARROS, Manoel de. *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

- BARROS, Manoel de. *Escritos em verbal de ave*. São Paulo: Leya, 2011.
- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
- BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BARROS, Manoel de. *Menino do Mato*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- BARROS, Manoel de. *O Livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Poeminhas em língua de brincar*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2019.
- BARROS, Manoel de. *Poeminhas pescados numa fala de João*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- BATULI, Miriam Stanescon. *Lilá Romai Cartas Ciganas*. São Paulo: Leograf, 2007.
- BENJAMIN, Walter, 1892-1940. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *A Arte de contar histórias*. Editora: Hedra, 2018.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITES, Luciana. *Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância*. São Paulo: Gente, 2020.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BROUGÈRE, Gilles; CARON, André H. e CARONIA, Letícia. *As novas práticas de comunicação, cultura mobile*. Montreal: L'Université de Montréal, 2005.

CÂMARA, Ronaldo. *O Retrartista*. Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2019.

CAMPELO, Marilu Marcia; MONTEIRO, Alef. Mediniunidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na umbanda. *Rev. NUFEN*, Belém, v. 9, n. 1, p. 108-126, jan. 2017.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CAPUTO, S. G., & SANT'ANNA, C. "Sou ekedi Lara de Oxóssi. Meu nome sou eu e Oxóssi. Não coloca meu nome sozinho não": Notas sobre fotografia e ética nas pesquisas com crianças. *REMEA*, Rio Grande, v. 37, n. 2, p. 307-326, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.11381>. Acessado em 25 de março de 2022.

CAPUTO, S. Reparar Miúdo, Narrar Kékeré- Notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, abr./Jun. 2018.

CAPUTO, Stela Guedes. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 86, p. 561-575, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C6ZT46YkW56G7vwP3HzGF4n/?lang=pt>>, acesso em 11 de abril de 2022.

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CAPUTO, Stela Guedes. Fotografia e outros desafios digitais na pesquisa com crianças. *Revista Interfaces Científicas*, Aracaju, v.8, n.3, p. 83- 98, 2020.

CAPUTO, Stela Guedes. Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 1-10, jul/dez 2001.

CAPUTO, Stela Guedes. Reparar Miúdo, narrar kékeré: notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 36-63, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34443>. Acesso em 13 de junho de 2022.

CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARDOSO, Greycy Kelle Andrade e BONOMO, Mariana. Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 39, p 67-84, 2019.

CARDOSO, Greycy Kelle de Andrade. 'Nós somos ciganos. E você, o que é?': processos identitários entre três gerações de ciganos calon no Estado do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2018.

CAVALCANTI, Lauro. Tradição e modernidade: identidade cultural da freguesia de Quissamã, 1987. In: Araujo, Rodrigo da Costa. *Leituras em educação*. São Paulo: Opção livros, 2022.

COLASANTI, Marina. *Ana Z. Aonde vai você?* Editora: Ática, 1994.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CRUZ, Jucelmo Dantas e CRUZ, Tarciso José Martins Dantas da. O Catolicismo e a ciganidade brasileira. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes et al (Orgs.). *Ciganos: olhares e perspectivas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

CUMINO, Alexandre. *Umbanda e o sentido da vida: mediunidade de incorporação como produtor de sentido para a vida na Umbanda*. São Paulo: Madras, 2015.

CUNHA, Jamilly Rodrigues; ATHIAS, Renato Monteiro. Ser Cigano: identidade, etnicidade e essencialismo. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos e OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). *Ciganos: olhares e perspectivas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

CUNNINGHAM, Scott. *Introdução às artes divinatórias: leituras do passado, presente e futuro*. Tradução de Soraya Borges de Freitas. São Paulo: Madras, 2018.

DA MATTA E SILVA, W.W. *Umbanda de todos nós*. São Paulo: Ícone, 1996.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: MARTINS FILHO, Altino José e PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

DERDYK, Edith. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. 2.ed. São Paulo: São Paulo: Intermeios, 2012.

DERLON, Pierre. *Tradições Ocultas dos Ciganos*. Tradução de Antonieta Dias de Moraes. São Paulo: Difel, 1975.

DINIZ, Débora, GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

DINIZ, Débora. *Ética na Pesquisa* - Experiência de treinamento em países sul africanos. Brasília: Editora UNB, 2005.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FERRARI, Florencia. Nunca Sozinho: redes de parentes calon e o mundo gaje. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes *et al* (Orgs.). *Ciganos: olhares e perspectivas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

FERRARI, Florencia. *O mundo passa* - uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros. 2010. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-02082010-191204/publico/FlorenciaFerrari_2010.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2020.

FERRARI, Florencia. *Palavra cigana: Seis contos nômades*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2020.

FERRARI, Rogério. *Ciganos* - existências - resistência. Salvador: Editorial Movimento Contínuo, 2011.

FERREIRA, I.F. As crianças e a comunidade: a animação comunitária como processo de convivência e aprendizagem intergeracional. In: SARMENTO, T. *et.al.* (Orgs.). *Infância, Família e Comunidade* – as crianças como actores sociais. Porto: Porto Editora, 2009.

FIGUEIREDO, Marcilânia, MONTEIRO, Edilma do Nascimento J. Teoria e Experiência em Diálogo: Perspectivas para pensar o Direito à escolarização entre os Ciganos. In: BRASIL. *Povos ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa*. Brasília: MPF, 2020.

FONSECA, Isabel. *Enterrem-me de pé: os ciganos e a sua jornada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRASER, Angus. *The Gypsies. The Peoples of Europe*. Hoboken, Blackwell Publishing, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 33.ed. Rio janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRIEDMAN, Adriana. *Linguagens e Culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

FRIEDMAN, Adriana. *O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância*. Disponível em: https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Adriana_Friedmann_O_Universo_Simbolico_da_Crianca.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

FRIEDMANN, Adriana. *Como apurar a escuta com as crianças*. (Entrevista). 2020. Disponível em: <http://aliancapelainfancia.org.br/como-apurar-a-escuta-com-as-criancas-por-adriana-friedmann/>. Acesso em 03. mar. 2022.

FRIEDMANN, Adriana. *Linguagens e culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

GEBRIN, Patrícia. *Palavra com criança: coisas que você pode aprender com sua criança interior*, 2ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021.

GERSI, Douchan. *Vudu, magia y brujeria Sabiduras de lo invisible*. Argentina: Red Editorial Iberoamericana Argentina S.A, 1994. .

GOBBI, Márcia Aparecida. Desenhos e fotografias: marcas indiciárias das culturas infantis. *Revista Contexto e Educação*, Ijuí, n. 79, p. 199-221, jan./jun. 2008.

GOBBI, Márcia Aparecida. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. *Educar em revista*, Curitiba, n. 43, p. 135-147, jan./mar. 2012.

GOBBI, Márcia Aparecida. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. *Educar em revista*, Curitiba, n. 43, p. 135-147, jan./mar. 2012.

GOBBI, Marcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 20, nº 41, p. 147-165, jan./abr. 2014

GOBBI, Márcia Aparecida. Num click: meninas e meninos como interlocutores nas fotografias. IN: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). *Das Pesquisas com crianças à complexidade da infância*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel (Orgs). Dossiê Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul./dez. 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOSSEINI, Khaled. *O caçador de pipas*. Tradução de Cláudio Carina. São Paulo: Globo Livros, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

KOHAN, Omar Walter. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. Tradução de Yan Michalski. 17.ed. São Paulo: Summus, 1981.

KOTRE, John. *Luvras Brancas: como criamos nós mesmo através da memória*. Tradução de Flávia Villas-Boas. São Paulo: Mandarin, 1997.

KRAMER, Sônia. Des/acertos, silêncios e conflitos étnicos: o que você faz com os resultados da sua pesquisa? In: KRAMER, Sônia; PENA, Alexandra Toledo e LEONOR, Maria Leonor. *ÉTICA: Pesquisas e práticas com crianças na educação infantil*. Campinas: Papirus, 2019.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. Tradução de Marie Agnès. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LAWRENCE, D. H. *A virgem e o cigano*. Tradução de Alexandre Pinheiro Torres. São Paulo: Círculo do livro, 1985.

LEAL, Bernardina. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, Walter O. *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIECHOCKI, Sally Edwirges Esmeralda. *Ciganos: a Realidade*. Niterói: Heresis, 1999.

LIMA, Mario Hélio Gomes de. *Gilberto Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleção Educadores, Editora Massangana).

LOUIS, Anthony. *Exploring the Origins of the Images on the Cards*. Kindle Edition. 2014.

MACÊDO, Oswaldo. *Ciganos, natureza e cultura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia*. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCHIORI, Maria Emília Prado. A transformação técnica da economia açucareira no Norte Fluminense e a importância de Quissamã nesse contexto, 1875/1910. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado (et al.). *Quissamã*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1987.

MARQUES, Maria Cristina. *Lendas de Exu sob os Holofotes da Educação*. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2014.

MARQUES, Maria. *No Rosário de Preto Velho tem mironga*. Rio de Janeiro, Autografia, 2016.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Tradução Eric Nepomuceno. 89. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARTINEZ, Margarita Fasanella. *Cartas Ciganas: o poder alquímico de transformar nossa vida pela percepção do mundo interior*. São Paulo. Ed. Pensamento, 1996.

MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MEIRELLES, Renata. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MEIRELLES, Renata. Importância do brincar (Entrevista). *Território do brincar*. 2016. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/territorio-do-brincar-na-midia/importancia-do-brincar-entrevista-com-renata-meirelles-e-a-essencia-da-brincadeira/>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

MELO, Fábio José Dantas de. *A língua da comunidade Calon da região norte-nordeste do estado de Goiás*. 2008. 55 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MELO, Maria Fátima Aranha de Queiroz. A pipa como um fé(i)tiche: passando ao largo de dicotomias. *Revista de Psicologia*, São João del-Rei, v. 28, n. 3, p. 341-350, set.-dez. 2016.

MIGNOLO, Walter D.. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt>. Acesso em fevereiro de 2020.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais. *Epistemologias do sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-37, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em fevereiro de 2020.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. Educação entre ciganos na paraíba: observando práticas de aprendizagem na construção identitária. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Recife, a. 4, v. 2, p. 33-47, maio 2018. Disponível em:

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. *Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. A infância calon: notas sobre o “ser criança” entre os ciganos no vale do Mamanguape Paraíba/Brasil. *Fragments de cultura*, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 19-29, jan./mar. 2017.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOONEN, Franz. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3.ed. Recife: Edição do Autor, 2011.

MORAIS FILHO, MELO. *Cancioneiro dos Ciganos*. Jundiaí: Cadernos do mundo inteiro, 2018.

MUNARI, Bruno. *Artista e Designer*. 3.ed. Tradução de Gisela Monis. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Tradução: José Manuel de Vasconcelos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUNARI, Bruno. *Design e Comunicação visual*. Tradução de Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NARANJO, Javier. *A casa das estrelas – o universo pelo olhar das crianças*. Tradução de Carla Branco. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2019.

NICOLA, Rosane de Mello Santo e VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos. *Desafios e possibilidades da pesquisa autoetnográfica*. Disponível em: publi.ludomedia.org. Acesso em: 16 de novembro de 2020.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, out. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231302>. Acesso em: 11 jan. 2021.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, jul.dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt>. Acesso em 19 de julho de 2021.

PEIXOTO, Norberto. *Jardim dos Orixás*. Livro 2. Obra psicografada do espírito Ramatis. Limeira: Editora do Conhecimento, 2004. (Coleção Trilogia).

PEREIRA, Cristina da Costa. *Os Ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PIMENTA, C. Arlindo. *Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar*. Editora Ática, 1986.

PINTO, Ana Kátia Pereira. *Pintando borboletas: processos educativos dos alunos ciganos*. 2010. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

PIORSKI, Ghandy. *Brinquedo do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Petrópolis, 2016.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de antropologia*, v. 50, n. 1, p. 225-270, jun. 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n.

14, p. 25-39, fev. 1997.

POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2.ed. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

RETSCHITZKI, Jean. Aprender pela mídia. In: BROUGÈRE, Gilles & ULMANN, Anne-Lise (Orgs.). *Aprender pela vida cotidiana*. Tradução de Antônio de Padua Danesi. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção formação de professores).

ROHDE, Bruno Faria. *Umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista*. 2010. 154f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROSSO, Renato. *Ciganos: um povo de Deus*. Belo Horizonte: Fundação M. Resende Costa, 1986.

RUDANA, Sibyla. *Os segredos das cartas ciganas*. Rio de Janeiro: Ed. Portais Editora, 1997.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Tradução: Luiz Miguel Duarte. São Paulo: Paulus, 2015.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes. *Diário de Pesquisa na Cibercultura – Narrativas multirreferenciais com os cotidianos*. Rio de Janeiro: Omodê, 2018.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e Cultura da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 21, 2012.

SARMENTO, Manoel Jacinto. *Imaginário e Culturas da infância*. 2002. Disponível em: titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. (2007) Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS & SARMENTO (Orgs.). *Infância (In)Visível*. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Metodologias visuais em Ciências Sociais e da Educação. In: TORRES, L. e PALHARES, J-A. *Metodologias de investigação em Educação e Ciências Sociais*. Braga: Húmus, 2014.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 28, n. 1, 2014.

SCRAMINGNON, Gabriela. A pesquisa também é das crianças: o retorno ao campo como resposta responsável. In: KRAMER, Sônia; PENA, Alexandra; LEONOR, Maria (Orgs.). *ÉTICA: Pesquisas e práticas com crianças na educação infantil*. Campinas: Papirus, 2019.

SHIMURA, Mário Igor. *Duvelismo: identidade e pluralidade religiosa Cigana*. Londrina: Descoberta, 2014.

SHIMURA, Mário Igor. *Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante*. Maringá, 2017. Disponível em: <<http://www.pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/mario-igor-shimura.pdf>>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

SILVA, Tatiane Maria da; BECHTINGER, Caroline. O Brincar das Praças. In: DELORNE, Maria Inês. *Criança e natureza nas cidades*. Rio de Janeiro: Baobá, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEFANOVSKY, Ana Paula C. B; VÓRIA, Soria. “Juncos ao vento”: literatura e identidade romani (cigana). In: NEDICH, Jorge. *El alma de los parias*. Brasília, 2015.

TEIXEIRA, Rodrigo. *Ciganos em Minas Gerais: breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

THOR, Tamina. *Baralho da Vovó Cigana*. 7.ed. Rio de Janeiro: Palla, 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VENTURA, Maria da Conceição Sousa Pereira. *A Experiência da Criança Cigana no Jardim de Infância*. 2004. 224f. Dissertação (Mestrado em sociologia da infância) - Universidade do Minho, Braga. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3282/1/Tese-vol.I.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

VYGOTSKY, L.S. *Imaginação e criatividade na infância*. Tradução João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Tradução de Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____

Nacionalidade _____

idade _____

Profissão _____

Endereço _____

RG _____

Estou sendo convidada a permitir que meu filho (os) e/ou filha (as):

idade, _____

idade, _____

idade, _____

idade, _____

participem de um estudo denominado: "**Grupo de Estudos Kekere**", pela **UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO** cujos objetivos e justificativas são: **compreender como as crianças e jovens vivem em sua comunidade cigana.**

A participação de meu filho (a) e/ou filhos (as) no referido estudo será no sentido de autorizar que os mesmos **narrem, sejam entrevistados, conversem e permitir que a**

pesquisadora também os fotografe e filme as atividades de pesquisa. Ademais, consentir também que respondam, caso sejam necessárias, perguntas enviadas por e-mails, ou outras formas de comunicação.

Fui alertada de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: contribuir para a diminuir o preconceito contra crianças e jovens ciganos. Além disso, posso ser convidada (bem como meus filhos e filhas) a dar entrevistas para jornais, revistas, TVs tais ações caberão a mim e a minha família decidir se concordo ou não. Estão inclusas entrevistas e todo conteúdo textual, fotográfico, áudio e filmagem resultados de entrevistas e conversas.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo. Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, uma foto minha, por exemplo, divulgada em redes sociais, pode receber um comentário negativo, já que essa sociedade é, ainda, muito discriminadora. Ao mesmo tempo, independe da vontade da pesquisadora e a mesma não poderá ser responsabilizada por tal façanha.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome, ou qualquer outro dado, ou elemento que possam, de qualquer forma, me identificar, serão mantidos em sigilo, se eu assim desejar (como também os de meus filhos e filhas). Mas, se for de minha vontade, meu nome verdadeiro poderá ser utilizado e, da mesma forma, o nome de meus filhos e filhas.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: **Stela Guedes Caputo** e com ela, exclusivamente, poderei manter contato pelos telefones (21) 981554940.

Eu, Maria Cristina Marques, orientanda da referida professora acima citada, educadora das Redes Municipal de Macaé e Estadual de Educação, cel 022-992055031, participo das pesquisas com as crianças e jovens ciganos. Sou pesquisadora na pós –graduação da instituição UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no PROPED, linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais

Será assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me será garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Para tanto, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar dele. Desse modo, estou ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento (a forma será combinada com a pesquisadora).

Portanto, autorizo a divulgação de imagens fotográficas, textos resultados das entrevistas e conversas, vídeos. Autorizo também que esse material seja utilizado em campanhas de divulgação e promoção de livros, artigos e filmes cedendo os direitos autorais à pesquisadora. Autorizo a divulgação dos nomes verdadeiros de meus filhos e filhas.

Local: _____

Data: _____

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

OBS: A pesquisadora solicita que os filhos e filhas (que já possam ler e compreender o sentido da pesquisa) leiam esse documento e também o assinem abaixo:

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA _____

RUBRICA DO PESQUISADOR _____